UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Das Minhas Vidas às Minhas Terras Sagradas: Estudos em Topogênese - Tomo I.

A Topogênese Entre Preces e Benzeções -Tomo II.

Josias Teodoro Guedes

Uma tese-benzeção da vida em sua interespacialidade

Juiz de Fora

2025

Josias Teodoro Guedes

Das Minhas Vidas às Minhas Terras Sagradas: Estudos em Topogênese - TOMO I.

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação. Área de concentração: "Educação Brasileira: gestão e práticas pedagógicas".

Orientador: Doutor Jader Janer Moreira Lopes

Juiz de Fora

2025



Logomarca comemorativa dos 30 anos
do Programa de Pós-graduação em Educação
da Universidade Federal de Juiz de Fora

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração
automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Teodoro Guedes, Josias .
Das Minhas Vidas às Minhas Terras Sagradas: Estudos em Topogênese - Tomo I. A Topogênese Entre Preces e Benzeções - Tomo II. / Josias Teodoro Guedes. -- 2025.
754 f.

Orientador: Jader Janer Moreira Lopes
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2025.

1. Benzeções. 2. Topogênese. 3. Vivências. 4. Teoria Histórico-cultural. I. Moreira Lopes, Jader Janer, orient. II. Título.

Josias Teodoro Guedes

Das Minhas Vidas às Minhas Terras Sagradas: Estudos em Topogênese - Tomo I. A Topogênese Entre Preces e Benzeções - Tomo II

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação. Área de concentração: "Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas".

Aprovada em 17 de outubro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Dr(a). Jader Janer Moreira Lopes - Orientador(a) e Presidente da Banca Universidade Federal de Juiz de Fora.

Dr(a). Maria Zélia Maia de Souza - Universidade Federal de Juiz de Fora;

Dr(a). Rafael Alberto Gonzalez Gonzalez - Universidade Federal de Juiz de Fora;

Dr(a). Mathusalam Pantevis Suarez - Universidad Surcolombiana;

Dr(a). Denise Wildner Theves - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Juiz de Fora, 15/09/2025.

Documento assinado eletronicamente por **Jader Janer Moreira Lopes**, **Professor(a)**, em 17/10/2025, às 18:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Rafael Alberto González González**, **Usuário Externo**, em 21/10/2025, às 10:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Denise Wildner Theves**, **Usuário Externo**, em 21/10/2025, às 10:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Maria Zelia Maia de Souza**, **Professor(a)**, em 21/10/2025, às 10:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **MATHUSALAM PANTEVIS SUAREZ**, **Usuário Externo**, em 11/11/2025, às 16:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2616539** e o código CRC **F4DE9376**.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES / Ministério da Educação do Brasil, pelo suporte financeiro através do Programa Doutorado Sanduíche no Exterior – PDSE, que foi fundamental para a execução deste projeto (tese-benzeção) em parceria com a Universidad Surcolombiana, Colômbia.

AGRADECIMENTO CATATAU

Lembro-me que na infância eu não era bom em soltar pipas. Como eu gostava delas! No céu azul o céu ficava repleto de pipas e eu ficava a olhar. Meu pai comprou uma para mim e arrumou a linha. Eu tentava. Corria para um lado, para o outro e ela não voava. Tentava novamente e quando ele saia de perto eu persistia, mas nervoso quebrava a pipa porque não voávamos.

Um pouco antes disto aprendi com um amigo da infância a fazer catatau. Agora, quase cinco décadas depois estou tentando me lembrar da palavra que definia a felicidade de voar: seria catatau? Que seja então! Usávamos um pedaço de papel de pão ou de caderno para fazê-lo. Recorro às minhas memórias de criança pequena: creio que era cortado de forma oval e em alguma parte do papel eram feitos dois orifícios onde era colocada uma linha pequena, um pedaço pequeno do carretel de alguém, o que era suficiente para ele voar. A rabiola era feita do que sobrasse de papel e não podia ser grande para não pesar. Eu ia para um lado ele voava. Voltava para outro lado ele voava junto. Ele e eu tínhamos sempre o vento a favor. Lá estava, um pouco atrás da cabeça com as mãos altas para ir até onde fosse possível voar.

Aos poucos fui vendo como era complexo e trabalhoso empinar uma pipa. Não sabia e não dava conta de empiná-las.

Um dia estava no quintal de meu amigo. Estava sentado, com uma lata de leite ninho entre as pernas, as mãos e o solo. Socava alguma coisa com um pedaço de madeira: - O que é isso? – perguntei.

Ao que respondeu: - Vidro para fazer cerol – Ao que socava com mais força para o vidro ficar finíssimo. Depois, misturava cola no vidro e passava na linha que estava pendurada para receber o produto. Dia de sol quente e à tarde o teste.

Meu amigo com a pipa lá no céu e a gente aqui na terra: - Josias, quer ver como é? – disse meu amigo.

- Me empresta um pouco. – disse-lhe. Ao que a pipa movimentava para todos os lados conforme eu a direcionava. O vento era forte. Foi quando uma outra pipa repentinamente se aproximou. Meu amigo pegou a linha da pipa de minha não e no céu e na terra iniciou o duelo.

Ele cortou o desafiante e a pipa colorida no céu azul foi desoladamente voando perdida levada pelo vento para algum lugar.

Fizemos ao final da tarde um catatau. De pés descalços voltamos a voar.

A todos que voam pela vida com pipa ou catatau, sem cerol, e com os pés no chão deste planeta: minha gratidão!

Sagrado

É sagrado o pulo do sapo
O som do grilo
A mão que cuida e toca a folha que cura
Os morros que me abraçam
O mar que me toca, me banha
O ouvir e sentir a vida e sonhos.
Sagradas são as pedras, folhas, sementes e flores
trazidas por Gal em sua infância.
Sagradas são as árvores
que conversam com o vento
e acolhem os pássaros,
a cará que soltou do anzol no pequeno lago
refletindo o sol por segundos
prateando suas escamas no ar
e voltou para o lago aspergindo água
benzendo minha infância
o mundo, e toda vida.
Sagrado é nosso encontro,
uma bola quicando e o sorriso de Filho:
Tudo benzido em palavras de gratidão.

Com linha e agulha, a preta indagava:
- “Que coso?
Após a resposta do paciente:
“-Carne quebrada, nervo torcido e osso desconjuntado”.
Volvia a preta cosendo em cima da contusão:
“Isso mesmo eu coso, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e da Virgem Maria.”

- Sertões do Leste, Mercadante, 1976 -

Aos que benzem a vida
cosendo
com agulha, linha,
palavras,
gestos, balbucios
e panos de benzeção
em amorosidades interespaciais
pelo planeta.



Como escrever a espacialização da vida?

Jader Janer



RESUMO

Esta é uma tese-benzeção envolta em palavras e linguagens benzidas e benzíveis: uma proposta de escrita pós-qualitativa através dos saberes entrecruzados do ser humano visto em sua totalidade e não em pedaços fragmentados do ser. Andou de pés descalços no dialogismo e na alteridade (BAKHTIN, 2003) entrecruzou-se em saberes e fazeres pós-humanista das folhas, das águas, dos ramos, das brasas, das forças humanas e não humanas (MURRIS, 2016). As topovivências foram oriundas a princípio em estudos em topogênese em pequenas comunidades cafeeiras e periféricas no município de Carangola-MG, na Zona da Mata Mineira, Brasil, através do Grupo de Pesquisa e Estudos de Geografia da Infância – GRUPEGI CNPq, no macrocampo da Geografia dos Cuidados, coordenado pelo Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes e depois alargou-se pela Colômbia através de um estágio doutoral na Universidade Surcolombiana – USCo. A prática das benzeções são saberes mestiços brasileiros, de camada popular, decoloniais, contra-hegemônicos e de práticas intituintes dos benzedores em suas comunidades (CERTEAU, 1994) que cuidam das pessoas em suas casas através da epistemologia do sagrado ancestral, da prática da escuta amorosa, sem nada cobrar, do nascer até o sol se encaixar. Numa proposta andarilha do topoviver emergiram outras "Galerias Andarilhas" envolvendo o educar e cuidar intergeracional em vários territórios colombianos. O que aqui se enuncia se desdobrou, em termos de escrita, em dois tomos interligados toposcronicamente nesta tese-benzeção: o segundo tomo, que estava em andamento, deu origem ao primeiro. Desta maneira, "Das Minhas Vidas âs Minhas Vidas Sagradas – Estudos em Topogênese" é fruto do andarilhar e galeriar de um projeto inicial envolvendo a comunidade de Ponte Alta de Minas, terra de meus ancestra Beis. Deste reencontro, em vivências e memórias, relatei meu lugar epistêmico e paralelamente os desdobramentos do êxodo rural e de um conjunto de desigualdades sociais no Brasil. Neste processo entrecruzado de dialogismo andarilho e galeriante estava a gênese de tudo: "A Topogênese Entre Preces e Benzeções". Seriam de fato dois tomos? Fundamentou-se esta tese-benzeção na Teoria Histórico-Cultural de Vigotski na perspectiva potente da vivência, "perejivanie" (VIGOTSKI, 2006, 2010) e da topogênese, ou seja, aquilo que emerge na vida humana e por conseguinte também emergiu na pesquisa em termos de topovivência ou "vivência (inter)espacial" (LOPES, 2021, 2024). É uma pesquisa benzível: a pesquisa se deu com o rigor do que emerge na vida e no dialogismo com os sujeitos na perspectiva da amorosidade espacial (idem) onde a práxis da benzeção atrelou-se à Geografia dos Cuidados e da Infância de maneira intergeracional, cronotópica que reconhece o ser humano como um texto, uma escritura alinhavada em linhas, agulha de benzeção, germinadas em Pachamama e alumiadas pelo "Abuelo Fuego". As galerias humanas da topogênese, das vivências espaciais, do ser interespacializado, levam a outros espaços e vivências a serem galeriados. É tal qual a benzeção: não há fim.

Palavras-chave: Benzeções; Topogênese; Vivências; Teoria Histórico-Cultural.

ABSTRACT

This is a blessing-thesis wrapped in blessed and blessingable words and languages: a proposal for post-qualitative writing through the intertwined knowledges of the human being seen in its totality and not in fragmented pieces of being. It walked barefoot in dialogism and alterity (BAKHTIN, 2003) and intertwined in post-humanist knowledges and practices of leaves, waters, branches, embers, human and non-human forces (MURRIS, 2016). The topovivências initially originated in studies of topogenesis in small coffee-growing and peripheral communities in the municipality of Carangola-MG, in the Zona da Mata Mineira, Brazil, through the Research and Study Group on Geography of Childhood – GRUPEGI CNPq, in the macro-field of Geography of Care, coordinated by Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes and later expanded throughout Colombia through a doctoral internship at the Universidad Surcolombiana – USCo. The practice of blessings is a mestizo Brazilian knowledge, of the popular stratum, decolonial, counter-hegemonic, and instituent practices of the healers in their communities (CERTEAU, 1994) who care for people in their homes through the epistemology of the ancestral sacred, the practice of loving listening, without charging anything, from sunrise until sunset. From a wandering perspective of topoviver, other "Wandering Galleries" emerged, involving intergenerational education and care in various Colombian territories. What is presented here unfolded, in terms of writing, in two volumes, topochronically interconnected in this thesis-blessing: the second volume, which was in progress, gave rise to the first. Thus, "From My Lives to My Sacred Lives – Studies in Topogenesis" is the fruit of the wandering and gallery-hopping of an initial project involving the community of Ponte Alta de Minas, the land of my ancestors. From this reunion, through experiences and memories, I recounted my epistemic place and, in parallel, the unfolding of the rural exodus and a set of social inequalities in Brazil. In this intertwined process of wandering and gallery-hopping dialogism lay the genesis of everything: "Topogenesis Between Prayers and Blessings." Would they in fact be two volumes? This thesis-blessing was based on Vygotsky's Historical-Cultural Theory in the powerful perspective of experience, “perezhivanie” (VYGOTSKY, 2006, 2010) and topogenesis, that is, that which emerges in human life and consequently also emerged in research in terms of topovivência or “(inter)spatial experience” (LOPES, 2021, 2024). It is a worthy research: the research was conducted with the rigor of what emerges in life and in dialogue with the subjects from the perspective of spatial lovingness (idem), where the practice of blessing was linked to the Geography of Care and Childhood in an intergenerational, chronotopic manner that recognizes the human being as a text, a scripture stitched together in threads, a needle of blessing, germinated in Pachamama and illuminated by "Abuelo Fuego." The human galleries of topogenesis, of spatial experiences, of the interspatialized being, lead to other spaces and experiences to be explored. It is just like blessing: there is no end.

Keywords: Blessings; Topogenesis; Experiences; Historical-Cultural Theory.

RESUMEN

Esta es una tese de bendición envuelta en palabras y lenguajes benditos y bendecibles: una propuesta de escritura poscualitativa a través de los conocimientos entrelazados del ser humano visto en su totalidad y no en fragmentos del ser. Caminó descalzo en el dialogismo y la alteridad (BAKHTIN, 2003) y se entrelazó en conocimientos y prácticas poshumanistas de hojas, aguas, ramas, brasas, fuerzas humanas y no humanas (MURRIS, 2016). Las topovivências se originaron inicialmente en estudios de topogénesis en pequeñas comunidades cafeteras y periféricas en el municipio de Carangola-MG, en la Zona da Mata Mineira, Brasil, a través del Grupo de Investigación y Estudio en Geografía de la Infancia – GRUPEGI CNPq, en el macrocampo de Geografía del Cuidado, coordinado por el Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes y luego se expandió por toda Colombia a través de una pasantía doctoral en la Universidad Surcolombiana – USCo. La práctica de las bendiciones es un conocimiento mestizo brasileño, del estrato popular, prácticas decoloniales, contrahegemónicas e instituyentes de los curanderos en sus comunidades (CERTEAU, 1994) que cuidan a las personas en sus casas a través de la epistemología de lo sagrado ancestral, la práctica de la escucha amorosa, sin cobrar nada, desde el amanecer hasta el atardecer. Desde una perspectiva itinerante de topoviver, surgieron otras "Galerías Itinerantes", que involucran la educación y el cuidado intergeneracional en diversos territorios colombianos. Lo que aquí se presenta se desarrolló, en términos de escritura, en dos volúmenes, topocrónicamente interconectados en esta bendición de tesis: el segundo volumen, que estaba en desarrollo, dio origen al primero. Así, "De Mis Vidas a Mis Vidas Sagradas – Estudios en Topogénesis" es el fruto del peregrinar y el ir de galería en galería de un proyecto inicial que involucró a la comunidad de Ponte Alta de Minas, la tierra de mis ancestros. A partir de este reencuentro, a través de experiencias y recuer dos, relaté mi lugar epistémico y, paralelamente, el desarrollo del éxodo rural y un conjunto de desigualdades sociales en Brasil. En este proceso entrelazado de peregrinar y el dialogismo de galería en galería se encuentra la génesis de todo: "Topogénesis Entre Oraciones y Bendiciones". ¿Serían, de hecho, dos volúmenes? Esta bendición de tesis se basó en la Teoría Histórico-Cultural de Vygotsky en la poderosa perspectiva de la experiencia, “perezhivanie” (VYGOTSKY, 2006, 2010) y la topogénesis, es decir, aquello que emerge en la vida humana y consecuentemente también emergió en la investigación en términos de topovivência o “experiencia (inter)espacial” (LOPES, 2021, 2024). Es una investigación valiosa: se realizó con el rigor de lo que emerge en la vida y en diálogo con los sujetos desde la perspectiva del amor espacial (ídem), donde la práctica de la bendición se vinculó con la Geografía del Cuidado y la Infancia de una manera intergeneracional y cronotópica que reconoce al ser humano como un texto, una escritura tejida en hilos, una aguja de bendición, germinada en la Pachamama e iluminada por el "Abuelo Fuego". Las galerías humanas de topogénesis, de experiencias espaciales, del ser interespacializado, conducen a otros espacios y experiencias por explorar. Es como la bendición: no tiene fin.

Palabras clave: Bendiciones; Topogênesis: Experiencias; Teoria Histórico-Cultural.

Topoâmbulo do Tomo I

Esta é uma tese-benzeção. É uma tese que tem como tema: Das Minhas Vidas às Minhas Terras Sagradas: Estudos em Topogênese. Ambular foi uma palavra que somente aprendi quando muito jovem fui trabalhar num hospital no interior de Minas Gerais, no Brasil, geralmente oriunda de uma prescrição médica: deambular com o paciente. Neste breve diálogo convido você a "ambular", ou melhor a "topoambular". Ao ambular não como prescrição, mas como um passeio, um giro, andarilhando pela Topogênese. Pensei em manter a palavra preâmbulo, mas ela se enamorou ao topoâmbulo. Refleti sobre outra palavra: a "topografia", não como ela é concebida atualmente envolvendo a descrição de um lugar, definida como ciência que estuda as características naturais ou artificiais presentes na superfície de uma localidade – utilizando dados coletados em diversas áreas como edificações, sistema viário, loteamentos, mineração e indústria. Não é esta a proposta. A topografia que pensei seria outra, no mínimo uma palavra antônima, enquanto uma escrita envolta em vivência ou "perejivanie" em Vigotski que emerge a partir da espacialização do viver. Assim a palavra "Topografia" faria o caminho contrário da "Pedologia" que atualmente no Brasil é o estudo dos solos, mas que outrora em Vigotski é a ciência que estuda as crianças. Outra possibilidade reflexiva foi "Topovivência", mas seria redundante devido a Topogênese em Lopes (2021) trazer no "topos" o conceito de vivência de Vigotski e a espacialização do viver. Foi através do tempo e dos estudos com o Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância – GRUPEGI que pensei no Cronotopo em Bakhtin, enquanto um movimento artístico-literário onde ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo em que o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo, da história. Seria esta escrita um cronotopo? Pensei em inverter a título de reflexão em Topogênese a expressão: Topocrono ou Toposcronos. Creio que pensar nestas possibilidades é o galeriar pela Topogênese (ibidem). A vida na vida como assim pensam os estudiosos da Teoria Histórico-cultural do Círculo de Vigotski. A liberdade do "perijavane", vivência em russo, não comunga com qualquer possibilidade prescritiva, mas do que emerge. E foi assim comigo: originalmente o projeto de doutorado tinha uma fisionomia, uma estrutura. Todavia, através do contato com as pessoas, nos diálogos e nos espaços por onde andei antes e depois do doutorado o que emergiu trouxe o novo. Com as benzeções e estudos no GRUPEGI envolvendo a Topogênese não há a dicotomia teoria/prática ou pesquisa/vida: a vida emerge na própria vida na pesquisa. É este o nosso compromisso enquanto pesquisadores: com a vida. Quando um benzedor abre a porta de sua casa, a todo tempo emergem coisas as quais não temos o menor controle. É fundamental assumir isto para além desta escrita, na própria vida. Foi neste movimento sagrado da vida que emergiu a tese-benzeção que no Tomo II dialogará com um período de seis meses de Estágio Doutoral na Colômbia. A benzeção envolta em vivência abre-se ao encontro de universos. Creio que não seria diferente comigo ao ter contato com as linguagens,

culturas e saberes destas pessoas através de suas ancestralidades que trazem consigo um denso processo da Topogênese do povo brasileiro e colombiano. “No encontro, na co-existência dos seres surgiu o primeiro tomo. Ele nasce benzido. Ambulo com eles. Eles ambulam comigo. É nesta perspectiva que escrevi e pretendo escrever cada palavra desta tese que é uma responsabilidade mútua. O Tomo I é uma benzeção em minha vida. Sinto-me livre de muitos males que me faziam mal. Creio que as pessoas podem se benzer ao se bendizer, no encontro, na convivência, na vivência e na amorosidade do cuidado. Quando escrevi a palavra cuidado ela me remeteu a ambular com meus pacientes. É bom ambular juntamente com várias pessoas pela vida em vivências. Pelas minhas andanças cuidei e fui cuidado. A benzeção é um ato de amorosidade porque é cuidado. Topoambular é um convite para dialogar com as pessoas pelos espaços de amorosidade espacial da Topogênese. Ambular pelas frestas da vida, pelo que é instituinte mesmo diante do que pode parecer intransponível. Desta maneira, o Tomo I é o devir do Tomo II em “ A Topogênese entre Preces e Benzeções” pois não posso caminhar nesta tese sem os encontros dialogados com benzedeiras e benzedeiros em Ponte Alta de Minas distrito de Carangola, assim como em Alvorada e em outras pequenas comunidades rurais. Esse andarilhar emergiu em comunidades periféricas da referida cidade e andarilhando deu sua contribuição num evento internacional na área em Bogotáe posteriormente foi por cidades e veredas da Colômbia . Entretanto, antes deste andarilhar no exterior, foi no contato com o povo simples e trabalhador da Zona da Mata Mineira em suas comunidades que trazem consigo o universo das benzeções que possibilitaram a escrita deste presente tomo através do que aqui nomearemos como uma toposbiografia: “Das Minhas Vidas às Minhas Terras Sagradas” com idas e vindas num diálogo popular que simplesmente vai se espraiando, alastrando-se para além dos tradicionais textos chamados de acadêmicos. Biotoposcronos emergiu com a topogênese numa perspectiva dos lugares e tempos que estavam sendo andarilhados oriundos de lembranças de toda uma vida - ou fragmentos dela . É este o rigor desta pesquisa: a vida na vida por ser uma pesquisa fruto da co-existência. No espraiar das narrativas no território sagrado onde habito que emerge a gênese da espacialização da vida a partir da minha vida. Com o avanço da escrita e encaminhamento da banca elaboramos os biotoposcronos como conceito oriundo da topogênese de Lopes e uma forma de respeitar os tempos do leitor. Creio que toda vida é benzida nas linguagens, nela estão as palavras, no intermezzo dos seres que por si são espacializados: não é diferente quando se reunem pessoas num diálogo de uma banca de qualificação ou defesa de tese. O desenvolvimento desse trabalho será alinhavado com linha e agulha de benzeção, portanto, em duas partes:

Tomo I - Das Minhas Vidas às Minhas Terras Sagradas: Estudos em Topogênese.

Tomo II: A Topogênese entre Preces e Benzeções.

Isso não significa que são duas pesquisas diferentes, mas o reconhecimento que minha vida não está fora da pesquisa. Não são dois segmentos isolados, mas duas partes que tem na palavra escrita e dita a espacialização do sagrado na vida.



Mãos que benzem a vida

Toposumário

Biotoposcronos I **Das Minhas Vidas às Minhas Terras Sagradas - Estudos em Topogênese: biotoposcronia que emerge** 26

Biotoposcronos II **Vivências e Memórias Espaciais – Diálogos Andarilhos pela Topogênese** 46

Dialogismo Andarilho: Carangola-MG e Piabetá –RJ 51

Meus Pais e as Flores dos Cafezais 73

Êxodo Rural 81

O Sítio Onde as Árvores Abraçavam 92

Nossa vidas, Intermezzo de Vivências 96

A Escola Corujão e o Hospício – Foucault na Baixada 121

Gigante, Eclâmpsia e Omulu – Roupas da Vida Quarando 123

A Maça de Caetano Veloso e Kush como Desejo: A Faca e os Vermes Cotidianos 135

Êxodus – Segunda Geração 165

Biotoposcronos III **Disseram-me: " O Lugar Chama a Gente de Volta"** 175

Da Mercearia para a Enfermagem Prática 186

Dos Cuidados e Ensino – Da Saúde para a Educação 194

Biotoposcronos IV **Novos Caminhos: a Espacialização da Vida e a Justiça Existencial na Topogênese** 206

Biotoposcronos V **Galeriando e Cosendo pela Topogênese: em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo da Virgem Maria** 226

Biotoposcronos VI **Vivências e Estéticas de uma Escola Leitora: As Palavras na Tessitura da Topogênese** 240

Biotoposcronos VII **Cinzas das Vivências que Benzem: O Quebrante Pedagógico** 274

Biotoposcronos VIII **ATopogênese Pedagógica: o Brincar, Aprender e Bendizer no "Bom de Bola, Bom na Escola"** 282

Programa Saúde na Escola: Cicatrizes Benzidas 284

Biotoposcronos IX **Galhinho de Arruda das Crianças: Vivências que Cosem e Benzem** 290

Biotoposcronos X **O Rio, sua Gente e o Vale do Carangola: Interespacialidade e Amorosidade** 300

Biotoposcronos XI **Considerações** 327

Referências..... 331



Biotoposcronus de uma tese-benzeção do que emerge na vivência espacial

O Homem e o Lugar

O Benzedor e as palavras:
lavrar a palavra
abrir covas na infinitude
nas possibilidades da vivências.
Suor verbo:
semeando
cuidando
gerundismo que se concretiza
na germinação
das palavras dos sujeitos.
No lugar,
a espacialização do viver.
Seres que replantam
transplantam a palavra.
Consciência que emerge
na práxis do cotidiano:
benzeções das palavras
que se abraçam no coexistir.

- Topogênese do Conviver e Coexistir -

Éramos crianças. Tínhamos nossa vida marcada pelo córrego do bairro. Nele a lama para se fazer panelas, bonecos e até mesmo a tão sonhada televisão que ainda não tínhamos.

Gostava de brincar nele, mesmo sozinho. Sempre estava por lá brincando com o barro, pulando de uma margem para outra e com uma peneira a pescar barrigudinhos e piabas. Os barrigudinhos eram os mais comuns, as piabas eram mais difíceis. Na área onde morava o Sr. Índio, numa lama mais escura, com seu odor característico, local ao qual eu tinha medo de ir, lá as pessoas encontravam muçuns - parece uma cobrapreta, é escorregadio e vive entre a água e o barro. Quando frito é uma delícia! Já quanto aos chamados barrigudinhos, eu os pescava, levava paraminha casa de frente ao córrego. Lá eu pegava uma vasilha e estourava a barriga deles. Lavava, passava no fubá e frita va. Eram tão pequenos, dava até dó. Muitas vezes os colocava numa vasilha com água do poço de casa, mas logo depois morriam.

Eu era um barrigudinho. De vez em quando relatava para minha mãe que sentia uma lombriga ora saindo pelo nariz, pela boca e muitas vezes balançando pelas pernas, saída pelo ânus. Minha mãe comprava uma medicação, um comprimido famoso à época chamado de ascaridil. Logo depois de tomada a medicação, ao evacuar saia aquele imenso bolo de lombrigas, muitas vivas. Elas ficavam pelo chão.

Depois eu voltava a ser barrigudinho novamente.

Barrigudinho eu voltava a procurar barrigudinhos e piabas com a peneira.

Meus pais tomavam conta de um lindo sítio à frente do córrego, do outro lado de nossa casa. Lá tinha uma piscina. Eu tinha medo de nadar. Como não sabia nadar eu ficava dependurado na beirada me locomovendo com as mãos e balançando os pés rodava a piscina. Queria sair da beirada de concreto e me entregar às águas como os barrigudinhos e piabas.

Num dia quente de verão, eu e outros amigos nos encontramos à beira do córrego. Estávamos a brincar. Certo momento, paramos para conversar sobre a questão de quem sabia nadar ou não. No córrego só era possível nadar quando chovia muito. Era tempo de se fazer um barco de papel para navegar por segundos se desfazendo nas águas em movimento ou moldar outro e esperar um pequeno remoinho para girar, girar...

Na conversa uma das crianças explicou que para começar a nadar havia uma forma que havia resolvido seu problema. Seu pai de vez em quando ia para o mangue na região da Praia de Mauá. Trazia caranguejos, ostras e muitos peixes. Era uma festança. Mas aquilo tudo era raro. Ele era um pai um tanto quanto ausente. Seguiu meu amigo em sua explicação com todos nós com os pés no córrego:

- Para nadar é preciso engolir uma piaba viva!

Naquele momento eu pensei que não teria coragem. "Não vou engolir um peixe vivo", pensei. Ele continuou a explicar que quando começou a querer nadar foi a piaba que o ajudou.

- Nadei rápido! Disse meu melhor amigo.

Peneiras nas mãos fomos à procura das piabas. Até que conseguimos encontrá-las.

- Josias você vai querer nadar?

Querer eu queria. Engolir o peixinho era o problema. Um amigo que não nadava se manifestou e engoliu o bichinho vivo.

- Vamos! Você vai conseguir e vai nadar rapidinho...

Peguei o peixe. Ele balançava entre a palma de minha mão direita e os dedos da mão esquerda em movimento de pinça. Fechei os olhos e engoli. Ele desceu batendo sua calda até meu estômago e lá revirou-se até parar.

Continuamos a brincar de outras coisas.

Um tempo antes, meu pai foi visitar um vizinho que assim como nós também morava à beira do córrego. Era chamado de Índio. Chegamos em sua simples casa. Na parede vários cocares, arco e flecha e tantas coisas que apesar de pequeno eu queria para mim. Era muito bonito. Como criança não se envolvia em conversa de adulto ficava a ouvir os dois. Próximo à plantação de mandioca e milho meu pai e ele estavam a falar. Guardo na memória ele explicando sobre o rito de passagem da vida infantil para a adulta ao se colocar através de um artefato formigas nas mãos dos meninos. Ficava a imaginar a dor causada pelas formigas. Se uma já doía tanto, imagine várias! Não queria crescer separa virar adulto era sinônimo de sofrimento. Depois descobri que as coisas não eram como eu pensava...

Meu pai perguntou pela sua comunidade indígena. Explicou que era descendente dos Tupinambás. Ele era de fato em seus fenótipos um descendente dos povos nativos. Meu velho perguntou se aquelas flechas funcionavam mesmo. Fomos para dentro da casa e ele pegou o arco e a flecha. Depois fomos para uma área mais aberta próxima da casa. Ele pegou o arco, posicionou a flecha e os três se tornaram um. A flecha foi parar num local distante fixando-se em uma árvore. Fiquei impressionado.

- Você já comeu carne de gente? – perguntou meu pai ao amigo. Ele respondeu que não, mas na tribo dele era comum em determinados momentos, mas isto era história contada pelos antepassados. Depois descobri que esse relato era a antropofagia envolvendo todo o universo simbólico do povo daquele nobre senhor. Não era por fome ou falta de carne. Essa falta era a que vivíamos em nossa comunidade.

Meu pai perguntou sobre as festas, os rituais de cura e revelou que sua avó era descendente dos Puris em Minas. Ao que Índio lhe explicou sobre a importância da vida coletiva e da ancestralidade de seu povo. Falou das ervas, das árvores, da natureza que cura. Falou o nome do Pajé de sua tribo e a importância dele no cotidiano e nas curas. Ele muito gentilmente nos convidou para irmos visitar seu local de trabalho: o Museu Nacional. Ele era do setor de limpeza da instituição.

Que dia glorioso foi aquele! Mesmo sem guardar muitas informações da visita lembro-me de uma múmia, creio que inca, que estava exposta e do meteorito de Bendegó. Eu era muito pequeno. Que lugar gigante!

A esposa do Índio trabalhava do lado de fora do Museu. Ela comprava tecidos e costurava cobras, sapos e outros bichos para vender na Quinta da Boa Vista, principalmente para os turistas. No dia que os visitamos, ela me convidou para ajudá-la a encher os bichinhos com isopor raspado. Ao final do trabalho a velha índia me perguntou:

- Qual bicho você quer?

- A cobra.

Ela parecia de verdade. Amarrei uma corda na ponta da língua dela e carregava para onde ia. Eu quase infartei uma velha senhora vizinha. Ela desmaiou. Jogaram a cobra num telhado e lá ela ficou.

Tempos depois o Índio como era conhecido e sua esposa se mudaram. Foram embora. A última vez que o vi estava de cadeira de rodas sem as duas pernas.

Há pouco tempo tive saudades de minha terra. Fui buscar informações sobre o local. Na página pesquisada na internet constava que "etá" é de origem Tupinambá e significa "muitas". Desta maneira, Piabetá, tem como possibilidade de origem etimológica "lugar com muitas piabas".

Nosso encontro de crianças deixou-me uma indagação no emergir das vivências interespaciais: nossas conversas sobre o nadar e a relação com as piabas teriam origem em que espaço e tempo? O que eu cria ser algo de brincadeira de crianças, ali, naquele momento, é muito mais profundo do que parecia ser.

Ali, entre nós, estava a filogênese, a sociogênese, a ontogênese e a Topogênese de Lopes. Numa aparente brincadeira de criança uma herança ancestral. Como eu gostaria de voltar no tempo, atravessar o córrego e conversar com o Índio amigo de meu pai. Mas compreendi que há possibilidades outras: pode ser em terrenos baldios em meio ao "balbuciar e criançar os espaços para assim desacostumar geografias" como me ensinou um benzedeiro das palavras.

Tudo singularizado pela vivência em "topos", numa "gênese", assim como a cada movimento daquela piaba que desceu se mexendo a té meu estômago.

Se nadei?

Perdi o medo das águas: nadava nos rios, nos córregos e na ausência dos patrões de meus pais na piscina do sítio. O peixe e eu somos uma criatura só.

Sou Tupinambá!

BIOTOPOSCRONOS I – INTRODUÇÃO



Das Minhas Vidas às Minhas Terras Sagradas – Estudos em Topogênese: biotoposcronia que emerge.

"Somos todos carregadores de palavras".

Jader Janer

As palavras aqui escritas trazem consigo linhas e agulhas benzidas em linguagens, vivências espaciais e memórias. Retorno ao tempo passado me benzendo e volto ao presente encontrando-me com as benzedeiras das palavras, da vida. A palavra é benzível. Somos seres de palavras, seres de linguagens e cuidados como aprendi com Vigotiski e Bakhtin. Foram elas que nos trouxeram até aqui enquanto humanidade.

Uma escrita prenha de encontros da vida, diálogo pós-humanista enquanto forma de ser e se relacionar com o mundo, com o outro, sendo o outro as dimensões planetárias. As linguagens de benzimento, as palavras benzídas e benzíveis em dimensões de uma interespacialidade de vivências local e global. Traz também inquietações no tocante ao que as pessoas tem nomeado como falta. A visão do benzedor, sua relação com a comunidade, sujeito com sujeito, sem hierarquia traz inúmeras possibilidades de reflexões a respeito da vida. Eles trazem as dimensões da vida na vida e por ser assim não há falta: há sujeitos, há humanidade nas múltiplas possibilidades das dimensões desta palavra.

Esta escritura somente foi possível devido o encontro com as benzeções através do Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância – GRUPEGI. As topovivências (Lopes, 2021; 2024) na Geografia dos Cuidados com o andarilhar pelas comunidades dos benzedores trouxera a perspectiva da Topogênese dos cuidados tão fundamentais para que um trabalho em fase embrionária tomasse as dimensões de uma tese-benzeção.

Houve um processo adensado de vivências em galerias andarilhas (idibem) onde revisei memórias, momentos de alegria, dor, minha infância, a importância das políticas públicas, os desdobramentos do êxodo rural em gerações na História do Brasil para além de uma pessoa, de uma familia, mas para seu povo: percursos andarilhos em galerias que emergiram através da Topogênese, em vivências. Esta é a gênese do Tomo I. Enquanto escrevo estas palavras acabo de ouvir o canto de um pássaro da janela. Ele está no pequeno quintal. Uma agradável visita. Ao ouvi-lo traz-me outras sonoridades para além das que ouvia até então. A toxoplasmose levou parte da visão, mas aguçou a audição. Que o canto dele benzível e as palavras aqui escritas te benzam da maneira que melhor lhe agracie em sua vivência humana.

Gostaria que esta escrita fosse como de uma benzedeira que conheci no ápice de sua sabedoria anciã ancestral que vai em seu andarilhar benzendo as pessoas, assim como a vida, dos que vão chegando em sua casa e enquanto não chega outra pessoa faz seus lindos bordados e saborosos doces de tacho. A agulha para a benzeção é uma, a dos bordados é outra. As duas trazem a beleza para a vida. As duas representam dimensões do cuidado: do lugar sagrado que é a casa. A agulha da benzeção em sua casa cose o ser humano. O fogão à lenha traz as dimensões do cuidar das pessoas através do sagrado alimento. Ela recebe as pessoas nas varandas repletas de bancos de madeira que outrora foram tão comuns na Zona da Mata Mineira e tenta ouvir atentamente: pega as brasas incandescentes e coloca uma por uma num copo com água, sempre em número ímpar, revelando ali a vida que emerge naquele sujeito. Fala as palavras retirando os males da pessoa. A benzedeira rompe qualquer emparedamento. Ela foi parteira numa pequena comunidade rural. Quando começou? – perguntei com o tom de voz alto visto que já não escuta tão bem. Ela disse um "eeeeiiiita" alongado, bem mineiro e me disse que a memória "estava curta", ao que ela me respondeu: - Quando eu vi já estava benzendo e fazendo parto. Fui aprendendo com minha mãe, com minha avó desde criança.

Não havia estranhamento. A benzedeira em suas relações humanas são pessoas desprovidas de estranhamento. A nota de campo acima revela a memória enquanto vivência: o encontro de um ser humano com outro que escreve um pouco sua vida em enunciações nas vivências

abrindo-se numa delicadeza de "florvivência". Das Minhas Vidas às Minhas Vidas Terras Sagradas – Estudos em Topogênese, é uma entre outras possibilidades do ser humano brotar em ramos de benzeções e emergir no tempo e espaço das relações humanas.

São dimensões interespaciais da topogênese, da camada popular em suas topovivências. O desenvolvimento humano alinear, no [co]existir, no [con]viver emergindo a todo tempo o novo em transformações e metamorfoses. As gêneses enquanto origens do desenvolvimento humano: filogênese, ontogênese e sociogênese. São nessas interelações interespaciais que adentra a Topogênese de Lopes. A compreensão do humano é uma interface destas origens, gêneses, possibilidades de se pensar a humanidade. Nas linhas e agulhas, mas também no pano onde se cose as vivências em galerias convido para o diálogo Lopes e Vigotski para a benzeção:

> É na confluência da filogênese (desenvolvimento de uma espécie ao longo da história geológica da terra) e no reconhecimento de que nada na trajetória humana pode ser desconsiderado, pois essa traz mudanças no plano social (sociogênese), em que a ontogênese (desenvolvimentos dos indivíduos dentro da própria espécie) humana habita e se transforma, que está a compreensão dos processos superiores humanos, típicos de nossa espécie. (Lopes, 2021, p.104).

A Teoria Histórico-Cultural de Vigotski tem uma grande contribuição para entender a espécie humana, através do perejivanie, a vivência. Este conceito é basilar para a tese-benzeção, pois aflora em ramos de benzeções nas topovivências. Lopes elabora o conceito de Topogênese formulando uma teoria e práxis – que não são dicotômicas – onde a vivência, em unidade com o espaço nos possibilita a vivência espacial, ou seja, o "topos", a topovivência. "A Topogênese entre Preces e Benzeções" emerge de um lugar ou lugares onde a vida está repleta de singularidades que nos constituem e será o Tomo II desta tese-benzeção. Emergir é um conceito elaborado pelo pesquisador brasileiro intimamente relacionado à topovivência. Não é somente a filogênese, a sociogênese e a ontogênese é a topogênese. Emergindo em reflexões a filogênese humana está intimamente interligada com a ontogênese, ou seja, a humanidade é marcada pela precariedade, se comparado com outras espécies, mas é exatamente essa dimensão que nos singulariza enquanto espécie que ensina e cuida e em topovivências intergeracionais, desde o nascimento de um bebê humano se reafirma sapiens sapiens. Que rumos a humanidade tomou? Não é uma precariedade social e econômica é uma precariedade antropológica, pois dependemos do outro e através disto nos potecializamos para as [inter]aprendizagens que emergem em topovivências. O processo de humanização envolve a cooperação ou atividade de instrução:

> Trata-se de pensar aqui uma precariedade típica de nossa espécie, de uma espécie que não se basta por si só. Nesse olhar, o conceito de cuidar toma um sentido antropológico, pois se assenta na ideia de que é cuidando do outro que nos tornamos humanos, ou, mais ainda, na impossibilidade de nos tornarmos humanos sem o contato com o outro (Lopes, 2011).

No aflorar em ramos de topovivências rompe-se com os determinismos biológico e geográfico. Rompe-se com as prescrições atuais visto que cada ser humano, em sua singularidade ontogenética, relaciona-se no plano social, na sociogênese, e no emergir das topovivências, na criação do novo reconfigura todas as gêneses, inclusive a filogênese. Há o plano social, mas cada pessoa vai se relacionar e terá uma vivência que retorna ao plano social de forma singular, pois cada sujeito no emergir das topovivênicas é único e irrepetível: são dimensões interpretativas, tomada da consciência de si e do mundo. Cria-se assim o novo, o inexistente, as neoformações que se dão no desenvolvimento humano de maneira singular.

E como isto se relaciona com a espacialização humana? É o que pesquisamos no Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância – GRUPEGI. Interessa-nos as formas geneticamente embrionárias dos processos de vivência dos elementos espaciais, a gênese da criação e da atividade espacial autoral, que a nosso ver explica a formação das estruturas superiores de criação e autoria. Topogênese: a gênese da criação do espaço autoral na vivência espacial:

> Se a Topogênese é olhar como ocorre a gênese da vivência espacial e considerarmos a vivência como fronteiras que colocam em movimento o plano social e pessoal, na vivência espacial, na emergência do espaço geográfico no ser humano, a interespacialidade é a unidade. Esse lugar situado não entre dois mundos, duas fronteiras, ele não é um entre lugar, mas é um novo lugar. (Lopes, 2021)

Toda espacialidade é sempre interespacialidade, onde estão as relações intercorpóreas, interdiscursivas, intertemporais, onde o social e o pessoal se fazem em cultura. É de onde emerge o novo, que jamais se repetirá em termos de vivência por ser inaugural. (Lopes, 2021).

A fragilidade antropológica da espécie humana traz-nos o papel de protagonismo dos bebês, das crianças pequenas e dos que cuidam na história na perspectiva alargada da filogênese. Sem a postura colaborativa e cuidadora a espécie humana teria sucumbido. Esse processo epistêmico requer uma postura reflexiva do adultocentrismo e da postura predadora humana no planeta. Neste sentido a importância do pós-humanismo: [...] é preciso também pensar a agência do mundo mais que humano, contemplando não somente as outras espécies que não a humana, mas também o mundo material. A implicação disso é a problematização da fragmentação entre" [...] teoria e prática, criança/adulto, animal/humano e a natureza/cultura. (MURRIS, et. Al., 2022, p. 193). A postura colaborativa muda e tranforma o planeta: a Teoria Histórico Cultural é a liberdade "para", semântica, semiótica, [con]viver e [co]existir em relações que permitam ir além de nós. A tese-benzeção é um alerta ao mundo. Eis a atividade revolucionária que gera transformações e a Topogênese alarga este campo de possibilidades.

Durante o processo seletivo do Doutorado apresentei um projeto para o Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE da Universidade Federal de Juiz de Fora – MG, UFJF com a proposta intitulada "Entre Preces e Benzeções: Linguagens, Culturas e Saberes – A Geografia dos Cuidados e da Infância das Benzedeiras de Ponte Alta de Minas – Carangola – MG. Uma proposta de pesquisar com, mas sem saber desta expressão e como seria. Estava tudo em fase inicial, emergindo em gêneses. Logo após, com o estudo no GRUPEGI, as orientações e diálogos com as comunidades eu adentrei em inúmeras possibilidades de vivências para além de um mero projeto. Retornar à terra de meus ancestrais em Ponte Alta através do universo sagrado e popular das benzeções nas comunidades remeteu-me não somente a minha própria vida benzida e sagradamente única, mas a uma postura como ser humano ciente das responsabilidades de uma pesquisa da vida na vida, pesquisar com os sujeitos em Topogêneses através das vivências espaciais.

A escritura em topogêneses é um parto: a maiêutica socrática é enfática ao se referir a parir filosoficamente. A espécie huma na é parteira e mãe por excelência, pois é o cuidado que nos possibilitou "enquanto espécie frágil" habitar os continentes, adentrar aos oceanos de onde veio a vida e ir ao espaço onde tantos apontaram seus dedos e direcionavam os olhares como o impossível. A "produção do novo" olhando a vida que se tece na vida" no cotidiano. (Lopes, 2021, p.101) Quando se pari corta-se o cordão umbilical fisiológico. Antes de cortá-lo já existem vários outros cordões ligados à história de nossa espécie. É um eterno parir. É ramo de benzeção. E porque desequilibrou? É preciso bendizer cuidando.

As parteiras da vida tem seu topos, não seria diferente dos locais onde o homem é benzido. As parteiras benziam. Quando uma criança nascia, geralmente, não havia uma desvinculação da função da parteira com a de benzedeira. O parto se dava entre palavras de preces, muitas vezes balbuciadas ou em silêncio. A vida era recebida em benzeções num parto humanizado umbilicado com a natureza e o divino.



A mulher e os cuidados: germinação. Márcio Domingues. Óleo sobre tela - Acervo pessoal

São essas dimensões do cuidado que emergem na tese-benzeção: dos que cuidaram ancestralmente daqueles que nos antecederam, em nossa precariedade e potência ontogenética. É uma dimensão de desdobramentos da Topogênese dos Cuidados humanos. Podemos e devemos cuidar. Cuidar é algo precioso e salutar. As benzedeiras e benzedores são pessoas dos cuidados. Cuidam no ouvir, nas preces, com as ervas, o que será abordado nas "toposcronosfonias" do Tomo II: A Topogênese entre Preces e Benzeções.

Nas linhas e agulhas das benzeções, num toposcronos da camada popular, quando a agulha adentra no pano e se diz as palavras de benzeção e pergunta ao benzido "o que coso?" ali está a interespacialidade da topogênese que se dá da vida na vida onde o tempo cronos relaciona-se com o homem enquanto escritura (Lopes, 2021,2024). Ali na agulha, no fio, no pano, na benzedeira, no benzido as dimensões da Teoria Histórico-Cultural e as linguagens em Bakhtin em toposcronosfonias emergindo em topovivências (Lopes, 2021) únicas no planeta terra. Neste encontro as dimensões do dialogismo entre benzedor e benzido. Vai além: é algo planetário por se tratar do que é humano revestido de cuidados, nas gêneses humanas. Emergindo em topogêneses, no sentido de origem, vida na vida, como afirmado acima, na relação interespacial a palavra benze e cose na tessitura da linguagem. São as dimensões das benzeções que emergiram através do encontro interespacial com as comunidades benzidas e benzíveis que deram origem ao Tomo II.

Em uma benzeção estão elementos fundamentais de nossa espécie, em sua filogênese, no sagrado das palavras, dos signos e do espaço. O benzedor pode nunca ter lido ou ouvido falar sobre sociogênese, ou o que aqui conceitualmente tenta-se dialogar, entretanto, são pessoas que entendem a complexidade do homem e conhecem de maneira ética e pós-humanista o ser humano e tudo que habita o planeta. Quando se benze um ser humano se benze tudo que habita o "topos", as "gêneses" e o cronos entrecruzado. É o tempo, o espaço, nas inter-relações espaciais, da topovivência que em linguagens emergem as toposcronosfonias que serão abordadas mais adiante.

As benzeções envolvem inúmeras relações autorais, de múltiplas vivências na topogênese. Enunciações que emergem da atitude criadora humana "não como superfície, mas como galeria da topogênese. Galeriar presente na vida" (Lopes, 2011, p.85). Foi neste contexto que emergiram os dois tomos desta tese-benzeção: o Tomo I emerge diante do que estava sendo vivido e que deu origem ao Tomo II. Assim, "Das Minhas Vidas às Minhas Terras Sagradas: Estudos em Topogênese" é o intermezo de um dialogismo com "A Topogênese entre Preces e Benzeções." Quando os benzedores, entre uma benzeção e outra, falavam em suas galerias andarilhas de suas práticas e também de suas memórias estavam emergindo os biotoposcronos das minhas vivências, das minhas memórias do eu com o outro. Estávamos numa relação sujeito/sujeito diante do que emerge na topovivência, inclusive através das memórias de infância:

> A memória humana, por mais que se faça referência a ela como algo já vivido, é sempre evocação e a inovação do instante presente que nos permite a sensação do existir em plenitudes andarilhas e esbarrões de pessoas coisas, plantas, sementes, animais, insetos, materialidades e imaterialidades nos espaços e tempos. A tradição cultural de muitas sociedades a liga imediatamente à temporalidade do ser, a um tempo passado. Mas é necessário dizer o quanto ela é um dos atributos humanos, que está na unidade social-pessoa-natureza, no [con]viver e [co]existir, permanecendo como um forte elemento da espacialização de todos nós, de se apoiar e firmar no chão dos locais. (Lopes, 2024, p. 09).

Foi através do universo da memória, na interespacialização do toposcronos em Lopes, em linhas de benzeção ligando memórias da infância e também de coisas que falam do andarilhar pela vida enquanto adolescente, jovem e adulto, ou seja, como ser humano que fui cosendo com agulha em pano de morim branco momentos da vida. Todo ser humano deixa um legado. As pessoas não gostam de tocar em determinados assuntos e creio que é importante respeitar. Através desses registros em biotoposcronos podemos entender o ser humano nos espaços e tempos na vida. Foi andarilhando que precisei de um tempo, numa das galerias da topogênese para me revisitar com.

Quando se fala ou escreve várias outras virão consigo. Creio que seja uma herança geracional e intergeracional. Esta tese-benzeção é também uma herança para meus filhos. Eles terão uma oportunidade que não tive e que não deveria ser negada ou invisibilizada para nenhum ser humano. Saberão da luta por um país mais democrático e tantas outras coisas que fazemos na vida e muitas vezes não registramos. Vejo isto muito na profissão de professor: a pessoa trabalha tanto, tem uma vida intensa de encontros e lutas, de vivências, e geralmente nada registramos. Talvez o sistema nos esgote tanto que mal se consegue escrever algo sobre as vivências, o que emerge nas relações epistêmicas interespaciais. Romper essas situações que envolvem inúmeras imposições é subversão. O tempo do cuidado nas dimensões de um benzedor pode muito nos ensinar.

Quero que meus filhos lembrem do pé de romã que já dá fruto, mas lembrem que a mangueira - que dificilmente verei seus frutos - foi sagradamente plantada para eles e os pássaros que vem no quintal. Espero que Gal não esqueça de comer macarrão e chamar o "piu", os pássaros, para comer com ela. Que fique na memória de Josias Filho o brincar de bola na praça abandonada perto de nossa casa que ganha vida com a bola rolando e a alegria dele com os amigos. Que não percamos o deslumbre dos colibris que nos visitam, das sementes, pedras, flores, dos jacus, canarinhos e tantos outros seres que dizem respeito dessa unidade do social-pessoa-natureza no [conv]viver e [co]existir na espacialização da vida:

> Toda lembrança espacializada, não tem sua existência sem um lugar, sem uma paisagem, sem um território, uma região , província ou qualquer outro nome que resolvemos atribuir sobre a superfície terrestre que inventamos como a nossa forma de perceber e conceber as facetas do planeta e nos permite o ato volutivo do futuro. E isso não ocorre sem uma emoção ou sentimento espacial e especial. Como escrever a espacialização da vida? [...] Essa ancestralidade da palavra, quando ouvida e acolhida, revela nossa alma em partilha. Por isso, toda palavra velha renasce no flagrante do dizer, no estar consigo mesmo e com os outros. A vivência espacial renova a palavra. (Lopes, 2021; 2024).

Foi andarilhando pelas galerias da topogênese de Lopes que vou e volto, no tempo e espaço da vida. Numa tese-benzeção envolvendo o toposcronos que é também toposcronosfonia - e que será melhor dialogado no lugar onde ele emergiu: no Tomo II: " Por Mais Galerias da Topogênese – Sem Ponto Final".

Não falo somente de mim, ou o benzedor fala somente dele: falamos daqueles que ancestralmente falam conosco. É assim com todo ser humano. As palavras vão se renovando constantemente nas dimensões do tempo, do cronos, e juntamente com o topos, na dimensão do lugar, essa palavra uma vez enunciada é única no grande teatro chamado vida. O ser humano não é fracionado em partes de gente: o lugar é a relação de possibilidades do que emerge em vivências, do perejevanie da Teoria Histórico Cultural onde a Topogênese é o que emerge do humano em sua totalidade, não fragmentável nesta perpectiva, em consciente e inconciente ou sujeito e objeto. Lopes traz uma indagação: Como escrever a espacialização da vida? E também uma afirmativa: a vivência espacial renova a palavra. (Lopes, 2024). Não é uma pergunta e resposta. Mas penso que as duas se ligam intimamente na fé de que é nas palavras, nos vários lugares deste planeta que nos convida ao que ele nomeia de nossa alma em partilha. Dessa ancestralidade que nos leva ao andarilhar de milhares, milhões e atualmente bilhões de pessoas que do continente mãe se espalhou pelo planeta. Essas dimensões temporais que envolvem essas galerias da topogênese na unidade social-pessoa-natureza (ibidem): as galerias da topogênese envolvem todas as dimensões do cronos, das lembranças espacializadas no dialogismo toposcronosfônico de Bakhtin, Vigotski e Lopes, da vida na vida, do cotidiano enquanto arte e literatura do ser humano enquanto escritura:

> Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascidos no diálogo de séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. (Bakhtin. Metodologia das Ciências

Humanas).

Diante da palavra, neste não limite para o contexto do dialogismo, fui ao quintal para uma pequena pausa nesta escrita, tão necessária para o ser humano. E o que vi? Depois de um longo período de estiagem no outono e inverno, chegando a umidade do ar a níveis de deserto, após os últimos dias de frio e chuvas o abacateiro teve sua primeira florada. Trago o abacateiro e toda a sua representatividade planetária para este diálogo. Ele nasceu numa horta que tínhamos no pequeno quintal: muita cebolinha, salsinha, rúcula, jiló, alface e couve. Compartilhávamos com vizinhos e pessoas queridas. A semente do abacate foi deixada lá por alguém da minha família. Fico feliz porque enquanto faço a revisão textual desta escrita, em 28/08/2024, ele floriu há nove dias de minha partida com para o Doutorado Sanduíche na Universidad SurColombiana em Neiva, Huila, na Colômbia e da participação do II Colóquio Internacional de Educación e Interculturalidad – Saberes y Prácticas Bioculturales Diversas em Bogotá. Uma imagem-citação do abacateiro em flor:



Florir – Acervo pessoal

A humanidade poderia aprender muitas coisas com o abacateiro. Realmente é difícil acreditar em algo ou alguém que não respeite as dimensões das folhas, da terra e da água no antropoceno. Nas dimensões andarilhantes desta tese-benzeção falaremos no segundo tomo mais

especificamente da Topogênese dos Cuidados. Mas por quê no que convencionalmente se chama de final ou conclusão? Pode alguém perguntar. Foi neste espaço, naquela Galeria, chamada de "Sem Ponto Final" que emergiu esta reflexão andarilhante em Lopes.

Não importa a condição humana, em qual galeria do toposcronos que se esteja, o benzedor está sempre aberto a entender ouvindo o ser humano em suas amplas e infinitas dimensões de ser da natureza em lugares e espaços que o benzido está se enunciando. Todos querem ser ouvidos, mas não param para de fato ouvir. O benzedor com o benzido em sua comunidade, no ato de ouvir emerge o sagrado daquele momento que poderá se desdobrar em mais um ato sagrado, portanto único e irrepetível das benzeções outras. O ouvir e o escutar são dimensões sagradas de um benzedor. O que eles estao a ensinar para o planeta? Todo benzedor tem olhos e ouvidos apurados ao homem em suas amplitudes e possibilidades, e isto inclui o topos, o lugar e o cronos, do tempo da vida cotidiana. É o caso da benzedeira Puki D. Maria na benzeção de espinhela caída com fita em sua toposcronosfonia - como se percebe no segundo tomo - ou no caso dos biotoposcronos do Tomo I nos espaços e tempos indissolúveis e ao mesmo tempo diluidos através do que emerge nas topovivências:

> É evocar-se. Bakhtin (2014), em seu conceito de cronotopo entendido como a interligação fundamental das relações temporais e espaciais, proclama a indissolubilidade de espaço e tempo na obra literária e, como desdobramentos de suas afirmações, incluímos aí a vida humana como obra. Assim, como no cronotopo artístico-literário, "onde" a fusão, não do espaço e do tempo, mas de seus indícios, permite que essas duas dimensões se tornem visíveis, pois são comprimidas e condensadas, temos o mesmo na vivência. São nesses coágulos sociais [para usar a expressão de Serguei Jerebtsov, professor da Universidade Estatal F. Srokina de Gomel – Bielorússia, em um de nossos encontros na Creche da Universidade Federal Fluminense] que se fazem em cultura, que está a promessa da mirada sobre o ser e o seu existir. A contenção [o cronotopo] é fundamental para o gênero literário e para a vida, pois traz, ao mesmo tempo, a possibilidade de olhar a impossibilidade que está nos inacabamentos presentes em quaisquer situações sociais e no humano. (Lopes, 2019, p. 121, 122).

Espero que as pessoas que lerão "Das Minhas vidas às Minhas Terras Sagradas: Estudos em Topogênese", Tomo I tenham olhos de benzeção.

Quando jovem, creio que depois dos vinte anos comecei a escrever na madrugada dos plantões no hospital um texto. Eu queria escrever um romance. Como a primeira frase era "pegaram as malas" o arquivo ficou com esta expressão, que deveria ser "pegaram as trouxas". Era algo embrionário, sem um título. Uma vontade de escrever. Nessa escritura eu ensaiava o que aqui está escrito. Aquilo ficou represado. Seria um aguamento? Quando escrevi um ensaio na disciplina de Epistemologia e Educação no Mestrado em Ensino na UFF houve um processo que reverberou e espero que não tenha fim. Creio que eu sentia necessidade de escrever sobre o que ouvi de meus antepassados, de pessoas e lugares que até então não conhecia. Dos nossos amores, das dores, daquilo que precisamos falar no espaço epistêmico e a academia ainda persiste em não querer ouvir.

Encontrei há pouco tempo com uma amiga que morou no bairro Santo Onofre, em Carangola e estava escrevendo sua biografia para publicar num livro. Ela me confessou que chegou num dado momento que não conseguiu dar prosseguimento e começou a criar personagens a pedido de uma conceituada escritora brasileira. Creio que estes dois tomos da tese-benzeção trazem essa felicidade de algo que não conseguia escrever e emerge de maneira bendita e benzida. como me ensinou uma senhora da comunidade que estava em busca de uma benzedeira e não encontrava. Ela colocou os dois polegares um encostado ao outro com as duas mãos abertas. Depois ela fez o encontro das duas mãos. O dedo médio estava maior peguntei:

- O que é?

- É espinhela caída! – ela respondeu.

- Onde a Senhora aprendeu?

Ao que me respondeu:

- Nas benzeções no Santo Onofre.

- Você sabe da D. Lica? – Perguntou-me.

- Continua benzendo. –disse-lhe.

- Vou nela.

Qual é a sua espinhela caída? O que precisamos benzer na vida em linguagem para emergir o novo na amorosidade espacial? Quando ela fez o movimento com as mãos era como se uma borboleta estivesse aberta para voar. Semioticamente não era para mim somente duas mãos. Cada palavra entre nós formou um panapaná biotoposcronosfonicamente entre os três encontros acima mencionados:

> Essa contenção expressa por Bakhtin permite afirmar que toda (auto)biografia é sempre histórica e geográfica, cronotopos comprimidos. Para mim, nisso se localiza o objetivo da Geografia, como campo de conhecimento: compreender a esapcialização da vida na sociedade, assim como o seu inverso. Essa curta afirmação guarda muitos desdobramentos [muitos dos quais não teríamos como abordar aqui pelo limite de páginas que temos], mas, ao relacioná-la com a questão trazida por vocês, faz-se necessário destacar que, como geógrafos, recolhemos os vestígios dos espaços refratados e tecemos o mundo como linguagem. (Lopes, 2019, 122).

Lembro-me de num encontro do GRUPEGI Jader refletir sobre Perseu. Eu entendi que no escudo estava a refração de Medusa. Eu tranformei isto em reflexo. Era o que ele via dela em refração. Se fosse ela de fato teria petrificado e morrido. Ele a atravessa cortando sua cabeça com a espada. Confesso que se assim for, refração ou reflexo, é o caso deste primeiro tomo “Das Minhas Vidas às Minhas Terras Sagradas: Estudos em Topogênese.

São tão somente reflexos do que vi e vivi. Da mesma maneira penso que Perseu fez muitas outras coisas em sua vida, se bem que ele está no campo mítico, não sou um deus ou semi-deus: é uma escrita que envolve dores e amores de um ser humano. Os deuses nos invejam em nossas qualidades e defeitos e acima de tudo porque temos a morte. As pessoas neste contexto são tão somente momentos de uma pessoa que já não existe mais. Portanto, não quero trazer o medo que aquela criatura medonha trazia antes de petrificar as pessoas.

Através da topogênese, da topovivência, essa tese-benzeção é o que emerge: nada fica amarrado na cadeira sem nenhuma atenção como veremos no segundo tomo. Sou filho de contador de "causo", criança que por não poder falar se fazia "mais ouvidos" do que boca para ouvir adultos sem ser chamada atenção. Meu pai era um arqueólogo da memória. Escavava ou fazia desterramentos que emergiam em vivências nos toposcronos de sua vida mineira em terras de migrantes trabalhadores na Baixada Fluminense. Adentrava pelo tempo e espaço ressignificando sua vida, que de alguma maneira ressignificou a minha: A memória é o dialogismo não somente do passado. É o meio onde se deu uma vivência e quando revisitado é outra vivência, na topovivência "assim como o solo é o meio no qualas antigas cidades estão soterradas." (BENJAMIN,1987, p. 240). Essa relação de vidas presente nos biotoposcronos na rememoração:

> Para o autor que recorda, o principal não é o que ele viveu, mas o tecer de sua recordação, o trabalho de Penélope da rememoração. É pela rememoração que o passado é entendido e produzido apartir da perspectiva do presente. (Benjamim apud Bolle, 1994, p. 322)

Quando as memórias se dão no plano da vivência poderia-se dizer que além da rememoração estamos envoltos não numa revivência, mas numa vivência envolta na memória? Precisamos refletir sobre essas dimensões e não tenho resposta.

Nas primeiras visitas nas casas dos benzedores o impacto foi muito grande. A cada visita, mesmo que ainda de maneira inicial, de aproximação, com caderno de notas, gravações, notas longas é uma complexidade infinita o que emerge. Eu estava preocupado com uma tese e não com uma tese-benzeção: as benzedeiras são tese e conceitos vivos em suas práxis do cotidiano. Eu precisei admitir que não daria conta dos encontros, dos conhecimentos, das falas, tamanho o espaço autoral destas pessoas. O que de fato não dei conta. O ato de tentar dar conta é arrogante e revela concomitantemente a atual sociedade esgotada e falida do capitalismo. Uma das formas de tentar organizar minha cabeça era depois de retornar para casa, muito envolvido com tudo que havia visto, ouvido e sentido gravar o que havia ficado em mim. Mas não era somente o Josias que havia ido num ônibus escolar. Era também o outro Josias que retornava devido o contato com aquelas pessoas em vivências. Até que uma

benzedeira me pediu para sentar. Eram várias cadeiras e vários bancos comuns nas varandas que a todos recebe num misto de sala e cozinha na zona rural da Zona da Mata. Escolhi uma e me sentei. Ali eu sabia que tudo iria acontecer porque assim é com eles, assim é a vida. Ela disse que era para sentar na outra cadeira que estava ao lado, mais próxima da rua para onde com o dedo polegar em riste me abençoou e disse que qualquer inveja ou mal fosse embora. Adentrar nesses espaços com abertura dialógica requer uma postura de alteridade, a mesma que a benzedeira tem com todo ser humano nas topovivências do que emerge nas relações interespaciais. Henri Lefebvre mostra, nos argumentos iniciais de The production of space {A produção do Espaço}(1991), que frequentemente, usamos essa palavra "espaço", em linguagem popular ou acadêmica, sem estar totalmente conscientes do que queremos dizer com ela. (Massey, 2008, p.39).

Ao perceber que o benzedor abre sua casa e praticamente não possui vida privada. São pessoas desprovidas da visão de lucro num mundo capitalista. Ilibados. Pessoas que amam cuidar das crianças e todos que a eles procuram confesso que tive um acolhimento para além de pesquisador. As benzeçoes são afirmações autorais, de amorosidade humana. Decidi abrir as portas e janelas da minha vida, nos biotoposcronos deste tomo, pois é assim que eles fazem no cotidiano. Todas as minhas vidas creio que me prepararam para me encontrar com o sagrado humano em amplas dimensões com toda vida, toda memória, toda palavra, toda existência quer seja humana ou não, dos que nomeamos animal, mineral ou vegetal: sagrado na vida como um universo do que está a emergir.



Delicadeza de um benzedor – Acervo pessoal

Decidi apagar deste I Biotoposcronos o excesso de escrita e citações. É uma decisão difícil, mas benzidamente necessária. Precisamos somente do que é necessário para viver. Benzedeira não acumula. E muitas outras coisas hão de acontecer e serem ditas porque tudo tem seu momento.

A palavra viva, a linguagem em uso constituem enunciados onde se dá a enunciação "irrepetível" e única: amorosa. As benzedeiras em suas preces banham as palavras em amorosidade espacial (Lopes, 2021,2024). No fogão à lenha colhem a brasa e ela se abraça à água. Enquanto fazem isto vão rezando numa postura de cuidados, de alteridade: "para Bakhtin, devo fazer o que devo fazer porque só eu, do meu lugar único e singular, irrepetível, na existência, posso fazer. Essa responsabilidade sem álibis tem como fundamento o amor pelo outro, o reconhecimento de que só o outro me concede existência, de que só porque o outro fala comigo, eu existo."(Mello, 2020, p. 244).

Ninguém nasce num vácuo social. As singularidades da consciência humana em vidas, em processo. A postura é portanto de revolução constante, por estar em consonância com a vida humana numa íntima relação do sujeito com o meio social e, portanto, com as vivências. O ser humano é intérprete do meio e fundamental para todas as gêneses da Teoria Histórico Cultural, neste sentido a importância da Topogênese e todo desdobramento de conceituações e do estudo do que é humano: "Perejivanie (vivência, em português) é uma palavra relevante para a teoria Histórico-Cultural. "Vivência" é essa relação de "unidade", ao mesmo tempo independente e inseparável do sujeito e do meio social. Por isso, não é uma relação de interação, como afirmava Leontiev; não existe meio em absoluto sem a presença do indivíduo que o interprete." (Prestes, 2010, p. 110).

É esse sentido de vivência que senti quando estamos diante de uma benzeção. Quando ouvia o sussuro, tentava desesperado "pegar as palavras". Eu queria dominar o que ali estava sendo ouvido e sentido plenamente por todos, menos por mim. Era a minha arrogância ocidental castigada, felizmente, na Torre de Babel:

> Para construir o mundo, ninguém parte de nada! Sobre sua natureza encontrada, dada, operamos todos nós e jamais sozinhos: é preciso pensar que sobre ela atuam outros seres com que compartilhamos a vida. Mas entre estes, somente nós "elaboramos" o mundo, pois lhe damos sentidos, jamais dados, jamais acabados, jamais prontos, jamais definidos. Das nossas elaborações, embora em muitos momentos históricos a humanidade tenha sido obrigada a conviver com definições ao estilo "Roma dixit", conhecemos o caráter provisório. É para esta provisoriedade que Bakhtin nos chama a atenção. E mais além: diz-nos que os sentidos elaborados jamais se constituiram fora das relações com os outros, fora do diálogo, que existiu, que existe e que permanecerá quando nos formos e nem mais lembrança houver. (Volochinov, 2013, p.7).

Ser torre e depois se dispersar pelo mundo. A Torre de Babel traz consigo uma dimensão da tradição judaico-cristã do surgimento das diversas línguas e que após construída estaria tudo pronto, acabado. O castigo divino trouxe a preciosidade milagrosa do provisório na diversidade: ponto fundamental da alteridade. Das línguas e linguagens que se vão pelo mundo e se chega a dimensões como o de pentecostes, das línguas estranhas. Lá de cima da torre seria um único ângulo pelo que se espalhou da maneira mais linda nas possibilidades da palavra, das línguas e linguagens? Babel não foi castigo: foi benzimento da arrogância aguada humana, mas eles não sabiam nem eu. Uma tentativa de explicar o que não entendiam: somos seres andarilhantes pelo planeta e tudo se redimensiona constantemente pela topogênese dos cuidados humanos. As línguas e linguagens quando balbuciadas e sussuradas por um bebê e por uma benzedeira quebram o paradigma do castigo de Babel e trazem o pentecostes para as possibilidades de cosmovisões da vida na vida, na alteridade de sermos humanos.

O benzer em sussuros e palavras que vão pelos mares de morros das Gerais, sem pressa, com as pessoas andarilhas pelas toposcronosfonia da Topogênese dos Cuidados: um vento humanamente como o de pentecostes e de tantas outras cosmovisões a se encontrar com tudo que há, até mesmo o mar, que vira cruz de sal grosso no travesseiro de alguém logo após uma benzeção ou do fogo ancestral enquanto elemento sagrado para benzer e alimentar na brasa incandescente que sai do fogão à lenha da benzedeira unindo os quatro elementos do planeta e todas as cosmovisões entre palavras e balbucios no encontro da chama com a água.

Nas dimensões das topovivências parti para a Colômbia para fazer um estágio doutoral de seis meses. Inicialmente havia somente uma vaga por departamento da Universidade Federal de Juiz de Fora. No Programa de Pós-gradução em Educação o edital previa entre os aprovados a cota para negros. Ao final éramos três candidatos. Fiquei em primeiro lugar. Posteriormente, por distribuição de vagas de outros departamentos, houve vaga para todos. Os outros dois candidatos foram para Portugal e mantivemos contatos. Saliento que no processo de seleção para o Doutorado fiz a opção pelas cotas. Fui aprovado e devido as boas notas fui para a ampla concorrência o que abriu mais uma vaga para uma aluna cotista. É importante assumir os avanços na democracia e políticas públicas para a camada popular brasileira.

Deixei a cidade de Carangola e fui para Juiz de Fora onde pernoitei na casa do Professor Dr. Rafael González**,** um amigo irmão da Venezuela e membro do GRUPEGI que também iria participar do II Colóquio Internacional de Educación e Interculturalidad – Saberes y Prácticas Bioculturales Diversas em Bogotá em setembro de 2024. Esclareço a título de leitura que o I e II tomos desta tese estavam escritos e abertos em galerias sem ponto final. Depois de ir para a capital do país fui para o sul, para o departamento, que aqui no Brasil chamamos de estado, de Huila. Da capital Neiva tive oportunidade de ir para diversos municípios e outros departamentos. Fui calorosamente recebido pelo Prof. Dr. Mathusalan Pantévis Suarez, familiares, amigos e todo o Departamento de Psicopedagogia da Universidade Surcolombiana –USCo. Não poderia esquecer de agradecer ao Professor Carlos Alberto Moreno González, um querido amigo e professor da Colômbia, aluno do doutorado no Departamento de Ciências Sociais, que me deu aulas de espanhol e me acompanhou durante todo o edital me preparando. Creio que abraçou a causa como dele também. Foi uma bela indicação de Jader! Posteriormente descobri que ele pagava metade das mensalidades! Esse benzedor das palavras...

Das topovivências andarilhas e galeriantes de um projeto inicial envolvendo as preces e as benzeções surgiu a proposta: "O Cuidar e Ensinar Intergeracional em Comunidades Originárias em Carangola-MG e Huila na Colômbia" e fui topoviver en "la tierra de la belleza" como vi escrito no aeroporto em Bogotá. Nunca havia pisado num aeroporto ou viajado de avião. Deixei toda a documentação pronta para que meus filhos e esposa irem em novembro de dois mil e vinte e quatro para o país e permanecessem por três meses comigo. Foram seis meses muito intensos de topovivências que poderia desdobrar em um terceiro tomo o que confesso seria bastante gratificante. A posteriori, foi feita a releitura do material e no diálogo de vivências emergiu a presente versão encaminhada para apreciações, considerações, supressões e todo o universo de encontro de seres humanos andarilhantes da tese-benzeção. Desta maneira, as referências e inferências envolvendo o estágio doutoral está inserido ao contexto de uma escrita em galerias andarilhas que vão se entrecruzar na escrita da tese-benzeção no segundo tomo onde emergiram as cosmovisões e o novo como conceitua a Topogênese. Não imaginei no início da escrita "Das Minhas Vidas às Minhas Terras Sagradas – Estudos em Topogênese" que teria um outro país como parte de minhas vivências e portanto de minha vida, pois me considero também colombiano. Não pensei que "A Topogênese Entre Preces e Benzeções" dialogaria com o universo sagrado em outro país.

Do fogo dos fogões à lenha de Minas Gerais que alimenta e benze ao "Abuelo Fuego" ancestral da Colômbia.

A palavra vai ao infinito de Babel onde o espalhar ou "espaiar de Minas" é palavra bendita, benzida e ancestral.



“A vivência de uma situação qualquer, a vivência de um componente qualquer do meio determina qual influência essa situação ou esse meio exercerá na criança. Dessa forma, não é esse ou aquele elemento tomado independentemente da criança mas, sim, o elemento interpretado pela vivência da criança que pode determinar sua influência no decorrer de seu desenvolvimento futuro”.

Quarta Aula: A Questão do Meio na Pedologia. Lev Semionovich Vigotkski, Psicologia USP, São Paulo, 2010, p. 683





Re-verso da memória

- Casa onde morei no Pendura Saia -



Vivências e Memórias Espaciais – Diálogos Andarilhos pela Topogênese.

A criança não está no espaço, no território, na paisagem.
A criança é o espaço, o território e a paisagem.

Jader Janer

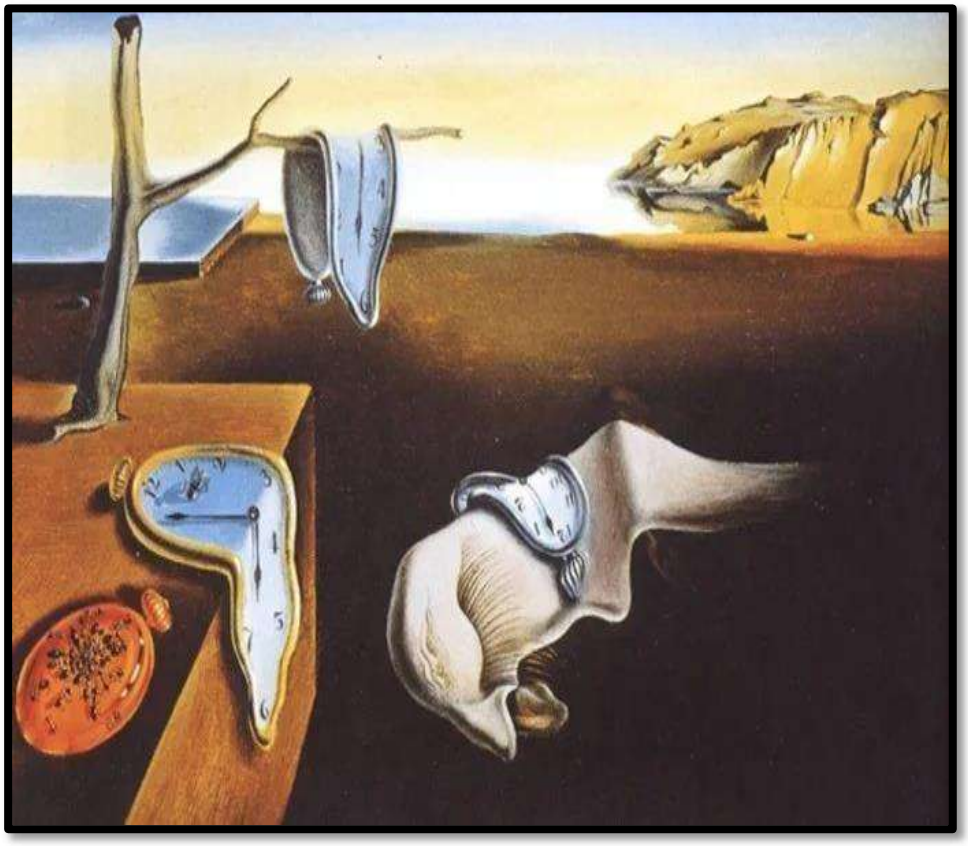
Escrever sobre memórias talvez seja tão belo e intenso quanto o Surrealismo de Salvador Dali.

Esta escrita se esvai como em "A Persistência da Memória".

E as Gavetas? Você me pergunta se tenho as chaves? Lamento e festejando em vivência te digo que não. Sou ratazana prenha que as águas carregaram seu ninho e preciso parir.

Já não sou o mesmo! O espelho me diz de maneira nua e crua, educado e ponderado a realidade. Os cabelos se foram e os que ficaram assim como a barba estão a embranquecer. Mas ainda me encanto com as possibilidades da vida, da goiabeira da rua de cima de minha casa que parece ter vida própria por balançar com a total ausência dos ventos. Meu primeiro contato com ela causou-me estranhamento. Não havia ventose a árvore balançava.

Continuo a admirá-la cá de baixo e ela na rua de cima. Agora tenho como referência as crianças que lá estão a gangorrar num vai e vem que sempre se renova: nunca é o mesmo o ir e vir. O meu "eu" criança também está lá. É o bailado da vida, que vem acompanhado dos colibris que nos visitam, pardais, canarinhos ou outras aves que não sei o nome – são simplesmente exuberantes. E a árvore balança mais do que carro alegórico de Joãozinho Trinta para minha alegria. Eram outros carnavais.



A Persistência da Memória – Salvador Dali. Óleo sobre Tela. 1931
Fonte: disponível em https://www.wikipedia.org
Acesso em: 28 out. 2023

A vida tão linda em suas visitações: fiquei feliz quando uma aranha fez seu ninho na parede do quarto da casa perto das plantas. Os fascistas atuais poderiam aprender tanto com ela. Mas será que querem? Espalharam bandeiras do país, pela pequena Carangola, uma pequena cidade de Minas não foi diferente. Apropriaram-se dos símbolos. Mas cá entre nós, o ir e vir de uma criança num balanço, a movimentação de uma aranha em sua teia, as brincadeiras das crianças na rede dos povos ancestrais originários na varanda demonstram que o tempo vai passar e a democracia vai retornar ao país. É movimento. As teias da vida sendo tecidas por várias mãos. Podemos aprender e tecer amorosidade mesmo emtempos de ódio. Fico a lembrar de um baú antigo que vi na casa de um amigo. Lá estavam ainda a escrita de imigrantes italianos. Quando vi fiquei encantado com o móvel, mas o que seria aquele baú sem o navio que o trouxe até o Brasil? Como estavam as pessoas que perto dele estavam ao ser construído? O que dialogaram ao levá-lo a algum porto na Itália? O que tinha dentro dele? E o barco foi embora, talvez com os donos do baú na embarcação. Seria o último adeus?

Barcos da vida que trouxeram meus ancestrais negros. A calunga de Iemanjá mãe, o tumbeiro da ambição humana. Um baú ser melhor tratado do que um ser humano em embarcações onde se esquece do constituir-se humanidade: chicote, os grilhões, amarras e a morte tornavam todas aquelas vidas um objeto, não um ser humano. Seres humanos na escuridão de um navio, amontoados milimetricamente na mais vasta desumanização. A vastidão dos oceanos: quantas coisas ele guarda e nos traz nas infinitas ondas.

Uma pena de um pássaro ficou na árvore do quintal. Como eu gostaria de saber fazer um cocar.

Nossa casa na parte de baixo, em meio ao brejo. No pequeno terreno vejo o abacateiro crescer frondoso, as plantas que durante anos ficaram em vasos agora estão libertas e parecem viver a cada dia sua plenitude no terreno aterrado.

Espero que consiga saborear uma manga de um pé que está ainda pequeno. Caso contrário, creio que minha esposa Patrícia, minha pequena de um ano e dois meses, a Gal, assim como Josias Filho de onze anos farão por mim.

As flores trazem as abelhas, os pássaros das mais diferentes cores, borboletas e os amados beija-flores. Ontem tivemos a visita em casa de duas lindas libélulas e uma perereca. Nesta semana uma rata adentrou pela casa. Estava muito mansa e sem a destreza típica deste tipo de roedor. Depois de percebermos sua docilidade verificamos que aparentemente estava prenha e procurava um lugar para criar. Creio que após o longo período de estiagem as águas carregaram seu ninho.

- Vamos filha... Vá embora. – Disse direcionando-a gentilmente com uma vassoura. E ela se foi.

Assim tem sido nossos dias. Gal balbuciando palavras e começando a elaborar sílabas e significados que nos encantam. O engatinhar pela casa se foi. Assim como as cobranças de alguns para que ela andasse. Andaria no tempo dela e não tive pressa por saber que um dia sentiria saudades do som do seu engatinhar pela casa. Ouço agora os pezinhos fazendo som pela casa e ela a correr de fralda. Josias Filho adentrando na pré-adolescência torce pelo seu eterno Flamengo e espera a Copa do Mundo enquanto vamos às ruas de Carangola passear e dialogar sobre a democracia em tempos de eleições tensas com nossa camisa vermelha com uma estrela branca do Partido dos Trabalhadores estilizada para nossa família com uma inspiração da Bandeira do Brasil que no momento parece pertencer a determinado grupo ideológico do país. Fiz a concepção e no processo criativo Patrícia me ajudou.

Vestir vermelho virou algo que remonta ao período ditatorial no país, coisa de comunista. Vivemos um período onde o ódio, escárnio e cinismo assolam o país. “Deus acima de todos”, dizem alguns, que tendo ou não noção da origem nazista da frase vão repetindo e espalhando o desamor, a violência e naturalizam, inclusive, a injustiça social na sociedade brasileira. Estamos próximos do segundo turno da eleição e creio que ao votar nas polêmicas urnas eletrônicas mesmo que comprovadamente eficientes e seguras teremos um terceiro turno de quatro anos tensos na História do Brasil.



A Bandeira do Brasil como inspiração de um rizoma em tempos de ódio.

- Acervo pessoal -

- Vamos filha... Vá embora.

O óbvio para muitos não é tão óbvio. É um parto complicado, mas é preciso parir!

A escrita desta tese será de incompletude na perspectiva da Geografia da Infância e dos cuidados, assim como de um relato Toposbiográfico, pois hoje tenho comigo a criança que fui e sou.

Não tenho uma foto de quando era bebê para aqui inserir, como gostaria, mas não fui o único. Foi assim com milhares e milhões de brasileiros. Acho fotos de bebês lindas. Nenhum bebê poderia ficar sem foto. Nenhum ser humano poderia ter sua história vilipendiada em suas amplas dimensões.Atualmente tenho achado esses espaços, inclusive as ausências, extremamente importantes. Talvez o não entendido ou ainda não apresentado tenha tamanha importância quanto o que aparentemente dizemos entender e muitas vezes colocamos no prego absoluto dos sentidos. Não sou nenhum pouco linear.

Dialogismo Andarilho: Carangola - MG e Piabetá – RJ

Talvez, assim como a vida, sou repleto de idas e vindas, uma gangorra ou as folhas e raízes da goiabeira da rua de cima**.** Nasci numa noite de setembro onde o inverno já dialogava intimamente com a primavera na Baixada Fluminense, em Piabetá-RJ. Dois de setembro de mil novecentos e setenta e seis. Sou filho de pais e avós mineiros de Ponte Alta de Minas, um Distrito de Carangola-MG. Uma comunidade rural, basicamente de pequenos proprietários rurais com cerca de quatro mil habitantes entre a sede e a zona rural que tem no café sua atividade econômica principal. É um lugar tipicamente mineiro. Indo de Carangola para Fervedouro adentra-se num trevo à direita numa estrada sinuosa. Rapidamente estamos na sede do distrito. Uma pequena praça, a igreja, a escola, o posto de saúde, casas de "meia água" com suas cruzes repletas de fitas coloridas marcadas na memória de minha infância de um tempo que se foi. Garanto que você ficará deslumbradocom a beleza da Pedra Beija-flor. Ela nos acompanha para todos os lados. Sempre que vou na comunidade paro e olho para ela. Se desejar seguir,rapidamente chegará ao final da rua marcado pelo cemitério local. O Beija-flor não desampara nem os mortos. É o mensageiro sagrado do morro
que se eleva imponente no vilarejo. Ao chegar no cemitério uma encruzilhada que dependendo da escolha te levará para vários lugares repletos de singularidades nesta "Minas Gerais de meu Deuso" como certa vez me disse uma moradora. Você pode até chegar na Gruta dos Puris, um

sítio arqueológico num paredão de gnaisse com cerca de 890 metros de altitude tendo uma pequena queda d´água em sua face norte: uma belezura! Era utilizado para sepultura de mortos das comunidade indígenas de outrora. O que parece ter sido sepultado na cultura local sobrevive no biotipo de inúmeras pessoas do lugar e nas memórias da população local. que se eleva imponente no vilarejo. Ao chegar no cemitério uma encruzilhada que dependendo da escolha te levará para vários lugares repletosde singularidades nesta "Minas Gerais de meu Deuso" como certa vez me disse uma moradora.

Ao ser parido chorei longe da terra de meus pais e avós. Nasci, chorei, engatinhei e cresci ouvindo histórias de um lugar que na minha infância era a distância do desconhecido que tanto queria conhecer. Talvez por ter um pai contador de "causos". Por quê a origem de alguns é "clara" e registrada, enquanto de milhões de brasileiros ficam as lacunas de pessoas aparentemente sem um passado? Não é uma questão de ter uma genealogia ou um brasão de família. É a reprodução de injustiças onde até mesmo em uma família as origens africanas e indígenas ficam invisibilizadas. Há todo um sistema para que isto tenha ocorrido no país.

Na população local muitos sobrenomes de portugueses, alemães e italianos. Ponte Alta é um pedacinho de Minas, um retrato do Brasil em seu processo histórico "entrecruzado". Um lugar que possui suas especificidades, sua História, sua gente, suas maneiras de cuidar que podem ajudar a entender o mundo em que vivemos. A topogênese da vida nas pequenas comunidades podem nos ensinar muito.

Ponte Alta tem este nome em homenagem à Joaquim Ferreira Ponte Alta, dono da propriedade onde está situada a sede do distrito. Quando criança, na primeira visita que fiz na terra de meus pais e avós pensei que acharia no local uma ponte altíssima e fiquei fru strado por assim não ser. Pensei que a kombi que nos levava passaria por uma ponte alta nos ligando de uma montanha à outra. A comunidade é marcadaem sua paisagem pelas inúmeras lavouras de café, além do plantio de subsistência de milho, amendoim, mandioca, feijões, frutas e hortaliças. As igrejas, principalmente a Católica, e a Escola Estadual Pedro de Oliveira são marcantes na vida comunitária.A vida parece andar no rit mo dela, na cadência da comunidade.

O município de Carangola fica situado na Zona da Mata Mineira, com uma população segundo o IBGE, censo de 2022 de 33.000 habitantes.

O município devido teve um período historicamente próspero no período cafeeiro. Com um comércio variado e uma incipiente industrialização. Carangola era considerada o berço da civilização do que até então eram os Sertões do Leste, sendo chamada de a Princesinha da Zona da Mata.

Nesta História local e regional, com o declínio cafeeiro, emancipação dos outrora distritos percebe-se algumas alterações econônimas e sociais. Uma delas é em relação ao comércio que durante muitas décadas possuía um certo grau de potência e referência. A incipiente industrialização iniciada na segunda metade do século XIX obteve seu "embrião" e apogeu nas primeiras décadas do XX, paralelamente ao café, e hoje é praticamente inexistente. Um aborto?

Em termos de serviços, a área de saúde oxigena a cidade com seus consultórios médicos e variados serviços de saúde, principalmente com o atendimento hospitalar através da Casa de Caridade de Carangola – CCC (fundado em 1907) e Hospital Evangélico de Carangola – HEC (fundado na década de 70). A Casa de Caridade durante décadas foi a maior referência de atendimento em saúde, não possuía na região nenhumainstituição com os serviços, qualidade e prestígio de atendimento aos enfermos como a referida instituição. Com o tempo, o Hospital decaiu e cidades como Itaperuna-RJ e Muriaé-MG estabeleceram-se neste cenário e elevaram a qualidade e quantidade de serviços prestados.

A partir da década de 90 do século passado a Casa de Caridade de Carangola iniciou um processo de investimentos com um novo padrão administrativo empresarial obtendo um elevado grau de crescimento regional o que é muito importante para a economia de Carangola.

A cidade também tornou-se um importante centro universitário com a estadualização da antiga FAFILE- Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, fundada em 1970, que por um certo período agônico passou-se a se chamar FAVALE - Faculdade do Vale do Carangola. Em 1999 foi credenciada na qualidade de Campus Fundacional Agregado à Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG. Em 2013, a FAVALE passa a integrar, oficialmente, a Universidade. A UEMG- Carangola oferece atualmente a quase 1.500 estudantes dez cursos de graduação: Administração, Ciências Biológicas, Geografia, História, Letras, Matemática, Pedagogia, Serviço Social, Sistemas de Informação e Turismo. Issosem contar com seus cursos de extensão e projetos de pesquisa que beneficiam a toda a Zona da Mata Mineira, Noroeste Fluminense, Sul

Capixaba e alunos de outras partes do país. O curso de Direito é ofertado na rede privada pela Faculdade Doctum. “Carangola não possui fábricas, a cidade possui escolas.” Poucas vezes vi uma cidade do interior com tantas escolas: vai muito além da prestação de serviços, é memória, um patrimônio cultural. A figura da Professora e Professor em Carangola tem uma marca e conotação repleta de singularidades e uma bela história a ser contada.

O percentual de pessoas que trabalham na área da educação é bastante significativo e o impacto econômico é bastante perceptível. A Superintendência Regional de Ensino de Carangola - SRE da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais - SEE atende a Rede Pública de Ensino Municipal e Estadual de 11 municípios: Tombos, Faria Lemos, Pedra Dourada, Carangola, Fervedouro, Orizânia, Divino, Espera Feliz, Caiana, Caparaó e Alto Caparáo.

Carangola foi durante muitas décadas uma das principais cidades com tradição no carnaval de Minas Gerais. Durante anos a cidade contava com concorridos desfiles de escolas de samba e blocos. Vinham pessoas de várias partes do país, principalmente da capital carioca. Os ônibus da Viação 1001 que faziam a linha Rio de Janeiro à Carangola punham toda a frota à disposição, mas mesmo assim não dava conta da procura por passagens. Os hotéis e casas de amigos lotavam de visitantes.

Em dezembro de 1979 uma enchente avassaladora no Vale do Carangola. Logo chegaria o carnaval em 1980. Foi quando o músico Joã o Francisco juntamente com outros carangolenses criaram o “Tá Quem Guenta”. Saíra num fusquinha com dois alto-falantes e um microfone cheio de gambiarras que de quando em quando precisava parar tudo para consertar. Com belas músicas, um “frevo mineiro” ousado. Veio para ficar. Carangola nos anos seguintes era uma das poucas cidades de Minas Gerais com trio elétrico. A cidade lotava com gente de vária s partes da região e do país o que infelizmente não ocorre mais.

Outra festa tradicional que também trazia muitas pessoas para a cidade era a Exposição Agropecuária e Industrial de Carangola. A primeira festa teve origem em 1945 e mantém as características básicas de sua origem.

Cartografia: Mapas do Brasil, Minas Gerais, Zona da Mata e Carangola.



Disponível em https://www.wikipedia.org. Acesso em 28 out. 2020

Entretanto, mesmo sem possuir um parque como o de Carangola, os municípios circunvizinhos e outras cidades criaram suas festas, batizando-as de “exposição”. A região durante os meses de julho e agosto tem inúmeros shows e festas. A Exposição Agropecuária e Industrial de Carangolense é bem registrado (ou tombado) e os shows devido lei municipal são gratuitos. A região do Caparaó Mineiro e Capixaba crescem com o café e turismo.

Nasci numa casa de massapé longe da terra de meus pais e avós, mas muito próximo do barro. Barro nas ruas, na beirada do córr ego, da massapé que após colocado os bambus e arames nossas mãos se encontravam no vão da estrutura para preencher com ele as paredes das casas. Eu tenho uma “fotografia” na minha cabeça do encontro de minha mão com a de um amigo. Para os adultos um trabalho duro, para mim e alguns amigos uma brincadeira. Do barro de Nanã viemos e para ele voltaremos, assim como na cultura judaico-cristã da criação do mundo. Irmão de nove irmãos fui o penúltimo filho de Leni Teodoro Guedes e Abimael Zacarias Guedes. Sou de uma época em que falávamos e ainda falo que sou de Piabetá, não de Magé. Ultimamente, tenho que dizer que sou de Piabetá no município de Magé – RJ por questões burocráticas.

O fato é que eu nada tenho de Magé em termos de infância. Gostava de ver na camisa da escola a foto do “Dedo de Deus” que Magé dizia ser do município, mas todos sabem que a paisagem é de Teresópolis. Com a emancipação de Guapimirim o “Dedo de Deus” é deles. O espaço geográfico assim como os territórios humanamente constituídos nos convida a inúmeras reflexões.

Sinto-me um cidadão Piabetense com o devido respeito à Magé. Piabetá mesmo possuindo um comércio com vários gêneros e serviços que atrai pessoas da região, inclusive de outros municípios e ter o maior cartório eleitoral de Magé é um bairro. O fato é que durante minha infância cresci com outra visão de minha terra. A concepção geográfica de espaço criado por uma criança é algo que transcende o adultocentrismo e qualquer imposição. Elas são contruídas na vivência da topogênese, para além do que é instituído por ser uma Geografia da vida na vida, espaços únicos, portanto sagrados.

Talvez essa questão para mim se acentuou com minha vinda para o interior de Minas Gerais e conviver com pessoas de inúmeras pequenas cidades que são oriundas de municípios muitas vezes com menos de cinco mil habitantes. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia –IBGE, no censo de 2022 o município de Magé contava com 245.071 habitantes. Piabetá é um bairro do sexto distrito de Magé, com quase cem mil habitantes, assim como Fragoso, Pau Grande e Raiz da Serra que é a sede distrital.

Foi em Mauá que conheci pela primeira vez o mar. Ainda era possível tomar banho naquelas águas da Baia de Guanabara. A "Praia da Baixada".

Cresci ouvindo que era por Piabetá que passava a família real que descia no Porto da Estrela do Barão de Mauá, em Mauá, e seguia para Petrópolis com suas carruagens.

Lembro-me da primeira vez que fui à Petrópolis quando criança. Até então, Petrópolis para mim era um lugar no final da serra que eu olhava de longe. Eu sempre gostei de olhar para a majestosa serra. Quando acabava a luz que tanto demorou para chegar em nossa casa era paralá que ficávamos a olhar. Que belezura.

Infelizmente, na última vez que estive em Piabetá percebi como o número de lâmpadas aumentaram na distante paisagem. Aquilo tirou um pouco da poesia que havia em mim em relação à minha memória afetiva em relação ao local.

Depois que passamos por Raiz da Serra iniciamos um trecho extremamente íngreme e de uma intensa beleza. Enfim eu estava me embrenhando e conhecendo, o que até então eu via todo dia de longe: a Serra da Estrela.

A Mata Atlântica em sua exuberância. Num dado momento era possível lá do alto ver a Baia de Guanabara para além das imagens que apareciam nas novelas brasileiras. As várias comunidades conturbadas que de lá caberiam na minha pequena mão de criança pela janela do ônibus. Foi naquele caminho que escoou o ouro das Minas Gerais para do Rio de Janeiro e de lá ir para Portugal e pelo mundo afora, principalmente para a Inglaterra.

Em cada pedra do calçamento uma História Negra para além das carruagens da família real ou das toneladas de ouro que por lá passaram. O ouro brasileiro é negro. Ouvia os comentários que estavam por lá grandes "macumbeiros" muito procurados, assim como os de Piabetá, por seus conhecimentos ancestrais.

Na verdade, com o declínio da mineração e da economia local, além do turismo, há naquele itinerário o que podemos nomear de R ota dos Orixás. A riqueza das águas cristalinas, da fauna e flora da Mata Atlântica é deslumbrante.

O reconhecimento legal do Quilombo de Bongaba é fundamental para Piabetá e região. Visto que até mesmo as proximidades do cemitério e sua capela de meados do século XVII na Estrada dos Mineiros virou um grande depósito de lixo ilegal o que foi revisto por força de lei. Infelizmente até os lençóis freáticos do entorno foram contaminados. Muitos moradores sobreviviam dos restos dos que possuem mais encaminhados para o lixão de Bongaba. Lá tudo passa a ter um outro sentido.

A Serra da Estrela vista de Piabetá. Fonte: https://www.wikiwand.com. Acesso em 12 dez. 2022





A Estrela beija o mar pela Baixada - fonte e acesso idem.

Quando cheguei em Petrópolis e caminhava pelas ruas centrais com uma jovem senhora tive um grande choque de realidade espacial. Como pode um lugar ter tantos prédios com formas tão bonitas, com toda uma historicidade imponente enquanto as casas onde morava praticamente ninguém conseguia ter uma casa embolsada por dentro? Se fosse embolsada por fora e pintada era um luxo!

Que lugar era aquele onde as praças e ruas estavam repletas de flores e pessoas com roupas impecáveis? Por que lá tinha tantas flores, mais do que no sítio que meu Pai tomava conta e tínhamos que conviver com o esgoto a céu aberto em várias partes nos lugares por onde eu andava em Piabetá?

O que haveria naquele imponente local contado pela jovem senhora chamado de Museu e que era necessário tirar o sapato para entrar? O que eram pantufas? Como pode um lugar "trasbordar História" e eu a ouvir que a primeira linha férrea do Brasil passava por Bongaba e Piabetá como se isto fosse algo menor e esquecido entre matagais?

É o descaso com a memória e patrimônio público. É o descaso de um país com sua gente. Como um lugar com uma distância de aproximadamente nove quilômetros pode ser tão longe para uma criança em termos de distanciamento social?

Os meus pés de criança brincaram muitas vezes tentando se equilibrar pelo que havia sobrado dos trilhos da primeira linha férrea. Que mundo era aquele naquele espaço e história? Em Bongaba eu fui inúmeras vezes ver o sepultamento de inúmeras pessoas do bairro.

Fui ao local pela última vez no sepultamento de meu pai, creio que em 2012. Não voltei mais. Em Piabetá ou "lá fora" íamos para fazer compras o que é uma festa para a população local, principalmente em relação à feira livre onde as pessoas além de fazerem compras festejam a vida. Lá é um dos locais genuinamente piabetenses.

A verdadeira realeza lá se encontra.

Nasci entre o mar e a serra, na planície da Baixada. É a topofilia em Tuan (1980), o meu elo afetivo com o lugar, vivido não como experiência pessoal mas de vivência na topogênese de Lopes (2021). Meu ser que sente falta de tudo e ao mesmo tempo se encontra com o aqui e acolá. Gosto de ver as naves espaciais, mas nunca esqueço do som dos cavalos de meu Pai. O problema é quando a nave vira carroça do capital.

Segundo minha mãe ela sentiu as dores do parto o dia inteiro e quando foi à noite "eu desci". Ela estava em pé na beirada da cama e se ela não tivesse colocado o pé e inclinado o corpo sobre o móvel eu teria caído e batido a cabeça direto no chão. Demorou tanto tempo para me contar isso, qual seria o motivo? Será que esperou os cabelos ficarem todos brancos para ouvir a minha pergunta e assim verbalizar?

A pequena Gal nasceu de modo parecido. Patrícia estava no banheiro da maternidade quando sentiu as contrações. As dores vinham ela concentrava e fazia força. Quando ela percebeu lá estava encaixada a cabecinha de Gal. Veio a contração. Foi o tempo dela segurar a bebezinha com suas mãos e o corpo da pequena e caminhar até a sala de parto para pedir ajuda. Ela e Josias filho são filhos de fato desta terra chamada Carangola-MG.

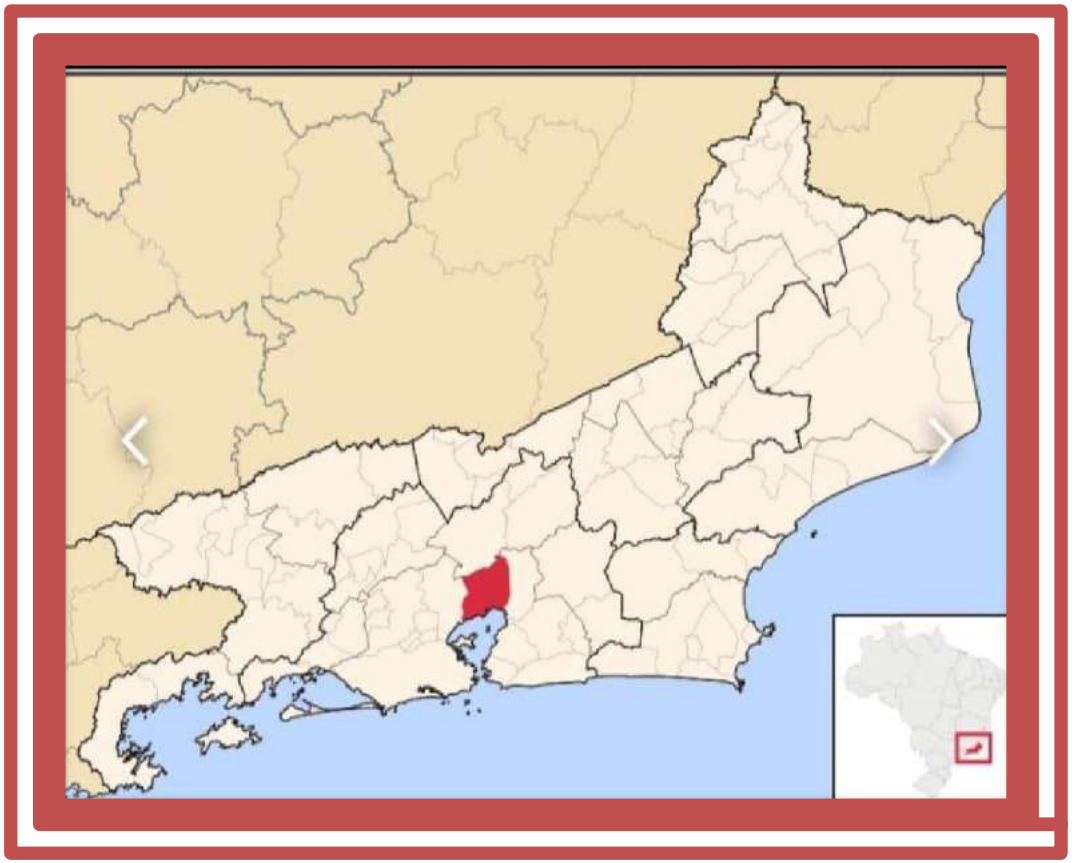
Sou filho do exôdo rural, dos esquecidos da política pública, do saneamento básico, das creches, da água sem tratamento, das verminoses que habitavam minha barriga e coexistiam comigo, da pobreza, da miséria de um país que durante a ditadura esqueceu que criança também gosta muito de bolo, mas egoísta negou a dividi-lo e renegou sua gente a subgente. Mas sou filho também de gente que luta, luta e luta...

Havia na casa de meus pais um diálogo absurdamente profundo entre a pobreza e a miséria.

Quando criança eu guardei inúmeros relatos de meu pai e minha mãe sobre a terra natal deles. Criança naquela época não adentrava nas conversas dos adultos. Ficava a ouvir... Nunca entendi o motivo pelo qual meus avós, seus filhos e noras deixaram Ponte Alta de Minas e foram para Mesquita-RJ. Da mesma maneira nunca me foi revelado porque meu pai e minha mãe decidiram deixar Mesquita e decidiram ir para Piabetá. Muitas coisas eu fui entendendo com a escrita do presente memorial e início da pesquisa sobre as benzeções, principalmente com pessoas da comunidade de Ponte Alta e familiares – minha Mãe e meu irmão Jairo foram fundamentais neste processo, com o devido tato para não incomodá-los demasiadamente. Muito do que eu não entendia foi aos poucos esclarecido. Por estar recorrendo à memória de minha infância

e por se tratar em muitos momentos de lacunas e silêncios que acompanharam nossas vidas eu precisava entender os rumos que a vida havia tomado. Por quê deixei minha terra? Fui em busca da resposta.

Cartografia: Mapas do Brasil, Rio de Janeiro e Magé.



Fonte: https://www.wikipedia.org. Acesso em 28 out. 2022

Lembro-me quando meu Pai manilhou o poço de minha casa. Aprofundaram mais. Diferentemente da casa de um vizinho e do sítio, não precisou cavar outro poço por ser uma água boa. A do sítio tinha um cheiro forte e era saloba. A do vizinho creio que era do mesmo jeito: teve que furar outro. Quando meu Pai manilhou percebi que faltava algo naquelas águas. Por sorte havia pego um bagre no córrego e decidi que lá seria a casa dele. Coloquei no balde com cuidado com os ferrões e abaixei a corda. Ninguém saberia, nunca contei para ninguém.

Tempos depois as águas baixaram. Lá estavam outros bagres. Depois entendi que devia ser uma "bagra" e teve seus filhotes lá no fundo das águas que todo dia me banhavam, limpava minha casa, cozinhava nossos alimentos e saciava minha sede.

Talvez esta escrita seja também de um ser bagre, pós-humanista.

As mudanças geo-econômicas foram importantes para a compreensão do processo envolvendo as vivências no miúdo do cotidiano. Espaços que passamos a habitar de maneira única e de certa maneira, quer queiramos ou não, em sua plenitude por ser único e irreptível. Histórias espacializadas que vivenciamos como espécie humana signo face de nós.

Meus pais deixaram Ponte Alta com algumas malas, suas trouxas, um fogareiro e dois filhos no colo para aguardar o trem rumo ao Rio de Janeiro-RJ na estação ferroviária da Leopoldina Raiway em Carangola-MG. Paralelo à estação ferroviária fica a ladeira da saudade, no cemitério. Lá ficou minha irmã Fani levada pela desnutrição e desidratação.

Poucas vezes vi minha mãe chorando. Quando meu Pai faleceu ela retornou para Carangola. Sempre que meu Filho mais velho vinha para nossa casa eu o levava para ver a avó depois do fim de meu primeiro matrimônio. Fofocas e disse-me-disse são chatas e cansativas e creio que elas poderiam se tornar crônicas, personagens de livros, filmes ou peça teatral. Em meio a programas de jornais sensacionalistas com o som altíssimo, ou de programas de auditório que pareciam não ter fim – Deus do céu que falta faz o Chacrinha – ela fazia um café para Patrícia e eu e geralmente um mingau cheio de ternura e com cheirinho de amor de avó para Josias Filho.

Talvez o sofrimento a fez uma resistente ao choro. Depois do café ela continuava a contar casos e adentrei num assunto tão delicado para ela:

- Mãe, o que houve com a Fani?

- Ela era fraquinha. Parecia muito com seu avô Noé. Seu avô era um homem muito bom, mas era feio. Ela era branca e com olhos claros iguais ao seu avô, mas era feia igual a ele. Ela estava fraca, abatida, parecia morta.

- O que a Senhora fez? – perguntei.

- Eu era muito nova. Eu achei que ela iria melhorar e perdi tempo. Ir para Carangola e conseguir médico não era como hoje em dia. Com muito esforço consegui levá-la para a Casa de Caridade de Carangola.

- A Senhora chegou e o que houve?- Perguntei.

- Não tem aquela porta da Pediatria?

- Sim mãe.

- A Irmã de Caridade pegou a Fani, o médico a olhou enquanto eu esperava do lado de fora. Ele veio e me disse:

- Eu não tenho o que fazer. Sua filha praticamente está morta.

Ela foi embora, desceu a rampa dupla desolada. Até que a notícia chegou. Fani havia falecido. Este relato de minha mãe, em lágrimas, demonstra o que estava guardado em seu coração durante anos:

- Gostaria de ser enterrada no mesmo lugar onde ela foi sepultada. – Não tive o que dizer. O ouvir era cumplicidade e amorosidade.

A desigualdade social neste país é uma desgraça.

A vida transcorreu e sou herdeiro destas histórias em que eu “nem sonhava em nascer”, mas que me levam às lágrimas. Minha irmã partiu num lugar onde nas horas vagas de trabalho, em minha juventude, eu tanto gostava de ir ver as crianças, mesmo não sendo meu setor de trabalho no hospital.

Relataram que a viagem foi agradável e que o bilhete era para os vagões populares onde de vez em quando alguém percebia a roupa queimada por pequenos carvões saídos da locomotiva. Talvez pensassem estar indo para a terra do progresso, da civilização, para longe da enxada e para a liberdade. A liberdade no Brasil é uma luta constante, não há tréguas, porque a escravização não dorme.

Meu pai arrumou emprego para sobreviverem. Já estavam na Rua Vinte e Quatro no Bairro Maurimárcia em Piabetá - RJ. Eles haviam morado em Vigário Geral e Mesquita. Foram pioneiros a morar num lugar repleto de capixabas, cearenses, maranhenses, mineiros, baianos. Era uma terra repleta de mineiridade e múltiplas culturas nordestinas.

E lá, naquela rua nasceram o sexto, o sétimo e oitavo filhos. Eu nasci na Avenida Canal, Lote 11, Quadra 43. De tanto escrever cartas eu nunca esqueci do endereço. Num diálogo em busca de informações com meu irmão ele me disse que a casa era do Sr. José Bigode, da macumba, ou seja, tive o privilégio de nascer num local onde era um terreiro de Candomblé, de Macumba. Ele era um senhor muito respeitado e amigo querido de nossos pais que trocaram o lote da Rua Vinte e Quatro com o da Avenida Canal.

Nasci numa casa de massapé assim como inúmeras outras crianças. Ter nascido num antigo terreiro de candomblé para mim é muito importante. Eu ouvia histórias de que haviam encontrado no lote coisas enterradas, mas era tudo dito de maneira muito discreta. Foi um presente que ganhei ao dialogar com minha mãe, num diálogo esquivante, para esta escrita. Assim como a tantas coisas que aos poucos fui aprendendo sobre a vida e as possibilidades de ser e estar no mundo sem petrificar as possibilidades.

Sou uma pessoa carente de avós. Vivo arrumando avós por aí... Arrumo avós extras para minha filha. E elas acolhem Gal com muito carinho na atual comunidade onde moramos.

Somente conheci minha avó Maria Teodoro da Silva. Depois de mais velha ela foi morar sozinha no Santo Onofre onde ela passou a ser conhecida como Maria do Carvão, devido as manchas de carvão pelo corpo e roupas ou Maria do Tapete por vender tapetes que ela fazia com sacos de estopa com restos de tecidos que ela colocava na cabeça e vendia pelas ruas da cidade para sobreviver.

Ela esteve em nossa casa em Piabetá uma vez. Como era bom tê-la conosco e pela primeira vez saber quem era a avó que de quando em quando via minha mãe escrever uma carta e receber uma resposta lá de Minas. Ela trouxe consigo seu filho caçula. O José Antônio era a paixão de minha avó. Ela o adotou. Era negro como meu avô. Minha mãe foi sua primeira filha.

Os relatos de minha mãe sempre repetitivos lembravam-me um tribunal do júri onde minha avó era sempre a culpada pela separação do casal. Pelo que entendi o nome do pai de minha mãe era Amador Luís Leite. Era um homem lindo que naquela época antes da chegada do rádio na comunidade de Ponte Alta os bailes eram muito comuns na zona rural. Ele era uma espécie de celebridade. Quando vim morar em Carangola minha Tia Lúcia e eu fizemos tivemos a ideia de fazermos um aniversário surpresa para ela. Neste dia me disse:

- Você é a cara do Amadore... – Ela passou a mão pelos meus cabelos cacheados . Eu estava virando rapazinho. Tenho comigo esse sangue negro também do Amador, de meu avô, que está em minha pele, minha boca e nariz e para além de meu fenótipo: em minha alma.

Ela falava palavras que para muitos era falta de estudo. Grande engano. Havia nas falas dela o reflexo das linguagens mestiças de índios puris, negros e imigrantes. Uma linguagem oriunda de saberes orais tão marcantes na população brasileira.

- Leni esse chá está doce igual a um “meli”.

Era a influência, por exemplo, dos italianos na vida da comunidade, até no nome do “Amadore” que era o “amore”da vida dela.

Segundo minha mãe, minha avó brigava muito com o Amador:

- Por ciúmes porque ele gostava de ir aos bailes! – dizia ela como juíza do caso. E completava:

- Meu pai era trabalhador!

Ele desapareceu para nunca mais minha avó ou mãe vê-lo. Foi-se embora. Minha avó estava grávida de minha mãe quando ele desapareceu. Eu percebo que ela nunca perdoou minha avó por ter sido criada sem ele e que muitos dos desdobramentos de sua vida remetem a uma culpabilidade que não sei se de fato existiu.

Creio que nisto há uma grande questão psicanalítica em minha mãe que acabou respingando em todos da família, inclusive em meu Pai.

Minha avó foi morar com a tia dela D. Brasilina quando meu avô sumiu pelo mundo. Minha mãe lembra-se de morar no Distrito de Ponte Alta ainda pequena na casa que por muitos é chamada de Rua de Cima. Ela sempre se refere com desprezo pela rua, creio que devido às lembrançasde quando era tão pequena. Creio que seja uma "topofobia", expressão de Tuan (1980), de minha mãe em relação aquele espaço.

Quando mencionava aquele espaço de sua infância nunca percebi nenhuma palavra ou em sua fisionomia o menor afeto. A voz alterava, percebia uma certa contração na boca e os olhos pareciam me revelar ela lá pequena e deixada pelo pai. Depois a D. Maria contraiu segundas núpcias com Alziro Lacerda Guimarães. Ele era viúvo e era mais velho que minha avó. Ela era uma mulher muito bonita de quadris e fisionomia portuguesa.

Segundo relatos de minha mãe o cotidiano da casa era extremamente conturbado. Ele possuía filhos de outro matrimônio e que ela não teve infância e sim trabalho. Pequena subia em caixotes para fazer o serviço. O trabalho duro do lar ou das lavouras era o destino das crianças. Irmã adotada, principalmente sendo criança, praticamente não era gente. Ainda mais sendo filha de negro.

As casas naquela época eram extremamente simples, com alguns bancos e pouquíssimo mobília. Quando tinham camas, geralmente os colchões eram feitos de taboa ou capim. Eram muito usadas as esteiras de palha das folhas de taboa, muito comuns na região, principalmente devido os inúmeros brejos que aos poucos foram sendo utilizados para o plantio de arroz. Numa "meia-água", nome dado para a maioria dessas casas pelas pessoas do lugar, onde parte do telhado se inclina em uma direção e a outra metade para outro lado, formando um "V" ao contrário, para a drenagem das águas das chuvas pelas telhas de barro. Minha Mãe tinha uma casa, não um lar.

Ela era responsável de ir buscar o milho moído em moinho de água. Lembro-me de um relato de que todos estavam em casa, inclusive os filhos do padrasto, "homens feitos", com a lamparina acesa, sentados nos bancos e era preciso alguém no meio da escuridão ir à casa do moinho buscar a canjiquinha para o preparo do jantar. Ninguém se prontificou. A ordem era que ela deveria ir buscar. Acendeu um sabugo de milho e foi cumprir a sua obrigação em meio à escuridão. Sempre vi em minha mãe uma trituragem de lembranças reincidentes.

A casa para passar esterco de boi no chão e dar o devido acabamento para ficar bonito. O barro branco que precisava ser passado no fogão à lenha e em todas as paredes. O barro precisava ser pego constantemente longe da casa. A falta de asseio era algo que prejudicava a imagem da família, principalmente das mulheres. Na casa com filhas moças, filhas de trabalhadores rurais, geralmente meieiros os comentários iam de casa em casa.

- A mulher que não fosse "trabaiadora" não casava. – Disse-me uma contemporânea de minha mãe em Ponte Alta.

No caso dos meninos a infância muitas vezes virava a dureza de uma enxada por volta dos sete anos de idade. Na camada popular geralmente aprendia-se a ler e a escrever o básico, quando era permitido e possível estudar, e a vida encaminhava para o mundo do trabalho, o mundo dos adultos.

Estudar era para poucos.

O reconhecimento de uma infância era extremamente curto. Aos meninos a infância passava a ser as trilhas das lavouras juntamente com o pai e para as meninas a vida dura de mulheres que acordavam muito cedo para darem conta dos afazeres domésticos.

Leni brincava com bonecas de sabugo de milho feitas por ela. A vida cotidiana da criança envolvia poucas brincadeiras e compromissos com as atividades da família. A infância tinha um tempo extremamente reduzido. Ser criança era breve.

As panelas que precisavam ser ariadas com areia, cinza do fogão e um pouco de sabão caseiro. Era com a força das mãos de Leni que o ariar panelas transparecia a limpeza. Mas não é nas mãos que ficam as linhas do destino? Eu sei lá!

As panelas precisavam reluzir não somente como sinal de limpeza e capricho, mas para não dar motivos para conversas. As linhas das mãos indicavam o trabalho, não havia uma outra leitura ou leitora.

Lavar as roupas e remendar as peças uma por uma. Algumas eram mais remendos do que talvez roupas. Limpar o terreiro, cuidar das flores, das ervas medicinais para embelezar a casa e fazer chás. Levar a comida numa longa distância no horário certo para os irmãos que estavam na lavoura. Cuidar do irmão caçula, filho de Maria com Alziro. Assim, nesta vida, estavam ela e minha avó.

Alziro xingava muitos palavrões o que segundo informações eram muito comuns à época. Assim como as estórias de assombrações: cavalos que passavam às dezenas e quando abriam as janelas não era ninguém. Redemoinhos de vento que os cachorros que tomavam conta do terreiro de café tentavam pegar e quando alguém aparecia alguém ria e sumia.

Um cavalo se aproximava da casa. Ouvia-se alguém gritar: - Alziro, ô Alziro. Quando iam olhar não era ninguém. Relatos de vizinhos que viam uma bola de fogo sair do assoalho e os cachorros latiam acompanhando o fenômeno. Mas talvez, uma das grandes assombrações é viver uma vida onde seu padrasto juntava o dinheiro, chegava até mesmo passar as notas para guardá-las e num tiro tudo se perder.

Foi o que houve com o Sr. Gurgel. Homem de posses em Ponte Alta os cafeicultores deixavam suas colheitas com ele. Era a época, como dizia meu Pai, que um homem tinha palavra. Não precisava de papel, bastava a palavra ou um fio de cabelo branco do bigode para o acordo estar selado.

Foi num dia como qualquer outro até que ele foi para seu quarto e lá fez o disparo certeiro para tirar sua vida.

A notícia correu para todos os cantos tão ágil quanto o projétil. A aula terminou mais cedo. Minha mãe foi até o quarto de Antônio Gurgel. Estava com o corpo com a cabeça nos pés da cama sobre o colchão com um tiro dado na região do ouvido. Ela decidiu ir correndo para casa. Chegou cansada.

- Pai eu tenho uma notícia para te dar.

- Que que foi Leni!

- O Gurgel se matou!

- Deixa de bobiça! Para de paiaçada!

- Ele se matou e está todo mundo lá em Ponte Alta.

- O que houve com ele? – perguntou tão crédulo quanto São Tomé na Bíblia. Arriou o cavalo. Ele decidiu ir até Ponte Alta e ver de fato o que ocorreu. Quando chegou nas proximidades do cemitério perguntou ao primeiro que viu:

- Gurgel tá vivo?

- Ele se matou Seu Alziro. Ele quebrou. Não conseguia honrar com as dívidas. – estas palavras foram um tiro no ouvido do Alziro com seus cabelos brancos. Mordeu levemente o lábio superior onde tinha fios de barba branca. Perdeu todo o dinheiro investido, inclusive toda a colheita de café daquele ano. Ele ficou zumbizado... Não acreditava.

A morte de Sr. Gurgel foi a morte de muitos. Todo o trabalho entregue para ele em arrobas de café, a sobrevivência e os lucros de praticamente todas as comunidades foram com ele no caixão. A morte de Gurgel foi sentida no coração e bolso de inúmeros trabalhadores rurais das pequenas comunidades de Ponte Alta.

A vida naquela casa não era fácil. Ficaria pior. Após o sepultamento de Gurgel a vida precisava seguir, caso contrário, morreriam de fome.

Uma das coisas que o Sr. Alziro odiava era alho. Xingava quando sentia o cheiro. Leni comia escondido. Minha mãe nunca foi uma pessoa que agradou de feijão somente quando feito na hora. De quando em quando eu a via socar o alho e misturá -lo cru ao feijão misturando farinha de mandioca. Havia ali a lembrança do padrasto?

Leni cresceu em meio a este turbilhão de coisas. Precisava ir para a escola. Minha avó já havia ensinado a ler um pouco em casa, mas era necessário complementar com a primeira Professora da escola do Distrito de Ponte Alta. Era o primário. Os que conseguiam estudar iam até a terceira série outros a quarta. Muitas pessoas antigas diziam que era tão bom que não se compara com hoje em dia. E dá-lhe palmatória e varada!

Ela se arrumava e guardava os sapatos para não sujar e principalmente para não gastá-los. A Professora vinha no horizonte com inúmeras outras crianças e juntas seguiam até a escola. Ela foi aluna da primeira turma da escola da comunidade. Quando se aproximavam da entrada da Ponte Alta ela ia lavar os pés e colocar os sapatos.

Colocava os sapatos nos pés delicados para adentrar solenemente na chamada rua de cima que dava acesso à escola. Ela já começava a amoçar e os olhares enamorados não demoravam a aparecer. Naquela época as meninas em tenra idade eram cobiçadas para um futuro relacionamento e constituir família. Tinha suas amigas, mas também não era de levar desaforos para casa.

O serviço de casa não parava. Numa de suas idas e vindas em seu itinerário pelos morros de Minas, com a comida embrulhada nos panos sobre sua cabeça parou um pouco para descansar e contemplar o céu azulado com sol reluzente.

Ela tão nova sentiu o cafezal exalando o perfume de suas flores. Era tão bela quanto a mais delicada das inúmeras flores dos cafezais. Para quem mora na Zona da Mata Mineira existem inúmeras belezas pelo mundo, mas uma das mais bonitas é ver um cafezal em flôr. Parece um buquê "espaiado" exalando perfume e sendo beijado.

Ao que os irmãos da família Guedes pararam para observá-la e depois de um prazo um deles abriu a boca relevando o que seus olhos estavam a admirar:

- Vou esperar Leni crescer mais. Ela será minha namorada.- disse um dos irmãos.

- "Você namora e eu caso" – disse Abi numa expressão recorrente para as pessoas que ali viviam. Ele reiterou:

- Ela será minha namorada e esposa.

Enquanto Leni crescia ela desejava deixar a casa onde vivia. Os conflitos aumentavam:

- Onde você estava Alziro? – Disse Maria.

- Eu estava resolvendo questões da casa.

- Ocê chegou esta hora porque estava na casa da Formosa. Ocê não tem vergonha nesta cara não...

- Vai para o inferno capeta!

- Para de latir Valente – Era o nome de um dos cachorros que tomavam conta da propriedade.

E aquilo ia noite adentro e se estendia ao infinito.

Por fim, Filoca, um dos filhos de Alziro pedia:

- Para com isso! Amanhã a gente tem que ir trabaiá!



Cafezais em flor

https://br.pinterest.br 28 out. 2022

Meus Pais e as Flores dos Cafezais.

Minha avó em meio a tudo aquilo sabia que moça tinha tempo para casar. Além disto, ela poderia ir embora.

Durante a semana quando voltava da escola viu um belo cavaleiro que se aproximada, era Abi, filho de Djanira e Noé Guedes, que olhou em seus olhos e no mais profundo de sua alma. Era um homem bom de enxada. Mais maduro. Um homem cobiçado por sua beleza. Perdera sua esposa num parto.

Chegou em casa depois da aula e viu que o barro branco para limpar o fogão à lenha estava acabando e era melhor ir buscá-lo, pois não teria outra pessoa para fazê-lo. Pegou a bacia com as mãos já marcadas pelo trabalho, com as linhas do futuro, mãos da lida. Foi ao córrego buscar a tabatinga. Enquanto pegava o barro via os olhos e a beleza do homem no seu cavalo. Era elegante. Já o conhecia há um certo tempo, mastudo havia mudado. Sentiu algo que até então não sentira antes. Guardou segredo por dias.

Aos domingos era dia de ir para a Igreja Casa de Oração em Ponte Alta. Saía de casa descalça numa longa caminhada, mais um dia de lavar os pés e calçar na entrada da vila os sapatos. Estava com seu único e melhor vestido, tamanha a sua plenitude. Os cabelos cacheados cuidados com babosa. No vilarejo praticamente de uma rua só, lá estava ele com seu cavalo. Olhou-a novamente e disse seu nome: - Leni.

Olhou-o e mesmo vendo nele as flores de um cafezal não deu confianças. Ele insistiu dizendo seu nome novamente. Ao que o coração dela bateu mais forte, aceleradamente como se estivesse subindo os morros com seu eterno andar apressado para levar a comida de seus irmãos, mas era diferente.

Brasilina já havia passado pela situação de ter visto Maria, sua sobrinha, ser abandonada por seu primeiro marido. Sabia do que os homens poderiam fazer.

Um dia, a sábia parteira, chamou Leni para conversar:

- Nunca deixe um homem passar a mão em você e nem te beijar. Se te beijar você ficará grávida. Se ficar te amassando depois um fala com o outro e ninguém vai te querer igual essas mulheres que vão de forró em forró.

Aos poucos as pessoas foram tomando conhecimento de que Abi agradava de Leni. Até porque a família Guedes era amiga próxima de sua família. Ela tinha acesso à casa de Noé e sua esposa Djanira, assim como as filhas do casal que eram amigas íntimas dela.

- Mãe eu posso ir na casa da Djanira e levar um pedaço de broa? Vai ter festa no Cafarnaum. Vão ficar na casa ela e minhas amigas.

- Pode ir Leni.

Num sábado acompanhada por seu irmão caçula, ainda criança pequena a qual ela cuidava com amor, foi visitar os Guedes. As irmãs a receberam com a alegria de sempre. Ela entregou a broa para Djanira.

Abi estava passando sua roupa para a festa com o ferro de brasa:

- Oi Leni! Eu vou na casa do Alziro. – "Ir na casa" era pedir em namoro.

- Não vai não. Você não conhece meu pai. Ele não vai te aceitar.

- Eu vou...

Terminou de passar a roupa. Saiu para vestir-se. Barbeado, vestido e perfumado. Djanira tinha terminado de passar um café que inebriava até mesmo os deuses. Quando ele disse: - Toma um café comigo.

Recusar café em Ponte Alta é o maior sinal de grosseria possível. Ela não poderia recusar visto que não tinha tomado café com a família desde sua chegada.

Pegou a caneca e serviu um café. Deu em sua mão. Ao que ela pode sentir o toque das mãos de Abi.

- Olha Abi a Leni trouxe uma broa de fubá. – Disse Djanira. Ele comeu como se fosse a ambrosia dos deuses gregos enquanto as moças se retiraram da cozinha para conversar.

A conversa estava animada e ficaram um bom tempo no quarto das amigas. Elas falaram das novidades de Ponte Alta. Até que a mais velha lhe disse em voz baixa para que ninguém ouvisse: - Abi fala sempre d'ocê. Parece que ele quer te namorar e casar mesmo.

Namorar naquela época era sinônimo de casamento. Elas saíram do quarto para beber água.

- Leni eu admiro muito a disposição que você tem para trabaiá. – Abi disse de maneira sensata, o que todos viam e sabiam, mas ninguém falava. Naquela época para uma mocinha contrair matrimônio era observado meticulosamente a conduta, o respeito aos pais e disposição para trabalhar. Todos tinham que trabalhar e muito.

- Eu preciso ir embora. Abença mãe, abença pai. Até mais ver Leni.- Disse Abi.

Os rapazes foram para a festa.

Leni ficou por um tempo. Elas tinham muito a conversar. Mas o serviço de casa não esperava mesmo sendo um final de semana.

– Despediu-se alegremente das colegas e dos pais de Abi. Pelo caminho de volta para casa pensava nele. Como seria bom abraçar o Abi.

Abi procurou o velho Alziro e falou de suas intenções. Ele tomou um susto. Nutria um carinho e afeto por ela, sua filha. Por mais que não conseguisse verbalizar e as crianças não eram tratadas na dimensão da amorosidade atual: ela era querida por ele. Bem ou mal ele a criara. Era isto que se passava em sua cabeça cada vez mais repleta de cabelos brancos.

O velho Alziro chegando em casa à noite comentou com a esposa:

- Aquele peste quer vir aqui em casa para namorar a Leni. - Ela iria conversar com Leni.

No outro dia Leni fazendo suas atividades de casa como sempre. Já havia terminado a terceira série e não precisava mais ir para a escola. Djanira foi em sua casa:

- Leni passei aqui pra "nóis" pegar barro.

- Vou pega minha vasia. - Pegou sua vasilha e falou com sua mãe.

As duas foram pelo caminho dialogando. Enquanto conversavam e pegavam barro branco Djanira disse:

- Leni o Abi quer ir na sua casa. Ele quer namorar "c'ocê". Ele disse para o Alziro ontem que quer namorar e casar. Você sabe o quanto nós gostamos d"ocê.

O barro branco pelas mãos não dava para ver as linhas da vida. O velho e o jovem rosto respingados pelo barro e molhados pelos suor.

- Ele pediu para te perguntar se você autoriza.

Ao que ela respondeu: - Quem está no inferno não precisa de reza.

Leni não queria ficar para titia, já estava com dezesseis anos, ou mal falada como muitas moças da Ponte Alta. Queria ter sua própria vida.

Retornando para casa sua mãe lhe falou:

- Alziro falou que Abi vem aqui amanhã.

- Estou sabendo mãe. Eu já disse para Djanira que aceitaria.

- Alziro falou que é visita – Disse sua mãe e complementou:

- Nunca se esqueça do que eu te expliquei: cuidado com "homi".

No outro dia chegara Abi com sua capa de chuva. Veio antes do crepúsculo elegantemente com seu cavalo debaixo de chuva. Leni o vira chegar pela greta de uma das janelas da casa. Viu-o retirar a capa de chuva e entrar na casa. Ela esperou Abi cumprimentar como de costume local sua mãe Maria e todos os irmãos presentes na sala que se levantavam dos bancos para o saudar com o cumprimento de mãos que em muitoscasos é um leve toque de uma mão com outra sem apertar. A lamparina foi acesa por José devido a chuva ter escurecido o tempo repentinamente.

- Leni o Abi chegou. – Em silêncio ela deu os passos pelo piso da casa até chegar na simples sala.

- Oi Abi

- Oi Leni... – Ao que Abi foi convidado para sentar-se: Ele num banco. Ela noutro.

Um café para todos. Todos papeavam. Quem menos falava era Leni. O máximo que disse foram palavras monossilábicas já que o namoro envolvia pouca fala da mulher. O mesmo ocorria em todas as casas. Por dias o velho Alziro não aparecia na sala. Não dava ao menos "um boa noite". Abi continuava a ir como visita.

Abi trabalhava em silêncio. Estava arrumando suas coisas enquanto Alziro não dava autorização. Certo dia passando em seu cavalo com uma bacia cumprimentou seu Alziro.

- Boa tarde Seu Alziro. - A imagem dizia por si tudo.

- Boa tarde Abi. Vai lá em casa e leve as alianças.- Alziro tomou seu rumo indo embora.

Pediu a mão da Leni para Maria e Alziro. Dada a permissão enfiou a mão no bolso e retirou as alianças. Leni sentiu novamente a mão de Abi segurando-a com carinho e firmeza colocando a aliança em sua mão direita. As mãos tinham tantos calos quanto os morros que ele percorria para ir vê-la. Era um destino traçado? Leni pegou a aliança e colocou-a em Abi. Seu coração sentiu a brisa da manhã como as flores nos cafezais.

- Abi você tem quinze dias para casar com a Leni.

- Combinado Seu Alziro!

Um dia ela saiu da casa para ir despedir de Abi até o local onde estava amarrado o cavalo para conversarem a sós sobre o casamento. Ao que Abi antes de montar no cavalo deu um beijo no rosto de Leni. De imediato a aliança foi retirada de sua mão e jogada longe. Ela ficou desolada e entrou para seu quarto a chorar.

- O que será que aconteceu com os dois? – perguntou Alziro para o filho José.

- Estranho. Estava tudo bem.

Maria não adentrou no quarto de Leni naquela tarde, nem à noite. Esperou o outro dia e bateu na porta do quarto.

- O que houve Leni minha fia?

- Não quis falar.

No outro dia procurou a Tia Brasilina:

- O Abi beijou meu rosto. Estou grávida.

- Minha fia você não está grávida. Eu só te falei isto pro'cê evitar gracinha de homem.

- Vou conversar com o Abi para ele não fazer mais falta de respeito co'cê. E volta para ele.

Alziro e Abimael marcaram a data do casamento. A situação foi pacificada. Veio uma série de dificuldades para o casamento. A preocupação de Leni era não passar vergonha na comunidade até porque todas as pessoas eram convidadas para o evento e compareciam.

Chegado o dia do casamento os familiares e amigos prepararam bambus em semicírculos e enfeitaram com flores de papel pelo terreiro da casa onde Leni morava.

O almoço de casamento foi tenso. Alziro mandou Maria matar duas galinhas e cozinhar dois quilos de macarrão para os convidados. Quase ninguém comeu pela falta de comida. Ele havia dito que Lenir poderia convidar quem ela quisesse. Aquilo a aborreceu extremamente.

Penso que ele poderia se sovina, entretanto, creio que os pequenos trabalhadores rurais tinham uma grande dificuldade para manterem suas demandas de pequenas lavouras e sobrevivência. Levando-se em consideração a conjuntura da Zona da Mata Mineira, meus pais casaram-senum período de crise agônica da economia da região no final da década de cinquenta.

Passadas as horas apareceu um caminhão, coisa rara na época, para levar todos para o cartório. A Leni estava linda com o vestido feito especialmente pela sua Avó Idalina. A Avó via a primeira neta se casando.

Idalina aos poucos ficou em casa sem seus filhos. Leni e ela viram-se poucas vezes. Brasilina, tia de Leni, passou a ter um comportamento estranho. As pessoas comentavam. Tudo era observado pelos familiares, irmãos de igreja e amigos. Percorria longos percursos entre as comunidades cantandoe dançando. As pessoas estranhavam a velha senhora da Igreja Cristã, como é chamada a Casa de Oração, de hábitos e costumes ingleses, a velhaparteira a dançar e cantar músicas que não eram da igreja. Há quem diga que ela queria ficar nua.

Levaram-na para Barbacena. Um dia um familiar foi visitá-la e estava morta. Creio que a vida de Brasilina teve o mesmo fim de inúmeras outras pessoas ocorridas nos manicômios, diante da opressão e violência que gerou um genocídio em Minas Gerais, no Brasil, ocorrido naquela instituição psiquiátrica em Barbacena. Estive no "Museu da Loucura" em 2020 e não sabia desta situação de minha bisavó.

Qual teria sido a reação de Idalina, sua irmã, diante do comportamento dela que destoava do chamado Padrão? Seria ela também uma benzedeira antes da conversão ao protestantismo? Qual sua reação após a notícia da morte?

Leni foi sentada na cabine do caminhão com seu pai ao lado. Todo mundo queria dar uma volta de caminhão até o cartório de Fervedouro e começaram a subir na carroceria que ficou lotada. Voltou com a aliança na mão esquerda e no lugar de seu padrasto agora ocupava o lugar seu marido, o Abi.

Na volta foi servido o tão esperado pão e café com leite. A festa elegante tinha que ter pão, café com leite. Todos foram servidos e foram para suas casas. Não havia bolo de casamento.

Naquela época as quitandas eram para poucos e raríssimas. A maioria das pessoas alimentavam-se de carás, inhame e mandioca antes de irem para as lavouras. O café era feio com melado ou rapadura para adoçar. O almoço geralmente era feito com derivados do milho. Arroz era raro, geralmente destinado para a venda ou ocasiões especiais. Proteína animal era oriunda principalmente de porcos ou frangos da própria propriedade, mas geralmente a alimentação deixava a desejar em termos proteicos.

Quando fui em algumas festas de casamento em Ponte Alta impressionou-me a fartura e acolhimento das pessoas. A festa é praticamente para toda a comunidade. Matam porco, vaca e frangos. Fazem churrasco. Na mesa há vários acompanhamentos como arroz branco, feijão tropeiro, vinagrete, saladas, maionese. Há entre as carnes do churrasco uma em especial: amarra a carne de porco à de boi e depois são assadas embutidas. Entretanto, em todos as festas, chamou-me atenção a procura que para as novas gerações não fazia muito sentido: a galinhada ou galo com macarrão. Tradicional e suculentos, uma verdadeira iguaria.

Leni estava aborrecida com o que houve no almoço de casamento. Todavia, quando ela se despediu para ir embora Seu Alziro disse-lhe que gostaria que eles morassem perto deles e trabalhassem por ali mesmo. Por um tempo Leni e Abi ficaram trabalhando e dormindo na casa de seus familiares. Ficaram com eles por cerca de dois meses: ora numa casa, ora noutra. Depois conseguiram uma casa.

Montada no cavalo de Abi eles chegaram ao local onde morariam. Uma cama de capim, travesseiros de taboa, um fogareiro, um banco, um móvel para colocar comidas e pregos pela parede para pendurar o que fosse possível. Ela tinha dezesseis anos, ele vinte e sei s. Trabalhavam na "panha" de café do local onde foram morar. Não romperam os vínculos com os familiares e os dois iam ajudar o velho Alziro em sua panha, assim como na de Noé.

Homem maduro, Abi foi carinhoso e respeitoso na noite de núpcias com Leni. Não havia uma conversa aberta entre os pais sobre o que seria o ato sexual.

Com o tempo Leni estava grávida da primeira filha. Logo depois uma nova gravidez. A elevada taxa de natalidade e mortalidade estava ali para além dos livros e registros demográficos. São famílias que viam seus filhos morrerem. Possivelmente não tinham a visão que temos atualmente dos frios gráficos, mas a dor intensa de ver seus filhos morrerem por não terem o mínimo de condições de vida.

Era uma menina que nasceu com os olhos claros, a pele clara e a fisionomia do pai de Abi. Recebeu o nome de Fani como lhes contei. É muito estranho ter na família uma lacuna. "Não é menos uma criança". Pode ser mais uma no gráfico que não queremos mais no país com uma alta taxa de natalidade combinada com uma elevada taxa de mortalidade infantil. É uma irmã bebê que se foi.

Fani nasceu e morreu num país onde nossa elite é entreguista dos bens do país, é subserviente e egoísta. Onde falar de justiça social para todos era e é coisa de comunista. Aliás, coisa que sou chamado e muitas vezes reconhecido. Em minhas lutas trago essas pessoas comigo, quem disse que mesmo sem eu ter nascido à época ou não a ter conhecido essa luta também não se faz nossa?

No Brasil um processo intenso de êxodo rural que chega às pequenas comunidades de Ponte Alta de Minas. As pessoas iam para as cidades para sobreviver. O café não garantia empregos e a sobrevivência. Com a intensa urbanização do Rio de Janeiro as pessoas vão para as periferias e morros, além das cidades dormitórios da Baixada Fluminense.

A Zona da Mata empobrecia acentuadamente principalmente com a crise do café que foi se acentuando. As pessoas precisavam sobreviver. Foi neste cenário que se deu a saída de mais uma família brasileira do campo para lutar pela sobrevivência. Mal sabiam que lá estava

a reprodução das desigualdades sociais brasileiras com o nome de “cidade”. Os Guedes inicialmente se concentraram em Vigário Geral e Duque de Mesquita.

Na ausência de trabalho houve inúmeros fluxos migratórios na região. Cidades como Volta Redonda e São Paulo também são bastante perceptíveis no contexto das migrações brasileiras, principalmente no final da primeira metade do século passado. O êxodo rural é algo perceptível também nas pequenas cidades que compõe a região. Entretanto, com a exploração do petróleo em Macaé e Campos, houve um grandefluxo migratório nas últimas décadas para o Norte Fluminense e Região dos Lagos.

Entretanto, a região do Caparáo e Brigadeiro voltaram novamente ao cenário do café internacional com inúmeras premiações de alta qualidade do produto o que vem chamando atenção dos proprietários e autoridades locais.

Êxodo Rural

O ir e vir pelas galerias do tempo e espaço trazem para o campo das vivências o repensar constante da vida. Guardei desde criança através das falas de meus pais memórias de meus avós Noé e Djanira mesmo sem tê-los conhecido pessoalmente. Creio que faleceram antes do meu nascimento.

A memória de outras pessoas trazem para o plano da vida a dimensão e redimensão dos nossos antepassados criando significados que nos retiram da exclusão histórica. Através da memória tem-se a vida que não morre, talvez seja esta minha herança: nenhum centavo, mas a riqueza de ser um sujeito de História e memória.

Vida que dialoga conosco, entre os vivos, mesmo estando em seus túmulos. A memória dos mortos entre a camada popular é a vitória da História dos debaixo, dos considerados sem eira nem beira. Através da palavra escrita aqui presente e transmitida oralmente por meus pais é a possibilidade de romper com um paradigma dominante. A memória dos que se foram para os pobres é contra-hegemonicamente práxis.

Os pobres quando morrem vão para as gavetas ou covas temporárias. Não são jazigos com granito ou mármore com verdadeiras obras de

arte. Na maioria há uma cruz que por lá ficará por um tempo. Nas gavetos coloca-se o caixão e com tijolos e cimentos fecha-se o local temporário. Depois de um certo tempo as ossadas serão queimadas. A morte pode ser igual para todos, mas não o ato sepulcral da morte. O espaço geográfico da morte diz muito sobre a sociedade dos vivos. A memória quando queimada é a reprodução das injustiças do mundo dos vivos. A oportunidade de trazer para minhas vivências a vivência de meus antepassados não é uma questão de estudo genealógico: são vidas que se entrecruzam. A reprodução de um sistema que nega a memória e as vivências da camada popular finda a vida na vida. A importância da topogênese: a História e as vivências dos que se foram e de tudo que emergiu espacialmente pelos "topos" da vida nos diz respeito.

E assim caminhamos pelas galerias cronotópicas de Lopes (2021): meu avô em todos os relatos que ouvi de meus pais, das esporádicas visitas dos meus tios e de quem o conheceu era um homem generoso, uma pessoa honesta e de princípios. É o pouco que sei dele. Trabalho como Professor de Geografia numa comunidade chamada Conceição no município de Carangola.

Nesta comunidade os ingleses fundaram a primeira Casa de Oração do Brasil no início do século passado. Os missionários ingleses construíram inclusive um Acampamento Bíblico no local. De lá a Casa de Oração foi para outros locais da região e também do país. Eles mantiveram traços e características inglesas.

O uso de véu pelas mulheres durante os cultos, a separação na igreja entre homens e mulheres, o canto congregacional sem uso de palmas ou instrumentos como bateria ou guitarra e um fato bastante peculiar: o velório vai até determinado horário da noite. Depois todos vão para suas casas e no outro dia o velório recomeça até o sepultamento.

Pelo que sei meu avô converteu-se ao Protestantismo em Ponte Alta num período muito tenso. Meu pai um dia me revelou que havia conflitos entre católicos e protestantes na comunidade.

Num culto em praça pública meu avô tomou uma pedrada e ninguém sabe de onde ela teria vindo. Paralelamente, percebo que com sua conversão ele passou a ler a bíblia atentamente até se tornar um evangelista. Tornou-se uma pessoa muito respeitada na comunidade.

Depois de vendida as terras ele foi evangelista na Casa de Oração no Bairro Santo Onofre em Carangola. Depois de alguns anos conheceu em Mesquita – RJ o movimento pentecostal da Assembleia de Deus. Não havia Casa de Oração por lá. Mas creio que tenha sido uma opção de fé, visto que igrejas tradicionais com práticas mais parecidas com sua igreja anterior também existiam por lá.

Durante muitos anos, meu pai desejou reaver as terras de meu avô. Será que ele deixou tudo por alguma forma de pressão? Teria deixado tudo para não ver seus filhos envolvidos num conflito envolvendo as terras? Não sei. O fato é que ao ler a escritura para meu pai eu percebia as dimensões das terras que descreviam uma área muito ampla com parâmetros de extensão e referência muito diferentes dos atuais. Na última conversa que tive com minha mãe sobre esta questão:

- Quanto ele devia? – Perguntei.

- Três mil réis.

- Por quanto ele vendeu a propriedade?

- Três mil réis. Ele pagou todo mundo com o dinheiro que ele recebeu.

Na Casa de Oração do Bairro Santo Onofre bairro de Carangola estão os registros de visitas feitos por ele conservados pela igreja. Eu pretendo fazer uma visita brevemente para ver a letra dele. A caligrafia, o papel onde o ser humano deixa impressa sua escrita, nos aproxima da vida. Seria uma herança.

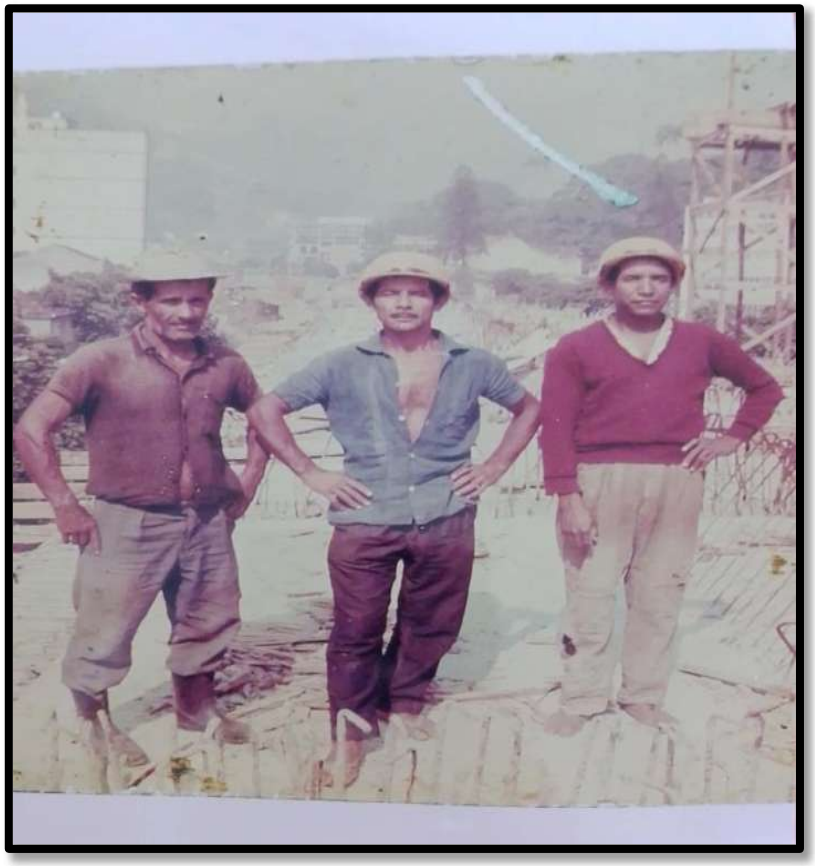
Nos relatos dizem que ele era uma pessoa de muita compaixão e extremamente ponderado.

Meu pai tinha seus defeitos, mas hoje valorizo muito a postura ética dele de não falar mal dos pais ou irmãos. Eu nunca ouvi meu pai falar mal de seus irmãos. Como gostaria que este exemplo fosse seguido por meus familiares.

Soube por outras fontes que minha avó Djanira não era fiel em termos de matrimônio. Segundo informações meu Pai a teria visto quando criança tendo relação sexual com outro homem.

Creio que isto teve desdobramentos sobre minha mãe e sobre todos nós.

Mas a vida seguia. Era a luta pela sobrevivência.



Trabalhadores do Brasil: Arqueologia de uma Tese-benzeção
- Acervo pessoal -

Voltando à Rua Vinte e Quatro lá estavam meu Pai, minha Mãe e meus seis irmãos.

Não havia os métodos anticonceptivos atuais.

A miséria e a fome castigavam a todos. Meu Pai arrumava emprego, mas pelo que entendi muitas vezes ficava desempregado. O alcoolismo tomou conta da vida dele. As traições eram frequentes. Muitas vezes ouvi minha mãe contando que ele chegava bêbado com um embrulho de comida.

O embrulho caía para um lado e ele para o outro de tão bêbado. Quando não tinha nada minha mãe saía para andar com meus irmãos. Segundo ela andar faz esquecer a fome. Será?

Meus irmãos falam que observavam ela discretamente deixar de comer para que eles se alimentassem. Até aqui não falei na palavra amor. Amor ágape e práxis. Com todos os defeitos e respeito às escolhas de minha mãe, em termos de condutas que não concordo, creio que ela seja uma mulher sagrada, por ter esse amor que trancende todo entendimento. Transcender a fome para alimentar seus filhos... É uma postura de amor incondicional frente ao fio de vida que poderia levar mais um filho à morte.

Como a comunidade estava sendo povoada aos poucos os relatos eram que os pioneiros eram extremamente unidos. Um de meus irmãos nasceu sem nenhuma peça de roupa. Uma vizinha ouviu o choro do bebê e levou algumas roupas. Ela não chamava parteira. Fazia todo o parto e cuidados sozinha. Minha Mãe disse que o que tinham para comer, muitas vezes, era inhame que se espalhava abundantemente pelo local, ou em muitos momentos a chuva vinha e meus irmãos pegavam peixe até com a mão num brejo próximo da casa na Rua Vinte e Quatro.

Ela tomou uma decisão que cumpriu: não deixaria os filhos. Não havia creche, não havia esgoto ou água tratada, as casas eram choupanas, as pessoas eram desumanamente desassistidas pelo governo. Parece que todo o processo de exclusão social oriundo do escravismo estava ali naquela casa, naquela comunidade. Creio que a perda da Fani deu uma determinação muito forte para minha mãe.

O sonho de industrialização de Barão de Mauá nos moldes ingleses passavam por aquela região. Tanto que o Porto de Mauá e a primeira linha férrea passavam por Piabetá e Fragoso, inaugurada solenemente em 1854 e depois chegou até Raiz da serra 1856.

Era nesta terra repleta de historicidade que meus pais foram morar. Lá cresci com poucas informações sobre a minha própria terra. A Baixada Fluminense foi por décadas um lugar renegado pelas políticas públicas e pela História de seu povo.

Um dia meu Pai me disse que quando não tinha dinheiro para procurar emprego e pagar a passagem de trem seguia a pé os trilhos. Andou muito. Quando a fome certo dia chegou ao limite viu sacolas jogadas. Revirou e achou um pedaço de angu azedo. Foi seu almoço do dia. A vida em trilhos castigou meu Pai e família. Quando moravam em Mesquita havia um vizinho deles que tinha um lote no Rio do Ouro em Piabetá. Ele falou que tinha alguns lotes à venda em Maurimárcia com minha Mãe:

- Lá tem madeira e sapé?

- Tem D. Leni.

Minha mãe recebera um dinheiro de meu Pai quando foi despedido da Revista Manchete. Ele nunca chegou bêbado no emprego. Mas chegava cheirando a álcool no ambiente de trabalho.

Durante meses o Sr. Alencar não permitiu que ele fosse mandado embora. Creio que por este motivo tenho um irmão com o mesmo nome. Segundo minha mãe a escolha foi dele quando ela estava grávida e viram que era um menino após o parto. Ao ser despedido meu Pai deu a notícia para minha Mãe e disse:

- Pegue este dinheiro Leni.

Ela guardou porque queria um dia sair do aluguel que consumia a pouca renda da família e retirava da boca dos filhos a comida. Com o dinheiro daria uma entrada num lote e depois viriam as parcelas.

- Abi eu conversei com o Maneco e ele me disse que tem em Piabetá lotes à venda. Eu quero ir embora.

- Eu saí do mato e não quero voltar.- Disse Abi.

- Mas eu quero e nós vamos embora.

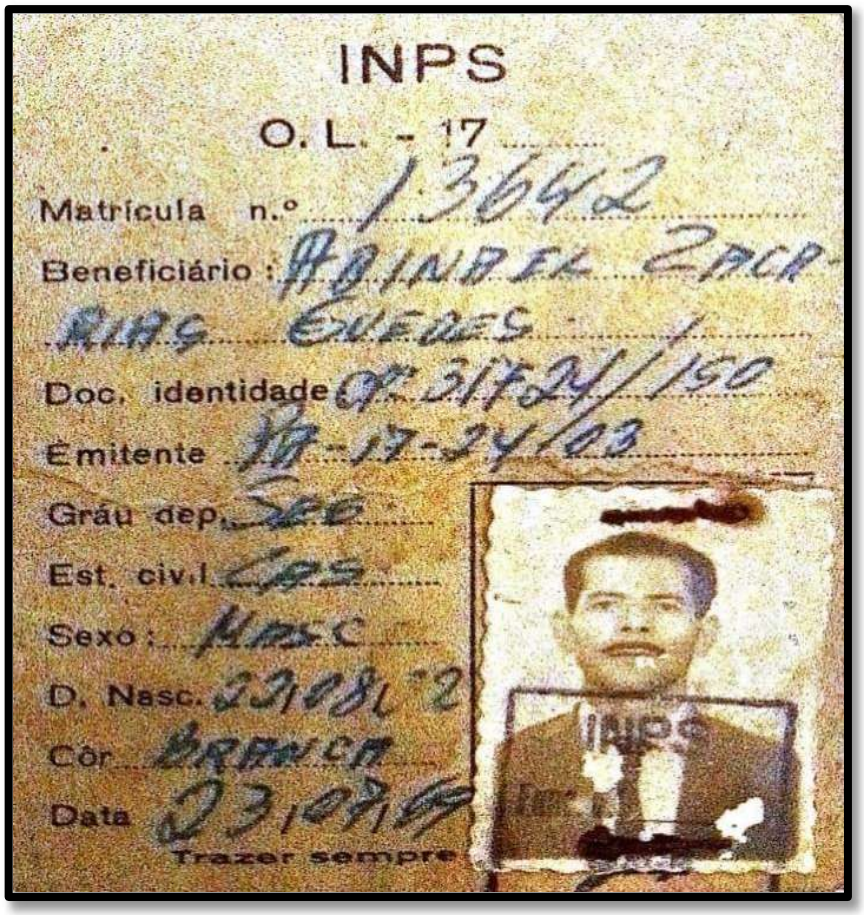
Foram à Piabetá e fizeram um barraco de pau a pique.

Leni tinha uma determinação muito grande. Abi gostava muito de sua terra, mas aos poucos foi construindo um carinho por Piabetá. Aquela terra era também a terra dele. No princípio eu creio que ele deve ter tido a impressão de ter voltado "para o mato". Pelas fotos observa-se um local ermo com solitárias casas o que de fato remetia a sua terra de origem. Eu imagino como seria porque quando era criança havia muitos terrenos baldios. Muitas casas ficavam distantes uma das outras. Aquele lugar, no fundo da Baia de Guanabara tinha uma historicidade que infelizmente só fui aprender depois de grande. A igreja de Bongaba do final do século XVII foi um dos primeiros povoados daquela região. Magé foi criado posteriormente. Imagino os escravizados que ali viveram e deixaram o continente mãe para trás, assim como os tupinambás que de donos das terras viram a liberdade, suas culturas, tradições e a natureza ir embora.

Creio que com o avanço da urbanização aquele espaço geográfico foi tomando outras dimensões. Pela geografia do lugar percebe-se pelas ruas principais que são ligadas por inúmeras paralelas que a economia decadente da Baixada Fluminense, principalmente do recôncavo da Baia de Guanabara nos atuais municípios de Magé e Guapimirim, entre outras localidades, passaram por um longo processo de empobrecimento.

Se no início houve toda uma pulgência através da monocultura da cana-de- açúcar com implantação de engenhos aquela terra com o transcorrer do tempo virou um imenso dormitório com suas inúmeras quadras e lotes. Do período idealizado de industrialização do Barão de Mauá e seu projeto de um Brasil sem escravizados e sim com operários nos moldes ingleses, o império e os interesses dos latifundiários asfixiaram não somente os sonhos do Barão, mas a possibilidade de toda aquela região se tornar algo bem diferente do que é hoje. Será?

Muitas vezes as ruinas arquitetônicas que vemos, assim como o desleixo com o que é tratado o bem público, que deveria ser propriedade de seu povo, demonstram os interesses que se instalam e desinstalam num local, numa região ou em outros espaços geográficos conforme o interesse de uma eterna minoria que comanda o país. Por aquele espaço geográfico passava o ouro das Minas Gerais pelo caminho dos mineiros. O que aquela riqueza deixou para o país para além do legado geo-histórico? Creio que a realidade das famílias e da comunidade demonstram o que houve através do cotidiano de um lugar abandonado assim como as ruinas da Igreja de Nossa Senhora da Piedade do Inhomirim. Lá estava meu Pai e família tentanto sobreviver. Na luta para que ninguém mais morresse de fome.



Carteira do INPS de meu pai

- Acervo pessoal -

Leni foi buscar lenha com seus filhos para poder cozinhar. Sempre foi uma andarilha. Depois de casada, ela não andava no mesmo cavalo que o marido. Ia a pé e ele a acompanhava a cavalo.

O anúncio de ir buscar lenha trazia grande alegria para seus filhos porque na volta paravam para descansar e deixava as crianças tomarem banho no rio. Ela observava amorosamente seus filhos a brincar. Era um momento majestoso para eles.

Levaram um machado e cada um pegou seu feixe de lenha, inclusive ela, e retornavam para casa. Quando chegaram ao local do banho ela não parou. As crianças pararam onde sempre se divertiam e gritavam sem nada entender:

- Mãe o nosso banho no rio?

- Hoje não vai ter!

Trouxas de lenha nas cabeças e andaram mais rápido para tentar alcançá-la. Ela andava cada vez mais rápido. Quando chegaram na Rua Vinte e Quatro ela preparou a comida e disse para todos:

- Vocês vão comer e depois vão dormir.

- Mas mãe, ainda não anoiteceu!

- Já avisei.

Nunca gostou de contar que estava grávida. Usava roupas para disfarçar o máximo possível. Todos foram para a cama. Ela foi para o quarto sozinha. Nem Biu tinha autorização para ficar no quarto. A filha mais velha saiu da cama e foi pé ante pé ver o que estava acontecendo. Quando tentou olhar pelo greta da cortina ouviu a voz:

- Some daqui ou eu te mato!

Voltou correndo para a sua cama. “O que estaria acontecendo com ela?”

O tempo. Nenhum barulho. A criança nasceu envolta na bolsa aminiótica. Leni pensou: “o que seria aquilo?” A bolsa rompeu, a criança chorou. Cortou o cordão umbilical, fez os primeiros cuidados. Enrolou a placenta nos panos que ficavam guardados para aquele fim. E chamou:

- Agora você pode vim ver sua irmã. E deixou a filha pegar a pequena.

Quando o dia amanheceu ela disse:

- Pega a enxada que eu deixei lá perto da porta, abre um buraco perto da goiabeira lá nos fundos e enterra.

O que teria sido tão bem enrolado para ser enterrado? – Pensou a criança.

Quando ela pensava que não tinha ninguém olhando tentou abrir o pano:

- Se abrir o embrulho vou bater em você até você morrer...

Abriu o buraco na terra. Enterrou a placenta. Pensou: "amanhã eu volto e desenterro para ver".

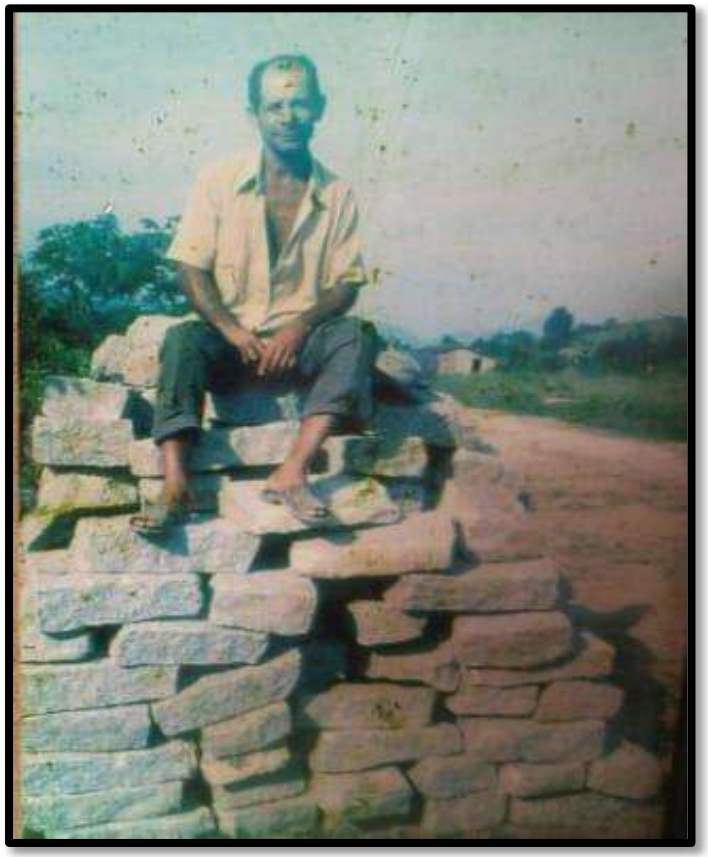
Quando ela foi colocar o plano em prática veio a nova ameaça. Desistiu.

Ganhei um monóculo depois do falecimento do meu Pai. Depois resolvi revelar. Coloquei a foto num porta retrato. Interessante que as fotos tidas como "diferentes" ou "estranhas" chegavam em minhas mãos. Eu adorava. Eu sempre fiquei a olhar esta foto e ficava a pensar: onde ele estava? No horizonte tem uma casa e um pequeno morro. Era um lugar onde eu sempre passava. Por ser uma foto anterior ao meu nascimento creio que a casa seja do Sr. Ary que tinha uma venda. Mas que pedras eram aquelas? Seriam pedras de meio-fio? Mas quando nasci e até ir embora não tinha nenhuma rua calçada nas ruas mais próximas, somente as principais que davam acesso ao centro de Piabetá que era a Rua Onze ou a Rua da Nossa Senhora da Guia. Ao revisitar e pedir fotos para minha mãe reparei na foto do sítio onde meu Pai está com o cavalo Gigante e os blocos de pedras nos jardins do sítio. Cada parte daquele sítio tinha o suor do "Seu Bil" e de meus irmãos mais velhos. Quando eu cresci e ia brincar havia ali em cada árvore, em casa parte do sítio uma história feita pelas mãos de meus pais e irmãos. Um trabalho

Topovivências

Como era bom
Ver meu pai de cócoras em meio ao laranjal
a descascar laranjas com seu velho canivete
bastava um olhar e ele já entendia:
descascava o planeta
e nos entregava.
Se via meu velho cortando cana no cocho
Corria para lá e esperava:
- Lá vem me amolar!
Eu nada falava, sorria.
Cortava a cana com facao
fazia os canudos
da mais doce cana do mundo.
Ainda pequeno ele queria meu cabelo ao meio:
cabelo e filho desobediente.
Restava checar como sempre
se a pinta no pescoço era carapato.
Seguiamos assim pela vida!

O Sítio onde as Árvores Abraçavam



Adão de Gênesis a Apocalípse
- Acervo pessoal –

O sítio apareceu na vida de minha família de uma maneira bastante inusitada e desafiadora. Minha mãe passava por dificuldades para pagar as parcelas do terreno. Foi neste contexto que uma de minhas irmãs, a mais velha, decidiu ir trabalhar fora com doze anos de idade. Havia uma senhora de confiança de minha mãe que a levaria. Minha mãe conversou com ela sobre como se comportar e "ser mulher".

Levou basicamente a roupa do corpo e algumas coisas que minha mãe fazia com agulha e linha tanto para ela quanto para meus irmãos. Nada se desperdiçava. Tudo era costurado e reaproveitado. Talvez a linha e agulha da vida de meus pais vieram através desta irmã.

As colegas de minha mãe encaminharam a Creusa para uma casa e os patrões ao vê-la disseram que não poderiam ficar com ela devido a idade e arrumariam uma outra família que pudesse recebê-la e contratar. Ela tinha um objetivo: terminar de pagar as mensalidades do lote e ter uma casa para não pagarem aluguel.

Assim ela foi para a casa de uma senhora chamada D. Carmelita e Sr. Manuel em Niterói-RJ. Sr. Manuel era do Exército e possuía uma condição financeira do que chamam no Brasil de classe média alta.

Antes do amanhecer ela arrumou a casa toda e havia feito café e posto a mesa. Creio que as trabalhadoras mais experientes devem ter ensinado muitas coisas para ela. Ao ver aquilo a D. Carmelita perguntou: - Onde você aprendeu a fazer tudo isto? Quem é seu pai e sua mãe?

E ela foi para Piabetá conhecer os pais e irmãos de Creusa.

Carmelita havia feito uma compra e uma das coisas que eles contam sorrindo é que ela levou guaraná e que quando um dos meus irmãos tomou disse que fazia cócegas no nariz. Ela pegou a carne que havia levado e enquanto conversava com minha mãe a colocava nas brasas do fogão à lenha. Foi uma festança: teve pão e outras coisas. Dali a amizade foi até a morte de Carmelita com a idade bastante avançada. Dali foi atéa morte do Sr. Manuel e meu Pai Abimael que de Abi passou a ser conhecido com Bil. Creio que a amizade entre eles nunca acabará porque sou fruto de tudo isto, assim como meus filhos.

Eles compraram vários lotes entre a Rua Vinte e Quatro, Avenida Canal e Avenida Milão e começaram a desbravar o local para a construção do sítio. Segundo um de meus irmãos foi um trabalho extremamente penoso.

Quando passei pelo local pela última vez refleti que quase ninguém lembra disto, talvez nem os novos donos do sítio, mas naqu elas árvores está a essência, o fluido vital de meus pais e irmãos, assim como o meu que por ali dialogava em silêncio com cada planta com minhas brincadeiras.

"Sem folhas e água não há cura, sem folhas não há vida" diz a sabedoria africana.

Sem palavras folhas, sem água que flua a vida morre. Cada folha de árvore que subi é fruto de trabalho e cuidado. Para mim representou a chance de viver uma infância onde subir árvores era uma brincadeira entre elas e eu. A vivência de uma infância abraçada pelas árvores.

Meus pais e irmãos plantaram mais de cem pés de côco, variedades de pés de laranja, goiabeiras, a melhor jaqueira que conheci, pés de manga, cana, carambola, jambo, cajuzeiro, pitangueira, amoreira, cajá, abacateiro, uma das árvores mais lindas que já vi que era um pé de canela e a jabuticabeira que infelizmente tive que ir embora sem vê-la dar frutos. Sr. Manoel quitou o lote da Rua Vinte e Quatro. O primeiro rádio da casa chegou pelas mãos da irmã mais velha e quando chegava pão era uma festa.

Um dia minha mãe foi fazer uma visita para D. Carmelita e sua irmã a D. Cici. Acordou os meninos de madrugada com a comida já pronta. Era o almoço. Ela avisou que não era para pedir nada na casa dos outros.

Chegaram em Niterói-RJ. Todos com a melhor roupa possível. Quando chegou a hora do almoço arrumaram a mesa e todos sentaram. O combinado era dizer não. O estômago e a vontade de comer aquela comida deliciosa dizia sim. Vinha o medo da surra certeira.

- Vamos almoçar Leni. Põe comida para os meninos.

- Obrigado nós já almoçamos.

D. Cici observou os olhos famintos de Alencar:

- Quer almoçar Alencar?



.

“Tempo dos Pioneiros”- da direita para esquerda: Abimael, Edson, Creusa, Joel e Alencar.

- Acervo pessoal -

Ele pensou na surra pesada, mas não aguentou:

- Quero! – Veio a comida deliciosa. Os olhos de minha mãe para ele já dizia tudo. “Você vai ver quando chegar em casa...”

- Está gostosa a comida? Quer mais? – Já que iria apanhar ao menos apanharia de barriga cheia. Pensou e disse:

- Quero!

Comeu até se fartar. Tomou o tão gostoso guaraná. Teve até sobremesa. Os outros também queriam a comida, mas não queriam apanhar.

Quando chegou em casa a surra certeira em Alencar dado por Leni.

Minha irmã morou na casa deles. Trabalhava na casa e estudava à noite. Todo o casamento de minha irmã aos dezenove anos foi pago por eles. As roupas de meus pais e de todos os filhos foram presentes para o dia tão especial. Quando minha irmã Creusa foi adentrar na igreja para a cerimônia de casamento meu Pai pediu para que Sr. Manuel entrasse com ela. Acho um dos atos mais lindos feitos pelo Abi, Bil, Abimael, Meu Pai.

Essas memórias, em sua maioria representam a minha visão sobre inúmeros fatos. Talvez outras pessoas terão visões distintas da minha. A percepção de uma pessoa sobre um fato, a vivência de um fato, ou até mesmo a narrativa de uma pessoa sobre determinados fatos são singulares. Talvez aí a importância de sermos seres com possibilidades infinitas de sentir, perceber e viver a vida. É a singularidade da vivência.



“Meus pais casam a primogênita” – Da direita para esquerda: Jacson, Creusa, Leni, Abimael, Edson, Alencar, Joel, eu chorando, Carmem, Jairo, Jair e a Dama de Honra.

- Acervo pessoal -

Sr. Emanuel e D. Carmelita assinaram a carteira de meus pais. Eu era ainda pequeno e recordo-me quando eles venderam o sítio para a D. Anunciada e Sr. José Carlos. Um dos pedidos era manter o contrato de trabalho de meu pai como jardineiro e minha mãe como caseira.

As árvores cresceram assim como eu cresci e convivi em meio a elas, parte de mim, de minha vida. Eram tantos pássaros! Costumo dizer que quando criança aquele sítio era um continente. Como fui feliz! Eu gostava da beleza dos jardins, da piscina que era liberada para nosso uso e muitas vezes eles chegavam e eu estava lá brincando.

Nossas vidas, Intermezo de Vivências

Meu pai trocou com Zé Bigode o lote da Rua Vinte e Quatro pelo da Avenida Canal. O lote ficava de frente para a casa do sítio, motivo da troca. Meu Pai fez uma pinguela para atravessarem o córrego e chegarem a um dos portões do sítio. O único filho que lá nasceu fui eu. O último filho nasceu no hospital numa situação complexa.

Nasci na casa que "parecia um trem" ela era um retângulo de pau a pique. Eu vivia a brincar na rua ou no sítio. Eram lugares diferentes de diálogos com o mundo. No calor escaldante da Baixada Fluminense gostava de estar entre as plantas e os pássaros. Nunca obtive êxito em pegar um passarinho numa arapuca: sorte minha e deles! Na rua estavam alguns coleguinhas que sempre brincávamos juntos. Não era uma vida fácil, tudo muito limitado, mas íamos levando a vida.

Tive um amigo que usava tiradeira para caçar passarinho. Quando ele acertava o bichinho dava uma tristeza. Eles nasceram para voar e não para cairem mortos no chão para nunca mais alçarem os céus e as árvores. Ele pegava os pequenos pássaros, arrancava as penas, passava no fogo, retirava as vísceras e fritava para se alimentar.

A molecada reunida brincava de bola, amarelinha, garrafão, escolinha, cirandas, carniça, piques, elástico, carniça, pipa, peão. Ser criança.

Ali, na rua, era uma festa. Era luz e fé: brincadeira de criança é vela acesa em devoção, uma prece devota.

A rua de terra batida, nossos pés descalços: deixávamos os chinelos descansarem num canto qualquer.

Diálogo para saber o que brincar, ou pedir para entrar com um "é minha vez". Brincadeira é movimento onde a principal regra é a alegria. Vale também era uma vez, momento onde parávamos para ouvir histórias que davam medo e cada um corria para sua casa. Talvez era o corpo que pedia para parar, sentar, ouvir e ir tomar um banho ou os pais dizendo que era para entrar:

- Até amanhã!

A gente sempre aparecia para brincar e o amanhã era na verdade assim que pudéssemos recomeçar tudo novamente.

Se alguém não comparecia um de nós sempre lembrava e ia chamar. E tudo reiniciava num tempo onde o ontem era tão curtinho como a palavra "dia".

Uma das recordações mais tristes que tenho foi um dia quando meu pai me chamou muito pequeno e brigou comigo no meio de todo mundo porque estavam dizendo que eu era veado.

Eu não lembro direito principalmente das falas, talvez por ser muito pequeno ou por não saber de fato do que aquilo se tratava. Sabia que era grave e envolvia eu e meu amigo. Aquilo por ser simplesmente crianças pequena foi extremamente amendrotador. Ele estava extremamente alterado. Eu iria apanhar?

As memórias infantis ficam gravadas e elas vão emergindo com o transcorrer do tempo.

Lembro-me do meu grande amigo de infância, o colega da tiradeira, entrando no assunto e dizendo que aquilo era uma grande mentira. Sempre fui um homem feminino e creio que esta diferença causa e causou perplexidades nas pessoas. Nas brincadeiras de "escolinha" geralmente eu era o Professor(a). Crianças são crianças. Mas parece que o óbvio e simples torna-se complexidade e muitas vezes violência.

Cresci estigmatizado, inclusive pela família.

Tudo tem seu valor. Hoje sou uma pessoa aberta às possibilidades de gênero e sexualidade. Gosto de ler e participar de eventos sobre este assunto. Creio que escrever sobre este momento em minha vida além de libertador pode ajudar inúmeras pessoas que não conseguem dialogar com as múltiplas possibilidades de gênero e sexualidade.

Brincantes

Das Brincadeiras trago comigo o sorriso

A gritaria ou o silêncio dos piques nas ruas.

As pernas que criavam asas

ou virava saci-pererê na brincadeira no garrafão.

O caco de telha ou pedra,

vivência de criança

no jogo de amarelinha que me levava ao céu ou ao inferno

aquele ensinado pelos adultos terra do saci.

Adulto só entra na amarelinha

se topar brincar como criança.

Da ciranda de muitas mãos

girando vidas e sonhos no anoitecer do verão.

Éramos crianças da carniça

da bola de gude, queimada,

pipa, catatau e peão.



Cândido Portinari: Roda Infantil, 1932.

Óleo sobre tela, 35x47cm. https://wwww.reseachgate.net

- Acesso em 05/08/2025 -

A minha formação protestante me engessou muito neste sentido. Houve todo um processo de vida, envolvendo principalmente minha vida profissional na enfermagem, como educador e pessoa atuante nos movimentos sociais para que revisse a beleza da vida em minha volta e meu próprio lugar epistêmico.

Um dia, ainda criança pequena, estava voltando com meu Pai em sua carroça para casa. Era a rua onze, uma rua longa do bairro com várias paralelas. As carroças de Piabetá são bastante típicas. Nunca vi nada parecido. São pranchas onde a parte mais baixa fica rente à parte traseira do cavalo. A cabeceira na parte mais alta. Uma corda ao meio para a gente se segurar e não cair. Meu pai tinha alguns cavalos e carroças. Era um dia de sol. Um dia bonito. Eu estava calado e meu Pai de vez em quando usava os lábios para emitir sons para o cavalo, o freio para ele parar ou o chicote para ele andar mais rápido. Veio a voz:

- Josias veado!

Meu Pai ficou furioso. Puxou o cabresto do cavalo. A carroça parou. Meu Pai me entregou o chicote e disse:

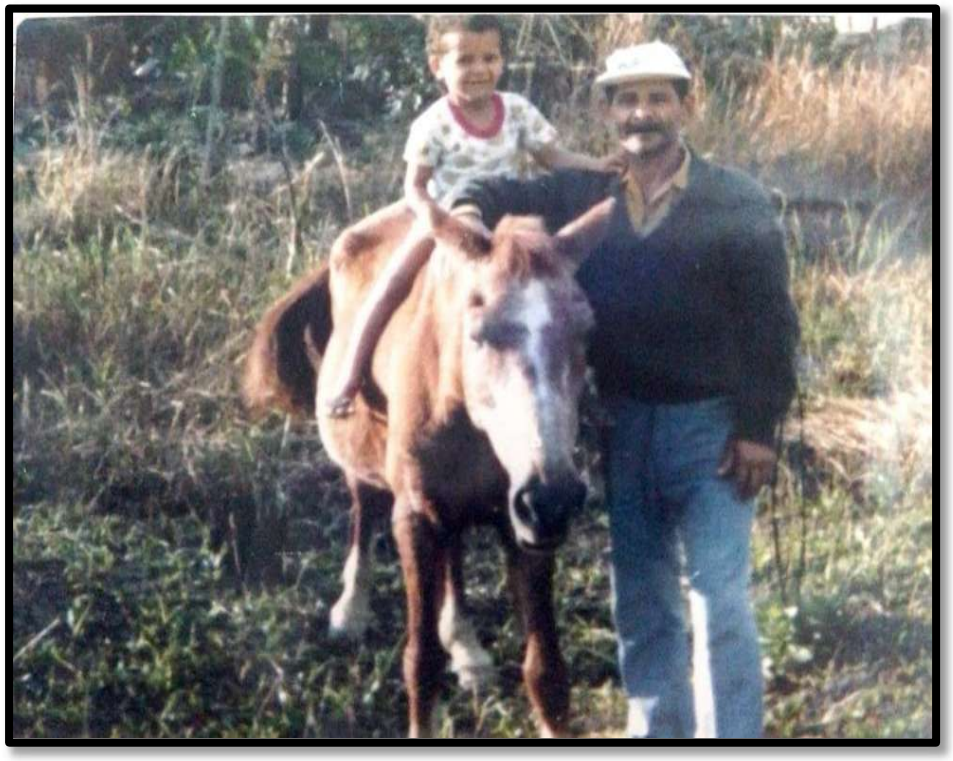
- Vai lá e mostra para ele quem é veado.

Desci apoiando meu pequeno pé no pneu da carroça. Dei alguns passos. Decidi voltar. Subi pelo mesmo pneu e entreguei o chicote nas mãos dele. O menino desapareceu. Meu Pai deu uma chicotada no cavalo e ele foi depressa pela rua. Meu Pai foi muito chicoteado pela vida. Fugiu da palmatória e encarou a enxada. Sabia só desenhar o nome ensinado por minha Mãe para não passar pela humilhação de passar o dedo natinta e deixar a digital num papel.

Aos poucos durante minha existência percebi que realmente lutei como pude para sobreviver, mas com outras formas totalmente diferentes do meio em que vivi. Sou grato, mas minha vida teve outros itinerários.

Meu Pai até o nascimento do filho caçula ainda mantinha um grande carinho comigo. Depois parece que foi desaparecendo. Entre uma filha dois anos mais velha e o caçula que nasceu quando eu tinha sete anos fiquei para escanteio, mas grato porque minha mãe tinha escapado da morte.

Tive que suportar até mesmo viver na casa dos outros. Agradeço a cada adjetivação ou "desqualificação" em minhas vivências. Todas elas foram importantes para que eu seja quem eu realmente sou. Lamento por aqueles que não tiveram as oportunidades que tive, principalmente de conhecer pessoas que co-existiram comigo em amorosidade. Foram tantas. Sempre tive pelas galerias da vida a felicidade de me encontrar com pessoas que trouxeram significados diferentes para minhas vivências. Eu me considero hoje um ser humano que nas andanças tive a oportunidade de ser o que sou: um eterno ser inacabado, incompleto e feliz por saber que tudo pode ser revisto, reconsiderado em meio a tantas outras pessoas que estão pelo planeta terra.



"Sou eu pai no cavalo?"- perguntou Josias Filho aos sete anos de idade. – Acervo pessoal

Um dia, eu pedi para meu Pai uma cabana. Não essas de lona, vendidas em lojas para acampar. Não tínhamos dinheiro para isto. Disse para ele que poderia ser perto de uma árvore que até hoje é uma das minhas preferidas: o flamboyant. Ele fez a estrutura com bambu e ajudei a colocar o massapé. Ficamos felizes.

Ali eu poderia brincar e ter meu espaço para guardar o que não tinha materialmente, mas creio que ali era um templo sagrado dos sonhos que toda criança tem. Não demorou muito tempo meu Pai disse-me que teria que derrubar a cabana. Fiquei triste. Um dia ouvi minha mãe rindo e contando para uma vizinha que ali era a casa de D. Flor e seus dois maridos.

Creio que não tenha falado por mal. Eu creio que a destruição se deu pelo fato das pessoas dizerem que eu era gay e aquela era a casa do veado. Meu Deus eu não tinha nem sete anos!

Um dia perguntei para minha mãe sobre o motivo da escolha de meu nome. Ela me disse que havia visto numa lata de lixo. Achei estranha a resposta. Com o passar do tempo descobri que a irmã da D. Carmelita, a querida D. Ceci, numa visita na casa delas me revelou a existência de um Josias que era irmão delas. Ela me disse que ele gostava de estudar e escrevia livros e que eu era parecido com ele neste aspecto. O tempo voou entre a "casa dos veados" e da minha visita na casa de Ceci.

Eu cria que o nome fosse oriundo do rei Josias da Bíblia, o que também foi verbalizado. Talvez, assim como uma de minhas irmãs tenha o nome escolhido por Carmelita, desconfio que meu nome tenha sido fruto deste irmão delas. Lamento por não tê-lo conhecido e não saber de fato qual a origem de um nome que muito gosto. Seria ciúmes de meu Pai em relação ao Josias? Cresci ouvindo falar de Carmelita e Ceci, mas nada do Josias. Eu agradeço imensamente pelo carinho do nome e espero que não seja da lata de lixo.

Mas a vida nem sempre é o que desejamos. Ela é o que é. Entre o que pode ser ou pensamos que seja. De coisas que não agradamos e de coisas que nos alegram e possibilitam voar em liberdade.

Fiz tantos curativos em feridas. Talvez as feridas cicatrizadas guardem na memória aqueles que nos cuidaram para sarar. Não se esquece que ali houve uma ferida, talvez fique até mesmo uma cicatriz, mas o ato de cuidar através da palavra e de ações são eternizadas na memória.

Num desses grandes dias meu Pai chegou com um pequeno cavalo que depois eu descobri que era um pónei. Era na verdade um pónei fêmea que eu pedi para mim. Como ela era linda! Ela não deixava ninguém montar.

Um dia fui fazer carinho nela e passei a mão em sua anca. Foi um coice que seria certeiro em meu abdomem. Acho que ali eu morreria. Minha sorte é que me puxaram e o coice não me acertou.

Meu Pai tinha umas carroças e cavalos: fazia fretes, puxava areia e tampava buracos nas ruas ou aterrava terrenos prestando serviços na comunidade. Meu Pai não gostava que pegassem os cavalos sem sua autorização. Coisa que alguns de meus irmãos não obedeciam. Eu sempre estava com eles. Às vezes ajudava a dar banho nos cavalos e ao terminar eles rolavam pelo chão. Achava estranho. Mas é a forma deles se livrarem dos carrapatos. Eu não sabia, nem entendia sobre cavalos e carrapatos.

Talvez esta escrita tenha muito daqueles cavalos que rolavam pelo chão impregnados de carrapatos.

O dia amanheceu. Corri para ver o motivo de tanta confusão na Avenida Milão. Fui ver. Era o pónei fêmea. Ela estava arriada e apanhava muito. Não aceitava carregar a carroça.

Por que meu Pai decidiu fazer aquilo?

Se ela era minha, não era para aquele fim. Tive que ver aquilo tudo calado. Talvez os olhos falem tudo...

Foi um gólgota para a coitada. Um tempo depois descobrimos que ela estava prenha. Teria dois pôneis.Em

menos de uma semana apareceu um senhor na porta de nossa casa.

Meu pai havia construído uma casa de laje. Chamou no portão pelo Seu Biu. Ele foi atender. Era um senhor que era o verdadeiro proprietário dela. Ela havia sido roubada e passou por três donos antes de nós.

Ela foi embora amarrada à outro cavalo. Eu não entrava nas conversas, mas sempre estava por perto ouvindo tudo.

Andava por todos os lados com meu Pai e irmãos de carroça.

Um certo dia ele foi buscar nas árvores do cemitério de Bongaba alguidar de barro. No caminho já perto do cemitério eu estava de pé na carroça e vi muitas pessoas lá dentro.

Meu Pai pediu que eu abaixasse. Vi dentro no cemitério inúmeras pessoas vestidas com as cores branca, vermelha e preta. Havia um caixão com as cores vermelha e preta.

Seria um funeral?

Seria um cerimonial religioso ancestral?

Seria o Exu Caveira tão comentado por todos? Seria a tumba da líder quilombola Maria Conga?

Fomos até o local na entrada do cemitério e pegamos as vasilhas de barro. Eu já as conhecia há muito tempo e sabia para que serviam. Eram muito comuns nas encruzilhadas de Piabetá.

A ordem era não olhar, não abusar e obviamente nunca tocar nas oferendas das encruzilhadas. Colocamos todas na carroça e fomos embora.

É na encruzilhada que existem as possibilidades contra-hegemônicas. Aquele espaço guardava uma herança quilombola, nós não sabíamos. No imaginário o que tinha ficado de ancestralidade eram as ruinas abandonadas da igreja de Bongada.

Cada onguidar eram possibilidades epistêmicas de vivências para além da nossa concepção evangélica.



Oferendas na Encruzilhada.
Disponível: https://www.campograndenews.com.br Acesso:28 out. 2022

Viver de fato era muito arriscado na comunidade. Todos os dias, meu Pai ou meus irmãos, buscavam capim para misturar ao “farelim” e cana para alimentar os cavalos. Ele foi buscar capim e me levou junto como de costume. Passamos na casa de um amigo dele que disse que na volta iria separar umas batatas doces que estava colhendo em grande quantidade no quintal. Fomos até a beira do rio. Eu estava brincando na beirada das águas. O barulho do facão do meu pai era o único som por ali. O restante era silêncio. De repente vi a polícia o abordando e ele firme em suas respostas diante das indagações. Eu já sabia mesmo pequeno que policiais eram tão temidos quanto os chamados bandidos em Piabetá. Por fim, eles obrigaram meu velho a ajudar a pegar o defunto que não tínhamos visto até eles chegarem e colocá-lo numa caixa de metal. Suspenderam a caixa e colocaram dentro de um carro. Que vida era aquela?

Tive muitas vivências com meu Pai as quais não esqueço. Várias vezes precisávamos pegar o trem para irmos à capital carioca. Quando aquele monstro se aproximava eu tinha medo porque passava rápido demais e apitava. Eu agarrava a mão de meu Pai. A entrada no trem era desesperadora. As pessoas adentravam pelas janelas e meu maior temor era cair no espaço entre a estação e a entrada que era a porta do vagão. Você pode estar se perguntando: por qual motivo a escolha de escrever Pai com maiúscula e repetir tantas vezes? É uma opção e agradecimento.

Muitos jovens faziam o que depois me contaram que era o chamado “surfe” ferroviário. Iam na parte de cima do trem. Certa vez um vizinho caiu neste fosso. O trem o matou. O pai dele estava num dos vagões. Ambos iam trabalhar. A mãe dele perdeu sua filha devido u m caco de vidro que lesou o intestino. Operaram e ela morreu bebê. Eu de vez em quando era levado pelos filhos dela para a casa da família. Eles me mostravam moedas antigas e eu gostava. Sempre me davam algumas moedas antigas. Gostava do lindo pé de jamelão da casa. Eu creio que minha presença se dava em momentos de intensa tristeza da mãe pela perda da irmã ainda bebê. Quando se deixa de ouvir o engatinhar de uma criança numa casa, pela sua ausência, pela sua ida tão abrupta, reina na alma e na casa um silêncio que doi. Sentia alegria em estar lá, mas jamais seria a filha dela.

Lembro-me de D. Fidelina falar que se ela estivesse viva teria a minha idade. Depois disto, seu outro filho cometeu suicídio ao se jogar de um prédio alto onde trabalhava. Não acreditamos por termos conversado no dia anterior e ele não sinalizou nada para ninguém, nem para

meus irmãos que eram amigos íntimos. Por fim, seu filho caçula foi morto num assalto em um hotel onde trabalhava em Duque de Caxias – RJ. Aquele pé de jamelão eu nunca mais subi. Em várias ocasiões o vi repleto de frutas, a casa vazia num eterno silêncio. Não havia mais vestígios de vida naquela casa e ficou fechada durante anos. Eu achava que ela fosse assombrada e tinha muito medo de passar por lá.

Seu marido a abandonou por outra mulher e ela seguiu sua vida sozinha. Inclusive abandonou o cabo de vassoura que durante anos ela precisava usar para se locomover. Eternamente queridos.

Piabetá basicamente era uma cidade dormitório. Um dia meu Pai precisava resolver algumas coisas em Magé. Entramos no ônibus da Luxor, que naquela época não tinha nada de luxo. Havia a temida curva da morte, na saída do centro de Piabetá. O ônibus estava lotado. Não teria outro naquele horário e meu Pai perderia o compromisso.

Ele me colocou no primeiro degrau da entrada dos passageiros, colocou suas pernas no mesmo degrau e segurou firmemente nos apoiadores de mão de fora do ônibus. Estávamos mais para fora do que para dentro do ônibus. Eu teria em torno de cinco ou seis anos. Pensei que aquele ônibus poderia ter o destino de tantos outros. Torcia para que ao menos adentrássemos o ônibus antes da curva da morte. Na minha cabeça de criança o corpo de meu Pai dependurado do lado de fora aumentaria a chance do ônibus virar na tal curva da morte. Aos poucos as pessoas foram terminando de adentrar e a lata de sardinha teve sua porta fechada. A curva da morte ficou para trás.

Tive dois amigos que praticamente cresceram comigo até vir embora para Minas. Eles moravam no terreno ao lado da nossa casa. Dividíamos alegrias, tristezas e esperanças. No outro lote era de outra vizinha e de quando em quando os filhos dela participavam também de brincadeiras conosco, mas era de maneira esporádica.

Lembro-me de três episódios em que ela gritava pedindo socorro. Ouvíamos os murros nas portas. Meu Pai juntamente com alguns irmãos mais velhos e vizinhos foram até a casa para prestar socorro. Chegavam lá e nada viam. Nada tinha além da própria família. No dia seguinte dividiram o local entre eles para pegar o causador dos transtornos. As pancadas na porta começaram. Um irmão que estava escondido atrás de um poço da casa disse em voz alta para os outros:

- Dá cachaça para ele. Não é gente não!

Em nossa casa sempre recebíamos visitas. Meus irmãos mais velhos sempre traziam alguém para dormir conosco. Eram momentos alegres. Certo dia um deles contou e o outro confirmou que viam velas percorrendo a casa. Soltas no ar, sem ninguém, no meio da noite. Minha mãe disse para elesque ali possivelmente tinha sido um terreiro de macumba. Não foi o primeiro relato. Havia um caminho de acesso de nosso terreno, passando pela igreja aos fundo para sair noutra rua. Um dia alguém da família contou que viu umas velas, uma luz, debaixo da escada da igreja flutuando sem ninguém.

Ouvindo as conversas um dia ela havia contado que revirando o terreno encontraram algo feito de tecido. Como me contou um benzedor de matriz africana durante a pesquisa: lá estava o fundamento.

- Você foi o único filho que nasceu naquele lugar: tem um fundamento. O fundamento nunca acaba. Podem contruir um prédio lá. O fundamento continua.

Nossa comunidade era marcada pelos festejos de Folia de Reis. Eram várias Folias e uma não podia encontrar com a outra. Era briga na certa. As Folias de Reis de Piabetá eram ligadas ao candomblé, mas eu só fui descobrir isto quando estava grande. Era uma melodia com acordeon, pratos, violões e vários outros instrumentos e muitos cantos populares.

Alguns fantasiados lindamente e com máscaras de couro de animais vinham dançando e dando cambalhotas. Os saltos eram impressionantes. Eu chorava de medo. Um dia um deles que eu creio que me conhecia me pegou no colo e disse: - Sou eu Josias. Eu não sei até hoje quem é. Deve ser alguém amigo da família.



Folia de Reis em Piabetá atualmente. Acesso em 28 out. 2022

https://www.vice.com/pt/article/kbp4bw/entre-o-profano-e-o-sagrado-no-role-dos-palhaços-da-folia-de-reis

Fui criado numa Igreja Batista. Muito de minha educação veio do convívio nesta igreja. Minha mãe estava "desviada" da Assembleia de Deus. Naquela época era tudo muito rigoroso: as roupas deviam praticamente cobrir todo o corpo, nada de pintar unhas ou maquiagem. Minha mãe nunca gostou de pinturas e sempre usou anáguas. A igreja não permitia instrumentos que eram usados no rock como guitarra ou bateria. Futebol também não era permitido. Houve algum problema entre minha mãe e a igreja mas nunca deixaram de ser amigos do pastor fundador da igreja.

Os Batistas tinham feito um culto debaixo de uma árvore. Minha mãe se aproximou da cerca dos fundos. Estavam ali reunidos os pioneiros da Igreja Batista em Maurimárcia. Lembro com muito carinho da igreja simples de parede sem embolso e de um lampião a iluminar a igreja. Quanta coisa mudou de lá para cá. O fato é que meus pais eram de origem evangélica. Havia entre Batistas e Assembleianos uma rixa.

Os Batistas eram mais liberais nos hábitos e costumes o que era taxado como demoníaco pelos Assembleianos. Além disto, entre os batistas não havia o falar de línguas estranhas, o batismo com o Espírito Santo e nem as chamadas revelações. Nos cultos Assembleianos a musicalidade remontava a sambas de roda. Lembro-me quando os batistas passaram por uma cisão entre os tradicionais e renovados. Os renovados criaram a Convenção Batista Nacional, os chamados tradicionais e suas igrejas seguiram filiados com a Convenção Batista Brasileira. Quanto aos Assembleianos com o passar do tempo foram se multiplicando. Eu percebia pelas ruas inúmeras igrejas e cada uma tinha um chamado "Ministério". A Assembleia se espalhou pela comunidade e pelo Brasil mudando bastante sua doutrina. Com o passar do tempo vi o número de igrejas neopentecostais crescendo para todos os lados de maneira intensa. Até o cinema de Piabetá, primeiro cinema onde assisti um filme, assim como em inúmeros locais do país, viraram Igreja Universal do Reino de Deus.

Quando bem pequeno ouvi minha mãe conversando com uma pessoa que disse que meu Pai estava caído bêbado num determinado boteco. Ela se enfureceu. Deu ordens para que meus irmãos arriassem o cavalo e fossem com a carroça buscar meu Pai. Eu nunca tinha visto alguém naquela situação.

Quando ele chegou eu chorava muito. Pensei que estivesse morto. Entraram com ele para casa. À noite eu não conseguia dormir p or medo, pelo cheiro de cachaça e pelas falas de minha mãe irritada com aquela situação.

Depois disto, meu Pai resolveu voltar para a igreja. Não demorou muito tempo houve uma confusão lá em casa e se não fosse um irmão da igreja meu velho teria dado uns tiros numa pessoa. Ele tinha um revólver escondido em casa e queria resolver no tiro a situação. Tudo aquilo era muito confuso para mim.

Eu tinha medo de dormir naquela casa. Eu me cobria todo e só deixava a ponta do nariz para fora. Era um calor insuportável, mas o medo era maior. Urinava na cama e demorei para superar esta situação. Eu pegava os lençóis e ia lavar no sítio escondido. Tinha medo e vergonha. Lembro-me que um dia minha mãe fez para mim um lençol com sobras de tecidos jeans. Eu acordei mastigando a beirada do lençol sonhando com doces.

A maior assombração para uma criança é a injustiça social.

Por falar em doces a Baixada era o lugar mais doce do mundo no dia de São Cosme e Damião. Pena que eu era uma criança evangélica. São Cosme e Damião tinha muitos devotos entre as famílias católicas, mas nada parecido com o Candomblé de Piabetá. Meus dois amigos corriam todos os locais em busca de doces. Juntavam muitos doces. Sempre dividiam comigo que comia escondido. Doce é doce. Criança é criança. Antes deles se converterem, assim como os pais deles, me contavam coisas do Candomblé. Era um mundo diferente, apesar da demonização dos adultos. Depois nos juntávamos a outras crianças para brincar.

Um dia estava passando por uma rua e vi pela cerca um bolo no chão numa casa com mulheres vestidas de branco e muitas crianças. Era um bolo lindo e grande. Uma senhora vestida de branco perguntou se eu queria entrar. Disse que não. Eu me arrependo até hoje de não ter dito sim e comido bolo até não mais aguentar. Se a ditadura militar não dividia o bolo com as crianças a macumba dividia e era de glacê branco.

A vontade por doces era muitas vezes saciada por farinha com açúcar. Não éramos liberados para irmos em aniversário de outras crianças. Certo dia, D. Nazaré fez o aniversário para a filha dela. Teria bolo e suco. Ela pediu para que minha mãe liberasse a gente.

Eu creio que ela teria ficado com dó. Quando ela disse que podíamos ir tomar banho e ir na festa quando chegamos no local muitas pessoas praticamente incrédulas diziam: - A D. Leni liberou as crianças.

Ela era rígida. Mas sabia onde estava vivendo e talvez projetava nos filhos coisas que ela teria passado em suas vivências. Nunca esperou meu Pai para resolver as demandas de casa. Ela mesma resolvia.

Quando bem pequeno lembro-me de meus irmãos tomando conta de vacas. Um dia uma senhora chegou desesperada e disse:

- D. Leni o Tim enfiou o cabo de vassoura no "cu" da vaca. – Coloco aspas, sei que é cloaca, mas ela falou cu que não é o orifício por onde passa a linha da agulha.

Ela foi lá. Tirou o cabo de vassoura da vaca e veio dando cacetada nele até chegar em casa. O último pedaço ficou na mão dela. Ele correndo e ela querendo bater mais.

O tempo foi passando e cada um foi tomando seu próprio rumo, mas meu pais sempre ajudando:

Joel casou-se com uma moça em Mauá. Lembro-me da Kombi que foi nos buscar. As portas não fechavam. Era preciso que todos entrassem e o motorista passou uma corda pelo lado de fora. Chegamos na igreja em Mauá tão simples e imponente num pequeno morro. Fomos para a festa: tinha farofa de frango servida no pratinho com maionese. Um luxo para meu estômago.

Por algum motivo eles foram morar nos fundos lá de casa. Minha cunhada teve trigêmeos. Uma morreu no parto. Foi uma luta conseguir leite materno para as outras duas crianças. Um dia ela falou para minha mãe que tinha muitas formigas no berço da criança. Ela examinou a criança e disse:

- Leve para o médico. Não é um bom sinal. Formiga em criança é morte minha filha. Corre com ela. – De fato a criança morreu.

Ficou somente uma criança. Tiveram mais uma filha e depois eles se separaram. Ela conheceu um milionário americano e mudou-se para os Estados Unidos. Nunca deixou de fazer contatos e ajudar minha Mãe.

As coisas não estavam boas para Creusa. Meu Pai foi visitá-la em Niterói e achou melhor que ela fosse morar perto da família. Depois de um certo tempo ela foi trabalhar no Hospital da cidade e minha Mãe tomava conta das filhas. Certa vez o marido dela desapareceu. Estaria morto? Começaram a procurar por ele nos Institutos Médicos Legais - IMLs da região. Um dia ao levá-la para casa em meio à penumbra vi na parte de traz do ônibus, próximo ao trocador, o marido dela.

- Pai, Jackson está dentro do ônibus.

A minha irmã brutamente disse:

- Você tem certeza?

- Era ele sim. - Tive medo dele descer do ônibus e parar em outro local e depois eu ser maltratado por ela como em outras vezes como quando minha mãe ficou no hospício quando na primeira internação fiquei na casa dela. Era uma vida muito atribulada.

Ela disse: - Pai vai na frente e espera na esquina lá de casa . – O ônibus fazia uma curva por outras ruas que daria tempo para fazer o que ela pediu.

Ele desceu do ônibus. Entramos para casa. Voava copo para tudo quanto era lado.

- Pai dá umas “porradas” nele.

Meu Pai conversou e disse para acalmarem. Fomos embora. Depois eles se ajeitaram. Segundo ele, o sumiço foi devido uma enchente em Petrópolis. Ele foi ajudar. Era militar da reserva da aeronáutica.

Alencar casou-se também e foi morar no que havia sobrado da casa vagão de trem. Depois conseguiu uma casa melhor. Deixou se ser eletricista, após ter mandado uma pessoa para o mesmo lugar que não é o orifício por onde passa a linha da agulha, para ser peixeiro.

Jairo engravidou a filha de uma irmã da igreja. A mãe da mocinha era considerada como irmã de sangue de minha mãe. Os pais estiveram em nossa casa e com muita educação conversaram com ele para que casasse com ela. Ele disse que não queria. No outro dia ouvi minha mãe gritando com ele que se não casasse era para esquecer dela enquanto mãe. Ela pegou um pau para bater nele. Ele pulou a janela e fiquei um longo período sem vê-lo. Ele ficou na casa de D. Maria. Uma grande amiga da família. Mãe de Santo respeitada na comunidade e sogra de meu irmão que tinha se "juntado" como diziam à época, com Rosemery sua filha, minha querida cunhada que há muitos anos não a vejo. Jairo decidiu casar e teve seus filhos. Depois de muitos anos contraiu segundas núpcias.

Com esta mudança no perfil da família sempre estávamos juntos aos domingos. Sempre havia inúmeros problemas e confusões, mas eu me sentia feliz por ter por perto meu Pai e minha Mãe. Comemorávamos o aniversário de meu Pai. Ele começava a falar que era "dia dos anos dele" com meses de antecedência. Sempre comemorávamos juntos o dia das mães, dia dos pais. Sempre cabiam as pessoas queridas de nossas vidas em nossa casa. Havia amorosidade e reciprocidade em meio a toda e qualquer dificuldade.

Lembro-me de pessoas que povoavam o imaginário das pessoas do bairro e da minha infância. Uma delas era o Senhor Praça, ou Seu Praça. Era um senhor de pouca fala, sempre com as mesmas roupas a empurrar seu carrinho de mão sem a menor pressa. Alguns pais falavam que ele levava criança teimosa e desobediente. Quando o via eu tinha muito medo. Um dia encontrei com ele no boteco do Seu Fidélis. Geralmente eu chegava para comprar alguma coisa e sempre tinha alguém em oração que remetia a uma espécie de cântico. Eu ouvia a oração que não era em português e o toque de uma espécie de sino budista. Eu chamava e sempre tinha alguém para atender. Quando Senhor Manoel estava em prece eu chamava a D. Maria e de vez em quando quem me atendia era a filha do casal. Vinham me atender e eu comprava pão ou

outra coisa e ia embora. Um dia Senhor Praça estava tomando um refrigerante. Tomou um copo e pediu para eles guardarem o restante e foi embora. Não pensei duas vezes e voltei para casa o mais rápido possível.

Pedia de quando em quando para meu Pai "uma prata", o que hoje chamam de moedas. Quando tinha ele me dava. Eu ia ao boteco do Seu Fidélis e comprava umas balas que tinham um papel com desenhos de pessoas com roupas e cabelos black power anos setenta. Os papéis das balas ficavam molhados. Um dia disse em casa sobre as balas e veio a resposta:

- Ele chupa e enrola no papel novamente. – Eu creio que era uma estratégia para não pedir mais dinheiro para bala.

Num dia de fazer compras minha mãe deu a ordem de que eu e uma de minhas irmãs ficássemos em casa. Era proibido sair.

- Josias, vamos na casa da D. Joana. As meninas estão lá e vamos chupar limão com sal.

- Não vou. Se a mãe chegar vamos apanhar.

- Eu vou.

Quando meus pais chegaram a pergunta:

- Onde está sua irmã?

- Mãe eu não sei.

- Se estiver mentindo apanha você e ela.

- Ela foi na casa da D. Joana chupar limão com sal.

Minha mãe saiu como uma caninana. Bateu nela da Rua Vinte e Quatro, Milão até chegar em nossa casa.

Sinceramente eu não entendia o motivo daquilo. Entretanto, eu creio que era devido à violência. Muitas meninas eram cobiçadas por marginalizados. Eu creio que ela não queria a vida que muitas tiveram ao se relacionar com eles.

Não conseguia entender o motivo de tantos crimes e violências na comunidade. Sempre havia uma quadrilha dominando o crime local. Sempre minha mãe me levava para ver pessoas mortas nas ruas.

- Esse é o final de quem segue esse caminho. - Falava.

Num certo dia minha mãe disse que era para ir para a escola. Essa tal de escola era um lugar estranho para mim. O que eu ouvia eram relatos de uma escola onde dois irmãos de idade mais próxima da minha iam estudar numa escola chamada de "Escola da Beira do Rio". Lá colocavam os que não aprendiam de joelho no milho. Aquilo me dava aflição. Ir para um lugar assim? Veio uma enchente e carregou a escola que estava num péssimo estado. A outra referência é mais antiga, da época dos meus irmãos mais velhos. Eles estudaram numa Capela muito antiga em Bongaba.

Lá me despedi de muita gente. Lá é o Cemitério de Piabetá. Minha mãe relatou que ouvia o sino de bronze da casa dela e sabia quando era o horário de entrada, recreio e saída. Quando estava maior perguntei para ela:

- Mãe onde está o sino?

- Ladrão roubou.

- E a pia batismal onde batizaram o tal Duque de Caxias? – Aquele lugar onde batizaram uma criança como tantas outras foi erguida num contexto de exclusão e os corpos que ali foram enterrados repetem as mazelas vergonhosas da desigualdade e injustiça social no Brasil.

- Também roubaram.

- E o altar de madeira talhada?

- Cupim comeu tudo.

Depois de muito anos o lugar virou um de lixão. Um enorme lixão.

Nós morávamos no local e não tínhamos a menor ideia de que aquele local que tanto nos assombrava era uma igreja do século XVII. Para muitos a igreja foi feita por escravizados.

Lá eu me despedi de muitas pessoas da comunidade. Muitas delas mortas de maneira violenta e brutal. Fiquei feliz ao descobrir que lá é uma Comunidade Quilombola.



Capela Nossa Senhora da Piedade do Inhomirim

- Igreja do Cemitério de Bongaba -

Disponível em https://dami.museuimperial.museus.gov.br
Acesso em 28 out. 2022.

Quando criança eu fui com meus pais num velório na capela do cemitério. Estava sentado observando tudo o que acontecia. De repente uma mulher se aproximou do caixão e colocou alguma coisa discretamente. Eu achei estranho. Algo me dizia que era preciso falar.

Fui ao ouvido de minha mãe e disse:

- Mãe aquela moça colocou alguma coisa no caixão.

- Você tem certeza... Eu te arrebento se não for verdade.

- Eu vi...

Ela chamou meu Pai e disse para ele o que eu havia dito. Ele se aproximou de um dos parentes do defunto e me perguntaram em que lugar do caixão precisariam mexer.

- Nos pés.

Eles tiraram as simples flores do caixão próximas aos pés. Acharam um papel e um nome.

Aquela situação ficou comigo durante anos. Conversando com algumas pessoas me disseram que há uma simpatia que você coloca o nome do marido ou esposa alcoólatra no caixão de um defundo que não tomasse bebida alcóolica. Feito o enterro a pessoa deixaria o vício.

O que falaram á época é que era algo para fazer mal para o nome que tinha sido depositado no caixão.

As perspectivas diferentes até mesmo quando se fecha um caixão e o enterra. Um nome. O que o defunto carrega: o vício ou outra vida? Talvez o defunto carregue muitas vidas e viva em muitas outras.

Fico feliz ao saber que retiraram do local o lixão ilegal e que estão dando o devido tratamento ao patrimônio histórico de Bongaba. Mas na minha infância eu tinha pavor daquele local.

Além dos defuntos um jornal de grande circulação havia noticiado que um morador havia visto um dinossauro no local. Creio que isto se deu por conversas, devido o abandono e sensacionalismo do jornal. Eu enquanto criança achava que aquilo era um sinal do final do mundo, não

daquele pregado pelo pastor, mas por conta de morar num local onde um bicho gigantesco poderia aparecer e nos matar. Sumi da rua por uns dias.

A Escola Corujão e o Hospício.

Minha mãe comprou o uniforme que tinha um estilo militarizado e bastante ridículo. Odiava aquela roupa que mesclava verde, amarelo, azul e branco de extremo mau gosto. Fui para a escola no centro de Piabetá. Era longe para nós. Minha mãe foi no primeiro dia comigo e outra irmã e depois "se virem". Aquela escola era um inferno.

Minha Mãe ia fazendo o serviço de casa e ouvindo rádio. Tinha a Rádio Relógio. De minuto em minuto uma voz feminina anunciava as horas com aquele som de relógio antigo. Que em seguida era a vez do "Você Sabia?". Era sempre uma "curiosidade" que em nada me interessava. A gente precisava era saber das horas.

Quando começava aquele relógio, a voz da locutora, depois o tal do você sabia aquilo ia agitando minha cabeça. Para piorar eu não sabia amarrar os cadarços e tinha medo de pedir para minha Mãe ensinar de novo.

A rádio ia transmitindo o minuto, outro minuto e mais outro... Que aflição!

- Tá na hora gente de ir embora! – Gritava minha Mãe. – Ao que ela acrescentava:

- Vão com Deus! – Mas o inferno era o mesmo.

Com o tempo me levaram para uma outra escola. E a rádio agora era a Tupi. Tinha o Programa da Cidinha Livre. Falava de tudo. Ela criticava novelas, o autor, as atrizes e atores. Xingava político. Era uma catarse o programa. Depois vinham as notícias dos crimes dos Departamentos de Polícia. O locutor falava a Delegacia de Polícia onde havia ocorrido o fato, as chamadas "DPs".

Os locutores interpretavam tudo aquilo com grande maestria e talento. As onomatopeias, os falsetes, a reprodução de sons de animais, o grito das pessoas, o tiro... Eu creio que era uma tragicomédia. Ao final de cada caso tinha uma frase. Uma delas era: "Bobeou... Dançou!" com

uma cuíca entre uma palavra e outra. Na hora que eu estava tomando banho começava um locutor com as “Crônicas Urbanas”. Eram casos baseados em fatos reais de extrema violência. Mas eu nunca ouvia o desfecho da história.

Uma vez foi o caso de uma senhora que tinha um filho e colocou no forno... Minha mãe não ouvia rádio evangélica tipo Melodia FM. Talvez o rádio só tivesse AM. Talvez fosse o gosto dela. Talvez ela era um ser AM.

No Corujão lembro-me de viver fugindo da sala superlotada, com o quadro que vivia dividido, ora ensinava para um grupo ora para outro, não guardei na memória a fisionomia da Professora. Só lembro-me dela me ajudando a preencher as linhas pontilhadas ajudando-me por trás segurando minha mão.

Vi uma vez um aluno que sentava na minha frente na fila pegar uma gilete e cortar o couro cabeludo de outro aluno.

Fugia quando queriam mexer nos meus cabelos. Eles cortavam por causa de piolho.

Chamavam para tomar leitura ou tabuada e eu desaparecia.

Parecia um presídio para crianças, o Corujão para mim nunca foi uma escola.

Antes de ir para a escola eu tive que conviver com a questão manicomial em minha família. Minha mãe sempre falava que meu Pai havia fugido do hospício em Petrópolis.

Ele me explicou que houve uma enchente em Piabetá. Juntou suas coisas e pulou o muro. Antes de meu Pai falecer cuidei dele um tempo. Brincava com ele que se não obedecesse eu iria denunciá-lo para que o hospício em Pedras Brancas viesse buscá-lo mesmo depois de tantos anos. Ele foi um dos melhores pacientes que já cuidei.

Eu estava com uns cinco ou seis anos quando minha mãe começou a ter “crises de nervos”. Naquela época tudo era motivo de ir para o hospício.

Gigante, Eclâmpia e Omulu – Roupas da Vida Quarando.

Tínhamos um cavalo querido chamado Gigante e uma cachorra bastante brava com os de fora. Era carinhosa com os da família e era chamada de Bolinha. Gigante era montado sem sela pelos meus pais e irmãos. Minha mãe estava limpando a casa do sítio e ele um dia entrou.

- Gigante você acha que é gente? – Relinchou como sempre nos respondia. Ele ficou um pouco e se retirou com a alegria presente de termos alguém tão querido. Ele era todo branco, muito forte e gracioso. Creio que ele tinha um trato diferenciado. Na verdade ele era de minha mãe. Meu Pai tinha um carinho especial por ele diferentemente dos outros pangarés. Não se cogitava a hipótese de barganhá-lo destino de tantos outros.

Certo dia a cadela Bolinha que vivia amarrada no portão de casa foi mordida por um cachorro com raiva e ela mordeu o cavalo. Era uma época que se dizia que o mês de agosto era de "cachorro louco".

A cachorra morreu.

Um de meus irmãos foi pegar o Gigante como de costume. Ele atacou meu irmão e ele correu. Um outro irmão tentou se aproximar e foi mordido. Ele escapou do pasto rompendo a cerca e saiu pelas ruas atacando as pessoas.

Meu Pai e irmãos conseguiram encurralar o Gigante para ele entrar dentro do pasto. Colocaram uma corda nele que mordia de sair sangue pelos dentes.

Meu Pai foi chamar a polícia que cobrou um dinheiro para ir matar o cavalo. Não dava para contar com eles. Meu Pai e irmãos conseguiram encurralar novamente o Gigante e colocaram uma corda, mas era difícil contê-lo.

Meu Pai disse para minha Mãe: - Vá para dentro de casa e leve as crianças. – A última coisa que me lembro é dele mordendo desesperadamente o querido pé de flamboyant. Fui para dentro da casa.

A escuridão num dia claro: o tiro.



O Gigante e as Flores Amarelas – Acervo pessoal

Gigante estava morto.

Quando saí da casa estava sendo cavado a várias mãos o lugar onde seria sepultado Gigante. Todo mundo gostava daquele cavalo. Decidi ir ao sítio buscar umas flores de intenso amarelo e uma folhas verdes. Ninguém lá estava e com minhas mãos abri uma pequena cova para plantaras minhas flores prediletas. Assim nos despedimos.

A violência aumentava no local. Crianças que brincaram na infância com meus irmãos se revezavam no comando da criminalidade. A chamada Polícia Mineira – não sei até hoje porque esta expressão. O fato é que no final matavam um comandante do crime, mas logo depois brotava outro. Paralelamente filhos de amigos começaram a ser mortos inocentemente.

Creio que este fato somado a outros fatores levaram minha mãe a sucessivas internações no hospício de Guapimirim. Era ruim ficar sem ela. Um dia fui no hospício visitá-la. Vi um outro vizinho com problemas mentais que saia pelas ruas pelado. Ele pediu da ala masculina para meu Pai arrumar um "heliscóptero" e tirá-lo de lá. Era chamado de João Maluco por muitos. As inúmeras cordinhas do pavimento superior que pediam dinheiro ou cigarros. Cheguei ao portão. Fiquei do lado de fora. Meu Pai entrou. Ouvi ela dizendo lá de dentro do outro lado do portão:

- Josias meu filho, sou eu sua Mãe. – A mão dela estava magra e pálida na parte de baixo do portão fechado.

Depois ouvi meu Pai falando que minha Mãe estava grávida.

Lembro-me de meu Pai contando que minha mãe poderia morrer se a pressão continuasse subindo. O que era pressão? Minha mãe morrer? Ela estava grávida creio que aos quarenta anos.

Minha mãe teve uma pré-eclâmpsia e diferentemente dos partos dos outros filhos foi levada para o hospital de Piabetá. Lembro-me dela chegando em casa e entregando o caçula nos braços de um dos meus irmãos mais velhos chamado de Tim.

- É o seu presente! Todos muito felizes. Meu Pai com cerca de cinquenta e cinco anos era pai novamente. A criança nascera no dia do aniversário de Tim.

Ouvia as histórias do que havia acontecido. Mas pouco entendia.

Minha Mãe contava enfurecida que ouviu as enfermeiras falarem:

- Depois de tantos filhos, depois de velha está aí fazendo charminho. – Ela contorcia a boca de ódio quando lembrava disto. Segundo suas

falas reincidentes ela ouviu uma voz em seu ouvido dizendo: - Omulu! – Quando ela desfaleceu. No dizer dela:“apagou”.

Os dias se passaram. Os vizinhos do lado antes de se converterem tinham uma ligação com o candomblé. Estava minha mãe e eu na cozinha. Quando ouvimos um barulho. Era o irmão da proprietária do lote que estava bêbado.

Gritou dizendo que iria colocar cachaça para Omulu na entrada do portão.

Minha mãe disse um palavrão. Um Psiquiatra que virou amigo próximo da família ensinou-a a xingar quando estivesse muito irritada ou quando os filhos estivessem dando muito trabalho visto que já eram rapazes e estavam a sair pelas noitadas. Ela ficava desesperada com medo de acontecer com eles o que estava acontecendo com os filhos dos outros pioneiros do bairro:

- É esse desgraçado... Mas o sangue de Jesus tem mais poder! - A demonização dos orixás. Algo complexo na História do Brasil.

Quando eu era um erê fui na cachoeira do Rio do Ouro com meus irmãos. Vi uma pessoa que se comportava e falava como uma crian ça pequena sentada numa pedra. Do outro lado ouvia-se cânticos evangélicos e pessoas sendo batizadas nas águas falando línguas estranhas na descida do Espírito Santo. São inúmeras topogêneses!

Com o tempo indaguei os motivos de minha mãe ter xingado Omulu. Conforme fui crescendo, estudando e me abrindo para entender a fé e as outras pessoas entendi que Omulu a havia protegido da morte segundo a tradição Iorubá.

Ele é o orixá que tem forte ligação com o mundo espiritual, entre os vivos e mortos, dos cemitérios, hospitais e tudo que é ligado ao universo dos cuidados e da saúde.

Meu irmão Tim fazia uns fretes para a vizinha que tinha a casa assombrada. Eu mesmo vi de um banco da rua uma assombração gigantesca pulando de maneira descomunal o muro alto da casa dela. Era uma noite quente de verão e devido os mosquitos e calor estava eu e dois irmãos mais velhos sentados num banco quando apareceu a assombração, olhou para nós três e depois pulou o muro. Comentamos o fato e entramos para casa. Quando se conta algo como aqui escrevo parece uma fantasia, mas não é. Estas coisas são muito estranhas e até mesmo difíceis de serem explicadas. Minha mãe já havia colocado fogo em esterco de vaca e enfumaçado a casa toda: os mosquitos saíram e nós entramos com calor e tudo.



Minha mãe Leni quarando as roupas em Piabetá-RJ – Acervo pessoal

A senhora da casa assombrada ia de carroça fazer despachos nas cachoeiras de Piabetá. Creio que na minha cachoeira predileta, Rio do Ouro. Tim pegava o cavalo e a carroça escondido de meu Pai o que o deixava extremamente irritado. Além de ganhar uns trocos creio que ele também tinha uma ou umas namoradas neste movimento.

O esposo dela era um senhor budista e não queria ela na "macumba". Temendo que meu irmão contasse para a esposa teria feito um "trabalho" como muitos dizem para tirar a vida de Tim. Sendo minha mãe uma mulher de Omulu com Ogum, orixá de meu irmão, por determinados motivos ela o protegeu. Seria este o motivo. Eu creio que tenha mais coisas nesta história, mas o que obtive de informação foi isto. O fato é que segundo a tradição Iorubá Nagô todos os seres humanos possuem seus orixás, suas energias vitais.

A cultura africana é tão viva quanto os Orixás. Em outras culturas é mitologia. No caso de nossos ancestrais é presença viva.

O fato é que este irmão caçula nasceu no mesmo dia de meu irmão mais velho. Chegou em casa com uma coloração na pele estranha. Quando minha mãe desfaleceu, a crianças nasceu. Quando chorou as enfermeiras se deram conta de que aquele parto elas não fariam.

Os dois são filhos de Ogum, por mais que não saibam, ou se souberem nada comentam. Minha mãe é filha de Omulu, Ogum e Iansã. Meu irmão caçula praticamente não foi criado próximo deste irmão, mas a personalidade e físico são muito parecidos. E num dado momento da vida eles se encontraram. A filha de minha mãe e meu pai dois anos mais velha que eu é filha de Ogum.

Aos poucos fui entendendo um pouco mais da cosmovisão dos meus ancestrais iorubás o que me ajuda muito a entender as relações humanas e a vivência.

Omulu salvou minha mãe dentro da cosmovisão Iorubá. Não foi matá-la por mais que ela seja evangélica e se recuse a respeitar outras cosmovisões. Então que seja Jesus Cristo, Oxalá e o Espírito Santo ou o fogo vivo da justiça de Xangô. Ela é uma pessoa que sonha com

mortos, tem sonhos envolvendo a vida futura e quando ela fala sobre alguém pode-se escrever porque simplesmente acontece. Ela já viu acordada mortos queridos e pessoas que a odiavam.

Foi o caso de uma senhora que a odiava. Ela viu a pessoa e disse:

- Some daqui sua infeliz porque o sangue de Jesus tem poder.

É tudo dimensionado por ela na concepção judaico-cristã descartando-se qualquer outra possibilidade. O fato é que um dia dialoguei com ela e ficou em silêncio anuente.

- A senhora ama todos seus filhos, mas seus filhos de predileção são fulano, ciclano e beltrano. - Ela ficou calada e deu um sorriso contido.

- Mãe, na visão de nossos ancestrais eles são filhos de Ogum. Teria que se fazer os jogos de búzios, mas algumas pessoas eu percebo nitidamente. – Enquanto conversávamos vi o velho facão de meu Pai já enferrujado perto do fogão.

- Mãe, este facão já tem quantos anos?

- Muitos anos meu filho.

Fui embora. Muitas vezes é preciso deixar a vida seguir seu fluxo. Ser grato por tudo e entender num intenso processo amoroso que as pessoas podem e devem fazer suas escolhas e ter suas decisões respeitadas mesmo na cumplicidade da mentira e ardilosidade ent re pessoas do mesmo sangue.

Muitas coisas aqui não vou escrever. Talvez, se um dia tiver oportunidade e competência, gostaria de escrever uma novela ou um romance, com elementos fictícios e reais.

Fui uma criança enjeitada. A vida me preparou para a luta. Aprendi a caminhar sozinho com pessoas queridas que sempre brotam com vigor. Valorizo minhas escolhas, derrotas e conquistas. Talvez por isso também tenho enquanto pai uma certa vigilância na minha relação com meus filhos. Eles sim são a melhor coisa de minha vida.

Muitas vezes querido, admirado e na reversão da admiração sinto um distanciamento pelas minhas escolhas de ser simplesmente quem eu sou, mais nada. Nasci num lar regido por Ogum, mas descobri que sou filho de Xangô e Omulu. Não nasci na minha casa espiritual. A Geografiae a História foram fundamentais para eu me tornar uma pessoa mais aberta para a vida e a diversidade. A sala de aula era pouco. Eu preciso de práxis no cotidiano enquanto Professor e para além dos muros escolares. Quando me abri para o outro vi que a vida é muito mais linda na possibilidade amorosa da multiplicidade. Odeio arapucas!

Quando me levaram para a segunda escola, sem sentido, sem nome na minha existência, onde até hoje não sei a localização geográfica, talvez na entrada de Piabetá. Preferia as árvores, os pássaros, minhas brincadeiras, os cavalos e até mesmo seus carrapatos, os barrigudinhos e as raras piabas, mas não aquele lugar. Tinha umas mesas de escolas antigas e lembro-me de uma Professora que vinha num ônibus chamado Viação Estrela.

Lembro-me dela gritando comigo uma vez, não sei o motivo, não sei nem mesmo o nome. Eu creio que ela estava colando um cartaz e pedi para ir ao banheiro. Lembro-me tendo que decorar tabuada, de ter que aprender hinos militares nesta outra escola sucursal do inferno.

Certo dia, os militares passaram com centenas de homens em marcha com armas, tanques e caminhões. A Professora fechou a porta da sacada da sala e pediu para a gente abaixar e não falar nada. Depois me informaram que eles estavam a caminho de Petrópolis pelo Caminho do Ouro. Eu só ia para a escola porque eu era obrigado.

Creio que nas primeiras duas escolas que passei a leitura e escrita não foram assimiladas por mim. Lembro-me um dia, creio que antes de ir para a escola, minha mãe apareceu com a bendita da cartilha. Falou algumas coisas. Estava brava. Eu dei meu jeito de me livrar logo daquilo. Entretanto, uma irmã não conseguia juntar a consoante “b” com as vogais formando o fonema da sílaba. Eis o que seria talvez um diálogo:

- “b” com “a”?

- Pa – Repetia-se a explicação. A resposta era a mesma. Panelada dada na cabeça encerrado a “lição de casa”.

Nos últimos tempos com a pesquisa para o doutoramento, minha mãe falou que minha avó ensinou-a a ler antes de ir para a escola. Será que ela era assim também? Até nisto o passado escravocrata no Brasil tem um grande peso: o castigo para quem não aprende. Creio que os avanços em termos de leis como o Estatuto da Criança e Adolescente – ECA foram fundamentais como política pública para se coibir tais práticas que eram tão comuns entre a camada popular.

Algum tempo depois o Governador Leonel Brizola inaugurou um Centro Integrado de Educação Pública - CIEP em Piabetá, no meu bairro. Meus amigos, vizinhos de minha casa, contavam que lá tinha café da manhã com fruta, almoço com carne, lanche da tarde, biblioteca, quadra. Tinha passeio em Museus, cinemas e parques. Era tudo que eu queria! Não havia vaga para todos. Mas fiquei feliz porque meus dois amigos de brincadeiras foram contemplados.

Os vizinhos falavam muito de Brizola. Eu me tornei um Brizolista aos poucos desde criança.

Eu percebi que eu precisava assumir minha vida. Não havia o devido suporte em casa. Não por culpa de meus pais. Meu Pai era analfabeto, minha mãe sempre repleta de trabalhos. Ela tinha filhos e netos para cuidar, inclusive um caçula que tinha uma diferença de sete anos de idade em relação a mim.

Fazer comida, dar banho, cuidar do sítio junto com meu Pai, lavar roupa sem água encanada, tudo na mão. Não havia creches públicas. Por um tempo meu pai começou a trabalhar numa firma que limpava o valão do bairro. Trazia uma sopa que vinha numa sacola. Bastava adicionar água e cozinhar para nos alimentarmos. O encarregado um dia disse que para comer a sopa ele deveria permanecer no local de trabalho.Contestou e disse que tinha direito ao horário de almoço em casa. Na verdade o encarregado não queria que ele fosse para casa e levasse a parte da sopa em pó para a família.



Borboletas em La Mancha, Vladimir Kush.

https://arteeartistas.com.br Acesso em: 28 out. 2022

Meu Pai era meio advogado. Estava sempre em busca de informações sobre o que era de direito para que não lhe “passassem a perna”.

Gostava quando meu Pai recebia e íamos fazer compras. Minha mãe dizia:

- Não me peça nada! – Eu nada pedia, nem água. Ás vezes orava para ela perguntar se eu queria alguma coisa.

A compra era “com os pés no chão”. Tudo era vendido no peso. Assim, minha mãe comprava primeiro bastante fubá. Nossa alimentaçã o tinha muito angu. Além disto, o feijão bandinha, o arroz extremamente quebrado e macarrão. A base era esta. O restante era o que dava para se fazer.

Minha mãe fazia refogado folhas de batatas-doces e uma folha que tinha numa cerca que depois de grande descobri que eram folhas de ora-pro-nobis tão importante como fonte de proteína. De vez em quando minha mãe matava uma galinha. Ovos eram geralmente das galinhas de nosso galinheiro.

A igreja estava reunida para o culto de oração na quarta-feira à noite. Havia o momento dos cânticos do Cantor Cristão que todos levavam juntamente com a Bíblia. Depois era o momento da leitura bíblica, mais um hino ou corinho e os pedidos de oração. As pessoas faziam seus pedidos externando suas dificuldades, angústias, desafios e em algumas vezes a gratidão por uma bênção. Após este momento as pessoas davam as mãos e começavam as orações. João teve alta do hospício de Guapimirim. Estava conosco e fez a sua oração que era mais ou menos assim:

Senhor... abençoe a alface, o tomate, o quiabo, o bife de porco acebolado, o churrasco, o arroz, a farofa, macarronada, frang o assado, linguiça frita, carne seca, a coca-cola e o guaraná Pakera. Em nome de Jesus, amém.

Muitas pessoas riram da oração. Mas eu creio que houve ali uma total ruptura com o que era instituído e nos oprimia.

Gosto muito do angu de minha mãe. É um angu diferente de todos que já vi até hoje. Quem a ensinou a fazer foi minha avó Djanira quando ela casou com meu Pai. Dizem que era uma pessoa bastante complexa e ácida. Era uma mulher que segundo relatos quando dizia qu e “uma panela era de ferro, mas na verdade era de barro, ninguém a convencia”.

- Leni você não sabe fazer angu. Não tem força nesta munheca não? Vou te ensinar a fazer angu.

Aquele angu, que tanto gosto que traz a ancestralidade puri e negra de minha avó paterna. Mas não sei fazer. Era bem amassado e feito com bastante fubá e exige que se mexa com força. Ao final o angu ganha uma consistência e gosto singular. Interessante que quando fui trabalharnuma comunidade rural não muito distante de onde meus pais moravam a diretora da escola, que era descendente de italianos, contou-me sobre este angu que para ela é polenta. Que era feito da mesma maneira da minha mãe e avó porém por cima eles cobriam com bastante salsinha, cebolinha e queijo Minas. Era cortado com linha.

Sempre que possível tínhamos um porco em casa. Quando nasciam os filhotes eu os via mamando e pouco tempo depois eles desapareciam. Criava uma afeto pela porca e depois ele era morta. Logo depois eu esquecia. Juntava-se madeira e fritávamos torresmos e carnes. As pessoas queridas apareciam. Alguns pedaços eram encaminhados para vizinhos e pessoas que enviavam sobras de comidas para engordar o porco. Ali havia uma alegria que nos ligava às terras ancestrais de meus pais: Ponte Alta de Minas.

Vivíamos como podíamos. Às vezes com um pouco mais, muitas vezes de menos. Muitas vezes recebíamos sopas da Legião Brasileira de Assistência - LBA. A pobreza é uma produção histórica e muitas vezes se assenhora das pessoas de determinados espaços geográficos.

A Maçã de Caetano e Kush como Desejo: a Faca e os Vermes Cotidianos.

Uma noite eu comecei a passar muito mal. Creio que tinha em torno de quatro anos. Comecei a sentir muita dor abdominal e evacuava muito. Meus pais estavam construindo uma casa de laje para deixarmos a casa em formato de trem. As dores foram se intensificando. Eu evacuava geralmente nas bananeiras. Mas como era noite e havia um pouco de claridade eu comecei a evacuar dentro da obra.

- Biu vamos lá pra baixo – Era o termo usado para se referir à capital, Rio de Janeiro.

- Nesta hora?

- Não vou perder outro filho. Esta memória talvez seja oriunda da perda de Fani.

Ela viu que eu estava desfalecendo. Fui para o centro de Piabetá no colo de meu Pai no meio da noite. Lembro-me do trem antigo chegando de madrugada na estação. Fomos atendidos no Hospital Souza Aguiar. Retornamos no velho trem com suas cadeiras de madeira. Nunca gostei da estrutura sanfonada de um vagão para outro.

Meu Pai começou a se coçar. Levantou-se e passava a mão pelo corpo.

- Está cheio de percevejo – Disse minha Mãe.

Naquele vagão, na meia luz, na penumbra por onde o trem passava eram os percevejos, meus pais e eu. Sentia-me fraco.

No outro dia o apetite desapareceu. Nem a batata amassada eu conseguia comer. Boa para fortalecer o organismo e cortar a diarreia e prender o intestino segundo minha Mãe.

- Ele não está comendo nada - ouvi minha Mãe falando com meu Pai.

Eu queria comer maçã. Daquelas que ficam no papel de ceda. Como na poesia de “Caetano Veloso” cantada em “Trem das Estrelas”. Sempre que ouço esta música lembro-me desta memória.

Ser levado pelo meu Pai e minha Mãe no colo pela escuridão de um bairro ermo, em meio ao perigo, caminhando de Maurimárcia at é a estação de trem em Piabetá é uma atitude de amor. Em meio aos desencontros da vida, talvez, sejam esses momentos que nos fazem de fato seres humanos.

- O que você quer comer?

- Maçã.

Comíamos maçã em caso de doença. Eu guardava o papel de seda da maçã, pela beleza, pelo cheiro.

Talvez essas vivências me possibilitaram ver o mundo pela janela. Eu passei a ter encantamento por janelas. As janelas do ônibus e do trem são como molduras de paisagens. São infinitas! Aos poucos fui perdendo o medo do trem.

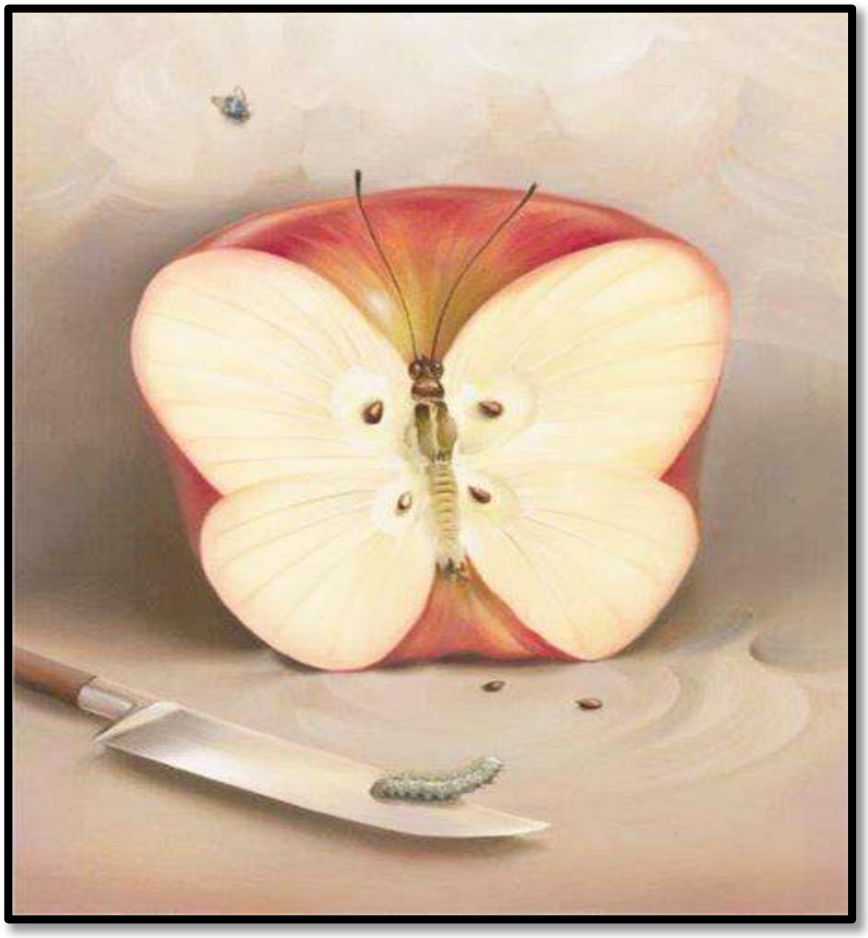
Lá estavam as janelas que mais me encantavam. Elas não terminam nunca por ser vida. Talvez somente terminem quando eu fechar os meus olhos. Eu tenho fascínio pelas paisagens da vida tão lindamente escritas por Caetano Veloso, da mesma maneira que não esqueço o som do trem a se locomover mesmo depois de tantos anos.

Ao nascer numa "cidade dormitório" as janelas me trouxeram a possibilidade do sonho, da observação. Por que falamos tantos nas portas, não que elas não mereçam, e deixamos as janelas como algo secundário? "Abrir as janelas da vida", as "janelas do coração" ou incluir: " abrir as portas e janelas da vida" ou " as portas e janelas do coração". Quando vejo, toco e sou tocado, degusto a vida e seus sabores, ouço o que me revela a vida, sinto-me na janela do trem e ouço seu som que é da minha infância, das minhas vivências, da minha memória que não é só minha.

Eu creio que nosso ser tem várias molduras. Lembro com saudades dos tempos chuvosos e de frio. Num lugar muito quente, muitas pessoas não agradavam. Gostava das chuvas fortes que enchiam o córrego de frente à minha casa e nele podíamos nadar. Como era bom ver aquele mundo de água passar pela "pinguela" feita pelo meu Pai para termos acesso ao sítio.

Não esqueço de um dia que começou a ventar fortemente. O dia virou noite. Todos nós pensamos que era o final do mundo. O Salmo 91 ajudava a ter fé naqueles momentos. Lembro-me de muitas árvores que foram arrancadas pela força dos ventos. Mas depois a vida voltava ao normal onde de vez em quando eu pedia um pouco de açúcar para colocar na farinha de mandioca para matar a vontade minha e das lombrigas por doces.

Eu queria mesmo era mais maçã!



Maçã Borboleta. Vladimir Kush

https://arteeartistas.com.br Acesso em 28 out. 2022

De tempos em tempos principalmente durante o verão intenso eu ouvia o alto-falante de uma Kombi que parava pelas esquinas das ruas do bairro. Eu corria e pegava as garrafas que geralmente eu juntava e deixava num canto para serem vendidas para o ferro velho. Quando menos esperava eu corria e estava lá para não perder a Kombi e pegar meu picolé:

- É a Kombi da garrafa! Com três garrafas você leva um picolé ou um pintinho... – Era o som de três alto-falantes em cima da Kombi ligados ao microfone do moço que não parava de falar.

Eu chegava na esquina. O moço abria a porta da kombi. Era aquela quantidade de pintinhos a piar. Eram centenas de "piu, piu, piu..." nos meus ouvidos naquele lugar abafado e sempre com alguns que não aguentavam e morriam. Os donos da kombi lá deixavam os falecidos pintinhos como se nada fossem. Queria o picolé, mas e aquele mar de amarelo pintinho a piar? Deixava de lado a ideia e vontade do picol é. Entregava as garrafas e levava o pintinho entre minhas mãos. Minha mãe tinha um galinheiro. Quem sabe ele sobreviveria ou seria adotado pelas galinhas? Se os filhotes delas sobreviviam quem sabe ele teria a mesma sorte? Quando ouvi a tal kombi novamente desisti de ir até lá, depois de tantas tentativas fracassadas de salvar algum daqueles bichinhos.

Durante um período de minha vida, creio que por volta dos nove ou dez anos, eu dormia às vezes na casa de uma das minhas cunhadas para sair em meio à escuridão, sem vermos basicamente nada, para irmos a um matadouro de porcos. O que nos iluminava era a lanterna de um vizinho dela e caminhávamos juntamente com outras pessoas na madrugada. Ao chegar ao local passávamos por uma estreita passagem que nos levava à beira de um valão. Sempre tinha alguém aguardando em nossa frente a espera do que também queríamos: tripas de porco para levarmos para casa e comermos.

Era preciso respeitar a ordem de chegada e havia uma razoabilidade miserável na quantidade a ser levada por cada um. Geralmente ouvíamos o porco gritar e descia em seguida a água com sangue. Ao abrirem a barriga do porco descartavam pelo grosso cano as tripas. Eles sabiam que o povo pobre ia lá. Tanto que criaram uma espécie de tanque para que não caísse diretamente no valão.

O dia amanhecia, o sol aparecia e a fome também. Esperávamos, esperávamos e esperávamos. Em meio à espera algumas pessoas "de sorte" tinham em meio às tripas e fezes um fígado ou bucho de porco jogados no tanque. Quando chegava a nossa vez entrávamos no tanque comnossos chinelos. Com a mão a gente apertava a tripa e íamos até seu final para uma primeira limpeza. Enchíamos as vasilhas e íamos embora. Na única vez que minha Mãe foi ouvimos de uma senhora que disse que estava enchendo muito de gente de fora e quem morava no local estava sendo prejudicado. Não voltamos mais.

Pobre nasce, chora e se vira!

Dormi na casa alugada por um de meus irmãos na estrada que levava ao cemitério. Lugar ermo. Eu tinha muito medo. Mas eu precisava ir porque se não fosse minha cunhada ficaria sozinha. O grande problema era que meu irmão era servente de pedreiro e de madrugada os amigos gritavam seu nome para juntos, com suas marmitas, em meio à escuridão, atravessarem o local até a estação de trem de Bongaba. Meu irmão era um jovem de dezoito anos, ela tinha creio que dezesseis ou menos. Depois que ele saia alguém ia até à janela e porta da sala e cozinha e batia dando murros. Ficávamos desesperados. Eu dormia num pequeno corredor perto do quarto deles. Tinha medo de dormir sozinho na sala. Tempos depois eles alugaram outra casa na Rua Vinte e Quatro. Meu irmão havia conseguido uma vaga de pintor noturno na Refinaria Duque de Caxias –REDUC.

Numa manhã meu irmão chegou em casa beijou sua bela esposa e como sempre carinhoso brincou comigo. Foi buscar pão na esquina no Sr. Ary. Foi e não voltou. Meu Pai pegou uma bicicleta e foi no amigo nordestino que falou que o camburão havia levado Jairo.

Ele foi levado para a Delegacia de Piabetá. Segundo o Delegado ele tinha as características descritas por uma senhora de um jovem que havia cometido um furto em Piabetá. Prenderam cerca de quatorze menores. Cada dia da ausência era um grande sofrimento. No primeiro reconhecimento, a mulher furtada apontou-o como o furtador. Para piorar a situação ele tinha ido trabalhar, tinha testemunhas, mas não havia batido o ponto naquela noite. Aquilo revirou todos nós. Era a moda dos cabelos longos e encaracolados dos anos oitenta. Havia me ensinado a arrumar o cabelo com neutrox, um condicionador da época que ele comprava.. Infelizmente estava com as cores das roupas descritas pela mulher.

Eram todos negros. Um dos presos foi Dudu, irmão do Neném Regula, filho do Senhor Justino que dizia que "o filho dele estava pagando por algo que ele não fez". Aquilo deixava minha mãe muito irritada. Todos sabiam o caminho que ele estava tomando na vida.

Pobre arrumar advogado era muito difícil. As cartas dele quando chegavam eram lidas para todos nós. Escrevíamos para ele. Todo dia alguém levava comida devido a precariedade da comida dos detentos. A prisão era extremamente quente e lotada. Eu ficava do lado de fora. Os vizinhos, amigos e irmãos da igreja iam para nossa casa orar. Meu Pai ficava de joelhos com o tronco inclinado com o rosto no chão. Aquilo mexia muito comigo.

Meu Pai não dava trégua para o Delegado. Foi decidido em família uma passeata em Magé. Chamamos todos os amigos e vizinhos. Sabíamos da inocência dele. Eu era bem pequeno mas lembro-me que levamos cartazes, faixas, papel pardo, canetas, pincéis e chamamos a Rádio Tupi. Iniciamos a passeata e fomos pelas ruas do centro até chegarmos até a Delegacia de Magé.

- Queremos justiça!

- Queremos justiça!

- Queremos justiça!

- Tirem o Jairo da cadeia!

As vozes reunidas eram extremamente fortes.

Uma pessoa apareceu na porta que haviam fechado e disse:

- Não é aqui que vocês devem ir. É no fórum. Para lá fomos. Lembro-me de um senhor que vivia lá em casa ajudando os moradores. Creio que ele queria ser vereador. Ele subiu num local mais alto e fez um discurso a plenos pulmões. Todos aplaudiram o famoso Brizolinha. Poralgum motivo ele desapareceu do Bairro.

A Senhora que acusou meu irmão tinha filhos. Eles foram assaltar uma sapataria famosa em Piabetá. Quando o padrasto que manda va os enteados furtarem adentrou na Delegacia disse:

- Jairo, o que você está fazendo aqui?

- Sua mulher está dizendo que eu roubei.

Esse Senhor foi uma das testemunhas que confirmaram que meu irmão era trabalhador. A senhora foi chamada para confirmar se de fato teria sido Jairo novamente. Quando perguntaram se era meu irmão, ela disse que não tinha certeza. Que teria se confundido.

Meu irmão foi solto. Na porta da Delegacia a festa. Até um policial celebrou a saída dele. O advogado disse que ele poderia ingressar com uma ação contra ela. Ele disse: - Vou seguir minha vida.

Chegou em nossa casa, onde a esposa dele permaneceu conosco durante muitos dias. Poucas vezes vi tanta felicidade na comunidade. Seu corpo estava tomado de micose. Aquele lugar era um navio tumbeiro. A vida seguia. Era preciso seguir.

Jairo sempre foi um irmão carinhoso comigo. Ele um dia me levou na loja e disse: - Escolha um tênis. Eu escolhi o que eu achei mais bonito. Eram dois cadarços em cada sapato. Fiquei triste quando faleceu seu primeiro filho no parto. Jairo Júnior era a cara dele. Foi enterrado num cantinho do cemitério de Bongaba. Um caixão pequeno branco. Fiquei na casa deles durante o período que sua esposa fez um acompanhamento médico em Niterói no Hospital Universitário e foi confirmado que ela estava grávida.

Ele e esposa me levaram a primeira vez na Praia de Mauá que ainda não estava totalmente contaminada. Era a praia da Baixada. Depois me levaram em Copacabana e me ensinou a cortar onda, fazer a manobra jacaré... Perguntei com quem ele aprendeu: - Eu vinha pra cá vender picolé e curtia a praia. Quando dava fome eu comia um pão com mariola. É assim...

A vida em comunidade tem muita solidariedade. Um vizinho arrumou um emprego noturno. A esposa ficava com os filhos pequenos. Não havia vidro nas janelas de metal, somente plástico preto. Uma certa noite um homem mexeu em sua janela. Minha mãe mandou eu ir dormir na casa dela. A casa tinha dois cômodos. No quarto a tal janela. No meio da noite ouvimos o barulho. O medo. A pessoa sumiu. Alguém havia deixado uma carta para ela. Não vi o teor da carta. O marido ficou indignado e meu Pai decidiu arrumar uma emboscada para descobrir quem era

a pessoa. Bil colocou um sobretudo preto que tinha um capuz e ficou mais próximo à casa escondido entre a cerca viva na penumbra. Outras pessoas também arrumaram seus locais. Quando o sujeito foi se aproximar da janela eles foram segurá-lo. Mas ele deu um jeito de correr e sumir.

Escovava meus dentes ora com sal, ora com sabão beira-rio - um sabão muito comum entre a camada popular. Não demorou para aparecerem as cáries. Eu e um amigo vizinho, praticamente da mesma idade levantávamos de madrugada e íamos a pé para a fila do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Socia- INAMPS. O dia amanhecia. A fila aumentava. A fome aparecia. Abriam as portas e nos davam uma guia. De lá íamos direto para o setor de atendimento dentário. Aquilo era horrível. Três médicos atendiam numa mesma sala e o pior: o atendimento era para um dente. Para tratar do outro era necessário repetir tudo novamente. Sempre levava um livro comigo. Não entendia direito o que estava escrito, mas gostava de levar. Foi doado pela D. Anunciada, proprietária do sítio.

Pegávamos água no poço para tomar banho com balde. Para as necessidades fisiológicas limpávamos o ânus com jornal que meu Pai picava do depósito do sítio. Um dia falei sobre papel higiênico e ele me disse que havia melhorado muito porque em Minas eles limpavam com sabugo de milho.

D. Anunciada de vez em quando além da ração comprava bofe para os cães do sítio. Eles eram lindos, os chamados “cães de raça”. Minha mãe fazia o alimento e separava um pouco para a gente. Era uma delícia.

Quando eu tinha em torno de oito ou nove anos eu disse para minha mãe que queria abrir uma caderneta e guardar dinheiro para fazer uma faculdade. Ela achou estranho. Eu comecei a juntar papeis, papelão, alumínio, ferro e vidro para vender no Ferro Velho do bairro. Tinha sempre a ajuda de meu amigo Milton. Ele me ajudava no carrinho de mão. Sempre discordávamos do valor após o peso com o dono do ferro velho. Era muita coisa, era muito peso para pouco dinheiro.

No final pegava o dinheiro e tínhamos um destino: a barraca do Seu Ary, um amigo de meus pais que tinha um bar na Rua Vinte e Quatro. Jogávamos uma ou duas partidas de totó e tomávamos guaraná. Ele sempre deixava para a terra o primeiro gole. Creio que o refrigerante abraçava a terra e assim os Orixás. Ele repetia o que inúmeras pessoas faziam com a cachaça: o primeiro gole para o Santo.

O restante do dinheiro era para a caderneta. Entregava para minha mãe o dinheiro e ela guardava para depositar no banco. Numa dessas o dinheiro sumiu. Minha Mãe fez o papel de detetive e o dinheiro não apareceu. Por fim, um dia, creio que em meio à inflação e recessão do governo Sarney minha mãe chegou em casa e me disse que tinha feito uma compra com o dinheiro e me entregou um chinelo.

Um de meus irmãos tinha uns preás. Eu não cansava de ver aqueles bichos de tão bonitos!

Na verdade era uma estratégia dele para chamar as namoradinhas para nossa casa e no meio da prosa gambelava minha mãe quando discretamente convidava a visita para ir ver os roedores. Elas me davam muito trabalho. Eu precisava arrumar capim bem novo para elas. Quando eu colocava elas comiam um pouco e depois urinavam em tudo. Lá ia eu novamente em busca de mais capim porque é um bicho impaciente. No final, meu querido irmão que vendia biscoito bis no trem de Piabetá à Saracuruna me dava um dinheiro que eu investia em pequenos brinquedos comprados de uma revista de uma moça da igreja.

Um dia decidi limpar a casa dos preás. Era a junção de três portas de vidro com as quatro laterais de madeira. Minha mão não alcançava o fundo. Coloquei meus pequenos pés entre as estruturas de madeira, lá dentro. Foi quando teve um estrondo. Minha mãe correu para ver o que tinha acontecido. Vi que no meu punho da mão esquerda tinha um corte. Sangrava muito. O temor era ter furado a artéria. Fui para o Pronto Socorro na garupa de uma bicicleta com um de meus irmãos. Um pano enrolado e o braço para cima e chegar ao hospital parecia uma eternidade.O que fariam comigo? Uma de minhas irmãs estava de plantão no hospital. Ela auxiliou o médico na sutura. Eu nunca imaginaria que um dia faria tantas vezes a mesma coisa quando crescesse. Não me lembro de nenhum acalento. Lembro-me dela me perguntando três vezes se as filhas dela, minhas sobrinhas, estavam bem e eu disse que sim entre o medo e lágrimas. Assepsia feita, anestesia e a sutura.

Muitas cicatrizes na vida são sem sutura. São cicatrizadas por “segunda intenção”. Lembro-me de um pedinte nas imediações da rodoviária de Piabetá. Eu achava estranho aquele senhor sempre ali naquele lugar. A ferida exposta. As pessoas passavam e doavam um pouco de dinheiro. Um dia meus ouvidos de criança ouviram que estavam recusando ajudá-lo. Ele não deixava a ferida cicatrizar. Talvez este senhor tenha muito a nos ensinar.

Tenho em mente a lembrança de um período onde dia de compra a gente podia comer bife, salada, macarrão com massa de tomate e não urucum. Meus pais perguntavam no dia da compra o que eu queria, uma irmã pedia geléia de mocotó que vinha em copo. Eu pensava bem e pedia uma rapadura. "A geleia uma vez aberta comia-se e acabou. A rapadura durava o mês inteiro."

Como meus pais deixaram uma prateleira do guarda roupas deles para mim - Eu ganhava roupas de D. Anunciada - e observei a forma que eles dobravam as roupas. Não gostava de minhas coisas bagunçadas. Tanto que quando queriam me irritar iam até meus guardados e bagunçavam tudo. Lá eu guardava minha rapadura. Quem me pedisse eu dava um pedaço.

Certo dia entrei no quarto e disfarçaram de maneira cínica me pedindo um pedaço de rapadura. Fui buscar o soquete e a faca. Ouvi risos e falas. Tempos depois o que percebi realmente acontecia: minha mãe e uma irmã confessaram que pegavam rapadura. Não creio que aquilo fosse brincadeira: criança não é boba!

A Prefeitura havia construído a Escola Municipal Vereador Antônio Garcia Filho. A escola tinha quatro salas, secretaria, cozinha e banheiros num local mais próximo de minha casa. Fui estudar com a Professora D. Neuza que trabalhava de maneira sublime com alunos da classe popular. Na terceira série conheci a Professora Maria Voleide. Ela foi minha Professora na terceira e quarta série. Era uma mulher de compostura, carinhosa e severa. Gerações haviam passado por ela. Lembro-me de muitas coisas. Uma delas era que amava os cartazes que fazíamos com todo carinho para conquistá-la. Teve um que era sobre a primavera. Lembro a forma que ela pegou o cartaz de uma amiga. Olhava com carinho e amor e depois reolhava de outros ângulos posicionando a cartolina em posições diferentes. Elogiava e junto com ela escolhíamos os lugares para cada um deles.

Uma vez colocou a turma para tomar tabuada. Creio que eram três alunos por vez, logo atrás mais três e assim sucessivamente. Eu odiava tabuada. E aqueles que não respondiam iam ficando lá na frente. Os que respondiam a tabuada e as contas ela pedia para sentar. Depois ela deu a ordem de que "os sem tábua" ficaríamos do lado de fora no dia seguinte, de frente para as janelas da turma, em posição de sentido até ela deixar entrar.

Chegamos e lá ficamos no sol escaldante. Enquanto os outros alunos ficavam a nos ver de dentro da sala. Depois ela autorizou a entrada.

Noutra ocasião, dividiu a turma em três. Creio que eram os considerados bons, os médios e os fracos. Fiquei nos fracos. Ela t rabalhava intensamente.

Era exigente, mas carinhosa.

Eu fui me entendendo com ela. De três a turma foi dividida em duas. Ela continuou a trabalhar intensamente.

Eu percebi que ela aos poucos foi entendendo minhas dimensões enquanto ser humano. Na Matemátiva eu inventei um jeito envolvendo a subtração e soma para montar em cada prova a minha tabuada. Daí eu conseguia resolver as questões.

A letra e a palavra escrita não me traziam o medo de outrora das cartilhas.

Aos poucos fui também vencendo o medo dos números. Posteriormente quando fui trabalhar com o chamado reforço escolar encontrei inúmeras crianças como eu. A gente dialogava e eu creio que sempre aprendia com elas algo novo.

Voltando para a saudosa D. Voleide ela estava trabalhando com a turma a divisão. Ensinou o método chamado de curto, que até hoje não sei fazer - conversei com minha Esposa que é Professora de Matemática para me ensinar – e o método longo. A D. Voleide disse para a turma:

- Vocês podem escolher qualquer um dos dois.

Como eu havia percebido que a maioria optava pelo método curto eu decidi tentar também. Não conseguia desenvolver a operação. Quando ela passava como de costume carteira por carteira me disse:

- Josias deixe o método curto. Não é para você. – Resolvi minha vida ali. Aquilo não entrava em minha cabeça.

A vida para muitos naquela comunidade era curta. Um dia indo para a escola, quando estava numa esquina próximo a um comércio de amigos do meu Pai, Sr. Luiz, migrante do Ceará, começou mais um tiroteio na esquina de seu estabelecimento na comunidade. Corri para o comércio e esperei acalmar. As portas do estabelecimento foram baixadas. Esperei tudo acalmar e segui meu caminho.



Escola Municipal Vereador Antônio Garcia Filho.

https://www.google.com.br Google Mapas. Acesso em 28 out.2022

Lembro-me de pessoas com boas roupas aparecerem na comunidade falando que havia parentes precisando de órgãos do corpo humano. Numa delas uma família precisava de um rim. No diálogo delicado percebia-se o interesse em se pagar por um órgão.

Lembro-me do terror que houve no local quando começaram a sumir principalmente crianças para o tráfico de órgãos. As pessoas falavam de corpos de crianças aparecendo no cemitério de Bongada sem seus órgãos, em caixões e com dinheiro para enterro. Estranho... Muito estranho. O fato é que no meio deste terror coletivo as pessoas alertavam as crianças sobre as características do carro. Saindo da escola vi o carro. Não era comum ter carro na comunidade, muito menos com aquelas características. Corri para a casa de uma jovem da igreja que também era Professora. Ela me acalmou. Pediu para eu ficar lá. Foi ao portão e olhou. Depois de um tempo, no início do crepúsculo, disse-me para ir embora direto para casa e não parar com ninguém.

A minha turma era enorme. Não tínhamos uma quadra, não tínhamos Educação Física, mas tínhamos merenda, coisa que no Corujão não existia. Na maioria dos dias servia-se sopa de jerimum. Ninguém ia para a fila. Eu ia pegar meu prato e como de rotina voltava para a sala de aula por não termos um refeitório. Eu até hoje sinto falta daquela sopa. Ela vinha em pó com pedaços de soja.

Na semana das mães a Professora organizou com a Turma bilhetes que seriam dados juntos com uma rosa de chocolate. Levei para casa o presente. Minha Mãe ficou muito feliz. Havia um prego na parede da sala. Lá ela pendurou a rosa. Passou o domingo das mães. Passaram-se semanas. De um lado a rosa, do outro um calendário daqueles antigos de borracheiro.

Eu pensei que minha mãe daria o mesmo destino das revistas pornográficas para aquele calendário. Foi colocada lá por um dos meus irmãos. Quanto às revistas ela procurava até achar e picava tudo. Ela viu o calendário. Não tinha outro. Era uma mulher sentada numa moto praticamente nua.

- Vou arrumar uma roupa para essa sem vergonha – Pegou uma agulha, colocou linha e costurou um tecido como se fosse uma saia. - As pessoas riam e ela nem aí para aquilo.

Quanto à rosa de chocolate uma vizinha perguntou:

- D. Leni a senhora não vai tirar a rosa da parede não?

- Não vou não.

- Vai estragar. Ela é de chocolate.

São essas dimensões da educação popular que estão no cotidiano. A confiança na Professora e na instituição escola mesmo diante da precariedade de vida da comunidade ou nas condições de trabalho e remuneração do Professor no Brasil. Daí meu carinho pela D. Voleide, por tudo que ela representa. Aquela Senhora que sempre andava com saias longas e tinha no rosto um batom e um sorriso que quando se abria alegrava nossas vidas.

Nunca me olhou como algo menor.

Todos nós a respeitávamos muito. Ela nos ensinou a levantar quando chegava na sala qualquer pessoa que fosse uma "visita", mas ela pouco sentava no exercício de seu ofício. A Diretora de vez em quando aparecia na sala e falava da aprendizagem da turma. Tínhamos medo até da sombra dela. Era uma senhora negra muito amada e respeitada por todos do bairro.

Eu sempre que assino meu nome tenho D. Voleide comigo. Foi num dia em que estava a preencher o cabeçalho para as atividades do dia. Lá estava escrito: Josias Teodoro Guedes.

Ela estava atrás de mim e viu meu "T" maiúsculo em letra cursiva que era muito estranho, com medo, sofrido, sem vida. Mas eu não conseguia fazer de outra forma e nem seguir o padrão que ficava na parede.

- Apague o "t" Josias. – Apaguei imediatamente como se existisse uma maratona para quem apagasse mais rápido um "T".

- Faça novamente. – Ela viu como era o processo do "T".

- Apague o "t" Josias – Fiquei apreensivo.

- Faça um "i" minúsculo, porém grande e sem pingo. – Fiz o que ela pediu de maneira educada e firme.

Ela segurou minha mão e parecia uma rainha, uma soberana, em fração de segundos me perguntei: “O que ela vai fazer?”

Ligeiramente fez um “teto” lindo para o “i” cursivo que se tornou um charmoso “T” maiúsculo para meu nome.

- Aprendeu? Faça novamente – Eu fiz e disse:

- Aprendi Professora

- Ficou lindo! – Disse a Mestra.

Maria Voleide numa aula conversou conosco sobre termos uma biblioteca na sala de aula. Como faríamos? Naquela época era difícil ter até mesmo um gibi. Fazer trabalhos com colagem era complicado por não termos livros e revistas. Nossos pais se esforçavam para comprar a cartolina...

O diálogo começou com ela que disse que traria alguns livros e revistas para a sala. Eu creio que ela queria algo feito por nós e para nós.

Daí um colega disse que iria pedir as tábuas para o pai dele. Os tijolos quem podia doar deu o nome para a lista. Histórias em quadrinhos, livros e revistas da mesma maneira. Montamos nossa pequena biblioteca. Simples como nossas vidas e nossa comunidade. Não me lembro da expressão “Cantinho de Leitura”. Quem quisesse poderia pegar algo para ler enquanto a vida cotidiana seguia na sala. Aquilo tudo era o jeito dela trabalhar.

Durante muito tempo usou ditado. Mas depois, com sua linda letra, escrevia no quadro o que precisávamos copiar e deixava uma palavra com a ortografia errada. Quando alguém percebia e criava coragem falava com ela que respondia:

- Apaga para mim e escreva o correto. – Você imagina o empoderamento de uma criança pegar naquela época um giz sem ser obrigado e escrever com sua letra no quadro onde estava a escrita de sua Professora?



Mãe da Borboleta em um Livro. Vladimir Kush

https://arteeartistas.com.br Acesso em 28 out. 2022

Esse tipo de atitude nos estimulava a prestar atenção e aos poucos nos mostrava que o chamado erro pode ser um momento de se aprender. Nós éramos outros depois da entrada dela em nossas vidas.

Estávamos no final do semestre. A Professora não apareceu para a aula. “O que houve com D. Voleide?”. Ela teve o que na época chamávamos de derrame, hoje Acidente Vascular Cerebral - AVC. Foi afastada da regência. Estávamos organizando a formatura de quarta série no Clube de Piabetá juntamente com a outra turma do turno da manhã. Organizamos a contribuição para comprarmos um bolo grande e bonito para formarmos. A roupa para as meninas era um vestido branco.

Para os meninos conga preto, meia preta, calça tergal, camisa branca manga longa e gravata borboleta. Teve reunião e um dos assuntos era a formatura. Eu temia as reuniões. Ficava calado e voltava sempre atrás de minha mãe. Quando eu criava coragem eu perguntava:

- Ela falou alguma coisa de mim?

- Disse que você está ótimo. Só gosta de falar muito... – Dava um alívio... Ela percebia que eu me virava sozinho e estava avançando significativamente.

Fui na casa da irmã Erenite para ver a camisa branca e a gravata. A calça era a de uniforme. Faltava o conga. Meu Pai comprou. Experimentei os sapatos.

- Pai ficou sobrando muito... Parece o Bozo – por favor não comparem com o atual ocupante do executivo do país que espero que no segundo turno Lula vença as eleições e comecemos a reconstruir o Brasil diante de inúmeros retrocessos, inclusive na Educação Infantil, onde mais de 95% dos investimentos em creches serão suspensos em 2023 segundo o orçamento do presente ano. Quando estávamos lutando pela Educação Infantil como direito da criança para além da visão de um lugar onde a criança fica para os pais ou responsáveis trabalharem principalmente para as classes populares - O Bozo era um palhaço querido por mim.

- Não esquente a cabeça, o pé cresce rápido.

- Mas faltam poucos dias para a formatura.

- Qualquer coisa a gente põe algodão. – E assim foram-se os dias.

Pegamos o ônibus para a formatura. Meu Pai me acompanhou. Ao entrar no ônibus a maioria estava indo para a mesma solenidade que nós.

Chegamos ao clube. Vi o imenso bolo. A quantidade de cadeiras me dava frio na barriga. Sentei-me. A D. Voleide entrou no salão e emocionados nos levantamos para aplaudir a inesquecível Professora. Ela nos abraçou. A cerimônia iniciou. A composição da mesa. O Hino Nacional. Eu seria o orador das turmas.

Eu creio que me entregaram um papel para memorizar as falas de agradecimento. Depois de tantos anos eu lembro que eu tinha bastante facilidade em memorizar textos.

Não contei nada para a família.

Penso que da maneira deles perceberam que eu era de fato diferente, mas eu simplesmente tocava a minha vida. Sempre preferi o silêncio para muitas coisas. Estava apreensivo. Chamaram o meu nome completo. Meu Pai lá.

Ele sempre teve alegria e contentamento de que naquelas terras os Guedes eram respeitados e constituiu a sua família da melhor maneira possível. Veio o momento da minha fala.

Vi meu Pai feliz da vida! Em seguida veio o inesperado para todos. Seria o momento do anúncio do considerado melhor aluno da E.M. Vereador Antônio Garcia Filho.

Um silêncio gigantesco entre nós alunos e todos os pais e responsáveis. Ninguém sabia que haveria esse momento. Eu fiquei a ouvir. Não imaginava nada. A turma tinha excelentes alunas, principalmente um grupo de meninas muito dedicadas, além de meus amigos que sempre se esforçavam e um apoiava o outro. A turma tinha essa característica de apoio mútuo. Falaram o nome:

- Josias Teodoro Guedes. – Eu fiquei imensamente feliz, mas parecia que não era verdade.

Existem Professores que possuem linha e agulha de benzeção.





Alegria da primeira formatura – Acervo pessoal

Profª Míriam. Eu entre as Profª Maria Voleide e Profª Neuza

Fui novamente cumprimentar os componentes da mesa. D. Maria Voleide feliz. Fizemos uma foto. Eu estava entre ela e a querida Professora D. Neuza que a substituiu e foi minha Professora no segundo ano.

Percebi uma movimentação estranha onde estava meu Pai. Voltei para meu lugar. Logo após as falas finais o encerramento da cerimônia. A maioria dos meus amigos felizes com tudo, outros nem tanto. Foi somente um momento da vida. O que eu mais esperava: bolo do Supermercado Novo Mundo e guaraná!

A notícia se espalhou pelo bairro, pela igreja. Algumas pessoas da casa ficaram felizes e falavam que eu tinha um cabeção não era à toa. Fiquei sabendo que a movimentação durante a entrega do certificado foi devido um pai dizer que eu estava mal arrumado. Meu Pai arrumou confusão ao ouvir a fala. Lembrei-me de inúmeras coisas que ocorreram até concluir a chamada quarta série.

Infelizmente tive que deixar a Escola Municipal Vereador Antônio Garcia Filho. Iria para a escola dos chamados grandes. Para a terrível e também desafiadora quinta série, atualmente chamado de sexto ano. As duas escolas de Piabetá estavam com as turmas lotadas. Minha mãe me chamou e juntos com outra senhora fomos num lugar distante na casa de um vereador. Ele disse que garantiria a vaga. Isto foi no ano de 1988 quando nossa Constituição estava sendo aprovada. Fui estudar no ano seguinte na E. E. Alfredo Balthazar da Silveira bem mais distante de casa. Não cheguei a estudar um semestre na escola.

O fato é que as coisas começaram a ficar cada dia mais tensas em minha casa como eu nunca tinha visto antes. Lembro-me de muitos momentos tensos. Vi mortos de várias formas e em praticamente todos lá estava minha mãe.

Havia um marginalizado extremamente temido por todos chamado Cézar Preto e com ele havia inúmeros outros parceiros do mundo do crime: Ivan, Neném Regula, Margoso, Cláudio, Marquinho, Milton, Dino, Macalé, Cláudio entre outros.

As pessoas comentavam que ele tinha o corpo fechado. Lembro-me tê-lo visto uma única vez. Ele estava comandando o local. Tinha uma guia de Exu cruzando seu corpo. Eles matavam qualquer um que eles desconfiassem que não estava sendo fiel ao seu comando.

Assim como matava aqueles que atravessassem suas vidas e planos em Maurimárcia. Conta-se que num dado cerco seria impossível ele escapar. De-sa- pa-re-ceu. Segundo os moradores ele tinha o poder de desaparecer e ninguém o via. Esta fuga tornou-o mais conhecido devido os comentários e ao mesmo tempo temido na comunidade.

Veio como um vendaval a notícia da chegada da "Polícia Mineira". Entretanto eu creio que a população confundia esta expressão. Polícia Mineira era a expressão usada para grupos criminosos que dominavam um território na Baixada Fluminese. Na verdade, o termo Polícia Mineira no contexto por mim vivenciado envolviam pessoas de outros grupos que se juntavam a outros, inclusive com policiais de outras comunidades da Baixada Fluminense para matar o que aqui nomeio como marginalizados. Eram os matadores de lá.

Estávamos na escola e a Professora pediu para ficarmos em silêncio. Sabíamos quando "o bicho ia pegar". A situação estava tão tensa que o temor era que ele fosse para a escola e pegasse algum profissional ou até mesmo criança como refém. A aula acabou mais cedo. Fui direto para minha casa e meu Pai pediu para entrarmos em oração.

Um policial chamou do lado de fora. Minha Mãe foi atender:

- A Senhora viu a quadrilha do Cézar Preto passar por aqui.

- Não Senhor.

- Aqui nunca ninguém vê nada!- Disse o "policial" com ódio.

Nessas comunidades o silêncio além de ser precioso pode salvar sua própria vida. Tanto que os chamados "cagoetes", como eles chamavam os cacoetes do local, geralmente eram mortos pelos marginalizados. De frente para a porta providenciava-se uma Bíblia aberta no Salmo 91.

Quando o medo apertava eu lia e relia. Depois eu sabia de cor este salmo. Era um mantra que me acalmava. Fechávamos a porta e sabíamos que neste tipo de situação eles só iriam embora quando matassem o Cezar Preto.

Sou filho de protestantes

e creio nas boas-novas

que salvam as pessoas

do Império Romano da espoliação

como o Cristo dos pobres assim pregou.

Lembro de minha mãe me levando para a igreja.

Eu dormia sentado com a cabeça para trás do banco.

Um dia mijei de tão profundo sonho:

- Acorda vamos embora.

A imagem mais bela que tenho em mente

era a do lampião da igreja:

uma luz amarelada

que não dava conta de todo o ambiente.

Mas me encantava.

Era muita escuridão, mas ele era muito luz

para mim que ficava a olhar e olhando dormia.

Fui crescendo: cantava, fazia teatro e evangelizava

Batizei-me aos doze anos.

Aos poucos percebi que o pouco que sabia me bastava:

“Amar a Deus sobre todas as coisas

e ao próximo como a si mesmo”.

Não consigo nem um, nem outro:

Posso tentar.

“E perdoai as nossas dívidas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido...”

Poderia ser:

“E perdoai as nossas dívidas assim como tentamos perdoar a quem nos tem ofendido...”

- Está faltando comunhão irmão – talvez me responderiam.

Fui promotor de Missões

Evangelizar povos indígenas?

- Mas está escrito: ide e pregai...

Fui Batista, Maranata e Metodista

Que céu é esse?

Budista, Muçulmano, Católico, Umbanda e Candomblé

Quais são as cosmovisões?

Entre o céu e as cosmovisões:

Talvez seja o céu de uma noite de domingo quando fui a um culto

todo mundo no fino traje: ternos caros, sapatos de marca, vestidos elegantíssimos.

Minha camisa sem um botão.

Um irmão ex-filho de Xangô

Dono de uma pedreira e de dinheiro na cidade

se aproximou:

- Você não tem outra roupa? Está faltando botão na camisa.

E faltando botão fui embora.

Falta-me um botão: que alegria.

Aquilo me completava

Simplesmente porque ali não havia a simples luz do velho lampião.

Sim, falta-me um botão

Do Velho ao Novo Testamento:

falta um botão que ainda não acharam...

Ás vésperas de uma eleição tensa os evangélicos formaram uma bancada inimaginável para este período histórico que aqui escrevo. Nunca pensei que o Brasil viraria um "Evangelistão", com todo respeito aos evangélicos que respeitam a democracia e não são fundamentalistas. Igreja virou empresa. Máquina de votos. Ao analisar a comunidade onde vivi percebo as dimensões que as coisas tomaram.

Não havia ninguém por nós. Não podíamos confiar na polícia. Marginalizados se espalhavam e se multiplicavam. A ausência do estado abriu caminho para o mercado da fé e espoliação. Não gostava de ir na Assembleia de Deus, tinha medo das chamadas línguas estranhas e revelações. E quando a pessoa "recebia" o que na cultura neopentecostal é o Espírito Santo a pessoa falava e gesticulava de uma maneira ancestral que eu creio não estar preparado para tal. Para uma criança aquela pessoa recebeu alguém que adentrou nele para onde ele foi? De onde veio o que nele adentrou? E a igreja gritava cada vez mais alto e ao mesmo tempo. Eu não estava acostumado por ser de uma igreja considerada tradicional vista por muitos como 'morna" ou que faltava algo, portanto, era algo menor. Hoje percebo o quanto de negritude havia naquele local. Muitas coisas mudaram desde a chegada dos ancestrais africanos e nós estávamos lá. Para além da doutrina apregoada creio que aquelas falas misturadas e altas eram para que alguém ouvisse o que ninguém ouvia – era um clamor para Deus na cultura judaico-cristã e também um grande clamor social . Se aqui na terra nada se resolvia, era no grito, nas falas altas, nas línguas estranhas que se esperava uma solução para os problemas que se multiplicavam. Se ninguém os ouvia e nem deixava falar o pastor dava oportunidade para inúmeras pessoas subirem o altar e verbalizar. Pode parecer tudo muito misturado, e creio que seja mesmo, mas esses espaços de fala e de busca por apoio social, de se "sentir gente" mesmo na espoliação dos dízimos e ofertas de pessoas que viviam aos trancos e barrancos fez muitas igrejas crescerem e se tornou algo problemático no Brasil. Muitos deixaram seus Orixás e o candomblé, mas percebia uma negritude ancestral metaforseada nas igrejas.

Se no catolicismo os Santos Católicos receberam através do sincretismo os orixás, no meio evangélico, pentecostal, os orixás através do "ori" de cada ser humano, independentemente de sua história ou espaço geográfico, sincretizaram-se através das linguagens da manifestação ritualística do Espírito Santo. Renegado, mas creio que houve. Complexo, mas creio que houve. Qualquer tentativa de hegemonia e supremacia repete-se todos os crimes cometidos no passado e presente principalmente contra os negros e povos indígenas. E não é blasfêmia, pois pensar respeitosamente é energia que deveria emanar de todo "ori em sua topogênese".

Ninguém no planeta abandona seu "ori" e a energia que emanana. São linguagens do mais profundo humano, no raso do que pode parecer equivocadamente as vidas destas pessoas e suas vivências. Todos os oris através de seus Orixás respeitam a divina trindade e o Espírito Santo falta diálogo.

Era o que eu percebia na comunidade à época. Atualmente já não concebo da mesma maneira devido o alinhamento da "igreja empresa e casa de show" com o fascismo, fundamentalismo atrelado às milícias que assumem governos e mais governos nas diversas esferas do poder no país. Parece que o processo miliciano achegou-se à política partidária ascendedo aos altares de muitas igrejas e ao cotidiano das pessoas e instituições, inclusive escolas. Os espaços vazios deixados pelo poder público foram ocupados nas comunidades pelo país e aos poucos eles foram lá para ocupar o aparato estatal nas prefeituras, estados e governo federal. Espero que haja uma reforma "protestante" no sentido nato da palavra e em sua origem histórica, mas desta vez a favor dos trabalhadores e renegados pela elite brasileira. As boas-novas do Cristo dos pobres.

Cézar Preto tentou se esconder nos inúmeros terrenos baldios do bairro até que no cerco ele entrou num terreno de uma casa e fez uma criança de refém. Ficou escondido dentro de um galinheiro. A polícia estava com as armas direcionadas para ele. Saiu do galinheiro. Ele com a arma na cabeça da criança. Uma negociação tensa. A polícia:

- Abaixe a arma e largue a criança que não te faremos nada. – Quando ele começou a abaixar a arma com uma mão e com a outra abaixava a criança dispararam um tiro certeiro em sua cabeça.

O corpo ficou no quintal da casa onde a criança e seus irmãos brincavam.

O tempo passava e por um tempo as coisas acalmavam. Depois a criminalidade se acentuava ao nível do insuportável. As notícias iam chegando. As pessoas iam se assustando. Ameaças e mortes. Foi numa dessas que vi próximo da cerca de D. Joana o corpo de Dudu num tiroteio noturno. O corpo ficara no local até o amanhecer.

Falaram novamente da presença da "Polícia Mineira" em Maurimárcia. O final era sempre o mesmo.

A polícia cercou numa esquina Ivan que também pertencia ao grupo de César Preto que estava em uma bicicleta.

Ouvi de casa os tiros. Eram muitos.

Vi a marca de sangue pela rua.

A polícia seguiu-o pelas ruas verificando os prováveis locais que ele poderia estar. Como era um bairro pobre as casas geralmente eram

poucas e distantes. Minha mãe o vira sangrando. Ele fez sinal para que ela nada falasse.

Foi em direção ao cemitério de Bongada onde havia um terreiro de Candomblé. Tentou escapar abandonando a bicicleta e adentrando num matagal onde seguiu o curso de um córrego.

Os Candomblés acolhiam a todos sem distinção. Alguns irmãos meus me contaram discretamente que iam nas festas para comer. Eu sabia quando pequeno que muitos deles iam até o Belô. Um negro alto, gay e creio que Pai de Santo. Creio que aquele ser tenha sofrido muito. Todos eram bem recebidos e acolhidos no Belô. Nunca fui, mas espero um dia ir a um candomblé.

Uma kombi passou com vários homens armados. A polícia perguntou para duas senhoras se haviam visto um rapaz baleado. Elas não disseram nenhuma palavra. Uma apontou com o dedo para o local.

Ao localizarem Ivan disseram que o levariam ao hospital. Ele ficou desaparecido. Até que um dia chegou a notícia de que um raizeiro havia visto na estrada antiga que ligava Raiz da Serra à Petrópolis um corpo em decomposição.

Era o corpo dele. Mais um enterro em Bongaba. Muitas pessoas no enterro com um caixão pingando bicho. Era mais um filho da família de Sr. Justino, um paraibano. Três filhos. Três filhos foram para o crime. Além de Neném Regula e Dudu havia o Wilson que minha mãe aconselhou:

- Meu filho vá para São Paulo antes que aconteça o pior. – Ele possuía parentes por lá.

- Não tem jeito D. Leni. Depois que a gente entra para esta vida não tem volta.

Um dos marginalizados era da geração de meus irmãos mais velhos. A família era pioneira no local assim como os meus pais. Minha Mãe viu todos eles crianças pequenas brincarem com meus irmãos. O apelido dele era Neném Regula. Ele foi o sucessor de Cézar Preto e creio que seu poder se consolidou com a morte de Ivan.

A situação era tão caótica que certa vez, durante o verão escaldante, geralmente dormíamos por volta das duas da madrugada. Para entrar em casa era preciso pegar um pano ou esterco de vaca e colocar fogo para espantar os pernilongos. Pedimos autorização para ir tomar

banho na piscina do sítio como de costume. Estávamos brincando. De frente para a piscina tinha uma frondosa jaqueira e a casa da empregada que vinha com os patrões aos finais de semana. Estávamos conversando. Meu primo e irmão que estavam comigo e já eram rapazes.

Ouvimos um barulho atípico em cima da laje do sítio. Os dois perceberam a presença dos marginalizados no local. Era a chamada Quadrilha dos Neném Regula. Sem falar uma palavra sobre o que viram ficamos mais um tempo e continuamos a conversar por um tempo que parecia uma eternidade, pois mesmo criança eu sabia que eram os chamados bandidos que lá estavam.

- Agora já melhorou o calor.

- Vamos embora Josias. – Fomos embora e o assunto chegou aos ouvidos de meu Pai.

Creio que a estratégia deles era não ter um lugar definido para que a polícia ou um grupo rival não os encontrasse.

Dias se passaram e num deles logo ao amanhecer acordei e acompanhei minha mãe na igreja batista onde havia o culto matutino. Seria mais um culto entre tantos outros.

Iam poucas pessoas ao culto devido as demandas de trabalho . Minha mãe, uma amiga e eu estávamos no primeiro banco. A igreja aparentemente vazia. As duas se conheciam desde quando elas foram para a comunidade. Ela era cearense. Uma mulher muito aguerrida e trabalhadora.

Geralmente as igrejas batistas tem um batistério como referencial arquitetônico num local mais elevado acima do altar. Elas estavam conversando quando uma olhou para a outra e perceberam que Neném Regula e seus companheiros marginalizados estavam no batistério da igreja. As entradas para o batistério ficavam na laje da igreja.

Imediatamente passamos ao momento de pedidos de oração e sentados como estávamos cada uma fez sua oração e fomos embora. No caminho elas comentaram:

- Ainda bem que não falamos nada do que estava acontecendo no bairro.

- Só o Sangue de Jesus para nos dar o livramento. Irmã temo que eles possam achar que nós vamos denunciar onde eles estão dormindo.

Eu vi tantos mortos naquele local que eu nem sei dizer quantos foram. Certa vez na Rua Vinte e Quatro os vizinhos começaram a sentir um odor muito forte. Era uma casa abandonada. Quando voltava da escola lá estava o corpo de bombeiros retirando um corpo. Minha mãe também estava por lá.

Tinha horror a uma casa no início da Rua Onze, mas era a rua considerada menos perigosa para acesso ao bairro. Morávamos no final da "Onze". Era esta rua que interligava Maurimárcia ao centro. Havia uma expressão típica do local: "vou lá fora". O ir lá fora é ir ao centro de Piabetá. Esta casa ficou abandonada durante anos.

Segundo informações a esposa e o cunhado haviam matado o proprietário do imóvel e o enterraram na casa do cachorro. Fizeram u ma massa e tamparam o local. Para onde teria ido o desaparecido? Muitas pessoas perguntaram. Até que alguém desconfiou e denunciou o caso.

Todos esses crimes pareciam não ter fim. E o que muitos esperavam era a paz eterna no reino dos céus, pregadas nas igrejas evangélicas, que não paravam de crescer em número de igrejas e fieis.

Na ausência de justiça social e políticas públicas o crime impera. Ele impera e vai chegar até você olho no olho. Creio que foi o que ocorreu com o Necreto. Ele cumprimentou minha Mãe, uma irmã minha que estava com suas filhas pequenas e eu que tinha menos de sete anos de idade. Estávamos sentados esperando chegar o horário do ônibus. Entrou numa casa em frente ao local onde estávamos sentados.

Logo depois ele saiu da casa discutindo com o morador do imóvel que lhe devia há um certo tempo um dinheiro. O proprietário da casa tirou uma arma e disparou queima roupa em Necreto que caiu. Eu achei que ele estava morto. Foi dado o segundo tiro. Ele imóvel. Saímos imediatamente do local e fomos para nossa casa que era perto dali.

O autor dos disparos procurou meu Pai e disse que era para arrumar uma bicicleta para ele fugir – naquela conjuntura o próximo baleado ou morto poderia ser meu Pai.

- Eu te arrumo, mas você que está levando a bicicleta. Eu não tenho nada com isto.

Necreto foi levado para um hospital na capital. No primeiro tiro ele caiu para não tomar o segundo. Ao dar o segundo tiro a bala atingiu a medula. Ficaria paraplégico. Foi operado e internado, mas não sobreviveu. Seria ele o palhaço que brincou comigo na Folia de Reis?

Ao ler estas narrativas talvez fique a sensação de que o cotidiano era marcado somente pela presença do crime. Eram ônibus e mais ônibus, gente e mais gente para os trens, ônibus e kombis para trabalhar na capital, Duque de Caxias, Petrópolis, Nova Iguaçu e outras cidades. É uma gente que chega em casa nas últimas horas do dia e nas primeiras horas do outro dia estavam lá para a luta cotidiana, para trazer comida e o mínimo de dignidade para casa.

Lembro-me de um dia estar no sítio pegando cajá-manga. Sempre gostei muito desta fruta, até mesmo quando estava começando a amadurecer ou "de vez" como falávamos na Baixada. Inclusive levava na época de corujão cajá ou outra fruta mesmo que ainda verde para aguentar a fome na escola. Estava lá no alto do pé de cajá do sítio quando uma senhora que frequentava a mesma igreja que eu me chamou de umportão. Desci da árvore. Ela tinha nas mãos um pouco de carne.

- Leve para sua mãe e diga para ela quando puder aparecer aqui em casa. - Eu peguei e agradeci. Senti que o odor não era dos melhores.

Era uma senhora que sempre estava presente nos cultos. Determinado dia a dirigente falou do culto nos lares e quem queria receber os irmãos da igreja. Ela levantou a mão.

- Então o culto será na casa da irmã Maria às quinze horas. – Disse a dirigente do culto.

Ao que ela indagou:

- Que horas são quinze horas?

- Três horas da tarde irmã.

Chegamos na sua simples casa. O culto teve início. Num determinado momento ela pediu licença para ir ao banheiro. Ouvíamos ela urinando numa lata dessas grandes de alumínio vendidas com produtos e reaproveitada.

Era osso! Era assim para esta família assim como para tantas outras. Eu sempre a via com as crianças pequenas com um carrinho de mão e ossos de boi. Ela cozinhava e fazia para os meninos comerem com angu, farinha ou o que pudesse comprar com o pouco dinheiro.

E ainda tem gente que defende um governo que após o país sair do mapa da fome voltar ao osso. Osso duro de roer esse fascismo.

Êxodus – Segunda Geração

O que eu não esperava era que a situação em minha família iria mudar bruscamente.

A família de D. Salete havia mudado para Duque de Caxias. Tive a notícia que adentraram a casa onde estava o marido dela e o filho. O garoto se escondeu debaixo da cama do pai que foi assassinado. Ele não demorou a partir da mesma maneira que tantos outros. Mudou para a casa outra família. Lembro-me que a nova família era composta pelo pai, a mãe dele que tinha uma casa em outro lugar, uma filha pequena e um garoto na pré-adolescência.

Um dia ele adentrou lá em casa. Sabia falar da Bíblia e minha Mãe com sua velha mania de debater e questionar quem sabe mais de Gênesis à Apocalipse encontrou uma outra pessoa indagativa e com falas de imposição. Ao que ela nunca aceitava. Ele começou a adentrar na intimidade da família. Meu Pai não estava agradando daquilo até porque havia uma filha que estava ficando moça em casa.

Escrever sobre esses temas da infância é doloroso. Para muitos pode parecer lacunoso, mas o que é completude? Assim como o qu e estou escrevendo faz parte da minha vivência que por mais que se atrele a inúmeras outras possibilidades de narrativas, não é de mais ninguém, porque refletem as minhas vivências em relação à realidade vivida naquele espaço geográfico.

Descobrimos que Paulo era de uma favela da capital e que a Bíblia a qual ele falava era um “anzol”. Era cozinheiro da polícia e havia matado cinco policiais. Percebi nele uma grande malícia e segundas intenções. Ele parou de frequentar nossa casa. Creio que meu Pai foi fundamental neste afastamento.

Paralelamente ele se encontrava com a “Quadrilha do Neném Regula” em sua casa.

Ele começou a roubar cavalos e um certo dia pediu a bicicleta emprestada de meu Pai. Quando ela foi devolvida, meus pais repararam que

havia sangue no “raio” da bicicleta.

- Esse Paulo não vale nada! – Disse minha mãe.

Ele estava organizando uma festa. Foi em nossa casa nos convidar. Minha mãe disse que não poderia ir porque era no horário do culto.

- Não corto o bolo enquanto a Senhora não chegar. – Falou que tinha uma grande consideração pela minha mãe. O que fazer?

Após o culto minha mãe chegou em casa e chamou uma de minhas cunhadas para irem no aniversário. Cortado o bolo cumprimentou a todos e elas se retiraram o mais rápido possível. Ela percebeu que em meio a outras pessoas os marginalizados estavam agrupados debaixo de uma árvore. Entre eles estava Milton.

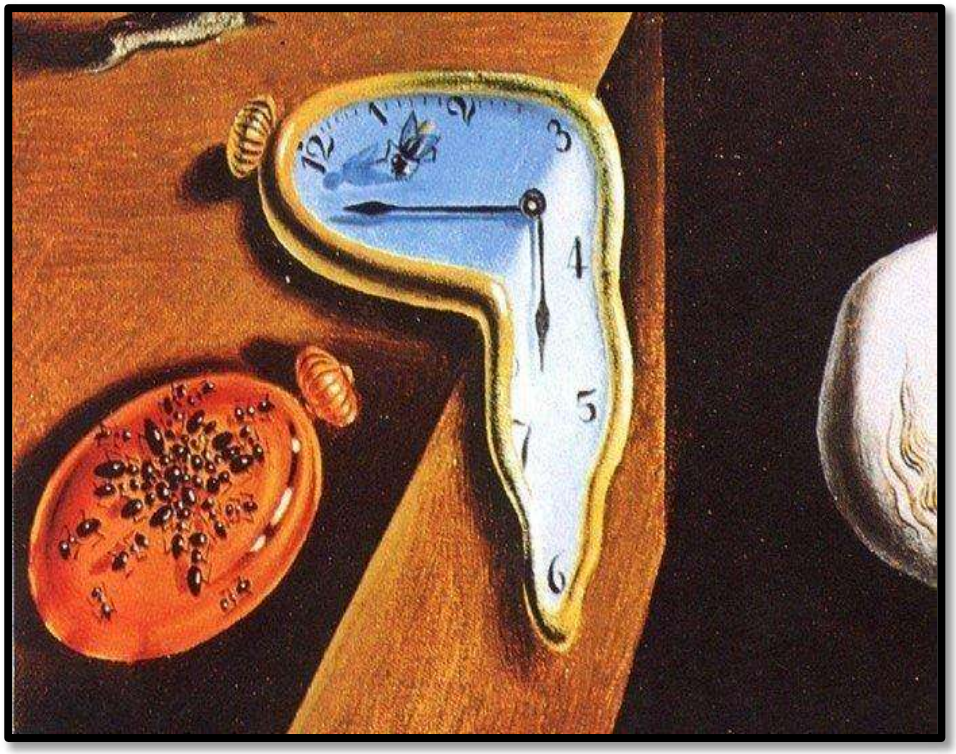
- A Senhora ainda vai ser minha sogra – Disse o aniversariante para minha mãe que o repreendeu.

- Minha filha é uma menina de quatorze anos. Você já é um homem de idade.

Os encontros foram aumentando com a quadrilha do Neném Regula e eram regados a bebedeiras. Numa noite de verão estávamos em casa quando ouvimos inúmeros disparos e um grito de Paulo:

- Que “porra” é essa que vocês estão fazendo?

Tiros, tiros, tiros e mais tiros. Paulo foi assassinado, assim como seu cunhado e um bicheiro. Meu Pai foi obrigado a emprestar carroça e cavalo para eles. Um outro senhor foi obrigado a fazer o carreto. Eu me lembro do semblante de meu Pai após aquilo tudo. Eu tenho certa desconfiança de que ele foi obrigado a levar os corpos para onde os assassinos ordenaram. Espero que esteja errado.



Detalhe da pintura: “ A Persistência da Memória”- Salvador Dali.

https://www.wikipedia.org. Acesso em 28 out. 2022

Meu irmão Jairo continuou com seu emprego na REDUC e precisava pegar uns livros para um trabalho do Ensino Médio quando passou pelo local. Ele percebeu que algo estava errado. Seguiu caminho para nossa casa.

- Pode deixar ele passar. – Disse um dos envolvidos no crime.

Para piorar a situação o garoto filho do Paulo chegou na casa do seu pai logo depois do ocorrido. Foi até nossa casa e pediu para ficar conosco até o pai chegar. Ele estava iniciando no mundo do crime. Ao que minha mãe disse:

- Fica aqui não meu filho. Vai para casa de Maria Cabrita. Teu pai fica direto lá.

Ao terem notícia da chegada do garoto os criminosos foram até a casa de Maria Cabrita:

- Seu pai está com vontade de te ver – Disseram para o garoto.

Mataram-no e enterraram no canavial perto do Senhor Ary.

No dia seguinte minha mãe me chamou para irmos ao local do crime. Ela não deveria ter feito aquilo. Por mais que eles tivessem tentado driblar o que houve era perceptível o horror e caos ali instalado. Houve troca de tiros e tentativas desesperadas de fuga. O que foi confirmado hoje dia 01/11/2022, com minha mãe ao telefone no processo de lapidação e revisão desta escrita:

"- Um dos corpos ficou na vala na beira do lote na encruzilhada que entre a Rua Milão e Avenida Canal".

Objetos quebrados e marcas de sangue. Um ar tremendamente carregado. Minha mãe pegou um talher com cabo de plástico da casa. Por quê ela fez aquilo? Eu tinha pavor de ver aquele objeto e que sempre quando alguém o pegava retomava-se ao assunto da morte mas tudo muito lacunoso. Pulsão morte?

O que houve entre aqueles marginalizados para chegar naquele banho de sangue? Depois de tantos anos retornei aos fatos que envolvem esta escrita. Assim como pensávamos e falávamos na comunidade sobre a chamada "polícia mineira" com uma visão equivocada da realidade e que havia o interesse de domínio de um território: Paulo possivelmente, com suas festanças e aproximações estava sendo investigado pelo grupo de Neném Regula e vice-versa.

Creio que ele queria armar uma emboscada futura e assumir o comando do crime local. Ao ligar para um de meus irmãos ele revelou que um dos irmãos de Paulo era policial e tinha forte envolvimento com o tráfico. Como dizia um irmão meu: "- Malandro que é malandro não trata ninguém como otário".

Aos poucos o motivo pelo qual eu não entendia de termos que ter ido embora foi aparecendo. Percebi uma certa resistência da parte de minha mãe em falar em determinados assuntos. Paralelamente um de meus irmãos foi enfático em partes preciosas. Houve momentos que eu terminava de encaminhar um áudio de meu irmão e minha mãe fugia pela tangente de determinadas perguntas ao telefone. Eu voltava a ligar e perguntava novamente.

Eles não paravam com a onda de crimes. A turma do Neném Regula matou um desafeto e deixou o outro vivo.

Obrigou o vivo carregar o defunto por uma longa distância determinada por eles. Ao chegar ao local mataram o ser humano que fez o "carreto".

Nasci numa comunidade onde arrancar e expor uma cabeça era o castigo máximo. Estuprador tinha as partes íntimas arrancadas e enfiadas na boca. Conta minha mãe que alguns matadores profissionais "matavam para não deixar criar bandidos".

Nasci num país que definitivamente não era, e muitos continuam a querer que não seja de fato, para todos.

Os tempos eram outros. Meu Pai estava tomado por um intenso desgosto, assim como todos nós. A D. Anunciada e o Sr. José Carlos decidiram vender o sítio. Eles eram grandes amigos. Lembro-me dos móveis do sítio etiquetados para serem divididos entre os familiares dos donos e muitos móveis tinham nosso nome. José Carlos retirou as outras etiquetas dos móveis e disse que tudo era nosso: - Todo mundo já temde tudo!

Nossa casa passou a ter até geladeira.

Na despedida ele pediu para meu Pai guardar um tronco bastante diferente de tudo que já vi até hoje, um tronco preto, muito duro, creio que de madeira rara e antiga. Ele pedia para ser montado próximo da piscina em dia de festa para colocar copos para ele beber com os amigos,

não era um tronco plano era repleto de camadas descontínuas. Eu creio que seria de uma madeira nobre. Uma verdadeira obra de arte. Minha mãe ria daquilo e eu queria que ele esquecesse e não buscasse. Era muito bonito.

- Bil guarda para mim que eu venho buscar.

- Vou guardar mas não demora muito que vou por fogo. – Os dois riram.

Na conversa ele disse que os meninos estavam ficando rapazes e não queriam mais passar os finais de semana no sítio. Queriam praia, academia, boate, shopping na capital.

Eu nunca tive restrições para entrar no sítio. Certo dia o novo dono chegou e me viu na piscina. Creio que aquilo tenha sido uma das polêmicas. A partir daquela data ficou combinado que não poderia ser mais assim. O trânsito livre e amizade de outrora chegou ao fim. Um dia o novo dono do sítio chegou com a neta de carro. Meu Pai e o novo dono ficaram a conversar. Enquanto eu e a neta dele ficamos a andar pelo sítio. Ela queria saber da minha vida, se já tinha beijado, como era o lugar e sobre estudos. Era perceptível que ele não agradou daquilo.

Bons tempos quando D. Anunciada chegava de carro e eu estava brincando e continuava. Foi num desses dias que ela trouxe um brinquedo e me deu. Continuei a brincar. Ela gostava de ver aquilo. Quando bem pequeno ela me perguntou se eu queria ser adotado. Gostava muito dos filhos dela, o Erike e Anderson. Nunca mais os vi. Tenho profunda gratidão por ter me encontrado com eles na vida.

Nada estava bom para o novo patrão. Não era diferente para o Bil.

Lembro-me de meu Pai entregando as chaves do sítio. Cada árvore, cada planta, cada pedra daquele lugar tinha a mão dele e de meus irmãos. Eu não ouviria, nem viria mais o canto livre dos pássaros, os morcegos que me davam medo, a coruja do pé de jambo e seus olhos esbugalhados em meio às densas folhas, nem as rãs e sapos...

Num piscar de olhos, assim como nestas palavras, a vida passou.

A quadrilha de Neném Regula fez uma chacina no Rio do Ouro. Em meio aos matagais de Maurimárcia se esconderam numa casa vazia ao final da nossa rua. A notícia da chacina correu rapidamente. Era numa comunidade bastante distante da nossa. Ninguém ou quase ninguém sabia do esconderijo deles.

Minha mãe sabia do local. Entretanto, boca fechada não entra bala de revólver. Até porque ela percebia que o pai de um dos criminosos levava comida às escondidas para eles.

- Bom dia D. Leni. – Cumprimentou Boca Branca caminhando com a comida para alimentá-los.

- Bom dia!

Esperou discretamente o retorno dele. Ele passou com as vasilhas. Pelas costas dele ela disse:

- Assim como Deus abriu a boca da jumenta vai abrir a boca desse homem. - Ao que ele voltou e disse:

- Vou te contar uma coisa, mas fica só entre nós. A Salete recebeu o Zé Pilintra onde estava Neném Regula e todos os outros. Ele disse que quem deu parte para a polícia denunciando a chacina em Rio do Ouro foi o chapeuzinho preto.

Todos sabiam que o homem que usava chapéu preto era o "Seu Bil".

Não demorou a sair a "lista da morte" com quatorze nomes, desta vez com uma diferença: lá estava também o nome de meu Pai.

Os pais dos pioneiros do bairro jamais imaginariam que seus filhos iriam para o crime. Meu Pai era conhecido e respeitado por todos do bairro.

Um dos marginais que morava na rua da Guia chamado Milton queria minha irmã.

Seria tudo isto uma trama para matar meu Pai e assim amedrontar a comunidade com a morte de uma pessoa tão querida e respeitada?

De imediato minha mãe comunicou para meu Pai ir à Carangola e alugar uma casa. Alugou a casa de D. Perina próximo ao trevo da cidade no chamado Pendura Saia que eles chamam formalmente de Santa Maria.

Voltou para Piabetá entregou as chaves e disse para Leni ou Lena como ele a chamava:

- Se quiser mudar as chaves estão em suas mãos. – depois saiu.

Minha mãe desmontava o que podia. Fazia trouxas. Eu enrolava objetos de vidro com jornal e colocava em caixas. Foi quando meu Pai chegou em casa. Tinha ido ao barbeiro. Viu tudo fora do lugar. Minha Mãe:

- "Bi" você não acordou para a vida? Vamos embora.

Eu creio que se não fosse "esse acorda homem" ele e nós morreríamos. Seria mais uma chacina e eu não estaria aqui escrevendo. Mas eu penso que tudo aquilo na cabeça dele era impossível de acontecer. Eu creio que um dos motivos daquela anestesia de realidade era que aquele espaço geográfico tinha muito de sua assinatura, assim como de muitos dos pioneiros. O sítio, que não tinha nome para as pessoas do lugar, era o "Sítio do Seu Bil". A informação real vinha, mas ele engavetava. Em parte eu creio que ele deixou para minha mãe tomar a decisão final.

Fomos embora imediatamente de ônibus naquela mesma noite. Na viagem lembrei-me de um certo dia, num dos inúmeros dias que ficava a brincar pelo sítio de uma jaca que despencou do pé e para azar de uma galinha caiu certeira sobre a ave. Deixei tudo para lá e fui avisar minha mãe.

Ficaram para tomar conta da casa um primo e um de meus irmãos. Na madrugada a turma de Neném Regula foi até a casa. Os dois se esconderam. Eles olharam a casa e perceberam que havíamos ido embora.

O caminhão chegou pela manhã e meu irmão e primo vieram para Minas na mudança.

Era 1989 no final do outono. Estávamos agora em outro espaço geográfico. Eu completaria em setembro 13 anos. Vim para a terra de meus pais, avós e bisavós à fórceps.

Com o parto feito eu precisava me acostumar. Lembro-me perfeitamente da primeira vez que saí de onde morávamos e percorremos praticamente toda a cidade até chegar na casa de Tia Lúcia no antigo Matadouro de Carangola. Percebi a diferença do espaço urbano. Achava interessante ter água encanada em casa. As ruas calçadas e limpas. Iluminação pública durante todo o percurso e uma arquitetura tão específica. Estava mais em paz. O por quê daquilo tudo? Eu não conseguia entender direito.

Lembro-me do aniversário de quinze anos de minha irmã em nossa casa. Pensávamos que o aniversário de quinze anos seria na igreja, assim como de inúmeras mocinhas. Como de costume haveria uma "cerimônia de passagem" onde a menina deixava a boneca, que representavaa infância. Depois adentrava um rapazinho vestido de terno e gravata borboleta e trazia um par de sapatos altos. A jovem retirava os "velhos sapatos" e colocava os novos e era encaminhada para sentar-se num trono. Aquela festa não se concretizou.

A família praticamente toda presente além dos amigos vieram para o aniversário em Minas. Improvisamos um bolo que parecia uma maquete de um bolo de chocolate em erosão, uma vossoroca para ser mais específico. Apesar de tudo havia a felicidade de estarmos reunidos e vivos.

Foram cantados louvores e palavras bonitas faladas. Mas havia ali uma grande tristeza. Ao final do culto foi feito uma pergunta para a aniversariante.

- O que você pediria a Deus nesta data?

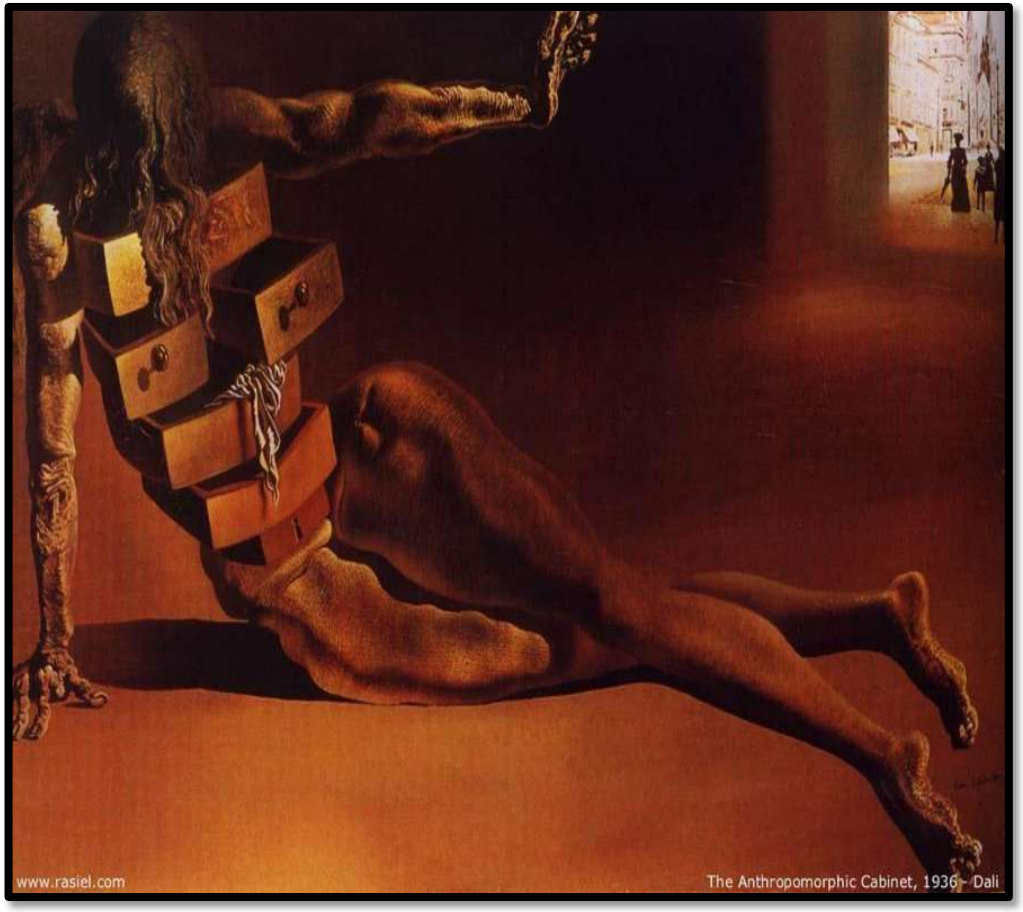
- A morte daqueles que nos perseguiram.

A violência sistêmica beija na marra a injustiça social em todas as dimensões possíveis. Não há Código Penal ou Bíblia que dê conta.

Cerca de três meses depois a notícia de que a "Polícia Mineira" encurralou Neném Regula que morreu cravejado de balas. Milton ao ver que não havia saída deu um tiro na boca próximo ao muro da escola onde eu estudei e aprendi a escrever o "T" maiúsculo com as mãos da Professora Maria Voleide segurando minha pequena mão.

A tumba onde foram enterrados em Bongaba e o tumbeiro navio ancestral pelo Atlântico.

Por onde estará a ratazana? Como foi seu parto?



Gabinete Antropomórfico

https://uobjournal.com Acesso em: 18 nov. 2022



Disseram-me: “O Lugar Chama a Gente de Volta...”

Nenhuma vida se encerra nela mesmo.

Jader Janer

Numa das visitas de parte da família à Carangola chegou a notícia da morte dos marginalizados em Piabetá. Ao que disse uma das filhas:

- Mãe, vamos embora! Eles morreram...

- Não vamos voltar. – disse minha mãe.

Nesta primavera de dois mil e vinte e dois diante de tudo que estou revisitando aos poucos surgem indagações. Conversando com um de meus irmãos mais velhos ele me disse que os outros integrantes da quadrilha tomaram caminhos distintos após a morte de Neném Regula e Milton: um converteu-se para a igreja evangélica, um decidiu ir embora, outro virou militar. Cheguei à conclusão que a milícia estava tomando para si mais um território. O que reforçou que havia em Piabetá um grupo que possivelmente se reunia com “policiais” de Magé, Duque de Caxias e outros lugares popularmente chamados de Polícia Mineira – o que foi confirmado pelo meu irmão em suas lembranças. De fato, como mencionado, na ausência do estado, as milícias se consolidaram, assim como as igrejas foram se avolumando e na minha concepção tornaram-se extremamente fundamentalistas, ao ponto de ter tomado conhecimento via UOL Notícias da postura opressora, xenófoba e, portanto, criminosa do Pastor da Primeira Igreja Batista em Piabetá em atacar os Nordestinos e Petistas após a vitória de Lula no segundo turno das eleições deste ano.

Um certo dia minha Mãe disse após mudarmos para Carangola: - Ponham o uniforme! Vamos para a escola.



A casa onde moramos no Pendura Saia ou Santa Maria – Carangola –MG, Brasil.

- Acervo pessoal -

Coloquei meu uniforme que era da escola do estado do Rio de Janeiro. Fomos caminhando até a E. E. Emília Esteves Marques, uma escola tecnicista da década de setenta, extremamente limpa e bem cuidada. Fomos recebidos pelo Diretor e pela Pedagoga.

Minha mãe: - Boa tarde! Trouxe meus filhos para estudar!

O Diretor foi cordial. Perguntou de onde nós éramos. Ao que ela respondeu às indagações.

- Trouxe transferência?

- Ainda não. Vai chegar. – Disse Leni.

Ao que a Supervisora disse que não poderíamos estudar sem o documento.

- Coloque os cariocas na sala de aula. Depois resolvo isto! – Disse o Diretor para a Pedagoga que encaminhou os alunos fluminenses e não cariocas para a sala de aula onde já havia começado a primeira aula do dia. Comecei ali uma das maiores lutas de minha vida para estudar. Fui para a quinta cinco. Era uma turma extremamente indisciplinada com ótimos Professores. Cheguei exatamente na semana de provas do segundo bimestre. Como ficariam as notas? Vieram as provas. Depois as provas do terceiro e quarto bimestre. Naquela época todas as turmas com o nome de todos os alunos eram afixados nas janelas da escola ao final do ano. Todos se reuniam para ver as notas e assim saber se havia ficado em recuperação, além de bisbilhotar a vida do outro. Aproximei meu rosto de uma janela onde estavam as notas da quinta cinco. Meu nome era "x" do início ao fim em todas as matérias. Eu havia completado os duzentos pontos em todas as matérias. Não aceitaram dar uma atividade de reposição ou até mesmo repetir a nota do segundo bimestre no primeiro. Chamaram-me para conversar e disseram que fiquei em recuperação em tudo devido às faltas:

- Sua escola no Rio estava em greve. Aqui também. – Foi o que me disseram.

Naquele ano uma Professora me marcou bastante. Tenho uma grande gratidão pela Professora Emília Rita. Ela um dia me chamou com a voz delicada e serena em sua mesa e me disse:

- Josias você é tão bonito! Porque não cuida dos seus dentes.

- Não tenho dinheiro para pagar dentista. Não sabia que havia dentista que atendia pelo sistema público na cidade.

- Você quer que eu consiga um para você? – Lógico que eu disse que sim e fui tratar de meus dentes com o Dr. Homésio.

Chegando em casa eu fiquei diante da seguinte situação: passaria o final do ano com os amigos e familiares em Piabetá ou ficaria para as provas. Fui estudar. Era o que eu decidi. Veio o natal. Aquela tristeza. Fiz as provas e eu aguardava os resultados: passei para a sexta série!

Foi neste período que tive uma aproximação maior com minha avó. Uma dia fomos na casa de uma amiga dela que morava bem perto de nossa casa. Ela me chamou para irmos na beira do rio logo após uma descida íngreme no terreno da casa:

Veja meu "fi" quando eu era mais nova a água do rio vinha até mim. Eu era jovem e bonita. Agora que estou velha nem o rio me quer mais. – Fiquei calado. Da geração dela de amigas de infância sobraram ela e D. Argentina. Fiquei e ainda fico a pensar na fala dela.

Numa outra situação minha avó havia quebrado o braço. A casa dela era lotada de cachorros de rua, um filho alcóolatra e o caçula que ela adotou. Fui com ela até a casa onde morava, numa outro bairro periférico de Carangola, perto do Matadouro Municipal. Estava tentando organizar as coisas e passar um pano para sair aquele odor forte de murrinha quando ela entrou na casa e me disse:

- Vai lá fora e vê um carro parado. É o Amador. Ele ficou olhando para mim. - Eu fui ver o que ela relatava. Como a casa era na entrada da cidade rumo ao Noroeste Fluminense numa parte baixa onde era possível ver a estrada fiquei a olhar. Voltei para dentro de casa:

- Vó, lá não tem ninguém.

- Ele foi embora. Deve ter percebido que eu sabia que era ele.

Lamento por ela. Que vida!

Fomos fazendo amizade com os novos vizinhos. Meu Pai e o querido Sr. João que era membro da Casa de Oração do Santo Onofre on de meu avô foi missionário. Decidiram ir à festa da Igreja em Ponte Alta. A tradicional festa de aniversário de inauguração da igreja. Meu Pai se preparou. Levou um terno. Eles alugaram uma kombi. Num determinado momento do culto eles convidaram para ir à frente pessoas que estavam no dia de inauguração em 1943. Meu Pai foi lá. Logo depois houve uma confraternização onde o pão era a grande atração. Um pão gigantesco

servido com manteiga ou carne moída.

Mudamos para o Escadão Santo Onofre. Um bairro que teve sua origem com os negros que trabalharam na construção da linha férrea que decidiram ali morar. Bairro dos chamados pobres de Carangola. A escola ficava na rua próximo à beirada do rio. Eu "morrava" no escadão.

Era época em que as escolas não tinham livre acesso e permanência. Permanecer não foi fácil. As turmas eram homogêneas, ai de quem adentrasse naquele espaço onde o preconceito e bulling, que não posso generalizar, era cotidiano. Naquele momento na História da Educação em Carangola havia somente uma escola particular, elitista e caríssima, para o que hoje nomeamos no Brasil como Ensino Fundamental II, à época

Primeiro Grau. A única escola a ofertar essa modalidade de Ensino era o Polivalente ou E. E. Emília Esteves Marques. A outra escola estadual ofertava cursos do chamado Segundo Grau, atual Ensino Médio.

Fui para o "sexto ano um". Tive muita solidariedade de pessoas que me deixavam fazer os exercícios sentando ao lado compartilhando os livros. Gratidão eterna. Percebia em muitas pessoas, filhos de trabalhadores tanto quanto o meu pai, o preconceito e arrogância por se acharem de uma classe social dita de visibilidade social em Carangola. Coitados. Eu pegava a mesa, depois a cadeira e em total silêncio sentava. Não desejo isto para ninguém. Nada de barulho. Todo dia, todo dia, todo dia. O máximo que conseguia era pedir para uma vizinha no escadã o para guardar o livro de Língua Portuguesa para me vender de segunda mão de um ano para outro. Apagava todo o livro. Era menos uma humilhação ter conseguido ao menos um livro com muito esforço de meus pais. Ficava desesperado quando percebia que as folhas do caderno estavam acabandoe diante da situação precária em casa eu não teria outra alternativa: teria que ir lá na secretaria e pedir um caderno. O problema não era somente pedir. Eram os olhares quando a gente saia da Secretaria e adentrava na sala de aula para quem usava aquele caderno, o lápis ou a borracha.

Fui caminhando com a tal turma "homogênea". A calça já não me cabia. Sou um homem com características iorubás e tenho uma bun da típica de meu povo. Aquilo era motivo de riso. Minha boca, meu nariz, minha bunda, minha casa, minhas roupas, minha origem da Baixada Fluminense. Tudo era motivo de escárnio:

"Sua boca é igual à boca do corinha" ou "seus beiços dão para fazer uma feijoada". "Isso não é um nariz, isso é uma fornalha".

As roupas foram faltando. O frio foi intenso naquele ano de 1990. Eu sempre chegava em casa e lavava minha única calça jeans e camisa de uniforme. Se estivesse ainda molhada eu envolvia a camisa numa toalha e torcia bastante. Depois eu secava com ferro de passar roupas que era

aquecido no fogão. A camisa de uniforme era colocada ainda gelada sobre meu corpo.

Certo dia, uma Professora de Português disse em meio a um frio de quebrar os ossos:

- Cruzes, você não sente frio?

- Não. – Respondi. – Até porque fria era ela em seu termômetro social. Era a mesma Professora que pedia dez redações e dizia que se a nota ao final do ano fosse 49, 9 ela reprovaria, pois não iria arredondar a nota. Ela mesma que pedia trabalho com artigos de jornais ou revistas. Eu mal tinha papel de pão que eu aproveitava para refazer os exercícios de Matemática, mas era pouco.

Num desses trabalhos ela pediu uma notícia. Encontrei uma revista em minha casa depois de tanto procurar. Era de 1976, ano em que eu nasci. Lembro-me que era um artigo sobre os Beattles. Ela perguntou se eu gostava. Muito tímido disse que não conhecia.

Ela não parava. Outra atividade foi pedir uma nova pesquisa. Consegui com alguém e com muita dificuldade uma notícia sobre o Pico da Bandeira que fica em nossa região na Serra do Caparaó entre Minas Gerais e Espírito Santo. Ela olhava no diário e sorteava as pessoas. Sala em silêncio. Ali tudo era aflição.

- Josias – Disse ela.

- Josias leia o seu artigo. – Li todo o artigo. Até chegar ao distante e infinito ponto final.

Ela não parou por ali. Eu tímido, calado.

- Você sabe a quantos quilômetros está o Pico da Bandeira? – Ao que com toda simplicidade e sem medo dela disse:

- Não sei, eu nunca fui lá!

A turma ficou atônita. Depois de muitos anos um amigo relembrou o episódio:

- Ah... Você não sabe... – Ela abriu o diário com a turma em total silêncio. Fez as anotações e depois olhou em sua direção. – Disse meu amigo de turma.

Uma bisneta do Sr. Alziro, padrasto de minha mãe, estudava na minha sala. Tratava-me bem. Mas, certo dia, ela verbalizou o que muitos ou quase todos pensavam. Ela fez uma brincadeira de extremo mau gosto. Respondi com a cara fechada. Ela disse:

- Falei de brincadeira. Não fica com raiva de mim até porque onde você mora e de onde você veio eu tenho medo... – Olhei nos olhos dela. Nunca mais.

- Não. – Respondi. – Até porque fria era ela em seu termômetro social. Era a mesma Professora que pedia dez redações e dizia que se a nota ao final do ano fosse 49, 9 ela reprovaria, pois não iria arredondar a nota. Ela mesma que pedia trabalho com artigos de jornais ou revistas. Eu mal tinha papel de pão que eu aproveitava para refazer os exercícios de Matemática, mas era pouco.

Num desses trabalhos ela pediu uma notícia. Encontrei uma revista em minha casa depois de tanto procurar. Era de 1976, ano em que eu nasci. Lembro-me que era um artigo sobre os Beattles. Ela perguntou se eu gostava. Muito tímido disse que não conhecia.

Ela não parava. Outra atividade foi pedir uma nova pesquisa. Consegui com alguém e com muita dificuldade uma notícia sobre o Pico da Bandeira que fica em nossa região na Serra do Caparaó entre Minas Gerais e Espírito Santo. Ela olhava no diário e sorteava as pessoas. Sala em silêncio. Ali tudo era aflição.

- Josias – Disse ela.

- Josias leia o seu artigo. – Li todo o artigo. Até chegar ao distante e infinito ponto final.

Ela não parou por ali. Eu tímido, calado.

- Você sabe a quantos quilômetros está o Pico da Bandeira? – Ao que com toda simplicidade e sem medo dela disse:

- Não sei, eu nunca fui lá!

A turma ficou atônita. Depois de muitos anos um amigo relembrou o episódio:

- Ah... Você não sabe... – Ela abriu o diário com a turma em total silêncio. Fez as anotações e depois olhou em sua direção. – Disse meu amigo de turma.

Uma bisneta do Sr. Alziro, padrasto de minha mãe, estudava na minha sala. Tratava-me bem. Mas, certo dia, ela verbalizou o que muitos ou quase todos pensavam. Ela fez uma brincadeira de extremo mau gosto. Respondi com a cara fechada. Ela disse:

- Falei de brincadeira. Não fica com raiva de mim até porque onde você mora e de onde você veio eu tenho medo... – Olhei nos olhos dela. Nunca mais.

Sou filho de Obaluayê preciso do silêncio, da introspecção. Mas o fogo e o machado da justiça de Xangô sempre se fazem presentes. Não entendia muito de meus comportamentos, principalmente em casa. Muito de minha têmpera e temperamento está ligada a Obaluayê e Xangô. Quando as pessoas dizem que no Brasil que o "Santo não bate" ou o "Santo bate" está associado a cosmovisão africana e na vida cotidiana ela é práxis. Mesmo sem nunca ter jogado búzios ao perceber o Orixá regente de algumas pessoas eu percebo que este conhecimento facilita a convivência evitando muitos problemas. Não sei se seria uma vidência, ou algo semelhante, mas acontece inúmeras vezes e sou grato aos meus ancestrais por isto e peço perdão por tê-los demonizados.

A demonização dos Orixás, das pessoas da popular macumba e todas as epistemes destas pessoas historicamente constituída é a continuidade de uma violência que se repete no cotidiano. Quando se renega ou se demoniza as pessoas de Candomblé e Umbanda repete-se todoum ciclo: tornam a outra pessoa um ser escravizado "reviolentando-a" com chibata, grilhões e morte.

Creio que neste período da escola um dos momento mais tristes foi quando um colega de classe que seguiu a carreira militar me prometeu umas coxinhas. A mãe dele fazia uma das melhores coxinhas de Carangola. Na época não tínhamos dinheiro nem para o pão direito. Era um pão alemão para cada um – Em Carangola o pão francês é chamado de alemão, não sei a origem histórica, o borboleta e pão de sal são iguarias carangolenses criadas pelo genial Sr. Onofre.

Aguardei as coxinhas na data marcada. Tocou o sinal do horário do recreio, quarta e quinta aula. Veio o horário da saída e nada! Ele veio correndo atrás de mim na rua e disse:

- Josias as suas coxinhas! – Eu agradeci e peguei a sacola que estava na mão dele. Quando eu abri os guardanapos eram pedras. Ele foi embora rindo...

Eu não desistia! Nada reclamava em casa. Nada pedia. Fui me tornando uma pessoa cada dia mais introspectiva. Ficava em meu silêncio e me afastei de muitas pessoas. Hoje percebo que foi uma possibilidade de fazer uma História de vida singular e rica.

Guardo com carinho o acolhimento de uma amiga que a mãe fazia bolos. Ela era ruiva e era muito carinhosa comigo. Sempre que ela levava alguma coisa para a escola trazia um pedaço de bolo ou alguma outra coisa para mim, além das palavras que também possuem sabores. Ela era tão solidária que por vezes, além do livro, a gente dividia o casaco de frio – ao fazer a revisão de texto percebi a palavra "casaco": em Piabetá não falávamos blusa de frio e sim casaco por mais que destoe do significado do dicionário.

Cheguei a tão temida oitava série. Seria o último ano na escola que ofertava até então somente o atual Fundamental II. Tive uma Professora, a D. Emiliana que dava aulas de Redação. Eu gostava cada vez mais de ler e escrever. Outra pessoa que marcou minha vida para sempre Professora de História D. Hilda Louro. Ela era um ser humano que tinha o poder de parar o tempo com as aulas dela. Aos poucos fui me apaixonando por História. Aprender História era um prazer com ela. Decidi que se um dia fosse Professor queria ser como ela.

Lembro-me de que a Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais no ano de 1992 organizou uma programação para o bicentenário de Tiradentes. As escolas deveriam promover redações a respeito de Tiradentes e da Inconfidência.

D. Hilda falou em sua aula sobre a (In)confidência Mineira e pediu para escrevermos a respeito em sua aula de História. Era uma parceria dela com os Professores de Português. Saiu o resultado na regional, depois na estadual. O Polivalente foi campeão com uma redação minha.

Tempos depois o Rotary Clube de Carangola, através do Carangola Tênis Clube – Clube este que durante muitos anos após sua criação na década de cinquenta do século passado não permitia a presença de negros e que tentou distorcer os fatos ao dizer que não era isto que ocorria: era que "os negros geralmente eram pobres e não tinham condições de frequentar o Clube". Então por qual motivo não permitiram que Agnaldo Timóteo cantasse no local? – promoveu um jantar com os estudantes de algumas escolas e uma representante da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Carangola – FAFILE atual UEMG. O Clube atualmente tem uma importância social na cidade ao abraçar inúmeros eventos em benefício do povo de Carangola. É uma cidade bastante peculiar. Na História do carnaval local, além de outras escolas, havia uma com o nome 'High Society".

O Professor para disfarçar sua “tendenciosidade” – vou usar esta palavra para ser educado - disse que faria um sorteio. Escolheu o que seria segundo ele os cinco melhores alunos da turma em redação. Colocou numa sacola e balançou. Pediu para a aluna, que seria minha prima, para sortear. Saiu meu nome.

- Você viu a cara de decepção dele? – Disse a pseudo parente. – Sorri. Era o que eu tinha para o momento diante dela e de todos os outros e continuei andando. Eu não precisava falar: o ato de sorrir, naquele caso, bastava.

- Você vai ter coragem de ir lá? – Perguntou outro.

Eu teria que ir ao Clube e ir ao tal jantar. Não sabia usar talheres. Não sabia o mínimo de regras do que chamam de etiqueta – se é que sei hoje em dia. Nada comentei em casa. Simplesmente fui.

Chegando ao local com todo aquele formalismo fiz o óbvio: tudo o que eles faziam eu tentava imitar. Tudo cheio de regras. “Comiam com a mão torta” - não era possível que todos fossem canhotos e eu o único destro pensei à época - e também imitei. Apesar de todas as delícias eu gostaria que aquilo acabasse logo. Tocaram um sino solenemente. O que seria aquilo? Estava encerrado o jantar e teve início um outro momento do encontro. Eles explicaram que era para fazer uma redação dentro de uma proposta a qual não me recordo. Voltei para casa. Subi o escadão pensando sobre tudo que vi na reunião do Rotary e sobre o que houve na escola. Naquele contexto de época creio que foi uma atitude de coragem. Fiquei sabendo posteriormente que a vencedora foi a aluna do mesmo professor da escola que lecionava também na Faculdade no cursode Letras.

Minha visão começou a ficar cada vez mais afetada pela toxoplasmose. Uma doença recém descoberta em meus olhos porém estava avançando. Ela já havia levado boa parte da visão do olho esquerdo, como o direito fazia quase todo o serviço, só percebi bastante tardiamente.

Chegou o dia da formatura. Tomei um banho em silêncio e coloquei a calça de todos os santos dias e uma camisa que ia para a igreja. Não queria ouvir o que me disseram no dia da festa de despedida no último dia da aula por uma aluna da turma:

- É hoje o carnaval? Tá parecendo que você está fantasiado – Não era fantasia. Era o que eu tinha.

Na formatura era para ter um padrinho ou madrinha. Pedi para a Professora Emiliana entrar comigo. Era uma cerimônia simples, bem enxuta, como eu gosto. Entrei com ela e sentei-me. Peguei um papel ao chamarem o meu nome. Tinha um fotógrafo profissional, muito comum naquela época. Ele tirou uma foto minha. Pensei que ficaria com ele porque eu não pedi. Ele levou em minha casa e só assim souberam que eu havia formado no chamado Primeiro Grau.



Da Esquerda para a Direita: Professores: Emileana, Neide e Ignácio –

- Acervo pessoal –

Da Mercearia para a Enfermagem Prática

Consegui um emprego com o Pastor da Igreja Batista que frequentava. O filho dele iria para Juiz de Fora fazer o terceiro ano integrado para tentar vestibular em Medicina. Ele sabendo que eu estava procurando emprego foi até minha casa e me fez a oferta. Aceite imediatamente. Eu precisava trabalhar. Eu atendia as pessoas que compravam frutas, verduras, legumes, ovos, frangos e peixes na quitanda.

Percebi que não teria as mesmas chances da maioria dos colegas. Eu queria estudar na Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Para isto eu precisava fazer o chamado "Científico" que só tinha no horário matutino. Eu precisava trabalhar. E como comprar os livros? Como xerocá-los? Um dos colegas fazia questão de passar pelo pequeno mercado onde trabalhava e rir da minha cara. Um dia ele pediu para comprar algumas coisas fiado. Eu disse que venderia, mas ele me emprestaria os livros dele para eu estudar por um tempo. O prazo seria até ele pagar a conta.

Os livros foram ficando comigo. Toda hora eu dava uma olhada, mas a maioria das matérias que eu lia era preciso um Professor. O tempo foi passando e nada dele pagar. Cerca de três meses depois a mãe dele esteve no comércio:

- Meu filho me disse que você não quer entregar os livros dele.

- Tudo bem com a Senhora? - Abri o livro de anotações e expliquei para ela o combinado. Depois ela me disse que ele comprava roupas e perfumes caros e não pagava nada. Ela e o marido que tinham que ficar recebendo as cobranças. Lamentei e disse:

- Só entrego se ele vir aqui e pagar a conta.

Ela foi embora desgostosa da vida.

Uma situação que sempre enchia meus olhos era a chegada dos jornais comprados a quilo para enrolar a sacola com frangos, peixes ou ovos. Eu lia todos os jornais e torcia para que não viessem os mesmos. Foi neles que encontrei uma reportagem sobre a Igreja de Bongaba que eu recortei e guardei.

A maior parte dos produtos da mercearia vinha da fazenda São Mateus em Faria Lemos, uma pequena cidade próxima. Eu também trabalhava lá ajudando a matar frangos, colhendo frutas, ou até mesmo plantando tomates.

Subíamos em direção aos galpões onde ficavam as galinhas. Era preciso correr atrás delas, pegar e colocar num saco. Quando chegávamos ao lugar de abate era dado uma cacetada na cabeça delas. Mortas eram dependuras de cabeça para baixo colocadas em funiz para cortar o pescoço e sangrar. Odiava aquilo tudo! Cortavam... O sangue pingava.

Eu tomava conta do tanque cheio de água quente que não poderia ultrapassar determinado grau. Aquele termômetro era um inferno. Sempre me queimava ao ter que pegar a galinha pelos pés, sem nada, naquele grau, com auxílio de um toco de pau. Era um desespero. Eu pegavao toco e tentava puxar rapidamente as galinhas uma por uma. Caso contrário, se o grau ultrapassasse, na hora de depenar, a pele se rompia e muitas pessoas não gostavam de comprar o frango fresco com a pele rompida ao ficarem expostos no balcão freezer.

Um dia me pediram para cortar o pescoço dos frangos. Deus do céu... Cortei.

Fui para o meu lugar de sempre. Quando menos imaginei uma galinha voou e caiu desesperada pelo chão. Coitada.

Havia entre os trabalhadores da fazenda uma ideia de que eu era privilegiado, pois ganhava meio salário mínimo. Enquanto duas pessoas que trabalhavam abrindo e cortando os frangos levavam para casa a gordura e o sangue. As tripas eram levadas para os açudes. Na volta para Carangola sempre apontavam no longínquo e tão distante horizonte o Pico da Bandeira. O fusca com o motor desligado e a gente descendo.

Um dia me avisaram que não era para pegar nada na fazenda do "Sr. Pedro ruim". Ele estava tão velhinho. Era muito dócil comigo, assim como sua esposa. O que eles falavam era que todos sabiam que se pegassem uma fruta teria que pagar. Eu esperava o Pastor me oferecer, mas caso contrário, eu pegava e comia. Era um dia extenuante de trabalho e eu havia decidido que nos dias que íamos mais cedo não almoçaria por lá.Percebi que não era para todos.

A crise se agravou no país. O patrão estava com dificuldades para me pagar.

- Josias você pode ir procurar coisa melhor porque eu não tenho dinheiro para te pagar. Ao que lhe disse:

- Vamos combinar o seguinte: se eu conseguir outro emprego eu vou embora. Enquanto isto, quando chegar o dia de me pagar, o senhor me pague com ovos, frango e peixe congelados, verduras ou o que o tiver por aqui sobrando.

Não queria ser mais uma boca e não ajudar com nada em casa.

Fui cursar o Ensino Médio. Eu saía correndo do mercado e ia correndo até chegar na entrada do escadão e subir degrau por degrau. Tomava um banho e passava pela rua principal, atravessava a Praça e subia o morro do Estadual, como era conhecida a E. E. João Belo de Oliveira.

No meio do curso a situação da toxoplasmose foi agravando. Uma determinada pessoa da família me chamou para ir para Piabetá e tratar nos hospitais da capital, Rio de Janeiro. Foi uma verdadeira peregrinação. Eu estava procurando trabalho em Piabetá, mas nada consegui. Ouvi uma irmã que trabalhava na enfermagem falando para o namorado de minha sobrinha mais velha que haveria uma prova para Atendente de Enfermagem. Ofereceu para ele e nada disse para mim. Um dia vi duas cunhadas conversando sobre o tratamento. Percebi que não desejavam minha presença por mais tempo. Estava tudo certo para eu voltar a estudar na E. E. Alfredo Balthazar da Silveira e concluir o curso Técnico em Contabilidade em Piabetá. Vim buscar minha transferência, histórico, minhas poucas roupas em Carangola e comunicar minha decisão de retornar seguindo a vida por lá. Ficaria na casa de minha irmã mais velha até ver o que aconteceria. Nada disse em casa sobre o que acima descrevo. Ao que meu Pai disse:

- Não vai embora meu filho. Na vida tudo se ajeita. – Minha Mãe disse o mesmo.

Eu estava desempregado. Já havia outra pessoa trabalhando no meu lugar no mercado creio que como sócio. Eu havia pedido para ficar um determinado prazo para ir ao aniversário de uma sobrinha e fazer o tratamento. Fiquei muito mais do que o tempo previsto nas idas e vindas na capital, Petrópolis e Teresópolis em busca de tratamento.

O Pastor havia conseguido uma consulta com o infectologista de Carangola e a sua filha pagou toda a medicação. O que estabilizou a doença. Sempre nutri um apreço pela família.

Entre as inúmeras pessoas que iam fazer compras fiz amizade com algumas senhoras que trabalhavam na Casa de Caridade de Carangola na enfermagem. Elas falavam que eu tinha perfil para cuidar das pessoas: “lá sempre está precisando de homem na Enfermagem”.

O Pastor subiu o morro e me disse:

- Josias, a Casa de Caridade te ligou. Vai lá em casa para você ligar para eles. Naquela época telefone era muito caro e tínhamos medo de pegar neles.

- Alô! Meu nome é Josias. Vocês ligaram para o Pastor Éden para fazer contato comigo?

- Sim. É uma prova que vai ser realizada na São Vicente de Paula para escolher sete Atendentes de Enfermagem.

Eu precisava de emprego. Eu precisava assinar minha carteira de trabalho. Havia terminado de fazer 19 anos. Minha formatura seria exatamente no ano de minha admissão, em 1995.

Estudei... Revi meus cadernos de escola.

Fiz a prova. Fui aprovado em primeiro lugar. Fiz o curso com as Enfermeiras do hospital na sala da Direção.

Aquele lugar me dava medo. Mas eu precisava trabalhar.

Nos meus primeiros dias no hospital a rotina era dura. Aprendi com um colega a importância de se ter disposição e amor quando se cuida de outro ser humano.

Na minha primeira semana no serviço encontrei-me com o tal rapaz que passava no mercado para me humilhar. As pessoas que ficavam aguardando para fazer visitas no CTI o chamavam de “Doutor”. Vi a cena. Ele saiu do local e me procurou rapidamente.

- Está trabalhando aqui?

- Sim, comecei nesta semana. Tudo bem? – disse-lhe.

- Você vai ficar nesta clínica? Aí só tem pobre. Vai limpar muito cocô...

- Eu estou indo na farmácia buscar o remédio de um paciente que chegou. – E fui passo a passo pelo longo corredor de tantos anos...



A Casa de Caridade de Carangola e suas imediações

- Acervo Arquivo Público Municipal Carangolense -

O fato é que o “Dr. Salérgio” ficou um tempo no hospital até ser mandado embora. Anos depois o vi num jornal impresso que circulou por toda a Casa de Caridade. Ele foi preso por exercício ilegal da medicina numa pequena localidade de Minas Gerais.

Durante dez anos de minha vida trabalhei na Casa de Caridade de Carangola. Um hospital com mais de cem anos de atendimentos na Zona da Mata Mineira, Sul Capixaba e Noroeste Fluminense. Durante anos o hospital foi minha casa.

Trabalhei dois anos no Isolamento, Clínicas Médicas e Cirúrgicas. Mas minha vida ficou por oito anos dedicada ao Centro Cirúrgico. Além dos inúmeros trabalhos no setor como tomar conta da Sala de Urologia, circulava as salas de cirurgia, lavava e esterilizava os materiais e instrumentava cirurgias. Depois fiz os cursos de Auxiliar e Técnico em Enfermagem pelo PROFAE – Programa de Formação de Auxiliares de Enfermagem do governo federal do Brasil. Foi um tempo denso e tenso de minha vida. Mas a alegria de cuidar é algo sublime.

Se na linha das mãos existe o destino, talvez mesmo sem as ciganas lerem, eu creio que o que me trouxe até aqui foram os cuidados e muito trabalho.

A Geografia da Infância e dos Cuidados foi aparecendo em minha vida sem eu saber que existiam tais estudos. Cuidar das pessoa s, das crianças pequenas e bebês de uma maneira ou de outra sempre estava no meu cotidiano.

Era no hospital, era uma criança que nascia e me chamavam para fazer um curativo na mãe e no coto umbilical do bebê.

Quando saí do Centro Cirúrgico sempre tive saudades de ver as crianças nascendo. Eu já estava um pouco entediado de histerectomia, colecistectomia, nefrectomia, cistoscopia, colecistectomia, ooforectomia, apendicectomia...

-tomia, mia, mia, mia...

Quando o pano dividia o ser humano em partes e eu não via mais o rosto eu creio que minha vida começou a ver na retirada de uma vesícula tão somente mais uma vesícula. Eu creio que entrei num dilema existencial já superado. Mas as crianças eram minha alegria.

Geografia dos Cuidados

Disse a velha Irmã de Caridade:
Cuide meu filho dos idosos
Como se fosse sua avó
Na despedida da vida num de hospital.

Disse a anciã devota:
Cuide meu filho daquela jovem senhora
como se fosse sua tia ou irmão
na aflição de querer beber um copo d´água
que precisa e espera pelas suas mãos.

Disse a idosa dos cuidados:
cuide meu filho daquele pai e daquela mãe
como se fosse seu próprio pai ou sua mãe
com diagnóstico terminal.
Cuide meu filho da mãe que pari,
do filho que nasce como se fossem seus...
E são!

Na vida e na morte simplesmente cuide. Lembro-me de uma grande cuidadora da Pediatria da Casa de Caridade de Carangola. Era uma Irmã de Caridade abnegada e tinha nos cuidados com as crianças o seu cotidiano. Ela praticamente não saia de lá. Eu via a irmã arrastando os pés, com o peso da idade, indo cuidar das crianças desde as primeiras horas da manhã. Quando minha filha estava engatinhando algumas pessoas começaram a perguntar quando ela iria andar. Achei estranho. Qual motivo de tanta prresse se nunca mais vou ovir aquele som pela casa? Os passos arrastados da irmã a ensinar

.



Simplesmente cuide – Acervo pessoal

Dos Cuidados e Ensino – Da Saúde para a Educação.

Quando comecei a trabalhar no Centro Cirúrgico uma colega que trabalhava como Instrumentadora Cirúrgica me perguntou:

- Você é tão jovem e tem muito interesse em aprender. Por que não faz uma faculdade aqui em Carangola?

- Eu tenho vontade de fazer Enfermagem em Juiz de Fora na Federal. Faz um outro curso aqui em Carangola mesmo.

- É muito caro...

- Faça o vestibular, depois você dá um jeito.

Eu era novato no Centro Cirúrgico. No dia do vestibular, num domingo, pensei que poderia sair e fazer a prova. Chegou uma cesariana. Um dos médicos me perguntou:

- Você está triste...

- Está chegando a hora dele fazer o vestibular. – Disse uma amiga.

- Aproveita que o Dr. Paulo está deixando o plantão! Eu passo a sonda e vai fazer seu vestibular. – Disse o cirurgião já pegando a sonda da minha mão e me mandando ir fazer as provas.

- Vai fazer qual faculdade?

- De História.

- Que bela escolha. Sempre sonhei em fazer História disse-me o amigo Paulo.

Cheguei na hora exata de fechar os portões.

Na época o Curso de História habilitava para licenciatura plena em História e curta em Geografia.

Durante o curso contei com amigos formidáveis que trocavam o plantão para que eu pudesse estudar. A gente dividia a lida, a marmita e a vida.

Eram plantões extremamente cansativos. As vidas dependiam do nosso ato de cuidar. Vejo atualmente a luta da Enfermagem no Brasil pelo Piso Salarial Nacional. Talvez, a COVID-19 demonstrou verdadeiramente nossos heróis neste país. Se não fosse o Sistema Único de Saúde brasileiro, direito de todo cidadão, talvez grande parte de nosso povo sucumbiria. Ainda mais diante de um governo negacionista e antivacina.

Lamento morar em Minas Gerais onde a Lei do Piso Salarial Nacional da Educação deixou lacunas quanto a carga horária e aprovamos via movimentos sociais a Lei do Piso Salarial no estado para todas as categorias da educação em consonância com a carga horária de 24 horas e o governador Zema se nega a cumprir a lei e quer retirar o único reajuste de 11,36% dado em 2017, ou seja, muito antes de seu governo. Enquanto muitos estados e municípios cumprem a determinação legal e outros pagam até acima do valor percentual anual estipulado pelo Ministério da Educação a educação no Brasil agonizou com o governo Bolsonaro. Tudo agonizou ou morreu com a necropolítica fascista.

Ser trabalhador da saúde e educação no Brasil, com algumas exceções, é luta e resistência.

Antes de forma eu estudava muitas vezes escondido. Punha a apostila ou caderno na sala de Urologia e pedia apoio para os colegas para ir lá dá uma lida rápida no caderno ou apostilas. Nem sempre tínhamos o devido tempo para almoçar. Era assim, na correria. Para dar conta das resenhas, leituras de apostilas,apresentações de seminários e inúmeros outros trabalhos eu fazia um café forte e virava madrugada estudando em casa..

A faculdade praticamente consumia todo o meu salário. Eu fazia horas extras ou trabalhava nos considerados dias de folga com neurocirurgia ou cirurgia vascular.

Comecei a lecionar na zona rural, numa comunidade chamada Conceição no Projeto Telessalas para alunos que haviam desistido de estudar devido a lida principalemente com o café e com os afazeres da casa e família. Eu além de ter bolsa de estudos tive a oportunidade de conhecer a dura realidade do homem do campo da região onde moro.

Foi neste período que me tornei Corista no Coral da FAFILE. Como eu amava cantar. Eram muitas apresentações. Era um grupo muito amável e alegre com o inesquecível Maestro Flávio.

Praticamente eu não morava em minha casa. Só ficava nela um dia da semana, todos os outros era no hospital. Não tínhamos hora de almoço. A hora de entrar era certa, a de sair nunca se sabia.

Eu tinha aulas de terça a quinta no horário noturno. Sexta-feira a aula começava às 14h e terminava às 22:30h. No sábado a aula tinha início pontualmente às 07h e terminava 12:30.

Quando o plantão às vezes acalmava nos domingos era hora de estudar ou ajudar minhas colegas que estavam lutando para concluir o Ensino Fundamental II e o Auxiliar de Enfermagem para não ficarem desempregadas. Esta foi a gênese futura do projeto de Mestrado.

Era um lugar de amplas contradições cotidianas, muitas delas refletiam a História nua e crua do Brasil. Fiz muitas amizades, tinha o respeito e consideração dos colegas de trabalho. Mas eu tinha o sonho de lecionar.



Habilitação em História e Geografia – Curso de História.

- Acervo pessoal -

Fiz um concurso para Professor na Rede Pública Estadual. Fiquei bem colocado, mas na titulação e tempo saí do número de vagas estipuladas..

Quando formei eu consegui o que parecia impossível: ter um nível superior no Brasil. Com o governo Lula e Dilma houve uma verdadeira revolução no acesso da camada popular ao ensino nas Universidades. Talvez daí um dos grandes ódios da elite brasileira. O país da América Latina que por último teve universidade passou por grandes transformações e lá havia cotas para negros, indígenas e tantos outros excluídos pela História do Brasil.

Para quem não conseguia o acesso às Universidades Públicas havia o Programa Universidade para todos - PROUNI para facilitar a entrada de estudantes de baixa renda no sistema universitário, além do Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior – FIES, ambos para os estudantes da rede particular. Estudar deixou de ser algo impossível ou para uma minoria privilegiada.

Meus amigos começaram a fazer Faculdade de Enfermagem. Até então era muito difícil contratar Enfermeiros, ou seja, graduados em Enfermagem. O país mudou.

Antes deste processo de transformações no país eu remava contra a maré. Precisava fazer minha primeira pós-graduação. O que na época era um luxo! Eu queria muito ter feito junto com alguns amigos na Pontifícia Universidade Católica - PUC em Belo Horizonte. Não tive condições. Depois fiz uma especialização em História do Brasil que não foi nada fácil pagá-la e continuava trabalhando.

Consegui emprego no Hospital Evangélico de Carangola, no Pronto Socorro. Eu saía do Centro Cirúrgico na Casa de Caridade e pegava outro plantão pesado em outra instituição. Eram vinte e quatro ou mais horas de serviço. Aos poucos fui percebendo as contradições internas da classe trabalhadora. E decidi que durante as madrugadas, quando os plantões acalmassem eu iria retomar o estudo de artigos científicos de História.

Nunca tive uma vida fácil. Minha mãe e pai passaram a acobertar coisas erradas que estavam sendo feitas pelo filho caçula. Eu havia decidido que não iria me intrometer. Até que um dia vi minha mãe descer o escadão com um porrete para bater em uns rapazes que estavam tendo atritos com meu irmão. Ela ficava na varanda até tarde da noite o aguardando.

Calado eu decidi agir. Procurei saber o que estava acontecendo. O comportamento dele estava cada vez mais estranho. O morro estava sendo tomado pelas drogas. Um dia fui dialogar com ele. Simplesmente, como um zumbi, pegou o violão e saiu. Parecia um fantasma.

Subi o morro da Serra das Velhas para tentar apaziguar a situação com o rapaz que eu havia descoberto o nome. Cheguei na casa. Bati palmas. Uma grande amiga do hospital veio atender:

- Olá! Tudo bem? – Ela trabalhava no plantão noturno, mas a gente sempre se via no cotidiano do hospital. Eu virava noites em plantões infindáveis.

- É aqui que mora o Fulano?

– Sim Josias. Ele é meu filho – a irmã dele que eu considero como minha irmã trabalhava junto comigo. Creio que eles já sabiam dos conflitos.

Conversei com o rapaz. Ele colocou a cadeira em posição inversa e sentou. Pensei: esse diálogo já começou emparedado. Pedi para eles acalmarem e qualquer coisa me procurar para que o pior não ocorresse.

Aprendi com o tempo que precisamos de fatos "tomar nossos pais". Que tipo de criança foram e como foi possível nos criar. A criança que em mim habita entende e respeita todas essas vivências. Mas não sei de onde uma pessoa pode dizer diante da não aceitação de colocar toda sua família em risco e acoitar erros tão complexos dizer para o filho: - Antes de existir merda, mosquito já vivia! - Aquilo foi fim de conversa para mim. E cabe tão somente a cada um escolher os caminhos que querem andarilhar e recomeçar toda uma história: o que é para mim uma busca com meus filhos e tenho a dizer que sou exitoso. Mas é importante agradecer e saber que distância e respeito são fundamentais. Tudo isto ficou cada vez mais nítido com o falecimento do meu pai. Passei por inúmeras turbulências e amizade vai além dos laços de sangue. Sem a amorosidade da amizade não vejo sentido de estar com alguém. E a vida seguia em plantões!



A vida entre plantões com minhas amigas de Enfermagem:
no abraço à esquerda: Nilcéia; direita: Dionê e Dinalva; na beirada do sofá à direita: Naná;
atrás de mim da esquerda para direita: Marisa, Cidinha, Ritinha e Eunice – agachada com as mãos nas pernas.
Com a cabeça recostada em mim ao centro: Enf. Samantha. Acervo pessoal.

Eu já estava farto. Lá em casa ficou durante um tempo um amigo de um irmão que era ligado às milícias na Região dos Lagos no Rio de Janeiro. Ele havia matado uma pessoa. O risco de uma chacina era iminente.

Eu desisti. Já havia parado de falar com minha mãe por um tempo devido essas coisas entre outras que senti necessidade de verbalizar. Decidi romper em definitivo. Ficou furiosa. Disse que eu poderia ir embora. Respondi que lá não ficaria mais. Procurei uma casa para alugar, mas nada tinha. Levei as apostilas, um tapete, um travesseiro, uma coberta e um cobertor. Chamei um táxi que ficou ao fim do esca dão. Nossas mães são pessoas de carne e osso como todos nós. Ao sair de casa meu Pai me disse:

- Não vai embora meu filho. Isso me dá muito desgosto.

- Pai eu estou indo para logo ali. Saia daqui. Aluga essa casa e vai morar lá embaixo. – E fui embora.

Não foi fácil. Um disse me disse varreu a cidade que insistia e insiste em acompanhar minha vida como uma novela: o interior também tem suas violências e uma delas é a invasão desmesurada da vida privada. Mudei-me no inverno. Dei o dinheiro do primeiro aluguel. Era duro encarar o cano de água no banheiro sem chuveiro, mas eu encarava. Lavava minhas roupas uma por uma na mão. Comprava pão com mortadela e era o que tinha. Uma grande amiga minha, que já era Professora de História me procurou. Ela me deu uns pratos, alguns garfos e umas coisinhas que jamais esquecerei. Um dia ao chegar do plantão estava com muita vontade de comer um feijão. Tinha um bar na frente de minha c asa. Eu ainda tinha emmente uma visão deturpada, de pecado, do que era um bar. Era um bar familiar que era praticamente frequentado por amigos da rua e do Sr. Geraldo, dono do estabelecimento.

Bateram na minha porta. Fazia muito frio. Abri a porta da casa.

- Boas-vindas para o novo vizinho. – Quando abri a vasilha era galo com feijão.

- Muito agradecido. – Apresentamo-nos e agradeci mais uma vez. Entrei para casa e comi o melhor feijão da minha vida com pão.

Foi neste período de minha vida que me falaram da prova para soldado da Polícia Militar de Minas Gerais. Fiz a prova em Manhuaçu após um plantão exaustivo no Pronto Socorro. Fui aprovado. Quando fui convocado para os exames médicos fui eliminado no exame de vista. O

Médico vendo minha tristeza disse que era para eu fazer o de Cabo na área de Saúde que sairia em breve e a toxoplasmose ocular não me reprovaria.

Fiz a primeira prova para Cabo em Enfermagem em Juiz de Fora, depois outras duas provas em Belo Horizonte. Fui aprovado em todas. Entretanto, quando fui para um anfiteatro ouvir uma palestra eu percebi o teor das falas. Eu decidi ir embora. Fui tomar uma água e vi uma ambulância de um pequeno município perto de Carangola. Procurei uma amiga de Carangola que também havia passado nas provas e ficaríamos lá para prova física no dia seguinte:

- Eu vou embora!

- O que houve? Desistiu assim? Está louco?

- Aqui não é meu lugar. – Eu me despedi dela e pedi uma carona.

Voltei para os plantões.

Foi neste período que minha mãe apareceu em minha casa e pediu perdão. O Espírito Santo havia falado algumas palavras no ouvido dela: "-Vai e se conserta e você sabe com quem". Eu disse que nem precisava, já havia passado e estava perdoada.

Num certo dia uma pessoa me disse que haveria designação para Professor na Rede Pública Estadual de Ensino. Peguei minha pasta com os documentos e coloquei-a debaixo do braço. Fui ao Polivalente para a designação. A Inspetora disse:

- Agora vamos para as designações em História. – Quase ninguém lá me conhecia como Professor.

- Vaga para a E. E. Nascimento Leal no distrito de Alvorada. Duas vagas: uma de um cargo completo com dezoito aulas e outra vaga com três aulas. O microfone:

- Josias Teodoro Guedes – O que eu não sabia era que no ano letivo de 2004 a lista seria pelo concurso que eu havia prestado. Eu não pensei duas vezes. Fui recebido de braços abertos pela Diretora da escola.

- Onde você trabalha?

- Na Casa de Caridade e Hospital Evangélico.

- Vai pegar?

- Sim, vou.

- Qual das duas vagas? A de dezoito aulas é de um Professor que está no Mestrado. Ele não volta neste ano.

- Então vou para esta vaga mesmo. – Assinei o documento.

Como faria para trabalhar como Professor? Era preciso deixar um cargo. Decidi deixar a Casa de Caridade de Carangola depois de dez anos. Ficaria no Hospital Evangélico e pedi que me liberassem às seis da manhã para que eu chegasse na rodoviária e pudesse embarcar no ônibus das seis e meia que chegava pontualmente na escola às sete horas da manhã. O ônibus chegava e a cirene era tocada.

Foi um ano de muito trabalho e muitos sonhos. Percebi quando iniciei na escola que a evasão escolar era imensa durante a "panha de café". Quem permanecia na escola eram as pessoas que possuíam melhor situação econômica. Durante minha vida na educação pública percebi a importância dos programas sociais para a camada popular principalmente o Programa Bolsa Família do governo federal. Quem é contra o programa é no mínimo uma pessoa sem conhecimento do que ele representa para milhões de brasileiros. E um dos critérios basilares para recebero benefício é manter as crianças nas escolas com o mínimo de frequência previsto em lei. Isto é um avanço gigantesco num país tão desigual como o Brasil.

Em 2004 fui à Juiz de Fora para um curso envolvendo a Lei 10.639/2003 que trata do Ensino de História e Cultura Afro -brasileira. Foi assim, aos poucos que definitivamente entendi que eu era negro. A minha boca não era de coringa, era de preto. Meu nariz, minha cor, minha origem e trajetória enquanto ser humano era da majestosa África berço de meus ancestrais. Aos poucos me encontrei com minha ancestralidade indígena dos Puris do Vale do Carangola.

Organizei com apoio da escola a formatura da oitava série, ainda chamado de Primeiro Grau. Ao final do ano o que seria de minha vida? Precisava de dois empregos para me manter. Encontrei-me com uma amiga instrumentadora que estava trabalhando na Fundação Varella em

Muriaé-MG e me disse que estavam precisando de um Técnico em Enfermagem no Centro Cirúrgico com experiência. Disse para ela que se não conseguisse aula eu iria embora para lá.

Antes de sair da Casa de Caridade um Ortopedista me convidou para ir trabalhar em Muriaé com ele. Agradeci, mas queria lecionar.

Eu entreguei alguns currículos pelas escolas particulares da região. Não consegui um cargo designado em Carangola. Em 2005 era contado o tempo de serviço. Eu só tinha um ano. Muito pouco diante de tantas pessoas com muito mais tempo. Decidi depois de ir à designação em Carangola, ir a mais uma em Divino-MG. Quando lá cheguei encontrei com um amigo do Ensino Médio quando cursamos Técnico em Contabilidade. Quando iniciei o Curso de História ele estava formando. Lecionava História e Geografia numa escola particular na pequena cidade. Ele chamou uma amiga em comum, que estava com um currículo, e eu para irmos até à escola. Eles entraram na sala da Direção e eu fiquei aguardando. Quando eles saíram da sala a proprietária da escola me falou:

- Você deixou um currículo aqui? Qual seu nome?

- Sim. Já faz algum tempo. Meu nome é Josias.

Um dia em casa o celular tocou. Era a Dona Lúcia.

- Josias tudo bem? Tenho uma boa e uma notícia que não sei como você vai interpretar.

- Analisamos seu currículo. Ficamos sabendo do seu trabalho em Alvorada. Vamos para a primeira notícia: queremos você em nossa equipe. A segunda notícia é que você vai lecionar Geografia.

Eu nunca havia lecionado Geografia com exceção de maneira breve no Projeto Telessalas em Carangola como bolsista por um período curto até formar na faculdade.

- Aceito.

- Venha assinar o contrato e fazer os exames. Teremos reunião em breve.

Quando vi eu estava saindo desesperado para ir para o ponto de carona na entrada da cidade para tentar uma carona para ir para Divino. Alguns meses depois havia uma vaga de Geografia para designação numa escola estadual de Divino num bairro bem distante do centro onde eu lecionava. A escola particular era na praça, na parte baixa, na entrada de Divino.

Fui concorrer, não sabia que teria chance. Chegaram os candidatos e foram ver a listagem. A Diretora disse:

- A vaga é do Josias e mostrou a listagem para as pessoas presentes.

Houve denúncia na Superintendência Regional de Ensino, como eu já tinha dois cargos aquele seria o terceiro. De fato seriam. Mas dois eram particulares. O problema estava no horário das aulas: eram 15 aulas no turno da manhã concentramos em três dias. Três aulas eram no noturno. Pedi para me deixarem dar as aulas nos primeiros horários. Não consegui. Nos outros dois dias concentrei as 12 aulas na escola particular.

Eu terminava as aulas nos últimos horários do noturno e corria para o ponto de carona para voltar para Carangola. Devido o horário era quase impossível.Por isso pedi que colocassem as aulas nos primeiros horários. A madrugada chegava e nada de carona. Eu tinha os plantões. Eu cheguei a tentar dormir debaixo da mesa da sala dos professores de tanto cansaço depois de lecionar as cinco aulas pela manhã e aguardar durante a longa tarde chegarem as aulas do noturno. Não tinha jeito: eu precisava escolher.

Foi neste período que conheci o Professor Jorge de Educação Física. A gente ficava tentando carona no meio do frio, mas ele t inha mais aulas à noite do que eu. Uma noite ele não conseguiu carona e ficou na rodoviária da cidade tentando se esquentar. Ele me disse que por fim pensou em quebrar a vitrine de alguma loja para ser preso e ficar num lugar quente. O caso dele foi levado para o colegiado. Conseguiram uma cama para ele dormir na escola.

Pedi dispensa da E.E. Dr. Pedro Paulo Netto. Meu amigo Professor de Geografia me disse:

- Josias você está louco. Vai deixar um cargo de dezoito aulas.

Ao que eu ri e disse brincando: - Eu volto efetivo.

Veio o concurso da Secretaria Estadual de Educação em Minas Gerais. Fiz para as vagas de Divino e fui aprovado. Pedi exoneração do Hospital Evangélico, que me ajudou bastante, onde deixei pendurado no vestiário minhas roupas brancas com sapato e tudo. Não tive tempo de voltar. Tomei posse e quando vi estava no estágio probatório.

Topoambulus IV



“Novos Caminhos: a Espacialização da Vida e a Justiça Existencial na Topogênese.”

Reatar e remendar o U perdido do Topos.

Jader Janer

A situação na educação estava cada vez pior na segunda gestão do governador de Minas Gerais, Aécio Neves. Foi neste período que me aproximei dos movimentos sociais. Entre a parte baixa de Divino e a parte alta tem a “Rua do Sabão”. As escolas estaduais estavam fazendo uma manifestação quando a Coordenadora do Sind-UTE, Sindicato Único dos Trabalhadores da Educação, Subsede Carangola, disse que estava ficando sem voz e precisava de alguém para assumir o microfone. Foi quando fomos apresentados e assumi o microfone descendo a famosa Rua do Sabão. Parecia que eu fazia aquilo há muito tempo, a vida inteira.

Realmente eu estava numa práxis constante na escola diante das arbitrariedades do governo. Fui convidado para compor a Diretoria da Subsede. Foi naquele morro escorregadio principalmente em dias chuvosos que nasceu um novo Josias. Tive a oportunidade e buscava uma visão crítica da realidade, da minha categoria e da vida através dos movimentos sociais. Foi no ir e vir no fluxo da vida que me encontrei com o movimento universitário, estudantil, das mulheres, dos negros, indígenas, quilombolas, atingidos por barragens, LGBTQI+, sem teto, em situaçãode rua, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Era dura a rotina de viajar a noite toda, chegar pela manhã no CREA – Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura em Belo Horizonte, onde geralmente ocorriam os Conselhos da Categoria ou em tantos outros lugares. Geralmente quando o conselho terminava dava tempo para comer rápido o almoço e seguir para a Assembleia Geral, no pátio da ALEMG – Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Depois, geralmente, tínhamos movimento de rua. Somente depois retornávamos para Carangola e no dia seguinte eutinha que ir trabalhar.

Nas reuniões ou eventos cotidianos do Sindicato ficávamos num hotel extremamente simples.

Hotéis melhores somente nos Congressos e aí havia até disputa para quem iria ir representando a Subsede. Tinha gente que o usava o sindicato como agência de turismo. As contradições internas pelas quais passei eram tão terríveis quanto as externas.

Pessoas que não participavam do Conselho – espaço destinado aos Conselheiros por Subsede com poder de voto, mas aberto para toda a categoria e muito menos da Assembleia Geral da categoria que ocorria no pátio da Assembleia Legislativa de Minas Gerais – ALEMG. Muitos ficavam a percorrer gabinetes de Deputados Estaduais em busca de seus interesses a nível municipal ou passeando pela capital mineira.

Muitas pessoas eram aguerridas e comprometidas, mas as contradições internas na chamada esquerda numa cidade do interior como Carangola ou em determinadas categorias como a Educação costuma ser de uma mesquinhez que descaracterica e despertence os valores da palavra companheiro que é aquele que divide o pão. Aquele que está ao seu lado para as lutas.



Assembleia do Sind-UTE: Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação.

- Acervo pessoal -

Eu precisava lutar contra minha própria alienação quando via a alienação do outro. A complexidade de estar num cotidiano repleto de contradições, mas sem perder a esperança e amorosidade.

Foi nesta conjuntura que nasceu meu amado Josias Teodoro Guedes Filho em 2011. Quando ele nasceu eu havia dormido debaixo da cama da mãe dele. Tenho dificuldades de dormir em cadeira. Não havia ainda a lei dos acompanhantes. Mesmo assim, fiquei por ser amigo do plantonista e da direção do hospital.

A Coordenadora da Subsede perguntou se eu poderia ir receber os colegas de Divino que fariam um ato na Superintendência Regional de Ensino de Carangola e depois levá-los ao restaurante para almoçarem. Não havia ninguém para fazer a recepção dos colegas. Eu me desdobrei e fui lá recepcioná-los.

Assumi a Coordenação da Subsede do Sind-UTE Carangola. Veio um momento tenso no período de eleição em 2014 que foi se acentuando até ser dado o golpe em Dilma Roussef em 2016. Enfrentamos com afinco a Reforma da Previdência, Reforma Trabalhista, PEC 241, que se tornou a Emenda Constitucional – EC 55 com o corte de gastos em educação, saúde, assistência social – a chamada PEC da Morte.

Sobre o Projeto de Emenda à Constituição envolvendo a "PEC da Morte" formalmente chamada de "Teto de Gastos Públicos" eu fui convidado para compor a mesa num "diálogo" na UEMG. Quando lá cheguei parecia debate para Presidente da República do Brasil. Tinham seguidores e correligionários de representantes da chamada direita, que posteriormente se torno extrema direita.

Duas pessoas da mesa eram da chamada direita (uma ocupou a mesa de última hora) os correligionários estavam de frente para eles e para mim que fiquei entre os dois.

Fui um dos primeiros a falar. Uma das pessoas citou meu nome minha assim como minha fala e creio que o objetivo era ver minha reação. Disse que naquela mesa e pelo que aprendi não faria citação dos nomes das pessoas que eram a favor da PEC e sim faria a exposição do que pensava. Disse que quando somos convidados para uma mesa de diálogos a postura é acadêmica, de um banquete de saberes. Expliquei que a expressão Professor "doutrinador" não é correta por se uma ofensa aos estudiosos do Direito, por se a Doutrina uma área de grande importância e

relevância assim como as súmulas, jurisprudências e sentenças. Depois disto o “debate” pelo menos comigo foi de civilidade e respeito. Sei que havia no início a questão do Josias “Sindicalista”, mas nunca fui sindicalista formalmente, sempre fui Professor e durante um período assumi a responsabilidade de Coordenar a subsede de um sindicato de profissionais da educação que buscava dialogar com a comunidade.

Talvez esperavam a mesma maneira de dialogar numa praça pública com microfone alto. O que já me trazia o rótulo de comunista.

Num dado momento um dos componentes da mesa disse para uma estudante, creio que do curso de Serviço Social, que ninguém ali entendia melhor do ser humano do que ele devido sua profissão na área de saúde.

Aquilo causou grande polêmica. Ao final, um dos membros do Diretório Acadêmico fez uma fala direcionada ao profissional de saúde. Ele se levantou. Estava extremamente irritado e os dois debateram tensamente. Levantou-se e saiu do local. Condutada adotada pelos outros queo acompanharam. Eu disse para os estudantes da instituição antes do encerramento: - Guardem esta noite, este debate e tudo o que aqui aconteceuem suas mentes. Se no presente as coisas estão bastante claras, no futuro ficará ainda mais.

Agradeci a oportunidade e fui para minha casa que a cada dia “me via menos”.

Historicamente foi dado um golpe em Dilma Roussef em 2016. Penso que em 2013 o ninho da serpente já estava montado em termos de desmonte das conquistas sociais no Brasil. Em 2014, após a vitória da Presidenta Dilma ela sofreu inúmeros boicotes que não a permitiram governar. Deixaram o país sangrar. A elite e a chamada “direita” não aceitaram de fato o resultado das urnas e como disse o candidato derrotado Aécio Neves: “Sem o Legislativo ninguém governa”. Com o golpe dado com o “Supremo com tudo” o país mergulhou na plutocracia e abriu caminho para o que vivemos nas eleições turbulentas de 2018: a serpente estava devidamente nutrida, criada pelo fascismo e a necropolítica implantada de maneira vergonhosa na História do Brasil. Com a recente vitória de Lula a palavra é esperança, que se torna verbo em Paulo Freire: esperançar e lutar.



Debate sobre a PEC 247 – Teto dos Gastos ou PEC da Fome.

- Acervo pessoal -



Manifestação em Carangola contra a Reforma da Previdência.

- Acervo pessoal -

Como eu estava em constante contato com os Movimentos Sociais no estado de Minas Gerais e com o que estava ocorrendo no país principalmente através da Central Única dos Trabalhadores – CUT e Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação – CNTE, eu cria que era necessário manter a chama acesa em Carangola e nas pequenas cidades ao redor. Fiz o possível. Com o avanço da chamada Reforma da Previdência fizemos uma reunião na Subsede. Havíamos combinado uma passeata saindo da Praça do Largo do Rosário, com um ato na sede do INSS local e outro entre o Fórum e a Prefeitura na praça central da cidade.

No dia do movimento havia um professor que estava extremamente irritado e reclamou devido o horário e que seus alunos estavam inquietos. Expliquei para ele e pessoas que estavam mais próximas que o rapaz que fazia o serviço de carro de som não trouxe o microfone. Ali havia um impasse. Sempre fizemos o movimento com músicas como Reconvexo de Caetano na voz de Maria Bethânea e outros cantores, mas no momento de fala desligávamos as músicas e as falas eram livres. Perguntei para um grupo se alguém tinha um megafone em Carangola para poder emprestar. O Padre da cidade disse que tinha. Mais daí outro desafio: quem iria falar? Minha voz é um pouco fraca para falar durante lon gotempo e tom alto, por isso a necessidade do microfone. Não havia outra pessoa. Fizemos todo o trajeto com o megafone da igreja mantendo a proposta dos atos.

A luta era incessante. Trabalhava e estudava. E ainda prestava serviço voluntário na Coordenação da Subsede. Eu já era pai. Eram viagens e mais viagens, principalmente para Belo Horizonte. Mantínhamos contatos com a Igreja Católica, Sindicatos Rurais, Universida de do Estado de Minas Gerais – UEMG - Carangola e quem mais pudesse nos ajudar. A Subsede Carangola tinha em sua circunscrição os municípios de Tombos, Faria Lemos, Pedra Dourada, Divino, Fervedouro, Caparáo, Alto Caparaó, Espera Feliz, Caiana e a Sede. Eram grupos e mais grupos de whatsApp. Virava noite resolvendo as demandas que não tinham fim.

Outro problema era a questão que envolvia a minha pessoa. Eu passei a ser alguém para além do que de fato era. E precisava lidar com tudo aquilo. Inclusive existe um alto preço para quem assume isto tudo, principalmente numa pequena cidade.

Não obtive sucesso em inúmeras tentativas em me aproximar do Sindicato Rural de Carangola, a mesma coisa em relação ao PT – Partido dos Trabalhadores do município. Nas outras cidades era totalmente diferente. Para tentar aproximar e fortalecer o movimento criamos "O Interior se Levanta" com a participação de inúmeras pessoas que estavam engajadas na causa.

Fizemos camisas pretas com o nome das cidades nas costas e o nome do movimento em destaque. Tivemos funeral com caixão na praça central, ato na feira livre, carreata do trevo da cidade até na UEMG. No dia do ato que seria na Praça dos Estudantes em frente à UEMG – Carangola devido a possibilidade de corte de ponto dos servidores que aderiram à paralisação me convidaram para compor uma mesa de diálogo. A carreata foi impactante, ainda mais com "Reconvexo" e as falas intercaladas pelas ruas da cidade. Quando chegamos na Universidade eu estava praticamente "afônico". Mas ainda havia um pouco de voz enrouquecida para falar. Era preciso dialogar cada vez mais.



Manifestação em Divino contra a Reforma da Previdência

- Acervo pessoal -



Manifestação em Carangola contra a Reforma da Previdência



Momento da Manifestação em frente à Prefeitura Municipal de Carangola – Acervo pessoal.

Meu último momento em praça pública pelo sindicato foi quando anunciaram a prisão de Lula e decidi que não iria me acovardar e fizemos um ato em Praça Pública. As pessoas estavam com muito medo. O medo foi se intensificando diante do avanço do fascismo, mas a luta sempre presente de uma maneira ou de outra.

Uma ambulância do SAMU passou pela praça e usando o sistema sonoro do veículo alguém gritou: - Bolsonaro! Fui empurrado na praça. O pior de tudo eram as contradições internas que me cansavam ainda mais. Decidi deixar a instituição da maneira mais educada possível. Eu havia terminado o Mestrado em Ensino e estava exausto, além da densidade e tensão do momento histórico vivido era preciso lidar com pessoas que não tinham compostura para compor uma diretoria e para piorar: não queriam ajudar e sim atrapalhar. Surgiu sobre mim três perspectivas aosolhos alheios: ser vereador, recebia ou desviava dinheiro do Sind-UTE.

A cada greve da categoria, quando nos reuníamos em Belo Horizonte para fazer o levantamento antes do Conselho de como estava o movimento por região, na Zona da Mata Mineira, Carangola e cidades da circunscrição da subsede mantinham um excelente patamar de adesão muitas vezes chegando a cem porcento.

Decidi depois de tanta luta pelos vários municípios, tanta dedicação nas escolas assumir que eu não dava mais conta de tudo aquilo. Mas antes de tudo, idealizei a festa "Sind-UTE Movimentos Socias". Foi uma noite inesquecível de celebração de pessoas que no cotidiano de cidades pequenas e aparentemente invisibilizadas lutam por uma sociedade mais justa. A carta de despedida já estava pronta para ser entregue. Por diversos motivos eu creio que seria melhor também para a própria Subsede.

A festa do Sindicato era tradicional entre os trabalhadores da educação na cidade e região. Entretanto, dependia da questão de ter dinheiro para realizá-la. Como a Subsede Carangola é pequena era preciso cuidado com as obrigações mensais. Eu escrevi uma proposta para uma instituição privada da cidade e inicialmente o projeto envolvia a Subsede e um Plano de Assistência da cidade chamado Vida. Seria "Prêmio Vida – Movimentos Sociais". Não precisamos porque a Sede Central pediu um orçamento e conseguimos fazer a festa.

A proposta levada para a Diretoria era de uma festa de confraternização diferenciada envolvendo o que nomeei de "educação sindical". Já havia feito a tentativa ao retornar de Brasília num encontro da CNTE. Trouxe centenas de livros para dialogarmos com as escolas através de um projeto envolvendo temas atuais para a educação. Enviei ofício para a Superintendência Regional de Ensino – SRE Carangola e para as escolas para firmarmos parcerias. Nenhuma resposta.

As ideias da festa já estavam em minha mente eu precisava da aprovação da Diretoria. Por incrível que pareça, muitas pessoas que estavam ou fizeram parte da história da instituição não estavam satisfeitos com o que estava acontecendo.

Eu observei durante os anos de lida que em Carangola e região não tínhamos até então os chamados "Coletivos". Eles chegaram depois. Entretanto, mesmo numa cidade pequena, no miúdo do cotidiano, muitas pessoas faziam suas revoluções. Era preciso reunir essas pessoas para festejar, reconhecê-las em suas singularidades e estimular as novas lideranças. Para tal era necessário mudar o formato original da festa.

Fomos convidados para dialogar numa das rádios da cidade. Parece que o evento estava sendo bastante comentado. Falamos da proposta num programa muito animado do Manoelzinho Leal.

Escolhi as músicas que seriam tocadas conforme o anúncio das pessoas. Elaboramos o convite e encaminhamos para as escolas e Superintendência Regional de Ensino. Enviamos os convites para os agraciados com a frase : "A gratidão é a memória do coração".

O Sind-UTE Movimentos Sociais teve como categorias:

"Comunicação" – Luís Catequista: líder comunitário e locutor de rádio num bairro periférico da cidade;

"Religare com Justiça Social" – Padre Jamir;

"Educadora Social" – Conceição. Membra da Diretoria da Subsede e Assistente de Serviços Básicos – ASB na rede pública estadual de educação;

"Educador Social" – Professor Max, um homem engajado nas causas sociais;

"Diversidade, Gênero e Sexualidade"- Duas alunas da UEMG – Carangola: Joane Bastos e Roberta Mazer;

"Étnico Racial, Diálogo Comunitário, Vida e Arte" – Professor e Artista Jonce de Oliveira;

"Mãe Terra: Trabalhador e Trabalhadora do Campo"- O líder e representante do Sindicato Rural de Espera Feliz, Juseleno;

"Biografia e História" – D. Nilza de Fervedouro;

"Cotidiano e Direitos Humanos' – As Educadoras Emiliana, Márcia Drumond, Miriam Dutra, Jeanne e a Judite da SRE – Carangola;

"Gestão e Promoção da Dignidade Humana" – Plano Vida;

"Montesquieu"- Advogado da Subsede Carangola e da Zona da Mata: Alessandro;

"Minas Gerais no Diálogo Humanitário Nacional e Internacional" – Beatriz Cerqueira;

"Gratidão Carangolense" – Aos pioneiros de Muriaé que juntamente com pessoas, que foram lembradas in memoriam, fundaram a Subsede Carangola: Israel, Sandra e Sr. Jair;

"Arte Popular"- Cesinha;

"Incandeia Paulo Freire"- Professora Hilda Louro.

Logo após foi concedida a palavra para a Presidenta do Sind-UTE e Presidenta da CUT –MG: Central Única dos Trabalhadores. Deixo registrado meu agradecimento em relação as duas falas: jamais faria o mesmo e ao ouvi-las lembrei-me da carta. Muitas vezes a não resposta ou o silêncio são formas poderosas de resposta. No programa que aqui transcrevo, para que se mantenha a memória, não consta o Grupo de Estudos Itinerantes da UFF em Carangola do qual faço parte e foi muito importante devido os estudos acadêmicos, diálogos abertos e amorosidade dos encontros. Era um projeto de Extensão da Professora Drª Mitsi Pinheiro de Lacerda. Foi feita uma homenagem aos membros da Diretoria da Subsede e Grupo de Trabalho da SRE- Carangola.

Fiz o agradecimento final e teve início o baile. Durante a entrega da premiação foi servido salgadinhos, refrigerantes, vinho, patês entre outras iguarias para os presentes.

Pedi para uma colega ficar a cargo do som e entreguei para ela a programação com as músicas: “Divino Maravilhoso” de Caetano Veloso na voz de Gal Costa; “Bola de Meia Bola, Bola de Gude” de Milton Nascimento, “Palco” de Gilberto Gil, “Reconvexo” de Caetano Veloso onde seriam apresentadas as fotos de Tia Nilza em vários momentos nos movimentos sociais no telão, “Brasil” de Cazuza, “Tempo Perdido” de Legião Urbana, “História de uma Gata” de Chico Buarque. Ela compareceu e deixou o computador sozinho. Até que um membro da Subsede tentou ajudar mas ficou bastante perdido do que eu já havia combinado previamente com a outra colega.

Foi uma festa linda!

Cada pessoa recebeu uma rosa vermelha como gratidão e luta. Não houve um buquê para uma ou duas pessoas: tão somente o reconhecimento através de uma rosa para todos, todas e todes. Pedi para o pequeno Josias Teodoro Guedes Filho entregar as rosas antes de iniciar o evento. Ele ficou com vergonha. Ele e Patrícia minha esposa receberam a rosa vermelha, pois não é fácil ser filho e esposo de um Professor “Sindicalista”.

Patrícia ainda na Faculdade de Matemática participava dos movimentos e via o cotidiano que demandava tempo e dedicação. Josia s Filho chegou a ir à Conselheiro Lafaiete comigo e participou de uma reunião regional. Pedi para ele anotar na minha agenda a reunião. Está tudo registrado com letrinhas de criança que começava a ter os primeiros contatos com o lápis e a escrita. Depois foi brincar com a secretária doevento e dormir com o motorista que nos levou.

Como tudo na vida existem as críticas: aceitei a todas até mesmo as infundadas que no fundo tinham seus motivos inclusive políticos e psíquicos.

Um dos momentos mais impactantes foi quando o artista transformista Cesinha se apresentou no palco. Eu percebia nitidamente nos olhares das pessoas presentes a reprovação. Tocar em sexualidade e gênero para muitos educadores brasileiros ainda é um grande tabu.

Algumas pessoas queixaram sobre as homenagens. Infelizmente muitos colegas de categoria possuem dificuldade em contemplar e homenagear seus pares. A festa que teve sua primeira edição em 2017 e presumi que poderia ter continuidade. Uma determinada professora da cidade se ofendeu e creio que até hoje não entendeu que quando um colega de categoria é homenageado somos representados nele.

Interessante que na cidade existem duas ou três premiações para os chamados destaques do ano: as pessoas geralmente pagam pela mesa, esperam todos os agraciados serem premiados e quem não foi convidado pelo homenageado paga para ir ao evento e participar do baile. Todos ficam lotados. O Sind-UTE Movimentos sociais não cobrava nada.

Era uma festa dos filiados da educação que se abriu para convidar pessoas da cidade e região envolvidas com os movimentos sociais e que para muitas pessoas ficavam invisibilizadas.

Entre o período da realização do evento e o tempo em que escrevo estas palavras muitas pessoas partiram: jamais esquecerei a alegria daqueles momentos.

Para que a democracia vencesse as eleições em 2022 foi necessário uma "Frente Ampla" liderada sabiamente pelo Presidente Lula. Creio que democracia seja isto: um diálogo intenso, tecido de maneira que seja necessário curar as fraturas, suturar tecidos, curar as feridas através de inúmeros curativos.

Espero que enquanto povo possamos manter a democracia viva e nunca mais permitir movimentos golpistas, ditatoriais ou fascistas ao poder. Sabemos que isto não funciona. Qualquer tentativa que conduza ao poder a elite brasileira não serve para a classe trabalhadora que sempre sustentou este país, até mesmo durante a escravização..

Uma vez implantadas estas forças com o poder intenso da mesquinharia tão bem representado em nosso país na figura de Gilberto Freyre em Casa Grande e Senzala, clássico de 1933, as forças do povo massacrado e da social democracia sempre estarão presentes em lutas infinitas. Foi assim com nossos antepassados.

O brasileiro sabe usar os ponteiros do relógio para diante da opressão se levantar na História.

Creio que por mais duro que seja um trabalho voluntário num sindicato, ou qualquer outra possibilidade de luta democrática, é uma entrega genuína de amor. Certa vez, uma grande amiga me disse: - Josias você sabe que vai pagar um alto preço por tudo que tem feito em Carangola através do Sind-UTE? - Sei. - Respondi para a amiga.

E o pagamento é constante. Diário.

Professor é figura pública e quando assume sua práxis paga-se o preço com familiares, amigos e pessoas próximas. Não há volta. É preciso saber lidar com uma pessoa criada para além do que você é. A ardilosidade se deu entre pessoas que pensei que eram companheiros.

Lamento, por exemplo, por aqueles que numa certa data me convidaram para uma palestra na UEMG logo após o Golpe em 2016. A palestra seria voltada para a saúde negra. Após a palestra de abertura no auditório da instituição houve a distribuição para as pessoas presentes para quais salas iriam e assim participar dos eixos temáticos. Elaboraria-se um documento para ser debatido na plenária final.

Nenhum número foi distribuído para a sala onde eu estava. Descobri porque havia deixado a sala pronta antes da palestra de abertura. Vi praticamente toda a distribuição. Fui para a sala e aguardei. Conversei com duas pessoas responsáveis por auxiliar nas atividades. Quando fui beber água antes de iniciar com as duas pessoas que me aguardavam encontrei com Patrícia que não sabia para onde ir, como ela é minha esposa perguntei se deram um número para ela: - Disseram para eu escolher.

- Escolhe a que você preferir por tema. – Disse-lhe.

Ela escolheu a Saúde e Negritude. Pesquisei e elaborei um bom material, o melhor possível.

Quando iniciamos o diálogo bateram na porta. Este tema vai se juntar ao da educação. Fiz o preenchimento do documento. Entreguei aos responsáveis da plenária. Pedi para me retirar por ter compromisso no Grupo de Estudos Itinerantes. A cara deles dizia tudo...



Sind-UTE Movimentos Sociais: Sr. Geraldo conhecido como Sr. Jacaré do Boi Pintadinho; Professora e Membra da Sireçao da Subsede Carangola: Neise Radsack; Artista Cesinha. – Acervo pessoal.





Sind-UTE Movimentos Sociais: as rosas vermelhas como símbolo de gratidão e resistência.

Conceição, Neise e Ana. Ao centro Tia Nilza, mulher símbolo de amorosidade e luta.

- Acervo pessoal -



Galeriando e Cosendo: em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo e da Virgem Maria".

A vivência espacial renova a palavra.

Jader Janer

Fiz o curso de Direito e o Mestrado paralelamente com o trabalho voluntariado no Sind-UTE. Foi também em Divino, quando estava no estágio probatório que bati na sala de uma grande amiga da escola, Professora de História, e expliquei que abririam o curso de Direito em Carangola. Disse que ela tinha perfil. Ao que ela me disse: - Você também tem! Vamos fazer juntos.

Fizemos o vestibular para a Faculdade de Direito de Carangola – FDC que funcionava numa ala anexa da FAFILE-UEMG. Era uma fundação que iniciou suas atividades através de uma Resolução Estadual que permitia em Minas Gerais a abertura de novos cursos de Direito. Começou a tramitar no Supremo Tribunal Federal a inconstitucionalidade da referida resolução. Eu iniciei no curso porque conversei com os gestores e externei meu interesse pelo curso. Disseram-me para fazer o vestibular e caso não preenchesse o número de 50 alunos no livro de matrículas me chamariam para cursar todo o Curso de Direito até o final com 50% de descontos. Foi neste período de tempo que obtive o edital de Concurso para a Prefeitura Municipal de Carangola. Aparentemente não havia vaga para mim. Ao ler o edital percebi que havia uma lacuna. Havia uma vaga para Geografia. O edital não exigia licenciatura plena e sim habilitação em Geografia. A vaga era para lecionar na Escola Municipal Santa Luzia que era do Ensino Fundamental II. Liguei para a empresa que estava organizando todo o concurso da Prefeitura. Eles me disseram que eu não poderia concorrer. Procurei o devido respaldo legale fui fazer a prova. Saiu o resultado final. A vaga era minha.

Novamente meu nome correu as ruas da cidade. O que eles não sabiam era que eu lecionava na escola particular em Divino a disciplina de Geografia e estudava de domingo a domingo. Eu tinha somente duas aulas por turma, porque uma era destinada para Filosofia. Eram alunos do sexto ao terceiro ano do Ensino Médio. Eu precisava dar as aulas, preencher as duas apostilas anuais e a de atividades cartográficas do início ao fim para não ter que dar aula particular ao final do ano por não ter dado todo o conteúdo.

Com a inconstitucionalidade a Faculdade de Direito de Carangola - FDC foi vendida para a Rede Doctum. Cursei até o quinto período pagando todas as mensalidades. No sexto período a faculdade mudou de local. Meu nome continuava na lista de chamada normalmente. Eu procurava a secretaria para pagar as mensalidades, mas nada me diziam. Foi no sétimo período que começaram a tentar me expulsar da faculdade. Recorri ao judiciário. Cursei até o décimo período. Queriam me colocar para fora como um cão sarnento. Não permiti. As notas eram divulgadas praticamente às escondidas e quando alguém falava que eu não poderia fazer prova ou trabalho eu descia e revertia a situação, pois eu iria chamar a polícia. Tudo era documentado e assinado por testemunhas. Cheguei ao décimo período extremamente adoecido. Meus colegas convidaram-me para ser o juramentista. Declinei ao convite por saber do ato solene que é. Mesmo estando correto quem garante que eu ganharia no judiciário a causa? Não me permitiram apresentar meu Trabalho de Conclusão de Curso. Havia conseguido uma liminar para participar da formatura. Ao que no dia da formatura a juíza suspendeu a liminar. Denunciei o caso ao Conselho Nacional de Justiça – CNJ.

Segui minha vida. Decidi fazer vestibular para Pedagogia em Natividade-RJ no Noroeste Fluminense pelo Centro de Educação Superior à Distância do Rio de Janeiro – CEDERJ.

Eu prestava serviço numa empresa de assessoria de estudos, O Contexto, em Carangola. Fui procurado por uma Professora que fazia Mestrado na Universidade Federal Fluminense em Santo Antônio de Pádua. Eu decidi que eu não cobraria nada dela por se tratar de uma pessoa querida e Professora. Ela pagaria somente à firma um valor que eles combinariam. Ela me entregou uma lista de temas que ela precisava estudar no Mestrado que tinham relação com História e Educação. Ela me convidou para ir num evento no Mestrado em Ensino. Faltava uma semana

para encerrarem as inscrições para o processo seletivo. Depois de inúmeras tentativas em outros processos seletivos eu decidi tentar mais uma vez e depois de todas as etapas fui aprovado.

Adentrei para além de um Mestrado em Ensino numa grande mudança como ser humano. Grande encontros para se levar por toda vida: minha Orientadora, as componentes da Banca que tanto me ajudaram a ser um ser humano melhor do que pisei naquele espaço em 2016. Não posso deixar de agradecer o meu reencontro com seis Atendentes de Enfermagem, grandes amigos, por termos entre sorrisos e lágrimas ido a um tempo que ficou lacunoso na História dos Cuidados no Brasil. Hoje, revendo a transcrição de nossas conversas eu penso que deveria ter sugerido um anexo com os diálogos para as pessoas terem uma dimensão melhor do material base de um dos capítulos da dissertação: Cronos. Foi o referido material que deu origem às chamadas "Crônicas". Foram dois anos muito intensos e creio que mesmo após a aprovação é uma escrita e um processo sem fim.

Uma das grandes oportunidades surgidas no Mestrado foi participar de um Grupo de Estudos Sócioambientais de minha Orientadora Maristela Barenco Corrêa de Mello. O grupo estudava os saberes e fazeres das benzedeiras, benzedeiros e raizeiros do Noroeste Fluminense. Havia um desejo de se pesquisar também a Zona da Mata Mineira. Eu comecei a fazer alguns levantamentos. O grupo não foi adiante. Entretanto,foi este encontro epistêmico que me possibilitou a escrita do Projeto de Doutorado para a Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF.

A política pública de Universidades pelo interior do país no governo Lula e Dilma possibilitou-me cursar o Mestrado na Universidade Pública. Da Zona da Mata Mineira eu ia para o Noroeste Fluminense, onde nossas culturas se encontram. Inúmeras vezes fiquei no trevo de Itaperuna-RJ no escuro esperando o ônibus para retornar para Carangola. Algumas vezes ele não parou. Somente depois descobri que além de ser um local ermo o ônibus já havia sido assaltado. Durante um semestre fazia baldeação até a cidade de Porciúncula de ônibus e pedia um táxi para retornar. Fiz empréstimo consignado para continuar estudanto com taxas de juros altíssimas. Até o presente momento a rede pública estadual de ensino não me paga pelo curso feito e não me liberou para cursá-lo. Fiz malabarismos para Cursar o Mestrado durante dois anos. Ressalto e ressalvo a conduta diferenciada da Prefeitura Municipal de Carangola pela liberação e pagamento após a apresentação do diploma de Mestre.

Contei com a ajuda de inúmeras pessoas principalmente colegas de turma. Fiquei na reta final de apresentação da Dissertação na casa de Lenita mãe de minha amiga Isabel Galiaço que havia cursado História comigo em Carangola e aluna do Mestrado em Ensino. Quando o dinheiro foi sumindo, inclusive o de empréstimo consignado tive casa, tive carona de amigos e de minha amiga e Professora Mitsi: tive amor e companheirismo. Quanta prosa boa pelas estradas do estado do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Eu escrevia sobre os cuidados e era cuidado.

Lembro-me que no dia da apresentação para qualificação no Mestrado eu escrevi com pincel no quadro o nome da cidade, a data e o Título da Dissertação: Entre lamparinas e Lampiões – Narrativas, Saberes e Fazeres que Ensinam: Memórias dos Atendentes de Enfermagem da Casa de Caridade de Carangola – MG. Uma homenagem ao meu pai que não sabia ler e escrever. Creio que muita gente não entendeu mas penso que de alguma maneira chegaria até a ele. Fiquei muito emocionado.

Entre as disciplinas que mais gostei e contribuíram muito para o processo da escrita, assim como todas as outras que cursei destacarei aqui duas: "Epistemologia" com a Profª Drª Maristela Barenco Corrêa de Mello e "Epistemologia e Educação" com a referida Professora juntamente com a Profª Drª Mitsi Pinheiro de Lacerda. Eu falava com os colegas de turma que era uma Terapia Epistemológica. Eram momentos intensos e eu via em tudo um prazer de ali estar. A escrita foi complexa.

Precisava rever o arcabouço metodológico. Durante um período de viagem de minha Orientadora para a Europa fiz a escrita da maior parte do material. Li e reli os pareceres e tentei contemplar ao máximo as preciosas contribuições. Revisitei as gravações com os diálogos e escrevi outras "crônicas". A última "crônica" tornou-se a primeira. Veio um desafio: é ou não uma crônica? Decidi escrever um capítulo antes deCronus intitulado "Lentes". Escrevi o processo de escrita demonstrando o processo de construção em parceria com a potente banca.

Escrevi um texto que inicialmente nomeei como um ensaio. Nele escrevi sobre minhas vivências. Depois falaram-me que aquela escrita era um memorial. Entretanto, o objetivo era escrever sobre o que havíamos lido, dialogado e vivido, partindo-se do meu lugar epistêmico, ou sujeito enunciativo. Não citei referências do que estávamos estudando. Creio que deveria ter feito porque os estudos e a pesquisa não estão ou

não deveriam estar apartados da vida. Depois o Ensaio ou Memorial tomou outros rumos e tornou-se na Dissertação uma “Travessia”. Ali estava uma das maiores atitudes de coragem da minha vida.

Eu decidi escrever coisas que até então estavam guardadas e que precisavam ser ditas. Foi um processo de libertação. Entretanto, muitas coisas ficaram sem serem ditas. E eu precisava dizer e aqui eu estou. Aqui estamos. A academia é a vida ou deveria ser. Para mim é isto, se uma se dissociar da outra creio que não tenho motivação.

Iniciei um processo de escrita intenso. Revisitei as gravações de diálogos com os seis Atendentes de Enfermagem e lapidei as crônicas. A última crônica, inspirada na antiga planta do primeiro hospital me inspirou na escrita de “Onírico” que foi uma escrita desafiadora, mas que me trouxe para dentro de um hospital em 1907 em busca de como seria o encontro da chamada enfermagem científica, Florence Nighti ngale e o primeiro membro da enfermagem local o Sr. Francisco Xavier.

Eu creio que a presença de quatro mulheres na dissertação demonstra a força das mulheres em minha vida.

Escrever sobre os cuidados num hospital onde a figura dos Atendentes de Enfermagem ou os chamados Enfermeiros Práticos foram renegados historicamente com seus saberes e fazeres de um tempo passado. Foi um reencontro com minha vida e a vida de milhares de pessoas dos cuidados não somente de Carangola, mas de todo o Brasil. O que essas pessoas, majoritariamente mulheres, tem a nos ensinar?

O que a vida tem a aprender com os sujeitos Atendentes de Enfermagem? Em cada uma das componentes da Banca e a minha Orientadora por cada palavra, cada frase lida ou dita era de encorajamento. Cada olhar das estudiosas era profundo.

Todas possuíam estudos profundos em suas áreas. Eu estava ali enquanto um acadêmico, mas também como um Atendente de Enfermagem. Creio que o trabalho realizado teve desdobramento em inúmeras vidas e pesquisas acadêmicas por mais que não tenha sido verbalizado.



Da esquerda para direita, Professoras Doutoras:

Marisol Barenco Corrêa de Mello,

Mitsi Pinheiro de Lacerda,

Emanuela Esteves dos Santos,

e minha querida Orientadora, Maristela Barenco Corrêa de Mello. – Acervo pessoal.

Quando terminei o Mestrado retornei para vida profissional de maneira integral. As minhas atividades na rede pública municipal de ensino precisavam ser retomadas. Foi neste período que a Rede Doctum me ligou propondo um acordo. Os valores foram baixando até chegar ao valor que de fato eu deveria pagar para a instituição. Fizemos um acordo extra-judical.

Finalmente eu era bacharel em Direito em 2017. Infelizmente a pessoa que eu pretendia entregar o Diploma já não estava mais vivo. Depois de um longo período de enfermidade meu Pai havia morrido. Não pretendo exercer até o presente momento nada na área jurídica: o diploma é para um registro de resistência e luta ou no máximo a possibilidade de um dia, talvez, retomar os estudos nesta área.

As adaptações de minha carga horária para cursar o Mestrado na rede pública estadual de Minas Gerais além de outras "mumunhas" como diria a cantora Aracy de Almeida tomou um rumo de perseguições infindáveis para um ser humano. Eu teria mais uma vez que resistir. O objetivo era que eu perdesse o meu cargo. Trataram-me como se eu fosse servidor exclusivo do estado e não levaram em nenhum momento o fatode ser Professor na rede municipal e particular. Recorri ao judiciário. Eu era perseguido de todas as maneiras possíveis na escola. Ainda era Coordenador no Sind-UTE, Subsede Carangola.

Um dos Procuradores do estado disse em audiência onde estavam presentes o diretor da escola e inspetora que aquilo tudo era um absurdo. Por fim o processo que corria no Juizado Especial fez uma sentença vergonhosa que foi endossada pela turma recursal em Muriaé-MG. Perdi em ambas. O que não foi para mim nenhuma novidade. Tudo indicava que eles conseguiriam o que tanto desejavam em meio a tantas perseguições. Foi quando chegou à SRE – Carangola, ao cargo de Superintendente de Ensino, uma nova Superintendente. Que me chamou para dialogar imediatamente. Eu pedi remoção para outro município e mudança de lotação para Carangola. Ela foi Diretora durante anos na Escola Estadual Emília Esteves Marques e havia aposentado em sua matrícula de História. Consegui a mudança de lotação e eu fui lotado exatamente navaga de aposentadoria dela.



Leitura da ata e colação de grau:

à direita minha amiga Professora e Advogada Marluza Fernandes Roriz.

- Acervo pessoal -





A placa da primeira turma de Direito de Carangola. Felicidade: Eliel, Marluza e Luciana Saraiva.

- Acervo pessoal -

O estado de Minas Gerais chamou-me para um acordo. Nada disse. Compareci e com mais três pessoas na sala só fiz uma pergunta:

- Este acordo me impede de continuar a estudar?

- Pode normalmente. - Assinei tudo em silêncio! Eu estava livre! Venci! O conluio, ou quadrilha pedagógica ficou como havia nascido: derrotado.

Estava livre inclusive para ingressar no processo seletivo de Doutorado. Comecei a fazer uma disciplina inicialmente como ouvinte no GRUPEGI – Grupo de Pesquisas em Geografia da Infância. Montei o Projeto de Doutorado e enviei a documentação para a Universidade Federal Fluminense. Fui reprovado na fase documental. Errei ao trocar um dos documentos. Montei um novo Projeto e encaminhei para a Universidade Federal de Juiz de Fora. Ao final estava aprovado. Pela primeira vez fiz uso de meu direito de cotas como negro. Tive a felic idade de ter uma pontuação elevada e ir para a "ampla concorrência" o que abriu vaga para outra pessoa negra no processo seletivo. Foi neste período intenso da vida que nasceu Gal Torrentes Guedes, a irmã de Josias Teodoro Guedes Filho, filha de Patrícia Torrentes da Silva - uma linda mulher, com grande talento para dança, enxadrista, capoeirista, apaixonada e graduada em Matemática. O sonho dos pais de Patrícia havia se realizado ao vê- la formar numa Universidade Pública.

Josias Teodoro Guedes filho nasceu num período conturbado de minha vida. Fiquei entre escolher o nome de meu Pai Abimael Zacarias Guedes ou meu nome. Minha mãe havia me ligado e disse que nasceria uma criança que seria muito parecido comigo. Havia visto o rosto dele em sonho.

À época entre falas múltiplas chegaram a dizer que ele não seria meu filho biológico por uma parente e outras pessoas visto que a toxoplasmose não permitiria.

Coitadas!

Nasceu uma jóia rara.



O menino árvore – Acervo pessoal

Gal Torrentes Guedes foi-me apresentada pela D. Abigail em sonho. Uma senhora que havia falecido. Uma pessoa extremamente querida. Era maestrina do coral da igreja da minha infância. Tinha uma voz afinada e potente. Sempre muito próxima de todos nós.

Ela me mostrou uma criança toda vestida de vermelho. Deu um lindo sorriso e foi embora. Comecei a procurar entre familiares e entes de D. Abigail se tinha alguém esperando neném. Inclusive dois sobrinhos meus que são netos dela. Não havia.

Tempos depois Patrícia estava grávida. Foi uma grande felicidade. Não imaginei que ela faria opção de ser mãe cursando Matemática e em meio à Pademia de COVID-19. Havíamos conversado sobre o nome e dei a sugestão de ser Gal. Meu Filho no início achou estranho. Não conhecia ninguém com o mesmo nome. Com o tempo e convivência conforme a irmã crescia ele disse:

- O nome Gal combina com o jeito dela.

Quando na ultrassonografia foi revelado que era uma menina o médico perguntou o nome. O nome dela era Gal. E assim foi escrito na imagem do feto.

Escrevo estas palavras no dia doze de novembro de dois mil e vinte e dois, dia de sepultamento de Gal Costa.

Lembro-me de Gal quando eu era criança vindo pela trilha do bar do Sr. Fidélis. Ouvi de alguma casa uma vizinha que ouvia no rádio "Chuva de Prata". De quem era aquela voz? Depois fui ouvindo "Festa no Interior" e "Balancê". Tudo nas ondas do rádio.

Quando jovem tive um Professor de literatura, o Murilo Morando, que lançou em mim uma semente de sua grande paixão que era Caetano Veloso, dele fui para Gil, Bethânia e Gal. Que história linda de vida de uma mulher! Já escolhido o nome Patrícia foi pesquisar a origem: Gal vem de Abigail nome hebraico.

Gal seria o diminutivo carinhoso, um apelido de Abigail.

Está aí o "Balancê" da vida!

Quando decidimos nos casar, não gosto desta expressão morar juntos, ela era uma linda moça de dezessete anos. Sempre foi linda e inteligente. Fez vestibular para Matemática e começou a estudar na UEMG – Carangola. No meio do curso a pandemia. No final da pandemia nasceu a pequena Gal.

Muitas pessoas disseram que eu era pedófilo. Tantos rótulos, gay, macumbeiro, comunista, louco, pedófilo. Aprendi a lidar com uma pessoa para além de mim mesmo, criado pela imaginação popular de uma pequena cidade.

Patrícia foi minha aluna quando pequena, no sexto ano de escolaridade. Não imaginava que um dia a vida possibilitasse nosso encontro como namorados e cônjuges. Foi neste período que adoeci e inicialmente fui encaminhado para trabalhar na secretaria da escola.

Devido o fato de ter carga horária reduzida eu ocuparia o cargo de uma outra pessoa que poderia ser contratada. Fui encaminha do para a biblioteca escolar. Eu estava triste. Via na sala de aula um palco da vida. Talvez o palco que deixei de ter na igreja e depois no grupo de teatro do hospital. A lida cotidiana da sala de aula adoece o educador. Muitas vezes mata. O número de Professores que adoecem no Brasil demonstra uma série de questões que envolvem os muros escolares e para além deles. A voz foi sumindo aos poucos. Estava cada vez mais difícil falar. Da disfonia a afonia.

É no período do adoecimento que se percebe como o Professor é desvalorizado. Tive meu salário reduzido por questões burocráticas e até hoje não consegui reverter a situação. Com a carga horária reduzida começam a achar que o ajustado ou reabilitado é qualquer um. E eu teimava em permanecer nos serviços voluntários do sindicato na diretoria. Ninguém nunca me disse durante tantos anos um agradecimento. Fiz e cumpri o que eu cria ser meu papel, minha práxis como cidadão e Professor.

Fui para a Biblitoteca Escolar como se estivesse indo para uma tumba.

No cotidiano, na vida com os alunos, principalmente com as crianças, a vida começou a tomar outras dimensões.

Era preciso recomeçar. Eu estava recomeçando mais uma vez. Esta história fica para mais adiante.



Sobre o amor: Patrícia e Gal – Mamãe agora é Professora de Matemática. Acervo pessoal.



Vivências e Estéticas de uma Escola Leitora: As Palavras na Tessitura da Topogênese.

Viver com o ser humano é estar com a condição
de humanidade que a própria humanidade gesta.
É olhar a vida que se tece na vida.
Jader Janer.

Após os três anos de estágio probatório, obrigatório na instituição onde fui lotado na cidade de Divino-Mg, eu pedi remoção para Carangola. Retornei para a E. E. Nascimento Leal em Alvorada. O que parecia inicalmente ser meu fim devido o adoecimento como educador foi um dos meus melhores encontros de minha vida pessoal e profissional. Comecei a perceber a quantidade de livros destinados para as crianças do Ensino Fundamental I. Livros em grande quantidade e qualidade. Percebi ali uma revolução na História do Brasil: crianças que em suas casas os pais não tiveram a mesma oportunidade de livros acessíveis, assim como inúmeras outras gerações. Através do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) os livros encaminhados durante o governo do Presidente Lula e Dilma foram se avolumando nas escolas. Para além do livr o didático a importância do acesso aos livros de literatura infanto-juvenil de qualidade:

> O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) compreende um conjunto de ações voltadas para a distribuição de obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, destinados aosalunos e professores das escolas públicas de educação básica do País. O PNLD também contempla as instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público. As escolas participantes do PNLD recebem materiais de forma sistemática, regular e gratuita. Trata-se, portanto, de um Programa abrangente, constituindo-se em um dos principais instrumentos de apoio ao processo de ensino-aprendizagem nas Escolasbeneficiadas. (Portal do Livro – Portal do FNDE, 2022)

As crianças gostavam de ir à Biblioteca para leituras. Percebi que muitos livros ficavam em prateleiras altas o que não era aproriado. Resolvi descer os livros para a bancada acessível para todas as crianças tendo como referência a altura das crianças do primeiro ano de escolaridade.

Virei os livros para que leitor e livro ficassem frente a frente podendo manuseá-los e fazer suas escolhas.

As crianças do Ensino Fundamental I mesmo sem o horário pré-determinado pela Professora passaram a ir à Biblioteca para escolha voluntária de livros e leitura. O que classifica-se como um livro de criança pode ser um engano. Muitos alunos iam na Biblioteca por obrigatoriedade para procurar o livro "x" ou "y" a pedido da Professora do Ensino Fundamental II ou Médio.

Escolher um livro e degustar.

Eles me ajudaram a entender que muitos alunos não haviam passado pelo que estava acontecendo na escola, naquele momento da História da Educação do Brasil. De fato era um novo paradigma.

Dialoguei com a gestão, departamento pedagógico e docentes sobre a Biblioteca ser um espaço, para muitos, de castigo. Era muito comum a chegada de profissionais da escola acompanhado pelo aluno e mandavam pegar um livro para ler ou fazer cópia. Gradativamente fui trabalhando com os alunos. Mediava a situação após a saída do profissional. Explicava nosso passado escravista de que trabalho era castigo e para muitos da camada popular, povão, a visão de biblitoteca e leitura era castigo. A Biblioteca nesta perspectiva era a palmatória que fez meuPai fugir da escola.

Sempre que ocorriam esses problemas eu ouvia tudo sem praticamente nada dizer e depois conversava com o aluno sobre a leitura como prazer. Muitos alunos não sabiam ler mesmo estando segundo muitos profissionais alfabetizados. Eu pegava o livro escolhido por eles e lia a história. Os alunos considerados problemáticos queriam voltar sempre para a Biblioteca porque sabiam que lá havia a liberdade do livro.

Eu oferecia o livro para eles levarem para casa e geralmente aceitavam a proposta. Eu creio que quando eles retornavam para a sala ou passavam pela secretaria/diretoria com o livro nas mãos estava tudo dito.

Aos poucos estabeleci que durante o recreio alunos não ficariam de castigo na Biblioteca porque eu já tinha uma demanda de alunos que iam frequentá-la exatamente naquele horário. Eu precisava atendê-los.

Inclusive muitos alunos pediam para que eu lesse o livro junto com eles por questão de opção ou mesmo por dificuldade na leitura. Após a leitura eu estimulava a escolha de uma palavra ou frase e conversávamos a respeito. A palavra ou a frase do livro nos levava para universos e dimensões dialógicas do cotidiano escolar e vivências dos alunos. Tudo podia acontecer naquele espaço.

Foi o caso de uma aluna da terceira série que escolheu um livro sobre flores. Pedi para ela escolher uma palavra. Ela escolheu a palavra "rosa". Da rosa fomos para a roseira. Da roseira para a D. Rosa que plantou umas roseiras na entrada da escola antes de se aposentar. Ela me disse que queria uma rosa que tinha desabrochado no canteiro. Fui lá e peguei uma. Coloquei na orelha dela. Foi para a sala linda.

A Biblioteca para além da palavra escrita que estava até então nos livros em fila indiana passou a ser um espaço de leituras, diálogos e linguagens para além de um depósito de livros didáticos com espaços repletos de infiltrações e livros mofados e guardados.

Tudo estava em movimento.

E se há controle é aparente porque como nos ensina Milton Nascimento "nada será como antes".

Havia uma outra questão que envolve o espaço enquanto lugar rotulado. A Biblioteca Escolar era o local de reforço dado pelas "Professores de Ensino do Uso da Biblioteca" – PEUBs. Assim, os alunos que apresentavam alguma "defasagem" eram encaminhados pelo departamento pedagógico e professoras para o reforço. Entretanto, ao invés de ser um espaço de potência, ocorria em muitos casos o inverso. O aluno quando saia da sala para ir para o reforço muitas vezes já estava estigmatizado.

Foi assim que escrevi o “Projeto Escola Leitora”. Desenvolvido através da Biblioteca Escolar o objetivo era estabelecer parcerias com toda a comunidade escolar como vários sopros voltados para a leitura cotidiana. O pilar principal foi a parceria com o PROETI – Projeto de Tempo Integral na escola com as crianças do primeiro ao quinto ano. Do adoecimento ao renascimento enquanto educador.

Outra barreira em relação ao espaço dimensionado como Biblioteca era que tudo que não cabia em outro lugar era para lá encaminhado. Havia uma sala de professores com geladeira, micro-ondas e sofá que era dos Professores do Ensino Fundamental II e Médio. As Professoras do Ensino Fundamental I tinham como sala delas durante o intervalo a Biblioteca. Alunos precisavam constantemente de mediação para fazerem seus trabalhos de pesquisa nos livros ou através do único computador com impressora disponível.

Enquanto permitiram o uso dos computadores pelos alunos era lá que eles eram orientados e auxiliados em suas pesquisas. Aquele espaço era fundamental para a comunidade. A maioria dos alunos moravam em pequenas comunidades que compunham o distrito e não possuíam acesso a computador em suas casas, principalmente os menos favorecidos filhos de trabalhadores rurais. A escola ficava na sede. Ela era estratégica para a comunidade. Conforme os alunos foram se aproximando do espaço da Biblioteca percebia-se uma mudança nas relações humanas locais.

A Biblioteca Escolar passou a ser um lugar fundamental no espaço geográfico na comunidade de Alvorada, Carangola-MG.

A escola possuía livros em quantidade significativa. Os alunos estavam lendo. Era preciso criar algo que fosse um projeto para a escola. Após diálogo com os profissionais da escola escrevemos o pacto por uma Escola Leitora. O documento rodou, rodou, mas de fato poucos se prontificaram em abraçá-lo. Não adianta um pacto escrito sem postura que de fato esteja comprometida com o que está se propondo. Eu já estava acostumado com o que nomeio de “discursos de esvaziamento” através dos movimentos sociais. Quando se tem esse tipo de postura é melhorque determinadas pessoas não fiquem. Ficaram poucos. Mas como foi bom acreditar na leitura como liberdade com essas pessoas.

Eu cheguei a propor que se pedisse uma verba parlamentar para construirmos uma biblioteca ao lado da sala de informática que teria uma porta de acesso aberta para a comunidade e outra continuaria sendo dentro da escola. A Biblioteca passaria a atender a todas as pessoas da comunidade. O educador morre quando deixa de sonhar e eu sonhei muito.

O que eu tinha de concreto era uma pequena Biblioteca, porém potente, com um grande número de livros didáticos que precisavam serem realocados e com futuros investimentos termos uma Biblioteca Pública Comunitária em Alvorada.

O direito ao livro didático no Brasil é uma grande conquista para o país. Os professores através de escolha fazem a opção por área de conhecimento. O direito de cada aluno ter seu próprio livro era algo impensável para as camadas populares. O acesso aos livros didáticos e livros de literatura infanto-juvenil possibilitou uma melhoria significativa nos estudos de milhões de crianças brasileiras.

Quando foi implantada a escola de tempo integral na rede pública de Minas Gerais as críticas foram imensas. A educação em tempo integral foi levada para todos os estados e municípios da federação. Com essa política pública associada a outras como o Bolsa Família, onde um dos critérios para se receber o benefício enquanto família de baixa renda pelo Governo Federal era a frequência escolar, teve-se um passo importante para o direito de acesso e permanência na escola. Além disto, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, estabelece no Brasil o direito e dever do estado, família e sociedade como um todo de garantirem crianças e adolescentes na escola. Dos alunos que evadiam da escola para as lavouras desassistidos sócio-historicamente na comunidade e país houve um processo de ruptura de um sistema escolar que não garantia o acesso e a permanência dos discentes.

Elaboramos uma proposta de levar um teatro itinerante pela cidade. Parecia impossível segundo algumas pessoas aquelas crianças de pequenas comunidades, muitas delas nunca tinham ido até a cidade de Carangola, conseguirem tal feito.

Elas erraram totalmente!

Elaboramos “A Arca da Poesia” inspirado na vida de Vinícius de Moraes enquanto criança. Como a escola está à beira de uma via estadual, a MG 482, fizemos uma placa num quadro de sala de aula abandonado, convidando a comunidade e a todas as pessoas que passassem por Alvorada para assistirem a peça teatral. Foram muitos ensaios. Muito trabalho, pouca gente para ajudar e um bocado para atrapalhar.

Eu vi um quadro de compensado atrás dos armários da Biblioteca. Vi nele uma placa. Todas as pessoas que adentrassem a escola ou passassem por ela veriam o que estava sendo elaborado. Subi numa escada e com ajuda de uma aluna colocamos a placa. Era interessante as

pessoas passarem pela rua e ver a placa. As reações das pessoas chegando para trabalhar eram bastante variadas. Cada um carrega consigo o que pode ou o que quer?

Aos poucos fomos trabalhando com as crianças as dimensões de um teatro. Escolhemos as músicas. Não demoraram a chegar as inúmeras críticas dentro da escola.

Eu comecei a perceber que havia muitos materiais guardados nos armários da Biblioteca que poderiam ser usados. Na verdade aqueles materiais foram libertos. Coleções de livros infantis, materiais didáticos variados ainda enrolados em plásticos, tudo novo.

Vi uma quantidade de fantoches com bichos e pensei: “esses bichinhos vão falar na arca. Vão conversar com inúmeras crianças.

Os ensaios eram um desafio. Entretanto, o Projeto de Tempo Integral precisava de um projeto que fosse trabalhado no cotidiano da escola.



O Teatro Itinerante na entrada da escola – Acervo pessoal

A Professora Regente de turma e a Professora de Educação Física além das atividades previstas no PROETI poderiam escolher atividades como o teatro. Elas foram fundamentais para a concretização de todo o trabalho.

Após dialogarmos fiz a escrita da peça teatral. Lemos juntos com as crianças.

Foi num desses dias que os alunos do Tempo Integral estavam almoçando pela primeira vez com garfo e faca. O repique dos talheres no prato de vidro era interessante. Uma das professoras da escola perguntou:

- Você acha que isso tem jeito? Referindo-se ao uso dos talheres pelos alunos.

- Tudo tem jeito. Se teve comigo terá para eles também...

Eles fizeram os primeiros ensaios com as Professoras. Um dia me pediram para ir na sala e assistir. Estávamos sempre juntos, nos conhecíamos pelo trabalho na Biblioteca ou quando eu ia nas salas de aula contar estórias. Lemos juntos a peça inteira. Quando chegava nos momentos das falas eu dava ênfase na voz. No outro dia nos encontramos para o ensaio geral. As falas tímidas aos poucos foram se transformando. As linguagens corporais eram personificadas conforme adentravam nas personagens.

As crianças dos fantoches eram desinquietas. A menina que fazia a zebra conseguia fazer com uma perfeição de falsete que era impossível não rir. Conforme ela "desembolava" os outros iam desembolando suas personagens.

As danças eram em parcerias diversas. Algumas alunas sempre ajudavam, assim como a Professora de Educação Física. Eu ouvia as músicas junto com elas e falava o que estava na minha cabeça em termos de processo criativo. Mas eram elas que bolavam tudo e quando íamos ver as danças já estavam acontecendo: uma chamava a outra e assim as coisas iam tomando forma e beleza.

A escola estava em constante movimento porque hora os ensaios de texto eram na sala, ora alguns alunos iam para a Biblioteca ensaiar comigo, dança no refeitório ou no pátio. O Projeto Escola Leitora trouxe para a escola possibilidades múltiplas para além do que nós imaginávamos. Era trabalho, era prazer. Sonhávamos juntos. Não havia mais volta.

Fizemos o último ensaio sem interrupções. Elaboramos a sinopse. Eu nunca me esqueci que estava numa proposta envolvendo alunos e não atores ou atrizes mirins por um motivo: todos nós temos limites e não gostaria que nenhum deles desistisse do que estavam sonhando. Seriamduas apresentações: uma no turno matutino e outra no vespertino. Quando chegou o dia da apresentação dois ônibus chegaram à escola para assistir à peça teatral. A Creche local também compareceu. A escola não cabia de tanta gente. Alguns professores se recusaram a liberar suas turmas para assistir a apresentação dos alunos no pátio.



Primeira apresentação para a comunidade escolar – Acervo pessoal



Vinícius de Moraes, a Garota de Ipanema e as Borboletas – Acervo pessoal

O que mais me chamou atenção durante o Projeto Escola Leitora é que ele virou uma referência para a comunidade e região.

Conseguimos fazer coreografias, oficinas de pipas literárias ou pipa poesia, amarelinha dos gêneros textuais para as crianças brincarem.

Um rapaz tocava ao violão as músicas que inicialmente eram playback. Ele estava recomeçando sua vida após um grave acidente de moto.

A primeira cena da peça teatral era a entrada do Cauã que interpretou o Vinícios de Moraes com sua boina e camisa de uniforme da escola correndo com uma pipa que tinha a foto do "poetinha" como é carinhosamente conhecido. Ele percorreu o corredor de cadeiras improvisado até chegar ao "palco". Aquele momento me toca profundamente, mesmo que não tenha a fotografia, é a memória que eterniza muitas vezes uma vivência.

Percebi no refeitório da escola uma possibilidade de diálogos de leituras. Se aqueles encontros cotidianos era um banquete porque não ir para o refeitório que um dos lugares mais esperado de se estar na escola? A merenda escolar no Brasil é importantíssima para milhões de famílias no país. Diferentemente de muitos países, no Brasil o recreio ou intervalo nas escolas públicas não é um lanche, é uma refeição. Para muitos aquela refeição é a principal. Surgiu assim o espaço "Sabor da Palavra". Para inúmeras famílias, principalmente as que possuem vulnerabilidade social, o Projeto de Tempo integral representa em termos de alimentação: café da manhã, merenda escolar (almoço) e no horário vespertino outra merenda (refeição). Quando o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA traz o direito de "livre acesso e permanência" do aluno na escola há muitas divergências a respeito principalmente ao que tange à disciplina e participação nas atividades escolares pelos alunos. Muitos profissionais pedem a reprovação por uma única disciplina o que somente é permitido no terceiro ano do Ensino Médio.

Entretanto, num país com um passado escravista e com tamanha injustiça social esse conjunto de políticas públicas representam a possibilidade de conclusão dos estudos de milhões de brasileiros. É uma luta, um direito, uma conquista social que não podemos perder ou retroceder.

Peguei inúmeros livros didáticos de primeiro ao quinto ano e revistas que não estavam em uso que começavam a ficar mofados e fui selecionando imagens e gêneros textuais. Emplastifiquei um por um e fui juntando tudo em uma caixa. Revesti a Caixa com chita. Era mais uma opção de leitura dos alunos.

Fiz para o refeitório jogos americanos de gêneros textuais. Pedi para a escola comprar um plástico transparente para colocar sobre as mesas evitando assim molhar os textos. Era preciso renovar os gêneros textais. O que eu mais gostei foram textos escritos por eles e o processo de colagem de ilustrações.

Eu sempre que podia merendava com os alunos. Era interessante a reação de cada aluno. Enquanto eu merendava um aluno comia e lia uma tirinha do Cebolinha do cartunista Maurício de Sousa. Ele disse para o outro colega:

- Já leu esse aqui? – Perguntou.

- O cebolinha se deu mal! – Respondeu o colega.

- Quem mandou ele querer dar uma de esperto.

No dia seguinte após a "inauguração" do Refeitório "Sabor da Palavra" um aluno fez um tour pelas mesas do refeitório. Foi comendo e lendo os textos. Expliquei para ele que haveria um prazo para a exposição no refeitório.

- Eu quero ver todos Josias!

Para os alunos do Fundamental I elaboramos uma rotina de empréstimos de livros semanal porque a grande maioria queria ler. Percebo hoje em dia questões que antes eu não conseguia entender. Muitos alunos não devolviam os livros. Principalmente os que eram mais queridos e portanto procurados. Eu fazia uma lista por turma e ia "relembrar os alunos" sobre o prazo de devolução. Muitos entregavam no dia seguinte ao pedido feito na sala de aula. Alguns devolviam, mas quando eu agradecia a devolução pediam novamente e renovavam o empréstimo. Eles podiam levar livremente. Eu percebia que muitas crianças queriam ter com elas livros em casa. Muitas delas não tinham.

Foi mais um dia na Biblioteca na Escola Leitora:

- Você vai levar esse livro mesmo? – Disse olhando para a pequena aluna

- Vou Tio. – Não tenho problema algum se as crianças me chamam de Tio. Acho afetuoso.

- Conversa com sua mãe que foi uma escolha sua.

No dia seguinte ouvi um tumulto na diretoria da escola. Fiquei ouvindo da Biblioteca. Uma mãe exaltada comentava que sua filha não recebera um livro adequado. De fato era uma criança do terceiro ano que queria levar para casa um livro que geralmente era pedido pelas professoras dos anos finais do Ensino Fundamental II e Médio.

Aproximei da sala da Direção e pedi licença. Ouvi a fala da mãe. Expliquei o contexto do empréstimo: - Ela pegou o livro. Como de costume dialoguei sobre a escolha. No caso, disse que ela poderia olhar outros livros. Selecionei alguns que eu e as crianças gostávamos muito. Ela recusou e queria levar o livro escolhido.

- Você não poderia ter deixado ela levar um livro que não é para a idade dela. – Disse a mãe revoltada.

- Mãe, muitas crianças levam livros para casa pelo simples fato de ser um livro. Eu não tive acesso a livros a senhora teve? - Não. – Respondeu.

- A senhora não acha que é aí que mora a diferença? Ela poder escolher o que quer levar... Inclusive a senhora poder conversar com ela sobre a importância da leitura.

Creio que aquele diálogo envolto em educação popular nos possibilitou a reflexão sem respostas definidas ou definitivas, mas sentidas. A criança continuou a escolher livremente o livro desejado, mas com uma diferença: os pais passaram a acompanhá-la em suas leituras.



Onde cabe uma semiótica de uma Escola Leitora?

- Acervo pessoal -

PROETI e Projeto Escola Leitora Apresentam:
"Eu, Você e Vinícius de Moraes: A Arca da Poesia."



"Mesmo que as pessoas mudem e suas vidas se reorganizem, os amigos devem ser amigos para sempre, mesmo que não tenham nada em comum; somente compartilhar as recordações".

Vinícius de Moraes

FICHA TÉCNICA:

Direção Geral: Josiana Aparecida Ferreira Guedes
Direção e Coreografia: Rafaela Mendes
Cenário: Josiana, Rafaela e Luciano
Autor: Josias Teodoro Guedes
Violão em Garota de Ipanema: Jorzeli de Souza Ferreira.

PERSONAGENS:

Detetive: késia Gomes da Silva
Vinicius de Moraes: Cauã Verdeiro Franklin Soares
Helô Pinheiro: Renata Mencalha
Estudante: Amanda Victória Roberto de Souza
Garota das Borboletas: Gisele da Silva
Poesia "Poética II": Josiana Aparecida Ferreira Guedes
Poesia " O Poeta" : Renata Mencalha
Poesia " O Ar, O Vento": Mikael Maia de Oliveira
Poesia " A Porta" : Késie Gomes da Silva e Gabrielle Rodrigues Leal
Como cozinheira: Enedina.
Capitão: Pedro Nunes Bevilâqua Fidélis Vaz
Menininho: Victor Hugo Fonseca Batista
Namorado: Pedro Bevilaqua Pedrosa
Desenhista em Aquarela: Inácio Fulan e Rodrigo Grizzoti
Música " A Casa":

FANTOCHES:

Noé: Cintia Oliveira Freitas
Jafé: Ana Carolina Roberto de Souza
Leão: Ryan Adão da Silva
Girafa: Amanda Victória Roberto de Souza
Jacaré: Cassiane Rosa de Oliveira Matos
Zebra: Kelly Vitória Gomes da Silva
Hipopótamo: Victor Hugo Fonseca Batista
Elefante: Willian Martins Vitor
Pato: Daniela Soares
Cavalo: Taila da Silva Vieira
Boi: Marcos Vinicius

DANÇARINOS:

Em " A Pulga":
Em "O Relógio":
EM " A Casa":



VINÍCIUS DE MORAES:

Vinicius de Moraes foi um nome muito importante no meio cultural brasileiro. Diplomata de carreira destacou-se como poeta modernista, mas também como compositor e letrista popular.
Marcus Vinicius da Cruz de Mello Moraes nasceu em 1913, no Rio de Janeiro, onde morre, infelizmente, em 1980.
Porém, pode-se dizer que Vinicius de Moraes se imortalizou. Suas obras continuam a serem lidas e admiradas até hoje. Suas composições sempre são cantadas e interpretadas novamente. Quem contribui para a cultura nunca será esquecido.

PROGRAMA:

Viagem teatral e musical pela vida e obra de Vinicius de Moraes numa linguagem poética, infantil e sonhadora, baseada principalmente em " A Arca de Noé" e "Para Viver um Grande Amor".

AGRADECIMENTOS:

Eu, Você e Vinicius de Moraes" foi escrito e parido para crianças. Crianças no palco, crianças na platéia. O olhar de Vinicius em " A Arca " é um olhar poético, um olhar infantil e penetrante, mesmo para quem já cresceu um pouco ou já conta com cabelos brancos. É uma proposta "infanto-socializante", visto que, todos são bem-vindos na arca, "cada um no seu cada um" sem / com "grilos", "pulgas" ou "pum"!
Minha gratidão a todos que acreditaram nesta proposta (vocês sabem quem são), pelo apoio, pelo carinho e por terem feito de um texto teatral algo real e onírico.Que "A Arca Poesia" navegue pela "alma oceano" de muitos.

Abraço,

Josias Teodoro Guedes

Em meio às repercussões na vida das crianças e na comunidade a Escola Municipal de Educação Infantil Lelena de Oliveira em Carangola fez o convite para apresentação na semana das crianças da "Arca da Poesia". Desta vez não teríamos um problema grave da primeira apresentação: péssimos microfones e sistema de som. Pedi uma caixa de som profissional com o pai de uma aluna. O som ficou impecável. Como era difícil montar o cenário. Pedir transporte. Recepcionar as crianças. Elas estavam tão felizes que muitos pais mandaram dinheiro para elas chuparem um picolé na cidade. Realmente para muitas crianças que ali estavam era a primeira vez que pisavam na cidade de Carangola. As crianças pequenas da Educação Infantil interagiram. Cantavam e dançavam com suas Professoras.

Voltamos para a escola. As crianças chegaram transbordantes de alegria.

Ao me encontrar nos últimos tempos com a Geografia da Infância e dos Cuidados fico a pensar no que está escrito no Programa Teatral para cada aluno: "Eu, Você e Vinícius de Moraes: A Arca da Poesia foi escrito e parido para crianças. Crianças no palco, crianças na plateia. O olhar de Vinícius em "A Arca" é um olhar poético, um olhar infantil e penetrante, mesmo para quem já cresceu um pouco ou já conta com cabelos brancos. É uma proposta "infanto-socializante", visto que todos são bem-vindos na Arca (...) Minha gratidão a todos que acreditaram nesta proposta (vocês sabem quem são), pelo apoio, pelo carinho e por terem feito de um texto teatral algo real e onírico. Que a "Arca Poesia" navegue pela "alma oceano" de muitos.

Um dia me ligaram da pequena cidade de Faria Lemos para uma apresentação na cidade. Pedi, como antes, que ligassem para quem estava na direção da escola. Combinamos data e como de costume as poucas pessoas que ajudavam chegavam antes para organizar o cenário, som entre outras coisas. Foi muito interessante esta apresentação, pois abaixo do Palco do Parque de Exposições de Shows da cidade há um pequeno anfiteatro. Quando as crianças chegaram conversamos e fomos nos arrumar. Uma das crianças me falou:

- É aqui a coxia que o Senhor falou!

Respondi: - Sim! Façam silêncio. – Sorri.

– Vou colocar a primeira música e na terceira como vocês já sabem. Eu não preciso avisar: o palco é de vocês.

As crianças da Rede Pública Estadual e Municipal estavam presentes. O salão estava lotado. Lamento por não termos nenhuma foto deste momento. Entretanto, a gente se desdobrava para fazer o sonho virar realidade enquanto faltava uma mão para registrar as fotos para a escola. Mas a memória... Essa ninguém apaga.

Aquelas crianças e nós todos éramos outros. No almoço servido pela Secretaria Municipal de Educação as crianças perceberam que todo o esforço de ensaiar, a disciplina do teatro e a construção em equipe era algo que eles podiam fazer com alegria e maestria.



O teatro e a poesia enquanto ética e estética... – Acervo pessoal

Lembro-me do primeiro dia de apresentação, dia de estréia, no turno matutino. Quando um dos alunos disse para mim:

- Tio eu não dou conta de fazer.

- Você vai dar um show para essa gente toda te ver!



Coreografia “O Relógio” – Acervo pessoal

O Projeto seguia. Em termos de parceria eu conseguia poucos avanços. Havia um núcleo duro dentro da escola. Lamento por eles. Tentativas de avanços no Fundamental II e Médio foram feitas. Por fim, pedi para que outra pessoa assumisse para que minha figura não ficasse tão ligada ao Projeto. Era um projeto da escola. Não fazia nem prova para diretor de escola porque haviam sempre temores e tremores onde deveria haver simplesmente postura de educadores. A última prova para diretor fiz ainda em Divino. Não quis assumir após a exoneração de um grande amigo. Não fazia mais as provas. Primeiro porque inicialmente eu cria que teria um aumento de salário caso fosse aprovado e obtivesse a certificação, o que nunca ocorreu. Segundo por não ter perfil.

O fim do ano se aproximava. Foi quando uma escola privada centenária na cidade nos convidou para uma apresentação. Era na Escola Regina Pacis conhecida como "Escola Normal". Aquilo foi como relâmpagos e trovões pela escola. Para as crianças um grande desafio. Disseram para elas que lá era a escola dos ricos de Carangola. Fizemos todo um trabalho com as crianças relativo ao processo de desigualdades no país. Elas estavam fazendo História por terem feito um trabalho que estava tendo uma grande repercussão, uma verdadeira revolução na vida delas.

Cheguei na escola anfitriã com a Professora do PROETI na véspera da apresentação. Ao montar o novo cenário feito de papelão percebemos que ele não aguentaria e desabaria no meio da apresentação. Ele poderia no máximo compor o cenário. A mãe de Josias Filho era a Professora do PROETI. O sol estava indo embora e a gente bolando o que iríamos fazer. Vi entre uma das escadarias da escola um local perfeito para o palco. A Pedagoga da escola que estava na sacada do segundo pavimento perguntou:

- Está tudo bem?

- Sim. Vocês tem TNT preto? – Perguntei para ela.

- Vou olhar.

Medi o espaço e fizemos um corte no meio para ser o local de entrada e saída das crianças. Recortei as letras em casa e colei uma por uma com cola quente. Estava pronto e muito colorido: A Arca da Poesia.

Pela manhã colocamos a cortina. Abri com um estilete as aberturas para os fantoches. As roupas estavam na escola, assim como todos os materiais que compunham o "espaço teatral".

As crianças chegaram. O ônibus se aproximou do estacionamento da escola. Passeamos com elas pelo belo jardim da escola. Eles ficaram encantados com a formosura do local principalmente com a arquitetura de mais de cem anos e a bela Pietá. Mas o que era Pietá? Diálogos e diálogos...

A Irmã de Caridade recebeu as crianças. Fomos passear pela escola que é patrimônio histórico da cidade. Contou a História da escola, da vinda das Irmãs para Carangola. Da morte da Madre Cecília que teve seu coração enterrado na escola. Os olhares das crianças eram tão intensos quanto a fala das irmãs. Por fim fomos até a Capela, na minha opinião, a mais linda de Carangola internamente. As crianças da escola começaram a se preparar para assistir a peça. Fomos nos preparar. E foi aquela festa! Teve lanche, teve presentes. Teve sorrisos, alegrias, aplausos em abundância.

Algumas reflexões foram se entrecruzando em minha mente: por que para muitas pessoas da escola e da cidade a proposta da Arca da Poesia e da Escola Leitora teve que sair da E. E. Nascimento Leal passar por redes públicas municipais, mas na cabeça de muitos foi a "chancela" de uma escola privada, tida como de acesso de pessoas com chamada visibilidade social em Carangola que daria como exitosa a proposta? E as crianças?

Percebi que a lógica privada age de maneira impactante e em muitos casos se sobrepõe no Brasil. O que ficou mais claro para mim, durante a pandemia de COVID-19, como cidadão e Professor, em 2021 quando a rede privada da cidade por uma série de razões pressionou o executivo municipal para retorno das aulas presenciais, mas dependia do retorno da rede pública municipal. Uma puxou a outra.

São casos e situações distintas que entretanto envolvem um distanciamento do que é rede pública para a rede privada de ensino. Seria a gênese do estado brasileiro e a perpetuação do chamado poder?

Crianças de camada popular de pequenas comunidades rurais e da sede de um distrito de uma pequena cidade do interior de Minas Gerais, no Brasil, ao romperem juntamente com uma equipe de Professores uma lógica hegemônica mostraram de fato que as políticas públicas de educação e inclusão social no Brasil podem e devem ser mantidas. Investir na camada popular, nos que estão vivendo atualmente em 2022 de ossos é obrigação da República Federativa do Brasil.

Outro aspecto da proposta que me chama atenção foi o olhar adultocêntrico sobre a proposta que foi diminuindo conforme "a navegação da Arca da Poesia". O mar itinerante foi trazendo reações que revelaram, para além das duas primeiras apresentações na escola de origem, um acolhimento em todas as escolas que passamos.

A amorosidade enunciativa teatral desmitificou que aquela apresentação era algo somente para crianças. Eu creio que rompeu com o adultocentrismo da estreia tão implacável. Pensei em retomar a proposta de "Eu, Você e Vinícius de Moraes: a Arca da Poesia" depois das férias de janeiro e levá-los ao auditório da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, Campus Carangola-MG.

A "Escola Leitora" era aguardada por várias escolas de Carangola e região.

As dimensões do trabalho eram tamanhas que comecei a ser parado pelas ruas da cidade para dialogar com as pessoas. O assunto era o mesmo: "A Arca da Poesia" e o Projeto Escola Leitora.

Foi quando algumas pessoas pediram a apresentação no auditório da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, Unidade Carangola. Muitos alunos, principalmente da graduação em Pedagogia, queriam assistir a apresentação. E eu entendia os motivos. A maioria dos estudantes são trabalhadores das pequenas cidades ou de pequenas comunidades da região.

Eu creio que estes diálogos revelavam o interesse, carinho e apreço pela proposta. A importância de um projeto de base popular que traz nele a sua comunidade e tudo foi se desdobrando em vivências.



“Gira, girou meu coração navegador”: Kleiton Ramil.

- Acervo pessoal -



Recepção e conhecimento da Escola Regina Pacis

– Patrimônio Histórico Tombado de Carangola – MG.

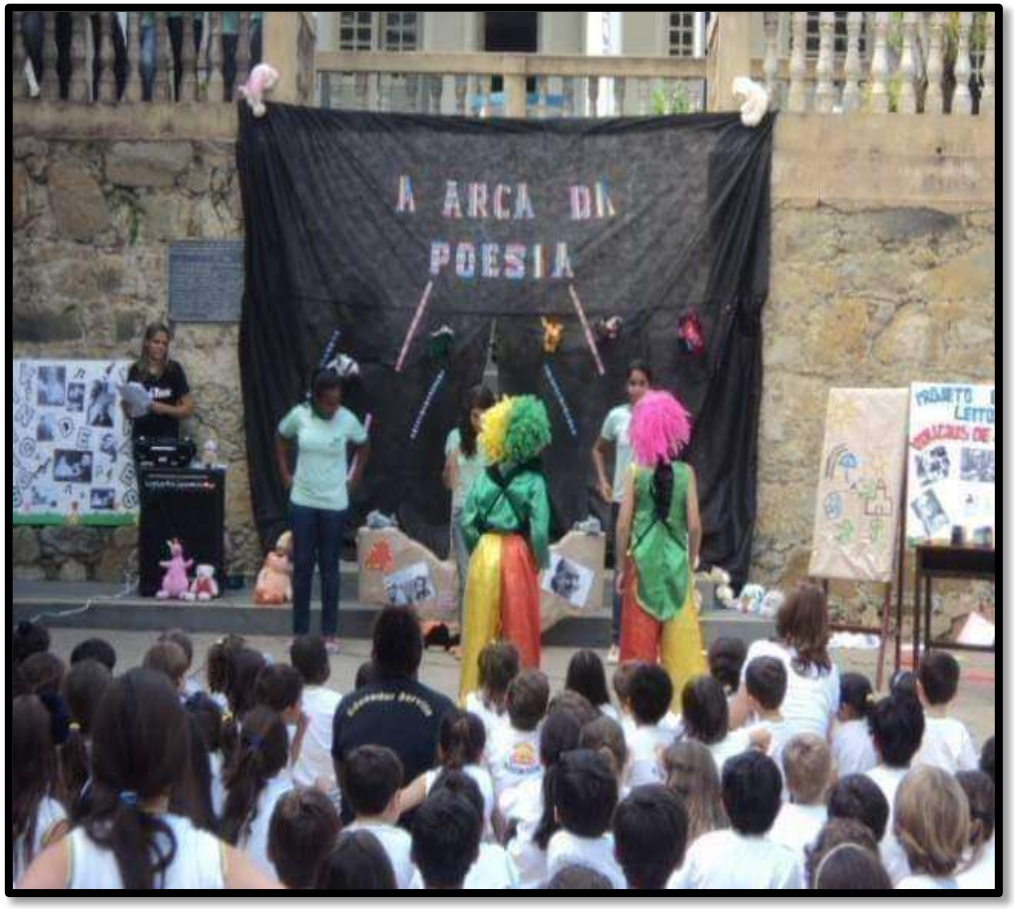
- Acervo pessoal -



Navegação – Acervo pessoal



As crianças no palco e na plateia – Acervo pessoal



Coreografia de “O Circo e a Pulga” – Acervo pessoal

Uma semana depois a escola recebia em sua sede os Diretores, Supervisores Pedagógicos e membros da Superintendência Regional de Ensino de Carangola para conhecer a proposta desenvolvida na escola.

Internamente começou um processo de apropriação do projeto inclusive via Superintendência Regional de Ensino. Entretanto, paralelamente havia cada vez mais pessoas indispostas com a proposta.

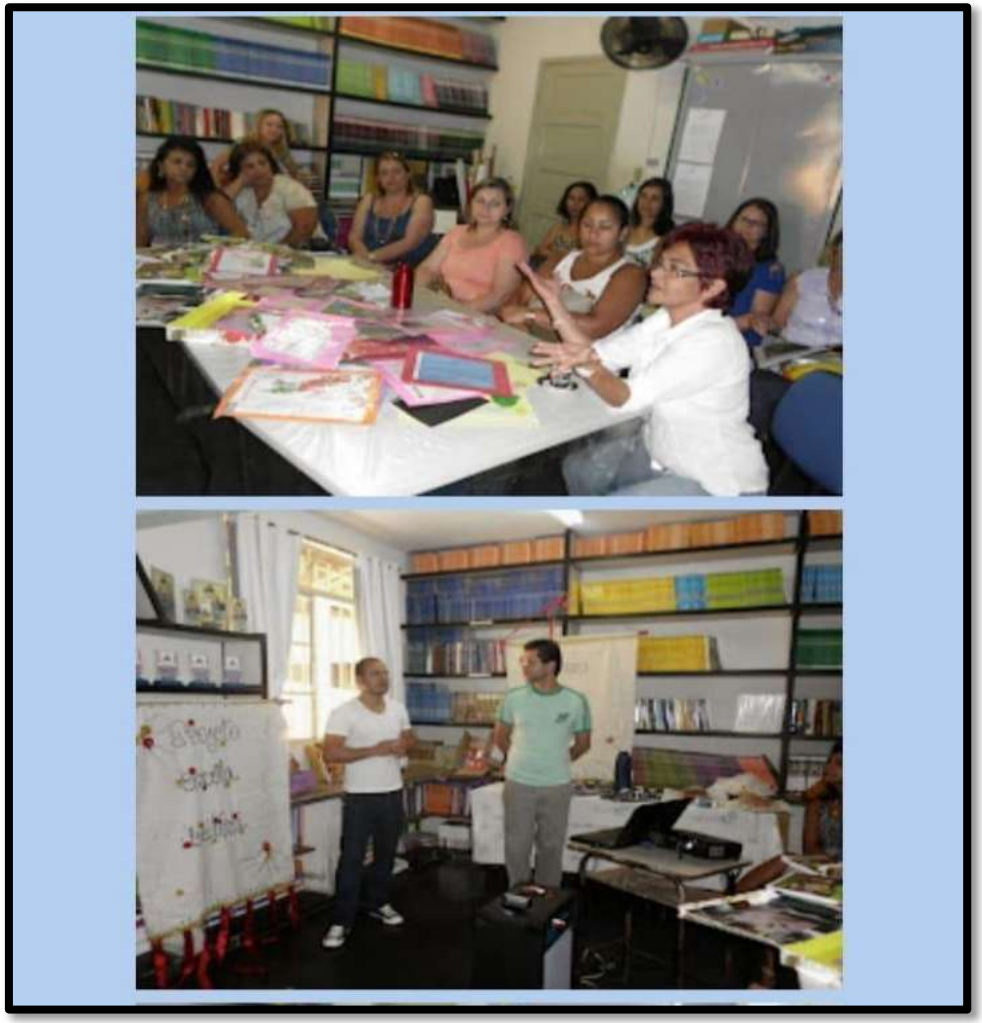
Havia mais bastidores do que o próprio bastidor da Arca da Poesia. Havia mais estrelismo do que as verdadeiras estrelas que eram as crianças. Geralmente, educador não admira trabalhos de outros educadores, principalmente quando são singulares em sua essência. Ainda bem que existem inúmeras exceções.

Talvez, algo que começou como instituinte passava pelo processo de ser instituído com todos os desdobramentos possíveis.A postura colaborativa de minha parte sempre existiu, mas não estava ali para competir com ninguém. Era um trabalho em equipe feito com alunos considerados em sua maioria de vulnerabilidade social, por este motivo a importância do Tempo Integral.

Infelizmente a Escola Leitora não se concretizou como um Projeto da escola onde ela teve seu embrião. Creio que com pouco dinheiro, muito sonho e suor, navegamos com as crianças por mares e oceanos de uma topogênese que eu desconhecia. Saímos do nosso lugar epistêmico para dialogar com outras pessoas em suas vivências, seus lugares e olhares epistêmicos.

Eu creio que diante de todas as vivências que tivemos há uma palavra síntese talvez para cada criança, profissional e comunidade: revolução. As lutas revolucionárias se dão de várias maneiras. Muitas dessas lutas se dão de maneira aparentemente invisibizada, mas estão acontecendo cotidianamente. Sempre tem alguém que vê uma fresta e por ela rompe com o instituído que engessa a vida. É a luta pela liberdade!

Salve a Escola Leitora!



“Dialogando sobre o Projeto com Outras Escolas” – Acervo pessoal.

Por fim, o calendário escolar estava terminando. Mas havíamos dialogado com as crianças e colocado na porta da escola o anúncio da Cantata de Natal "O Alvorecer do Salvador". Quando entreguei a pedido das professoras do PROETI a escrita da cantata o supervisor da escola passou os olhos e disse:

- Referências bibliográficas?

Eu sutilmente lhe disse:

- Bíblia Sagrada.

E os meninos fizeram uma linda apresentação com materiais que nós conseguíamos emprestado com os pais, amigos e entre nós mesmos. A Cantata foi no Coreto de Alvorada, patrimônio histórico municipal. Queríamos uma apresentação à noite após a missa e os cultos nas igrejas evangélicas. Não conseguimos o devido apoio. A Igreja Católica local aceitaria plenamente receber a cantata conforme contatos que fiz com lideranças locais. Entretanto, havia um problema em termos de "fé" dentro da escola que não aceitava qualquer possibilidade de diálogo com os irmãos católicos.

Iniciamos os ensaios com os alunos. Poucas pessoas para ajudar e muitas críticas. Praticamente três pessoas faziam o trabalho do que seria no mínimo para dez. As crianças estavam muito felizes e ansiosas pela apresentação. Em termos de investimentos não tivemos nenhum centavo o que não impediu de mais uma vez sonharmos juntos com as crianças.

Fico a refletir sobre inúmeras questões. Creio que a geração de Professores que me acolheu em Carangola está a partir. Os que estão vivos estão todos aposentados. Percebo uma grande mudança no perfil atual do professorado em relação ao de minha geração. A autonomia nas escolas é cada vez menor. Percebo que até mesmo os projetos "executados" nas escolas ou estão em constante estado de vigilância ou são 'pré- moldados" oriundos das Secretarias Estaduais de Ensino. A perda de autonomia se dá em várias esferas. É perceptível como as Redes Públicas Municipais de Ensino dependem cada vez mais da Rede Pública Estadual em Minas Gerais. A quem isto interessa? A serviço de quem está todo este sistema?



Ser Professor no Brasil é ser teimoso. – Acervo pessoal



A manjedoura numa peneira de café num canteiro da praça

- Acervo pessoal -



Livros: o ouro, o incenso e a mirra.

- Acervo pessoal -



- Vai ter Escola Leitora no ano que vem? – Aluno do Projeto.

- Acervo pessoal -



- Tira uma foto minha? – Aluna do Projeto. Acervo pessoal.



Cinzas das Vivências que Benzem: o Quebrante Pedagógico.

Toda vivência espacial é sempre uma vivência interespacial.

Jader Janer

Chegaram as férias. Comprei um box com os discos de Milton Nascimento que continha sua biografia e discografia. Mergulhei. Resolvi escrever a próxima proposta de trabalho para os alunos no ano de 2013. Ganhei de presente para Josias Filho um pequeno estandarte. Pedi permissão ao meu amigo artista para fazer o primeiro estandarte na "Arca da Poesia" e percebi que casaria muito bem fazer mais alguns.

Fiz uma relação de materiais que precisaria para fazer as atividades. Liguei para a escola e disse que faria a compra e quando fosse possível a escola me pagaria. Comprei muito algodão cru para fazer a cortina do PROETI e outros estandartes, linhas de tricô para escrever as palavras, fitas coloridas, chita e chitão e materiais que evocassem Minas Gerais

Elaboramos um projeto com uma estética voltada para a mineiridade e africanidade de Milton Nascimento através de sua vida e obra. Tudo numa escola do interior de Minas Gerais na terra deste gênio brasileiro, por mais que ele tenha nascido no Rio de Janeiro.

. Belezuras em chitão, chita e fitas. Foi dada continuidade ao refeitório Sabores da Palavra via Escola Leitora. Para os corredores da escola elaboramos placas que ficaram penduras pelos corredores. Por exemplo: ao ir para o refeitório pelo corredor as placas formavam através de versos uma música. Na volta outra música. Eram placas com fitas coloridas e chita penduradas em cordas de sisal . No refeitório também duas músicas nesta proposta. O impacto semiótico era muito grande.

Foi assim que surgiu "Somos Bitucas: Somos Minas Gerais". Combinei com a equipe gestora e pedagógica um CD com as músicas que seriam doados para todos os alunos e trabalhados na escola com apoio dos professores. Nunca foi feito um único exemplar para além do meu.

Iniciamos o ano letivo dialogando com as crianças mostrando o box, falando das vida de Milton, ouvindo músicas. Convidamos um grupo de capoeira para fazer parte do projeto.

Assim o projeto teria três bases fundamentais: o PROETI, a Biblioteca escolar e a Kadara Capoeira. O hino nacional seria tocado no berimbau, assim como outras músicas seriam tocadas com instrumentos de percussão da capoeira – o que seria uma das oficinas do projeto.

A bandeira de Minas Gerais tornou-se uma inspiração para muitas possibilidades de criação. Os cantos que seriam ensaiados pela capoeira começaram a ser ensaiados: alegria, batucada, movimento. Era de uma mineiridade, musicalidade, africanidade que ecoava por todos os cantos. Chegou ao meu conhecimento que aquela estética era de "macumbeiro". Ouvidos servem para ouvir. Ensaios e mais ensaios das músicas, das poesias que seriam declamadas, do teatro.

As crianças pediam para colocar a música do Milton, do Bituca, que a cada dia estava mais íntimo da garotada. Pedi material para dar continuidade para as inúmeras atividades que pipocavam paralelamente. Disseram-me que não havia dinheiro. Segundo informações eu estava gastando muito material.

Seguimos os ensaios. Como era comovente ver aquelas crianças contando a vida de Milton. Em alguns momentos era de chorar.

A criança que interpretava o Milton Nascimento se entregou de corpo e alma. Eu percebi a dificuldade e misto de desejo dele em interpretar o Bituca. E ele foi aos poucos. A cada dia ele estava melhor.

Por fim ele de fato era o nosso Bituca criança!

Com muito sacrífico chegou o dia da apresentação na escola do Teatro Itinerante que já estava exposto na placa no portão da escola mais um ano. A proposta era para a escola para as outras comunidades.



A placa convite de “Somos Bitucas: Somos Milton Nascimento.

- Acervo pessoal -

SECRETARIA DE ESTADODE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS"
ESCOLA ESTADUAL "NASCIMENTO LEAL
Praça Nascimento Leal, s/nº - Alvorada/Carangola - MG.
Tel: (32) 3742-3062 - CEP:36.803000

A Escola Estadual Nascimento Leal, Alvorada, Carangola - MG tem o prazer em convidar-lhe para assistir a estreia do teatro itinerante:

"Somos Bitucas, somos Milton Nascimento."



"Mineiridade, Africanidade e Musicalidade"

Local: Sede da Escola à Praça Nascimento Leal - Alvorada Carangola - MG às 13 horas do dia 10 de outubro de 201

KADARA PROETI

ESCOLA LEITORA

Contato: (32) 3742



Capoeira da música Circo Marimbondo e coreografia do Instrumental Catavento de Milton Nascimento, o Bituca

- Acervo pessoal -

Já no início com as músicas instrumentais de Milton as crianças já ficavam em estado de sedução. As crianças contando a infância e vida de Milton no teatro, dançando, jogando capoeira em "Circo Marimbondo". Eu chorei bastante ao ouvir e ver "Travessia" coreogra fada por uma aluna que havia feito balé em São Paulo onde morava. Ali estava a infância de Milton que perde sua mãe e é acolhido pela família dos patrões que tanto a amava.

Eu creio que tinham pessoas naquela escola que o coração era mais duro do que as lindas pedras que tinha no pátio da escola. Segundo uma servidora da biblioteca e professora elas teriam que ser destruídas. Aquelas pedras era o lugar de intensa interação entre as crianças, espaço de brincadeiras e de liberdade criadora.

Escola é um espaço de inúmeros conflitos.

As crianças e todos os alunos da escola assistiram a apresentação, creio que até mesmo as pedras.

Nas escolas estaduais mineiras sabia-se que haveria um novo período de provas e futura eleição para diretor. O Professor de Educação Física tinha interesse e era ele o Professor de capoeira da Kadara.

Passada a apresentação um dia fui ao banheiro da secretaria e vi um banner enrolado sobre um arquivo da escola. Abri e vi o que estava nele. Perguntei para as Secretárias onde estava a Diretora.

Quando ela chegou peguei o banner e coloquei sobre a mesa dela.

- Você me disse que não havia dinheiro... Creio que além da falta de dinheiro faltam muitas outras coisas...

Ouvi tudo. Não adiantava verbalizar o que estava explícito para além das palavras ali ditas.

O tempo foi passando. Nada de material.

Um dia a diretora me chamou em particular e disse:

- Retire a placa. Não quero mais nada da Kadara aqui. – Não era a kadara. Assim como o cruzeiro da Igreja Católica não podia permanecer no local que há tantos anos estava e nunca ninguém implicou ela disse que era para retirar. A igreja colocou o cruzeiro na Praça

exatamente de frente para a porta de entrada da escola. Já a placa do Projeto Escola Leitora lá ficou do jeito que estava. Minhas mãos naquela placa não tocou.

Foi depois disto tudo que percebi que ela juntamente com uma outra pessoa pediram para encerrar a estréia:

- Já está bom. As crianças estão cansadas. Encerra! - E dá-lhe atabaques!

Desmarquei a apresentação que faríamos na cidade de Pedra Dourada – MG.

Um trecho da apresentação de Somos Bitucas- Somos Milton Nascimento:

Música de fundo – Bola de Meia Bola de Gude.

Entra Milton Nascimento correndo com um cata-vento.

- Oi! Eu sou o Milton. Eu sou uma criança muito feliz. Gosto de brincar de bola de meia, bola de gude, pião e pipas. Gosto muito de minha mãe Lili. Ela me dá muito carinho. Sou uma criança como outra qualquer. Quem aqui tem apelido? (Pergunta para duas pessoas da plateia o apelido). Minha família me colocou um apelido, mas não espalhem por aí não... É Bituca. É porque sempre que me contrariam eu faço um bico e mostro que não gostei do que me fizeram... (faz o bico e ri). Cada um com suas manias. Eu sou assim... Bituca!

Fiz parte da luta para que as escolas estaduais de Minas Gerais não perdessem o que chamamos de "Gestão Democrática". O que vejo, com honrosas exceções, é a reprodução de modelos politiqueiros que temos no Brasil, com alto teor de coronelismo, mandonismo e cl ientelismo. Existem inúmeras escolas que conseguem de fato manter um diálogo democrático antes, durante e depois das eleições.

Nos noventa e oito anos da escola me pediram para fazer alguns arranjos de flores para a cerimônia religiosa e painéis com fotos históricas da escola. Não havia nenhuma foto da Escola Leitora. Com a posse da nova diretoria da escola uma das pessoas que fazia de tudo para prejudicar o projeto montou um painel na Biblioteca com fotos de alunos lendo: nenhuma era da Escola Leitora. Consegui preservar algumas fotos, poucas, que me permitiu trazer para este espaço de memória a beleza do encontro com aquelas crianças. Lamentável? Talvez sim. Mas o

que emerge disto tudo é muita amorosidade. Dizem que o ódio é o amor que enlouqueceu, será? As enunciações ali feitas reverberam até hoje. Não há como silenciar as enunciações uma vez enunciadas e não há álibi (Bakhtin, 2012).

Ouso dizer que até mesmo o "ser rocha" naquele pátio tem outro sentido para aquelas crianças através de seus enunciados da infância que trazem consigo: um ideal de liberdade que na História foi silenciado. Mas é ali, no espaço e no cotidiano que se dá a revolução. Não há volta.



Enunciações – Acervo pessoal



A Topogênese Pedagógica: O Brincar, Aprender e Bendizer no Bom de Bola, Bom na Escola

A criança tem o desejo do inacabamento.
O brincar é desejo, é atitude.
Jader Janer

Antes do "Projeto Escola Leitora" eu havia tomado posse numa escola que até então estava num local improvisado na Rede Pública Municipal de Educação de Carangola-MG. Tínhamos uma clientela de periferia bastante desafiadora. Foi lá que tive contato com o projeto de uma grande amiga e Professora de História. Em parceria com a escola iniciamos o projeto que ela havia desenvolvido numa escola do estado. Infelizmente o Projeto Letramento da Professora não foi adiante.

Posteriormente a sede da escola passou por uma reforma e retornamos. Mas havia um desafio: como trazer mais alunos para a escola diante de escolas estaduais com grande potência na cidade? As turmas na escola improvisada tinha um pequeno número de alunos e havia um estigma que se espalhou pela cidade.

Observei a escola toda reformada, móveis novos, biblioteca bem montada com prateleiras em ardósia, o Braile que funcionava na escola, salas novas, sala espelhada para dança, Projeto de Tempo Integral, "reforço escolar" e uma série de atividades que decidimos que seriam importantes para a comunidade atendida.

Conversei com a equipe Pedagógica e Gestão Escolar sobre o "Projeto Bom de Bola, Bom na Escola". Eu havia lido uma entrevista de uma escola de futebol do jogador Miler. E pensei: É isto! Eu não consigo ter o grau de sedução em um ano letivo para um aluno como uma bola Ficava a ver os alunos jogando bola com o Diretor, que se tornou meu grande amigo, num sol escaldante e lá estavam felizes. Dialogamos com a equipe de Professores. Como a escola ofertava o Ensino Fundamental II decidimos ir às escolas do quinto ano de escolaridade do Ensino Fundamental I. As crianças com suas professoras do quinto ano eram convidadas a passar uma tarde conosco. A proposta era atrelar o que aprendíamos na escola com atividades esportivas e de lazer.

Primeiro chegamos à conclusão de que a escola precisava se assumir como um escola de periferia. Era uma escola que vivia o cotidiano dos menos favorecidos da cidade. Sabíamos que era preciso investir em boas turmas do sexto ano para num curto prazo termos uma escola com múltiplas possibilidades para todos. Estávamos recomeçando uma história que no mínimo tinha cerca de cinquenta anos.

Aos poucos fui elaborando com a equipe atividades no último semestre letivo focadas na sedução para receber os alunos que demonstrassem interesse em se matricular na escola. Ao mesmo tempo dialogávamos com os alunos da escola sobre a importância da cordialidade e recepção das crianças das outras escolas. Nós conhecíamos a nova escola, a comunidade "ouvia falar". No ano seguinte foram montados no turno da manhã três sextos anos e dois no vespertino.

Com o aumento significativo de alunos no sexto ano, durante o ano letivo recebemos diversos alunos que pediram transferência para a nova escola para as outras turmas. Passamos para a fase em que o Educador Físico era fundamental. Decidimos iniciar com a Queimada. Uma vez queimada a pessoa teria a chance de reverter a situação. Era assim: "o queimado" sortearia uma pergunta formulada por eles. Elaborada pela própria turma em sala de aula de maneira prévia, no conteúdo de aprendizagem. Caso respondesse corretamente o aluno teria a chance de retornar para sua posição original. Assim até o final do jogo a emoção era extremamente envolvente pelo jogo em si e pelo conteúdo que a escolaensinava. Com as novas turmas havia um envolvimento maior com o projeto. Havia uma certa resistência dos alunos mais antigos. Creio que a escola estava passando por um período de transição. Assim, bolamos juntos vários jogos coletivos e atividades de Educação Física. Havia narrador, havia música e o principal: a escola estava com uma nova filosofia educacional.

Quero deixar claro que nesta escrita não há endeusamento do meu "ego", do meu eu, foi trabalho duro e intenso.

A escola passou a se rever como um todo numa dinâmica bastante ativa. Os alunos poderiam, por exemplo, nos horários vagos irem para

Biblioteca ler, pegar o som e ir dançar mesmo sem a presença dos professores de dança, ou ir jogar futebol. A indisciplina caiu significativamente. As festas da escola lotavam. Gosto de trabalhar com Projetos Humanísticos que possam durante o ano letivo, dentro e fora da escola abraçar múltiplas possibilidades de adaptações e mudanças inclusive de rumos.

Programa Saúde na Escola: Cicatrizes benzidas

Comecei a ficar cada dia mais afônico. Eu trabalhava em três escolas. Uma escola estadual, uma municipal e uma particular. Minha vida basicamente era assim: segunda e terça-feiras concentrava minhas dezoito aulas na escola estadual em alvorada. Quarta, quinta e sexta eu lecionava nos três primeiros horários na escola particular e no horário de intervalo pegava meu pão e ia caminhando até a escola municipal onde eu ministrava o quinto e sexto horário. Retornava novamente para a escola particular para o sexto horário. Não dava tempo para o almoço porque eu retornava para lecionar no turno da tarde na escola municipal. O Diretor ficava na sala até eu chegar na sala de aula. Gratidão eterna. No turno da noite eu estava cursando Direito.

Meu corpo não aguentou!

Não tocarei aqui em vida pessoal por respeito a mim e a determinadas pessoas envolvidas que escolheram caminhos que não são os meus.

Há uma politicagem nas escolas que não destoam do que ocorre para além dos muros escolares. Ao retornar após um longo tratamento encontro uma outra realidade. Após a escola receber através da nova gestão da prefeitura uma contratada que havia apoiado politicamente o novo prefeito eu fiquei a observar os motivos pelos quais ela estava na escola, mas nada falei. Entretanto, ela saiu da Secretaria Municipal de Educação pois ela teria que assumir um projeto que passaria a não ser mais remunerado e que deixaria as mãos de uma outra servidora que foi exonerada e passaria a total responsabilidade para ela. Outra pessoa passou a receber o dinheiro para o Programa de Capacitação para os Professores da Rede Pública Municipal conhecido como “Pacto pela Alfabetização”. Para piorar, uma senhora que era do Ensino Fundamental I apareceu na escola. Ela estava lá para prestar relatórios para seus superiores do que estava ocorrendo na escola. O fato mal acontecia, ou ela elaborava o próprio fato. Ela tinha dois caminhos: ou ligava diretamente para a Secretaria Municipal de Educação ou pegava sua moto para ir lá relatar o que poderia ser resolvido internamente.

Foi neste cenário que fui convidado para conversar com a nova Secretária Municipal de Educação que havia assumido a pasta há pouco tempo. Cheguei ao local no horário combinado:

- Sente-se. Ela fumava elegantemente – Falou de minha competência, elogiou bastante. Falou sobre o Programa Saúde na Escola que estava sem a coordenadora que foi exonerada, e a função deixaria de ser remunerada. Enquanto o "Pacto" tinha mãos certas e uma pessoa já estava recebendo que era do grupo político que vencera as eleições municipais.

- Eu estou te convidando e te convocando para o Projeto Saúde na Escola. Você tem conhecimentos na saúde e na educação e desconheço alguém melhor na rede do que você.

- Tenho problemas de horário. – Disse para a Secretária.

- Não se preocupe. Venha. – Pensei: eu tenho duas alternativas. Posso recusar e dizer que tem duas pessoas na escola que deveriam assumir o projeto - sendo que eu era efetivo na instituição diferentemente delas. Veio algo em minha mente: é algo a mais para seu currículo. Eu já sonhava com o Mestrado. Eu estava tentando passar no processo seletivo, mas é preciso coragem e persistência.

Procurei a Coordenadora do Projeto e ela se esquivou de todas as maneiras possíveis para não me atender. O problema da descontinuidade da gestão pública no Brasil é uma desgraça em todos os escalões e esferas. Devem ter honrosas exceções as quais eu desconheço.

Fui com a cara e coragem. Tive a primeira reunião com a equipe do Núcleo de Assistência da Saúde na Família – NASF e com as Enfermeiras das Unidades de Estratégia de Saúde da Família - ESF. Fui à Superintendência Regional de Ensino em Carangola para articular uma série de coisas num Programa Federal que estava capengante a nível municipal. Busquei informações com a Regional de Saúde em Manhumirim. Assim como me inteirei sobre o andamento de implantações técnicas que estavam no papel e precisavam ser implantadas de fato. Eu me senti entrando num quarto escuro sem nunca ter entrado nele.

O Programa Saúde na Escola em termos de legislação e ideais é de uma importância histórica singular. Entretanto, ele funciona em parceria entre o governo federal, estadual e principalmente municipal. Cabe aos municípios a devida logística para implementação do projeto. O

que eu percebi era que municípios bem menores que Carangola conseguiam desenvolver o projeto de maneira mais competente. Não era obra do acaso. Na mesma cidade, por exemplo de 4.000 habitantes havia, por exemplo, a mesma equipe de NASF de uma cidade com 30.000.

Havia uma constante reclamação das escolas em relação aos profissionais da saúde. O que não era diferente da saúde em relação à educação.

- Quando a gente chega na escola os professores desaparecem e nos deixam sozinhos. Não ajudam em nada. – Era uma das queixas mais recorrentes dos profissionais da saúde.

Tanto nas reuniões que eram marcadas na Secretaria Municipal de Educação ou na Superintendência Regional de Ensino eu tocava que o Projeto era uma responsabilidade mútua entre os profissionais da Saúde e Educação.

Todas as reuniões marcadas com a saúde havia um baixo quórum. Percebi por parte da equipe de Saúde Bucal iniciativa e autonomia nas escolas independentemente da gestão que estava na prefeitura.

Dependendo do ESF a situação do Projeto sempre era secundária diante das demandas impostas pelo governo para a atenção primária.

As reclamações tantos dos ESF's na figura dos Enfermeiros quanto do NASF eram as mesmas. Faltava material e estrutura para atenderem as escolas principalmente com as palestras. Eram necessários materiais didáticos. Listamos numa reunião todos os materiais que os profissionais precisavam para fazerem seus trabalhos e atenderem as escolas. Faltava no NASF o Psicólogo – uma das maiores demandas por parte das escolas e o Terapeuta Ocupacional. Pedi a contratação. Encaminhei para a Secretária Municipal de Educação a listagem e expus a situação. Ela encaminhou para o setor de licitação. Passaram-se meses e nada do material chegar. Indaguei a demora. Ela me disse:

- Vá ao setor de licitação e veja o que está acontecendo.

Deram-me uma documento que não era da licitação do Programa Saúde na Escola. Não houve licitação.

Para piorar o carro que era do Programa Saúde da Escola estava com o Diretor de Transportes e os profissionais da saúde recla mavam que precisavam se deslocar para atender as escolas. Encaminhei a demanda apresentada e nada foi resolvido.

Uma determinada Psicóloga que Coordenava a Saúde Mental no Município assumiu a Coordenação do NASF e chamou -me para uma conversa. Ela me cobrou, como se eu fosse responsável pelo E-SUS - era uma proposta de uma plataforma digital que deveria ser implantada, mas que estava tão somente no papel. Fiz os devidos encaminhamentos para a Regional de Saúde que atendia Carangola.

- Por que você não implantou o E-SUS? – Perguntou-me a arrogante.

– Espere um pouco... Fui até a sala ao lado e chamei o rapaz responsável pelo processo.

- Você sabe o que é E-SUS? Procurou se informar?– A nova coordenadora do NASF não soube responder.

- Pergunte a quem de direito e não pense que ser educado é ser bobo. Passar bem!

O E-SUS é um sistema através do qual seria alimentado com informações referentes às ações da saúde pública e isto envolvia o Programa Saúde na Escola. Nem a Regional de Saúde sabia responder como e quando ele seria implantado.

Saí da reunião e passei na Prefeitura no setor de licitação. Novamente perguntei sobre os materiais. Nada.

Procurei a Secretária de Educação. Ela disse que chamaria a Secretária de Saúde para dialogarmos.

Numa determinada tarde ela chegou para o diálogo. Não sabia para onde estava ventando e a arrogância reinando! Ouvi tudo o que tinham para falar. Depois eu expliquei para ela didaticamente sobre a estrutura e funcionamento do projeto, os desafios, a situação calamitosa e depois de ouvi-la pacientemente disse-lhe que eu precisava de datas até porque a conta do Programa era da Secretaria de Saúde. Eu não tinha mais o que fazer se não houvesse ali uma pactuação e etapas a serem cumpridas. Meu nome estava em jogo diante de um Programa que agonizava. Foi quando ela me chamou de maneira extremamente desrespeitosa de meu amor:

- Não sou seu amor, não sou casado com você.

A pauta foi encerrada pela Secretária de Educação. Não queria mais ver aquela pessoa.

Quando a Secretária de Saúde foi embora disse para a Secretária de Educação:

- Estou pedindo exoneração. Não há condições de trabalho.

- Sem você não há outra pessoa que possa assumir. – Sempre tem, pensei.

- Qual sua sugestão? - Ela me perguntou. Respondi:

– Pegue este carro, coloque todos os arquivos e materiais que estão na Educação e encaminhe para a Saúde. A conta é lá. Esse programa está desconfigurado e vem verba para isto. É preciso reorganizá-lo. Se a saúde fica o tempo inteiro cobrando da educação que a Coordenação passe a ser da Secretaria Municipal de Saúde. Agora é a vez deles articularem com as escolas.

Aceitaram a minha exoneração. Fiquei na Secretaria de Educação como representante da Junta Reguladora da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE de Carangola. A Junta Reguladora era composta pela Diretora, Psicóloga e Assistente Social da Instituição, dois representantes da Secretaria Municipal de Saúde e um da Secretaria Municipal de Educação. Pediram-me também para auxiliar na Merenda Escolar e distribuição de materiais didáticos durante meu expediente. Havia um rombo nas contas da Prefeitura em relação à merenda. O pedido era que eu acompanhasse a Equipe Pedagógica e verificasse nas escolas e creches o que estava acontecendo. Pedi para que fosse avisado da minha presença nas escolas numa reunião com as Coordenadoras das Unidades. Se eu não tomasse cuidado haveria para as serventes a personificação do opressor. Como foi bom ter contato com as serventes escolares. O trabalho delas, o capricho em sua maioria, porque temmuitas que destoam. Perguntava sobre a qualidade dos produtos, o que precisava melhorar e se estava faltando algum material. Achei interessante, por exemplo, que em determinados turnos da escola com os mesmos materiais na dispensa algumas merendeiras faziam os lanches erefeições que eram elogiados por todos. Enquanto em outro turno a reclamação se fazia quase que sussurrando na minha orelha:

- Ninguém aguenta a comida da fulana. Até as crianças largam os pratos cheios.

Falaram comigo sobre a necessidade de controle de extravio de materiais de limpeza e de comida que estavam ultrapassando os limites do valor municipal da merenda escolar. O fato foi que depois do trabalho houve uma diminuição significativa nos extravios e as contas voltaram ao patamar normal. Lembro-me que em uma escola eu fui visitar a dispensa e uma professora estava enchendo a bolsa. Fiquei com a chamada

vergonha alheia, mas não tive coragem de levar o caso adiante. Só disse para ela que se estivesse passando necessidade poderia me procurar para a gente organizar uma cesta básica e não retirar a comida que era para os alunos.

Numa outra situação as profissionais estavam sentadas dialogando. Eu pedi um espaço entre elas pois estava cansado. Uma delas com muita má vontade retirou a bolsa para que eu pudesse sentar. O lugar de assento estava muito gelado e era um dia quente. Fui ao freezer e dialoguei sobre a merenda do turno. Faltavam três quilos de carne na listagem que pedi para afixar no freezer. Era preciso tato. Nunca gostei de prejudicar ninguém.

Foi assim que entendi a importância da PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar. E junto com um grande amigo Nutricionista da Educação fomos para o pequeno Município de Orizânia na microrregião de Carangola que ganhou duas vezes seguidas, 2011 e 2012, o Prêmio Gestão Eficiente de Merenda Escolar do Brasil durante o governo de Dilma Roussef. Tenho vontade de escrever a respeito de como isto se deu num município tão pequeno no interior de Minas Gerais.

Biotopocronos IX



Galhinho de Arruda das Crianças: Vivências que Cosem e Benzem!

Tudo isso é Topogênese, é traço da interespacialidade.

Jader Janer

Fui seguindo minha vida enquanto servidor público em reabilitação profissional. Lamento informar: servidor público em reabilitação profissional pode se matar de trabalhar, mas o que se fala é que nada fazemos.

Fui encaminhado para auxiliar no Museu e Arquivo Público Municipal Carangolense que já se encontravam numa situação lastimável.

Pedi o livro de registro das peças do Museu:

- Não existe. – Foi a resposta.

- Então ele sumiu porque existia. Eu estava cumprindo meu horário de trabalho quando me pediram para fazer uma "guia" ou como dizem "mediação". Eu creio que eles não sabiam da minha relação com o acervo do Museu.

Desde minha adolescência eu tinha um roteiro pela cidade de Carangola: saia de minha casa no Escadão Santo Onofre e passava p or lugares especiais. No início eu tinha medo de adentrar nestes espaços públicos, mas eu encarava e adentrava os locais. O primeiro local era o Museu que até então funcionava na rua principal da cidade, a Pedro de Oliveira. Como eu gostava de ver as histórias da cidade que me acolheu! Eu me sentia um Carangolense. Cada vez que eu ia a senhora que trabalhava no Museu me recebia como se fosse a primeira vez. Por fim, ela me deixava à vontade e pedia para que eu a chamasse em caso de dúvidas.

Depois eu ia na galeria de Márcio Domingues, um grande artista carangolense. Homem de grande talento e conhecimento artístico. Lá eu

via os produtos que ele vendia de grande qualidade e beleza. Eu sempre ficava a admirar a beleza dos quadros lá expostos, além das cerâmicas de diversas partes de Minas e do país. Foi lá que me apaixonei pelo estilo “parede cheia”. Acho bonita uma parede repleta de quadros.

Nos últimos tempos tenho percebido como é bonito você ver uma criança dando os primeiros passos e interagindo com arte. Gal atualmente está com 1 ano e seis meses de idade. Ela interage com quadros que estão na altura dela e diferentemente do que muitos pensam é uma relação muito interessante. Eles estavam lá antes dela nascer. Ela faz seus desenhos em livros, papeis deixados pela casa ou no chão. Tem seus livros e muitos que eram do irmão. Os livros prediletos ela mesma pega ou pede para pegarmos e dialogamos. A mãe de Gal é uma ótima Contadora de Histórias.

Um dia ela desenhou na parede. Lembrei-me de Josias Filho quando tinha praticamente a mesma idade. Ele estava com uma caneta daquelas de escrever em plásticos e estava pintando em sua mesa. Decidiu ir para a parede. Quando eu olhei nada disse. Ele terminou a pintura naparede e disse:

- Viva!

Foi o “viva!” mais lindo que já ouvi. Comprei um quadro e giz colorido que ficavam debaixo de uma janela na sala do apartamento onde moramos um tempo. Ele nunca mais desenhou na parede porque sempre brincávamos de desenhar juntos. Voltando às perspectivas de Gal: muitas vezes a vi passando a mão sobre a tela, sentindo a textura. Ela gostava também de duas cruzes de ferro penduradas na parede. Olhando e reolhando sem que eu precisasse chamar sua atenção. A atenção estava nas telas. São essas vivências que nos singularizam enquanto seres humanos. Diferentemente de mim ela não terá que entrar no quarto dos patrões e passar o dedo às escondidas e se perguntar: por quê aqui tem pinturas e em minha casa não tem? Deve ser coisa de gente rica. Era o que eu pensava.

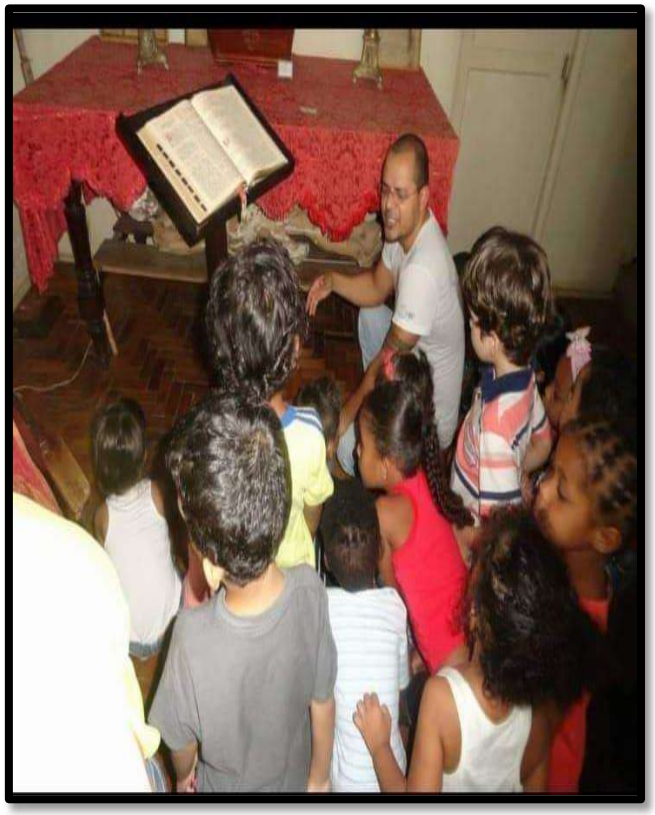
Por fim, nos meus passeios na adolescência em Carangola, eu passava na Biblioteca Breno Motta que era numa sala em anexo à Prefeitura que infelizmente por descontinuidade da gestão pública e descaso deixou de existir.

As crianças que seriam recebidas no Museu eram, para minha surpresa, crianças do Pré-escolar de Faria Lemos. Fiz a chamada “mediação” se é que de fato ela existe. Participei do piquenique nas árvores do Museu com as crianças que juntamente com as professoras me agradeceram muito.

Vi os olhares de surpresa das pessoas que ali trabalhavam.



Olhares da infância – Acervo pessoal



- Posso tocar?



Bem pertim...

O Corpo de Bombeiros juntamente com o Ministério Público interditaram o local. Foi neste período que a Secretária de Educação foi exonerada. Através de um memorando muito respeitoso, ela solicitou minha ida para a Secretaria de Cultura. O que encontramos era o caos. Uma Secretaria praticamente desativada repleta de vassouras e materiais de limpeza e troféus e materiais que eram da Secretaria de Esporte.

Iniciamos do zero. Aos poucos percebemos que o trabalho referente ao ICMS – Cultural estava parado. O ICMS Patrimônio Cultural é um programa de incentivo à preservação do patrimônio cultural do Estado. Ele funciona por meio de repasse dos recursos aos municípios que preservam seu patrimônio e suas referências culturais, através de políticas públicas relevantes através de redistribuição de parcela da arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços estabelecido pela Lei Estadual 18,.030/2009.

Havia em uma gaveta processos e pedidos de respostas do Ministério Público local e federal. Aos poucos juntamente com o Departamento Jurídico do Município começamos a responder um por um.

Criei um Projeto chamado Tour pelo Patrimônio Histórico Carangolense para alunos do quinto ano de escolaridade de uma escola estadual e outra municipal. Com um ônibus escolar fazíamos o trajeto pelos patrimônios. Houve uma tentativa de plágio do projeto.

Para organizar as falas a respeito dos bens tombados fiz uma linha de tempo que ficava em minha mesa com um computador que nunca ligou. Minha mesa ficava estrategicamente entre a mesa da Secretária de Cultura e da Diretora. Foi através desta linha de tempo que principalmente através do trabalho da Secretária de Cultura montamos um trabalho chamado “Linha de Tempo dos Bens Tombados do Município de Carangola”. Pensei em tentar Mestrado Profissional nesta área na Universidade Federal de Viçosa, mas desisti. Queria o Mestrado Acadêmico.

Montei um Projeto de Educação Patrimonial nas escolas e tivemos a participação do Boi Pintadinho do falecido Sr. Jacaré, ou Sr. Geraldo.

Veio o processo licitatório para a firma que prestaria assessoria para a pontuação no ICMS – Cultural. Muitas coisas já haviam sido feitas, conforme expliquei. Entretanto outras ações eram necessárias para a pontuação. A firma de assessoria explicou que era necessário organizar os livros para além do chamado "Livro Tombo" e organizar em Livros de Registros, além de outras atividades. Numa delas pedi para a Secretária de Cultura que fossem registradas as seguintes pessoas como personalidades de Carangola: o falecido Professor e Historiador Rogério Carelli e o Sr. Geraldo do Boi Pintadinho. Trabalhamos para que a Festa de Exposição de Carangola, uma das mais antigas da Zona da Mata Mineira fosse registrada como bem imaterial do município.

O Museu e Arquivo Municipal agonizavam diante de uma dotação orçamentária pífia. Permaneceu fechado. Participei de dois Conselhos de Patrimônio Histórico e Cultural como Historiador, mas muito pouco se fez diante da imensa demanda reprimida e emergencial do município de Carangola.

Por iniciativa pessoal tentei rever a situação do Jongo em Carangola. Lamentavelmente esse Patrimônio Cultural estava extremamente debilitado. Sabendo de sua importância e da resistência do prefeito que considerava o jongo coisa de "macumba', tomei para mim a responsabilidade de tentar fazer algo. Dialoguei com a Secretária de Cultura que me deu o aval.

O Jongo em Carangola é bem "tombado" e registrado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Ele representa muito para a História da Zona da Mata, Noroeste Fluminense e tem toda uma importância nacional. O que mais vi foi demonização por parte do gestor à época. Infelizmente os Mestres Jongeiros das comunidades negras do bairro do Triângulo, Mestre Louzada, havia falecido. No bairro Santo Onofre a líder Jongueira Maria Nossa, que tinha um Terreiro de Candomblé, queimou os tambores e quebrou todas as imagens de Santos ao se converter para uma determinada igreja evangélica. Ficou o Mestre Arlindo no Bairro da Caixa D'Água que também faleceu um tempo depois.

Decidi procurar um Professor da Educação Infantil que estava trabalhando com crianças, no cotidiano de sua práxis, o Jongo. Fiquei maravilhado com o que vi na escola. As crianças viviam de maneira plena o que era a ancestralidade africana. Levei o caso para diálogo.

Demonização. Foi neste período que decidi retomar meu fôlego para o Mestrado. Fui tentando e "apanhando". Decidi tentar na UFF de Santo Antônio de Pádua - RJ. A minha amiga que foi Secretária de Educação e estava na Cultura ficou muito feliz. Tornamo-nos grandes amigos. Ela me orientou e consegui a liberação pela Prefeitura Municipal para Cursar o Mestrado em Ensino.

Quando retornei da licença da Prefeitura para o Mestrado fui para a minha escola de origem: A Escola Municipal Santa Luzia. A escola estava num prédio alugado novamente. Fui atuar como Secretário da Escola. A parte documental da escola estava um verdadeiro caos. Pediram-me para tentar acelerar a digitação para homologação do Projeto Político Pedagógico – PPP e Regimento Escolar, ambos em caráter emergencial. A escola nos dois turnos estava com pouquíssimos alunos e a parte pedagógica da escola estava em frangalhos.

- Josias, precisamos organizar o Caixa Escolar.

- Por que não está constituído?

- Ninguém quer...

- Então põe meu nome.

- Você vai ser o Presidente.

- Que seja. Desde que não fechem a escola – depois descobri que existiam inúmeros problemas com o Caixa Escolar e com a ajuda de uma exímia profissional da Secretaria Municipal de Educação os problemas foram sanados.

A obra na sede da escola andava lentamente. Decidimos fazer visitas no local para ver o que estava acontecendo. Em vários momentos a obra estava parada. O que não estava parado era o ofício com a demanda de alunos para a Educação Infantil encaminhado pelo Ministério Público de Carangola. Além dos problemas envolvendo a primeira creche do município, a "Menino Jesus" que estava para ser embargada devido a estrutura física. Além de uma escola que estava agonizando.

Convocaram uma reunião com os servidores da Escola Municipal Santa Luzia. Estavam presentes a Secretária Municipal de Educação, o vice-prefeito, uma representante do Legislativo e a Comissão de Educação Municipal. Fizeram a leitura do parecer.

Eu elogiei o parecer e disse que estava tecnicamente impecável. Mas a escola precisava de tempo político para se restabelecer. Minha fala foi respeitada, mas o destino estava traçado, inclusive muitas pessoas que ali estavam ou não sabiam do desfecho.

Disse que estávamos indo em vários lugares em busca de matrículas e que a escola teria no próximo ano um número de alunos maior. Uma Professora da escola disse que não acreditava naquela proposta por se tratar de alunos com vulnerabilidade de evasão. Ora, sempre trabalhamos na escola com alunos com grande vulnerabilidade social e de evasão. Ao que complementei: - Se derem o devido prazo podemos estender com o apoio dos colegas aqui presentes a proposta e irmos a outros bairros da cidade para fazermos mais matrículas. Nada disseram. Ao que foi dito pela presidenta da comissão que não fechariam a escola de imediato, mas funcionaria um turno somente.

- Vamos fazer uma votação para escolher o turno que irá permanecer.

Foram perguntando Professor por Professor, um Supervisor Pedagógico não compareceu à reunião. Cada um vendo suas prioridades em relação ao horário com outras escolas. Quando chegou minha vez de falar eu declinei. Estava me sentindo mal. A pressão havia subido. Pedi licença e me retirei

Veio o decreto de paralisação das atividades da E. M. Santa Luzia e noutro decreto previa-se que num prazo de três anos haveria o fim da escola.

O prédio da escola deu origem à E.M. de Educação Infantil Santa Luzia.

Fui para o bolorento e desorganizado arquivo da E. M. Santa Luzia do Ensino Fundamental II que funcionava num anexo da nova Escola de Educação Infantil Santa Luzia. Segundo o decreto de paralisação das atividades cabia ao Diretor da escola juntamente com a secretária escolar providenciar os históricos para os alunos serem transferidos para outra instituição de ensino. Nada havia sido feito. Não me treinaram, não havia um computador com o programa para expedição dos históricos e transferências. Eu anotava os pedidos e fazia os encaminhamentos para me respaldar. Enquanto isto era um tal de disse me disse. E eu fazendo meu serviço. Minha alergia estava crônica. Até que o arquivo foi para a Secretaria Municipal de Educação para o setor de escrituração.

Fui encaminhado para a Secretaria da Creche, na verdade eu era porteiro, Assessor da Assessora, Pedagogo da Pedagoga, Professor de Apoio, Assessor do CAEE – Centro de Atendimento à Educação Especial. Até uma criança que ficou depois do horário na escola, por algum motivo os responsáveis não puderam ir buscá-la, eu a coloquei na garupa de minha bicicleta e deixei-a em casa. O que será que ficou na cabeça daquela pequena em relação ao ocorrido?

O que mais me marcou foi o contato durante um ano com as crianças. Como elas me ensinaram. As Professoras da Educação Infantil oriundas do Menino Jesus me acolheram com bastante generosidade apesar de estarem tristes com o fim do educandário de origem.

A origem desta escola é muito importante para se entender a estratificação social em Carangola e a chamada caridade em detrimento da justiça social e políticas públicas populares na educação infantil. As caixas com os arquivos estavam espalhadas pela Sala da Professoras - espero que seja uma fonte de uma futura pesquisa.

Eu cuidava principalmente do arquivo na sala da diretoria. Em meio a inúmeras atas e atividades de apoio eu precisava juntamente com a Coordenadora da Unidade e Supervisora Pedagógica fazermos um mutirão para colocarmos o arquivo em dia. Ele ficou sem a devida organização durante muito tempo.

A escola começou a ensaiar o sete de setembro ou "marchar" como falamos em Minas. Quando a banda chegou tentaram colocá-las em filas na quadra da escola como nos desfiles dos maiores. Veio o dia da apresentação. Fiz o pedido para que os pais e responsáveis desfilassem juntamente com as crianças. Nada foi feito. Elas desfilaram em mutirão grudadas com cada profissional da escola e atravessaram a avenida no dia do desfile. Nada de fila. As crianças estavam a nos dizer, a ensinar.

Decidi usar a pena colar como um protesto diante de tudo que estava acontecendo no país diante do desgoverno de Bolsonaro: a miséria do povo que voltou a passsar fome, a negação da ciência, a intauração do grotesco e destruição da Amazônia. Era tanto descaso que decidi me apoiar numa pequena pena de uma ave e passar pelas autoridades que compunham o palanque em sua maioria apoiadores do golpe de 2016. Interessante foi o contato das crianças ao ver o cordão no pescoço.



A Pena Colar no Sete de Setembro. – Acervo pessoal.

O Rio, sua Gente e o Vale do Carangola: Interespacialidade e Amorosidade.

E, se todo espaço é uma relação interespacial, o que nos resta agora?

A resposta é simples: a não indiferença.

Jader Janer

Devido um conjunto de problemas o Museu ficou fechado durante um longo tempo sem ao menos ter a limpeza básica ou de seu próprio acervo. Um servidor ficava por conta do Arquivo e mais nada. A situação foi ficando cada vez mais caótica e quando eu conseguia adentrar ao espaço eu pensava: até quando?

Foi neste período que me convidaram para trabalhar no Museu. Era um caos o local. Quanto carinho eu tinha e tenho pelo Museu e Arquivo Municipal Carangolense. O convite veio através de um grande amigo Historiador e Museólogo de Carangola. Estávamos juntamente com pessoas do curso de História e outros cursos da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, Unidade Carangola, além de outros voluntários, a limpar as peças e acondicioná-las para se evitar maior dano ao acervo.

Era uma luta cotidiana. Havia um dilema. O Museu permaneceria no local através de um contrato que estava em voga via comodato ou mudaria de local. Caso ficasse era preciso rever a estrutura e colocá-la nos parâmetros estabelecidos pelo Corpo de Bombeiros e normas de segurança pública. Havia no local as marcas doídas do abandono de um lugar de Memória, Culturas e História.



Para onde foi aquele Museu? – Acervo pessoal

Veio a maior enchente do Rio Carangola em 2020 que conseguiu superar a intensa e histórica enchente de 1985. A cidade cravada num vale ficou um caos. No caso do Museu, Arquivo e Biblioteca a descontinuidade ou má gestão pública é uma verdadeira enchente que muitas vezes a maior parte da população não vê.

Antes das águas abaixarem minha esposa e eu fomos até a Prefeitura onde havia um Gabinete de crise instalado. Comuniquei que poderíamos ter perdido o Museu e Arquivo. Expliquei que naquele momento o mais importante era acolher as pessoas vítimas das chuvas intensas.

Coloquei-me à disposição para que assim que as águas abaixassem montássemos uma equipe para análise do que foi afetado pelas águas e quais medidas a serem tomadas para a conservação do Museu.

Fui pelas ruas repletas de lama e entulhos de Carangola até o Museu juntamente com o Diretor da Instituição. Ao abrirmos as portas era desolador. Juntamente com Eduardo Pimentel, Historiador e Museólogo, começamos a difundir o SOS Museu via redes sociais. Procuramos o Ministério Público para dar ciência da situação e também para evitarmos qualquer eventual denúncia. Em meio a tantas demandas ele disse para irmos e fazermos o melhor possível.

Apareceram inúmeras pessoas. As águas destruíram os últimos livros que restavam da antiga Biblioteca Breno Motta. A parte de acervo do Museu foi bastante danificada.

Inúmeras outras peças, a maioria, foram lavadas uma por uma para limpar o barro que estava em todos os lugares. A parte externa do Museu virou um local de secagem de um número significativo de peças do acervo.

A situação era tão caótica que por mais um pouco o acervo de animais taxidermiados seriam jogados fora. O odor fétido era muito intenso. Ao checarmos as peças aparentemente não haveria recuperação. Acionamos a equipe do Curso de Biologia da UEMG que foi fundamental parra a recuperação das peças da fauna local e nacional. Os primeiros cuidados foram realizados do lado de fora do museu com

substâncias para conter a putrefação. Quanto ao Arquivo Público Municipal a parte do acervo principalmente de periódicos jornalísticos do início e meados do século passado foram danificados. Os processos cíveis e penais que estavam na parte inferior das prateleiras esta vam na mesma situação que os jornais.

As estantes estavam bem afixadas, caso contrário o estrago seria maior devido o nível e força das águas. Foi fundamental o ap oio que obtivemos do Arquivo Público Mineiro que fez uma análise da situação e como deveria se dar o processo de recuperação a curto e médio prazo do acervo.

Muitos materiais do Arquivo começaram a ser imediatamente limpos e secos para não se decomporem. Entretanto, era muito material. Um Museu que nasceu debaixo das escadarias do Estádio Municipal Roseny Soares em 1959 e foi um dos primeiros museus municipais do Brasilcom toda uma história de "recomeço" estava diante do que muitos chamam de maior enchente de Carangola.

Muitas vezes para conseguirmos retirar as caixas onde estavam os processos cíveis e penais fazíamos uma fileira e as caixas iam de mão em mão pingando água. Muitas pessoas foram solidárias.

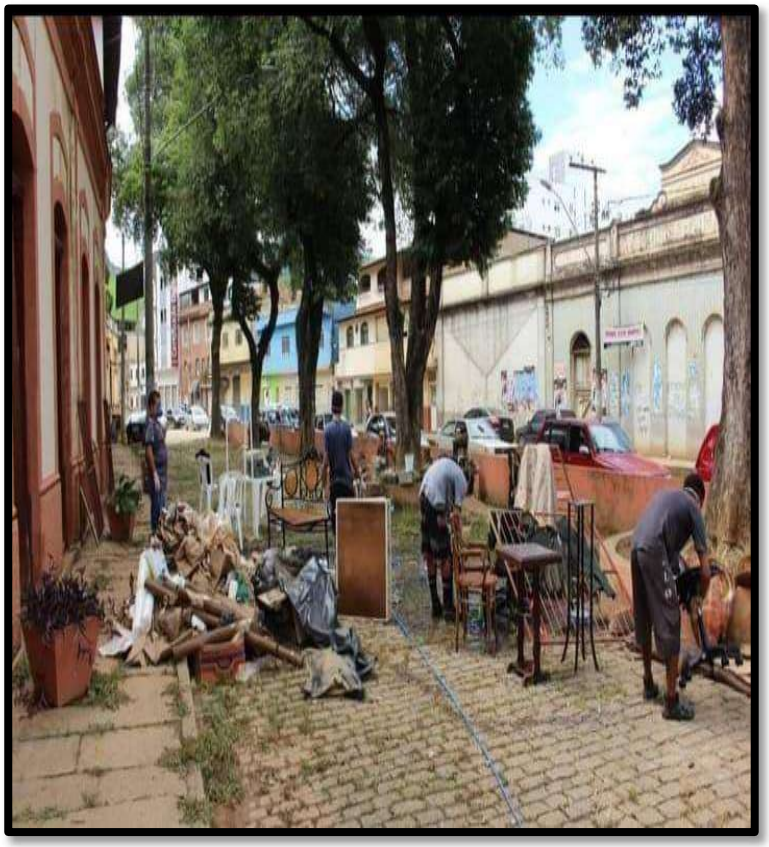
Foi um Museu literalmente retirado da lama que por mais que limpássemos no dia seguinte o odor demonstrava que não havia tempo para se perder. E creio que foi uma grande manifestação do poder que há no ser humano na coletividade social. Ali estavam acadêmic os dos mais diversos níveis, estudantes e principalmente trabalhadores que de alguma maneira tinha sua história ligada ao Museu. Uma senhora me perguntou o que ela poderia fazer para ajudar. Fiquei preocupado com a possibilidade de escorregar e cair. Foi quando me lembrei das caixas com materiais diversos que precisavam ser higienizados repletos de lama. Consegui um local seguro para ela. A cada peça eu percebia um cuidado para além do ato em si. Ela parecia ser uma multidão de pessoas, as mãos a limpar pareciam cuidar do mais sagrado humano e de fato era. Eu olhava e pensava: ali está uma pessoa que em sua geração cuida das gerações que se foram e das que hão de vir, por mais que o nome dela não fique registrado naquele espaço de vivências. É o cuidado com nossa história humana. A cidade cuidava das pessoas desabrigadas e também da história que a todos pertence.



Pegadas – Acervo pessoal



Arquivo Público Municipal Carangolense – Acervo pessoal





Área Externa do Museu e Arquivo Municipal Carangolense. Os últimos livros da Biblioteca Municipal Breno Mota

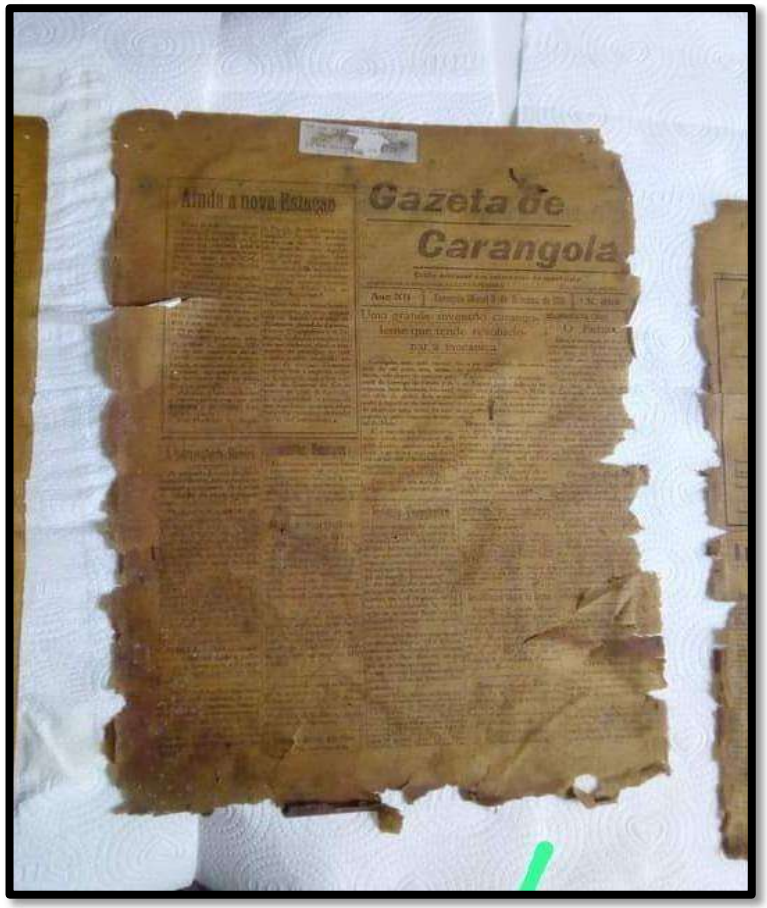
- Acervo pessoal -



A variedade de periódicos atingidos pelas águas e o acondicionamento dos jornais

- Acervo pessoal

Acervo com o início da recuperação dos periódicos e prédio próximo ao Museu - Acervo pessoal:







As águas – Acervo pessoal



Trabalho de muitas mãos e tratamento imediato do acervo taxidermiado em decomposição

- Acervo pessoal-



Espaço de arte sacra: antes e depois da enchente – Acervo pessoal.



Trabalho voluntariado emergencial: SOS Museu. Acervo pessoal.

Houve a proposta de ocuparmos a primeira estação ferroviária, bem tombado municipal, ao lado da sede afetada pelas águas para que ali se instalasse o Museu e Arquivo Público. Realmente o espaço é amplo, mas e as águas? Retiramos após inúmeros diálogos o acervo da área mais próxima ao rio e levamos para um local onde as águas não representassem novamente um risco. O que foi uma decisão acertada.

Quando fomos ver o caminhão de mudança já estava na porta do Museu. Colocamos nas redes sociais via "SOS Museu" o pedido de mais voluntários.

Decorrido um ano, uma nova enchente. Desta vez o acervo estava resguardado e o processo de recuperação em andamento.

Entretanto, são vários pavimentos com grande quantidade de escadas. Naquele momento a preocupação era emergencial. Carangola teve um ano seguido do outro de enchentes. A cidade novamente inundada. O Governador do Estado de Minas esteve na cidade e alertou sobre a necessidade de medidas que atenuassem o impacto das enchentes até mesmo para não inviabilizar futuros investimentos.

O Museu e Arquivo estavam fora de risco da enchente, mas a luta seguia para salvar documentos diversos, principalmente os jornais, processos, acervos documentais bancários, registros diversos, processos penais e civis. A parceria com o Arquivo Público Mineiro foi fundamental, assim como o firmado com a Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG Carangola através dos alunos voluntários inicialmente e depois um processo seletivo remunerado para alunos da instituição.

Eu creio que todos os acontecimentos no Museu e Arquivo Público Municipal Carangolense demonstram a importância da sociedade civil. Passamos por um governo federal que uma das bases e fisionomias foi a militarização. Tivemos no país um governo que negou a ciência, a pesquisa, a educação, a cultura e o próprio ser humano em suas mais amplas e delicadas dimensões: um projeto de destruição pior do que uma enchente numa pequena cidade do interior de Minas Gerais. O descaso, a descontinuidade e destruição do que é público são violências que cabem a todo cidadão o repúdio e combate. São lições duras que não podem se repetir.



Atividades de recuperação do acervo – Acervo pessoal

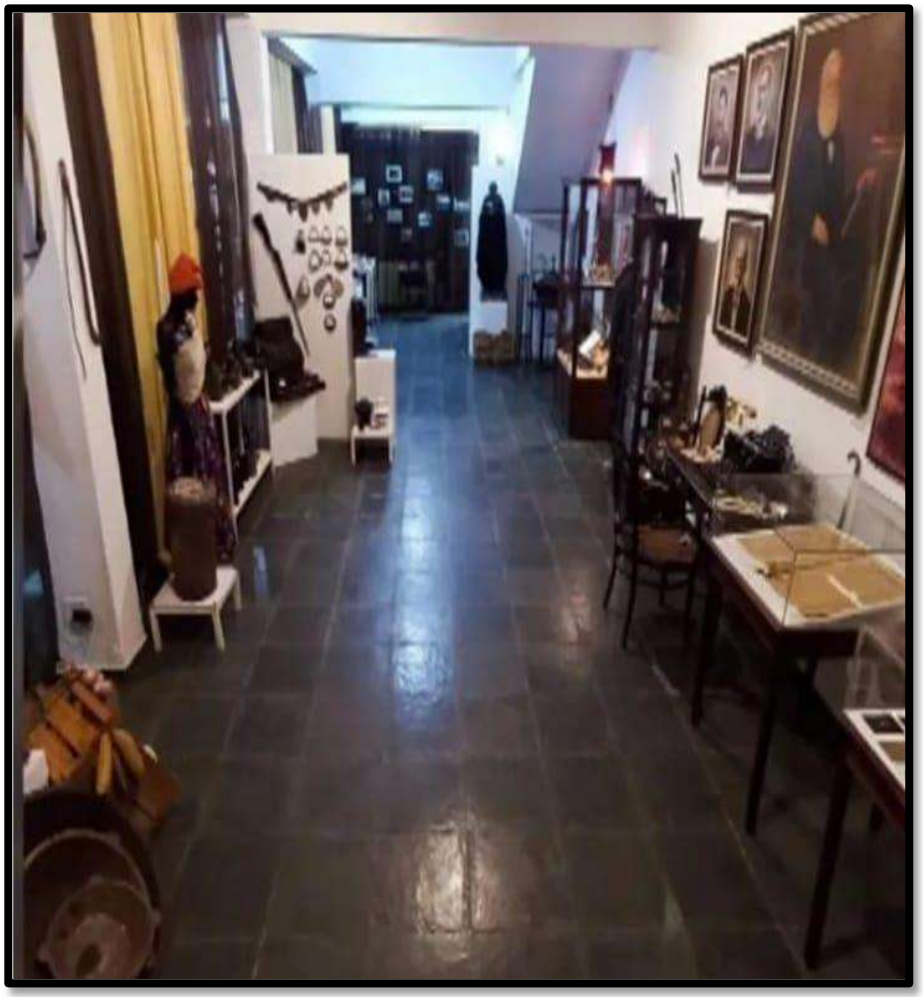
Foi neste período que recebi o convite para compor a equipe do Projeto da UNIMED - Carangola intitulado "História da Medicina Carangolense". Precisavam de um Historiador na equipe. Por uma série de questões internas o projeto que teria três fases encerrou-se na primeira. Em termos de pesquisa creio que o acervo referente à saúde e cuidados do Arquivo Público Municipal, Sociedade Médica e Casa de Caridade de Carangola formam uma ampla possibilidade de pesquisa. O convite teve origem após a leitura pela equipe da Dissertação de Mestrado sobre os cuidados na Casa de Caridade de Carangola.

Veio a pandemia, o medo da morte.

Assumiu a Diretoria do Museu Municipal Carangolense meu amigo Eduardo Pimentel. A Prefeitura Municipal de Carangola através da Secretaria Municipal de Cultura reinaugurou o Museu em outubro de 2022 com abertura à visitações no primeiro pavimento do prédio. Aguarda-se a montagem da Biblioteca Breno Mota e uma futura sede para o Museu.

Quando visitei o Museu após sua reabertura pensei nas inúmeras mãos que cuidaram e cuidam do Museu e Arquivo Municipal Carangolense. É uma história de várias gerações. Não é um museu de uma cidade. É um museu com fisionomia regional devido a própria história dos atuais municípios da região que compunham territorialmente o Município de Carangola.

Fiquei feliz ao ler no G1 a notícia de reabertura do Museu. Eu creio que para cada pessoa que participou deste longo processo deve ter sentido um grande sentimento de pertencimento e cidadania. Fiz uma visita e fui recebido pelo amigo Eduardo Pimentel, Historiador e Museólogo da instituição. Logo na entrada estavam objetos que aparentemente não conseguiram recuperar, assim como fotos da triste situação com a enchente. Bastante impactante. Nas conversas lembramos dos momentos de angústia e solidariedade. Da lama, das águas, das inúmeras conversas que tivemos antes e depois da enchente. Fiquei muito comovido. Ao ir numa sala e ver a projeção de uma película restaurada de tempos tão remotos de Carangola fiquei a imaginar as vidas que por este vale passaram, suas alegrias e dores. As concepções estéticas da exposição foram de grande sensibilidade. Um grupo de crianças de uma escola havia chegado. Fiquei a ouvir os diálogos. Que maravilha!



Após sete anos a reabertura do Museu para as visitações.
Fonte: gi.globo.com
disponível https://g1.globo.com acesso em 21 nov. 2022



Um dos pavimentos da atual sede do museu e arquivo
- Acervo pessoal -

Neste interregno, a Professora de Geografia da única escola do Ensino Fundamental II da rede pública municipal aposentou-se. Iniciei meus trabalhos na escola, onde passaria a ser lotado depois do encerramento das atividades da E. M. Santa Luzia Ensino Fundamenal II. Paralelamente prestei serviço na Secretaria Municipal de Educação complementando minha carga horária no PAR – Programa de Ações Articuladas:

> O Plano de Ações Articuladas (PAR) é uma estratégia de assistência técnica e financeira iniciada pelo Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, instituído pelo Decreto nº 6.094, de 24 de abril de 2007, fundamentada no Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), que consiste em oferecer aos entes federados um instrumento de diagnóstico e planejamento de política educacional, concebido para estruturar e gerenciar metas definidas de forma estratégica, contribuindo para a construção de um sistema nacional de ensino. Trata-se de uma estratégia para o planejamento plurianual das políticas de educação, em que os entes subnacionais elaboram plano de trabalho a fim de desenvolver ações que contribuam para a ampliação da oferta, permanência e melhoria das condições escolares e, consequentemente, para o aprimoramento do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) de suas redes públicas de ensino. Assegurar o acesso dos estudantes às vagas escolares disponibilizadas nas instituições de ensino, em especial na educação básica, e sua permanência com sucesso na escola, depende do atendimento a uma série de elementos estruturais e serviços, dentre os quais se destacam: materiais didáticos e pedagógicos, formação de profissionais, equipamentos e infraestrutura escolar. Esses produtos e serviços se relacionam a vários fatores econômicos e sociais e à forma de planejamento, gestão, atuação e colaboração entre os entes subnacionais, proporcionada pela assistência técnica e financeira, concretizada no âmbito do PAR. (Sobre o PAR - Portal do FNDE)

Era complexo, mesmo com uma equipe que prestava assessoria, fazer os levantamentos e cruzar as informações da educação pública estadual e municipal em meio à pandemia e a descontinuidade da gestão pública. Fizemos o trabalho relativo ao Plano Decenal e inúmeras outras ações que precisavam ser pactuadas e resolvidas a nível municipal diagnosticadas via PAR. Sinalizamos que o Plano de Cargos e Carreiras havia sido postergado pela gestões anteriores ao máximo e que deveríamos resolver a questão.

Foi neste período que retornei para a E. E. Emília Esteves Marques, escola de minha adolescência, agora como servidor público. Encontrei inúmeros colegas que fiz pela vida na escola. Iniciei o Doutorado em Educação e até então a Secretaria Estadual de Educação de MinasGerais não havia me liberado. A Prefeitura imediatamente me liberou o que viabilizou os estudos. Fiquei um período trabalhando no Polivalente Coordenando as Avaliações Diagnósticas da escola tanto no período remoto quanto no presencial. Até obter a liberação via publicação no diário oficial. Lembro-me que após um longo processo vergonhoso de perseguições envolvendo determinadas pessoas em Carangola na Rede Pública Estadual onde o objetivo e ordem dada era que eu perdesse o meu cargo eu venci. Usei em Certeau o tempo e as táticas enquanto eles fizeram uso das estratégias. Eles pseudos donos de um espaço, dos considerados fortes. Eu tinha comigo o tempo e as preciosas táticas (CERTEAU,1998). Aprendi com uma velha senhora: "quando pensam que me represam eu já estou lá adiante: sou água". O povo é Certeau. Foi quando os ocupantes dos "lugares de poder" foram se desintegrando. Chegou em minhas mãos um acordo. Além do bom dia fiz uma única pergunta quando estávamos assentados e numa breve explicação me disseram o teor do documento e que eu ficasse à vontade para ler quando fiz uma única e breve pergunta:

- Este acordo me impede de estudar?

- Não te impede de mais nada. Você pode estudar normalmente. – Rubriquei folha por folha do acordo após uma leitura rápida e dinâmica. A resposta veio com o Doutorado.

Ontem, onze de novembro de dois mil e vinte e dois, o diretor da escola onde trabalhei me pediu perdão ao me encontrar na rua com minha filha e esposa. Disse que não era culpado e citou o nome das duas mandantes. Já estava perdoado. Entretanto, não esqueço de ter sido perseguido implacavelmente todo santo dia, meu nome sendo lesado diariamente, mas principalmente de ter meu contra-cheque praticamente

zerado por quase um ano, diante de um sistema nefasto onde um Procurador do Estado reconheceu o absurdo do que estava sendo feito em audiência e foi dada uma sentença no mínimo vergonhosa. A vida e literatura envolvendo o mandonismo, o clientelismo numa terra de autores como Victor Nunes Leal escritor de "Coronelismo, Enxada e Voto" e de João Baptista Martins, autor de "A Mazorca" clássicos do Coronelismo no Brasil. Como me disse um Professor no Curso de Direito: nem sempre o que é direito é justo e nem tudo que é justo é de direito. Quantos exemplos se espalham vergonhosamente pelo país. O nome do fórum em Carangola é Xenofonte Mercadante. Está lá na placa de entrada inclusive. Será que sabem de fato a história e trajetória deste homem?

Sigo minha vida, sigo meu caminho e por ele vejo olhares das pessoas se desviando ou abaixando a cabeça quando eu passo. A principal mandatária chegou a fugir de um supermercado ao me ver. Que fardo deve ser viver assim. Até quando a pessoa e a função se fundem para fazer até mesmo o descabível e injusto?

Eu resisti. Creio que não conseguiria superar tudo isto se não fosse meu histórico de vida. Nada foi em vão. A cada segundo da minha vida minha gratidão, pelos encontros e desencontros das vivências, sem eles não teria me tornado quem sou, um ser humano como qualquer outro com as devidas especificidades de um ser singular.

Nestes tempos de tensão, ódio e opressão juntamente com minha amiga e Professora da Universidade Federal Fluminense – UFF, criamos enquanto cidadãos o Comitê Popular Carangola 13 para as eleições de 2022. O nível de opressão era tamanho que na cidade não se via ninguém de vermelho, muito menos bandeiras ou nada que remetesse à campanha democrática de Lula. Decidimos com um grupo reduzido caminhar e aproximar de quem podíamos. Democraticamente decidimos o que faríamos enquanto comitê. Foi criado um grupo de WhatsApp do Comitê Popular Carangola 13. O que havia sido combinado é que enviaríamos o convite para amigos, familiares e para quem desejasse adentrar ao movimento. Era um grupo democrático as pessoas poderiam adentrar e sair espontaneamente. Diferentemente do que pensávamos uma determinada figura política local foi lotando o grupo com pessoas sem convidá-las previamente. Por decisão, o grupo seria de trabalho e as postagens direcionadas para não se perder o foco. Entretanto aquilo tomou um outro rumo e o número de postagens era muito grande. Era precisocoser tudo aquilo. Quando marcávamos as reuniões pouquíssimas pessoas participavam. Mas não eram todos da esquerda e muitos inclusive filiados ao Partido dos Trabalhadores de Carangola?

Decidimos dialogando e Mitsi criou uma página no instagram e facebook. Percebi que estávamos com muitos problemas, muitas postagens no grupo de whatsApp mas era preciso ir para as ruas. O lugar do povo é na praça, na rua, mesmo que alguns tenham se apossado até mesmo destes espaços geográficos tão importantes. O quê fazer?

Foi numa reunião com cinco pessoas que encaminhei a proposta de irmos para a rua vestidos com camisas vermelhas da campanha e "passearmos" pela cidade no horário de pico antes do fechamento do comércio no sábado ao meio-dia. Dialogar com as pessoas nas lojas, supermercados, bancos e por onde quiséssemos ou pudéssemos ir. Surtiu um grande efeito semiótico.

Lembro-me quando Lula foi preso para não deixá-lo concorrer às eleições em 2018 dialogamos sobre a possibilidade e necessidade de um ato público envolvendo o movimento que tomou o país e o mundo: "Lula Livre". Um grupo de amigos reuniu -se na casa de Mitsi. Ela tinha um grande rolo de papel ofício para moldes de roupas que guardava com muito carinho que era da mãe. Uma grande artista carangolense: maestrina do Coral Orita Pinheiro que marcou uma época em Carangola, pianista e costureira. Vi também uma bela pintura feita por ela na mesa da casa de sua filha, uma grande amiga e irmã, escritora, Professora que passou por todas as modalidades de ensino, da alfabetização ao atual Ensino Médio. Tornou-se uma exímia Professora Universitária, com inúmeros artigos e livros publicados. Discutimos o que iríamos fazer e onde. Escolhemos um local Histórico e Patrimônio Carangolense que é a antiga Estação Ferroviária de Carangola. Um amigo artista fez as letras no papel pardo e pintamos "Lula Livre". Deixamos a tinta secar. Todos se sentaram á vontade, o que é peculiar na casa de Misti e Carlos, enquanto conversávamos sobre tudo. A esperança estava ali.

Quando veio a enchente avassaladora precisávamos de uma grande quantidade de papel pardo. Não havia na cidade tomada pela lama. Lembrei-me dela. Ela estava limpando a casa devido a enchente. Expliquei a situação ela doou o material que precisávamos para iniciarmos a recuperação do Arquivo Público Municipal Carangolense.



Momentos tensos após o Golpe de 2016 e eleição de 2018 – Foto e acervo de Mitsi Lacerda Pinheiro

O tempo foi passando. Criamos, como disse anteriormente, o Comitê Carangola 13 também na casa de Mitsi durante a campanha para eleição de 2022. Lula estava livre e elegível. Seríamos inicialmente ela, um outro Professsor de História que nunca compareceu e eu. Ela me perguntou: - Vamos criar o comitê nós dois! Ao que respondi: - Vamos! - Ao que sorrimos muito tomando um delicioso suco de manga num dia muito quente.

Ela havia comprado uma toalha do Lula Livre e me deu uma também. Registramos em foto e começamos os trabalhos. A todo momento tínhamos uma nova conjuntura e tentávamos dialogar com o maior número possível de pessoas. A opressão era muito grande, mas uma vez sentida a liberdade não há outro verbo que não seja a luta.

A cidade estava tomada por bandeiras do Brasil que passaram a ser de um determinado grupo ideológico no país. Carros caros passavam com os vidros adesivados com o nome Bolsonaro. As carreatas bolsonaristas eram lotadas e os carros eram uma marca do movimento na cidade. E nas ruas? E o povo que estava sendo oprimido? Muitas pessoas tinham medo de se expor. A importância do voto e das urnas eletrônicas no país são uma grande conquista. Vitória no primeiro turno de Lula no município de Carangola.

Em nossas andanças pela cidade as pessoas comentavam o que estavam vivendo. Muitas falavam bem baixinho. Em outros locais aplaudiam e faziam festa. “O Vem Passear e Dialogar” foi uma vivência grandiosa em minha vida devido o posicionamento firme da amorosidade e luta pela democracia no país numa pequena cidade do interior de Minas Gerais.

No segundo turno agregamos mais pessoas e o movimento se consolidou. Em Carangola Lula venceu no primeiro e segundo turno. Minha eterna gratidão à minha Professora no Mestrado Mitsi Lacerda Pinheiro pela amizade e companheirismo. Grande mulher. Agradeço minha família por estarmos juntos pelas ruas da cidade com amorosidade em tempos de ódio e desrespeito. Nós não tivemos medo de ninguém por maisque olhares e falas fossem de intenso ódio. Em nossas camisas estava a palavra amor. A pessoa ficava envergonhada só em mostrarmos a palavra. Mas o acolhimento foi impressionante.

Com a apuração e vitória de Lula o povo de Carangola tomou as ruas na maior festa popular que já vi na cidade. A carreata com carros populares, motos, bicicletas, as pessoas dançando e sambando com uma fanfarra improvisada. Fomos de carona com uma amiga. Patrícia, Josias Filho e Gal estavam na carreata e festa. Não lembrei de fazer nenhum registro fotográfico. Estávamos vestidos com nossas camisas e levei a bandeira do Brasil que ao descermos na praça central da cidade passava pelas mãos de várias pessoas e gritávamos: - É nossa, é do povo! A democracia tomou conta da praça que é lugar por excelência do povo. Virou um carnaval! A carreata não parava: foram mais de três horas de carros populares buzinando ou quase pegando fogo por problemas elétricos ou motores. "Sem medo de ser feliz". Tudo estava dito!

Atualmente faço parte do GRUPEGI – Grupo de Pesquisas em Geografia da Infância. Lá eu sou feliz! É um grupo de grande potência e amorosidade. Recentemente adentrei à Rede PIMu – Primeira Infância em Museus, grande convite e presente de meu Orientador Jader Janer Moreira Lopes. Eu estava em busca de um apoio através da Prefeitura Municipal de Carangola para fazer uma pós-graduação na PUC sobre "Mediação em Museus na Primeira Infância". Devido o prazo e trâmites não consegui fazer a inscrição. Foi quando externei para Jader um pouco do que aqui está escrito e ele me convidou para participar da Rede PIMu. Cada encontro uma potência de desafios, ações e reflexões de uma Rede com pessoas de vários Museus do Brasil.

Estou envolto no processo de pesquisa e estudos e a cada dia sinto que preciso me dedicar mais. Não estou me encontrando somente com uma pesquisa, parece-me que estou me encontrando com minha própria vida que se encontra com outras vidas que se humaniza através das vivências. Uma pesquisa é um projeto de vida, de vivências. Onde o novo emerge e nele alinhavamos nossas vidas, nossas histórias, as memórias, meus pés no chão e ancestralidades.

Encontrar-me com a Geografia da Infância e dos Cuidados através de meu querido Orientador Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes e todos, todas e todes que compõe o grupo foi um dos melhores encontros da vida. A cada encontro emerge em mim as múltiplas pessoas que eu sou, que nós somos na possibilidade do encontro. O GRUPEGI é um espaço de co-existência , enunciações amorosas e de vivências. É no espaço geográfico que estamos a coser uma possibilidade pós-humanista planetária.

Ao adentrar para o Doutorado lembro-me de uma fala de Jader sobre as escolhas de vida. Avisei para muitas pessoas próximas, inclusive para minha mãe que ficaria um pouco ausente devido questões familiares e profissionais, no caso, estudos. Ela me disse que depois que eu terminasse o "curso" era para eu descansar.

Talvez ela tenha levado em consideração toda uma trajetória de vida envolvendo a sobrevivência através do trabalho e estudos. Ela sabe que inúmeras vezes caminhei sozinho e sem reclamar. Mas o que ela não sabe e espero um dia ter a oportunidade de dialogar é que estudar para mim é uma opção. Mesmo que nos últimos tempos a toxoplasmose ocular tenha me castigado bastante e muitas vezes algumas percepções que dependem da visão tenham deixado a desejar. Quando tive que parar as leituras devido a doença e tratamento Jader foi o primeiro a me encorajar e cuidar de mim como amigo e Orientador. É preciso moderação no uso da visão para não prejudicar a acuidade, mas não é abrir mão dos sonhos. Quero e vou seguir minha caminhada com pessoas como Jader, mestre de meu barco.

Percorrer as galerias da Topogênese (Lopes, 2021), na Teoria Histórico Cultural do Círculo de Vigotski "topoambulando" é possibilitar no tempo presente e também para as futuras gerações que somos seres de vivências espaciais e dos cuidados. Por isso, dedico esta escrita andarilha aos meus filhos Gal Torrentes Guedes e Josias Teodoro Guedes filho por terem uma possibilidade de conhecer não somente a história lacunosa e invisibilizada de gerações que nos antecederam. É uma postura de justiça existencial espacial oriunda da alteridade do cuidado de umaespécie da qual fazemos parte. Não pode ser esquecido, por ser sagrado, bendito e benzível. É também infinito, pois se trata de vivências que emergem do espaço geográfico. Eis a topogênese de Jader Janer Moreira Lopes na Teoria Histórico-Cultural de Vigotski.

Fico a pensar nos cafezais em flor. A cor da fita da cruz, das palavras do benzedor, da vivência na Topogênese. A rata prenha agradeço pelo encontro no início desta escrita numa primavera de 2022. Faço a revisão desta escrita aos vinte e três dias de janeiro de 2023 e posteriormente em 05 de julho de 2025 com o coração a esperançar num país mais justo para nós brasileiros. A democracia é preciosa!

Gratidão por "topoambular" até aqui conosco. É tão somente uma escrita: as galerias da Topogênese jamais terão fim.



Do Cartaz Lula Livre ao “Lula Presidente”. Arte: Mitsi L. Pinheiro.

Fonte: Intagram@carangola.12 e arquivo pessoal

Considerações: Vivências em um Nó, das Mãos e de um Bico que Cosem

Minha avó fazia tapetes. Cortava retalhos multicoloridos de tecidos doados. Pegava um saco de ração e com um pequeno ferro, tipo um prego, passava tira por tira, até dar forma para aquele que era seu ganha pão. Dava um nó. Achava delicado os nós dados por aquelas mãos com as marcas do tempo.

Nem mais força, nem menos força: era o nó dela.

Talvez a vida já a tenha apertado em tantos nós. Foi nó duro, de forças opressoras desmesuradas até a morte. Foram nós estúpidos e violentos sobre toda a sua vida. Aquela velhinha de cintura portuguesa com seus tapetes pela cidade saia.

Era a Maria do Tapete, era a Maria do Carvão. Era a mulher que fritava o peixe com escama. Mas escama peixe é. Se alguém nunca fritou um peixe com escamas, eis meu orgulho, minha avó assim fazia.

Não se importava com nenhum olhar ou fala que a tentasse tornar menor. Era singularmente a Maria.

Escrevo lembrando dela diante do que hoje me ocorreu. Meu vizinho, já velhinho, mas esperto na enxada, se ofereceu para capinar nosso pequeno quintal.

Combinamos o preço da capina e pedi também a retirada de cipós com suas infinitas folhagens estrangulhantes de outras espécies plantadas. Ele sumiu por um tempo. Pensei que tivesse esquecido de nosso combinado de limpar o pequeno quintal.

Hoje, depois das chuvas ele apareceu. Fez parte do serviço. Quando tive um tempo fui retirar mais alguns cios da cerca de bambu rente ao brejo. Eles são fortes e sobem imponentes nas plantas.

Num dado momento ouvi um som delicado, som de vida. Fiquei por alguns segundos com medo. Seria uma cobra? Percebi que quando eu mexia em algo no chão o som vinha. Olhei com atenção. Era um pequeno passarinho.

O que fizemos?

Retiramos o lar daquele pequeno ser.

Tentei localizar o ninho e tive a sorte de achá-lo. Coloquei a delicada criatura lá. A boca se abria com fome. O tempo estava fechando, com nuvens escuras e o vento a soprar friamente no final da tarde. A mãe daquele pássaro fez seu ninho nos cipós que estavam sobre um arbusto.

O que fazer?

Pedi duas sacolas de supermercado para meu filho e tentei improvisar uma proteção. Senti-me impotente. Sei que um pássaro sabe o devido local para construir seu ninho e assim proteger seu filhote da chuva, do excesso do sol, do frio e dos predadores. Percebi a tecitura do ninho e como o filhote acalmou-se ao voltar para lá.

Já é noite. Será que a mãe dele vai voltar? Amanhã estará vivo? A fome foi saciada depois de tanto piar? Essas perguntas são duros nós. Não vejo nessas indagações, infelizmente, a delicadeza de minha avó.

Cada material daquele ninho foi trabalhado por sua mãe. Talvez o bico daquele pássaro fosse a mão de minha avó. Tudo sob medida. O pássaro no bico, minha avó com suas velhas mãos.

Há dias creio ter visto a mãe pássaro. Estava sobre o tronco de um eucalipto onde ponho sombrite sobre a horta para protegê-la do intenso verão. Estava a pular e voltava várias vezes. Até me perceber e ir embora. Talvez estava a observar se conseguia alimentos.

Espero que o pé de abacate e goiaba cresçam bastante, para que outros ninhos e pássaros possam abrigar.
O ninho ficou sem o pequeno pássaro por dias. Acolhi o ninho manjedoura.
Eu me enganei quando não percebi a vida inteira que não
havia somente um nó de D. Maria ao final eram
simplesmente laços.
Inúmeros laços em um tapete chamado vida. Assim como em
seu cabelo enlaçado
com tira de tapete de
uma mão en-
rugada
de vida
“amore”
Vó



Maria Teodoro da Silva – Acervo pessoal

Quando os Girassóis Não Mais Reverenciam o Sol

Decidi plantar há três primaveras girassóis num pneu no chão do quintal de casa. Terra, esterco, um pouco de água e muito sol... As sementes de vários tipos transformaram-se em mudas. Deixei-as todas lá. Cresceram exuberantes e encantadoras. Ficaram enormes. Louvavam ao criador, a Apolo e a estrela maior que ilumina nosso planeta. Foi um verdadeiro espetáculo.

Quando secaram colhi as sementes para um novo plantio. Desta vez, num espaço entre um círculo de pedras, mais espaçoso. Peguei uma chibanda com o vizinho e revirei toda a terra do espaço. Com o tempo elas nasceram mais fracas. Um pouco desanimadas. Aquela exuberância não veio. Como era bom ver aquelas plantas acompanhando o movimento aparente do sol do ano anterior.

Decidi não colher todas as sementes que estavam "fracas". Todas que colhi entreguei-as ao solo. Pensei que a terra estava pouco adubada. Era preciso que elas seguissem seu destino. Pedi para um vizinho capinar o quintal. Seria o adeus aos girassóis.

Com a chegada das chuvas no final do inverno percebi várias mudas entre os capins que se avolumavam. Deixei-os quietos para seguirem seus caminhos. A haste de vários estavam fortes com vários brotos. Haveria explosão de cores? Eles cresceram vigorosamente em várias cores novamente. Brilhavam mais do que Luís XV. Quem era ele perto dos girassóis do pequeno quintal de minha casa?

A felicidade da alegria inesperada. Quando um girassol se abre é um big bang.

Chega o momento do esplendor das cores, da rotatividade em direção ao sol. Sento sempre que posso nos primeiros degraus de acesso ao terraço para observar o movimento das flores, das formigas, pássaros, do brejo e de tudo que ali habita.

Um dia, percebi a quantidade de abelhas que estavam na flor de um girassol. Quanta vida! Noutro dia percebi que as pétalas tinham caído. O mesmo ocorreu em cada um dos girassóis. Fiquei triste e ao mesmo tempo grato por todos aqueles momentos. Mas, havia perdido a beleza. Queria que as flores em suas cores variadas, roxo, laranja, múltiplos tons de amarelo e avermelhado, permanecessem um pouco mais.

Já não eram os mesmos. As hastes estavam caindo rumo ao chão com as faces viradas para a terra. Não havia feiúra: eu não havia entendido o diálogo dos girassóis com a terra. Não houve interrupção. O sol reverencia o girassol e o girassol gentilmente retribui em nome da terra. Assim, a vida e a beleza vai se renovando.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos. Pedro & João Editores, 2012.

BAKHTIN, M. "Metodologia das ciências humanas". In._____. Estética da criação verbal. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 393-410.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski.** Tradução de Paulo Bezerra. Rio de janeiro: Forense, 2008.

BENJAMIN, Walter. A Imagem de Proust**. Magia e Técnica, Arte e Política**: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas, v.1, 3ªed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BLIKSTEIN, Izidoro. Kaspar Hauser. **A Fabricação da Realidade**. ed. – São Paulo: Cultrix, 1985.

BOFF, L. **Saber cuidar:** ética do humano, compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BOLLE, Willi. **Fisiognomia da Metrópole Moderna**: Representação da História em Walter Benjamin, São Paulo: Editora da Universidade de São Paul, 1994.

BRASIL, Ministério da Educação. Programas do Livro. Portal do FNDE. Disponível em: https://www.fnde.gov.br Acesso em 10 març. 2023

BRASIL, Ministério da Educação. PAR .Apresentação. MEC. Disponível em: https://portal.mec.gov.br Acesso em 10 març. 202

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Artes do fazer. Petrópolis: vozes, 1998.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Assim se Benze em Minas Gerais.** Juiz de Fora-MG: EDUFJ/Massa Edições, 1989.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022

KRAVTSOV, Guenadi. As Bases Filosóficas da Psicologia Histórico-Cultural. **VERESK** – CADERNOS ACADÊMICOS INTERNACIONAIS. Estudos sobre a perspectiva histórico-cultural de Vigotski – Brasília, vol.1, p.29-42 , 2014.

LOPES, Jader Janer Moreira. **Terreno Baldio**. Um livro sobre balbuciar e criançar os espaços para desacostumar Geografias. Por uma Teoria sobre a Espacialização da Vida. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021

LOPES, Jader Janer Moreira; VASCONCELLOS, Tânia de. **Geografia da Infância: Territorialidades Infantis**. Currículo sem fronteiras, v.6, n1, PP.103-127, jan./jun.2006. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss1articles/lop_vasc.pdf> Acesso em 11/02/2021.

LOPES, J. J. M. Entrevista concedida a Regina Célia Frigério, Roberto Marques. **Revista GIRAMUNDO**, Rio de Janeiro, v. 06, n 12, p. 117-140, jul./dez 2019.

LURIA, Alexander Romanovich. **A Construção da Mente**. São Paulo Paulo: Ícone, 1992.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MELLO, Marisol Barenco de. **Alteridade e Diálogo em Mikhail Bakhtin**. Entrevista concedida a José Anchieta de Oliveira Bentes e Huber Kline Guedes Lobato. Periferia v. 12, n. 1, p. 230-247, jan./abr. 2020. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br › article › view. Acesso em:11/02/2021.

MERCADANTE, Paulo. **Os Sertões do Leste. Estudo de uma Região**: A Mata Mineira. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores, 1976. Portal do Livro – Portal do FNDE, 2022. Disponível em: **https://www.fnde.com.br,** 2022. Acesso em 24 nov. 2022.

MURRIS, K. (2016) The Posthuman Child:iii. E. D. Kennedy, & B. Bahler (Ed.). Philosophy of childhood today: exploring the boundaries (pp. 185-197).

PORTELLI, Alessandro. **O que Faz a História Oral Diferente**. 1997 Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph:article/view/11233/8240 Acesso em:11/02/2021.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaios de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PRESTES, Zoia Ribeiro. **Quando não é quase a mesma coisa**: **análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil** – Repercussões no campo educacional. 2010. 295 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: http://repositorio.unb.br/handle/10482/9123. Acesso em: 09/02/2021.

QUINTANA, Alberto Manuel. **A Ciência da Benzedura**: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise. Bauru-SP: EDUSC, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). Conhecimento prudente para uma vida decente. 'Um discurso sobre as ciências' revisitado. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

SANTOS, Boaventura de Souza. In: MENESES, Maria Paula (Orgs). **Epistemologias do Sul**. Série Conhecimento e Instituições. Coimbra, Edições Almedina SA, 2009.

TEODORO GUEDES, J. **Entre Lamparinas e Lampiões – Narrativas, Saberes e Fazeres que Ensinam: Memórias dos Atendentes de Enfermagem da Casa de Caridade de Carangola – MG.** Dissertação de Mestrado em Ensino pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Santo Antônio de Pádua –RJ, 2018.

TUAN, Yi Fu. **Topofilia**. Rio de Janeiro: Difel, 1980.

VALENTIN, Volóchinov, 1895-1936. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciênciada Linguagem – São Paulo: Editora 34, 2018.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **A Questão do Meio na Pedologia**. Psicologia USP, São Paulo, 2010.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Cientista Revolucionário**. São Paulo: Loyola, 2022..

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, V. **A Construção da Enunciação e Outros Ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Das Minhas Vidas às Minhas Terras Sagradas: Estudos em Topogênese - Tomo I.

A Topogênese Entre Preces e Benzeções - Tomo II.

Josias Teodoro Guedes

Andarilhar e galeriar de pés descalços nas topovivências de uma tese-benzeção

Juiz de Fora

2025

Josias Teodoro Guedes

Das Minhas Vidas às Minhas Terras Sagradas: Estudos em Topogênese – Tomo I

A Topogênese Entre Preces e Benzeções

- Tomo II -

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor/a em Educação. Área de concentração: “Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas”.

Orientador: Doutor Jader Janer Moreira Lopes

Juiz de Fora

2025



Programa de Pós-graduação em Educação

da Universidade Federal de Juiz de Fora

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração
automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Teodoro Guedes, Josias .
Das Minhas Vidas às Minhas Terras Sagradas: Estudos em Topogênese - Tomo I. A Topogênese Entre Preces e Benzeções - Tomo II. / Josias Teodoro Guedes. -- 2025.
754 f.

Orientador: Jader Janer Moreira Lopes
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2025.

1. Benzeções. 2. Topogênese. 3. Vivências. 4. Teoria Histórico-cultural. I. Moreira Lopes, Jader Janer, orient. II. Título.

Josias Teodoro Guedes

Das Minhas Vidas às Minhas Terras Sagradas: Estudos em Topogênese - Tomo I. A Topogênese Entre Preces e Benzeções - Tomo II

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação. Área de concentração: "Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas".

Aprovada em 17 de outubro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Dr(a). Jader Janer Moreira Lopes - Orientador(a) e Presidente da Banca - Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr(a). Maria Zélia Maia de Souza - Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr(a). Rafael Alberto Gonzalez Gonzalez - Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr(a). Mathusalam Pantevis Suarez - Universidad Surcolombiana

Dr(a). Denise Wildner Theves - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Juiz de Fora, 15/09/2025.

Documento assinado eletronicamente por **Jader Janer Moreira Lopes**, **Professor(a)**, em 17/10/2025, às 18:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Rafael Alberto González González**, **Usuário Externo**, em 21/10/2025, às 10:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Denise Wildner Theves**, **Usuário Externo**, em 21/10/2025, às 10:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Maria Zelia Maia de Souza**, **Professor(a)**, em 21/10/2025, às 10:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **MATHUSALAM PANTEVIS SUAREZ**, **Usuário Externo**, em 11/11/2025, às 16:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2616539** e o código CRC **F4DE9376**.

Agradecimento Andarilho I

Após tomar um chá de melissa
o andarilho procurou a benzedeira guiado pelo beija-flor.
Depois de um tempo saiu da casa da anciã.
Nas mãos um galho de arruda.
Caminhou lentamente com os pés descalços até o ribeirão.
A montanha Pedra Beija-flor a tudo assitia.
Viu as flores da vassoura preta que se fazia sol como aquele que no céu se despedia:
colheu um ramo.
Mais uns passos e olhos atentos.
Agachou e pegou uma delicada folha de guiné.
Caminhou até o lindo bambuzal.
A guiné estendida recebeu as delicadas folhas de arruda e vassoura preta.
Adentrou no ribeirão: tocou a água com as mãos e fez o sinal da cruz.
Disse as palavras benzidas aprendidas na casa da benzedeira
Entregou o ramo de benzeção às águas
E no tempo dela foi indo, indo, sumindo...

Agradecimento Andarilho II

É sagrado o pulo do sapo
O som do grilo
A mão que cuida e toca a folha que cura.
Sagrados são os morros que me abraçam
o mar que me toca, me banha
quando ouço e sinto suas ondas.
Sagradas são as pedras, folhas, sementes e flores
trazidas por Gal em sua infância.
Sagradas são as árvores
que conversam com o vento
e acolhem os pássaros,
a cará que se soltou do anzol no pequeno lago
refletindo o sol por segundos
prateando suas escamas no ar
e voltou para o lago aspergindo água
benzendo minha infância
o mundo e toda vida.
Sagrado é nosso encontro,
uma bola quicando e o sorriso de Filho:
Tudo benzido em palavras de gratidão.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES / Ministério da Educação do Brasil, pelo suporte financeiro através do Programa Doutorado Sanduíche no Exterior – PDSE, que foi fundamental para a execução deste projeto (tese-benzeção) em parceria com a Universidad Surcolombiana, Colômbia.



Para Gal, Josias Filho, Patrícia, Jader,

Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância - GRUPEGI

e a todos que vivem

a topovivência benzível

da amorosidade espacial:

esperança em um mundo dos cuidados.



A vivência espacial renova a palavra.

Jader Jader



RESUMO

Esta é uma tese-benzeção envolta em palavras e linguagens benzidas e benzíveis: uma proposta de escrita pós-qualitativa através dos saberes entrecruzados do ser humano visto em sua totalidade e não em pedaços fragmentados do ser. Andou de pés descalços no dialogismo e na alteridade (Bakhtin, 2003) entrecruzou-se em saberes e fazeres pós-humanista das folhas, das águas, dos ramos, das brasas, das forças humanas e não humanas (Murris, 2016). As topovivências foram oriundas a princípio em estudos em topogênese em pequenas comunidades cafeeiras e periféricas no município de Carangola-MG, na Zona da Mata Mineira, Brasil, através do Grupo de Pesquisa e Estudos de Geografia da Infância – GRUPEGI CNPq, no macrocampo da Geografia dos Cuidados, coordenado pelo Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes e depois alargou-se pela Colômbia através de um estágio doutoral na Universidade Surcolombiana – USCo. A prática das benzeções são saberes mestiços brasileiros, de camada popular, decoloniais, contra-hegemônicos e de práticas intituintes dos benzedores em suas comunidades (Certeau, 1994) que cuidam das pessoas em suas casas através da epistemologia do sagrado ancestral, da prática da escuta amorosa, sem nada cobrar, do nascer até o sol se encaixar. Numa proposta andarilha do topoviver emergiram outras "Galerias Andarilhas" envolvendo o educar e cuidar intergeracional em vários territórios colombianos. O que aqui se enuncia se desdobrou, em termos de escrita, em dois tomos interligados toposcronicamente nesta tese-benzeção: o segundo tomo, que estava em andamento, deu origem ao primeiro. Desta maneira, "Das Minhas Vidas âs Minhas Vidas Sagradas – Estudos em Topogênese" é fruto do andarilhar e galeriar de um projeto inicial envolvendo a comunidade de Ponte Alta de Minas, terra de meus ancestrais. Deste reencontro, em vivências e memórias, relatei meu lugar epistêmico e paralelamente os desdobramentos do êxodo rural e de um conjunto de desigualdades sociais no Brasil. Neste processo entrecruzado de dialogismo andarilho e galeriante estava a gênese de tudo: "A Topogênese Entre Preces e Benzeções". Seriam de fato dois tomos? Fundamentou-se esta tese-benzeção na Teoria Histórico-Cultural de Vigotski na perspectiva potente da vivência, "perejivanie" (Vigotski, 2006; 2010) e da topogênese, ou seja, aquilo que emerge na vida humana e por conseguinte também emergiu na pesquisa em termos de topovivência ou "vivência (inter)espacial" (Lopes, 2021; 2024). É uma pesquisa benzível: a pesquisa se deu com o rigor do que emerge na vida e no dialogismo com os sujeitos na perspectiva da amorosidade espacial (idem) onde a práxis da benzeção atrelou-se à Geografia dos Cuidados e da Infância de maneira intergeracional, cronotópica que reconhece o ser humano como um texto, uma escritura alinhavada em linhas, agulha de benzeção, germinadas em Pachamama e alumiadas pelo "Abuelo Fuego". As galerias humanas da topogênese, das vivências espaciais, do ser interespacializado, levam a outros espaços e vivências a serem galeriados. É tal qual a benzeção: não há fim.

Palavras-chave: Benzeções; Topogênese; Vivências; Teoria Histórico-Cultural.

ABSTRACT

This is a blessing-thesis wrapped in blessed and blessingable words and languages: a proposal for post-qualitative writing through the intertwined knowledges of the human being seen in its totality and not in fragmented pieces of being. It walked barefoot in dialogism and alterity (Bakhtin, 2003) and intertwined in post-humanist knowledges and practices of leaves, waters, branches, embers, human and non-human forces (Murris, 2016). The topovivências initially originated in studies of topogenesis in small coffee-growing and peripheral communities in the municipality of Carangola-MG, in the Zona da Mata Mineira, Brazil, through the Research and Study Group on Geography of Childhood – GRUPEGI CNPq, in the macro-field of Geography of Care, coordinated by Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes and later expanded throughout Colombia through a doctoral internship at the Universidad Surcolombiana – USCo. The practice of blessings is a mestizo Brazilian knowledge, of the popular stratum, decolonial, counter-hegemonic, and instituent practices of the healers in their communities (Certeau, 1994) who care for people in their homes through the epistemology of the ancestral sacred, the practice of loving listening, without charging anything, from sunrise until sunset. From a wandering perspective of topoviver, other "Wandering Galleries" emerged, involving intergenerational education and care in various Colombian territories. What is presented here unfolded, in terms of writing, in two volumes, topochronically interconnected in this thesis-blessing: the second volume, which was in progress, gave rise to the first. Thus, "From My Lives to My Sacred Lives – Studies in Topogenesis" is the fruit of the wandering and gallery-hopping of an initial project involving the community of Ponte Alta de Minas, the land of my ancestors. From this reunion, through experiences and memories, I recounted my epistemic place and, in parallel, the unfolding of the rural exodus and a set of social inequalities in Brazil. In this intertwined process of wandering and gallery-hopping dialogism lay the genesis of everything: "Topogenesis Between Prayers and Blessings." Would they in fact be two volumes? This thesis-blessing was based on Vygotsky's Historical-Cultural Theory in the powerful perspective of experience, “perezhivanie” (Vigotski, 2006; 2010) and topogenesis, that is, that which emerges in human life and consequently also emerged in research in terms of topovivência or “(inter)spatial experience” (Lopes, 2021; 2024). It is a worthy research: the research was conducted with the rigor of what emerges in life and in dialogue with the subjects from the perspective of spatial lovingness (idem), where the practice of blessing was linked to the Geography of Care and Childhood in an intergenerational, chronotopic manner that recognizes the human being as a text, a scripture stitched together in threads, a needle of blessing, germinated in Pachamama and illuminated by "Abuelo Fuego." The human galleries of topogenesis, of spatial experiences, of the interspatialized being, lead to other spaces and experiences to be explored. It is just like blessing: there is no end.

Keywords: Blessings; Topogenesis; Experiences; Historical-Cultural Theory.

RESUMEN

Esta es una tese de bendición envuelta en palabras y lenguajes benditos y bendecibles: una propuesta de escritura poscualitativa a través de los conocimientos entrelazados del ser humano visto en su totalidad y no en fragmentos del ser. Caminó descalzo en el dialogismo y la alteridad (Bakhtin, 2003) y se entrelazó en conocimientos y prácticas poshumanistas de hojas, aguas, ramas, brasas, fuerzas humanas y no humanas (Murris, 2016). Las topovivências se originaron inicialmente en estudios de topogénesis en pequeñas comunidades cafeteras y periféricas en el municipio de Carangola-MG, en la Zona da Mata Mineira, Brasil, a través del Grupo de Investigación y Estudio en Geografía de la Infancia – GRUPEGI CNPq, en el macrocampo de Geografía del Cuidado, coordinado por el Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes y luego se expandió por toda Colombia a través de una pasantía doctoral en la Universidad Surcolombiana – USCo. La práctica de las bendiciones es un conocimiento mestizo brasileño, del estrato popular, prácticas decoloniales, contrahegemónicas e instituyentes de los curanderos en sus comunidades (Certeau, 1994) que cuidan a las personas en sus casas a través de la epistemología de lo sagrado ancestral, la práctica de la escucha amorosa, sin cobrar nada, desde el amanecer hasta el atardecer. Desde una perspectiva itinerante de topoviver, surgieron otras "Galerías Itinerantes", que involucran la educación y el cuidado intergeneracional en diversos territorios colombianos. Lo que aquí se presenta se desarrolló, en términos de escritura, en dos volúmenes, topocrónicamente interconectados en esta bendición de tesis: el segundo volumen, que estaba en desarrollo, dio origen al primero. Así, "De Mis Vidas a Mis Vidas Sagradas – Estudios en Topogénesis" es el fruto del peregrinar y el ir de galería en galería de un proyecto inicial que involucró a la comunidad de Ponte Alta de Minas, la tierra de mis ancestros. A partir de este reencuentro, a través de experiencias y recuerdos, relaté mi lugar epistémico y, paralelamente, el desarrollo del éxodo rural y un conjunto de desigualdades sociales en Brasil. En este proceso entrelazado de peregrinar y el dialogismo de galería en galería se encuentra la génesis de todo: "Topogénesis Entre Oraciones y Bendiciones". ¿Serían, de hecho, dos volúmenes? Esta bendición de tesis se basó en la Teoría Histórico-Cultural de Vygotsky en la poderosa perspectiva de la experiencia, “perezhivanie” (Vigotski, 2006; 2010) y la topogénesis, es decir, aquello que emerge en la vida humana y consecuentemente también emergió en la investigación en términos de topovivência o “experiencia (inter)espacial” (Lopes, 2021; 2024). Es una investigación valiosa: se realizó con el rigor de lo que emerge en la vida y en diálogo con los sujetos desde la perspectiva del amor espacial (ídem), donde la práctica de la bendición se vinculó con la Geografía del Cuidado y la Infancia de una manera intergeneracional y cronotópica que reconoce al ser humano como un texto, una escritura tejida en hilos, una aguja de bendición, germinada en la Pachamama e iluminada por el "Abuelo Fuego". Las galerías humanas de topogénesis, de experiencias espaciales, del ser interespacializado, conducen a otros espacios y experiencias por explorar. Es como la bendición: no tiene fin.

Palabras clave: Bendiciones; Topogénesis; Experiencias; Teoría Histórico-Cultural.

Toposumário Andarilho

arruda

guiné

hortelã

alfavaca

terramicina

assapeixe

alecrim

camomila

elevante

funcho

erva-doce e capim limão

ora-pro-nobis

mil-em-rama e veresk

poeijo

transagem

vicke

vassoura preta

ler e sentir o “sumo” das folhas

no sumário de palavras

Galerias Andarilhas

1. Introdução: A Topogênese Entre Preces e Benzeções - A Topovivência numa Tese-benzeção.....18

2. Diálogos Beija-flor.....35

3. O que Emerge na Terra Beija-flor.....55

4. A Topogênese na Geografia da Infância e dos Cuidados.....65

5. Galeriando entre Palavras e Plantas que Curam.....73

6. Galeriando entre Olhos de Bonecas e Benzeções: A Casa Altar de um Benzedor.....90

7. Água, Terra, Ar e Fogo: A Topogênese do Céu e da Terra de um Griô.....108

8. O Pão e o Queijo da Vida.....114

9. A Benzedeira que Cose a Vida com Agulha e Palavras.....118

10. "Dizem, que em algum lugar, parece que no Brasil, existe um homem feliz" Vladimir Maiakovisk.....125

11. Uma Casa onde a Música Benze.....133

12. Um Altar com as Marcas do Tempo e das Mãos de Uma Benzedeira.....142

13. As Palavras numa Revoada.....164

14. A Mão do Pilão, o Prego, a Saliva, as Rezas na Gameleira: Saberes das Benzeções que Emergem nas Comunidades 173

15. Um Chafariz de Palavras Benzidas 192

16. "Ervas são plantas que curam": Andando com os Pés Descalços com o Sr. Chico Puri 223

17. As Benzeções de Sebastião Mulher no Santo Onofre 252

18. A vida Entre Benzeções 256

19. Por Mais Galerias da Topovivência: Sem Ponto Final 266

20. Topogênese do cuidar e Ensinar Intergeracional na Colômbia 276

21. Um Cemitério Maternidade e a Escola: "Jugar" é Benzeção 280

22. O Abuelo Fuego 302

23. Um Espaço Sagrado – La Esperanza: "Somos Memória Viva!" 353

24. Três Contos Ancestrais para Abraçar o Mundo 384

25. "Semillas Ancestrales" – Germinações Andarilhas da Topogênese no Ensinar e Cuidar Intergeracional 387

26. Considerações 417

Referências 418

Andarilhar. an-da-ri-lhar – verbo intransitivo: correr terras; fazer de andarilho; andar errante; vaguear.



- Ao vento: Minas Gerais -

Criação e acervo pessoal

Galeriar. Ga-le-ri-ar - verbo da topogênese: andarilhar e galeriar nas topovivências

Galeria Andarilha I – Introdução: idas e vindas andarilhas do Galeriar

A Topogênese Entre Preces e Benzeções – As Topovivências numa Tese-benzeção

Toda espacialidade é interespacialidade, onde as relações intercorpóreas,
interdiscursivas, intertemporais, onde o pessoal e o social se fazem em cultura.
Jader Janer

Esta é uma escrita espraiada que convida o leitor a andarilhar por suas galerias em idas e vindas. É uma tese-benzeção onde a liberdade é andarilha. As galerias são intermezzo e entrelugar. Assim me fui andarilho:

Fiz algumas visitas de apresentação, primeiros diálogos e escrita com alguns benzedores antes da Qualificação no Doutorado. Foi através do andarilhar que percebi as galerias da Topogênese tão presentes nas vivências dos encontros do que de fato nos faz humanos através do intermezzo da linguagem em suas condições semióticas de valores que influenciam a formação do ser humano e da sociedade e "que coaduna a pessoa, sua autoria, sua personalidade, seu mundo e seu ser no mundo" (Lopes, 2021, p. 102). Foi no emergir do novo, através dos encontros e diálogos com pessoas que vislumbrei que nossas vidas estavam se encontrando. Adentrei no intermezzo da vivência, do perejivanie (Vigotski, 2006, 2010) através das benzeções, da Topogênese (Lopes, 2021,2024) que originou o Tomo I desta Tese: "Das Minhas Vidas às Minhas Terras Sagradas: Estudos em Topogênese:

> São escrituras que envolvem um método nessa perspectiva que é o ser humano em processo de vida, como ser de linguagem. São suas biografias cronotópicas, contenção em gostas de culturas; [...] Olhar a vida no tempo é fundamental, mas olhar a vida pelo espaço, cria as coetaneidades, mesmo entre pessoas que viveram em diferentes momentos da história. Aqui, assumo como caminho metodológico a compreensão da vida das pessoas como vidas que se encontram no espaço, mesmo se situadas por tempos que são abismos seculares, são relações humanas e sociais que se presenciam espacialmente. (Lopes, 2021, p. 117)

Meu Orientador, Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes, sugeriu e estimulou a escrita de um memorial. Entretanto, não consegui parar de escrever diante do que estava a emergir nas topovivências da pesquisa de campo, em meio aos diálogos e estudos que se abraçavam através do Grupo de Pesquisa de Geografia da Infância - GRUPEGI - das memórias do êxodo rural vivenciado por meus pais e avós e como esse processo histórico no Brasil impactou nossas vidas. Esta foi a gênese, a origem, a Topogênese de um reencontro com a terra de meus pais, Ponte Alta de Minas, Carangola-MG e a terra que eu nasci e vivi até os doze anos de idade no estado do Rio de Janeiro. Estava entre o que emergia no local e o que emergia na minha vida. O tempo e o espaço estavam a ir e vir nesta tese-benzeção. Estava no pesquisar com... Entre o plano pessoal e social estava a produção do novo. (Lopes, 2021, p. 119)

Creio que o desabrochar das memórias de maneira tão intensa foi devido aos estudos no Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia da Infância - GRUPEGI da Teoria Histórico-Cultural de Vigotki no que tange à produção do novo (Vigotski, 2018, p. 14) e seu círculo, principalmente na Ciência Romântica de Luria, que assume a referida teoria em seus estudos e postulados. Mas o ápice foi a Leitura de "O Homem com um Mundo Estilhaçado" (Luria, 2008). Zasetsky é um soldado russo que aos vinte e três anos de idade teve seu cérebro destruído pelos estilhaços de uma bomba na Segunda Guerra Mundial. Este caso foi estudado por Luria durante mais de trinta anos relatando as vivências de seu paciente e os desdobramentos neurológicos tão latentes.

Terminei de ler o livro. Retirei os óculos: meus cacos e estilhaçamentos, um mosaico de incompletude pela vida. Lembrei dos pacientes que cuidei no hospital, das cirurgias neurológicas e das sequelas que ficaram em Zasetsky e em tantas outras pesssoas. Tantas padronizações sendo que de uma maneira ou de outra somos deficientes.

Estava diante de uma questão e reflexão no Tomo I: escrever sobre aquilo que como fragmentos de bombas de certa maneira me estilhaçou. Quantos estilhaçamentos temos em nossas vidas? Isso é questão de terapia?

> Lembranças! Memórias. As marcas de espaços e tempos ocupados em qualquer passado se renovam constantemente em nós mesmos e nas relações que estabelecemos com o outro. São evocações de outros tempos que se tornam presentes no contemporâneo do humano e, com suas forças, interpelam o futuro a ser construído e elaborado. Por isso, toda memória é força bruta da criação e não ecos desfigurados de uma recordação, de um saudoso tempo que se foi, é matriz e pujança criadora de cultura. Impulso e vivência no terreno baldio. (Lopes, 2021, p.149).

O dialogismo é um princípio, uma noção fundamental neste sentido por não pactuar como diálogo na concepção de emissor e receptor. A

linguagem não é uma díade. Na perspectiva do dialogismo e semiótica cada um de nós ao adentrarmos num fluxo discursivo estamos entrando numa dimensão de uma linguagem que é constituída histórica, geográfica e polifonicamente ao longo de muitas vozes (Bakhtin, 2003). Mesmo sozinho, numa autorreflexão estamos numa condição dialógica tipicamente humana. Nunca estamos sozinhos. Somos seres humanos capazes de autorrefletir e acionar várias vozes de pessoas que não estão presencialmente conosco. Assim, rompe-se com o diálogo emissor e receptor (Lopes, 2021, 2024).

Até mesmo os objetos são polifônicos: nos trazem memórias. São artefatos culturais. A linguagem constitui o ser humano em múltiplas possibilidades. Ela se anuncia no presente e vem sempre de histórias anteriores. Ao se emitir no presente remetem ao futuro. Enunciar no presente não está presentificada somente no presente. É um fluxo de histórias, um fluxo de outras pessoas. É uma enunciação que permite um futuro enunciativo. Por isso, Bakhtin traz o conceito de enunciado: elo discursivo que converge no presente, passado e futuro. Rompe com a perspectiva do passado e futuro formal. A linguagem que se anuncia no presente vem sempre de histórias anteriores. (Bakhtin, 2006).

A palavra e as linguagens nos constituem: transita no tempo vivamente de um para outro. Há carne quebrada, nervo torcido e osso desconjuntado na vida e nesta escrita. Benza as folhas desta tese-benzeção: "**c**om linha e agulha a negra indagava:- "Que coso?" Após a resposta do paciente: - "Carne quebrada, nervo torcido e osso desconjuntado" – volvia a preta, cosendo em cima da contusão: -"Isso mesmo eu coso, em nome do Pai, do filho e do Espírito Santo e da Virgem Maria" (Mercadante, 1990, p. 114).

A importância do que emerge no espaço, através da vivência na Topogênese, ou topovivência, que não fragmenta a vida entre o espaço e o psíquico ou tenta alinhavá-los com linha de cerol. O humano emerge em sua totalidade na topovivência. Não há dualismo nesse emergir. Como seria Luria, Vigotski e Bakhtin numa benzeção em Ponte Alta ou em outra pequena comunidade rural? O que estas pessoas trariam através de suas vivências para a humanidade? Sempre me perguntava durante a pesquisa, principalmente no contato com as benzedeiras e benzedores sobre esta possibilidade de encontro.

Emerge: ali está o humano em suas amplas dimensões não apartadas ou dissociadas através do emergir do novo (Lopes, 2021).

Creio que pequei no Tomo I em vários aspectos, talvez por recorrer às minhas memórias estilhaçadas. Como é difícil re(constituir) as memórias mesmo não sendo fisicamente atingido por estilhaços de uma bomba em uma guerra. Entretanto, mais de trezentos anos de escravidão e dizimação dos povos originários foi uma guerra desigual neste país e as sequelas estão por aí: é algo notório nos dois tomos. Não foi diferente na Zona da Mata mineira. Cato os cacos e estilhaços na esperança de um dia fazer um mosaico e sigo andarilhando pelas galerias da Topogênese, do que emerge das

vivências na interespacialidade da minha existência e da história do meu povo. Mas hei de confessar que minha visão turva de toxoplasmose é uma realidade e não tenho como escapar da vida vivida e de outras deficiências. Através das vivências, e isto inclui a memória, posso ir ressignificando a vida e também contextualizá-la na dimensão da singularidade e da coletividade.

O ser humano pode estar sozinho, mas pode estar numa postura de dialogismo. Algumas memórias vivenciadas nos alegram, outras nos entristecem. São carregadas de sentimentos, de afetos. A vida é linda, benzível, é linha, pode ser turva e vesga e inclusive tem vento virado:

- O que corto? – pergunta a benzedeira Puki de 106 anos.

- Vento nos olhos.

Por três vezes pergunta enquanto vai benzendo. Três vezes ele responde conforme ensinou ao benzido e completa:

- Eu te benzo eu nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. – Faz o sinal da cruz diante dos olhos com o dedo polegar em riste e ao final um movimento em direção à rua para ir embora aquele mal.

Ali estava o perejivanie, o conceito de vivência, da Teoria Histórico Cultural de Vigotski.

Para a maioria da população a genealogia é uma arqueologia, não é um hobby de uma minoria: é um verdadeiro ato de prospecção tamanha a invisibilidade e silenciamento ocorridos na História do Brasil. Foram as benzeções que me aproximaram de uma ancestralidade Puki, tão presente nos lugares de pesquisa, onde a maioria dos descendentes deste povo geralmente diz: "- Minha avó foi pega à laço". Puri é o nome dado pelo colonizador.

A presente escrita é decolonial, contra-hegemônica e desobedientemente instituinte. Está embrenhada de passado, como no memorial do Tomo I, mas não é toda a minha vida: são invenções que tenho da minha vida. Um passado que trago para ser lido no presente e não se encerra nele. Da Banca de Qualificação a data de hoje, vinte e cinco de julho de dois mil e vinte e quatro, eu alteraria inúmeras coisas. Mas optei em deixá-las em sua maioria como registro de uma pessoa e de pessoas que não são mais as mesmas. Eis a riqueza da vida, do viver, da vivência. O passado é revalidado pelo presente. É sempre possível ser revisto. O presente que vivemos também reinventa o passado (Bakhtin, 2006). Não é diferente na memória das pessoas que dialogam no Tomo II: andarilhando pelas galerias das benzeções a memória é algo precioso na vida de um benzedor, a maneira como eles marcam suas comunidades e foram marcados em suas infâncias pelo ato de benzer. É uma relação intergeracional, fluxo de vida que traz uma reflexão no encontro com uma professora e outras educadoras no Pré-escolar Nossa Senhora Aparecida em Ponte Alta de Minas, Carangola - MG: -

Como é a Pedagogia das Benzeções? Ela existe? Este trabalho balbucia em benzeção com o que foi apresentado no Topoâmbulo: não tenho soluções para nada, muito menos completude: é preciso topoambular, andarilhar e galeriar como tão bem ensinam os benzedores na relação sujeito com sujeito onde o dialogismo, para além da noção de emissor e receptor, é fundamental. (ibidem)

Foi neste contexto que encaminhamos o Tomo I para os Professores Doutores da Banca de Qualificação. Estávamos galeriando, mas como seria o Tomo II? Um grande desafio. Cada palavra, cada observação, palavras de encorajamento, bendita, benzida. Foi uma banca andarilha, galeriadora na qualificação e creio que não será diferente na defesa da tese-benzeção. Num dado ponto foi preciso admitir a incompletude que se dá a vida, como me disse um benzedor: - Ninguém dá conta de tudo! Cada folha aqui escrita é folha e ramo dos benzedores e de encontros ancestrais. Admiti isto para meu Orientador depois de perder praticamente todo o segundo tomo numa queima do "HD", da memória, do computador. Era preciso recomeçar. Tive que me recompor em pensamentos benzeções. Creio que aquela escrita foi para onde deveria ir. Ficou somente o que deveria ficar. Um processo de luto intenso e precisei pausar. Depois, pensei que havia recomeçado o andarilhar. Acabei descobrindo em Manoel de Barros que pausa não é interrupção para o andarilho. Então, não se recomeça a andarilhar porque a vida é andarilha.

O andarilho benzedor sabe o tempo da vida. Eles estão aqui comigo e com você.

"A Topogênese Entre Preces e Benzeções" não foi parido "Das Minhas Vidas às Minhas Terras Sagradas: Estudos em Topogênese". Elas são entrecruzadas, intermezzo de vivências e das pessoas que aqui estão a dialogar. Se há monologia, é osso quebrado, nervo torcido. As galerias humanas das vivências, do ser interespacializado, levam a outros espaços e vivências infinitamente. Aqui é tão somente uma escrita de quem andarilhou pela vida a galeriar e aprendeu a escutar numa postura de benzedor. Escutar na amorosidade interespacial da topovivência em práxis.

Adentrar nesses intermezzos das vivências, dos diálogos autorais seja na palavra escrita, dita, balbuciada ou gesticulada é uma cronotopia. Num dos encontros do Grupo de Pesquisas em Geografia da Infância – GRUPEGI, fiz a seguinte anotação dita por Lopes em 20 de março de 2023: "Se o ser humano é um texto e eu o leio é uma dimensão cronotópica do espaço e tempo". A cronotopia é essencialmente Topogênese. O ser humano além das dimensões históricas perpassa pelos aspectos das culturas e dos espaços.

O homo sapiens enquanto ser de linguagem, um texto, vários textos: estamos diante de sujeitos cronotópicos. Olhar a vida na vida sem aprisionar a vida, tendo como desafio a construção mínima de uma equivalência de vozes no mesmo horizonte discursivo em Bakhtin e Vigotski. Esta escrita é polifônica em Bakhtin? Não sei. Tentei respeitar ao máximo os sujeitos em seus espaços autorais como um desafio de plano ético e estético.

A morte de alguns benzedores durante a pesquisa intensificou essa responsabilidade numa decisão diante da vida. Por isso, a tese-benzeção é apresentada no Tomo II em Galerias na liberdade da Teoria Histórico-Cultural de Vigostski e da Topovivência em Lopes (2021, 2024).

Ao leitor a possibilidade de galeriar por onde queira. A vida andarilha numa tese-benzeção não comunga com as dimensões de uma sociedade e de um tempo, cronus, capitalista. Caminha com os passos vagarosos de minha avó a vender seus tapetes enrolados e equilibrados sobre a cabeça com a saia a bailar vivendo e driblando o capital conforme podia. É o tempo do benzedor que reverencia o chegar da noite quando o sol se vai e no outro dia com ele volta a benzer. Que respeita o tempo da lua nas dimensões que envolvem o sagrado cuidar das pessoas e todos os seres.

Uma benzedeira e um benzedor abrem a porta de sua casa sem nada cobrar, para ouvir e cuidar – duas dimensões tão importantes numa benzeção. Vão fazendo revolução no miúdo do cotidiano. Benzem com suas mãos, com raminhos, terço, cruz, crucifixo, olho de boi: todo movimento humano, inclusive gestual, de autoria no mundo. Essa autoria é a criação estética. Quando benzem anunciam: é o milagre do cotidiano. A noção de estética de Bakhtin não está ligada somente a concepção restrita da arte tradicional (Bakthin, 2003)**.** A palavra bendita, benzida é arte milagre.

No Tomo I retiro as letras cursivas nas figuras e capítulos. Fiquei durante muito tempo pensando nos motivos daquela escolha após a observação do Prof. Dr. Mathusalam Pantevis. Nunca tive uma letra cursiva padrão e quando escrevo de maneira legível é para que outra pessoa entenda. Depois de muito tempo fui rever a escrita e aquela letra me causou uma certa aversão. Minha letra é garrancho: creio que fruto de anos na área de saúde, inúmeras anotações em estudos e cursos, principalmente o de Direito. Tentei ter uma letra padrão e nunca tive. Mas não poderia deixar de esclarecer algo tão importante que emergiu na qualificação sobre determinadas críticas que existem no Brasil em relação ao sistema de ensino: a escola no Brasil, ali descrita, teve e tem inúmeros problemas. É a célebre frase dita por Darcy Ribeiro: “A crise da Educação no Brasil não é uma crise: é um projeto”. Entretanto, poucas pessoas lutaram tanto pela educação popular com justiça social e cognitiva como Darcy. A escola, principalmente a pública, salva vidas em múltiplos sentidos. Digo isto enquanto aluno e profissional. Mesmo diante de tantas questões envolvendo um projeto de domínio das camadas populares através da educação eu tentei me libertar enquanto aluno e sujeito, e ainda tento me libertar enquanto Professor, mas não sei se aguento mais: é um eterno catar os cacos e andarilhar. A morte a tiros de Milton, no Tomo I que foi para a qualificação, próximo da escola onde estudava é algo a se pensar.

Zasetsky em suas vivências após ter o cérebro danificado, perde em parte a sua memória e tem uma nova realidade para além da neurológica. Ele faz das limitações, das suas vivências, potência de vida:

> Não consigo compreender por que opressão e escravidão existem em outros países. A terra é suficientemente rica para nos alimentar e vestir a todos nós, para atender a mais do que as necessidades básicas, para animar as vidas das gerações vindouras. Que necessidade há de guerra, violência, escravidão, opressão, morticídio, execuções, pobreza, fome, sobrecarga de trabalho, ou desemprego, em países que possuem tanta riqueza? (Luria, 2008, p.153)

A indagação de Zasetsky traz uma outra pergunta: por quê vivemos em um mundo estilhaçado? Qual a postura de um benzedor diante de tais pessoas que chegam em suas casas em busca da palavra, das linguagens e de ser ouvido enquanto cuidado ancestral?

Remeto-me ao conceito de justiça espacial que não existe sem justiça social (LOPES, 2021). Todavia, é preciso falar da amorosidade espacial presente nestes espaços de benzeções nas várias comunidades de Carangola-MG, na Zona da Mata Mineira, Brasil. Se amorosidade, vem de amoroso, e este de amor, temos que nos perguntar sobre as relações espaciais e principalmente interespaciais. Paulo Freire (2005) e Mikail Bakhtin (2012) dialogam sobre a condição amorosa e ética. Tudo que diz e faz o ser humano é cumplicidade, porque é algo de nossa espécie, ou seja, há um tensionamento e interelacionamento em tudo que envolva a coletividade e a singularidade. Nada se repete em termos de topovivência por ser algo único e irrepetível. A amorosidade espacial é algo que transcende o tempo e o espaço definito. Onde estiver um ser humano em contato com outros seres humanos ali estará havendo uma relação interespacial. A relação de amorosidade espacial é revolucionária, pois acontece no plano da alteridade, sem hierarquia de seres e saberes.

Essas vidas são espacializadas nos contextos temporais e sócio-espaciais: sem ferir, aprisionar ou matar a palavra, o ser, os sujeitos, a vida.

Uma tese-benzeção foi uma tentativa, uma busca pela exotopia, pois o olhar na e pela vida depende do outro. Um desafio de romper com a monologia. O benzer e bendizer é um ato ético e estético acolhedor do novo, do povo, daquilo que emerge na topovivência. Não fui ao local de pesquisa com o chamado método de investigação pronto e engessado: estava tudo em constante movimento e mudança andarilha na topogênese em vivências espaciais (Lopes, 2021). O inalterável era exatamente a premissa do que emerge, pode e vai se alterar:

> Agora interesssam as noções de exotopia e de excedente de visão, expressões criadas por Bakhtin. A definição de exotopia está na fronteira da criação estética, assim como nas relações que se estabelecem no ato de pesquisar. Esses termos apontam as relações entre entre duas consciências alocadas em espaços diferenciados, uma consciência capaz de ser o excedente de visão da outra e que permite perceber muitas nuances que não seriam possíveis de existir, se essa situação não se estabelece. (Lopes, 202, p. 135).

O cuidado nos singulariza enquanto espécie em Vigotski. Foi o que vivenciei com essas pessoas em suas comunidades ou através do dialogismo recorrendo às memórias, que sempre vão até suas infâncias como marco de origem, de gênese das benzeções. A Topogênese, ou topovivência das

benzeções é marcada pelo cuidar intergeracional. No encontro da benzedeira e do benzedor com as crianças há uma evolução da espécie humana que não está devidamente registrado nos livros didáticos de História, mas ali está a digital da humanidade: o cuidado. Em microrrevoluções cotidianas difusas abrem as portas de suas casas e benzem a vida desde quando o sol nasce. Vão benzendo até a estrela sol dizer para eles que vai "se encaixar". Tudo isto sem nada receber. É possível um outro mundo? Os benzedores afirmam e rearfimam no cotidiano da práxis dos cuidados que sim.

Não é qualquer pessoa que consegue ou será um benzedor no sentido nato da palavra. Ser benzedor exige ser ético em sua práxis. Os saberes ancestrais aqui apresentados em uma mesma benzeção, por exemplo, de espinhela caída, pode se dar de várias maneiras, mas em todas elas está a amorosidade espacial do cuidado. O benzedor cuida com ervas, com palavras sagradas, com balbucios e com a preciosidade da escuta. Sabe de sua comunidade, atenta-se para o que aflige o ser humano em suas amplas dimensões. A porta da casa está aberta, fale e será escutado, neste ato há uma benzeção ou o início dela.

Foi de porta em porta em Ponte Alta de Minas andarilhando que aos poucos percebi que as comunidades rurais são entrecruzadas, inclusive com a zona urbana da cidade de Carangola-MG, Brasil.

Benzedor não indaga nem hierarquiza outros saberes: respeita todas as formas de cuidar. O que temos a aprender com tal postura?

Mas e o rigor científico na pesquisa? O rigor científico positivista não nos cabe. É ao contrário: vamos ao campo com possibilidades de pesquisa e assumimos que não temos nenhum controle sobre o que emergirá. Não estamos na condição e dimensão do subjetivismo nem do objetivismo puro, mas sempre na relação de fronteira do eu com o mundo. A semiótica da vida vai sempre nesta fronteira. Mesmo que a fronteira seja a relação comigo mesmo. A condição do ser humano não somente no seu interior, mas na fronteira. Não é no interior ou no exterior, é na fronteira, conforme se dão as relações semióticas (Lopes, 2021, 2024).

O que se tem muitas vezes em mente, ou em termos de escrita de um projeto, deveria ser atenção e abertura para as vivências espaciais. A topogênese, a vivência como amorosidade espacial tem o dialogismo como premissa. No encontro de seres que dialogam para além das dimensões de receptor e interloculor, a vivência espacial dada num encontro modifica toda a humanidade. Ouso dizer que pode alterar tudo o que envolve a filogênese, ou seja, a história de nossa espécie e também das outras, e para além: tudo o que diz respeito ao mundo, pois dele fazemos parte, dialogando-se também com a sociogênese, plano social, e a ontogênese, os indivíduos em desenvolvimento do chamado homo sapiens. A Topogênese cria um processo dialético de dialogismo de vivências espacializadas trazendo contribuições para a Teoria Histórico-Cultural e para o planeta: "Na abordagem

Histórico-Cultural, o método é a premissa, a origem e o resultado da investigação" (ibidem). Eis a Tese-benzeção:

> Aceitamos que o desenvolvimento é marcado pela confluência entre a filogênese (a história de uma espécie animal), a ontogênese (o desenvolvimento do indivíduo dentro da espécie) e a sociogênese (a cultura de um grupo), que permitem as singularidades de cada um de nós. E isso não acontece em um espaço meramente físico, onde as formas se erguem como objetos sem significados, tradicionalmente alçados pelas experiências sócio-motoras e pela maturação biológica, mas em espaços que são pujantes linguagens, que são dados, vedados, proibidos, liberados, coibidos! (Revista de Educação Pública, Lopes, 2022, p. 07)

Com as benzeções e o diálogo com os benzedores, benzedeiras, comunidade e também através das ervas percebe-se que os conhecimentos entrecruzados oriundos dos pretos e pretas velhas, caboclos encarnados e desencarnados emergiram na tese-benzeção numa contra-hegemonia decolonial através da vivência espacial de uma sociedade benzida e benzívelmente mestiça. Muitos saberes apareceram diluídos e, inicialmente confusos, mas é tão forte no sentido das táticas e uso do tempo enquanto sabedoria (Certeau, 1998) que até mesmo no diálogo das ervas, num raminho de benzeção, num chá, num banho estava ali toda a resistência diante do massacre colonial no Brasil e em várias outras partes do planeta. A sociedade violenta, escravocrata e silenciadora criou toda uma estrutura de táticas do povo brasileiro que através das linguagens, culturas e saberes se faz em vivências e dribla as estratégias (Certeau, 1998) de domínio.

Carangola significa rio que corroi na língua Puki conforme o Jornal Tribuna de Petrópolis de 17/11/02. O que foi corroído em todo esse desdobramento histórico que não traz esta possibilidade para a toponímia do lugar? É um compromisso ético com a vida na topovivência: através das galerias andarilhas caminhar de maneira nômade com nossos ancestrais. Como um lugar, seja nas roças, pequenas comunidades, no alto dos morros, por toda a cidade e região tantas pessoas com fenótipo Puki podem se olhar no espelho e não se virem como tal? No máximo a maioria afirma que "minha avó foi pega à laço..." Estar vivo creio que foi uma grande luta para este povo e para além disto, foi uma vitória. É um processo de tamanha violência que degenera e perverte até mesmo palavras, como no caso da palavra curandeiro e a responsabilidade ética de rever-se tamanhas injustiças através da tese-benzeção:

> A vivência, como encontro entre o plano pessoal e social, pode levar à muitas possibilidades e, como já apontamos, está sempre marcada pela produção do novo. Por isso, Vigotski (2006) irá se dedicar a falar em neoformações como as bases do desenvolvimento. Essas formações novas que emergem dos encontros na vida devem (nem sempre o fazem) permitir os movimentos que transformam o humano em busca de caminhos, em tese, mais saudáveis, que não levem ao adoecimento e à subjugação do viver. (Lopes, 2021, p. 120).

Uma pesquisa que traz questões e oportunidades de reconexões importantes com o povo do tronco-linguístico macro-jê de diversos povos

como os puris-coroados: nasci em Piabetá, Magé – RJ, no distrito de Inhomirim - que significa campo pequeno. Meus avós paternos deixaram em Ponte Alta na Zona da Mata Mineira a comunidade de Taquaruçú, sendo taquara um "caniço furado" e açú um sufixo que significa "grande".

No emergir do novo, no [con]vergir, na [co]existência, no [con]versar na topogênese (ibidem) a responsabilidade de uma pesquisa pós-qualitativa que tem como referência a vida como um todo. Essa perspectiva traz a dimensão de uma "subjetividade que se torna ecológica" (Le Grange, 2019, p. 7). As benzedeiras e benzedores, assim como as pessoas das comunidades por onde andarilhamos são sujeitos ecológicos que estão no pulsar da vida. É portanto uma relação sujeito/sujeito por estarmos inseridos no processo. Como aprendi com Vigotski: "nós não vivemos no mundo, nós somos o mundo". Vicenciamos esse meio que está fora de nós, mas do qual somos parte (Vigotski, 2006), assim como reflete o Orientador desta pesquisa em seus escritos: "vivemos em condição de unidade com o todo." (Lopes, 2021). Essa condição da relação sujeito/sujeito estava explícita durante as benzeções, onde creio que inicialmente eu representava a academia o que gerava um desconforto.

Foi a topovivência em seu dialogismo que mudou tais conotações. Eu precisei assumir e verbalizar que nada entendia de benzeções. Muitas pessoas por onde eu passava me perguntavam: - Você quer virar benzedor? - Da mesma maneira que para muitos benzedores eu poderia me tornar um benzedor e me estimulavam. Uma outra situação nesta dimensão de sujeitos ecológicos estava no ato de benzer e balbuciar as palavras. De onde teria surgido esta prática? – perguntava-me. Ao mesmo tempo eu assumi que aquela linguagem quem estava querendo dominar era tão somente eu: as pessoas benzíveis e benzidas sabiam muito bem o que estava sendo dito naquela linguagem. O balbucio é libertador. Porque eu estava me trancafiando na pesquisa? É a academia que habita em mim e requer vigilância epistemológica diante de minha precariedade diante da potência instituinte das benzeções. Sem a Topovivência do dialogismo não há benzeção. Quando o corpo de um benzedor acolhe ou se debruça sobre um bebê a postura de alteridade e interespacialidade intercorpórea se dá na topovivência. Estão presentes todas as gêneses, origens: filogênese humana, ontogênese, sociogênese e topogênese. Ali está a linguagem que nos singulariza: o cuidado. Por quê vivemos num mundo cada vez mais doente?

As transformações humanas e sociais tem dimensões genéticas, no sentido de gênese, em Vigotski e Lopes. Buscar como conceito ou talvez como método a gênese, ou seja, o processo: a unidade-pessoa-natureza na amorosidade espacial na topogênese (Lopes, 2021) através da topovivência do que emerge é uma indagação importante. Portanto, o conceito, ou talvez o método aqui utilizado é a Topogênese de Lopes que dialoga com o perijivane de Vigotski no que diz respeito à Teoria Histórico-cultural que possui outras origens, gêneses: filogênese, sociogênese e antogênese..

Método enquanto possibilidade, que abraça inúmeras outras possibilidades de métodos e conceitos que não apartem a pesquisa da vida.

As concepções segmentadas biologicistas que separam o ser humano em partes fragmentadas do ser não nos cabe. É impossível reconhecer o ser humano "picado". Autores como Vigotksi, Spinoza e Lopes retomam o conceito de unidade assim como a concepção de pesquisa pós-qualitativa nesta tese. Somos uma espécie que nasce em sua precariedade ontogenética e, ao ser atravessado por outros planos genéticos de desenvolvimento (filogênese/sociogênese), a precariedade passa a ser um ganho qualitativo, pois se torna abertura para o outro, para potentes aprendizagens e contatos de instrução que possibilitam o desenvolvimento, as transformações, as metamorfoses intituintes da humanização. E, nesse movimento, temos o espaço como uma das múltiplas linguagens em que estamos imersos desde o nascimento (Lopes, 2021, 2024).

O planeta em guerras, desigualdades, opressão, mas numa palavra podemos oprimir ou estarmos a serviço do sistema opressor. É uma linha tênue. Como em um dos encontros do Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia da infância - GRUPEGI aprendi com Lopes: falamos em desemparedar a escola, mas emparedamos as palavras. Estamos de fato abertos ao outro? O que um benzedor de uma pequena comunidade em Ponte Alta de Minas, que tem nas paredes o seu altar, e em sua práxis vai desemparedando a vida tem a nos ensinar?

Além do desafio de uma pesquisa pós-qualitativa esta tese-benzeção se abre para uma proposta pós-humana das folhas, das águas, dos ramos, das brasas, das árvores, ou seja, vivências em conexões, onde no processo de uma vida benzida assume e "entende o corpo humano como um organismo limitado que existe em uma rede emaranhada de forças humanas e não humanas. (Murris, 2016, p. 193).

Somos seres de palavras, nos constituímos de palavras. Somos água, terra, fogo e vento. Na benzeção com brasa fiquei durante muito tempo pensando onde estava o elemento terra. Quanta limitação a minha. O benzedor é um ser de palavras que no ato da benzeção traz as dimensões do mundo para a dialogia. A benzedeira e o benzedor vivem o não-álibi da existência em Bakhtin. Cada pessoa que passa pela porta da casa de um benzedor é assumidamente em sua práxis "um sujeito único e ocupa um lugar único na existência" (Bakhtin, 2003) e nas topovivências (Lopes, 2021, 2024). Não se esquivam da sua responsabilidade existencial e respondem numa ética sem concessões: "viver é participar desse diálogo inconcluso que constitui a vida humana" sujeitos, portanto, de dialogia. (Bakthin, 2003).

Os benzedores fazem parte do círculo de Bakhtin, Vigotski, Jader e de quem mais chegar e bater palmas em suas portas. Você benze a vida? Para onde vão nossas palavras?

A benzeção é leitura da vida na vida. Tudo se redimensiona num raminho de folhas ou numa mão com o dedo polegar em riste entre palavras e balbucios numa topovivência benzida.

Benzemos o mundo com as palavras e o suave balbucio daquilo que sentimos.

E ao sentir possamos, enfim, entender!

A Delicadeza Beija-flor na Topogênese



Comunidade de Ponte Alta de Minas: Andarilhar com, voar com...

Acervo pessoal



- Brasil, Minas Gerais, Zona da Mata, Carangola-MG.

https://pt.wikipedia.org

Acesso em 24/07/2025



- Colômbia, Departamento de Huila, capital Neiva -

https://pt.wikipedia.org

Acesso em 24/07/2025

O estágio doutoral na Universidad Surcolombiana pelo Programa Doutorado Sanduíche - PDS, Ministério da Educação do Brasil – MEC, foi muito importante para esta tese-benzeção: bendizer ou “bendecir” em espanhol num diálogo da Latino América. Elaboramos um plano de pesquisa: O Cuidar e Educar de Crianças em Comunidades Originárias: Carangola – MG e Huila na Colômbia. Huila é um departamento, estado, no sul da Colômbia. Ao chegar em Bogotá participei do II Colóquio Internacional de Educación e Interculturalidad: Saberes y Prácticas Bioculturales Diversas,

de 11 a 14 de setembro de 2024, com a seguinte ponência: As Benzeções, as Vivências e a Topogênese na Zona da Mata Mineira, Brasil. Agradeço imensamente aos meus Orientadores no Brasi e Colômbia Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes e Prof. Dr. Mathusalam Pantevis Suarez por todo apoio e amorosidade interespacial. É importante salientar que adentrei ao Doutorado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora PPGE-UFJF pelo programa de cotas, no meu caso para negros. Numa aula de Epistemologia com a Prof. Dr. Maristela Barenco Corrêa de Mello no Mestrado em Ensino na Universidade Federal Fluminense conversando sobre a importância da políticas de cotas numa turma que só havia eu de aluno negro disse: - Sou negro e nunca fiz uso das cotas por pensar que posso abrir vaga para um outro companheiro negro num país com tantas desigualdades. Ao que ela respondeu: - Deveria, porque direito é direito! Durante o processo seletivo para o doutorado fui para as cotas. Obtive uma nota muito boa e fui para a ampla concorrência o que abriu mais uma vaga para cotas no programa. Já na seleção para o estágio doutoral havia uma vaga para cada departamento da UFJF. No primeiro processo fiquei em sétimo lugar. No que obtive a vaga o PPGE/UFJF tinha uma previsão legal e institucional de destinação da vaga para aluno cotista negro. Assim, através de políticas públicas, onde direito é direito, num país tão desigual, a vaga foi para uma pessoa negra. Os outros dois colegas também foram contemplados com bolsas remanescentes de outros departamentos e estagiaram em Portugal. É importante registrar isto porque é justiça social! Assim como eu inúmeras pessoas estão tendo, depois de séculos de exclusão neste país, a oportunidade de estudar e se tornarem intelectuais orgânicos de primeira geração.

Durante a apresentação da ponência em Bogotá havia preparado vários slides com fotos e vídeos da tese-benzeção. No momento da fala os vídeos não funcionaram. Decidi fazer o que nomeei de “vídeo apresentação” e me senti bastante tocado naquele momento. Deixei os slides para lá! Era para ser do jeito que foi: aprendi com os benzedores, inclusive com um benzedor de palavras, que a vida emerge. Tudo emergiu!

A maior parte do que aqui está alinhavado foi escrito antes de ir para a Colômbia. Após regressar ao Brasil, no dia 22 de fevereiro de 2025, num diálogo com meu Orientador, reli todo o material e tentei fazer inserções das topovivências da Colômbia e o texto não estava fluindo. Percebi que estava diante de uma questão que envolve o cerne desta tese-benzeção: a topogênese e a relação sujeito com sujeito. Por isso, a tese-benzeção não é um anexo, é o que emergiu em termos de vivências interespaciais no (con)viver e (co)existir nestes lugares. Penso que as dimensões estéticas aqui apresentadas envolvem o conceito e a topogênese enquanto possibilidade como método. Neste sentido é fundamental o andarilhar pelas galerias das topovivências na topogênese em Lopes (2021; 2024) e o “corazonar” pela Colômbia e América Latina em seus saberes ancestrais (Guerrero, 2007; 2010). A proposta é que as galerias sejam opções de fato andarilhantes para o leitor topoambular pela escrita conforme suas opções na liberdade

andarilha de Manoel de Barros: “Andarilhos podem virar árvore? Bernardo virou árvore várias vezes. Ele tinha dor de árvore. Solidão de árvore seca. Tristeza de árvore sem ássaro. Bernardo passou de árvore a pássaro, de pássaro a rio, de rio a sol, de sol a gente. Vagou muitos anos sem identidades. Aliás andarilho não tem identidade, pode de repente adquirir gosto de flor. Andarilho é plural sempre” (Barros, 2017).

A pergunta feita por Douglas Diegues para Manoel de Barros trazem as dimensões de uma pergunta sensível e uma resposta sensível na relação sujeito com sujeito e no emergir do novo na topogênese. É um convite amoroso ao leitor. É uma perspectiva andarilha que nos remete às dimensões dos sujeitos em suas interespacialidades, das topovivência que não excluem o sentir, o afeto, a ancestralidade e os saberes do corazonar: “Hoy sabemos que existimos, no sólo porque pensamos, sino porque sentimos, porque tenemos capacidad de amar. Por ello, hoy se trata de recuperar la sensibilidad, se abrir espacios para corazonar desde la insurgencia de la ternura, que permitan poner el corazón como principio de lo humano, sin que eso signifique tener que renunciar a la razón, pues de lo que se trata es de dar afectividad a la inteligencia”(Guerrero, 2010, p.89).

O cuidar e ensinar é intergeracional e ancestral. Eles perpassam toda esta escritura como decolonidade epistêmica que não dissociam razão e emoção. Essa dicotomia é superada pelo corazonar. Ir pelas pequenas comunidades na Zona da Mata Mineira que deram origem ao projeto de doutorado e depois pelas veredas e territórios no sul da Colômbia foi uma oportunidade de andarilhar e galeriar corazonando topovivências através de sabedorias ancestrais: “A partir de las sabidurías ancestrales siempre si supo que nuestra humanidad no reside sólo en la razón, sino que el ser humano, desde lo más ancestral del tiempo, tejió la vida desde el corazón, desde la afectividad, desde los universos de sentido que hacen posibles las emociones” (Guerrero, 2010, p.89).

Tecer a vida com as sabedorias ancestrais tão importantes na formação de um povo, na sua identidade, no entendimento de nossa raízes, rios, ventos e tudo que diz respeito à natureza a qual somos parte integrante. Entendi que é necessário cuidar do “abuelo fuego” e do fogo que temos em nossa vidas. A luta é ancestral e por assim ser é contra o envenenamento das águas, dos solos, da comida que trabalhamos para servir em nossas mesas. Corazonar na perspectiva da práxis de um mundo onde não se aceite que um ser humano tenha seu corpo e sua alma intoxicada. Que todos tenham direito ao alimento sagrado da mãe terra, de Pachamama, tão generosa com todos e tão maltratada pelo sistema que tem como base a espoliação e destruição do planeta. Todas essas dimensões do cuidar e ensinar podem ser revistas é o que nos ensinam os benzedores, os “ancianos y mayores espirituales”. Desintoxicar a vida e o planeta buscando alternativas ancestrais que foram invisibilizados e inferiorizados no processo colonial. Para mim não há outra alternativa para o planeta: dialogar com os conhecimentos dos povos ancestrais. Vivemos num planeta onde menos de um porcento

concentram e comandam a economia de países como o Brasil, não é diferente no cenário internacional. O processo hegemônico nas mãos de uma minoria que concentra o poder do capital é um processo histórico longo que nos deixou como legado um planeta doente asfixiando epistemes na falta de lógica da acumulação e concentração de renda do sistema capitalista.

Assim, estamos vivendo uma atualidade do descuidar. Se a sociedade e o ser humano aprendeu a descuidar retornemos ao que nos singulariza enquanto espécie precária em Vigotski: cuidar! Cuidar e ensinar andarilham juntos. Andarilhar na perspectiva do corazonar é zelar pelos conhecimentos daqueles que nos precederam neste mundo que padece de sábios andarilhos. As pessoas estão cada vez mais amarradas em convicções ditocômicas sedentárias sem poesia da vida na vida. Neste ir e vir prezado leitor andarilho faça o seu topoambular: na topogênese, nas dimensões do toposcronos onde esta escrita foi se espraiando através das galerias que dialogam entre si em diálogos com sujeitos alineares "sem estudamento de tomos" . O corazonar andarilhante onde estão as miudezas cotidianas no mundo. O convite é por um andarilhar onde a amorosidade interespacial dialogue com as dimensões do sentir, do sentimento, corazonando como em "O Andarilho": Eu já disse quem sou ele.

Meu desnome é Andaleço.
Andando devagar eu atraso o final do dia.
Caminho por beiras de rios conchosos.
Para as crianças da estrada eu sou o Homem do Saco.
Carrego latas furadas, pregos, papéis usados.
(Ouço harpejos de mim nas latas tortas)
Não tenho pretensões de conquistar a inglória perfeita.
Os loucos me interpretam.
A minha direção é a pessoa do vento
Meus rumos não têm termômetro.
De tarde arborizo pássaros.
De noite os sapos me pulam.
Não tenho carne de água.

Eu pertenço de andar atoamente.
Não tive estudamento de tomos.
Só conheço as ciências que analfabetam.
Todas as coisas têm ser?
Sou um sujeito remoto.
Aromas de jacintos me infinitam.
E estes ermos me somam. (Barros, 2013)

.

Galeria Andarilha II

Diálogos Beija-flor

A interespacialidade marcada pelo co[existir] e con[viver]

Jader Janer

Era inverno em 2023 quando iniciei estas palavras andarilhas da tese-benzeção. Eu não imaginei que o Ribeirão Ponte Alta me levaria ao rio Magdalena na Colômbia.

Havia um ônibus escolar que fazia a linha Carangola até o Distrito de Alvorada e depois para o de Ponte Alta de Minas. Adentrei. Cumprimentei o Sr. Moacir, amigo de longas datas quando trabalhei como Professor em Alvorada. Conversamos na rodoviária esperando o horário da saída do

ônibus que seria às 10:50h. Ele me disse que eu havia sumido. Disse-lhe que a vida me levou para outros lugares e que estava indo para Ponte Alta para uma pesquisa de Doutorado. Perguntei sobre o horário de retorno. Ele me disse que o ônibus sai pontualmente da porta da escola às 16:30h. Ligou o motor do velho ônibus e fomos pelas montanhas. Fiquei a observar a paisagem. Creio que sou um ser das paisagens. Não consigo me desligar delas. De Carangola para Ponte Alta é uma subida. Carangola é um vale. Já no trevo da cidade começa o espetáculo, por isso sempre sento-me na ida no lado direito e desta vez decidi ir nos últimos bancos para observar o que ocorria durante o percurso entre as pessoas. Da janela vejo a Prainha, uma cachoeira que tomei muito banho quando me mudei para estas terras. É uma água argilosa. A cachoeira é famosa por ser perigosa e lá ter morrido inúmeras pessoas. Quando era adolescente ia com minha família em outra cachoeira conhecida como Bambu Amarelo. No intenso calor Patrícia, Josias Filho e os cachorrinhos fomos até lá de bicicleta. A velha cachorra, Melissa que tinha um amor muito grande por Patrícia banhou-se naquelas águas. Foi a primeira vez que ela nadou. Quando chegamos não tinha mais ninguém. Depois o local estava com muitas pessoas e ficou mais bonito ainda. Fiquei feliz em levar meu Filho naquele lugar tão importante em minha vida, no meu adolescer, naquele bambuzal com as inúmeras rochas e belíssimas árvores. Josias Filho sempre pergunta quando retornarmos. Digo para ele que precisamos esperar a irmãzinha dele, Gal, crescer.

Viu? Da visão de uma cachoeira vou até outra e sigo olhando mesmo que rapidamente lá de cima a estrada de chão com sua poesia e minha memória afetiva. A estrada de chão empoeirada vai indo embora, mas minha memória não. O ônibus segue pelo asfalto e vou olhando, olhando e olhando. Em Carangola poucos alunos que optaram em estudar numa escola de comunidades rurais na sede de um distrito. Corria uma conversa de que a linha de ônibus de mais de vinte anos chegaria ao fim. Eu sempre chamei Sr. Moacir de o último chauffeur da cidade pela educação e compostura tão peculiar. A maioria das pessoas no ônibus eram professoras que iam trabalhar nos dois distritos. Pelo caminho os alunos ficavam a esperar o meio de transporte. Entretanto, era no trajeto após Alvorada que o ônibus enchia de alunos das pequenas comunidades. O ônibus parava e ao entrarem no ônibus diziam para o meu amigo motorista:

- Bença!? – Esticando as pequenas mãos que ele tirava do volante para tocar e abençoar. Novamente minha mente vai nas memórias e recorda o abençoar ensinado por meu pai e as orientações de minha mãe de pedir benção para os tios e qualquer pessoa mais velha neste cantinho de Minas Gerais. Tal orientação servia para todos que fossem para a comunidade.

As crianças iam estendendendo as mãos que logo se encontravam com as do Sr. Moacir e como costume do lugar o experiente motorita falava:

- Deus te abençoe.

Realmente eu estava num lugar onde abençoar e bendizer é algo tão importante como tomar um café e dividir a palavra. É algo que mesmo com a chegada da televisão e posteriormente dos outros recursos oriundos da internete e aplicativos não se acabou totalmente.

Quando o ônibus passou pelo trevo de Ponte Alta de Minas percebi a beleza daquele perímetro. Como é bom adentrar e percorrer este trecho e ver mais crianças entrarem. Quando chegamos na escola as crianças novamente se despediam do Sr. Moacir o que se repetiria na volta, uma por uma, antes de descerem o veículo e irem para suas casas. Durante as bençãos ele me contou quem eram os pais de cada criança. Ele conhecia a todas pelo nome. Saudoso disse-me que durante mais de vinte anos os pais daquelas crianças faziam o mesmo e que continuava a trabalhar mesmo aposentado e que o fim da linha seria algo que o deixaria triste por não mais poder vê-los.

Desci do ônibus e fui relembrado do horário. Mesmo sendo um horário intenso de chegada de alunos conversei com uma professora que estava no portão de entrada:

- Josias quanto tempo!

- Sorrimos e nos abraçamos. Falamos de nossas famílias. Fomos colegas de trabalho e fui professor de seus dois filhos que agora são adultos.

Disse-lhe que desejava me apresentar rapidamente para a Diretora e conhecer os profissionais da Escola Estadual Pedro de Oliveira. Mas antes de entrar comentei sobre a pesquisa. Ela me disse que por não ser da comunidade não saberia falar sobre as pessoas que benziam. Perguntei pelo Pré-escolar da Secretaria Municipal de Educação e ela me falou que já havia um certo tempo que não funcionava mais na escola. A prefeitura havia alugado uma casa com o aumento da demanda de alunos da Educação Infantil.

Minha amiga recomendou-me dialogar com uma senhora que trabalhava na cozinha da escola que é da comunidade. Adentrei o espaço escolar. Não tem aspecto de presídio como está se tornando comum em muitas escolas. Tudo muito bem cuidado com canteiros de plantas, vários jogos desenhados pelo chão da escola e um detalhe: o piso interno, das salas, é conservado há décadas e está praticamente novo. Como é lindo. Passei por entre crianças que brincavam de bola e perguntei pela trabalhadora. Conversei sobre a proposta.

- 

Escola Estadual Pedro de Oliveira – Acervo Pessoal

- Procure o Sr. Quirino na “Rua de Cima”. Todo mundo o conhece.

- Onde que é?

- Vai direto. É na rua do cemitério.

- As pessoas se benzem muito aqui?

- Benziam, mas agora está até difícil de se falar sobre o assunto devido o crescimento do número de alunos evangélicos e os pastores geralmente não aceitam a benzeção.

- Ao que me orientou: é até complicado falar sobre isto com algumas pessoas.– Ao que lhe respondi:

- Percebi que a maioria das professoras do primeiro ao quinto ano de escolaridade não são da comunidade e espero que futuramente possamos dialogar a respeito.

- Entendo e agradeço a informação. Posso voltar caso precise?

- Sim meu filho! Volte quantas vezes quiser. Aceita um café? – Ao que agradeci porque o tempo era curto e tinha em mente que precisava visitar também o Pré-escolar Nossa Senhora Aparecida.

Foi entre uma escola e outra que vi a Pedra Beija-flor. Era um dia de céu azul celeste e o sol estava forte, um contraponto à imensa poeira. Praticamente por onde você andar nas imediações você verá a Pedra Beija-flor. Parece que dali em diante ela passou a andar comigo pela comunidade. Eu não estava sozinho. Lembrei-me quando encontraram nas imediações da comunidade de Alvorada o sítio Arqueológico Tupinambá em Carangola e através da Prefeitura e da Universidade Federal de Juiz de Fora foi organizado um Simpósio de Arqueologia. Faltei durante uma semana o curso de Direito, que poderia me esperar naquele momento, para adentrar no que estava acontecendo em termos de pesquisa a nível local, nacional e internacional sobre os Tupinambás. Durante o evento foi feito uma visita ao sítio arqueológico do Córrego do Maranhão, de origem Tupinambá, e a Gruta dos Puris em Ponte Alta.

Durante a cerimônia e festa de abertura, uma das Arqueólogas responsável pela pesquisa disse que os povos indígenas tinham muito bom gosto e que o lugar onde ficaram trabalhando era muito bonito, mesmo com a intensa interferência humana com a ocupação do local. O Beija-flor me remeteu aquele momento. Hei de concordar com ela. Seria um local sagrado tanto quanto a Gruta dos Puris em Ponte Alta não muito distante da sede do distrito onde estava? Temo um dia retornar e ter a notícia, de pessoas assustadas outrora incrédulas, de que ele voou.

Sempre recebo visitas de vários pássaros no pequeno quintal de minha casa. Com o florescimento dos ibiscos vermelhos os beija-flores de variadas cores e tamanhos vem para encantar. O colibri é um pássaro sagrado. Para muitas pessoas eles trazem boa sorte e prosperidade. Conta-se que além de sagrados, em suas visitas trazem mensagens de amor e carinho, inclusive de pessoas e seres queridos que já se foram. Eu estava ali, na terra de meus ancestrais que pouco conheci como dialogamos no primeiro tomo desta tese-benzeção.



Avós Paternos: Noé e Djanira

Passei pela Casa de Oração e fiquei a olhar para a data de inauguração da igreja: 1943. Quanto tempo havia se passado. Meu avó e pai lá estavam. A mesma igreja frequentada pela minha bisavó materna que terminou seus dias no manicômio em Barbacena.

Ao chegar na bucólica praça da comunidade olhei para um pequeno morro com algumas árvores e arbustos. Senti uma pedrada em meu corpo. Fiquei petrificado. Foi quando ouvi: -Bem-te-vi! Era uma ave majestosa.Voltei meus olhos por segundos para a montanha Beija-flor. Foi a pedrada tomada pelo avô Noé fruto da tensão entre católicos e protestantes? Andei em direção a um casal de velhinhos e perguntei onde era o Pré-escolar Nossa SenhoraAparecida.

- É logo ali!– Apontou com o dedo a senhora de lenço na cabeça.

Ao atravessar a rua vi as kombis deixando os alunos. Tinham algumas pessoas que estavam no local que eram familiares trazendo seus filhos, principalmente mães e estavam a dialogar. Eu não sabia a quem me direcionar. Como era minha primeira vez no local percebi que havia uma certa desconfiança, o que entendi e achei natural.

- Está precisando de alguma coisa?–Perguntaram-me

Eu me apresentei e comentei sobre a pesquisa. Disse que gostaria de conhecer as educadoras, as crianças e o local. Ficamos por ali. Depois entramos. Ela me apresentou as crianças que estavam chegando e cumprimentavam as tias. Saliento que tia no Brasil é uma forma de se chamar principalmente as professoras, mas vai além: todas as pessoas que trabalham na escola para as crianças pequenas é tia. Geralmente essa nomeação vai desaparecendo quando o aluno deixa a Educação Infantil e vai para os anos iniciais no Ensino Fundamental I. Quando ingressam no sexto ano costumam ainda chamar os professores de tios, mas gradativamente há o que me parece um "ritual" de transição onde o professor passa a ser chamado única e exclusivamente pelo seu nome próprio. Mas mesmo assim, mesmo no Ensino Médio, as serventes, principalmente a que faz a comida é chamada em muitas escolas de "Tia da Merenda". Já vi professores do Ensino Fundamental II, sexto ao nono ano de escolaridade, ficarem revoltados ao serem chamados de tios ou"senhoras".

- Não sou sua tia. Não sou sua parente.

-Ou: - Senhora é sua mãe ou aquela que está no céu, no caso Nossa Senhora. – Eu estava numa escola onde eu ouvia um mar lindo e tranquilo, numa relação afetuosa desta palavra com as crianças, a chamar a tia numa Instituição da Educação Infantil em homenagem à Padroeira da comunidade e do país: Pré-escolar Nossa Senhora Aparecida. Que bom! Dia 12 de outubro no Brasil é dia de Nossa Senhora Aparecida e dia das

crianças.

As serventes fizeram um café e me ofereceram. Estava muito saboroso. Disse que meu objetivo era me apresentar e aos poucos dialogarmos sobre a vida e as vivências das crianças pequenas. O espaço, como é muito comum na Educação Infantil em várias partes do Brasil, era uma casa e nos cômodos estavam as salas.

Wilma deixou a sala com uma outra educadora e foi me mostrar o local. Eu não imaginava a potência de conhecer a mulher e Professora Wilma. Havia um espaço amplo com um campo de futebol aos fundos e na frente espaço com plantas. A servidora me disse que não pode me dar muita atenção no momento em que cheguei porque ela é professora na instituição, mas como o serviço de Supervisão e Coordenação é dividido entre outros educandários era ela, com ajuda das colegas, que fazia a recepção das crianças. Quando comentei novamente sobre as benzeções disse-lhe que tinha um interesse especial pelas crianças pequenas e bebês, por isso estava ali. Parece que a partir dali as portas se abriram: e o assunto atraiu a atenção de todas as trabalhadoras.

Eu creio que ali ocorreu um grande encontro envolvendo memória e vivências na Topogênese.

Ela contou que foi criada numa casa ao lado de uma famosa benzedeira da comunidade que era a D. Geralda. A anciã sempre a benzia. Com o transcorrer de sua vida, depois de crescida, casou-se e sempre levou os filhos para benzer. Aprendeu muito com D. Geralda, os antigos benzedores, os saberes e fazeres dos antigos. Pedi sua ajuda na pesquisa ao que ela aceitou de bom grado. Perguntei de onde vinham as crianças. Ela me disse o nome de várias comunidades rurais que a maioria só conheço pelo nome: Serra da Batata, São Roque, Taquaraçu, Terra Fria, Residência, Retiro, Água Santa e Ponte Alta.

O que me surpreendeu logo neste primeiro dia foi a fala de wilma. Ela tem em sua prática pedagógica o olhar de benzedeira. Ela está em vias de se aposentar e durante toda a sua vida no magistério sabia perfeitamente o que deveria ser encaminhado para um benzedor através das suas vivências naquela comunidade. Ela usou uma palavra importante: “abertura”. Se os pais ou responsáveis durante o diálogo demonstrassem uma abertura ela recomendava a benzeção.

Durante os últimos tempos ela e as outras professoras perceberam em um aluno da escola um comportameto de criança aguada. Como elas tem contato muito próximo com as mães Wilma perguntou se a mãe havia levado a criança ao médico. Com a resposta afirmativa e na tessitura do

diálogo recomendaram levá-la também ao benzedor. Após a benzeção a criança melhorou.

Foram inúmeros casos! – disse-me.

Ela observa o efeito das benzeções tanto nos filhos, que atualmente são adultos, quanto nas crianças da escola, enquanto mãe e educadora. Disse-me de maneira consistente de que antes de encaminhar para as benzeções, muitas vezes pede para a pessoa tomar algumas iniciativas como dar leite de égua, dar determinados chás, ou outras comidas.

Não percebi entre a Wilma, as outras professoras e serventes uma hierarquia como vejo geralmente nas escolas. Há uma postura de amor e cuidados que foi se consolidando com as outras visitas que fiz. Emerge na comunidade em relação às crianças pequenas através das educadoras uma Pedagogia das Benzeções? É a Topogênese de uma comunidade onde emergem os cuidados nas vivências cotidianas através da topovivência na Geografia da Infância e dos Cuidados.

Voltamos para o espaço interno da casa pela porta dos fundos onde estavam as serventes que cozinhavam a merenda do dia com um cheiro muito bom. Elas já haviam perguntado sobre quem eu era. E uma delas conhecia uma de minhas primas de parte de mãe. Creio que isto facilitou também o processo de diálogo. No interior do interior essas redes de conhecidos e desconhecidos são montadas rapidamente principalmente entre antepassados. Um nome leva ao outro e assim sucessivamente. Já não era assim tão desconhecido. Ficamos a conversar. Ao que elas falaram de inúmeras pessoas que foram benzedeiras na comunidade. Interessante que elas elaboraram uma cartografia através da memória dos benzedores e bezedeiras:

- Tinha o Sr.Lilito.
- Onde era? – perguntou uma educadora.
- Era perto do cemitério.
- A Dona Joaninha era perto da Ponte. Você vai passar lá perto– A merendeira mexia o angu e também a sua memória.
- Tinha a D. Geralda na Rua do Canto. – disse a amiga que limpava a mesa de café.
- E o José Madalena que atendeu muitos anos enfrente onde hoje é a pousada Beija-flor...



Pré-escolar Nossa Senhora Aparecida – Acervo pessoal

Fiquei a ouvi-las. Mesmo que o espaço geográfico tenha mudado e a maioria das casas destes benzedores não mais exista eles estavam vivos, assim como o espaço de suas casas que atendia a comunidade. Elas falavam como se eles estivem ainda lá na infância e juventude delas. A casa de um benzedor não fecha a porta nunca, nem com a sua morte. O benzedor estava vivo nelas.

Fui conversando com Wilma até o portão. Disse que voltaria. Ela me revelou que no turno da manhã trabalha na biblioteca na Escola Estadual Pedro de Oliveira. O Pré-escolar não funciona no turno da manhã e no turno da tarde atende cerca de cinquenta crianças e que poderia procurá-las em que precisasse.

Retornei em direção à escola estadual. Pelo caminho eu via o Beija-flor tão lindo e imponente na montanha sagrada. Ele foi me acompanhando durante todo o trajeto na ida e volta. Encontrei-me com uma colega que trabalhou comigo na Casa de Caridade de Carangola. Ela me disse no dia que nos conhecemos que éramos primos quando éramos jovens. Ela é a proprietária da única farmácia da comunidade. Perguntou-me se ainda estava na Igreja Batista. Disse que não. Ela permanecia na Casa de Oração:

- Não me vejo fora de lá. – Disse-me.

- Que bom! – Relembramos sobre as correrias no hospital e segui caminho. Passei novamente pela escola e fui para a Rua de Cima para me apresentar ao Sr.Quirino.

Cheguei na casa do velho Benzedor. Chamei. A porta estava fechada e a janela da frente aberta.Ouvi vozes dentro da casa. Bati palmas.

Uma senhora depois de um longo tempo veio me atender. Falava muito rápido e parecia sem sincronia.

- Boa tarde! Meu nome é Josias, eu sou de Carangola. Gostaria de me apresentar para o Sr. Quirino. É rápido. Ele está?

- Quirino não vai atender hoje não. Vou ver... – Mais conversas dentro da casa:

- Quem é?

- Não sei. É um rapaz de Carangola.

- Ela apareceu novamente e disse que não iria atender. Eu creio que na verdade ela pensava que eu queria ser benzido.

- Eu vou me apresentar e vou embora.

- Ela fechou a porta abruptamente e disse:

- Vai embora seu entojado! – Entojado era uma palavra muito usada por meu Pai. Apesar da situação delicada houve em mim um misto de

alegria: uma palavra, dita num contexto, que me remeteu a outra pessoa e inúmeras outras situações onde a palavra entojado virava entre nós quando pequenos motivo de riso de um tempo e lugar que eram de meu pai e por mim, até então desconhecido. De fato estava na terra dele! Pensei em desistir.

Fiquei do lado de fora. Uma rua parada, deserta. Estava meio de costas e de lado, perto do simples portão de madeira olhando para o Beija-flor. Estava a pensar no tempo para que naquela montanha ele tivesse aquela forma, naquelas cores. Entre a esperança e desesperança fui levado naquele lugar a várias dimensões do tempo geológico e da nossa filogênese enquanto espécie humana no planeta. Que formosura!

Quirino ouviu a fala da esposa. Disse que era para eu entrar. Sua esposa abriu a porta. Pedi licença e abri o portão. Este encontro foi no dia treze de julho de 2022. Observei da pequena varanda o quadro de Santa Luzia através da janela do quarto, na guarnição da porta da sala havia um terço e uma cruz. A porta virou uma moldura para o terço.

Quando olhei para dentro da casa e adentrei vi a beleza das bandeiras de papel de ceda na linha que formavam um triângulo e ao centro fitas coloridas. Com a cor das bandeiras estava enfeitado o quadro de São João e o menino Jesus. Cumprimentei Sr. Quirino que se levantou do sofá da sala com certa dificuldade. Sua Senhora estava em outro cômodo.

Parecia que aquela casa não tinha telhado. Algo diferente para mim.

- Você se importa se eu conversar com você deitado.

- Lógico que não.

- Estou fazendo um tratamento em Carangola. Minhas pernas estão muito inchadas. Estou aplicando algumas ervas nas pernas e enfaixando.

Já está dando resultado. Daqui alguns dias estarei normal novamente.

Eu iria ficar somente um pouco, mas ele disse que eu poderia ficar o quanto quisesse. Não estava dormindo. Estava deitado no sofá e aguardava uma criança que seria benzida ao entardecer pelo segundo dia.



O São João Menino de um Benzedor

- Acervo pessoal -

- Você é filho de quem? – perguntou-me Quirino.

- Sou filho de Abimael Zacarias Guedes e Leni Teodoro Guedes. Eles são daqui mas foram embora para o estado do Rio de Janeiro. Meus avós são daqui. Minha mãe foi criada pelo Sr. Alziro Lacerda Guimarães.

- Ah tá! Você é dos Guedes lá do Taquaraçu.

- Infelizmente eu não convivi. – respondi.

- Tem muitos Guedes lá e aqui também.

- É tudo parente.

Como disse, nas pequenas comunidades brasileiras o desconhecido torna-se conhecido através de algum grau de parentesco com alguém. É um marcador. De totalmente desconhecido a um pouco mais conhecido e o resultado:

- Senta. – Sentei no sofá que tinha tapetes parecidos com os que minha avó fazia. Fiquei a olhar para aquela beleza estética dos tapetes e das bandeiras na casa. Seria algo da tradição dele enquanto benzedor?

A esposa apareceu na sala e veio me cumprimentar. Levantei para cumprimentá-la. Seu nome era Maria. Ela me disse que estava com a cabeça bastante ruim.

- Desculpas por ter batido a porta na sua cara.

- Minha cabeça também tem dia que não está muito boa. – disse-lhe.

- O tempo tá muito seco! – respondeu.

- Há muito tempo que não chove! – observei.

- Quirino onde está o perfume? – Ao que o esposo lhe informou o local. Ela saiu. Continuamos a conversar. Depois ela voltou com o perfume: passou nela e perguntou se Quirino queria:

- Pode passar!

- Você quer também? – perguntou-me

- É muito cheiroso. Pode passar!

Ela voltou a falar da cabeça.

- Tem dia que a gente fica assim mesmo... – disse enquanto ela me perfumava com perfume alfazema dos antigos. Ficamos todos perfumados.

Sr. Quirino me contou que uma criança recém nascida que não tinha um mês foi trazida pelos pais ontem. Ela estava sendo acompanhada pelo pediatra. Quirino disse que a criança estava com quebrante. Conversamos sobre chás e banhos para crianças. Ele me citou vários. Depende do caso: tem chá de funcho, chá de erva doce... Dialogamos sobre o quebrante. Ele me disse que muitas pessoas confundem o quebrante com o mau olhado.

- Muitas vezes são os próprios pais que colocam o quebrante na criança sem perceber. Ficam achando a criança bonitinha e ”aquelas coisas todas, aquelas gracinhas de bebê...” O mau olhado vem de pessoas que tem algo que não está bem com elas, ou querem algo do outro. Tem que ver para saber. Geralmente a criança nos dois casos não dorme direito ou dorme com os olhos abertos. O bebê só fica chorando. É preciso olhar a alma da pessoa.

Pensei que ele sempre tivesse morado em Ponte Alta. Geralmente as pessoas nas pequenas comunidades mudam bastante, principalmente se não tiverem posses. Nasceu na comunidade dos Teixeiras e morou muitos anos lá, depois foi morar na comunidade dos Limas onde foi criado, depois residiu em outra comunidade rural circunvizinha do município de Carangola situadas em Divino-MG. Após este período foi morar na Galdina, comunidadade rural de Carangola, e mudou-se posteriormente para Ponte Alta de Minas. Ele relatou que conheceu um famoso benzedor o Francisco Gudin e que quando rapazinho conheceu também o benzedor João Puri.

- Ele era descendente de Puri?

- Era. Um grande benzedor de Ponte Alta, pouco lembrado atualmente! – Nada mais disse.

Durante toda nossa conversa Maria perguntava pelas horas. Olhava para fora em direção à rua. Eu não conseguia entender o motivo. Estávamos há meses sem chuvas e ela comentava sobre a horta que ficava atrás da casa, num lugar íngreme. Pensei que fosse uma horta como as outras com mandioca, cebolinha, salsinha, couve ou quiabo. Disse para eles que eu poderia aguar porque eu gosto muito de plantas e sempre cuidei das minhas. Ao que educadamente ele disse que não precisava me incomodar.

Senhor Quirino e esposa tiveram COVID-19. Passaram de maneira sofrida pela pandemia. Tiveram até mesmo a casa furtada durante o período de internação no hospital. Ele teve alta e ela ficou no CTI – Centro de Tratamento Intensivo na Casa de Caridade de Carangola por vários dias. Quando começou a epidemia decidiu “colocar o terço na porta para proteger sua casa e o mundo”. Fiquei a pensar na fala daquele senhor. Um benzedor possui um corpo vulnerável a tudo como todos nós. Não há estranhamento diante da vida ou da morte, visto ser tudo um processo. Suas palavras são o

perejivanie de Vigotiski diante de uma situação social de (pós)pandemia global onde emerge a vivência espacial de um homem numa pequena comunidade no interior do Brasil.

- O senhor conheceu muitos benzedores. Mas como se tornou um Benzedor?

- Minha avó Glaciana era benzedeira. Benzeu muitas pessoas que a procuravam pelos lugares por onde passou, principalmente nos Teixeiras e Lima. Quando ela foi para Galdina pedia para que nós prestássemos bastante atenção nas benzeções para aprendermos as palavras e as formas de benzer. Nem minha mãe, nem seus irmãos aprenderam as benzeções. Segundo a minha avó eles não tinham o dom. Ela benzeu até os 104 anos praticamente até sua morte em Ponte Alta. Ela morreu no dia da festa de Nossa Senhora Aparecida.

Quando ele disse a respeito do dom de benzer perguntei:

- Se uma pessoa tem fé e souber dizeras palavras pode benzer?

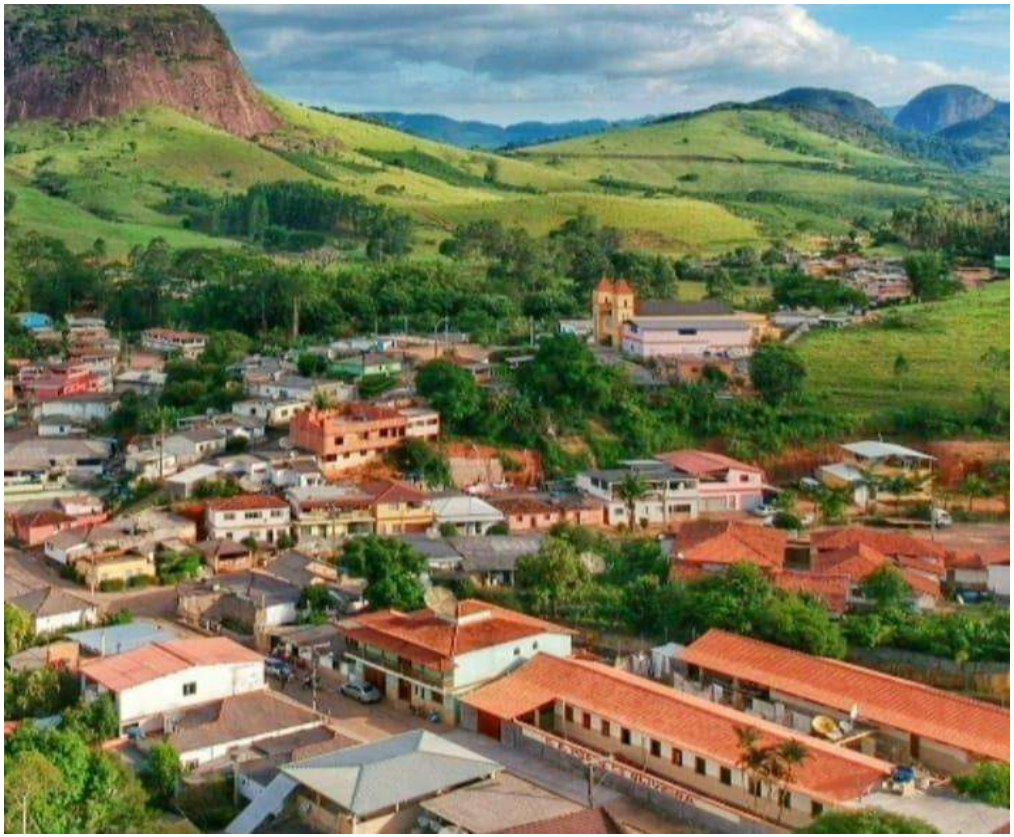
- Acredito que sim.

Quirino relatou que durante suas andanças pelas comunidades rurais teve contato com benzedores do tempo. Comentou:

- Eles podem trazer a chuva para um determinado local, mas e o outro? O outro local ficaria desprovido de chuva o que segundo sua concepção alteraria nos dois locais o caminho da natureza. Entre uma conversa e outra sobre a vida toquei novamente no assunto dos benzedores do tempo e qual seria a origem daqueles saberes:

- Creio que tais conhecimentos são oriundos do povo Puri.- comentei.

- Eram benzedores de um tempo com muito conhecimento. Muitas coisas se perderam com o tempo. – disse-me.



Sede do Distrito de Ponte Alta de Minas – Carangola – MG

Wikipédia https://www.wikipedia.org

Acesso em 24/07/2025

Sua mãe era extremamente amorosa e aprendeu com ela a fazer sabão em barra e muitos doces. Vi em seu Quirino através dos contatos com as crianças pequenas e bebês nos atos de benzeções a ternura quiçá oriunda de uma avó e mãe amorosas. A fisionomia dele mudava antes de benzer as crianças. Havia toda uma ternura, um amor e um conjunto de saberes ancestrais. Foi assim que compreendi que aquelas bandeiras coloridas pela sala era o Quirino criança num São João e São Pedro das comunidades por onde passou e da tradição destas festas na família e comunidades.



Óleo sobre tela de Jurandyr Henrique Alves.

Acervo de Márcio Domingues

Fui galeriando e uma das questões que percebi era que não teria contato com os bebês nas instituições escolares onde dialoguei. Teria dois caminhos: ir às comunidades rurais - chamadas por eles de “lá em cima”, lugar das roças, da agricultura familiar e também das plantações de café – ou através da casa do Sr. Quirino. Ele é uma referência para a comunidade e é muito requisitado em suas benzeções.

Interrompia o mínimo as falas de Sr. Quirino. Ele é um homem de profundo saber, pessoa moderada e de pouca fala .

Muitas coisas ocorridas neste primeiro dia intenso de topovivências eu demorei um pouco a entender. O passar perfume, as perguntas repetidas em relação às horas era a preocupação dela com a benzeção do recém nato. A preocupação de Maria com a horta, a falta de chuva, a doença de Sr. Quirino e as perguntas sobre o aguar a horta...

Era para além de uma horta comum. Lá estavam plantas que ele dava para as pessoas fazerem os chás ou preparar os banhos como funcho, hortelã, losna, confrei e babosa por exemplo. Não vi a horta. Eu estava num cômodo que não permitia visualizá-la.

Com o transcorrer das horas e ao não chegar os pais com a criança que seria benzida tive que ir embora.

No dia seguinte liguei para o Sr. Quirino e ele me disse que estava melhor. Permanecia com as pernas enfaixadas com as substâncias retiradas de sua horta. Realmente durante a visita percebi que estavam muito inchadas. Perguntei por D. Maria que segundo ele estava bem. Lembrei da horta e ela foi aguada. Sobre a criança ele a havia benzido um pouco depois das 17h. Disse-lhe que o ônibus escolar saiu pontualmente às 16:50h.

- Onde ela mora? – perguntei. Sr. Quirino:

- Ela mora “lá pra cima”.

O que me remete a lugares que eu na adolescência possa ter passado. Expressei que tenho vontade de visitar uma família benzida.

Entretanto, é necessário respeitar a privacidade das famílias.

O mineiro da Mata é bastante desconfiado.

Quem sabe esta galeria se dê no futuro?



Distrito de Ponte Alta de Minas

- Foto de Íris Gurgel –

O que Emerge na Terra Beija-flor

O ser humano é isso, um liar de palavra sem circunstâncias alargadas...

Jader Janer

Despedi de Patrícia e Gal para mais uma visita em Ponte Alta ainda no inverno de 2023. Peguei a bicicleta e fui para a rodoviária pegar o ônibus escolar. Diferentemente da última vez, uma professora amiga sentou-se ao meu lado e fomos conversando. Num dado momento ela me contou que o saudoso Léo carneiro levou uma equipe da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF à Comunidade Quilombola de São Pedro em Divino-MG e que um senhor idoso, o Sr. José, cultivava no Quilombo mais de 107 ervas medicinais e tinha toda uma história de vida voltada aos cuidados. Levando-se em conta a idade por ela relatada e o tempo que houve o diálogo citado eu creio que ele não esteja mais vivo. Entretanto, com as conversas com o Sr. Quirino e minha vida pretérita na cidade de Divino fiz contato com amigos para buscar informações a respeito não somente na comunidade quilombola, mas em comunidades rurais e no perímetro urbano. Lembrei-me também da aproximação comunitária dos colegas do Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia da Infância –GRUPEGI na Comunidade Quilombola do Paiol em Bias Fortes-MG.

Chegamos em Ponte Alta. Tivemos que interromper o diálogo. Caia uma chuva bem fina, como diria meu Pai: “para baixar a poeira”. Fui cumprimentar a diretora e equipe da Escola Estadual Pedro de Oliveira. Ao sair da escola rumo ao pré-escolar encontrei-me com uma velha amiga da época do Ensino Médio quando cursamos Técnico em Contabilidade.

Celeste chamou-me pelo nome. Olhei e imediatamente a reconheci. Foi uma alegria muito intensa nos reencontrarmos. Perguntou-me o que

estava fazendo por lá, na terra de nossos avós. Expliquei sobre a pesquisa. Ela me disse que havia na comunidade uma festa para abençoar a colheita. Uma festa a qual quase ninguém se lembra, mas houve uma tentativa de resgate. A festa tinha muita fartura de comida, reunia muitas pessoas. Era para festejar e abençoar. Ela crê que no mínimo essa festa tenha mais de oitenta anos pois as pessoas vivas de lá nesta faixa etária desconhece a "Dança da Vara" e a "Dança da Peneira". A Dança da Vara era masculina e havia toda uma coreografia que só existia na comunidade. De fato as pessoas relatam que havia muito plantio de arroz em Ponte Alta. Era uma plantação de brejo, de terra alagadiças. Os mais antigos contam que era um trabalho muito pesado e que ficavam com parte do corpo tomado pelo terreno alagadiço. O que de certa maneira vai ao encontro de relatos de pessoas que ao falarem da losna como planta medicinal muito usada para combater vermes intestinais, comuns em trabalhadores na lida nas plantações de arroz. Era comum ouso da vara para separar o grão de arroz da planta que já estava seca. Quanto à coreografia ninguém se lembra.

- Interessante a sua fala sobre a Dança da Peneira, feita pelas mulheres da comunidade. – disse-lhe.

- As benzedeiras eram fundamentais nesta dança por serem pessoas dos cuidados, sinônimo de pessoas que abençoavam as crianças, os idosos, assim como a todos que a elas recorriam ajudando até mesmo os animais. A comida servida na casa delas preparadas no fogão à lenha, nos doces dos tachos... E ainda fazim partos e muitas trabalhavam nas plantações. Elas eram muitas e se reuniam para dançar.

Celeste contou-me sobre uma benzeção que faziam com ela bem pequena:

- A benzedeira pegava o machado e fazia o sinal da cruz na porta. Depois fazia também o sinal da cruz no machado pronunciando rezas entre palavras e sussuros. Em seguida me punham debaixo da guarnição e batente da porta. Depois batia o machado fazendo o sinal da cruz e ia pronunciando palavras que eu não conseguia entender. O motivo principal eram os inúmeros furúnculos que eu tinha. Era para mal olhado, amarelão, aguamento, essas coisas...

Falamos dos rumos de nossas vidas. Ela e o marido trabalham na área do café: ele com degustação e ela barista. Ela me disse que "tinha asa no pé", tinha sangue cigano e morou por um tempo na Romênia. Depois voltou a morar em Ponte Alta. Sua avó Maria Celeste não era benzedeira, era curandeira. Ela tinha conhecimento das ervas, fazia garrafadas e ajudava as pessoas. Fiquei a pensar na palavra "curandeira" e nos rumos que ela tomou. A curanderia tomou um sentido oposto ao seu sentido original. Tudo o que foi constituído enquanto cuidados na Zona da Mata Mineira na figura dos Pretos Velhos, Benzedeiras, Raizeiros e Curandeiros foi renegado pela ciência, criminalizado juridica e historicamente e passou também por um processo desqualificação, "epistemicídio, invisibilização e desperdício de experiência" (SANTOS, 2004, 2009). Entretanto, o que houve com

o povo puri foi um genocídio. Essas práticas dos cuidados foram rotulados como crendice ou curandeirismo num sentido inverso durante o final do século XVIII, todo o século XIX, seguindo até o tempo presente. O que realmente faz sentido levando-se em conta o que encontrei numa propaganda da Bayer no jornal Gazeta de Carangola de 12 de junho de 1918 no Arquivo Público Municipal de Carangola nas minhas idas e vindas andarilhas.

A propaganda da medicação cafiaspirina traz uma imagem de uma senhora cuidando debruçada no leito de uma jovem. Em letras garrafais a palavra "A Benzedura". No corpo do texto: "Uma enxaqueca. A tia Joaquina se prontifica em fazer umas rezas e benzeduras com galhos de arruda e alecrim. Pobre preta velha. Deixem-na na ilusão de sua própria crendice. Mas não deixem sofrer inutilmente a mocinha. Um ou dois comprimidos de cafiaspirina serão capazes de aliviá-la dessa terrível dor de cabeça".

Em se tratando de um jornal de grande circulação entre as pessoas no que até então era o município de Carangola e toda região, a propaganda traz para os leitores, composto por pessoas com condições sócio-econômicas que não era a mesma realidade da camanda popular, uma transição nas maneira de cuidar e de quem ficaria na cabeceira das pacientes. Considerando que Carangola neste período estava em seu auge econômico tal propaganda tem como paciente uma jovem branca. E logo depois descreve-se na propaganda todos os benefícios da medicação que "não poderia faltar à cabeceira das senhoras". Depois de mais um século é nítido os objetivos de desqualificação dos saberes ancestrais!

Todo essa conjuntura sócio-histórica revela o tencionamento entre as práticas dos cuidados herdadas pela ancestralidade africana e indígena e a figura de um modelo que vai se impor hegemonicamente, desconsiderando qualquer possibilidade de diálogo entre saberes de pessoas que tinham suas linguagens, culturas e saberes:

> Galhos secos vinham embrulhados a casa, postos em óleo e de leve batidos enquanto se orava com mistério. E pretas ainda ajudavam nos doces, faendo enfeite, mexendo goiabadas nos grandes tachos de cobre. Eram versáteis. Desde contadeiras de histórias até parteiras. Neste particular, a admissão do médico tornou-se difícil, quase impossível: o mineiro da Mata não admitia que mão masculina lhe tocasse na esposa. Até a década de vinte eram elas, as pretas, que chegavam para o serviço do parto e assistência à sinhá. Mas o doutor acabaria vencendo as desconfianças. Depoimentos de moradores de Carangola, José Garcia de Freitas, Jurema Cruz: toda vez que a menina tinha dor de cabeça, a dor voava. Contava-lhe como havia ervas que saravam qualquer doença, muitos vizinhos de Ubá visitavam a casa da avó para receber plantas para isso ou aquilo. (Mercadante, 1990, p.114)

Encontrei a supracitada propaganda quando estava pesquisando como Historiador para a União dos Médicos - UNIMED Vale do Carangola, a proposta era pesquisar respeito da medicina que daria origem futuramente a um livro. Através da pesquisa no arquivo fui encontrando muitos anúncios de médicos itinerantes e outros que passaram a clinicar na cidade.

O que se traz para o campo das reflexões nesta pesquisa é o fato da importância do diálogo epistêmico e histórico dos cuidados. Em se tratando de uma pesquisa embasada na Teoria Histórico-cultural de Vigotski, com um olhar atento para a Topogênese, da vivência espacial (Lopes, 2021) é importante o emergir destas possibilidades.


NO II Carangola, (Minas), 19 de Janeiro de 1919 N. 51

GAZETA DO CARANGOLA

Orgão do Partido Republicano Mineiro e Orgão Official da Camara Municipal

A Gazeta, a Caspirina e a Benzedeira

Carangola era neste período uma das cidades mais importantes de Minas Gerais e quiçá do Brasil. É muito comum ouvir entre as pessoas do lugar que "Carangola é a cidade do já teve". Como me disse uma amiga: "- O trem passou e Carangola ficou". Numa alusão e metáfora ao que Carangola foi no passado, ao mesmo tempo remetendo que a localidade era o ponto final da Leopoldina Railway e toda uma história de decadência regional da Zona da Mata. Carangola é uma cidade que agonizou e agoniza diante de infinitas disputas políticas refletindo em sua historicidade questões da região e do país. Não é por acaso que dois grandes clássicos da ciência política tem raízes nesta terra: "Coronelismo, Enxada e Voto" de Victor Nunes Leal e "A Mazorca" de João Baptista Martins. Fundamentais para se entender o Brasil e sua estrutura de poder, opressão em suas práticas instituídas. Não foi diferente em todos os desdobramentos históricos atuais e de períodos como a ditadura militar. Não se toca no assunto, mas é preciso!

É neste Carangola que até então possuía um território maior, com seus vários antigos distritos, que reinavam os periódicos. Um jornal local que retrata, como dito, o tensionamento revelado por Mercadante na citação acima. Questões da história de uma época: a figura do bacharel em medicina, a indústria farmacêutica, aqui representada pela Bayer e as dimensões retratadas na propaganda das benzeções:



Fonte Arquivo Público Municipal Carangolense

- Jornal Gazeta do carangola 19/01/1919 -

Contei essas vivências para minha amiga. Disse-lhe que não imaginava voltar para Ponte Alta e fazer pesquisa. Ela me contou que havia rodado o mundo mas "o lugar chama a gente de volta". O tempo passou mas os olhos claros de minha amiga sempre me remeteram à celebre frase de Yuri Gagarin: "- Vejo a Terra. Ela é azul". Minha amiga sempre teve os olhos de sua terra e do mundo. Traz em si muito de uma negritude ancestral.

Na conversa ela me falou sobre a Gruta dos Puris.

- Eu conheço o local por ser perto das terras do meu falecido tio João do Alziro. Via de longe por estar num local muito íngreme de difícil acesso. Tive a oportunidade de estar lá na gruta durante o Simpósio de Arqueologia e é um belíssimo lugar - disse-lhe.

- Depois de morar e visitar outros países vi como as pessoas dão valor ao patrimônio cultural e histórico por aqui. – disse-me.

Ao retornar para Ponte Alta percebi nela um amor e uma preocupação em relação aos patrimônios históricos da comunidade e a escola como local primordial para se rever a atual conjuntura de invisibilização.

- Josias como pode isto tudo estar aqui em Ponte Alta e em Carangola e a escola não trabalhar isto com os alunos? Como pode meu filho que estudava na escola e assim como as outras crianças e estudantes não saberem nada sobre isto? Como resolver?

- Você tentou dialogar com a escola? Muitas vezes é necessário ter tato e ir dialogando.

- Muitas pessoas não gostam de tocar nestes assuntos.- disse-me olhando com seus olhos azuis.

- Tem um livro publicado sobre a pesquisa no Córrego do Maranhão em Alvorada a respeito dos Tupinambás. No livro há várias referências aos Puris que num período posterior adentraram por estas terras fugindo via Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul da escravização e opressão do homem branco - os achados arqueológicos da Gruta estão no Museu Municipal de Carangola: ossadas, tecelagem, flechas, objetos de rocha que foram lapidadas e usados como pontas de lanças ou como machados e para vários fins (BASTOS et al 2008).



Topogênese do cotidiano em pequenas comunidades – Ponte Alta de Minas. Acervo pessoal

- Muitas crianças daqui não sabem desta História. Tentei. Cheguei a ir na Secretaria de Cultura há alguns anos onde estavam os livros e trouxe um exemplar para a escola que depois sumiu. Depois que estive lá e conversei distribuiram para as escolas do município os exemplares que estavam guardados numa caixa.

- Você como Professor de História e Geografia me diz como posso fazer?

- Tente manter o diálogo. Vou tentar ajudar também através da pesquisa e parcerias futuras com a escola. Um outro caminho seria o Projeto

Político Pedagógico. Toda escola no país tem que possuir o PPP e ele é um documento público e democrático.

- Vou pedir e ler.

- Leia. Se a escola inserir no PPP a questão seria muito importante. Mas tem a Lei 10.639/2003 que torna obrigatório o estudo da cultura e História afro-brasileira nas escolas de Ensino Fundamental e Médio e a Lei 11.645/2008 que inseriu a Cultura e História Indígena nas escolas.

- Então é lei.

- É...Mas entre a lei e a prática...

- Temos nós dois – disse para minha amiga. Rimos muito.

- Tem muita gente Celeste. Vamos dialogar sobre isso e tomar um café. Eu ajudei uma Mestranda em Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas – RS que estava estudando a relação do Sítio Arqueológico do Córrego do Maranhão com a população circunvizinha. Como eu trabalhava em Alvorada fomos lá dialogar com as pessoas. Em termos de prática, na escola de lá ocorre um problema parecido. No Museu estão milhares de fragmentos oriundos da prospecção feita pelos arqueólogos e pessoas que ajudaram na pesquisa em Alvorada. Tem a base de um grande vaso fragmentado que é lindo e assim como a maioria estão no museu da cidade. Poucas pessoas da comunidade sabem. É um grande desafio que temos pela frente.

- Depois vamos ver isso...Conto com sua ajuda!– Disse-me.

Eu creio que muito do que vemos nas atuais benzeções na região possui uma forte influência negra e indígena. Eu tive muitos alunos nas comunidades de Conceição e nas pequenas comunidades atendidas pela escola de Alvorada com uma fenotipia Puri. Alunos que chegavam com artefatos tanto de Puris ou Tupinambás. Muitas vezes davam de presente ou vendiam barato para outras pessoas. Há uma crença de que os artefatos de rochas atraem raios. Ao que muitas pessoas riem. Mas eu penso o contrário. É uma cosmovisão que envolve os elementos da natureza, Tupã, a lua, os raios e os trovões. Está presente, mas invisibilizado ou talvez diluído. Muitas vezes converso com pessoas que percebo a fenotipia indígena e quando pergunto sobre os antepassados Puris geralmente a pessoa afirma ser um descendente, pelo avô ou bisavô, principalmente com o relato de "que minha avó foi pega à laço". Outros ouvem e parecem que até então não tinham o referencial de um povo tão importante para nossa região. Durante um projeto chamado Escola Leitora eu fiz uma roda de leitura e conversa debaixo de duas árvores frondosas na Praça de Alvorada. As crianças estavam lendo. Quando percebi estava diante de uma criança puri. Perguntei de onde ele era: - Sou da Preguiça. – As crianças riam dele. Eu

contei sobre a comunidade do aluno, a Preguiça, o animal... Depois falei da fauna e flora da nossa região, da influência do povo puri, da escravização indígena e negra e a conversa foi tomando vários rumos.

Fui em busca de informações sobre a Comunidade da Preguiça e lá de fato tem muitos descendentesdos puris. Muitas coisas são no cotidiano da escola, da comunidade.

- É isto Josias que eu queria! A gente saber da verdadeira importância da nossa gente, de nossas origens. Isso é muito importante! – Descobri depois que a falecida mãe de minha amiga, Maria Celeste era uma grande conhecedora da cultura local.



Gruta dos Puris em Ponte Alta de Minas – Local do Sítio Arqueológico

-Fonte:http://www.ipatrimonio.org Acesso em 24 mar.

Tem tantos morros
planuras
árvores altas e baixas
frutas doces e amargas
palavras amorosas e duras,
barro
carvão
poça d'água
picadas de insetos
medos de cachorros
e aranhas
arranhões
E unha arrancada das que se tornam impossível
qualquer um só caber dentro de si.
É assim,
a gente se espalha no mundo,
para se encontrar com ele
e consigo mesmo.

Fonte: Terreno Baldio (LOPES, 2021). Texto original em prosa.

Galeria Andarilha IV

A Topogênese na Geografia da Infância e dos Cuidados

Há muitas possibilidades de aprisionamento do ser humano,
mas as minhas possibilidades de fabular no mundo são imprisionáveis.
Jader Janer

Segui caminho para o Pré-escolar. As crianças estavam em suas salas e enquanto faziam as atividade dialogavam. Dei bom dia para elas que passaram a me mostrar os desenhos, objetos e a falar coisas umas das outras. As educadoras convidaram-me para um café. Pedi para me explicarem novamente como elas sabiam que uma criança estava com a espinhela caída. Pelo que entendi existem várias formas que vai depender do benzedor. A Wilma me pediu para retirar os sapatos e deitar no chão de barriga para cima.

- Olhem para os dois dedões dele. Na criança, ou qualquer pessoa com espinhela caída um dos dedões vai estar maior que o outro.

Enquanto colocava os sapatos no pé novamente, sentado disse:

- Explicaram-me que"quebrante" é mais forte do que o "mau olhado".

- Não. São coisas diferentes, mas o mau olhado geralmente é pior.

Wilma contou-me num tom mais baixo e mais próxima de mim que estava observando o comportamenteo de uma das crianças do Pré-escolar. Inicialmente ela estava apática. Naquela semana ele começou a ficar agressivo e um pouco violento.

- O tempo inteiro ele externava agressividade: cutuca um, chuta outro. Ele não para um minuto mesmo chamando sua atenção.

Ela sabia da situação da criança antes e depois da mudança no comportamento.

Ela tem no pré-escolar umas carinhas coloridas e com palavras que expressam através dos desenhos os sentimentos: alegria,tristeza, medo, raiva e amor.

Chamou três alunos para conversar em grupo. Eles escolhem e falam o motivo da escolha.

Ele pegou a carinha de tristeza, medo e amor:

- Estou com saudade da minha mãe. Ela não atende o celular. Não consigo falar com ela! Tenho muito amor pela minha mãe – Depois pegou a carinha de medo.

Explicou-me a educadora: - A criança mora com o pai e madrasta. Foi criado pelo avô paternos que tinha um grande amor pela criança. Ele morava no mesmo terreiro do pai e madrasta da criança. O avô havia morrido de câncer recentemente. A briga por herança entre os herdeiros, pai e tios era visto por ele.

- Vendo muita briga tudo reflete nele e ainda tem a questão da mãe. Eu converso com a madrasta quando vem aqui e envio mensagens.

A gente sempre tenta conversar para resolver asituação. Ele está com problemas na fala e pedi para levar na Fonoaudióloga – disse a educadora.

Sentindo tantas faltas pedi para levar a criança para benzer. Ele mora numa pequena comunidade rural chamada Serra da Batata.

- Pode ser uma benzedeira de lá. Ele deve estar aguado.
- Aguado para mim estava relacionado a comida. – Disse-lhe.
- Aguado pode ser a ausência de pessoas mais um conjunto de coisas que leva ao que ele está passando. Ele perdeu o avô. A mãe não está presente e o pai e tios brigando por herança. As crianças precisam de amor e um ambiente que não a deixe aguar. Esse conjunto de sentimentos seria um aguamento. Ele está sentindo as perdas.

Perguntei pelas outras duas crianças. A primeira estava passando por uma situação delicada de separação dos pais. A mãe dava mais carinho para os outros dois filhos e menos para ela:

- A minha mãe não gosta de mim Tia. Ela só compra comida e mais nada para mim. – Foi o que me ela me disse Josias.
- Ela tentava então chamar atenção ou fazer raiva na mãe. A Educadora fez a mediação explicando que o papai ao dar o dinheiro para mamãe ela compra comida por ser prioridade: sem comida a gente morre.

Ela respondeu:

- Eu quero morar com meu pai, mas minha mãe não deixa.

Perguntei se seria um aguamento:

- Não. É uma revolta mesmo.

No caso da segunda criança ele pegou a carinha de amor:

- Amo meu pai, amo meu irmãozinho, amo minha mãe e amo a senhora tia!
- No caso dele, ele é travesso mesmo. É o jeito dele!



Olhar que benze – Acervo pessoal

Wilma foi criada pela avó. Ao lado da casa dela tinha uma benzedeira, a D. Geralda. Ela brincava lá e via as benzeções. Muito cobreiro, espinhela caída, mau olhado. – Enquanto eu estava gravando, a primeira criança, a da revolta, interrompeu a conversa e disse que não era para a Tia voltar para a sala porque estavam organizando uma surpresa.

Ela disse para a criança com alegria:

- Eu vou ficar muito feliz!

Falou-me das benzedeiras:

- A D. Joana benzia no fogo, com brasa. A D. Geralda benzia na fita.
- E como é a fita?- perguntei.
- A fita tem um cálculo. Elas vão olhando o tamanho da fita conforme o retorno e verificam se houve melhora. Levei muito meus filhos.
- Às vezes choravam muito ficando muito enjoadas e assustando muito: era quebrante. Quebrante de pai e mãe é pior ainda. O mau olhado é o olho gordo, a inveja. Quebrante pode ser até quando se acha uma criança bonita ou quando ela faz algo diferente e você acha aquilo bonito. Levei muito meus filhos para benzer.
- A gente percebe coisas nas crianças que os pais não percebem. Tem pais que aceitam a opinião e sugestão, outros não. Quando o pai dá abertura a gente fala. Tem que ter abertura para falar. São mais de vinte anos de educação. Passei por muitas crianças que precisavam da escola e das benzeções. Sempre trabalhei com crianças pequenas. Gosto da educação infantil até o terceiro ano de escolaridade. Para aguamento recomendo o queijo e o leite de égua. Queijo fresco daqui, não pode ser industrializado. Minha filha teve bem pequena, quando engravidei do meu menino ela começou a sentir. Ela queria colo o tempo todo e ficava a chorar. Uma benzedeira ouviu e disse que a criança estava chorando sentida. Ela foi benzida três sextas-feiras, comia queijo e bebia leite de égua e melhorou. Continuou a explicar:
- Um caso que me chamou atenção foi uma criança de cinco anos que parou de brincar, estava muito triste e parou de comer quando o pré-escolar funcionava no prédio da E. E. Pedro de Oliveira. Hoje ele já está grande. O pai veio me procurar. Pedi para levar para benzer e dar o leite de égua.
- Ele está muito sentido. Aconteceu alguma coisa? – indagou a Educadora
- A avó morreu e ele era muito agarrado com ela. – disse o pai.

- Criança sente muito essas perdas. Eles foram buscar o leite de égua na propriedade do meu filho que estava com um potrinho. Deram o leite de égua e após três semanas ele melhorou. Estava brincando e alimentando.

Além das carinhas fazem muitas rodinhas de conversas no pré-escolar: - Quando uma criança chega diferente chamo para conversar individualmente. Se for necessário chamamos os pais. Algumas crianças eu peço para a mãe procurar uma ajuda pela criança não estar bem. Faço o relato e muitos vão tratar com oPsicólogo.

- Você já fez simpatias? – Perguntei.

- Com meus filhos para falar. É assim: quando a franga vai virar galinha você pega o primeiro ovo. Quebra e põe água naquela casca e dá para a criança beber. O sino da igreja que fica no altar se você põe água e dá para a criança beber ajuda também. Se pegar o pintinho e colocar na boca da criança e deixar piar ajuda também a falar. Tem que ter cuidado porque tem criança que tenta morder o pintinho.

Ela olhou para uma colega de trabalho e disse:

- Lembra daquela criança que quase matou o pintinho!? – Elas riram e eu também.

- Para andar pega uma vassoura e varre o caminho.

Lembrou de outra: - Colocar a criança dentro do pilão de madeira e soca para que dê o som.

– O que soco?

– O medo. O som do pilão é muito importante.

- Passar ovo de aranha na perninha do menino. Tem um monte de coisa. A gente vai aprendendo de geração em geração. Minha avó me ensinou muita coisa. Tem muita coisa que a gente faz.

- A espinhela caída um pé fica maior que o outro como te disse. A pessoa sente vômito, tontura, diarréia. Às vezes levam a pessoa para o hospital pensando que é problema de estômago e na verdade é espinhela caída. É bom fazer uma benzeção e tomar chá de elevante. - O que é esse chá? – perguntei. – Uma planta, uma folha, cheirosa e gostosa. Faz o chá e toma.

A escola como um todo, mas principalmente a Educação Infantil é salutar para a população. É de fato uma conquista e direito da criança. Ensinar e cuidar é um grande avanço. A Topogênese da Professora que emerge na vivência espacial trouxe-me a reflexão que naquele Pré-escolar que funcionando numa casa, onde os cômodos viram salas de aula, há ali o desemparedamento, a potência do encontro e dos saberes.

Temos mania em procurar o que falta, mas há a potência de uma educadora com um olhar singular em relação à vida e ao cotidiano de sua comunidade. Ela tem o conhecimento pedagógico que está ali como em inúmeras outras educadoras. Mas é em sua trajetória de vida marcada por D. Geralda, a benzedeira presente nas memórias de sua infância, depois por tantas outras e quando se torna mãe e elas passam a benzer seus filhos. Uma mulher que estuda, ensina e cuida e não deixa seu lugar epistêmico morrer na academia. Assim se torna uma educadora marcada por uma Topogênese das benzeções.

Tudo isto emerge através de suas vivências e de sua vida através de "um olhar de uma Geografia da Infância e dos Cuidados benzíveis". No encontro com a criança encaminhada para a benzeção houve todo um processo ancestral e humanístico de onde emerge o novo, na coexistência e convivência com as crianças onde se reconhece a preciosidade e necessidade da palavra benzida. Creio que a benzeção já começa com o olhar da educadora, na Wilma, na maneira que ela fala com cada uma das crianças. A benzedeira será uma continuidade do que a educadora através da escola observa em sua comunidade e traz isto para sua práxis. A criança de benzível passa pelas mãos da benzedeira e assim segue pela vida benzida pelas duas. Não há uma dissociação nos saberes pedagógicos das duas, sem dicotomias: os saberes da vida, presentes na escola e na sala da aula constituem-se reticências das topovivências na casa da benzedeira . O encontro com o outro sem a imposição do topoadultocentrismo tão presente na sociedade atual. A Geografia da Infância e dos Cuidados tão vivas naquele local. Benzer é cuidar. São verdadeiras galerias da Topogênese.

Diante de tudo o que aprendi fiquei a pensar: seria eu um adulto tendo uma criança aguada e não sabia?

Vivi durante longos anos de minha vida algo que aqui tentarei descrever. Como é complexo descrever determinadas questões. Muitas coisas na vida talvez não teriam tomado determinados rumos se eu tivesse me encontrado com a Educação Infantil e uma Wilma em minha vida. Quando vejo ou ouço alguma questão envolvendo problemas entre adultos, crianças pequenas e bebês que frequentam a Educação Infantil eu comento: - Imagine se não existisse a Educação Infantil... Ao que as pessoas param e refletem. Tudo pode se redimensionar com uma frase, uma palavra, um gesto. É preciso refletir sobre a Educação Infantil e sobre as próprias infâncias como algo ainda considerado como menor.

Todo domingo independentemente de onde eu estivesse a partir geralmente das três da tarde eu começava a sentir um intenso mal estar. Como sou uma pessoa introspectiva nada dizia para ninguém. Foi assim durante anos, creio que mais de três décadas de minha vida. Uma sensação estranha de algo indescritível. Talvez um banzo. Talvez uma tristeza, uma angústia vinda de algum lugar que ficava um tempo comigo. Comecei a perceber que essa questão tinha horário e duração.

Vasculhei meu cérebro a pensar sobre o que seria aquilo. Tudo me remetia ao querido cavalo Gigante sacrificado devido a hidrofobia. Eu creio que foi num domingo que tudo aconteceu. Nada disse para ninguém.

Um certo dia fui tomar a primeira dose para professores da vacina da COVID-19. No caminho para a Policlínica Municipal tem uma sorveteria com o melhor picolé de Carangola. Fica numa esquina próxima da Escola Estadual Melo Viana, do primeiro ao quinto ano de escolaridade. As crianças passam, compram picolé e seguem caminho. É sempre bom ir lá ver meu amigo "comunista". Ao passar de bicicleta decidi parar. Vi que não havia mais ninguém no local e disse:

- Você me benze?
- O que houve?
- Vasquinho eu sinto uma angústia, uma tristeza, algo muito estranho aos domingos geralmente por voltas das três da tarde. Contei o falecimento do cavalo e a ida de minha mãe para o hospício.

Ele ouviu tudo atentamente em silêncio com seus cabelos brancos:

- Hoje eu não posso te benzer. Precisa ser antes do pôr do sol, pode ser em torno das duas ou três da tarde, mais ao final de semana.Voltei depois de alguns dias conforme combinado. Ele me disse:
- Venha aqui.

Saí da sorveteria e adentrei num espaço de sua casa.

Ele já havia me benzido antes, quando eu comecei a ser perseguido na escola onde trabalhava. Lembro-me que ele me disse para seguir o caminho de Emaús. Sussurou palavras. Colocou as mão em minha cabeça e fez uma oração. Fez o sinal da sagrada cruz e disse: - Você será perseguido ao ponto de achar que não vai suportar, mas sairá ileso. E ao final disse: - Por isso eu te benzo em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo e da Virgem Maria. – Eu creio que ele já não lembrava daquilo. O velho capelão católico está com a idade avançada e tem um carinho muito grande pelas crianças.

Em fração de segundos ouvi sua voz:

- Sente aqui. Era uma escada. Sentei no terceiro degrau. Havia uma porta que estava fechada que dava acesso à rua. Durante as benzeções fecho os olhos em oração. Ele saiu e voltou com uma faca. Ele me disse as palavras que eu iria dizer quando me perguntasse. Fechei os olhos. Ouvia

a faca passar por uma superfície, talvez a escada de granito.

- O que corto? – Ao que eu respondia conforme havia me dito para repetir. E ele cortava tudo com a faca passando-a em várias partes ao meu redor.

Depois ele saiu novamente e me benzeu aspergindo água benta fazendo o sinal da cruz na frente e nas costas. Leu um trecho de um livreto. Colocou as mãos sobre minha cabeça e fez uma oração.

- Pode ir. Tem que ser por uma porta diferente da que entrou – Abriu a porta. Eu agradeci.
- Não volte por onde veio. Evite passar pelo mesmo lugar.

Eu nunca mais senti aquele sentimento que tanto me incomodava. Minhas tardes de domingo não tem aquele sentimento de angústia, tristeza. O que me afetava foi embora.

Esses aguamentos explicados por Wilma teriam me acompanhado pela vida desde a infância?

No diálogo que tive com Wilma contei sobre o que acima escrevo e perguntei se seria um aguamento. Segundo ela existem muitos adultos que crescem e vivem aguados.

Retornando da minha visita ao Pré-Escolar Nossa Senhora Aparecida passei no popular Posto de Saúde, atualmente Estratégia de Saúde da Família – ESF. Encontrei-me com uma ex-aluna da época que iniciei na Educação, já se vão praticamente vinte anos. Ela trabalha na unidade de saúde. Recebeu-me com grande alegria e lembrou-me das aulas teatralizadas. Ela era uma menina que vinha de uma comunidade rural para estudar em Alvorada. Entretanto, quando chovia não conseguia sair de casa e chegar ao local onde passava a kombi. A diretora da escola me avisava e dizia que ela no dia seguinte chegava mais cedo e pegava o caderno com algum colega de turma e copiava a matéria do dia.

Expliquei o motivo de minha visita. Eu precisava da ajuda deles porque no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística não há o número de habitantes do Distrito de Ponte Alta de Minas. Eu havia procurado no site e também na sede do IBGE de Carangola. Eles comentaram que não fica disponível o que é no mínimo estranho. Como sei que o ESF possui o cadastro das famílias tanto na sede do Distrito como das comunidades rurais e em cada um deles, inclusive o Enfermeiro faz uma cartografia que fica afixada nas unidades de saúde, decidi pedir ajuda. Entretanto, algumas comunidades que compõem o Distrito de Ponte Alta são atendidas pelo ESF de Alvorada. Ela se prontificou em fazer o levantamento e me informar o número de pessoas do Distrito.

Galeriando entre Palavras e Plantas que Curam

[...] Pesquisar com [...]
A vida só pode ser compreendida em sua interrelação.
Jader Janer



A horta de Flávio e a comunidade – Acervo pessoal.

A caminho da Escola Estadual Pedro de Oliveira, logo depois que saí do Posto de Saúde, para depois seguir pela “Rua de Cima” vi uma casa antiga e fiquei a observar as caractériscticas arquitetônicas. Deve ser uma das casas mais antigas de Ponte Alta. Observei que havia uma horta. O que me impressionou foi a quantidade de plantas no local. Eu não havia percebido, mas havia um homem aguando as plantas naquele período de intensa estiagem. Era o Flávio de Oliveira. Ele me recebeu.

Estava aguando a horta. Conversamos sobre a pesquisa. Ele me falou um pouco sobre as ervas que possui no quintal e que muitas pessoas ainda mantém a tradição de além da horta com hortaliças manter as plantas medicinais:

- As plantas em nossa região sempre foram cultivadas para cuidar os males .É assim até hoje!

Assim como ele me recebeu também recebe inúmeras outras pessoas. O portão da casa e da horta fica aberto. As pessoas podem chegar e pegar as plantas que precisarem sem a presença dele:

- As pessoas entram e pegam o que precisam. Com quem você aprendeu?
- Através das gerações e conversando com as pessoas. Atualmente há uma grande importância de todos esses saberes na Pastoral da Saúde na Igreja Católica ou na "medicina alternativa". Muito do que os nossos antepassados sabiam lá está presente.

Pedi para ele me ensinar sobre as plantas de sua horta e te convido a conhecer através do relato e dos registros fotográficos que fizemos:

- Elevante: serve para quem tem espinhela caída e para uma série de coisas. Ele é medicinal. Não pode fazer infusão. Tem que esfregar na palma da mão botando um pouquinho d`água. Deixar quieto e depois tomar. Para quem tem espinhela caída.

- Arruda: se você está com um problema nas vistas deixa no sereno. No outro dia você passa o galhinho de arruda na vista.

- Alecrim: para quem tem problemas cardíacos, para prevenir e para quem está com algum problema. Bom como calmante. Tempero.



- Sálvia: às vezes estoura uma aftazinha na boca. Pode ser o sistema imunológico que está baixo. É só fazer o chá e banhar. Se tomar um pouco não tem problema.

- Bálsamo: é cicatrizante. Amassa e coloca em cima do local ferido. Três a quatro dias está praticamente fechado.

- Ora-pro-nóbis: gosto muito para salada. Pura ou com outra verdura como a couve. Fortalece a imunidade. Dá força. Combate a fraqueza.



- Hortelã: planta medicinal para aliviar as cólicas intesticais e tempero.
- Romã: funciona como antibiótico. Se estiver com problema de garganta você racha no meio a casca da fruta e coloca numa vasilha de louça. Coloca água fervendo e deixa em infusão a casca ou as folhas.
- Erva-cidreira da horta (entre as telhas no primeiro plano na terceira foto da esquerda para direita): problemas de nervosismo, ansiedade e deestômago. Serve para acalmar.



- Losna: excelente contra vermes. Bastante amarga. Aqui a gente coloca uns três galhinhos num litro de cachaça e toma um pouquinho em jejum pela manhã. Bom para combater a xistose (esquistossomose). Na nossa região de Ponte Alta plantava muito arroz e as pessoas ficavam muito dentro do brejo, dentro d´água, no meio do barro mexendo com isso era muito comum que a pessoa pegue uma xistose.
- Poeijo: quando criança está gripada, com catarro agarrado. É só tomar com o chá.
- Transagem: funciona como antibiótico natural, muito usado em nossa região.





- Confrei: usado na pele para tratamento de feridas e furúnculos. É anti-inflamatório. Algumas pessoas usam bater no leite e tomar.
- Saião (representado na segunda foto em flores no primeiro plano): é anti-inflamatório, cicatriza feridas, cura furúnculos e pele irritada.
- Babosa (segundo plano da segunda foto): tira mancha da pele, pode usar no cabelo para fortalecer e dar brilho.
- Combate anemia, artrite, dor de cabeça, dores musculares, feridas, gripe e até insônia. Ele é anti-inflamatório. Cura prisão de ventre e problemas de estômago.
- Maracujá: uso bastante divulgado como calmante. Pode usar a folha e o fruto.



Despedi-me de Flávio que havia visto pela primeira vez num comércio perto da praça onde a senhora que residia no pavimento superior era filha de benzedeira. Ela não estava em casa no dia. Dialoguei sobre a pesquisa com seu filho e combinamos de nos encontrar noutra ocasião. Segui caminho e cheguei na Rua de Cima. Desde minha primeira visita na comunidade após o doutorado tive um impacto da mudança paisagística na comunidade. A maioria das casas da minha infância e adolescência desapareceram. Muitas estavam à venda e desocupadas. Outras deram lugar à casas novas muito parecidas com as da cidade. Quatro casas me chamaram atenção na rua de Sr. Quirino. Duas estavam abandonadas, mas algo me chamava parar lá...

Como gostaria de saber da história das pessoas que habitaram aquelas duas casas abandonadas!



Casas Populares de Ponte Alta de Minas – Acervo pessoal

Estava fotografando as duas casas abandonadas (foto à esquerda) e na primeira vez que tirei as fotos acima não havia observado alguns detalhes na casa com um "corrimão de madeira". Decidi tirar uma foto do portão trancado e dos tijolos expostos. Foi quando apareceu perto das casas amarelas um rapaz fora de si, falando como se estivesse vendo alguém e ameaçando. Colocou fogo num balde grande de plástico de lixo e chamava pelo capeta. E falava muito alto dizendo que iria matar. Batia no latão com muita força. Fiquei perto das casa antigas, não tinha como passar e chegar na casa de Sr. Quirino. Não sabia qual seria a reação dele. Uma moça abriu o portão do outro lado da rua de uma casa de frente e entrei:

- Não saia daqui enquanto ele não for embora. É perigoso.– Agradeci pelo acolhimento e disse que não queria atrapalhar o trabalho dela.

Ela foi sentando e disse para eu me sentar também. Perguntei pelo rapaz.

- O que você estava fazendo ali? – Estava registrando algumas plantas que eu não havia percebido na última vez que estive aqui. Acho as casas muito bonitas. Parece que as duas primeiras casas estão abandonadas, mas vi várias plantas medicinais que resistem à falta de chuva em meio à poeira intensa deste inverno. Interessante que nas casas amarelas tem as plantas de decoração e na casa abandonada as plantas são medicinais.

- Aquela casa era do Paulo. Ele morreu afogado tem pouco tempo. Era alcoólatra. Quando ele estava vivo era a coisa mais linda a frente da casa: era tudo verde. Toda a comunidade gostava dele. Ele não tinha água, nem luz. Doava as plantas para as pessoas da comunidade. Fiz muito chá com as plantas dele.

- Que planta é aquela roxa que nunca vi antes? – perguntei

- Ela se chama terramicina. Durante o período da pandemia meu marido fez o tratamento de COVID-19 com o médico. Ficou em isolamento em casa. Eu ia na horta e pegava boldo e a terramicina. É boa para se banhar e beber. Inclusive para dor de dente é um "santo remédio".

O rapaz fora de si havia sumido. Despedi-me da manicure e sua cliente. Fui até a casa de Sr. Quirino a pensar sobre tudo que havia acontecido. Aquelas plantas "que um dia era a coisa mais linda" estavam ali resistindo entre a falta de chuva, poeira e falta de cuidado humano. Eu havia passado e olhado, mas não vi nada até então. Creio que após ter saído da casa de Flávio meu olhar mudou sobre a vida e o espaço geográfico: é a topovivência, simplesmente emergiu. Se não fosse o rapaz alterado pelo caminho, entre gritarias, fogo e o capeta que ele via eu não teria recebido acolhimento e aprendido sobre a importância daquele moço para aquela comunidade. O carinho que as pessoas tinham por ele na práxis da amoridade espacial (Lopes, 2021). Segundo a vizinha ele pegava água em um poço para uso pessoal e aguava as plantas praticamente todos os dias.

Aquele pequeno canteiro era um referencial comunitário. Talvez um alerta planetário. Pessoas simples com ações que fazem diferença na vida alheia. Eu creio que em Ponte Alta as pessoas foram deixando as roças, mas carregaram com elas seu lugar, seus costumes. Daí a importância no Brasil de ser roceiro. Um trabalhador das roças que cuidava das pessoas de sua comunidade. Infelizmente essa palavra, roceiro, é visto por muitos como algo menor, mas nas roças e no roceiro temos muitos conhecimentos e práticas contra-hegemônicas e decoloniais. É isto que percebi ao vivenciar todos os desdobramentos nas micorrevoluções difusas cotidianas nas pequenas comunidades com gente da roça. As pessoas vão embora para outros lugares, mas levam consigo seus saberes. Não foi diferente com meus pais e tantas outras pessoas deste país. Ao olhar as plantas lembrei-me de minha mãe. Ela sabia do uso das ervas. Inclusive a questão das luas. Essa relação com a lua, no caso de Ponte Alta, remete aos saberes ancestrais de origem Puri. Minha mãe falava muito dos tempos da lua e ficava atenta ao céu e ao calendário pendurado na parede de casa. Certa vez ouvi bem baixinho

pessoas comentando sobre ervas abortivas.

Nas casas das roças é muito bonito ver entre as plantas ornamentais, as de uso medicinal. Pelas casas da sede do distrito é perceptível os inúmeros canteiros de flores. Por onde se anda na comunidade percebe-se as plantas. Fiquei entre a porta trancada, a janela fechada e os degraus: aquele lugar fala. A historicidade de um tempo e um espaço que trazemos conosco que não se fecha, se abre na amorosiade espacial do conviver, do coexistir, nos alertando para o que é de fato valioso para nossa espécie: o cuidado.

Vida – acervo pessoal



Quando passei pela casa de Flávio cada fala dele era preciosa. Lembrei-me das medicações que fazia em meus pacientes no hospital, mas sem folha realmente não tem cura: as plantas, as ervas estavam lá de outra maneira curando. A origem ancestral é fundamental para entendermos os processos de cura e cuidados do ser humano. Lembrei-me dos chás de minha mãe. Ela sabia inúmeros assim como o Flávio. Pedi para ela me encaminhar o que ela tinha na memória sobre os chás.



As plantas de Paulo – Acervo pessoal

Ela mesmo com a idade avançada e a letra um pouco ilegível me esclareceu bastante sobre esse sagrado saber. Eu estava em sua terra, que agora também é minha. Na terra de minha mãe estava Paulo ainda vivo em suas plantas e nas memórias da comunidade.

Quando vi a porta trancada e as plantas entendi que mesmo sem a presença física daquele ser humano que delas cuidava ficou o registro na resistência das plantas para sobreviver. Ao mesmo tempo a memória de alguém que mantinha em vida uma relação de carinho com sua comunidade e humanidade: ele não morreu! Brotou em mudas de plantas por aí ou está presente numa possibilidade outra de se fazer um chá e cuidar. A erva que vira chá também é palavra que se bebe e se diz. É um saber interdialogado, não prescritivo de milhares de anos. Entre uma conversa e outra a erva é dialogismo da amorosidade espacial ancestral. Aquele homem deixou ali sua herança para a humanidade e como dito: mesmo sem o cuidado

humano elas resistem ao tempo.

Segui reflexivo andarilhando...

Cheguei na casa de Sr. Quirino. O Benzedor que tem um altar nas paredes da casa. Bati palmas como de costume. A porta estava aberta.

Ouvi várias vozes.

- Pode entrar! – Vi algumas plantas medicinais e as flores no quintal. Adentrei. Ele estava melhor. As pernas haviam desinchado bastante. Ele me falou sobre o tratamento médico e os remédios que usou para enfaixar as pernas. Cumprimentei as pessoas que estavam na casa conforme o costume local. Um por um, mão com mão.

- Josias esses são meus amigos quem"moram lá em baixo".

- Que bom.

Logo depois chegou uma mãe com uma criança e também se assentou. Ficamos todos a conversar. Uma senhora mostrou a conta de água e luz. Sr. Quirino brincou sobre o peixão da nota de cem Reais.

Maria comentou que a mente estava atrapalhada e mexeu nos cabelos como se pudesse resolver o que estava sentindo com suas mãos:

- Não dá muda para ninguém não. Não é época de dar muda. – Todos repeitaram a fala da Maria. A estiagem estava muito forte.

A conversa prosseguia animada. Quirino me avisou que da última vez que eu estive lá inúmeras crianças foram lá para serem benzidas. As pessoas comentavam sobre a beleza da criança pequena e como ela era esperta.O pequeno brincava com os gatos da casa.

- Não existe criança feia, criança é bonita.

Diante do que ouvi meu corpo estava ali, mas minha mente relembrou um diálogo que tive com uma senhora da comunidade, num comércio perto da praça de Ponte Alta.

Esta fala de Quirino remeteu-me a uma fala de minha mãe de uma benzedeira de Ponte Alta que proferia as seguintes palavras em benzeções de crianças principalmente de camada popular:

- Menino feio não pega quebrante. Menino feio não pega quebrante. Fazia balbucios e benzia.

Conversei com uma senhora, a D. Nair, filha da benzedeira falecida D. Joaninha, que estava enchendo linguiça e moendo café para vender. Ela foi contemporânea de minha mãe na escola, filha de benzedeira. Ela disse a mesma história e disse que as crianças no outro dia ficavam curadas.

Ao que ela me perguntou:

- Ela xingava os meninos. O que você acha que cura? – Não deu espaço para eu responder.

- O que cura é a fé. Ela também me contou sobre a benzeção do Machado. Perguntou se as pessoas que estavam no local lembravam e ninguém sabia de nada.

Explicou que a pessoa ficava de baixo da porta e a benzedeira perguntava:

- O que corto?

A pessoa respondia: - Mau olhado! – A benzedeira dava um pique com o machado na parte superior do batente da porta. Perguntava três vezes, com respostas e em seguida piques de machado. Servia para inúmeros males entre eles cortar medo principalmente para criança andar ou cobreiro.

- Antigamente quando a criança tinha medo de andar amarrava uma fita no pé da criança e na outra extremidade um pintinho.Colocava o menino para andar, benzia e cortava um pedaço da fitinha. E o menino andava. Minha mãe era benzedeira, mas ela só benzia espinhela. Ela benzia com fita.

- E como era a medida?

- Era do pulso, mostrou o osso do pulso como referência, ao cotovelo.

- Da criança? – perguntei.

- Não da benzedeira. Cortava aquela medida direitinho. Conforme ia sarando ia cortando.

- Como ela fazia depois de medir? Ela punha na criança?

- Punha no peitinho da criança para esquentar e benzia. Quando a espinhela melhorava ela ia encolhendo.

- Mas sempre no mesmo lugar? Amarrada no mesmo lugar?

- Não era amarrada não. Era dobradinha encima da espinhela. Tinha que voltar para benzer três vezes.

Entre uma linguiça e outra um sorriso, uma lembrança. O que mais me chamou atenção é que numa mesma benzeção pode-se usar variadas formas de benzer. Inclusive, dependendo do benzedor e da idade do benzido Sr. Quirino, por exemplo, deixa a pessoa escolher. No caso da espinhela caída o uso da fita é variado. Algumas de fato amarram a fita na pessoa benzida. Na lembrança da filha da benzedeira era a fita solta sobre a espinhela a forma dela benzer e as pessoas a procuravam com fé durante décadas no lugar.

Uma senhora que estava ouvindo a conversa comentou sobre um “benzedor” famoso em Carangola. Ela mocinha procurava para saber se iria casar com um determinado homem.

- E como ele fazia?

- Ele olhava a mão. E dizia: - Esse não vai casar com você não... Se você insistir, não está na sua sorte e vai dar problema. Ele fazia uma previsão e uma benzeção. Eu fui casada e ele previu que meu marido seria alcóolatra e viveria com ele até morrer. Eu fui lá para me benzer. Eu tinha dezoito anos e era muito curiosa.

Depois de casada. Ele me dizia:

- Esse homem bebe muito, mas você vai viver com ele até o final de sua vida. E vivi mesmo. Você não vai ter como sair desse homem.

- Mas como era isso? – perguntei.

- Ele rezava em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo, fazia a previsão e benzia.

- E as mãos? Você me mostra como ele olhava? – pedi.

- Ele olhava pelas linhas maiores que lembra muito os ciganos.

- Você amava seu marido?

- Demais da conta. Vinte e seis anos de casamento. Mas teve um dia que eu procurei o benzedor de Carangola. Eu disse para ele:

- Já que eu vou ficar com esse homem faz uma benzeção para ele amansar. Ele fez. O homem amansou.

Voltei para a sala na casa de Quirino. Minha mente estava em outro lugar, em outro diálogo.

Quando olhei Sr. Quirino brincava com a criança. Chamava o gato. Pegava-a no colo. Conversava com a mãe. Perguntava como ela tinha ficado em casa à noite após a primeira benzeção. E as outras pessoas também falavam. Eram pessoas amigas de um benzedor.

O pai da criança me contou que tinha um passarinho na gaiola. É muito comum nas roças engaiolar pássaros. Ele cantava muito bonito para a alegria do dono. Depois que receberam uma visita a trinca-ferro foi ficando triste e parou de cantar. Rapidamente ele foi ficando mal. Ele pegou o pássaro e foi na casa do amigo Quirino.

- Ela estava muito mal. Eu cheguei aqui com ela na mão. Quirino olhou e benzeu. Voltou ao normal como se nada tivesse acontecido.

- Era mau olhado! Muita inveja.– disse Quirino. – Ao que o rapaz complementou:

- A trinca-ferro estava praticamente morto encontrei ela sem movimento com terra no olho. Para mim ele estava morto. Foi Quirino benzer ele reviveu. Está lá na minha casa cantando que é uma beleza.

A criança tentou pegar o rabo do gato. Quirino sentado na cadeira brincava com ele com os pés no chão. A mãe o estimulava a andar segurando-o pelos braços para dar os passos. O pequeno largou o gato e engatinhou em direção à cadeira onde estava o Sr. Quirino.

Quirino pegou uma agulha com uma linha e um pedaço de pano. Balbuciava palavras e cosia. A criança brincava com o gato no colo da mãe. Ela havia sofrido uma queda e também não estava andando sozinho. A mãe estava aflita em relação a esta situação. Enquanto rezava a mãe segurou a criança para ela andar pela sala. Maria disse algo. O galo cantou. Estávamos sob as bandeiras coloridas da casa do velho benzedor. Pelas paredes da casa seu altar com santos, crucifixo, terço... Como disse é uma casa em que as paredes são o altar.

Terminou a benzeção e disse:

- Tem gente que não vem as três vezes. Daí não adianta...

Falou do anjo da guarda que precisa estar com a pessoa. Se estiver dormindo é necessário acordar. Minha avó morreu com cento e quatro anos e ela explicava isso para a gente.

- É igual a gente adulta: quando a gente está dormindo o anjo da guarda está andando. Quando ele volta a gente acorda.

Uma senhora disse: - Eu não sabia disso! Sou mais velha que Quirino!

- O pai desses Barbosa daqui ele morreu velhinho. Ele morava naqueles alto tudo. Não morava em casa de filho não. Na casa de um, na casa de outro creio que para trabalhar. Ele benzia os outros, fazia simpatia, mas nos finais de semana ele não recebia em casa. A pessoa procurava por ele onde ele estava. Se ele estivesse capinando ele levava no bolso o terço dele com tudo. Lá que ele ia fazer a oração. Se a pessoa tinha dor de dente ele benzia. Se o dente não quebrasse em três partes na hora chegava no caminho arrebentava. Eu tive dor de dente. Deu três fincadas. Ele me benzeu. Arrebentou e saiu o dente.

- Qual o nome dele? – perguntei para Quirino.

- Geraldo Puri.

- Ele era descendente de Puri?



Cosendo vidas – Acervo pessoal

- Era o nome dele. – perguntei pelas características físicas. Pelo que tudo indica ele era um Puri. Morava de casa em casa sempre trabalhando. As pessoas iam onde ele estava morando. Muitas coisas eu aprendi com ele: chás, banhos e orações.

Quirino num diálogo anterior não havia falado mais detalhes do Geraldo Puri. Esse senhor pode ser o mesmo que meu pai havia contado a respeito de suas benzeções durante minha infância e eu ficava a pensar: como seria isso. Alguém que tira a dor de alguém através das palavras.

Chegou outra criança acompanhada pelos pais. Era a terceira benzeção. A mãe afagava a criança carinhosamente no colo enquanto a tudo olhava. Antes de começar a benzeção devido o número de pessoas os pais ficaram aguardando serem chamados. Na benzeção quem respondia ao Sr. Quirino era o pai. Era um caso de espinhela caída ou ventre virado segundo o benzedor.

Segundo Quirino as origens da espinhela caída, que é o vento virado na criança, podem ser:

- O modo de virar; a maneira de pegar a criança e sai do lugar; susto; mau olhado entre outros. Eu olho a criança e sei qual o problema.
- Uma criança caiu e chegou aqui em casa chorando, "mau junto com a queda". – Ele fez a benzeção com a agulha, linha e pano. A criança também não estava andando.
- Tem caso que eu pergunto para a pessoa responder durante a benzeção. No caso do Sr. João eu perguntei e ele não respondeu. Esqueceu das palavras. – Segundo a esposa ele gaguejou na hora.

Percebi que dependendo da pessoa a benzeção pode mudar.

A criança pequena benzida que estava conosco foi levada pela mãe e em seu colo foram a cada pessoa presente para pegar na mão. A mãe dizia: - Abença. – A criança era abençoada. Depois foram embora.

- Quinta-feira vem gente de Carangola para benzer. - segundo Quirino é muito comum isto ocorrer. Muitas vezes alugam um táxi e vão benzer. Perguntei sobre a imagem de Nossa Senhora de Aparecida que estava em cima de um armário. Parecia antiga.

- Tem mais de quarenta anos.

- Porque o Senhor escolheu este local para ela?

- É para criança não mexer.

Quando ele estava benzendo uma criança, me disse:

- Eu faço a pergunta e respondo por ela na reza. – Perguntei sobre o elo entre a criança, benzedor e os pais:

- É tudo a mesma coisa.

Interessante que em meio aos amigos havia um rapaz que estava desempregado. Percebi que foi uma benzeção mais longa que as outras. Ouvi a expressão “São José”. Não sabia das benzeções para arrumar emprego. Ele perguntava e o rapaz respondia.

- Tem reza para muita coisa meu filho. – Respondeu o benzedor a respeito do que eu não conhecia.

Essas vivências remeteram-me durante o retorno para casa ao período do engatinhar. Josias Filho, depois do parto, foi visitado por sua avó materna, D. Maria. Abriu a bolsa e lá estava a erva. Ela levou uma erva muito comum em várias partes do Brasil popularmente conhecida como picão que segundo os saberes ancestrais combate vários males, inclusive o de icterícia. Ferveu e misturou na água da banheira do pequeno. Fiquei a olhar e lembrar de uma conversa com uma amiga Enfermeira do Hospital Evangélico de Carangola durante um plantão cuidando dos bebês do berçário no plantão noturno que num dado momento disse: - O banho de picão não causa nenhum mal. Além disto, as pessoas fazem com amor, com cuidado. Tem colega que fala que é besteira. É um momento importante para a criança, para quem está dando banho e para a família.

Com o tempo descobri que para muitos é um banho na cultura iorubá para se abrir os caminhos. É um banho ancestral. Com a tese-benzeção percebi que a avó de Josias Filho é uma descendente Puki de terceira geração, o que foi confirmado por um primo de meu filho com foto e relatos da bisavó de meu pequeno.

Na relação entre a avó e neto a observação na passagem do engatinhar para o caminhar. Josias Filho estava caindo muito e chorava bastante. A avó o olhou e disse: - Ele está com mau olhado. Tem que levar para benzer.

Ele foi levado e aquilo desapareceu. Havia algo estranho, que eu não consigo explicar.

A mãe de Josias Filho, sabendo de minha origem evangélica, me perguntou a respeito de levar para benzer no Vasquinho e eu disse: - Sem problemas.

Quando ele cresceu foram inúmeros finais de tarde chupando o melhor picolé da cidade em sua sorveteria.

Galeria Andarilha VI

Galeriando entre Olhos de Bonecas e Benzeções. A Casa Altar de um Benzedor.

[...] É fé legítima do encontro, espaços que se intercruzam para criar o sagrado.

Jader Janer

Acordei mais cedo do que de costume. Limpei a casa, pus roupas para lavar e percebi que as plantas do pequeno quintal precisavam ser aguadas. Eu ganhei há um bom tempo uma planta de meu sogro, pai de Patrícia, após fazermos uma visita em sua casa. À época onsegui um toco de eucalípto em fase de decomposição para colocar a plantinha amarrada nele. Ao lado uma árvore que até hoje não sei de que espécie é. Lembro-me de um senhor que pedi para limpar o quintal e quando perguntei pela planta ele me disse que era um arbusto bobo. Decidi deixar crescer. Estava pensando no último encontro que tive com o Sr. Quirino. Foi quando vi para minha surpresa e alegria que havia brotado mesmo depois de três meses de intensa estiagem.

Estava pensando nas palavras de minha amiga de Ponte Alta que disse que rodou o mundo mas o lugar chama a gente de volta. Do tiro do suicídio de seu avô que tanto abalou as famílias que dependiam do café a ele confiado, inclusive meu avô casado com minha avó, da minha mãe levando a notícia após vê-lo na cama morto: quantas coisas aconteceram. Através da pesquisa posso também me reencontrar através das vivências com a terra ancestral de pessoas que não conheci, como meu avô e avó paternos ou Sr. Alziro, pai de criação de minha mãe.

Enquanto a água molhava as plantas eu admirava a beleza conversava comigo mesmo sobre os rumos do êxodo rural. Das pessoas que saem das roças para a sede de um distrito ou vão para as pequenas cidades da região ou para outras cidades maiores em outros estados. Numa época sem os atuais meios de comunicação era a memória através da oralidade que dava vida a um lugar por mim desconhecido. Passei a infância ouvindo em silêncio tantas histórias, tantos nomes e causos da terra de meus pais. Eis eu por aqui a escrever sobre esse lugar numa outra dimensão de tempo

dialogando com pessoas que fazem do cotidiano um milagre do inaugural.

Desliguei a mangueira vejo alguns pássaros. Decidi colocar na árvore que ainda não sei o nome algumas fitas coloridas. Creio que alegram a vida. Vem o vento e elas danças. Algumas fitas maiores outras menores. Gal com um pouco mais de um ano e quando passávamos perto da árvore tentava pegar a fita. Ao pegar balançava o galho.

- Desce piu! – a pequena convidou o pássaro.

Um café. Beijo na Gal e Patrícia. Uma prece para meu lar. O fiel cão Duque e a Tuti-fruti acompanham-me no trajeto até a rodoviária de bicicleta. Do que mais preciso para viver se tenho o milagre das primeiras flores?



Milagre das primeriras flores – Acervo pessoal

Fui ao distrito de Ponte Alta novamente. Pelo percurso fui admirando as montanhas no ônibus escolar. Entretanto, após mais de vinte anos aquela seria a última vez que o Sr. Moacyr, o último chauffeur de Carangola, teria o pedido de benção das crianças e pegaria em suas mãos. O transporte escolar terceirizado seria dispensado e assumido integralmente pela prefeitura como medida para economizar e aprovar o Plano de Cargos e Carreiras do Magistério.

- Eu estou tranportando os netos e filhos das crianças que trouxe para esta escola. Estou aposentado, mas vou sentir muita falta.

Passei pela E. E. Pedro de Oliveira e decidi ir até à Igreja de Nossa Senhora Aparecida. Subi a ladeira e lá cheguei. Estava muito quente e parei um pouco na sombra de uma árvore. Percebi que a igreja estava sendo pintada.Quando me aproximei fui muito bem recebido pelo pintor.

Lembrei-me do relato de Sr. Quirino de que sua avó benzeu praticamente dias antes de sua morte. Era devota de Nossa Senhora Aparecida e faleceu aos cento e quatro anos no momento da queima dos fogos da padroeira. Achei interessante o relato de que foi exatamente durante os fogos sua partida deste plano e quando a notícia chegou até à igreja cessaram a queima em respeito à falecida devota.

Igreja de Nossa Senhora Aparecida – Ponte Alta de Minas





Morros sagrados – Acervo pessoal

O senhor que estava pintando a Igreja me explicou que os fogos ficavam em todo o pátio próximo ao cruzeiro, numa área mais alta de frente para a praça: “- Vinha fogueteiro de fora. Durava mais de vinte e cinco minutos a queima de fogos”. – De fato levando em consideração o local onde mora Sr. Quirino, o tamanho da comunidade, a distância da igreja realmente as pessoas que a amavam devem ter sentido sua falta na festa e sabiam que ela havia adoecido.

Fiquei a pensar no Quirino criança e as infâncias habitam o sábio benzedor. Pensei na maneira que ele olha e acolhe as crianças: diz muito sobre ele e sua criação. As pessoas que benzem quando falam de suas memórias de infância geralmente são marcadas por pessoas carinhosas que benziam. No caso de Quirino muitas pessoas da comunidade comentavam sobre os doces que ele sabe fazer. Ele me contou que aprendeu com a mãe e avó. Num dos dias que estive em sua casa havia ganhado abóboras que estavam num canto da sala, debaixo das bandeiras coloridas de São João dos

festevos juninos e me disse que iria fazer doce como tinha aprendido com seus antepassados.

O pintor perguntou:

- Você quer entrar na igreja?

- Quero conhecer.

Entrei vagarosamente. Fiquei a observar os detalhes do piso, do teto, nas laterais. Sentei num banco no meio da igreja. Vi o altar. Levantei e me aproximei. Decidi fotografar.



A vida em “Olhos de Boneca” – Acervo pessoal

O senhor da igreja me mostrou o um ponto turístico do lugar: a Pedra de Parapente. Quando fomos nos aproximando, próximo a uma árvore estavam lá as flores.



Olhos que te olham. Você benze? – Acervo pessoal

Quando estava descendo o morro da igreja lembrei dos lugares por onde passei. Voltei para fotografar. Em todos eles estavam as flores olhos de boneca.



Pátio do Pré-escolar Nossa Senhora Aparecida – Acervo pessoal



E. E. Pedro de Oliveira – Acervo pessoal

Retornei na E.E. Pedro de Oliveira e encontrei a diretora escolar que muito bem me recebeu. Conversamos sobre a pesquisa e possibilidades de parcerias principalmente envolvendo a questão da ancestralidade Puki e africana tocando na questão do patrimônio histórico da Gruta dos Puris a historicidade das famílias das comunidades atendidas pela escola. Demonstrou um grande interesse sobre as benzeções. Deixei meu número disponível para contatos.

Subi para a rua de cima e cheguei na casa de Sr. Quirino no ínício da tarde. Um carro parou e deixou uma jovem mãe e uma criança. Adentrei na casa juntamente com as duas. Ao cumprimentar Maria ela me disse que estava com a cabeça ruim. A criança brinca com os gatos da casa. Quirino

cumprimenta a criança e sorri ao que a mãe orienta: - Pede bença!

Adentra na sala um jovem e uma senhora para visitar a família. Segundo Quirino não benzeria hoje, “mas sempre vem benzer”. A mãe dá de mamar para a criança. O benzedor percebe que ele quer dormir.

- Eu preciso benzer antes dele dormir. O anjo da guarda vai sair e vai para outros lugares. Quirino pega seu terço e reza pela criança.

Todos em silêncio. A criança segurada pela mãe que pede:

- Varre o medo dela andar.

Ao que o velho benzedor olha para o pequeno, se levanta do sofá e vai para a cozinha e diz:

- Vamos lá!

- Ele já está no tempo de andar e não consegue por medo. – disse a mãe.

- Ele dorme bem à noite? – Perguntou Quirino.

- Ele acorda umas cinco vezes e se deixar mama a noite inteira.

A mão toca a vassoura. A criança no colo. Mãe e criança olham para a vassoura na mão do benzedor perto da porta da cozinha. A benzeção começa com a criança no colo da mãe.

A mãe coloca a criança com as pernas no chão e segura nos bracinhos. Ela vai andando na frente e ele vai atrás balbuciando rezas e varrendo dando volta em torno da mesa. Quando ficam em direção à porta ele pergunta para a mãe:

- O que varro?

- O medo de meu filho!

Na última pergunta a criança começa a chorar. Ele conversa com ela. Na última volta ele sai do círculo e vai em direção à porta e novamente a pergunta e resposta:

- O que varro?

- Varre o medo de meu filho! – disse a mãe
- Ele já está sem medo. – explicou o benzedor.
- Ele está ficando com mais sono – disse Quirino



Dialogismo – Acervo pessoal

Segundo Sr. Quirino varrer para andar são três benzeções na sexta-feira da lua minguante. E que aquela seria a primeira vez da criança. Depois seria uma no mês de setembro e a última no mês de outubro. As conversas eram sobre os saberes ancestrais entre as pessoas presentes. Quirino comentou sobre a importância da raiz de sapé para aliviar as dores dos dentinhos que estão nascendo. A importância do elevante para o estômago.

- Eu banhei minhas pernas com melão do mato e sal três dias seguidos – verbalizou Quirino

- E tem lua para banhar? – ao que me respondeu:

- Para banhar não tem lua. Mas qualquer outra erva para tomar é na lua minguante.

Depois conversaram sobre uma doença por mim desconhecida chamada de crupe. Uma das senhoras que estava na casa disse que perdeu dois familiares com crupe.

- O que é crupe?

Quirino me disse: - É uma gripe mal cuidada e a pessoa não expectora, uma inflamação na garganta muito forte que causa tosse e um som que chia alto.

Apontou como um bom remédio a gordura de galinha caipira. Bebe duas ou três vezes ao dia. Caso não consiga a gordura pode usar azeite de mamona: tomar duas vezes ao dia, manhã e à tarde. Se for criança dar duas ou três gotinhas de gordura de galinha uma vez ao dia.

Fiquei a pensar por quantas gerações estes saberes foi sendo transmitido até chegar ali entre nós.

- Muitas pessoas morriam por não haver recurso. As pessoas procuravam em casos extremos um médico na cidade de Divino chamado Erse.

Chega um senhor de bota e chapéu. A conversa continua em meio aos tradicionais cumprimentos. Maria diz lá do quarto que está com dor de cabeça.

Ele retira o chapéu e coloca na beira do sofá. Sr. Quirino pega a cruz e balbucia palavras e faz movimentos com a outra mão. Muitos sons de passarinhos que voltavam para suas casas no entardecer. Maria se levanta e passa entre nós e vai para a cozinha. O senhor abaixa a cabeça e põe uma das mãos na testa com os olhos fechados enquanto Quirino reza. Ele é de Carangola.

- A benzeção era para a filha dele que não pôde ir. Ela está com muita dor no corpo e na cabeça.

Fiquei sem entender e perguntei:

- Ela é benzida através dele. – Explicou o benzedor.

Entre uma conversa e outra perguntaram se eu estava ali para aprender a ser benzedor. Talvez devido o caderno para anotações e o celular.

Disse sorrindo que não. Mas que estava aprendendo muito. Enquanto conversávamos Quirino pega o terço pendurado num prego na parede onde fica o retrato de sua mãe e ele criança.



Linguagens Balbuciadas – Acervo pessoal

Começa a rezar bem baixinho. Pessoas chamam no portão. Ele diz para entrar. As pessoas entram e esperam o fim da reza para as saudações. Eram três pessoas da comunidade que o procuraram ontem. Quando ouvi ele dizendo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e levantou a cabeça interrompi a conversa com uma das senhoras que estava me falando baixinho algumas coisas e perguntei para quem era a oração:

- Estava benzendo a Maria para melhorar a dor de cabeça dela.
- Disse Quirino enquanto Maria estava deitada no quarto. Durante toda a tarde ela não queixou dor.

Segundo Quirino uma das senhoras presentes não envelhecia. Ela riu. Todo mundo riu por ela ter dito que estava como um maracujá de gaveta.

Um dos amigos da senhora disse que estava fazendo tratamento na medicina alternativa e recomendaram chá da folha da pitangueira:

- Pega um punha do na mão e ferve em um litro de água. Eu tomo três vezes ao dia. – Ele relatou que estava com as pernas inchadas e uma vizinha recomendou o uso de óleo de mamona duas vezes ao dia e que havia resolvido o problema.
- Antigamente o santíssimo era iluminado com óleo de mamona assim como as candeias das casas. Não tinha querosene ou luz elétrica.- disse Quirino.



Sagrada e ancestral: das brincadeiras e de tudo que abre o caminho – Acervo pessoal.

A senhora da idade disse que estava escutando pouco. Ao que Quirino disse que o ex-esposo vai passar na casa dela e gritar:

- Ei Chica! E você vai escutar.

Muita alegria. Casa de benzedor é leve. Até Maria lá do quarto gargalhou muito. As pessoas podem falar porque são ouvidas e em meio a tantas demandas predomina a liberdade, o dialogismo. Talvez ouvir é uma benzeção que para muitos ali e pelo mundo pode passar despercebido.

São 16:00h e a conversa segue alegre. Como a casa estava cheia e o ônibus escolar tinha seu horário fiquei mais um dia sem conhecer a horta de Quirino e Maria. Lá fora um vento frio e a expectativa de chuva no inverno de 2024.

Num dado momento percebi que Quirino dava conselhos sentimentais para Chica que quer um namorado. Na tessitura do diálogo Chica ri e todos também. Ela fala dos pretendentes. Ele perguntou sobre um que queria namorar com ela. Ela disse que não agradou. Mas ele é um homem bom e trabalhador, disse o amigo e benzedor. Chica relatou dilemas cotidianos que a perturbava em relação ao ex-esposo e parentes. Comentou sobre um capado – nome dado para porco caipira castrado – que eles mataram. É uma tradição local matar o porco, chamar amigos, fazer torresmo, linguiça, chouriço e murcia.

- Sinto falta desses momentos em minha vida, mas sinto pena do porco. Depois esqueço de tudo! – falei para as pessoas. Chica continuou:

- Levei carne, torresmo e miúdo para ele. Mesmo assim ele me considera ruim. Tudo que eu faço para ele não presta. É melhor ele ficar para lá. Está bebendo muito e constantemente.

Sr. Quirino pega o terço. Todos fazem silêncio. Para e faz considerações sobre o assunto anterior. Volta novamente a rezar. Era uma oração para uma pessoa desempregada. Terceiro dia de prece.

- Quirino eu estou com dor decabeça. Você me benze? – Chica interrompeu a prece e continuou sua fala:

- Eu sou muito bonita para minha idade e ele não me merece. - o amigo sorri. Retorna o terço para a posição no meio do peito e começa a rezar novamente. Um senhor falou alto e sua esposa chamou sua atenção em voz baixa. A prece interrompida era para um rapaz filho do casal que estava sem emprego. Terminada a prece ele informou que iria rezar pela Chica.

Depois o Sr. João é chamado para a porta da cozinha onde é benzido.

- Está melhorando dos sustos? – perguntou Quirino.
- Estou melhorando.

Segundo Quirino ele gostava daquela benzeção. Era uma escolha dele. Ele debaixo da porta. Quirino de frente para o benzido na pequena varanda da cozinha.

Ele começa a balbuciar palavras e faz movimentos com as mãos benzendo Sr. João. Inicialmente de frente.

- Vira de costas! – E continuou a benzer.



A fé entre linguagens – Acervo pessoal

Vira! – Voltou a ficar de frente para Quirino novamente. A reza continua. O benzedor faz o sinal da cruz em si e diz: - Está tudo bem!

Fomos convidados para um café. Quem estava na sala foi para a cozinha. Peguei um biscoito e conversando com Quirino perguntei sobre as benzeções em crianças pequenas e bebês caso não estivessem presentes os pais ou o responsável.

- É a mesma coisa uai!

Indaguei sobre a questão dele perguntar e a pessoa responder: - Eu prefiro perguntar e responder dependendo da pessoa. No caso das crianças na benzeção do cosimento eu sei o que está acontecendo. No caso do medo é a própria pessoa que responde.

- Quero conhecer sua horta, mas o horário não me permite.- Espero voltar e conhecê-la após uma boa chuva que tanto aguardamos.

Saí apressadamente para não perder o ônibus. No caminho vejo as torres da igreja pintadas de laranja no alto do morro. Estaria vazia assim como a visitei?

A casa de Sr. Quirino é um templo?

As singularidades da Topogênese em Ponte Alta. Como um lugar por onde se vai e volta pelo mesmo caminho dá a impressão de serem ruas completamente diferentes. Conforme as topovivências havia uma ressignificação daquele lugar. É o emergir do novo.

Creio que o emergir do novo nos traz a possibilidade de que um lugar sempre esteja em constante transformação através das vivências. As dimensões da topovivência na cronotopia. Espaço e tempo, seres que se redimensionam no encontro.

Sobre as orquídeas olhos de boneca creio que elas me benzeram o tempo todo pois no quintal do benzedor ela lá também estava.

Era época de florescer a orquídea Olho de Boneca. E quem disse que não é um milagre?



“A vivência é um milagre, pois no seu processo algo é transformado em outra coisa.”

Serguei Jerebtsov

Por mais que a vida nos ensine,
O coração crê em milagres:
Há uma força inesgotável
Há beleza incorruptível
E o murchar terrestre
Das flores não tocará as não terrestres
E o orvalho nelas não secará
Do calor do meio dia.
E essa crença não enganará
Aqueles que somente dela vivem
Nem tudo que aqui floriu murchará
Nem tudo que aqui esteve passará!

- Fiódor Tiutch. Veresk, p.25 -

Galeria Andarilha VII

Água, Fogo, Terra e Ar – A Topogênese do Céu e da Terra de um Griô.

A interespacialidade é topogênese.

Jader Janer

Um dia conversei com um senhor que me parecia um griô. Um ancião negro, cabelos brancos, com idade bastante avançada e lúcido. Depois que me informaram o local bati palmas na porta de sua casa. Ele me convidou para entrar. Subi a escada e nos apresentamos. Sentamos. Fazia bastante calor. Ele me contou em frases curtas, pinçadas com sua sabedoria que quando criança morava numa comunidade rural e havia um açude. Veio uma grande chuva e o açude transbordou. "- Os ladrões de água não deram conta da quantidade de água". Os bagres, traíras, carás, lambaris até o jacaré foram para o mestre.

- O que é o mestre? – perguntei.
- O rio de onde todos os peixes vieram.

Perguntei pela cruz com fitas brancas que estavam na parede de frente para a rua:

- Ela era colorida. Eu que fiz. É o tempo...
- Pensei que fosse uma cruz branca do Espírito Santo
- De primeiro as pessoas tinham mais fé. Todo mundo tinha cruz na casa. "Enfeitando ela depois ela te enfeita! Ela não deixa a pessoa ficar jogada, sem roupa". Era toda colorida! "Quem enfeita a cruz dela sereis enfeitados", dizia meu pai e os antigos.

- Onde o senhor nasceu?

- Eu nasci nos Teixeiras, num tempo em que toda criança era boba e não tinha roupa. Vestíamos "camisolo" e não tínhamos nenhuma cueca. Eu não tinham roupa. Era Deus e o povo assim. Cresci sem calçado. Eu rapaz ia namorar sem calçado. Nós éramos muitos filhos, treze; meu pai criou mais um. Papai era meeiro. Éramos catorze e ficou somente eu. Vi todos partindo. Nasceram todos no Córrego dos Teixeiras... Criávamos capado para comer. Tínhamos fartura. Colhíamos mais de vinte sacos de milho. A terra era boa. Era uma semana colhendo café.

Éramos meieiros. Era uma fazenda muito grande. Eram seis, sete capados gordos. Ninguém ficava com braço cruzado nem eu que era criança. Toda hora tinha algo para fazer. Com sete anos fui para a lavoura. Nunca tive oportunidade de estudar. Não sei nem o "A". Com sete anos eu fazia o quê? Nada né? Eles me arrumaram uma enxada. E meus irmãos falavam: -Vamos rapaz!

- Não fui para a escola. Havia uma "tuia" no terrero onde guardava café, milho, feijão que era muito grande na casa do patrão onde funcionava a escola. Meu pai não deixava a gente estudar. A Professora era filha de um vizinho, pago talvez pela prefeitura ou um fazendeiro, ela ia lá ensinar. Não sei quem a pagava. Tinha uns bancos compridos e uma mesa grande. Havia um quadro. A gente escutava e tentava ver pelo buraco nas paredes. Meu pai via e perguntava: - O que você está fazendo aí rapaz? Eu queria ficar lá. Eu queria largar a enxada e estudar, mas eu tinha medo de entrar no reio...

- Minha memória era boa. Quando um pouco maior eu ia na rua com minhas irmãs que lavavam roupa para fora.

- Eu digo que minha ideia era boa porque eu fui crescendo e fui ao bar. Lá tinha sinuca numerada. Eu não sabia número de bola então eu "chutava":

"- Eu matei uma bola acho que é a número cinco". Mentira, às vezes era a bola dois. Era para eles falarem o número dela.

- Não, é a três. Ocê quer roubar?

- Assim fui aprendendo a cor e o número de cada bola.

- Quando a bola era a preta eu sabia que era a sete. Assim eu aprendi os números e a contar com doze anos de idade. Os da rua marcavam no quadro os números, daí eu via o desenho de cada número.

- Eu ia olhando e guardando na cabeça a numeração.

- Atualmente estou com a cabeça ruim. Era bom para contar dinheiro. Sabia fazer conta de cabeça.

- Eu casei com vinte e dois anos. Minha casa era muito ruim. Eu casei e não levei nada. Era casa do fazendeiro. Eu não tinha nada.

Comprei um catre, uma cama para dormir. Comprei um pano e enchi de capim para dormir. Minha falecida esposa era muito trabalhadora.

- O senhor é benzedor? Conviveu com pessoas que sabiam de nossa ancestralidade negra? – Perguntei.

- Tem dendê nisso! - Disse-me o Griô, desconfiado, que seguiu a narrar:

- No começo a gente era preso. Muitas coisas eu não aprendi sobre meus ancestrais. A ideia de um tempo para cá que cresceu. Nosso pai contava, mas entrava no ouvido e saia cá - apontou com o dedo para o outro ouvido.

- Faço orações. E quem me ensinou foi Deus. As pessoas me procuram em busca da palavra boa. A palavra boa traz carinho no coração. Se a pessoa recebe uma graça da palavra boa e não é da igreja cristã, ali também está a benzeção. Eu fui em muitos benzedores desde garoto para cuidar de mim. Eu nunca imaginei que eu me tornaria um benzedor. Eu fui aprendendo com eles. Toda doença que eu tinha, toda vez que me sentia mal eu procurava um benzeção. Ia nos benzedores onde morei e de outros lugares nas roças. Eu prestava atenção em tudo. A palavra boa cura. A palavra ruim traz o desespero. As pessoas querem a paz.

- Eu te digo uma coisa e você pode duvidar... Você duvida do que vou falar? – Pode falar respondi.

- Você acredita que eu já morri?

- Eu acredito. Eu saía do meu corpo dormindo e depois eu pelejava para voltar. - Disse-lhe.

- Disto eu não entendo...

- Eu estava muito ruim. Muita falta de ar, muita canseira. Eles me levavam para o hospital para melhorar. Tive intiriça, muita dor nas pernas. Fui na casa de um homem que fez uma simpatia e me curou. No outro dia eu estava bom. Ele falou baixinho e eu não consegui ouvir o que ele falou. Pegou umas ervas e fez uma rodia da casca do pau e disse:

- Põe em cima do fogão. E ficou no alto do fogão de lenha.

- Tive pneumonia e uma hemorróida muito grande. Passava dias sem ir ao banheiro. Eu perdia muito sangue quando evacuava. Conversei com Deus: eu sei que estou morto. Não tem ninguém por mim. Pediram para eu usar uma pomada e nada resolvia. Eu estava muito fraco.

- Pedi a Deus para me apresentar um ramo para eu melhorar...

- Se não for meu tempo me proteja.

- Eu pedi na hora do almoço por um ramo. Quando foi à noite sonhei:

- Pega o ramo.

- Era um ramo comum que tem em toda roça. Ela se chama "capoeirada da grande", ela é da grossura de um dedo, não é da fina. Fervi e pus na bacia. Fiz o banho de assento uma vez só e já senti o alívio. Assentei na água morna e esperei ela esfriar. Bebi duas ou três vezes. Ela é adocicada. Já veio gente de São Paulo e Rio a benefício disto, da capoeirada da grande do talo grosso, a fininha é quente. Onde tem desta capoeirada é lugar que tem criação. É no pasto. Ela cheira bastante. A criação sabe onde está no faro. A gente cavuca e está na terra. Ela corre no chão. Ajudei muita gente através deste sonho.

- As pessoas me procuram para mau olhado, dor de cabeça, quebrante, espinhela caída e eu rezo. Sou devoto de todos os Santos, mas principalmente de todas Nossas Senhoras.

- Quando bem jovem eu estava morrendo na água afogado. Eu entrei na água e depois eu quis sair e ela não deixou eu sair. Ela quis me levar. Fiquei na ponta dos dedos. Ela vinha e me dava lambada na cara. Eu comecei a gritar. Tinham dois colegas do lado de fora do rio.

- Me socorre por Deus e Nossa Senhora. - Eu ia gritar a boca enchia d'água. O cara deu um mergulho e eu só escutei: - Me dá a mão. Agarrou a pontinha de meu dedo. Parece que os anjos falaram amém. Ele não puxou. Firmou e eu saí. Tinha um outro morrendo de rir. Ele queria que eu morresse. Eu agradeço ao meu falecido amigo que bateu mergulho, caso contrário a água me levaria na lambada.

- Na outra vez foi no fogo. Fomos apagar fogo no pasto do fazendeiro. Éramos mais de vinte homens. Era meia capoeira o pasto. A gente ia andando e batendo o peito não enchergava nada. Os outros foram saindo e ninguém podia conversar. Tinha que abaixar. Eu era muito novo. Eles sairam e veio a língua de fogo. Eu batia o peito no toco e voltava. Fumaça pura. Meus olhos fechados. Eu fui andando sem rumo e Deus me salvou. Não tinha ninguém para me ajudar.

- Eu te falei que eu morri. Eu sonhei. Fui parar lá em cima. Eu saí da matéria, meu espírito foi para o céu. Eu subi menino, mas subi mesmo. Eu cheguei lá em cima e pousei na rampa. Como você acha que é lá em cima? Eu coloquei o pé na rampa e eu arrepiei. Onde é que eu tô? Vou te falar: lá é silêncio, muito silêncio. É paz! Lá em cima é terra! E o céu é para cima. Fica todo mundo em fila. Fila dos adultos para lá. Fila dos inocentes, os anjinhos para cá. Não vê ninguém, não vê nada. Tem um lençol muito grande que tampa os adultos. Os anjinhos um lençol pequeno. O beco é pequeno para andar e não tem como atravessar. Isto me aconteceu há quinze anos.

- Cheguei e não sabia para que lado eu ia. Fiquei na fila.

Para traz de mim veio uma voz: - Rapaz o quê que você está fazendo aí? - Eu não olhei porque eu iria despencar naquele mundo. Perguntou novamente: - Está fazendo o quê aí rapaz! Eu estou falando com você! Aqui não é seu lugar! – Eu fiquei caladinho, não podia olhar, não sei o que era, se era gente...

- Estou falando com você e está caladinho. Desce. Seu lugar é lá embaixo.Tem gente te esperando precisando de você.
- Você tem uma missão a cumprir. E eu estou cumprindo até hoje.
- Eu afundei, veio um vento e voltei. Vi a hora que cheguei e encarnei na carne de novo. Foi um choque. Na mesma hora que voltei o dia estava amanhecendo. Chegou um padre que veio me dar a hóstia. Mas antes dele chegar, logo pela manhã chegou uma mulher com um menino novo para eu rezar. Eu ainda estava fraco, mas eu estava rezando o pequeno. O padre bateu na porta. Terminei de rezar e fui atender a porta.
- É o Senhor Reverendo!? Pode entrar. Recebi o padre e a secretária dele. Era uma criança de cinco ou seis dias de nascimento que estava chorando muito segundo a mãe. Eu perdi o rumo de quem era aquela mulher.
- O senhor reza? Reza de quê? De que ramo? – perguntou o Padre.
- Eu rezo com meu terço. Olha ele aqui. – Mostrou o Griô para o Padre.
- Então tá bom. Fica com Deus.
- Foi embora e não me deu a hóstia porque eu estava rezando.
- Sigo minha missão. Benzo de segunda à sexta. Tem o horário: das nove até quatro e quarenta da tarde mais ou menos. Se eu rezar à noite acham que eu estou batendo pemba.

Tem dendê nesta história?



“Enfeite a cruz que ela te enfeita” – Acervo pessoal

O Pão e o Queijo da Vida

Minhas emoções estão em mim e nos outros

Jader Janer



Santa Ceia – Afresco do Santuário de Santa Luzia em Carangola-MG

Ontem foi Domingo de Páscoa, nove de abril de 2023. Há um tempo não retorno à Ponte Alta. Josias Filho retornou para Alvorada para passar a tarde de Páscoa com a mãe e seu outro irmão. Patrícia e eu comemoramos sete anos de casamento.

Vi na internet um evento na praça da cidade. Fomos para lá e ficamos a tarde toda. Comemos algumas coisas e fiquei a reparar no encantamento de Gal com o antigo chafariz da cidade ao redor de uma área gramada. Era uma boa música daqui, um petisco dali. Um encontro com um amigo e outro quando começou a cair uma chuva deliciosa para abençoar nosso dia. Patrícia falou-me há alguns dias que queria ir na Missa de Páscoa. Ela é católica. Eu não sei o que sou. Sou também um pouco católico.

Atravessamos da Praça para a igreja um pouco mais cedo porque fica bastante cheia. Foi a primeira missa de Gal que estava linda com um vestido marrom de bolinhas rosas, com uma fita também rosa ao meio. Dois pompons nos cabelos com lacinhos.



O altar – Acervo pessoal

Antes do início da missa fotografamos a Gal. Encontrei-me perto do Altar com um amigo de trabalho da época de Centro Cirúrgico. Ele disse para deixá-la à vontade porque assim diz a Bíblia. Eu concordo plenamente com ele. Eu me atentei para um afresco no altar da igreja e comentei com Patrícia enquanto observava a Santa Ceia. Ela também olhou e reolhou. Depois fomos para o Cristo para tirar uma foto da primeira missa de Gal. Patrícia comentou sobre o Cristo:

- O que ele está dizendo?

- Ele é branco, carrega uma espécie de estandarte branco com uma cruz e tem barba. Aponta para o céu. Parece que está dizendo que se não seguirmos não vamos para o céu. Se não seguirmos a cruz vermelha do sangue de Jesus vamos para o inferno. E você o que entendeu?

Ela sorriu.

Fomos para o banco. Durante a missa solene a cada cântico Gal batia palmas, e falava ao final "viva". Palmas, danças e palavras. Queria ficar de joelho, subir no banco. Teve o momento dos aniversariantes e bateram palmas. Ela a olhar para as velas no altar. Depois, um dos padres também estavam fazendo aniversário e mais um cântico de "parabéns para você". Foi um momento muito alegre. Fico um pouco perdido na liturgia da missa, mas agrado bastante, principalmente com o momento do turíbulo. Aquele cheiro e aquela fumaça é muito bom. Tem o momento de um sininho que me dá uma paz quando geralmente eu entro num estágio parecido com o sono. Tudo é bastante simbólico.

Fiquei a olhar para os afrescos da igreja. Como são lindos! Francisco Úbeda Márin merece ter o devido registro por benzer com sua arte um lugar frequentado por muitos benzidos e benzíveis:

> Nascido em 1918 em Almeia na Espanha. Teve como formação estudos na Escola de Artes e Ofícios Artísticos de Almenaria, na Escola de Belas Artes Santa Isabel de Hungriaem Sevilha e na Escola de Belas Artes San Jorge em Barcelona, onde recebeu alguns prêmios por seus trabalhos. De 1936 a 1939 ele interrompe na Espanha seus trabalhos de pintor e restaurador devido a Guerra Civil Espanhola. Interrompe os estudos para alistar-se como voluntário ao lado das Forças Republicanas. Completando a maioridade é obrigado a servir o exército de Franco. Em 1940 recomeça a pintar decorando Igrejas destruídas durante a Guerra Civil Espanhola para sustentar-se. Em 1948 em Almenaria 1ºPrêmio no "Certamen Internacional Dalias". Em 1952 muda-se para o Brasil. Fica no Rio de Janeiro e Minas Gerais entre 1960 a 1965. É autorizado pelo Patrimônio Artístico para restaurar as igrejas de São Fidélis, do Carmo e Porciúncula no Estado do Rio de Janeiro e a Matriz de Carangola, em Minas Gerais. Em 1970 vive em Palma de Mallorca na Espanha. 1971 recebe o Prêmio Cidade de Felanitz. Em 1975 retorna ao Brasil, para a cidade de São Paulo. (Fonte: Arquivo Público Municipal Carangolense. Jornal Gazeta de Carangola, 1975).

Fiquei a pensar nos saberes e fazeres deste pintor. Percebo que poucas pessoas observam tal fato na cidade. Que sensibilidade ao colocar na mesa da Santa Ceia um queijo Minas. Qual a reação das pessoas à época? Eu creio que as pessoas devem ter ficado encantadas em ter um queijo que

alimenta e no caso de Ponte Alta também cura. Estamos de fato abertos ao que emerge na vivência do espaço geográfico?

O queijo numa perspectiva artística de um lugar e o queijo cronotopicamente num tempo e espaço, situado na vivência de uma comunidade rural (Bakthin, 2014).

Voltando ao questionamento de Patrícia há um projeto envolvendo um processo histórico hegemônico europeu. É uma outra perspectiva que não abarca o queijo Minas enquanto uma enquanto possibilidade epistêmica viva, de diálogo como o apresentado pela educadora de Ponte Alta e com a vivência na Topogênese na presente escrita.

A questão autoral de uma artista tem toda uma trajetória criativa pessoal e é historicamente dimensionada e situada. Entretanto, um queijo Minas ou o leite de égua não sabemos quais as origens. Epistemologicamente é de grande importância, mas por ser algo de origem da camada popular não sabemos quem foi o primeiro a dizer que aquele alimento e leite traziam benefícios para o corpo e para a alma. São gerações que na vivência, no diálogo, na coexistência fazem de tudo aquilo um saber epistemologicamente sagrado. O queijo na pintura atravessa a dimensão sacralizada e identitária. O queijo enquanto práxis para além do mensionado adentra no universo vivo e renegado por muitos na epistemologia das benzeções.

Terminada a missa a chuva persistia. Voltamos para o evento na praça, o "Comida de Buteco". Lá estávamos conversando sobre a beleza da igreja e comentei novamente sobre o queijo na Santa Ceia. Interessante como as coisas vão se ressignificando conforme a topovivência. Quando trabalhei na Secretaria de Cultura achava linda a pintura, mas aquele queijo tinha para mim uma outra perspectiva. Com a Topogênese em Ponte Alta e encontro com Wilma, antes da missa, tudo mudou. Aquele queijo tomou uma outra dimensão: do cuidado, da cura, do que alimenta assim como o pão e o vinho, mas na terra que nos acolhe contextualizada no que emerge, em sua origem, sua gênese.

Talvez aqui o nazareno diria: Eu sou o pão e o queijo da vida. Com a partilha e cuidado a vida poderia ser ressureição e milagre todos os dias e é: na luta árdua do povo pela sobrevivência.

A Benzedeira que Cose a Vida com Agulha e Palavras

São escrituras que envolvem um método nessa perpectiva
que é o ser humano em processo na vida, como ser de linguagem.
Jader Janer

Uma amiga de longa data me falou a respeito de uma benzedeira. Certo dia fui em sua casa bem cedinho. Entrei no ônibus e vi o serpentear do rio Carangola. Como cheguei muito cedo, antes das sete horas decidi esperar. Pensei que poderia incomodar a idosa. Foi quando encontrei uma pequena venda no local e fui comprar alguns pães e brevidades para um possível café na companhia da família que segundo minha amiga era só chegar, não haveria estranhamento por receber a todos. Perguntei pela D. Maria para a senhora que estava me atendendo.

- A benzedeira? Nesse horário ela já está de pé.
- Ela é muito conhecida?
- Vem gente de tudo quanto é lado para se benzer com D. Maria. – Agradeci e subi um morro entre os cafezais para chegar em suas casa. Bati palmas.
- Opaaaaa! – Fiquei com saudades desta maneira de receber as pessoas que era tão comum em meu pai na minha infância na Baixada.
- Bom dia! Tudo bem? – Fui recebido pelos familiares. Perguntaram quem eu era. Expliquei sobre minha família e sobre a pesquisa. Ser Professor é motivo de grande respeito e admiração nas pequenas comunidades rurais e roças.
- Senta. Estou fazendo um café agora.

A benzedeira se aproximou. Eu me levantei para me apresentar. Disse meu nome e ela disse:

- Eu não te conheço! – O filho dela me explicou para falar alto, pois estava escutando muito pouco.
- Realmente não nos conhecíamos.
- Veio benzer?
- Eu quero.

Serviram-me o café. Era um dia frio – Enquanto conversava sobre o cotidiano de uma benzedeira com os familiares e tomava o café observei que ela estava bordando. Peguei um pedaço do queijo minas na mesa. Uma delícia!

Pouco tempo depois, na varanda, grande e espaçosa, tão comum na zona rural, havia uma pessoa sentada para ser benzida. Ela foi até a pessoa que lhe pediu "bença" mesmo já sendo um senhor. E ela disse: - Deus te abençoe meu fi.

- O que aconteceu?
- Relatou para ela o que estava sentindo. – Pedi para me aproximar e eles permitiram. D. Maria abriu o casaco de frio. Começou a oração. E falou o que era para ele dizer quando perguntasse: "- O que corto?"- Quando ele respondia a benzedeira durante a reza fazia um gesto com as mãos em direção à rua. Depois voltava a rezar com as mãos em direção ao benzido.

Ela recomendou que ele viesse na próxima sexta-feira, mas ele não podia por causa do trabalho na lavoura:

- A senhora não benze depois que o sol vai embora, então eu posso vir no sábado?
- Pode vim.

Logo depois chegou um jovem rapaz com uma criança. Ambos pediram benção. O pai da criança entregou uma fita de tecido. Era uma benzeção para espinhela caída. Ela pegou o tecido, sentou-se e começou a rezar direcionando a fala e os gestos da mão para a fita. Num dado momento a idosa para a reza e pergunta:

- De onde você é ?

Ao que ele responde: - Norte.

A anciã voltou a rezar a fita. Falou o nome do lugar na benzeção. Fiquei a pensar neste momento as dimensões de uma toposcronotopia, numa relação interespacial e (inter)temporal da vida na vida (Lopes, 2021: 2024).

Eu pensei que aquela fita era do garotinho que estava com seu pai, mas não era. A criança com espinhela caída ficou em casa. A fita era a criança encarnadamente presente. Ela terminou a reza mediu a fita no braço e disse que era para amarrar nele porque estava melhorando e mostra na fita onde ela chegaria na terceira benzeção - última foto.



Da reza na fita na primeira foto, do preparo para a medida (segunda foto), a marcação da espinhela na terceira e quarta foto, e no último registro onde ela irá chegar. Sabedoria ancestral de D. Maria. – Acervo pessoal.

- A senhora reza ele também? – pede o pai para o filho que veio com ele.

- O que ele tem? – pergunta a anciã benzedeira

- Acho que é espinhela caída também D. Maria. Está clamando dor no estômago e vomitando. – disse o pai. Ao que abriu o casaco novamente e rezou a criança.

Iniciou a reza com o dedo polegar em riste com a criança sentada. Retoma a mesma reza e continua a benzer a criança com a mão e num dado momento perguntou para o pai o nome da mãe da criança. Reza pela mãe. Volta na mesma reza e pergunta o nome do pai.

Quando entrou na cozinha continuou a fazer os seus bordados. Ela é uma senhora de cento e seis anos. Fez muitos partos na comunidade.

Várias gerações nasceram nas mãos de D. Maria. Agora já com a idade muito avançada já não é mais parteira.

Perguntei se ela benzia com brasa. Ela me disse que sim. Só que na atual casa não tem fogão à lenha por isso faz outras benzeções. Tem profundo conhecimento das ervas.

Ela é cuidada por uma filho e um neto. O neto é cuidado por ela desde um ano de idade.

Mostraram-me uma foto dela com as crianças da escola da comunidade. Ela fez o parto da professora da turma e cuidou de seu umbigo. D. Maria é neta de Puris. O biotipo dela demonstra a origem indígena local.

- Meu marido também era Puri.

Enquanto conversávamos chegaram duas senhoras. D.Maria foi atendê-las:

- O que houve minhas fias?

- Eu dormi bem e acordei com muita dor no braço esquerdo.

- Não consigo levantar o braço. – Veio a benzeção. Ela benzeu com o dedo polegar em riste, fez o sinal da sagrada cruz.

Pegou um tecido com uma agulha e disse: - quando eu perguntar o que corto você responde: mau jeito!

- Tá...

Começa a benzeção cruzando o corpo em nome do Pai, do Filho e do Espírito santo com o dedo polegar em riste sobre o local enfermo.

- O que eu corto?

- Mau jeito. - A agulha cruzou o pano nas mãos da benzedeira sobre o local de dor enquanto benzia.

Repete por três vezes a pergunta e rezas. Passa o pano fazendo o sinal da cruz encima do local enfermo e direciona para a rua. Terminada a prece a irmã da benzida me disse que elas sempre vão lá para se benzer.

Voltamos para a cozinha. Ela me contou que quando criança pequena lembrava do primeiro avião sobrevoar o lugar onde morava na comunidade de Arataca:

- A gente pensou que iria arrasar a terra. Naquela época todo mundo falava que o mundo iria arrasar. Corremos das lavouras para dentro de casa porque não sabíamos o que era aquilo. Ficamos rezando para o mundo não acabar o dia inteiro e durante a noite também. Quando o dia amanheceu foi um alívio. Só depois nos contaram que aquilo era um avião.

- Chegou mais uma pessoa para benzer mãe!

O neto me disse: - É assim o dia inteiro. Principalmente quando é a primeira sexta-feira da lua minguante.

Era um senhor com queixa de uma enfermidade no olho direito.

- Quem é você? – perguntou a benzedeira.

- Eu sou irmão de Oscari – ela não escutou devido a baixa audição e ele repetiu.

- Eu sou o Neném! – ela o reconhece, abre o casaco de frio e faz o sinal da cruz. Benze o próprio corpo em nome da trindade e com dedo polegar em riste benze o olho de Neném.

- Quando eu perguntar o que corto você responde: vento no olho! – Retoma a reza por três vezes com a resposta do enfermo. Ele ergue a mão e pede benção para ela que lhe diz:

- Deus te abençõe! Eu benzo de segunda a sexta-feira.

- Eu só posso vim em dia de sábado porque eu trabalho em Bom Jesus. Eu não tenho como vir antes, só consigo chegar depois que o sol entrou. A senhora não gosta de benzer depois que o sol entrou... – disse o senhor.

- Pode vim no sábado

- E o Oscari está melhor? – o irmão dá notícias. Os dois conversam em pé e a anciã pequenina se despede do homem de aproximadamente dois metros.

Eu percebi que toda a família compreende o papel e missão de D. Maria. Todos eles são educados com as pessoas da comunidade e há um

prazer em servir. Fui ver uma outra benzeção. Ela havia se retirado da varanda. Quando fui cumprimentar o benzido ele me disse:

- D. Maria sempre cuidou de mim.

Retornou com um copo de água. Com o copo em direção ao benzido começou a benzeção. Ao final ela pegou o copo de água e foi em direção à uma pia. Abriu a torneira e disse rumo ao que era despejado:

- Vai com Deus e Nossa Senhora!
- Perguntei porque despejar na pia.
- É mau olhado. O bom seria jogar no ribeirão, mas daqui a água chega lá. Já estou velha.

Ela segue o que percebi na fala dos benzedores. Depois que "o sol entrar" não se benze mais. É preciso esperar outro dia. Terminada a benzeção foi bordar novamente.



O sagrado cuidar de D. Maria do Baianinho- Acervo pessoal

Mas tem a palavra boa. Encheu o copo e me disse:

- Ocê é um homem das palavras: sai escrevendo tudo naquele caderno que ficou na cozinha. Essa água vai para o Ribeirão, para o rio Carangola, para o mar, para as nuvens e para o mundo. Nada segura as águas.

- A Senhora é também mulher das palavras! Palavras sagradas! – Sorrimos.

Chegou mais uma neta na casa. Ela contou que passaram por muita privação na vida. Comiam basicamente milho que plantavam, além da taioba e mamão verde cozido.

A D. Maria levava comida para os companheiros, trabalhadores da roça:

Eles usavam três a quatro calças muito furadas e ainda ficavam "pelados". Daí eu subia com meu filho João no colo e gritava de longe e um deles, o que estivesse com a roupa melhor, pegava a comida. A gente trabalhava na terra dos outros em troca de gordura e dois quilos de fubá. O patrão dava ordem para a gente pegar no mercado. Era uma escravidão. Hoje temos nossa terra, mas foi tudo muito difícil. Temos fruta, verdura, legume, milho, feijão e café. Tudo no suor da enxada.

Conversamos sobre pássaros. Durante as benzeções eram inúmeros canarinhos da terra que sobrevoavam e ficavam na varanda. Falei para a sábia benzedeira que recebi a visita de um pássaro grande, de olhos vermelhos e penas longas:

- Pássaro com olho vermelho é alguma alma de gato. É bom sinal meu fi. – Vai benzê?

- Vamos!

Eram várias cadeiras para sentar. Escolhi a antepenúltima e sentei-me. Ela disse:

- Senta na última! O que tiver de ruim vai embora! – Era a cadeira mais próxima da porta de saída.

- Põe as mãos nos joelhos.

Ela rezou em voz nítida.

Dei um abraço nela e me despedi.

- Posso ser seu neto?

- Pode sim meu fi!– Talvez aí foi a minha segunda benzeção.

“Dizem que em algum lugar, parece que no Brasil, existe um homem feliz” – Vladimir Maiakóvski”

[...] Comecei a entender que, para além das mortes por doenças,
havia mortes por religiões, mortes por não ter o que comer, morte por ser pobre
e as mortes por terrenos, muitas mortes possíveis de serem vividas.
Não se morria só por número impresso nas lápides.
Jader Janer

Passei na casa de Sr. Quirino para mais uma visita. Chamei no portão. Ninguém abriu a porta. Insisti por estar a janela aberta. Chamei mais três vezes. Apareceu um senhor que avisou que ele não estava. Lembrei-me que ela havia dito que quando saía deixava alguém em casa devido o furto quando ele e esposa ficaram internados no hospital.

Decidi ir ao cemitério local que é bem próximo. Cheguei ao local e olhei para as letras que demonstravam o tempo ali passado em enormes algarismos romanos da fundação do local: MCMLIV ou 1954. O portão, dividido ao meio, tinha uma corrente entre uma parte e outra. Parecia trancado, mas não estava. A quem pedir autorização humana num local tão ermo ao final do vilarejo? Decidi adentrar. Seria uma breve visita. Toquei uma mão no chão e a outra elevei ao céu para pedir licença para Deus e Omulu onde eu estava entrando. Fiz uma prece. É um cemitério pequeno com as sepulturas muito próximas umas das outras. Para ir de um túmulo ao outro precisei pular por cima dos jazigos.

Vi túmulos opulentos e túmulos em situação precária. Lembrei-me de minha mãe, esposa e uma senhora que conheci nos movimentos sociais.

Elas me relataram que quando criança iam ao cemitério e viam muitas flores ou velas numa sepultura. Tomavam a seguinte decisão: saiam pelo cemíterio dividindo com os túmulos “dos mais pobres” as flores e velas. Vi um túmulo com um sobrenome de minha avó, porém não sei se seriam parentes, visto que ele era um Teodoro com “h”, ou seja, era um Theodoro da Silva. Nomes comuns, mas em pequenas comunidades pode ser um forte indicativo de parentesco. O túmulo tinha uma foto e estava repleto de pedras e pedregulhos. Lembrei-me do costume árabe de por pedras sobre os túmulos a cada visita. Não creio que seja o caso daquele senhor. Vi um copo do outro lado. Fui lá e com pedido de licença peguei e cheirei o líquido: era cachaça.

Lembrei-me de um senhor da comunidade. Eu estava em busca de informações sobre a filha de uma falecida benzedeira. O comércio era exatamente o do filho dela e ela morava naquele local. Esse senhor depois me contou que decidiu ter paz na vida e foi viver no cemitério pouco movimentado da comunidade.

- O senhor decidiu de uma hora para outra?
- Estava cansado de gente. Aqui não tem lugar melhor do que lá.
- Como o senhor fazia para dormir?
- Eu tinha um lampião, cobertor, uma lona improvisada e pinga. Não precisava de mais nada.
- E o medo?
- Lá ninguém faz mal para ninguém. E riu.
- E o medo de acharem que o senhor estava louco?
- Louco é coisa de quem está vivo e eu estava convivendo com os mortos.
- Mas e os vivos que o senhor encontrava de vez em quando?
- As assombrações? Destas não temos como fugir.
- No meio da noite o senhor ouviu ou viu alguma coisa lá?
- Eles não perturbam ninguém. São ótimos vizinhos. – Ao que sorrimos e ele deu mais um gole na cachaça. Deu-me a mão para se despedir e perguntou o que estava fazendo em Ponte Alta.
- Vai para o cemitério? – perguntei.

- Não. Agora vivo com os vivos: eles não nos deixam ter a paz eterna.
- Como assim?
- Eles me denunciaram. Falaram que iam me prender. Na verdade eles estavam com medo de outros descobrirem o que eu descobri.

Deixou o dinheiro da pinga e foi embora. A mão do dono do bar rapidamente pegou o dinheiro e lançou a nota no seu devido lugar. Veio uma criança e comprou doce: a nota virou troco e saiu do lugar. Da pinga ao doce, nada escapa.

Para poder chegar a cada um dos túmulos tive que seguir inicialmente pelos caminhos oficiais. Depois pular de jazigo em jazigo como disse. Foi quando vi o túmulo do irmão adotivo de minha mãe, o José Guimarães ao lado de sua esposa. Na foto a roupa de militar. Tive a oportunidade de ir na casa dele na roça uma vez somente. Depois o visitei no hospital e conversamos um pouco. Ele queria saber qual filho da Leni que trabalhava no hospital. Ele veio a óbito. Era pracinha da Segunda Guerra Mundial. No "Tiro de Guerra" de Carangola, onde os jovens da região se alistam e muitos são selecionados para servir o exército, tem um monumento e uma placa em homenagem aos que foram para a guerra. Inicialmente o soldado com uma arma na mão ficava numa praça do outro lado da rua, depois foi para a frente da instituição.

Na verdade, a homenagem foi no tempo em que fiz o curso de História juntamente com um Sargento que era do Rio Grande do Sul e veio coordenar a unidade. À época comentou-se que houve um problema envolvendo qual lugar da praça o monumento ficaria. Sendo que para muitos a praça foi dividida conforme as vontades e interesses de uma "paisagista" e do "militar". Com o resultado das eleições no primeiro turno em 2021 e vitória de Lula também no segundo turno a estátua ganhou uma grande bandeira do Brasil. Os apoiadores do bolsonarismo acamparam no local fazendo rodízio de pessoas, atos em frente ao Tiro de Guerra e colocaram hinos militares e autodenominavam de patriotas: do Hino Nacional ao "ou ficar a Pátria livre ou morrer pelo Brasil" que é o Hino da Independência e outros...

. Certo dia decidimos passear de bicicleta pela referida praça. Era um dia bonito. Lá estavam eles na barraca bastante espaçosa com meia dúzia de gatos pingados ouvindo os tais hinos militares. Um rapaz de muita coragem passou pelo local, retirou a bandeira e disse em voz alta que eles não respeitavam a democracia, que já haviam perdido as eleições, e que ali não era o lugar deles. Percebi que o jovem era de camanda popular e negro. Um jovem corajoso e consciente.

Eu disse para minha esposa: - Olha a cara dessa gente diante da coragem desse rapaz. Isto me traz esperança neste país. Observe: quem está ali é branco e diz que tem alguma visibilidade social na cidade. Consideram-se acima de qualquer coisa. Falam de "Deus, pátria e família" assim como

os fascistas que criaram e propagaram esta frase.



As pedras... – Acervo pessoal

Após a vitória de Lula no segundo turno e a proximidade da posse em primeiro de janeiro o movimento na cidade foi tomando um fôlego cada vez maior de golpismo. Em meio a tudo aquilo, em meio ao silêncio dos militares da instituição, da Polícia Militar e fórum local, o que ocorreu em todo o país, a prefeitura “fez uma revitalização da praça e o “Tiro de Guerra” declarou que o monumento estava precisando de uma reforma e decidiram mudar o local do monumento em homenagem aos Pracinhas para a fachada do local onde ficaria mesmo depois da restauração. Bonita homenagem. Quanto ao monumento é de gosto no mínimo duvidoso esteticamente. Gratidão ao rapaz por ter tido tamanha coragem e me feito gargalhar ao ver a cara de cada um deles.

Voltemos ao espaço geográfico dos mortos, se é que os que estavam naquela praça estavam vivos em vida: quem apoia a necropolítica no mínimo me traz reflexão de morte em vida. Eu estava entre os mortos, aqueles que não me fariam mal algum como me ensinou o senhor que morou no cemitério de Ponte Alta por um tempo. Fui por outro caminho, pulando nos sepulcros e vi uma placa com uma cruz arrancada de algum túmulo. Estava perto do túmulo do filho: o José Guimarães.

Aquela placa e aquela cruz remeteu-me a uma série de acontecimentos da minha vida até chegar ali: na intimidade da cruz. Alziro Lacerda Guimarães. Ele teria sido"desalojado de seu túmulo"? Quando minha avó e ele separaram o que ocorreu na vida dos dois? Era o ano de 1995. Minha avó após o culto na Assembleia de Deus em Carangola foi almoçar conosco. Veio junto com minha mãe e pai que voltaram a ser assembleianos. Eu continuei onde estava e sozinho. Quando minha avó foi tomar um café engasgou. Depois comeu muito pouco e também engasgou:

- Minha garganta não está boa! Deve ser essa gripe brava que não me larga.

Um de meus sobrinhos nasceu no mesmo mês que eu havia começado a trabalhar no hospital. Ele foi uma grande missão durante um bom período de minha vida. Ele possuia inúmeras comorbidades. Depois a vida seguiu. Meses depois minha tia me procurou desesperada no hospital com uma radiografia nas mãos de minha avó Maria. Abri e vi. Era um tumor bastante volumoso no esôfago. Fiquei sem chão.

- Josias cuida da sua avó porque o médico disse que é irreversível.

Fui ver a minha vozinha. Tão linda e tão fraca. Conversamos. Ela ficou feliz em me ver. Combinamos que todo o horário que eu pudesse iria lá no quarto dela. Era uma enfermaria com sete leitos e as outras pacientes já estavam conversando com ela o que me deixou mais tranquilo porque eu tinha muitos pacientes a me esperar na outra clínica.

Pediram para me chamar. Era uma Enfermeira Prática em vias de se aposentar, uma grande profissional que me disse:

- Josias eu não acho veia em sua avó. Já piquei ela várias vezes, mas as veias não estão boas e rompem. Tenta você. - Eu era novo. Estava aprendendo ainda, mas entendi o que ela estava dizendo.

- Tudo bem. Tem reparil aí? Vamos enfaixar o braço. – o soro infiltrou muito. Olhei a pele: estava sensível, castigada pelo tempo, com inúmeros hematomas.

Puncionei a veia e junto com minha amiga colocamos o esparadrapo, uma tala e enfaixamos para ela não perder a punção periférica. Agradeci minha amiga. Sabíamos que devido a dificuldade de acesso venoso periférico seria necessária uma punção profunda feita pelo médico, uma subclave

ou uma disseção de veia.

Minha avó foi ficando no hospital. Levava para ela iogurte já que a sopa liquida pastosa ela não conseguia ingerir. Ela tentava tomar e engasgava. O médico me disse que faria uma punção subclávia nela para os soros e medicações. Quanto à alimentação seria colocado uma sonda no abdomen direto no estômago para alimentação e remédios.

Quando a veia puncionada começou a infiltrar ela me disse:

- Não quero mais nenhuma agulhada. Quero ir embora. - E ela foi. Conversei com minhas tias e mãe sobre a situação terminal. Algumas já sabiam.

Um dia chegou lá em casa o seguinte pedido:

- Pede para o Josias um remédio para tirar essa carne da minha garganta. Eu pago ele assim que receber.

O que fazer? Eu poderia ter dado uma bala tic-tac daquelas parecidas com comprimido. Mas nada iria resolver. Perguntei se alguém conversou com ela a respeito dos procedimentos pedidos pelo médico. Se ela aceitasse eu pediria a internação e faríamos o que foi proposto e necessário. Ela manteve a palavra de não voltar mais ao hospital.

Minha mãe e eu fomos visitá-la. Ela estava em estado terminal bastante avançado no quarto. Parecia confusa e desorientada. Ela queria falar com minha mãe. Ela entrou.Vomitou na vasilha um líquido esverdeado.

- Leni eu quero te pedir perdão.
- Mãe se eu errei a senhora me perdoa também.

Os dias se passaram e no dia do aniversário do meu sobrinho ela partiu. Fomos para sua casa velá-la. Foi uma noite longa. Ao amanhecer uma prima e eu fomos em busca de folhas e flores para colocar no caixão. O que conseguimos colocamos sobre seu corpo. Seria aquela a sua última benzeção? A morte pode ser a última benzeção de um ser humano? Ouvi um bate-boca entre os filhos que estavam no velório. Um deles, que possuía boas condições se negava a contribuir no pagamento do caixão. Naquela época não havia os planos funerários populares atuais com direito a caixão, flores, coroa de flores, café com biscoitos, capela com ar condicionado, dormitório entre outras coisas. Tenho mais medo de deixar de pagar o plano funerário do que de morrer. Aquilo ficou na minha cabeça.

Quando chegou o momento do culto as irmãs do Círculo de Oração começaram a entoar cânticos que me remeteram às ancestralidades

africanas, às lavadeiras do rio Carangola em sua historicidade. Elas não choravam. Era uma despedida de tamanha fé porque o círculo se reuniria numa outra dimensão em tempos diferentes que não sei explicar. Agradeceram a Deus pela vida de minha avó. Colocaram a tampa e fecharam o caixão. O percurso era longo e o sol escaldante.

No caminho pensei no que minha avó passou em sua vida. Discretamente ouvi uma pessoa falar que lá em Ponte Alta, assim que ela se separou, homens tentaram invadir a sua casa para estuprá-la. Mulher separada era prostituta, na dimensão desta palavra naquele tempo isso era bastante pesado. Que vida! Subimos a "Ladeira da Saudade" na antiga Chácara do Afonso . Vi os jazigos luxuosos pelo caminho. Adentramos em outra parte do cemitério com verdadeiras obras de arte pelo caminho. Tivemos que voltar com o caixão. Ela ficaria do lado de fora daquele espaço, na gaveta vertical. Os hinos e os choros. O caixão no espaço delimitado, massa e tijolos. Seu último aluguel provisório para abrigar seu velho corpo.

A morte é a mesma para todos, mas no cemitério não somos iguais. Muitos com poucos meses terão seus ossos queimados para desocupar espaço para outra pessoa.

O pensamento voou! Vi um túmulo pequeno próximo à Cruz do Sr. Alziro. Era um túmulo de uma criança. Fiquei a pensar na película "Nós que Aqui Estamos por Vós Esperamos". Uma verdadeira obra de arte brasileira. Através de imagens do século XX voltamos ao mundo em suas amplas dimensões culturais, históricas e econômicas alinhavadas à vida e a morte com imagens trágicas. É uma grande reflexão que envolve inclusive o mundo que herdamos.

Estava sentado contemplando o túmulo da criança. Levantei-me e caminhei rumo ao portão. Desci as escadas de costas, pedi permissão, fiz uma prece e deixei o portão como estava. Do lado de fora estava fazendo anotações. Quando encontrei um grande amigo e primo de consideração:

- O que você está fazendo aqui Josias?
- Vim visitar o cemitério. Vi as fotos de sua avó e avô.
- Viu a do meu pai?
- Seu pai morreu?
- Sim.
- Minhas condolências. Lembro da consideração que meu pai e mãe tinham por ele. Vocês sempre nos visitavam no Santo Onofre. Eu não vi a foto de seu pai. Vamos entrar e tentar achar?

- Eu não entro em cemitério. Eu creio que não colocaram foto dele não...Vou providenciar. – Ele seguiu seu caminho para a roça de moto.

Fechei o caderno. Olhei para minhas calças e vi que estavam repletas de carrapicho daqueles que espetam a mão ao tirá-los.

Retirei um por um. Pensei sobre a morte e o carapicho. Na minha cabeça uma cena da película e uma frase de Vladimir Maiakóvski: “Dizem, que em algum lugar, parece que no Brasil, existe um homem feliz”. Eu iria encontrar um outro benzedor da comunidade e precisava caminhar novamente pelo caminho dos chamados vivos. Seria ele o tal homem citado por Maiakóviski



Andarilhando – Acervo pessoal

Uma Casa onde a Música Benze



Uma casa ancestral – Acervo pessoal

Cantos,

cantos,

contos.

E assim,

corpos,

palavras,

as coisas,

pessoas

se tocavam.

Jader Janer

Terreno Baldio - Texto original em prosa.

Fui caminhando pela “rua de cima”, cheguei na“rua de baixo”e depois na praça. Sabia que era na Rua da Glorinha. Mas onde era a rua do benzedor?

Pergunto daqui, pergunto acolá, encontro uma prima e ela me disse: - É logo ali!

Cheguei na casa e bati palmas. Fui muito bem recebido antes mesmo que alguém abrisse a porta. Um crucifixo com um olho de boi e umas cuias, casas de passarinhos, que nunca tinha visto.

A Dona Terezinha, esposa do Sr. Vantuiu, me recebeu na varanda da casa. Depois de nos apresentarmos falei da pesquisa e das pessoas que tinham me indicado o marido dela. Perguntei pelas cuias penduradas pela varanda. Ela me disse que era coisa do Vantuiu. Perguntei a origem das cuias como casas de passarinhos. Ela disse que isso era dos antigos, mas que possivelmente os puris faziam isto há muito tempo.

- Ele não demora. Saiu com um amigo para fazer um trabalho.
- Não quero atrapalhar. Quero conhecê-lo e falar sobre a importância dele e de vocês na pesquisa.

Quando menos esperei eles estavam se aproximando na estrada de chão. A terra estava molhada e com um pouco de barro. Vinham rindo junto com uma criança pequena. O pequeno correu em casa e foi buscar sua linha de pipa. Não vi pipa ou flecha como chamamos nesta parte de Minas.

Fiquei durante dias me perguntando por qual motivo não perguntei para a criança pela pipa.

A linha de pipa trouxe-me reflexões que me remeteram à minha infância e se desdobrou no agradecimento desta escrita.

Topogênse da vivência numa “pesquisa com...”

O novo sempre emerge.

A criança me disse tudo.

Existem outras formas de voar.



As apresentações se deram em meio a toda aquela alegria.

Eles me convidaram para entrar. Guardaram o carrinho de mão. Quando cheguei na casa achei lindo o altar da casa. Sentamos e conversamos mais um pouco. Urides se despediu. Mas logo voltou e perguntou:

- Será que vai dar para dar uma “toada”? – Pensei que eles voltariam a trabalhar. O que seria toada?
- Vai sim. – ele saiu mais uma vez.

Depois o amigo do benzedor e sanfoneiro voltou.

- Pega lá o violão.

Quando menos esperei o amigo estava tocando violão, Sr. Wanto na acordeón e eles cantando.



A música que benze – Acervo pessoal

- Pega lá a acordeon. Vantuiu começou a tocar o instrumento. Dona Terezinha deixou a cozinha e trouxe uma pasta com músicas.

E de uma música adentravam noutra. Mais uma conversa, outra música e assim estávamos juntos naqueles momentos onde estávamos nos conhecendo. Os três sempre tocam em casa e convidam os amigos da comunidade para irem celebrar a vida. Também tocavam em outras comunidades e cidades.

Eu estava conhecendo um benzedor sanfoneiro.

Depois que eles tocaram uma determinada música eu disse que meu pai quando ouvia no rádio determinadas músicas os olhos brilhavam.Ele ia em muitos forrós quando jovem em Ponte Alta e região. Comentei que ele sabia os tipos de música. Quando citei o "calango" eles disseram: deve ser uma dessas assim... E tocaram exatamente uma música que ele sempre cantava.

Eu estava na terra dos meus pais. Para além de uma narrativa lá do passado eu pude viver naquele espaço geográfico em outro tempo algo que era tão dele, tão ele e porque não dizer tão nosso?

Tudo o que estava vendo e ouvindo me remeteu à pintura de Jurandyr, um brilhante pintor carangolense. Em suas telas está o precioso do cotidiano da camada popular. Em suas pinceladas o miúdo do cotidiano. Creio que poucas pessoas tinham um olhar tão apurado para a realidade do povo na lida do trabalho nos morros e periferia de Carangola, assim como da cultura e do folclore da cidade.

Para quantas dimensões a música pode nos levar?

As pessoas sabem das benzeções de seu wanto, assim como da alegria de sua casa e por onde passam.

Ora benzendo, ora cantando ou os dois.

Ouvir.

Quando as pessoas falam seu Wanto ouve atentamente.

Uma vizinha me disse que morar perto do benzedor é um privilégio: as pessoas saem de lá melhor. Seja quando benze ou quando toca e canta.A mão que toca instrumentos e vidas.



Óleo sobre tela de Jurandyr Henrique Alves. Acervo de Márcio Domingues.

E as músicas se sucediam. Até ele parar por um momento e perguntar como funciona uma pesquisa. Eu já havia explicado, mas eu gostei dele retornar ao assunto:

- É algo tão bonito como a música que vocês tocam e cantam. Foi quando D. Terezinha nos serviu um café.
- É difícil tocar acordeon? – Perguntei.
- Não. O instrumento foi tirado da voz da gente.

E mais música. Por fim eu batia palmas e apareceu a esposa do amigo para dançar. A irmã dela dançava também. Chegou uma outra senhora e ela foi para a cozinha conversar com D. Terezinha. Ela estava com uma bebê.

Continuamos a conversar. Perguntei como foi a infância dele. E como a maioria das pessoas do local começou a trabalhar bem pequeno. A esposa de Urides começou a fazer cócegas em Vantuiu. Ao que ele ria de ficar vermelho. Depois tocaram mais músicas e cantaram.

Sr. Vanto como popularmente é conhecido me contou que aprendeu a benzer com a mãe dele à noite porque durante o dia todos trabalhavam muito na lavoura, inclusive sua mãe. Ela tinha um grande conhecimento a respeito das plantas medicinais. De pouco a pouco ela foi ensinando. Quando ele completou 15 anos a mãe lhe disse um certo dia:

- Vai lá na casa do Sr. Manoel e benze do jeito que eu te ensinei. Você vai no meu lugar. – ele foi e benzeu.

Quando ele voltou ela lhe disse: - Agora segue seu caminho!

- E eu estou até hoje benzendo.

- E a música como o senhor e ela se encontraram? – perguntei.

- Meu pai era sanfoneiro, mas não gostava que ninguém colocasse a mão na sanfona dele. Eu aprendi olhando, assim como as benzeções.

Quando meu pai saia eu tocava acordeon escondido à noite.

O benzedor e sanfoneiro casou-se aos 22 anos. O casal além dos filhos tem 117 afilhados e 14 filhos.

A senhora que estava com a criança é amiga da família, mas mora em Itaperuna-RJ e foi levar a criança para benzer. Fiquei na sala enquanto ele benzia em outro cômodo.



Topovivência: amorosidade no espaço – Acervo pessoal

.

- O quebranti é assim: muitas vezes a criança está brincando e as pessoas ficam a olhar e muitas vezes é o próprio pai e mãe que colocam sem saber.

D. Terezinha me disse que vem gente de muito longe para benzer. Muitas vezes ligam. Ele sempre dá um jeito de atender.

- Por um tempo eu benzi, mas comecei a me sentir mal. – Disse Terezinha.

- O que a senhora sentia? – Perguntei.

- Eu ficava fraca e caia na cama dormindo o tempo todo.

- A Terezinha tem o dom, mas ela não tem força. Se uma pessoa que benze tem o dom, sabe as rezas, mas não tem força o problema fica com ela. Agradeci a família por tudo e disse que depois ligaria para a gente conversar mais.

Fui para a casa de uma amiga que não estava presente. Eles são amigos em comum com a família do Sr. Vantuiu. Bati na porta e teria que

esperar o término da reunião pedagógica da E. E. Pedro de Oliveira. Dividiríamos um táxi para retorar para casa. Cumprimentei as pessoas e disse que eu era amigo de Day.

- Qual seu nome?
- Josias.
- Você que é o famoso Josias. A Day gosta muito de você.
- E eu dela. – Abriram o portão. Vi as plantas lindas que ela cuida com muito carinho. Seu esposo trouxe um copo cheio de café e um prato com torresmo e mandioca frita. Que maravilha.
- A mandioca eu colhi aqui no quintal. E o torresmo é daqui de Ponte Alta mesmo.

Fui comendo, conversando e ouvindo os "causos". Foi quando uma senhora que estava presente me disse que era filha de Sr.Vantuiu e D.Terezinha.

- Como é ser filha de benzedeiro?
- É bom porque a gente aprende a fazer o bem sem esperar nada em troca.´
- Gostaria de ouvir você com mais calma quando eu retornar. Porque não deve ser fácil.
- Quando você vir é só me falar e a gente conversa.

A mãe de Day me disse que tem uma benzedeira que agora é evangélica, mas ela conversa tranquilamente sobre as benzeções que ela fazia.

- Tem o Sr. Divino no Taquaruçu, no terreno da Jane, mas é longe...
- Eu agradeço muito por tudo.

Falamos sobre plantas e a mãe de Day me deu uma jade de presente. Ela trabalha na Pousada Beija-Flor e me convidou para ir lá conhecer. Mostrou-me seus panos de pratos e comprei um.

- Quando você vir pode ficar aqui em casa e dormir. – Disse o Pai de Day. E acrescentou:
- A minha família e de Vantinho é uma só.

Um Altar com as Marcas do Tempo e das Mãos de uma Benzedeira.

Olhar a vida no tempo é fundamental,
mas olhar a vida pelo espaço cria as coetanidades,
mesmo entre pessoas que viveram em diferentes momentos da história.
Jader Janer



Carangola e a linha do trem. Óleo sobre tela pintado por Wellington Vilela. Acervo pessoal.

Com o problema relativo ao transporte escolar para Ponte Alta elaborei um ofício para encaminhar para a Secretaria de Transportes quef unciona anexa à Secretaria de Educação. Desci como sempre de bicicleta e o cão Duque me seguiu correndo até o centro da cidade. Chegando ao local procurei o Secretário da pasta. Ele estava conversando com alguns colegas de trabalho e eu fiquei aguardando para dialogarmos. Ele me perguntou:

- Josias você não está lembrando de mim?
- Sua fisionomia não me é desconhecida. – respondi.
- Eu levava muita gente no Pronto Socorro para fazer exame de corpo delito.
- Agora lembrei! Mas você agora está à paisana – rimos.
- Aposentei da polícia militar.
- Que bom porque Professor no Brasil vai morrer trabalhando. Segundo meus cálculos eu vou desencarnar e reencar duas vezes para aposentar. – Ao que ele riu. Eu sempre percebi um grande respeito dos Policiais Militares pela Enfermagem. Percebia o mesmo em relação aos caminhoneiros com os Professores nas inúmeras idas e vindas pelas estradas da região de carona. Ele leu o pedido e viu que o tema envolvia as benzeções. Disse que sempre teve interesse no assunto e que estava a procura de um benzedor. Durante o diálogo eu comentei que tentei me aproximar da Comunidade Quilombola de São Pedro em Divino-MG, mas não obtive nenhuma resposta. Ao que ele me disse:
- Conhece a D. Lica?
- Não conheço. Ela é de onde?
- Do Santo Onofre.
- Eu morei lá mais de vinte anos e não a conheço.
- Pode procurar por ela. Pode citar meu nome e nossa conversa.
- Ela é mãe de quem lá? – Ele me citou vários nomes, mas um dos filhos dela é meu grande amigo Careca, um grande Capoeirista. Eu conhecia a família, mas desconhecia a D. Lica.

Depois de tentarmos uma forma para eu chegar em Ponte Alta para dar prosseguimento na pesquisa e resolvermos data e horário decidi ir até ao Santo Onofre e me apresentar. Deixei a bicicleta na parte baixa do bairro, perto de um supermercado.



O morro do Santo Onofre – Acervo pessoal

Subi o Escadão Santo Onofre que por algum motivo retiraram a placa na lateral direita do logradouro e numa casa à esquerda constava o nome de uma“rua” acrescido do nome de um agraciado. Então, o agraciado não pode ter o nome de um escadão? É ofensivo?

Subi o morro e vi de longe a casa onde moramos. Meus pais trabalharam muito até ser vendido por um preço bem abaixo do valor, quando meu irmão caçula, que já era maior de idade, engravidou uma vizinha do morro e o pai dela revelou a situação: ou assumia ou o prenderiam, além de outras questões. Venderam tudo na bacia das almas e foram para Macaé-RJ. Eu já havia saído de casa e segui minha vida. Cuidei de meus pais no período em que morei com eles. Creio que foi uma boa experiência: cuidar de quem me cuidou. Não passei pela frente da casa, virei à esquerda para chegar na casa de D. Lica, informada por uma ex-vizinha que tinha sobre sua porta de frente para todos olharem uma toalha de Lula pregada. Era período eleitoral. E ela disse que muitos passavam e xingavam. E ela continuava no morro o movimento popular.

Subi uma ladeira e perguntei para uma pessoa onde era a casa de D. Lica.

- É aquela ali.

Bati palmas. O filho dela veio atender. Logo depois ela apareceu. Ela me convidou para entrar. Sentamos num banquinho bastante aconchegante.

- Eu te conheço. Você já morou aqui. Você é filho de Seu Bil e D. Leni.

- Sim. Morei no escadão. Mas tive uma vida bastante recolhida e depois fui para o mundo do trabalho. Eu ficava muito em casa principalmente no meu quarto. Geralmente eu passava perto de sua casa para descer o morro e chegar no antigo chafariz para ir na Igreja Batista. Frequentei a igreja muitos anos. Hoje não sou batista. Eu não dei conta do mundo evangélico e nem eles não deram conta de mim. – rimos bastante. Disse-lhe que tenho um grande carinho e amizade com o Careca, filho dela. Expliquei sobre a pesquisa e ela agradou da proposta.

Conversamos sobre os cuidados no morro e ela me contou que foi uma das primeiras moradoras do Alto do Santo Onofre.

- Não havia a escola, nem mesmo a Igreja Católica. Eu vim morar nesta casa e meu marido construiu um barraquinho de madeira para a gente morar. Não tínhamos vizinhos. Aos poucos as pessoas foram chegando até ficar bonito como está agora.

Falamos de fé, do respeito que as pessoas deveriam ter pela crença do outro.

- Eu sempre cuidei das pessoas. De um jeito ou de outro nasci para cuidar. Tive uma vida atribulada, mas graças a Deus venci.

- Eu vim porque me contaram que a Senhora é Benzedeira. Disse-lhe.

- Benzo há muitos anos. Sempre atendo as pessoas. Vem sempre alguém pedir uma reza para a saúde, para a cabeça que às vezes não está boa ou para alguma coisa que está impedindo a pessoa de andar livre na vida: é alguma coisa atrapalhando. – Observei que debaixo do banco havia uma vela que havia derretido.



Foi quando ela me convidou para entrar “em sua casa”. Primeiro ficamos em um cômodo onde havia uma cama onde ela sentou. Sentei-me no chão mesmo. Eu disse que não queria atrapalhar e que naquele dia fui para me apresentar. Ela contou-me sobre sua vida. Não gravei. Não senti que era o momento de gravar nada. Eu queria tão somente ouvi-la.

Falou da importância dos Pretos Velhos, Caboclos e Orixás.

- Sofri muito preconceito devido minha fé. Mas é a minha missão.

Creio que D. Lica seja um relicário do que foi o Santo Onofre. Um bairro de pessoas pobres, nascido com os trabalhadores da Leopoldina Raiway que decidiram ali morar e não seguiram a companhia na ligação dos trilhos de Carangola até Manhuaçu. Um dos berços do Jongo e das famosa Escola de Samba do Santo Onofre com seus temas afros nas cores preto e branco. Comentei sobre uma caixa bonita e antiga que ela estava olhando repleta de papéis e fotos. Elogiei:

- Leva para você. Vou arrumar uma sacola para colocar esses papeis.
- Essa caixa deve ficar com a Senhora. Guarde suas recordações aí. – Disse para a Lica.
- Eu me lembro de muita coisa bonita, meu filho, de um tempo que não existe mais. – Ao que ela me chamou para um outro cômodo:
- Vem aqui. Vou te mostrar o que tem do outro lado.

A mão da benzedeira puxou o pano da cortina de uma porta.

Ela olhou nos meus olhos e sorriu.

Quando ela abriu lá estava seu altar sagrado.

- Pode entrar. Vou te mostrar tudo.

Pedi licença ao mundo espiritual para entrar naquele espaço sagrado de História.

Quantas preces foram feitas ali? Quantas pessoas recorreram a ela e quantas vezes abriu a cortina para as pessoas passarem?



O primeiro olhar - Acervo pessoal

Havia ali um universo de coisas por mim desconhecidas. Ela foi me mostrando aos poucos. Algumas coisas eu conhecia um pouco.

- Eles estão velhinhos, assim como eu. Alguma pessoas falam para eu comprar novos, mas eu não vou me desfazer deles.
- Eles tem uma História. É o mais belo altar que já vi porque tem as marcas do tempo e de suas mãos. Disse para a consagrada benzedeira.
- Muitas rezas meu filho. Muita fé. E quando eu morrer?
- A Senhora avisa para a família doar para mim. Vou cuidar com carinho deles. – disse.

Aquele lugar só tem sentido com ela. A fala de que muitas pessoas diziam para comprar Santos novos e que ela não pensava assim ficou reverberando na minha cabeça. Que mundo é esse? Assim fomos conversando sobre cada Santo ali presente...



O sagrado e valioso no Santo Onofre – Acervo pessoal

Fiquei comovido quando ela tocou em Nossa Senhora e disse palavras envolvendo a trajetória de vida caminhada pelas duas. A oração. O agradecimento de uma mulher de fé. São duas mulheres. Uma da Galiléia, outra do Santo Onofre. Numa terra negra, que assim como a Santa Maria mãe de Jesus viu seu filho castigado. Trazidos de mãe África foram escravizados pela ganância e depois largados ao léo. Lica não estava sozinha. Nem Nossa Senhora, Aparecida, Oxum. Naquele altar estava a síntese de nossa terra, tão linda, tão injustiçada. Da fé reprimida, de um povo esquecido e invisibilizado que resiste ao preconceito, aos rótulos e a tudo.



Intimidade das Benzeções – Acervo pessoal

Foi me explicando sobre cada imagem e cada quadro. O filho dela se aproximou. E ele me disse:

- Esse eu tenho um carinho especial...

Cantaram e dançaram saudando o Caboclo Boiadeiro. Os cachimbos no altar eram para a Preta e o Preto Velho.

- Meu filho existem inúmeros caboclos. Eles são das matas. De onde vieram os indígenas. Mataram muitos caboclos que viraram grandes espíritos que estão no mundo para nos ajudar. Os Pretos Velhos também são das matas. Eles viviam em lugares distantes, mas sabiam das plantas que curam, das ervas. Viviam em casas simples e as pessoas iam lá para curar o que estava destrambelhado na vida. Os Pretos e Pretas Velhas curavam e curam muita gente, mas o principal: dão bons conselhos. A gente precisa ouvir o que eles estão nos dizendo. Eles tem muita sabedoria.

Havia na mesa uma Santa com vários pedaços de papéis no pescoço com nomes. Ela foi retirando e me explicando:

- Essa é a Nossa Senhora das Cabeças: pedimos sabedoria e inteligência para a pessoa para que ela acalme o cérebro e tenha sabedoria e justiça porque é a cabeça que comanda o corpo.

Vi o terço. Aos poucos fomos apresentados pela D. Lica, os Santos e eu.

Gostei muito do quadro de São Lázaro e os cães. Existem muitos lázaros por aí: em pesquisas que "já cheiram mal", não admitem o que emerge na vivência e estão mortos em vida. Há ali naquele espaço, em meio às imagens católicas e de candomblé a religião que de fato teve origem no Brasil: a Umbanda.

Quando lá voltar vou pedir para ela colocar meu nome envolta do pescoço de Nossa Senhora das Cabeças. Estou precisando. Quero levar uma vela para mim, para o mundo e pedir por nós. Uma vela simples que com sua simplicidade nos ilumine no caminho desta pesquisa, da vida que está na vida e que através dela possamos nos tornar pessoas melhores. Fiquei a pensar que nesses encontros da vivência em Vigotski e da topogênese de Lopes. De certa maneira recebemos e retornamos para a filogênese o mundo que nos acolheu pela sociogênese. Pelas galerias da topovivência tudo se ressignifica: os seres envolvidos e a humanidade não é mais a mesma, pois a vela aparentemente derreteu, mas a chama foi acesa. Uma vez acesa a intenção se desdobra...É quando se faz luz, prece e palavra bendita.

É quando no encontro e através do cuidado nossa espécie volta, ou deveria voltar, a ser o que era nos primórdios para não sucumbir: a cooperação, a convivência, o coexistir e o cuidado (Lopes,2011).

Nas benzeções a dialética e o dialogismo. Ouso dizer que essas pessoas, mesmo sem saber, compõe o círculo de Vigotksi e Bakhtin. A Teoria Histórico-Cultural de Vigotski em espaços sagrados, únicos, da vivência na Topogênese pelo planeta (Lopes, 2021) não seria diferente no Santo Onofre.



Registro do sagrado – Acervo pessoal



Detalhamento de preciosidades – Acervo pessoal

Não percebi nenhum estranhamento da parte de D. Lica. Parecia que nos conhecíamos há muitos anos. Eu me senti muito bem em me encontrar naquele chão sagrado onde há toda uma História de luta e resistência.

De fato ela não me era totalmente desconhecida. Eu tive uma amiga Professora que era da Umbanda. E ela sempre me contava algumas questões envolvendo a vida dela particular, principalmente afetiva, suas relações familiarares eram tensas. Ela me falava de um Centro de Umbanda no Santo Onofre. Depois que estive com D. Lica, certo dia me encontrei com a colega que há um bom tempo não a via e conversamos. De fato era o mesmo local.

Interessante que quando ela começava a falar e eu também, a biblioteca escolar ficava vazia. Todo mundo saia para outros lugares. E na cabeça deles nós éramos dois macumbeiros no sentido pejorativo da palavra. E era ali, naquele espaço de escuta que eu me abria para os conhecimentos de minha amiga e suas vivência. Seus dilemas pessoais e profissionais que eram resolvidos com o intermédio da benzedeira e creio que também Mãe de Santo.

Ela me disse que o filho dela recebia o Caboclo Boiadeiro. E que ele estava feliz, mudou o comportamento em casa e com as outras pessoas. Ele tinha uma missão espiritual: ajudar as outras pessoas. As escolas brasileiras e seus encontros. Que pena de quem foge para não conhecer essas preciosidades.

Quando nos retiramos do cômodo vi um lindo colar. Ela me disse que era de seu tio que era devoto de Preto Velho e me deu de presente. Sr. José recebia o Preto Velho. Morava na zona rural de Alvorada, na fazenda do Leonel Cassiano. Teria hoje mais de cem anos. Creio que ela ali me coroou Preto Velho. Então, Preto Velho sou.



A realeza de D. Lica – Acervo pessoal

Deixamos o local do altar no primeiro pavimento. Fomos para a parte de cima da casa. Mostrou-me as fotos dos familiares e amigos. Tantas histórias! Ela conheceu pessoas que marcaram época no bairro. As saudades de pessoas que partiram. Momentos fatídicos de sua vida. Contou orgulhosa que seu neto também era Professor e que graduou em Letras na Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG. Enquanto ela me mostrava mais fotos e contava a respeito das pessoas.

- Sou parteira! Fiz o parto de muitas pessoas em Carangola, principalmente no Santo Onofre.

Muitas pessoas que convivi chegaram ao mundo pelas mãos de D. Lica.

Houve um período na História recente da saúde em que o Conselho Regional de Medicina concedeu às parteiras “práticas” uma permissão de

continuarem seus ofícios. Depois deste período tal atividade seria crime, com exceção nos casos de socorro imediato de uma gestante.

Lembro-me de uma placa que ficava na porta da casa de uma parteira que está no Museu de Carangola. Conversando com um obstetra nordestino que veio exercer a medicina em Carangola ele conta que foi uma grande parteira e amiga.

Perguntei para D. Lita sobre a vida de parteira: - Não tem hora meu filho. Era a qualquer hora do dia. Eu levava Nossa Senhora do Bom Parto e acendia uma vela. É bom para pedir a proteção divina. Agora estou bastante idosa e não faço mais partos. Faço as benzeções - Como é bom ver uma vida chegando ao mundo e a gente começar a cuidar.

Comentei a respeito da questão da tal liberação do Conselho Regional de Medicina. Ela me disse:

- Eu tenho um diploma. - Perguntou para o filho sobre algo que ela havia guardado. Era uma sacola repleta de papéis, lembranças e recordações. As pessoas mais antigas não jogavam nada fora: tudo tinha um significado mais amplo em termos de carinho e amorosidade, por mais simples que fosse. Fomos conversando e olhando a sacola.

- Eu vou achar para você ver: eu sou parteira diplomada!

- É um documento histórico D. Lica. Põe numa moldura. – disse-lhe.

- E como a senhora recebeu o diploma?

- Eu fiz o parto de uma criança e na época, depois ele virou vereador.

Foi quando encontramos o "Diploma de D. Lica". Era uma Moção de Aplausos da Câmara Municipal de Carangola.

- Foi uma festa linda. O salão estava cheio.

Eu olhei para aquele papel e fiquei a pensar durante dias sobre aquele momento. D. Lica com seus saberes e fazeres via naquele papel um diploma que dava uma outra dimensão para seus atendimentos durante toda a vida enquanto parteira. O "diploma" que ela não tinha, mas que passou a ter, assim como o neto.

- Eu não fiz faculdade, meu neto fez. Mas eu também tenho um diploma. - O olho dela brilhou e um sorriso no rosto dela.

- Comecei a benzer com o Sr. Aristides no Centro Espírita. Ele era católico, frequentava a igreja, a gente era tudo menina, coroinha. Ele tocava na banda da Igreja de Santa Luzia. O Centro era pra cima da policlínica e da antiga delegacia. Neste tempo eu morava na rua da Caixa D'Água de frente para o atual asilo.

- Eu fiquei muito doente. Ele me levou para lá. Eu estava com dezoito anos e comecei a passar mal. É algo muito milindrado para te contar.

Eu via as crianças passando mal e tinha vontade de fazer aquela caridade para eles. Eu queria benzer desde novinha. E depois eu acabei me encontrando com as benzeçoes. Quando eu vi estava fazendo. Eu via ele fazendo... Não era só eu. Eram muitos médiuns na época. A gente rezava. Tinha muitas reuniões com muitas pessoas. Eu casei . Depois de casada eu comecei a fazer parto. Eu morei num cantão. Lá pra cima da Varginha numa roça – atual distrito de Lacerdina – Eu tinha uma menina.

Um vizinho da comunidade me chamou:

- Dona Lica! Eu vou fazer umas compras lá na Varginha a senhora fica com minha esposa?

- Fico. – respondi. Eu estava numa esteira, já era de tarde. Naquela época tinha muita pobreza, muito cobreiro. Quando cheguei lá a mulher passou mal. Era uma senhora loira, muito bonita. Tinha só quinze dias que eu estava morando perto deles. Ela me disse assim:

- D. Lica estou sentindo umas dores...

Pensei: - Ai meu Deus do céu e disse para ela ficar quietinha. Quando pensei que não nasceu uma menina. Daí um muncadiquim nasceu uma outra menina. Depois outra. Eram três meninas! Eu fiquei apavorada com aquilo. Estavam na casa eu, ela, Deus e uma menina dela pequena no meio da noite. Eu amarrei e cortei os umbiguinhos das meninas. Depois cortei as placentas.

Enrolei as meninas e pus todas deitadas com a mãe. Quando foi um cadim eu olhei da janela lá na estrada longe vinha o marido dela mais um homem com um saco no ombro bêbados, caindo para lá e para cá. Quando ele chegou na casa eu abri a porta. Ele disse:

- Oi D. Lica!

Respondi: - Olha lá para você ver!

Ele foi e gritou assustado.

A gente reza um Pai Nosso, uma Ave Maria e para Nossa Senhora do Bom Parto. Pede ao Anjo da Guarda da mulher. Esse foi meu primeiro parto e não parei de fazer.

Nos outros partos eu sempre que podia acendia uma vela em intenção de Nossa Senhora do Bom Parto.

Fiquei a pensar em moções da Câmara Municipal que nunca fui lá buscar e o que determinados lugares e instituições possuem um poder de "legitimização" sobre a camada popular. O "Diploma de D. Lita" é lindo, mas creio que no mínimo, nos faz repensar a vida e a academia, por exemplo.

Não são universos distintos, ou não deveriam ser dicotômicos.

Chegou uma senhora com uma mocinha. D. Lica disse para ela:

- Você lembra dele?

- Ele trabalhava no hospital. Morava ali no escadão. Filho da D. Leni e Seu Biu.

- Tudo bem com a Senhora? – Senti um carinho da parte dela. Muitas vezes nossa memória não lembra das pessoas, mas as pessoas sabem da gente.

- Eu fiz muito curativo de vizinho quando morei aqui. Ajudava na medida do possível e creio que as pessoas reconhecem o cuidado e o carinho. – comentei.

- Eu trouxe a menina para benzer. Ela está com tontura, suando frio, com cansaço, dor nas pernas, no peito, muito ansiosa e com a cabeça estranha.

Ao que D. Lica pediu para entrarem para a sala.

- Deixa eu ver suas mãos minha filha.

Ela examinou as mãos da jovem. Pensei que ela lia também as mãos. De fato lia, mas de outra maneira.

- É espinhela caída.

- Vem cá meu filho para eu te mostrar - Ela colocou minhas duas mãos uma encostada na outra.

- É assim: você olha os dois dedos mindinhos.

Observei .

- O seu está normal. Agora olha o dela. Eu vou te ensinar muitas coisas. - Eu fiquei muito emocionado com o carinho dela comigo. Ela me ensinar a forma como reza a espinhela caída de uma maneira que até então não tinha visto.

Ela ouviu o que estava acontecendo na vida da jovem atentamente. A mãe também contou coisas.

- Espera só um pouquinho.- D. Lica foi buscar seu terço. Tão delicado.



“A leitura das mãos”, a reza e o crucifixo sobre a espinhela caída.

Fez uma orações com o terço na região da espinhela e pediu aosSantos Católicos que a livrassem daquele mal. Terminada a prece recomendou as orações a serem feitas e pediu para que ela se banhasse com chá de arnica.

- Você tem lá?

- Tenho. Se não tiver pega aqui.

Elas foram embora. Continuamos a conversar. Ela me disse que existem inúmeras rezas. As pessoas sabem que D. Lica é católica e da umbanda. E isto não é problema para quem a procura com seus problemas. Falamos sobre os Orixás. Ela me disse que eu precisaria ir lá com mais tempo. Foi quando chegou um senhor que pediu uma benzeção. Ouvi-o atentamente. Ela foi olhar as mãos e me chamou. Olha a mão dele meu filho.

- Você trabalha com o quê?

- Trabalho na lavoura há muitos anos.

- Já teve problema com esse dedo daqui?

- Eu tive um acidente e ele quebrou.

Está vendo meu filho, cada pessoa é uma pessoa. – disse-me. u -

Aqui no caso dele não é espinhela caída.

- Vou te benzer. Fez as preces com o terço e a Santa Cruz.– Serviu um café e ele foi embora. Ficamos a conversar. Ela me disse:

- É preciso tomar cuidado com o que entra e sai em nossas casas, assim como em nossas vidas. Vou te ensinar uma benzeção para purificação de ambiente. Você pega um copo de água e começa a sua prece do cômodo mais afastado da porta de saída para a rua. Vai passando em oração por todas as partes da casa. De um ao outro até chegar ao último cômodo. De costas para a porta da rua, você joga a água para fora.

Depois você coloca um pouco de cachaça na porta de sua casa ou um copo com água. Você abre a gira.

- O que é a gira? – perguntei.

- O equilíbrio da vida. O movimento que a vida tem e que muitas vezes pode não estar funcionando.

Mostrou-me seus lindos bordados: - Eu sou bordadeira também...

Mostrou-me seu quarto e creio que ali também tenha um altar sobre sua cama. O que mais me chamou atenção foi a boneca.

D. Lica não teve boneca na infância:- Eu ganhei essa de presente. Ela é linda!



A caixa das preciosidades, os Santos e a Boneca na cabeceira da cama – Acervo pessoal

Fui em direção da porta de saída no pavimento superior onde estava seu quarto.

- Almoça meu filho.
- Agradecido. Minha esposa está esperando para almoçarmos.
- Se eu ficasse ajudaria a senhora a fazer o almoço.
- Já está pronto desde as oito da manhã. – Eu creio que ela adianta tudo por causa das benzeções. Despedi-me dela e da família.
- Eu volto para a gente conversar mais.
- Pode ficar aqui para seus estudos. Pode vir a semana toda e ficar aqui com a gente.

Passei pelos caminhos que tantas vezes passei na vida. Onde eu estava que não conhecia D. Lica? Eu estava procurando algo longe num Quilombo sendo a vida daquela mulher uma luta quilombola, uma mulher negra, num bairro negro e popular. Eu tive que passar por inúmeras vivências para um dia poder me permitir vivenciar tantas coisas no encontro com a benzedeira.

Lica é a síntese de todo um processo histórico brasileiro. Onde o sagrado muitas vezes é rotulado como do demônio se encontram. Mas ela sabe assim como a sua comunidade quem de fato ela é: uma mulher de fé, luta e amor.

Vi a rua onde passava para comprar pé de moleque da mãe do Sr. João de Deus do boi pintadinho que tanto alegra a cidade no carnaval. Eu a chamava da rua e ela pedia para eu entrar em sua casa e esperar esfriar o doce. Ela tinha um pano amarrado na cabeça, negra, com aquela alegria de avó. Lá estava a velha senhora e seu fogão de lenha aceso. Cheguei perto do escadão na casa de D. Lena. Vi a toalha do Lula acima da porta.

- Vamos vencer minha amiga! – disse.
- Vai ser difícil, mas eu tenho fé em Deus e em Nossa Senhora Aparecida que vamos derrotar aquele homem.

Ela não tem ligação ou filiação a nenhum partido político. Ela me contou o que houve em sua vida e na vida dos filhos durante o governo de Lula e Dilma.

Antes dela se separar do marido, quando eu era um garoto, todo sábado o marido comprava um frango para o almoço de domingo e uma cartela de ovos para a semana na quitanda onde trabalhava. Sempre reservava para ele um frango menor, no máximo um quilo e seiscentos conforme me

pedia. Uma vida de luta, assim como a nossa “vizinho de meia”. Eram vários filhos. Todos trabalhavam como Guarda-mirim.

A guarda conseguia emprego para os jovens e adolescentes da cidade. A maioria era menor de idade. Depois, quando completavam dezoito anos tinham a carteira assinada e seguiam a vida profissional. Com as mudanças legais a Guarda-mirim deixou de existir.

D. Lena me disse que a violência havia aumentado muito, inclusive no escadão, isto há uma semana da eleição no primeiro turno:

- Em menos de uma semana mataram uma pessoa com sete tiros no final do escadão, na parte alta perto da famosa igrejinha, e outra com sete facadas no pé do morro.



Reencontros: novas lentes. – Acervo pessoal

A D. Lena fala de coisas muito sérias envolvendo a justiça social. Durante o governo de Lula e Dilma comprei algumas pinturas de alguns artistas carangolenses. Morava num apartamento financiado e por mais que a atual oposição propague no calor das eleições que o acesso da população à carne, inclusive picanha era mentira, no tempo da social democracia o país saiu do mapa da fome, comíamos muito bem. O país não estava na fila

do osso! O povo podia comer bem e fazer churrasco de um canto ao outro da cidade celebrando e festejando a vida.

Quando construímos nossa atual casa com dois quartos pequenos, uma sala conjugada com cozinha e banheiro através de financiamento do governo federal em 2017, o "Programa Minha Casa, Minha Vida" estava descaracterizado. Decidimos fazer mais um cômodo e colocamos móveis e alguns quadros. Depois percebemos que precisávamos de um lugar para estudo. Ao chegar em casa lembrei do morro através da pintura de um amigo artista, o WellingtonVilela, inspirado numa foto do início do século XX. Todo esse morro perto do trem e de frente para o prédio, antigo Instituto Propedêutico, é o morro do Santo Onofre. Veja que tem uma casa solitária no morro. Ali perto morei. Ali perto D. Lica subiu juntamente com seu marido para construir seu barraco de madeira. Não havia luz, não havia água. Havia luta para sobreviver.



Ressignificando a pintura nas galerias da Topovivência – Acervo pessoal

Desci o morro a pensar sobre tantas coisas. Eu havia tentado contato através de minha amiga Ione e estava em busca de contatos com benzeções de matriz africana. O Santo Onofre é importante para se entender as dimensões das influências negras na cidade de Carangola. Era um local de grande festividade e prática do Jongo. A importância do Jongo de Carangola vai além dos limites do pequeno município de Carangola. Ele tem relevância

nacional por possuir registro, ou tombamento, pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Em muitos lugares que fui as pessoas perguntavam pelo Jongo da cidade. Infelizmente ele passou por um processo de definhamento. Com a conversão para a igreja evangélica de uma das líderes de um terreiro no bairro, morte de Louzada no Triângulo e Sr. Arlindo na Caixa D'Água o movimento foi enfraquecendo de tal maneira que carece de todo um processo de retomada das atividades que cessaram. O Triângulo é um bairro que juntamente com o Santo Onofre são fundamentais para o estudo africano e afro-brasileiro na cidade.

Fui num encontro de Jongueiros na cidade de Bias Fortes – MG para conhecer melhor o movimento e me oferecer para ajudar. As duas filhas de Sr. Arlindo foram no encontro que homenageou o Mestre Jongueiro. Fiquei encantado com os tambores e tenho desejo de aprender a tocá-los. Nunca imaginei que ao conhecer pessoas do Quilombo do Paiol no evento teria contato futuro com Jader e com as pesquisadoras e pesquisadores do Grupo de Pesquisas em Geografia da Infância e dos Cuidados – GRUPEGI – que fazem um belo trabalho na comunidade. Certo dia Jader me contou que quem convidou o grupo para pesquisar na comunidade foi o Professor Dr. Leonardo Carneiro, nosso querido Léo, que é natural de Carangola, e à época trabalhava no Departamento de Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora. Léo era jongueiro e foi uma pessoa extremamente atuante na Universidade do Estado de Minas Gerais, UEMG – Carangola. Ele fez parte de todo um processo de buscas para se criar um "corredor cultural" na Avenida Juarez Quintão Hosken envolvendo o patrimônio histórico, os casarões do local e os bens tombados como a primeira estação ferroviária da cidade, a segunda estação que atualmente atende a cidade como rodoviária, Museu e Arquivo Municipal que até então estava funcionando na antiga sede do Barbosa e Marques via comodato. Ele juntamente com outras pessoas possuiam um ideal de uma cidade com fisionomia cultural preservada e resgatada quer seja em termos de bens materiais ou imateriais.

Ir para o Santo Onofre em busca de D. Lica é encontrar o que está próximo, valoroso e muitas vezes invisibilizado para muitos.

Para minha surpresa no dia seguinte fui ao centro da cidade para buscar um material do Doutorado que estava impresso na Associação dos Servidores Públicos de Carangola – ASPEMC – que muito tem me ajudado nos estudos. Fui encadernar o material numa papelaria e havia um grupo de pessoas dialogando. Comecei a dialogar com uma senhora conhecida de vista, médium Kardecista, sobre questões da atualidade. Ela me perguntou qual o meu serviço. Disse-lhe que era Professor e estava fazendo o doutoramento. Ela perguntou sobre o que estava pesquisando e expliquei. Ela me perguntou se eu conhecia a D. Lica. Disse que havia encontrado com ela para dialogarmos no dia anterior. A senhora abaixou o tom de voz na papelaria e me disse o seguinte:

- Eu estava com um caroço nas costas há meses. Estava tratando com um médico e usando as medicações que não são baratas. Meses de tratamento e nada. Como aquele caroço coçava e me incomodava. Eu virei para meu marido e disse: “ Pega o carro e vamos para o Santo Onofre na Lica!”. Chegando lá ela abriu o portão e contei o que estava acontecendo. Ela me benzeu. Depois de me benzer foi até o seu pé de arruda. Tirou um pequeno galho e me disse:

- Hoje à noite você toma banho, coloca esse raminho em cima um gaze ou um paninho.

- Eu fiz o que ela me disse. No outro dia quando acordei o caroço de meses desapareceu. Ela depois que me benzeu me disse:

- Você é espírita Kardecista?

- Sim sou.

- Frequenta qual casa?

- Eu respondi.

- Quando você estava sentada no Casa Espírita entrou fulana de tal, não foi? Ela entrou e te olhou. Você estava de costas.

- Sim.

- Não dê as costas para ela e firma teu pensamento.

Eu saí daquela papelaria e perdi até o rumo de onde eu havia deixado minha bicicleta. São essas pessoas com seus saberes ancestrais que foram me levando para lugares impensáveis.

A pesquisa foi gradativamente tomando caminhos aos quais eu simplesmente abraçava em vivências.

Por isso são galerias.

*

A

B

R

E

*

* TRANCA * DOS * * MEUS * INIMIGOS *

*

M

I

N

H

A

*

G

I

R

A

- A cruz e a gira de D. Lica: um Brasil que se entrecruza –

Galeria Andarilha XIII

As Palavras numa Revoada

Os verbos da vida mudam de acordo com a vida e espaços

Jader Janer

Andarilhei pela manhã em busca de um pilão. Fiquei pensando na importância deste instrumento para a humanidade e no que ele representa para aquela comunidade no sentido tradicional e nas benzeções conforme ensinado por Wilma.

Fui andarilhando e topovivenciando as pessoas da comunidade.



Beleza que benze – Acervo pessoal

No primeiro dia que cheguei na casa de D. Chica em Ponte Alta de Minas no dia doze de maio de dois mil e vinte e três deparei-me com uma porteira aberta. O terreiro varrido como costume antigo da região com a erva vassoura. Chamei e ela me atendeu. Ficamos conversando e ela me disse:

- Entra meu filho. Entrei numa varanda espaçosa de frente para o terreiro. Estava em casa. É a casa de um benzedor um lugar de acolhimento e encontros. Durante toda nossa conversa ouvi o som de muitos pássaros num pé carregado de acerola. Eles faziam um som intenso. Creio que estavam se alimentando.

- Meus pais eram benzedores. Tenho uma filha na Serra da Galdina que benze, a Selma Aparecida. Mas eu depois que passei para a igreja Assembleia de Deus eu passei pelas águas e parei de benzer. É a fé que cura. Minha casa vivia cheia de gente. Era muita gente mesmo. Vinham de longe. Era tanta que eu não tinha tempo para comer. E curava! Meu pai era o Francisco Gonçalves Godrin e minha mãe Hercila de Souza Lima. Eles moravam lá naquelas viradas. Lá nos Lima. Foi lá que eu nasci. Eu via eles benzendo desde pequenininha: mau olhado, espinhela caída, criação, tudo!

- Já ouviu falar nas benzeções de cobra? – perguntei.

- A benzeção de cobra tem uma questão: se a pessoa falar e não souber direito e falar uma palavra errada a pessoa morre. Tem que ser uma pessoa que sabe para não errar nenhuma palavra. Isso era bem antigamente. Meus pais me contaram. Eu ouvi falar também sobre as benzeções para acalmar o tempo. Dizem que existem rezas para chuver ou não em um lugar.

- Na casa de meus pais chegava gente o tempo inteiro. A gente via as pessoas que precisavam. Eu creio Josias que é a fé que cura mesmo. A pessoa benze, a pessoa pode estar ruim, lá no hospital, pode ser alguma coisa que o médico não entende, se for de benzição remédio não cura. Tem coisa que é uma coisa, tem coisa que é outra coisa. Uma senhora daqui de Ponte Alta, da Casa de Oração, me disse há muitos anos que o filho dela bem pequeno “sentiu”. Ela falou que cansou de levar no médico e não acreditava na benzeção. Mas depois foi preciso ela acreditar e caçar o benzedor e sarar. Sarou!

- Só eu entre nove irmãos virei benzedeira. Quem percebeu meu dom foi meu pai e minha mãe. Eu com quatro anos olhava as benzeções. Certo dia minha filha foi num curador longe daqui. Ele disse para ela:

- Você benze!

O filho dela disse: - Ele nunca te viu como sabe que a senhora benze? – ao que o curandeiro acrescentou:

- E foi sua mãe que ensinou.

Foi quando a D. Chica me revelou sobre sua doença e o conselho do curandeiro para sua mãe:

- A pessoa doente não pode benzer.

- Eu continuei a benzer doente. Depois eu me converti e passei para a Igreja Assembleia e parei já tem uns seis anos. Benzi muita criança. Era o que mais benzia. A gente benzendo sabe o que tem na criança. Tinha muito quebrante. A gente fala assim: fala o nome da criança e diz que benze quebrante, inveja e mau olhado. Depois fala outros dizeres que eu nem lembro mais por agora ser crente. Estou também com 75 anos e muitas coisas não lembro. No caso do quebrante, os antigos diziam para a gente que muitas pessoas que nascem na sexta-feira tem olho ruim. O quebrante é um olhar ruim. Eu benzia com o copo d'água, falava as palavras, colocava três brasinhas de carvão do fogão de lenha. Se a brasa afundar é o quebrante. Quem a gente benzeu, a pessoa tem que jogar o copo d'água para traz sem olhar para onde jogou. De primeiro eu pedia para a pessoa beber três goles da água, mas depois me falaram que não era para deixar beber.

- Será que está errado mesmo? A senhora percebia que independentemente de jogar a água toda fora ou beber três goles dava diferença?

- Curava do mesmo jeito!

Já para espinhela eu rezava e pedia para a pessoa tomar um chazinho de hortelã. Três folhinhas, três dias. Eu orava uma espinhela caída. Ela é aqui – tocou-me no lugar onde se dá a enfermidade, no externo. Essa palavra é abençoada porque só fala em Jesus. Eu benzia com a mão:

- Jesus Cristo nasceu, Jesus Cristo morreu, Jesus Cristo ressucitou e ao que a espinhela levantou. – Falava três vezes. Cada momento eu colocava a mão numa posição sobre a espinhela. Quando eu dizia "ao que a espinhela levantou" eu faço com a mão o movimento de levantar.

Ela me tocou com a mão em concha. Primeiro acima do externo. Depois dos dois lados do ponto (esquerdo e direito). O quarto movimento reza com a mão abaixo do externo completando o sinal da cruz, durante a fala troca para o quinto movimento subindo a espinhela na palavra "levantou".

- Sabe um benzedor que vai te explicar "tudoquantohá"? – Esta é uma expressão mineira. Ali na rua de cima você procura o Quirino.

- Ele tem me ajudado. – Disse-lhe.

- Ele não sabe !? Quirino sabe de tudo! Quirino é primo de papai.

- Mas cada um benze de um jeito. É diferente...

- Verdade. Quirino benze diferente. Cada um é de um jeito. A benzeção com a mão eu só conheci uma pessoa que benze com a mão em cunha: a senhora...

- Mais é com a tira... – sorriu a sábia senhora. – Quem benzia assim era minha mãe, ela não usava a tirinha. Antes de eu ir para a igreja quem me benzia era o Quirino. Ele já benze diferente. Usa terço, agulha e linha, de frente e atrás. Você não escuta o que ele fala. Ele sussura...

- A inveja atrapalha a pessoa. Eu benzia quebrante, inveja e mal olhado como te contei.

Ao que lhe perguntei: - E o aguamento a senhora benzia?

- Eu já vi o Quirino fazer. O aguamento você tira com a tesoura o cabelinho. Um punhadinho de cada lado formando o sinal da cruz. É cruzado: os quatro lados. Três sextas-feiras. Vai fazendo a reza e vai cortando.

- Essa eu não vi ele benzendo ainda não. Será que ele parou? Essa benzeção ninguém me falou e também não vi.

- A gente pergunta a criança, quem sente é ela, mas quem responde é a mãe ou o pai. Eu falo o nome da criança e pergunto: - O que eu corto? A pessoa responde. Daí que corta o cabelinho... Depois que volta no outro dia vai juntando, quando der os três dias leva-se os cabelos cortados ao ribeirão, para a água corrente.

- Tem muita coisa D. Chica que nós temos por aqui que não tem em livro. Talvez não tenha num outro lugar mais. Por isso comentei com a senhora a importância de nossa conversa. Depois que Jesus chamar acabou...

- Eu tive umas vizinhas que me disseram que benzer é pecado. Que a gente que benze não ganha salvação.

- Mas de vez enquando a senhora benzia alguém?

- Eu benzia, mas tem muito tempo que eu estou parada. Uma criança de vez enquanto. A criança é um inocente. Eu que estou na igreja já não benzo mais.

- Eu benzia, a minha filha casada com seu primo benzia também antes de converter. Agora não benze mais não. Não gosta nem que fala. Ela conta que não acredita em benzeção mais não. Ela conta que quando casou de novo sabia benzer também, ela aprendeu comigo. Um dia seu primo estava com muita dor de cabeça diz ela que benzia ele escondido – risos - sem ele ver e melhorava.

- Que bonito! – disse.

- Agora ela não gosta nem que fale...

- Deixe... A gente respeita.

- Ela não acredita mais não...

- O aguamento é só por comida?

- O aguamento a pessoa tem que fazer simpatia também.

- Que tipo de simpatia?

- Você tem que pegar água de sete minas antes do sol sair para dar a criança. São sete sexta-feiras. E o leite de égua é também muito bom. Eu não sabia o motivo do aguamento da criança. Mas sabia sabe por quê? Quando a criança estava sentida, meus filhos tudo sentiu, afunda a nuca. Antigamente também se pedia o leite de "sete maria". Você procurava por sete mulheres com o nome de Maria que estavam amamentando e dava para aguamento. Era um nome comum. Encontrando uma Maria pedia um pouco de leite. Podia ser em qualquer lugar... Eu ouvia e via isto desde pequinininha.

Disse para D. Chica: - Uma pessoa daqui de nossa região me contou que uma criança queria comer uma broa e não deram a broa. A mãe foi fazer uma broa, mas a mãe queria aquela broa...

- Isto ocorre mesmo! Se uma criança te pede uma coisa você dá na hora que pediu. É na hora que vê.

- Na escola de Alvorada que atende muitas crianças da nossa região do Furriel, Barroso, Galdina, Cafarnaum, Fazenda Santa Terezinha, Preguiça e outras comunidades rurais eu percebia que na hora do recreio a maioria das crianças comem a merenda escolar. Mas muitas compravam coisas na padaria ou traziam de casa doces, bolos, biscoitos e como era muita criança querendo eu nunca vi elas negando o alimento. Podia ser um pedacinho mínimo do biscoito, do salgadinho mas tudo era dividido.

- Pode ser um pouquinho. Se pouvar não água.

- Eu percebo isso muito nos ônibus com meus filhos. A minha filha, por exemplo, olha e eu agradeço. A pessoa diz: "dá para ela não aguar...". A senhora crê que o benzedor ele também educa uma comunidade com o passar do tempo mesmo estando lá na casa dele?

- O benzedor educa. Quando recebemos uma pessoa em nossa casa é também uma escola.

- Meus filhos sentiram Uma sentiu porque eu tive uma filha e nasceu outro. Ela sentiu porque eu não podia dar de mamar para os dois. Um dia

eu passei na rua e ela viu uma mãe dando de mamar para seu filho. Eu percebi que ela sentiu. Ela chorava muito e esmagreceu. Ela não dava sossego, não pegava nada para comer. Criança sentida não pega nada que você der. Pode dar de tudo que não pega. Não come nada. Eu fiz simpatia:

- Tinha a simpatia de pedir. A gente combinava com o vizinho o modo da simpatia. Eu tinha uma vizinha muito boa. Era minha cumadi. De primeiro as casas eram de barro e davam aqueles buracos. Eu enfiei a mão pelo buraco da casa de sapê dela e disse - Me dá um pedacinho de carne pelo amor de Deus – Eu já tinha conversado com ela de pedir a carne. Ela me deu e eu dei para a menina. Para funcionar era preciso pedir "pelo amor de Deus". Ela me deu a carne de porco e sarou.

- A senhora tem o olho tão bom! Traz muita paz! – Disse para aquele belíssimo ser humano.

- Eu benzi muita gente. Quando eu era bem pequena e morava na roça tinha uma mulher que tinha uma dor de cabeça e levavam ela para um lado, levavam para outro e ela não melhorava de jeito nenhum.Levaram a mocinha lá onde morávamos. Essa benzeção minha mãe não sabia, só o meu pai. Foi ele, meu pai, que me ensinou para benzê-lo. Eu criança aprendi e benzia para ele melhorar. Chegou essa menina que tinha ido em médico para tudo é quanto é lado. Ela foi para papai benzer. Minha mãe me disse:

- Minha fia você benze a menina? Benze ela minha filha!

Criança não entende das coisas. O Sr. Juca disse: - Ô minha fia benze pra mim que eu vou te dar um corte de pano. – Eu fiquei empolgada com aquilo e benzi a menina. Ela veio embora. Ela já melhorou bem. No outro dia o pai da moça levou ela de novo no alto na comunidade onde morava, na roça, nos Limas. Meu pai estava em casa e benzeu.

- Benzeu como? – perguntei.

- É benzeção de sol na cabeça. É porque antigamente as pessoas tomavam água, café ou comiam debaixo do sol e também ficavam muito no sol antigamente trabalhando. É uma dor forte. Algumas eu lembro, outras não. Essa eu me lembro, ela só fala em Deus. Benze e fala três vezes:

- "Deus é sol, Deus é lua, Deus é a mesma claridade, se este mal fosse gerado onde entrou mesmo se saia. Sol lindo, belo e claro..." São essas palavras. É uma benzeção importante que só fala em Deus. Ela melhorou. Vai rezando fazendo o sinal da cruz e benzendo. Coloca um pano branco na cabeça coloca um vidro d'água mas põe uma rolha de pano no vidro. Cruza em cima do vidro. Você vê o sol subir na água. A água ferve. Acho que essa o Quirino não sabe não.

- Eu nunca ouvi...

- São três vezes de benzeção. É tudo oração que eu acho importante, só fala em Deus. Como a gente tá lá na igreja é uma palavra muito bonita. Com a idade, doença... Dizem que não é bom.

- Meus pais morreram nos Lima. Vai muita gente por ser pessoas queridas. Eu parei de benzer e minha filha segue benzendo na terra de nossa família. Ela tem muita disposição. Benzedor não pode ser fofoqueiro, levar assunto, trazer assunto, não pode ter má fama, não ter raiva de ninguém. Eu fui criada por pessoas que foram importantes para eu ser uma pessoa mais calma, dedicada a cuidar do outro. Desde pequena eu fui assim. Meus irmãos não tinham a mesma tranquilidade que eu. Não eram iguais a mim. Meu pai era encantado comigo. Nunca tomei um tapa dele. Muitas vezes eu estava brincando com os outros irmãos. A gente fazia arte, era menor, ele vinha bater e eu não corria: abria os braços e ele me abraçava. Quando eu benzi meu pai eu senti uma emoção muito grande. Ele ficou feliz porque eu era a caçula e tinha o dom. Quando eu fui ganhando neném, minha mãe me ensinou a benzer meus filhos.

- Hoje a senhora é evangélica. “Passou pelas águas” como disse. A senhora percebe coisas que muitas pessoas não percebem? Como a senhora faz com a palavra boa.

- Hoje eu oro pela pessoa.

- Que tipo de oração?

- Eu dou o nome da pessoa enferma e o Pastor ora.

- E se vir uma pessoa que a senhora benzeu há muito tempo e pede para benzer...

- Se você acreditar na oração eu oro. Eu peço para entrar e oro.

- Como é a oração?

- A senhora faz uma oração para mim?

- Eu faço.

Ela pôs as mãos sobre minha cabeça e disse:

- Jesus Cristo neste momento eu peço Senhor pelo Josias. Não sou eu que estou com a mão na cabeça dele mas o Senhor está. Senhor Jesus Cristo abençoa ele. Retire todo mal, inveja, mal olhado e tudo que ele estiver sentindo saia em nome do Senhor Jesus Cristo tá benzido. Amém.

- Amém.

Num determinado momento de nossa conversa chegou um casal da roça. Trouxeram verduras e sabão artesanal muito usado nas pequenas comunidades. Foi num desses intantes para além do que abaixo dialogamos que entendi algumas questões da alma de uma mãe.

D. Chica perdeu seu filho segundo a fala da visita num açude. Num dado momento ela parecia ainda não acreditar em sua morte e que ele poderia estar vivo. Foi quando ela disse que a perícia encontrou num barranco as marcas dos dedos dele, inclusive uma unha. Aquilo remexeu comigo. A visita se foi. Decidi me levantar e ir também.

- E sua mãe como está?

- Está bem. Ela foi morar novamente em Piabetá no estado do Rio.

- É mesmo? – disse com aquele sotaque ondulado, de montanhas de Minas.

- Ela precisa de cuidados e minha irmã mais velha aposentou e cuida dela.

- Quero muito revê-la.

- Eu creio que em breve ela voltará aqui. Ficou bastante abatida com a morte do irmão dela, o tio João, pai do Eliézer, seu genro.

- Eles além de irmãos eram muito amigos.

- Eu agradeço muito a senhora ter aceito o convite para nossa conversa.

Foi em meio a essa despedida que os pássaros que lotavam o pé de acerola numa grande revoada deixaram juntos aquele lugar. Foram rapidamente pelo céu azul e um sol que se despedia.

D. Chica disse que não benzia mais. Entretanto, a sua oração não é uma benzeção?

Ao me despedir chegou uma moça que precisava conversar com ela. Falei para a jovem que ela era uma sábia ao que ela me disse:

- Por isso vim procurá-la. Estou precisando muito dela.

Tive que ir embora. Mas estou com saudades do café, do sofá na varanda de casa de roça e das revoada de palavras de D. Chica. Pena que demorei tanto tempo para lembrar que a senhora que estava na casa de Quirino, a Chica, era ela. Estava lá conversando com o amigo.



Francisca Gonçalves Constância – D. Chica

Galeria Andarilha XIV

A Mão do Pilão, os Pregos, a saliva, as Rezas na Gameleira...
Os Saberes das Benzeções que Emergem nas Comunidades.

Viver com o ser humano
é estar com a condição de humanidade
que a própria humanidade gesta.

Jader Janer

Retornei da casa de D. Chica e decidi ir para a E. E. Pedro de Oliveira. Tive uma manhã intensa andarilhando pela comunidade. Falaram-me sobre um pilão antigo da comunidade e fui em busca de noticias dele perto da casa do Sr. Quirino. Falaram-me que estaria na casa de alguns parentes de uma família que não mora mais dentro de Ponte Alta.

Dialoguei com uma amiga Professora que nasceu na comunidade da Conceição, nos Barnabés:

- Tem a benzeção para cortar cobreiro: pega três talos de mamona ou inhame. E com uma faca vai fazendo pequenos cortes e perguntando: - O que estou cortando? A pessoa era instruída a responder: - Cobreiro. Repete-se sete vezes em cada talo e coloca na fumaça para murchar. Repete-se o ato durante três dias. Quando o último talo murchar o cobreiro desaparece. Eu passei por esse tipo de reza várias vezes na minha infância.

Inicialmente minha vó fazia, depois foi minha mãe.

- Você nasceu em meio às benzeções...

- Sim. Era comum algumas simpatias, que normalmente eram feitas em três sextas-feiras da minguante: na primeira se pega um prego novo, coloca-se a criança em pé no beiral da porta ou janela e diz a cada martelada: eu prego a bronquite em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. E repete-se a fala e ação até enterrar totalmente o prego. Quando a criança ultrapassa a altura em que teve a bronquite cortada ela se cura totalmente.

Continuou a explicar:

- Outra que não me esqueço é a do pé de formigueiro. Pega-se a criança e coloca os pezinhos no formigueiro de forma que deixe as marquinhas nos pés. Reza um Salve Rainha. Assim que a marquinha for sumindo as crises vão reduzindo. Deve ser feito em uma sexta-feira santa.

Cheguei na escola e conversei com dois amigos que trabalham na secretaria da escola que me falaram de D. Enilda.

- Ela está aí! Pode entrar. Está tendo a festa do dia das mães. Era uma sexta-feira.

A escola era uma grande festa. Toda decorada com muitos corações. Muita comida. Entre um biscoito e um pedaço de bolo tentando não atrapalhar o momento de confraternização e principalmente de diálogo entre as professoras, pedagogas e diretora com as mães perguntei para uma amiga quem era a Enilda. Ela ouviu eu perguntando e sorriu para mim. Fui em busca de um pilão e informações sobre seu uso para retirar o medo da criança para que ela fale e encontrei a Enilda que além de ser minha parenta, como ela havia me dito, explicando a genealogia de minha avó e bisavó, a dela e a minha, que naquele momento já era nossa:

- Um dos irmãos de seu bisavô Farmo foi pai de minha avó. Somos parentes devido esse nosso bisavô em comum. – interessante porque ela tem muitas características físicas de minha avó Maria e o jeito de ser também me lembrou um pouco. Tom de voz baixo, ponderado. Disposta a falar e ouvir. Uma mulher culta que tem conhecimento da importância da sabedoria ancestral.

Falei da pesquisa e ela me disse da importância desses registros.

- Vivemos num outro tempo. O que vamos deixar para as futuras gerações?

Disse-me que sua vida sempre foi marcada pelas benzeções. Quando falei que havia conversado com D. Chica ela disse:

- Há um bom tempo que não vejo a D. Chica. Ela perdeu o filho, adoeceu e se converteu. É uma grande benzedeira. Já fui muito nela e levava minhas filhas nela e em outros benzedeiros. - Pedi um momento para gravar.

- D. Chica benze torção com agulha e linha e vai perguntando:

- O que eu benzo:

- Osso torcido, nervo quebrado... É tudo ao contrário.

- Benzo então em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo e ia costurando... São três dias consecutivos. Benzia também espinhela caída e quebranto na brasa. Espinhela caída ela benzeu muito minhas filhas. Punha de barriguinha pra baixo no colo dela e pegava a maozinha esquerda com o pezinho direito e cruzava... O pé não encontrava com a mão. Aí ela sabia que a espinhela estava caída. Pegava o outro e trazia. Depois que ela rezava virava a criança por três vezes.

Enilda me falou de uma benzeção para bronquite com uma antiga benzedeira da comunidade conhecida como Deja Cunha:

- Essa da bronquite é da árvore... Eu não sei se é aroeira... É uma árvore antiga... Gameleira!

- Gameleira? – perguntei.

- Gameleira. A árvore está lá até hoje. Eu chegava lá na casa dela na roça e íamos para debaixo da árvore. Ela fazia o sinal da cruz e falava:

- Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo – e pedia a proteção e amparo a Deus para que a criança fosse curada e falava o nome da criança. Retirava um pauzinho, uma casquinha da árvore. Como minha filha era muito pequena ela não conseguia cuspir. Eu pegava a babinha dela e punha. Coloquei de novo no tronco punha o prego e ela bateu. Só um pouquinho. Só para fixar a casquinha. A árvore de Gameleira já estava cheia de pregos de outras pessoas que tinham ido lá. Ela precisava fazer a oração dela. Ela fazia e depois disto ela falou comigo:

- Quando esse prego afundar nunca mais sua filha terá bronquite!

- Ela morava onde? – perguntei.

No alto daquela serra ali! – apontou com o dedo com o sol já se despedindo da Pedra Beija-flor.

- Você passa do Chiquinho Castelani e sobe. O Silas mora lá. Outra coisa que ela fazia muito era festa junina de Santo Antônio, ela era devota. Era aquele monte de mesa no meio do terreiro: tinha broa, biscoito de polvilho, leite com café. Tudo era feito na passagem de Santo Antônio. Eu via o povo subindo para ir lá no final da década de cinquenta e sessenta.



Pregos de benzeção – Acervo pessoal



Marcas dos cuidados de D. Deja – Acervo pessoal



Gameleira de D. Deja Cunha situada na Serra dos Cunhas

- Acervo pessoal -



Marcas sagradas de uma benzedeira: “um benzedor nunca morre”

- Acervo pessoal -



Os pregos das benzeções depois de décadas – Acervo pessoal

- A Gameleira é uma árvore sagrada. – Comentei.

- Ela deve ter aprendido com alguém que passou para ela através do tempo. Foi uma benzedeira muito procurada e conhecida. No dia de sexta-feira santa quando a criança era maior ela pedia para a criança ficar de pé com os pés no chão perto da árvore. Ali era pegava um pedacinho da casca, molhava na saliva da criança e sobre a cabeça ela pregava.

Isabel contou que curou a bronquite de seu neto com uma benzeção ensinada por Lilito:

- Dia de sexta-feira santa quando a criança tinha bronquite levanta em jejum e põe na porta de saída e risca na altura da cabeça. Só riscar na porta. Não existia na época os recursos que tem hoje. Era uma aflição.

Erilda disse:

- Minha filha antes da benzeção cuidou de bronquite muitos anos com o Dr. Walker, que foi um ótimo Pediatra e sempre acompanhou minhas filhas. Ele foi meu médico e depois também de minhas filhas. A bronquite não curava. Aplicava injeção direto tadinha e só o que resolveu foi isso.

- Tinha a benzeção também do machado. – Ela foi para debaixo de uma porta da escola.

- A criança ficava aqui debaixo e a pessoa que ia rezar de frente como você está.

- O que eu estou cortando?

- O medo da Mileane de andar. – A mãe respondia pela filha. Daí batia o machado dando um pequeno pique do lado esquerdo e direito da porta e dizia: em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Depois virava de costas a criança e repetia a benzeção batendo novamente. Eram três vezes que ela fazia.

- Tem uma que foi mamãe que fez: é a do moinho d'água também para medo de andar. O moinho ficava rodando para moer o fubá. A pedra roda e toca o pé no moinho dando um pequeno toque na pedra girando dizendo as seguintes palavras:

- Tiro o seu medo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo! Repete por três vezes.

Disse: - Está vendo ninguém me falou. É preciso registrar!

- Concerteza! – Rimos alegremente.

- Você lembra do Lilito? – perguntou para uma servente da escola que estava por perto.

- O Lilito era meu primo. Levei muito minhas filhas para ele benzer: quebranto, mal olhado. Ele benzia na porta com um crucifixo e um terço. Você também conheceu? - Uma colega que trabalha na cozinha na escola dialogou conosco:

- Ele também ia lá em casa benzer por causa de meu pai. Eu começava a abrir a boca, bocejava e ficava fraca.

- Ele enrolava o terço na mão e o crucifixo na mão.

A colega que estava preparando a merenda para o turno da noite disse:

- O Sr. Wanto também é na porta. Usa terço, água benta e sal. Ele põe o sal grosso na água e passa nas mãos e na região das artérias (radial e braquial). Ele benze e já indica o banho. Ele indica uma erva que vai depender da situação.

- Você lembra do quê por exemplo?

- Eu tomei banho da cabeça aos pés.

- Geralmente é do pescoço para baixo... – disse.

- Três banhos na sexta-feira. Ele me ajudou muito na época com o meu filho Gabriel. A primeira vez que eu fui ele benzeu o Gabriel em mim. Pediu para eu segurar uma semente que eles chamam de zói de boi.

- Aquela que fica na frente da casa dele na varanda... – disse.

- Exatamente. Meu filho ficou em casa porque ele não queria ir. Ele foi benzendo e quase caiu.

- O quê ele benzeu?

- Meu filho estava muito deprimido querendo se matar. Ele estava com vinte ou vinte e um anos. Eu fiquei debaixo da porta e teve uma hora que ele quase caiu e disse:

- Nossa! Tá muito difícil! Mas para Deus e Nossa Senhora não há nada impossível.

- Ele continuou. Me deu água benta. Passou água benta nos pontos do corpo e me deu um gole e continuou a benzer. Meu filho não aceitava nada e ele falou:

- Não se preocupa porque ele mesmo vai vir. Eu benzi hoje, mas da próxima vez o seu menino vai vir. Você não preocupa o dia, a hora, pela mão de quem, não sei se vai ser pela sua mão, mas ele vai vir.

- Será? Tomara! – disse a mãe. – São três dias. No segundo dia chamei o amigo dele para ir e ele disse que queria acompanhar. Eu fiquei abobada. Era uma coisa do outro mundo. Na hora que eu cheguei ali na rua e o Sr. Wanto estava do lado de fora de sua casa. Ele me viu e disse: - Seu sorriso está de um lado ao outro. Eu te falei que ele iria vir. Teve um trabalho todo de sal na entrada da casa em cruz. Sal normal de cozinha. Ele me deu uma oração para eu colocar na fronha do travesseiro. A semente que ele me benzeu me deu para levar e me disse:

- Tem algo no quarto dele. E isso vai afastar tudo. Ponha num lugar onde ele não veja. Pode ser no meio da roupa ou um lugar que ele não vai achar e joga sal grosso debaixo da cama. Ensinou orações. Teve tratamento com Psiquiatra, mas se não tivesse esse acompanhamento creio que seria mais difícil.

- Uma coisa muito bonita na benzeção é que em momento algum ele interfere na religião, nas especialidades médicas ou de saúde, nos outros saberes. É: "você chegou aqui e eu vou te atender." Chegou a porta da casa está aberta. – disse.

- Nos dias que o Gabriel esteve ruim mesmo Tia Enilda um dia eu saí daqui da escola e fui direto para lá chorando. Não conseguia conversar com ninguém só com ele e esposa. Tinha algo dentro de casa tão pesado com ele, mas não era o Gabriel.

- E o Sr. Wanto é muito católico. Tem uma fé muito forte. – disse.

- Gabriel chegou a dizer coisas comigo que eu dizia, não é meu filho... Fui nele e ele me disse:

- Você sabe que não é seu filho que está falando. Não leve em consideração. Eles me ajudaram de um jeito que eu devo muita obrigação.

- Eles são muito carinhosos. – afirmei

- Agora, a falecida D. Geralda eu benzi com ela.

D. Enilda: - Na D. Geralda eu nunca fui nela não. Ela morava do lado da Wilma Professora. Ela foi para São Francisco morar com a filha dele e morreu lá.

Comentei com a Eneida sobre a fala de uma senhora da comunidade do Taquaruçu que me falou da benzeção com Vassoura Preta.

- Ele se chamava Juca Maria. Era um senhor escuro, muito enérgico, trabalhador demais da conta. Morreu aqui em Ponte Alta, morou nas nossas terras lá em cima. Ele benzia com a Vassoura Preta. Eu tinha um sobrinho, o João, ele tinha uma quebradura no testículo e aquilo "descia". Quantos anos tem isso!? E antigamente poucos médicos nós tínhamos no Carangola. Isso é coisa muito antiga. A minha mãe trouxe ele aqui para benzer. Ele trouxe essa vassourinha e pediu para mamãe segurar sem fraldinha sem nada. Ele foi benzendo e disse: - Comadre, traz ele três vezes aqui para eu benzer. Não falou os dias. Minha mãe trouxe as três vezes a quebradura fechou. Uma quebradura que hoje se fala hérnia ou no umbigo, na virilha ou saquinho... Esse bebezinho ainda não andava. Minha mãe notava.

- Hérnia é algo perigoso. Hoje em dia temos as cirurgias que mesmo atualmente, com todos os recursos é uma cirurgia que ficamos muito tensos. – comentei.

- Tinha uma outra benzedeira muito boa. Ela foi parteira dos nossos meieiros. Ela se chamava Francisca Lina de Sousa, todo mundo a conhece como D. Chica. Papai tinha muita casa de colono. A mulher dos colonos quando ficava grávida era minha mãe que fazia o parto, cuidava da mulher, do umbigo da criança. Fazia comida para as mulheres.

Deixei a escola dialogando com a nobre professora. Os últimos raios de sol iluminavam a montanha Beija-flor.

Voltei para casa numa noite gelada na vã dos alunos que iam para estudar na Universidade do Estado de Minas Gerais - Unidade Carangola.

Vim refletindo sobre a responsabilidade de uma pesquisa tão grande e de tamanha envergadura. Não é algo para uma pessoa. As dimensões aqui apresentadas nesta tese-benzeção é tão somente o início de uma pesquisa. Logo depois conversei com algumas pessoas da comunidade de Alvorada. É importante salientar que essas comunidades são todas entrecruzadas, embricadas, é cruz e encruzilhada. Quando recebi uma recusa de uma benzedeira devido não ter sentido autorizada, não era ponto final. Decidi andarilhar.



Andarilhar e galeriar: possibilidades de encontros

Subi da Casa da benzedeira que recusou dialogar - é preciso respeitar o sagrado silêncio ancestral - para conversar com uma Professora da comunidade. Ela não estava. Passei por uma casa com o café sendo seco no terreiro.

Bati palmas na porteira. Uma jovem senhora olhou de longe um pouco desconfiada. Falei sobre a pesquisa. Ela me atendeu e disse que eu fui Professor de seu filho. Seu nome é Lenilda Alves dos Santos.

- Eu me benzia com o Dr. Fizim.

- Ele morava aqui pra cima?

- Morava. Ele morava no terreno dos outros. Era muito bom. Muitas vezes eu estava passando mal, dor de cabeça, mal estar, ou desanimada chegava lá e ele me benzia. Eu melhorava. Minha mãe levava a gente no Fizim quando pequenas. Ela se chamava Aparecida.

- Como ele benzia?

- Copo d'água e brasa para quebrante.

- Lembra das orações?

- Não. Eu lembro que depois a gente bebia três goles da água e jogava o restante para trás. Eu lembro da benzeção quando a pessoa torce. É com agulha e um paninho. Não lembro das palavras. Lembro da tirinha. Rezava de frente para Nossa Senhora pegava aquele barbantinho e amarrava na gente. Voltava três vezes. Ele era uma pessoa de bom coração. O benzedor tem que ser uma pessoa boa.

- E essa cruz bonita! Onde você conseguiu?

- Fui eu que fiz. A gente tem o costume de enfeitar no dia três de maio.

- Você sempre enfeita?

- Eu costumo enfeitar.

- Mas pode enfeitar depois?

- Pode sim!



A sede do distrito de Alvorada e as várias comunidades entrecruzadas

Conversei com um casal que atualmente reside na sede do distrito de Alvorada.

- D. Maria das Graças de Souza, a senhora nasceu onde?

- Na Serra da Galdina. Depois, com dez anos, fui morar nos Lima. Tem dois anos que estou morando aqui em Alvorada. É mais fácil ir para a cidade devido transporte. Cresci lá.

- A senhora se lembra de algum benzedor da Galdina?

- Eu lembro da D. Joaninha. Nós éramos vizinhos e íamos lá benzer. Eu tinha em torno de uns quatro anos. Meus pais me levavam para benzer. Ela benzia muito espinhela caída. Benzia com a fita.

- E depois?

- Depois eu fui morar no Furriel. Lá tinha a Zenêda e o Chico Godinho. Eu já era mocinha. Sempre que eu precisava ia lá neles. Sentia mau olhado, espinhela caída e vento no olho.

- Vento no olho? Nunca ouvi falar.

- Ficava sem aguentar abrir o olho e fica só escorrendo água. Eles benziam e a pessoa melhorava.

O esposo chegou na varanda, não sei se é este termo o mais apropriado. Em Minas, na Zona da Mata Mineira, nas pequenas comunidades e roças, as pessoas recebem as visitas em espaços geralmente amplos, coberto por telhas e ali fica o fogão à lenha com bancos para receber as pessoas, tomar café e conversar.

- Estou conversando com sua esposa, Sr. Sebastião, sobre as benzeções. O Senhor me ajuda?

- Ajudo!

- Ele sabe muitas história sobre benzeções. –Disse D. Maria das Graças.

- Os benzedores são pessoas queridas. Um que morou lá no alto e agora mora em Ponte Alta é o Sr. Quirino.

- Nós temos conversado. Ele é um exímio benzedor. - Comentei

- Ele morava em nosso terreno. Benzia muito. Ele é bom, mas bebia muito. Depois que ele foi para Ponte Alta ele estava um caco.

O relato me fez lembrar do carinho de Quirino pela mãe. Em nossas conversas me revelou que cuidou da mãe doente e que eles tinham uma ligação muito forte.

- Ele foi no médico que disse que se ele não parasse de beber iria morrer rápido. Depois disso, ele virou outra pessoa. Ele ficou mais novo. Quando ele começava a beber bebia o mês inteiro. Ele morava com a mãe dele.

- A senhora conheceu a avó dele?

- Sim. D. Graciana. Era uma cozinheira de mão cheia. Chegava a época da festa de São João a festa era na casa dela. Ela fazia muitos doces para as pessoas. Sebastião sabe também de muitas coisas.

- Que bom conversar com vocês. – Sr. Sebastião foi buscar alguma coisa, a audição muitas vezes falhava, se aproximou novamente. Perguntei o nome completo dele: Sebatião Raimundo de Souza.

- O Senhor nasceu onde?

- No Furriel de Cima virando para o Divino – MG.

- O Senhor já foi num benzedor?

- Meu pai e minha mãe me levavam. Eram católicos. Eu nunca fui. – D. Maria das Graças percebendo a memória do marido lhe relembrou que ele tinha ido.

- Fui sim. Era espinhela caída. - Começou a rir . – Eu estava capinando a lavoura e eu abaixava que doia que eu não aguentava. Aí me falaram que era espinhela caída. Eu fui num benzedor. Ele me benzeu. Aí eu não falei nada não. Saí direto e fui em outro benzer. Saí direto e fui em outro. Fui em três em seguida. Acabou: eu nunca mais senti espinhela caída.

- O relato do senhor é interessante. Geralmente a pessoa procura um benzedor e faz três benzeções. No seu caso foi invertido. Quais benzedores o senhor escolheu para ir?

- João Godinho, senhor Américo e o avô dela ali...

- O avô da senhora era benzedor D. Maria das Graças? Qual o nome dele? – perguntei.

- Delfino. Era uma pessoa muito boa. Ele morou com a gente um tempo. Chegava a noite os netos rodiavam tudo em volta dele para ouvir histórias. Ele gostava de contar histórias de bichos, assombração. Na quaresma ele contava sobre o lobisomem. Benzia muito. Vinha gente de todo lado. Ele ficou pouco tempo com a gente. A minha mãe, filha dele, benzia. Minha mãe se chamava Rosa Maria. Benzia também no Furriel espinhela caída e quebrante. Ela usava a brasinha de fogo no fogão de lenha. Colocava a brasa no copo d'água enquanto benzia, depois tomava três goles da água e jogava córrego abaixo.

- Depois disso Sr. Sebastião, o senhor voltou a benzer?

- Não. Nessa benzeção eu não avisei para nenhum deles que iria no outro. Eu queria resolver o problema de uma vez! As pessoas não acreditam na benzeção. Está acabando. De primeiro tinha muita gente que benzia. Tem um rapazinho na Ponte Alta muito bom: o Quirino – Creio que devido a idade avançada de Sebastião ele deve ter conhecido Quirino jovem.



Numa terra onde o pilão alimenta e benze

- Acervo pessoal -

- Teve uma vez que meu cavalo começou a ter uma dor na barriga muito forte. Estava rolando no chão de dor. Ele, Quirino, estava chapado numa pinga, cachaça, bem boa. Ele estava bem chumbado e o pordo estava lá rolando... Quirino passou a mão num pilão de socar e jogou na cacunda e foi pra lá. Chegando no local passou o pilão em cruz nele e fez as orações dele lá. Ele jogou a mão de pilão na cacunda e saiu. O cavalo levantou e foi pastar! Quirino é uma pessoa muito querida. Todo mundo gosta dele!

- Tinha o Pedro Godinho também... – Disse a esposa.

- Ele era de onde? – perguntei.

- Lá de cima também.

- Ele benzia muita coisa, quando a pessoa destroncava o osso. Eu tive um menino que ele machucou a perna. Aí foi no médico e engessou. A perna não melhorava e dizia que estava doendo. O filho do benzedor apareceu lá em casa e eu pedi para que ele fosse lá em casa para rezar o José Roberto de "mau jeito" que ele não está aguentando de dor. Ele foi embora. Depois de dois dias ele apareceu. Eu perguntei: - Seu filho avisou que eu pedi para você benzer o Zé Roberto?

- Falou não. Então, nóis reza agora. Você tem aí uma agulha e um retalho de pano?

- Arrumei para ele a agulha e um retalhinho de pano. Benzeu. Chegou a noite o menino dormiu. Na hora que ele levantou de manhã o gesso desceu. A perna desinchou. Não saiu porque o pé não deixou. Acabou o problema.

Disse o Sr. Sebastião: - Ele ia falando e a gente não entendia o que estava sendo dito. Pronto, resolveu o problema.

- Eu estava passando pela rua e perguntei para uma ex aluna se ela sabia de alguém que sabia das benzeções. Ela me indicou vocês. Que bom! Eu estava descendo em direção à praça. D. Guiné não pôde participar da pesquisa por motivos espirituais. – disse.

Sr. Sebastião contou sobre dor de dente: - O meu dente doeu a noite inteira. Quando foi de manhã cedo meu pai foi no Frevedor, Fervedouro –MG, e procurou o benzedor José de Souza. Ele benzeu.

- Ele deu grito lá agora, mas o dente dele aliviou. – Referindo-se ao momento em que o benzedor disse para seu pai que ele, o benzido, sentiu o efeito da benzeção.

D. Maria das Graças ofereceu um café passado na hora. Aceitamos. Sr. Sebastião continuou a falar:

- Mandou meu pai quando chegasse tirar a casca de uma árvore chamada jacaré e cozinhar. Pediu para eu ficar com a boca aberta e deixar o vapor agir. O dente nunca mais doeu.

D. Maria das Graças contou que sua avó também benzia e fazia defumação com alecrim, capim limão e capim santo. Tal fato me remeteu a uma nota de campo no diálogo com D. Lica que quando é solicitada vai nos currais para benzer. Uma das formas de benzeção é a defumação. Pode-se varrer o local com determinadas ervas e depois queimá-las.

Saindo da casa de Sr. Sebastião e D. Maria das Graças passei pelo Córrego do Maranhão e pela praça Nascimento Leal. Vou retornar na casa de meu sogro para irmos na casa de Sr. Toninho.



Das Espadas de São Jorge ao Comigo Ninguém Pode: as ervas falam.

Um Chafariz de Palavras Benzidas

Sejamos fontes.

Jader Janer



Benzedor Sr. Antônio Soares Dorce.

Dialógo na residência do Sr. Antônio Soares Dorce, perto do fogão à lenha e do portão onde benzia Sr. Toninho, na subida do campo de futebol na comunidade.

Antes, uma informação importante: durante anos tentei levantar fontes sobre o chafariz de Alvorada, inclusive estive na atual Secretaria de Cultura e Turismo, onde fui muito bem atendido em busca de novas informações. Entretanto, a descrição do bem inventariado segue lacunosa e é a mesma do tempo que lá trabalhei. Não se sabe a respeito da obra a respeito do chafariz da comunidade que além da água parece que secou em sua historicidade. Entretanto, as crianças e jovens da comunidade, assim como no caso do Coreto – bem tombado/registrado com mínucias de sua origem e trajetória – dão para aquele lugar um outro sentido: um lugar onde a palavra é água que banha a vida. Ao dialogar com o Sr. Toninho, diante da invisibilidade dele e tamanha a sua sabedoria aquele chafariz de alguma maneira de fato secou, mas na casa dele estava lá como um Chafariz de Palavras Benzidas. Segundo informações do Sr. Ademar Emídio:

- A informação que eu tive é que quando não tinha água encanada as mulheres iam buscar água no chafariz. Iam lavar roupa e pegar água. Tinha um outro ponto para lavar roupas e pegar água: na parte em frente a atual praça, no morro, onde ficava a antiga igreja. Houve um desmoronamento de terra e a igreja foi atingida. O local do outro chafariz era atrás da escola, perto do portão dos fundos atual, onde hoje é uma rua. A primeira sede da Escola Estadual Nascimento Leal não foi atingida. Por isso ela está no local atual e construiram aquela praça e deram o nome de Praça Nascimento Leal. Em 1975, eu estava com dezesseis anos, quando retornei para morar em Alvorada o chafariz atual já estava na praça há muitos anos com os leões dos dois lados. Segundo um senhor filho de descendentes de italianos que foram para aquela região e foi Professor durante muitos anos na comunidade: o chafariz é anterior a década de sessenta.

Foi através de Sr. Ademar que fui levado até a casa de Sr. Toninho. Ademar é meu sogro, pai de Patrícia e avô de nossa filha, a Gal. É um homem sábio da comunidade, que é conhecido em toda região pelos seus conhecimentos populares “para achar água onde ninguém acha”, subir em árvores para podagem, auxiliar estudantes na Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, em Jerônimo Monteiro – ES, principalmente na coleta de sementes, além de inventar coisas que para muitos mescla a inteligência e a chamada loucura de inventor. Tem uma planta que possui seu nome em latim o que é de grande orgulho para a família. Atualmente passou por uma amputação de uma das pernas. Enquanto aguarda a prótese e faz

tratamento em Juiz de Fora inventou uma perna mecânica. Segue subindo em árvores e andarilhando pela vida.



Quando uma comunidade tem o privilégio de ter um chafariz de palavras.

- Acervo pessoal -

Quando chegamos na Casa de Sr. Toninho senti-me muito bem, o que é comum na casa de todo benzedor: são lugares que não dá vontade de ir embora. A casa era uma grande alegria. A esposa que muito entende das benzeções cuida da casa que tem piso de cimento queimado que "dá para pentear o cabelo de tão brilhoso", o que não é diferente das panelas da casa. Uma mulher cuidadosa e admiradora de seu marido. A casa estava repleta de alegria. Os filhos, os netos. Ao conversarmos percebi que um de seus filhos foi meu aluno, assim como outras pessoas da família. Olhei para cima do fogão à lenha e vi algo e fiquei curioso:

- O quê é? – Apontei para cima do fogão.

- É uma benzeção para cobreiro.

- Temos muito a conversar! – Expliquei brevemente sobre a pesquisa.

- Pode vir à vontade meu filho!

Meu sogro e eu nos despedimos de Sr. Toninho. Depois de um certo tempo descobri que Sr. Ademar era benzido pelo seu amigo Toninho.

Marcamos um dia para conversarmos, pois estava trabalhando na panha de café.

Retorno numa manhã fria de sábado no dia 03 de junho de 2023. Um café feito no fogão à lenha para aquecer. A casa e a família eram tão intensas quanto a chama do carvão.

Sr. Toninho tem uma fala e alma leve. Releio a transcrição e ouço perfeitamente a sua voz. A maneira simples de um homem do povo, do campo falar, que conhece o tempo das ervas, as rezas, as garrafadas, os chás e a alma de quem o procura. Um ser andarilho, potência em sua topovivências...

- O Senhor aprendeu a benzer com quem?

- Eu aprendi com minha avó de parte de mãe que benzia eu convivi com ela desde meus três anos. Minha tia, irmã de minha mãe, também benzia alguma coisinha. Com dez anos de idade eu benzia. Eu aprendi benzer mordidela de cobra principalmente. Tudo eu aprendi com minha avó. Quando eu morei com ela era em São Francisco do Glória, depois Vieiras, Pedra Dourada, depois veio morar aqui perto de Alvorada, em Barroso. Nós éramos cinco irmãos. Só eu virei benzedor. Eu ficava olhando ela benzer ali desde meus cinco anos de idade, igual essa menininha minha – sua neta. Ela percebia que eu tinha o dom e dizia:

- Você vai benzer a vovó!

A cobra a gente tratava ela como bicho mau. Esses bichos insetos tudo é tratado como bicho mau ou peçonhento. Tinha demais, a gente rezava antes de ir para o mato. As palavras eu posso dizer para você. A gente reza para São Bento: - Senhor São Bento me livra de todo bicho mau peçonhento. E ia embora. Não via nada pelo caminho. Era para livrar o caminho. Aquela que tivesse por ali ia embora.

Quando morde em alguma pessoa, a benzeção: - Bicho maldito, não morde em fulano, morde em sete elemente, como Cristo não mente seu veneno não vai para frente. - Benze fazendo o sinal da cruz. São três vezes, três dias. Dependendo da pessoa do que ela estiver sentindo, do momento, pode voltar até nove vezes.

É porque o veneno para por ali. Pode ser qualquer bicho peçonhento: as palavras são as mesmas.

Quando é para retirar as cobras, jararacas por exemplo, a gente faz um pedido: - Bicho maldito não fique nessa planta fica em em sete elemento cês não vão pra frente.

No caso do cobreiro, que pode ser de bichos como lagartixa, sapo – que não é fácil de tirar a infecção da pele, cobra ou qualquer outro. Eu pego um galho de erva assapeixe, uma varinha e corta em nove pedacinhos. Vai perguntando e cortando. Fulano de tali eu te benzo com as três pessoas da Santíssima Trindade. É o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Agora vou te perguntar (primeira): - O que que eu corto? A pessoa responde: - Cobreiro. Benzedor: – Cabeça, rabo e meio: corta um pedacinho e torna a perguntar (segunda): - O que que eu corto? – Cobreiro. – Benzedor, volta atrás: - rabo,cabeça e meio. Cada pedaço você corta: Cabeça, rabo e meio. São três piques e depois corta. Na última você pergunta: - O que que eu corto? – Meio, cabeça, rabo.

Primeiro a cabeça, por último o rabo. Daí ele não tem segmento nem para frente, nem para trás.Você cortou tudo! Ele não vai pra frente. Ele morreu!

Ali tem nove pedaços. Três vezes! As três vezes que você falar você corta. Depois você junta todos os pedaços e diz: - Cobreiro maldito, não fique em fulano fique em sete elementos que esse cobreiro não vai pra frente...

Ao que sua neta disse: - Tchau vovô! Tchau!

- Você vai onde?

- Vou no mercado. – disse segurando a mão da mãe.

Eu perguntei: - O Senhor tem quantos netos?

- Tenho doze. Tive cinco filhos.

- Voltando ao assunto do cobreiro. Torna a falar: Cobreiro maldito, não fique em fulano fique em fé que elemente que esse cobreiro não vai pra frente. Pega todos os pedaços. Faz aquele punhadinho e amarra ele.

- Depois faz o quê? – perguntei.

- Dependura ele na fumaça igual aquele que está ali no fogão. Ali ele madura rápido. Aprendi com a minha avó. É para acabar. Para secar o mal com o calor do fogo.

- Quando o Senhor retira dali?

- De acordo com a distância da situação dele, quando é um cobreirinho franquinho ele cai sozinho, sete dias geralmente, quando é um cobreiro forte ele custa mais, quando ele tá caindo e o cobreiro não sarou aí eu pego um outro tipo de erva, um pauzinho de guiné que eu arranjo por aí a fora. Eu corto do mesmo jeitinho. A pessoa vem cá e eu torno a fazer.



O tempo e as dimensões das benzeções numa terra onde o fogão à lenha alimenta e benze.

- Vou fazer uma pergunta: o Senhor deve ser um dos últimos benzedores que sabe essas palavras para benzeção de cobras e animais peçonhens...

- Não está tendo né?

- Segundo uma benzedoura que conheci, muito antiga, ela me disse que não conhecia ninguém que soubesse benzer picada de cobras e que o

benzedor não poderia errar as palavras, pois seria fatal.

- Não pode errar as palavras. Tem que falar tudo completim. Tem que firmar na hora que vai falar aquilo ali. É iguali espinhela caída. Tem que falar tudo iguali. Toda benzeção começa com as três pessoas da Santíssima Trindade.

- Como o Senhor sabe se ela está caída ou não?

- Sempre a pessoa vê o crescimento, aquilo cresce (região entre o externo e abdomem). A gente pergunta para o indivíduo o que ele está sentindo naquela região. Se está doendo. Se está diminuindo o alimento porque começa a inchar. Costuma fazer vômito. Vai no médico e não resolve. Eu benzo ali naquela porta. Tem que ser na porta. Fica ali naquele portão de frente e depois vira as costas. Benzo com a mão. Eu não uso fita. Eu tenho que arrumar uma fita branca.

- Pode ser outra cor?

- Importante é ser fita branca, não é bom outra cor. Mediu aqui – mostra como se a fita estivesse dando uma volta pelo seu corpo tendo como referência a região do externo – "deu um noli nela. A pontinha dela ficou rentinha no noli a gente reza hoje."- disse-me.

Perguntei: - Como assim: o Senhor dá nó nas duas pontas?

- Não. Só num lado. Você mede. Ela vai ficar justinha, sem aperto em cima da espinhela. Encostadinho no noli da fita – primeira foto. A gente benze. Se der uma melhorinha a fita vai fazer disto olha...Entrar deixo do nole para cá – segunda foto. A segunda vez, segunda benzeção, melhorou bem a fita vem mais para cá – terceira foto. Na terceira vez aí é porque já acabou – quarta foto. São três momentos.

- Deixa ver se eu entendi: para medir com a fita branca, no caso, antes de fazer a benzeção mede. – Indaguei.

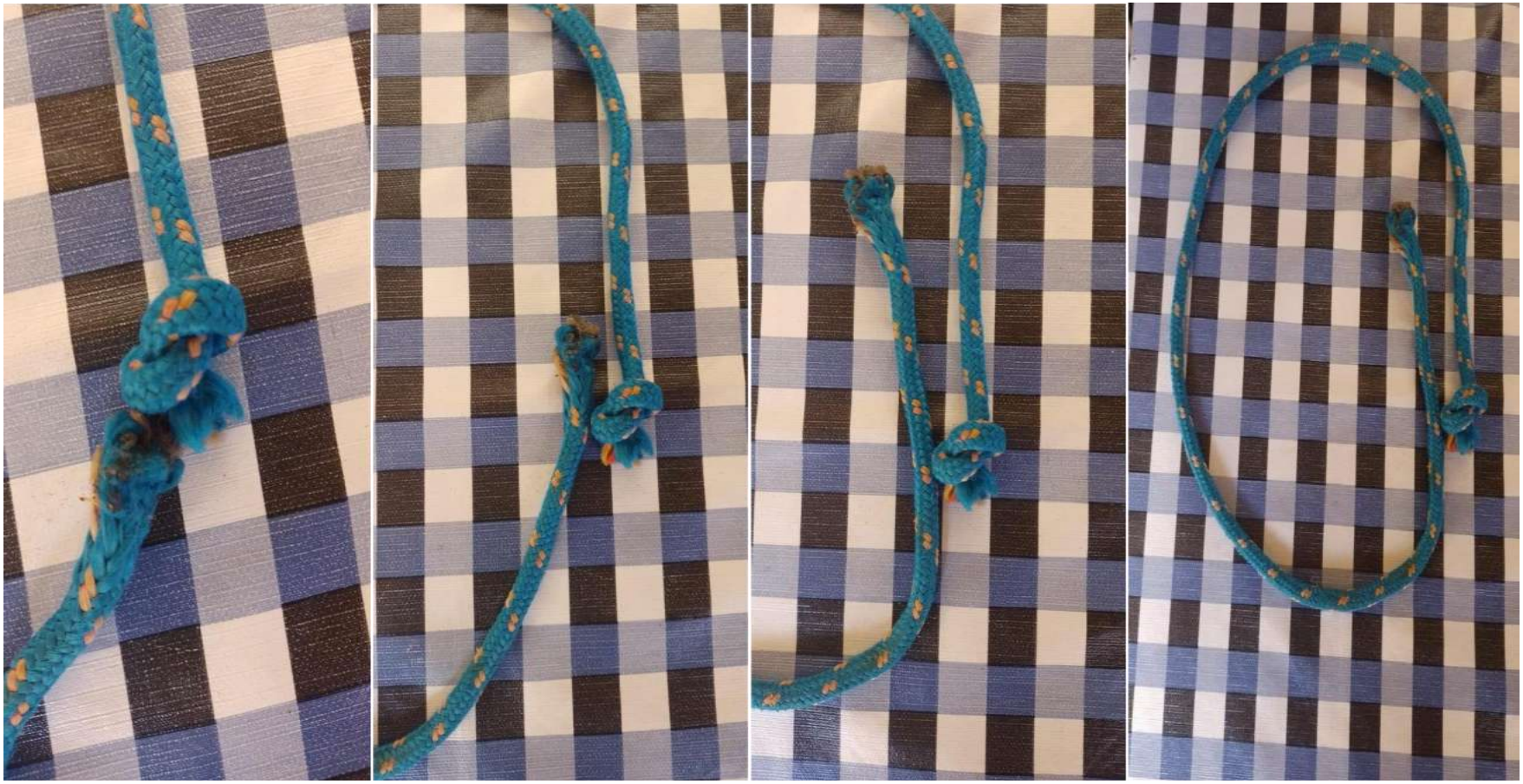
- Isso. No outro dia eu meço de novo.

- Eu queria tirar umas fotos para por no trabalho. Depois vou ver se arrumo um tecido para o Senhor me mostrar.

Ele se levantou enquanto eu falavra: - Uma Professora me contou que a dela estava tão caída que dava quatro dedos.

- Dá!

Ele pegou uma corda e mostrou como é o processo da fita na benzeção de espinhela caída:



- Isso aqui a pessoa chegou ao normali – última foto.
- A espinhela voltou ao normali.
- E como é benzido a espinhela? – perguntei.
- A gente fala: Noé fez a barca, Jesus se levantou, com poder de Deus sua espinhela também levantou.
- O Senhor aprendeu com sua avó as palavras?

- Sim. Três vezes a gente fala. Três dias seguidos. Hoje, amanhã e depois.

- O que causa a espinhela caída? – perguntei.

- Isso é uma coisa muito simples. Isso causa muitas vezes por um susto. A pessoa por exemplo tem uma notícia rápido de uma tragédia na família, por exemplo. A pessoa toma um susto. As vezes atinge cá no coração, mas muitas vezes atinge a espinhela. Ela dá aquela caída e ela não volta. Tem que rezar para voltar e parar. Evitar de pegar peso uns três a quatro dias. Pode ser de um peso que você pega demasiado e ela arria. Um arranco que a gente levar no corpo ela pode virar.

- Sua avó era carinhosa com o Senhor quando era pequeno?

- Era muito carinhosa. Era muito brava.

- Ela era Puri, italiana... – indaguei.

- Era Puri.

- Sabe porque: eu estou olhando para o Senhor e percebo que tem algo de imigrante, mas o Senhor tem muito de Puri...

- É que minha mãe era Puri por causa de minha avó e meu pai era da Itália. Meu pai era italiano, mas italiano mesmo!

- Com quem ela aprendeu a benzer?

- Eu não tenho lembrança, mas creio que com a mãe dela e com outras pessoas estranhas, de fora, porque muita pessoa ensinava para o outro. Tem muita coisinha que a gente não ensina. Iguali tem uma reza piquititinha que eu não ensino ela e nem passo ela por divução. Só rezo ela em caso de uma pessoa precisa benzer e tá com muito problema que eu acho que devo usar. Quando sinto que está muito difícil, a pessoa está magoada. A minha avó falava que era por divução porque a gente encurta os anos de vida. O benzedor encurta os anos de vida.

- Como assim? – perguntei.

- Rezar por divução é so para aquilo... Não é todo dia, não é toda hora. É quando é necessário rezar para ajudar a pessoa. É quando a pessoa está muito ruinzinha. As vezes a pessoa está lá no hospitali e pedi para fazer uma oração para rebenzer ele ou vem mesmo ruinzinho aqui em casa e eu benzo. É uma situação mais grave. Ela é assim: Senhora, Senhora, vosso filho já lá vai, vamo atrás dele como eu encontrei-o. Encontrei o menino Jesus pelo pé correndo sangue, pela mão atormentada. Lá evem a Madalena com seu pano de limpar. Limpa, limpa Madalena que por ela são, as chaga no inferno não irá. A porta do céu aberta achará. Continuou:

- Quando judiaram de Jesus, quando ele foi massacrado, tem muito rezador que não sabe isto: quem protegeu ele foi Maria Madalena. Então foi na hora que jogaram ele no chão, pisaram nele. Ele estava ruim, todo ensanguentado. Donde eles falam: lá evem a Madalena com seu pano de limpar. Limpa, limpa Madalena não me acabe de matar que por ela sua chaga por ela hei de passar fez tanto no canal no inferno não irá e a porta do céu achará...

Ofício de Nossa Senhora:

- Essa daí já é outra? – perguntei.
- É a mesma coisa...
- Como é que é para eu guardar na minha cabeça.
- Agora vou rezar completa: Senhora, Senhora, vosso filha já lá vai...
- Eu vou ter que ir devagar... É muito trem para minha cabeça! – Informei ao Sr. Toninho. Que seguiu a reza:
- Senhora, Senhora, vosso filho já lá vai.

Vamo atrás dele,
vamo que alcancemo
na rua da amargura,
na rua da tristura
esse homem que lá o via.
Esse homem era Jesus.
Jesus por aqui passou
com sua cruz bem pesada
com cêdro de madeiro novo
cada passo ajoelhava
pelo pé correndo sangue

pela mão atormentada.

Lá e vem a Madalena

com seu pano de limpar.

Limpa, limpa Madalena

não me cabe de matar

e por ela são as chaga

e por ela hei de passar.

Três tanto num canal

o inferno não irá.

A porta do céu aberta achará.

- Essa foi sua avó...

- Foi minha avó. Mas essa oração tinha escrita no Velho Testamento. – Disse-me.

- Eu li um livro muito bonito que foi feito com as orações deixadas por um benzedor. Lá estava escrito um trecho que para o autor era desconhecido, mas é bíblico: Eloí, Eloí Lamá Sabactâni que significa: meu Deus, meu Deus porque me desamparaste em aramaico. Foi quando Jesus estava na Cruz sofrendo muito. Suas últimas palavras... O Senhor está comentando e eu lembrei.

- As rezas de antigamente parece que tinha mais atuação... Essa reza minha avó falava que não podia rezar por divução também não. Se chama Ofício de Nossa Senhora.

- É uma reza forte. – disse-lhe.

- É forte. – Afirmou o sábio homem.

- O Senhor disse que sua avó e mãe eram puris e que seu pai era italiano. Mas e o esposo de sua avó?

- Meu avó mesmo, por parte de mãe eu não sei explicar direito qual era a nação dele. Mas ele não era purizado e nem italiano. Era do meio ali...

- O benzedor em sua opinião é uma pessoa escolhida. Tem pessoa que quer benzer, mas falta em algumas pessoas o dom? – perguntei.

- Falta. Falta o dom, mas na realidade nem todo mundo tem o dom. Eu benzo muita criança. Muitos ligam ou enviam um papel com o nome, nem cá vem. Mandam só o nome. Estou pensando em exigir um pouco: toda criança que eu benzer eu quero ver a criança e quero que ela me vê.

- Bonito isso!

- Cê sabe por causa de quê? Às vezes a gente benze pelo nome, do jeito que o povo é revortado fica difícil. Você benze a criança com espontânea vontade, o coração limpo e e amanhã ou depois nem te reconhecer para te dar um bom dia te dá, não vou falar de pedir benção, é de falar com você. Passa perto de você como um pedaço de pau. Não sabendo ele o que foi feito porque o pai dele sabe mas não passou para a criança: foi ele que te benzeu, você estava assim...

Disse: - Realmente o benzedor não quer ser alguém famoso. Ele quer ser...

- Reconhecido... – interrompeu o sábio benzedor.

- Enquanto uma pessoa usada. – Continuei.

- Justamente!

- Se toda vez que alguém chega aqui e entrega um papel qual o vínculo que esta pessoa criou com o Senhor de memória, carinho, afeto. – Refleti com ele que me disse:

- Não conhece... Muitas vezes a criança cresce e está no caminho errado e não tenho como conversar com ela. Não sabe quem eu sou.

Perguntei para Sr. Toninho sobre a benzeção de dente: - Quando eu era muito pequeno o meu pai que é de Ponte Alta falou sobre os benzedores de dentes.

- É quase a mesma coisa dos bichos do mau porque é bicho que está no dente. A gente reza um Pai Nosso e benze o corpo. E fala: - Bicho maldito não fique nos dentes de fulano de tal, como Cristo não mente esse bicho não vai pra frente... – e vai assim, explicou. – Reza três vezes. Na última fala: "bicho maldito não fique nos dentes de fulano de tal fique em sete elemento como Cristo não mente cê não vai pra frente". Aí pronto! O bicho acaba, morre! Tem um cara que tem uns doze anos que eu benzi um dente dele. Mas sempre eu passo um remédio para por.

- E qual é o remédio?

- É para banhar: cachaça com um dente de alho. Amassa o alho bem amassadim e coloca uma dose de cachaça. Meio copo de cachaça. Põe no prato e põe fogo. Deixa queimar! Quando estiver quase apagando o fogo você assopra. Aquele líquido é para banhar. Você costuma escutar o dente

estalar e não doi mais.

- E quebra o dente?- perguntei.

- Sai tudo! Faz umas três vezes para banhar quente. Sempre à noite.

- Quem te ensinou?

- Minha avó e minha tia.

- Se a gente não registrar creio que muita coisa vai se perder. São conhecimentos muito preciosos e ninguém sabe da reza, da benzeção. – disse-lhe:

- O Senhor benze muitas crianças. O que é mais comum entre as crianças?

- Muita criança. É vento virado, quebranti...

- Vento virado é o quê?

- É a mesma coisa que espinhela caída. Do mesmo jeito que o adulto muda a espinhela a criança muda também e ela encolhe o pé. Aí a gente coloca o pé juntinho assim os dedos tem que conferir, o calcanhar e as juntas. Vou te mostrar...

- A crianças não fica bem. Fica ruim de alimento.

- O vento virado é comum em crianças pequenas? Que idade?

- Desde novinho, bebê e vai até uns dez onze anos.

- Tem adulto com vento virado?

- Não. Só crianças. No adulto é a espinhela...

- Quando a pessoa chega com o vento virado é a mesma oração?

- É a mesma. É porque você pede: “Como Deus te criou, Deus te abençoou, Deus te salvou. Poder de Deus todo mal te livrou”. Três vezes. Eu me benzo e o enfermo pode ficar perto.

Nas crianças é a mesma coisa?

- Nelas eu benzo passando o dedo fazendo o sinal da cruz na frente e nas costas.

- Sobre a quebradura o Senhor lembra?

- A quebradura é o seguinte: eu tive ideia de aprender há muitos anos e nunca perguntei para ninguém. A minha avó já tinha partido, sabia e eu não aprendi. Eu tenho uma cunhada que sabe. Ela é benzedeira lá na comunidade do Barroso. Eu aprendi e fiz. A quebradura é a hérnia. Eu aprendi a fazer debaixo da figueira...

- Debaixo da figueira?

- A gente chega e pergunta. Benze o corpo e faz uma oração qualquer debaixo da figueira. Tanto eu tenho que rezar quanto a outra pessoa. O que a pessoa tem por divução.

- Geralmente o Senhor escolhe qual?

- Eu levo um facão. A oração eu não escolho.

- Eu não conheço a árvore da figueira, depois o Senhor me apresenta. É aqui perto? - Indaguei

- Tá longe! A pessoa me leva lá. Eu pergunto para o cara: - O que que eu vim fazer aqui? Ele fala assim:

- Cortar a hérnia!

- Eu estou com o facão e bato com ele na figueira. Pergunto novamente e bato em outra parte da árvore. Três vezes. Depois viro as costas e saio sem olhar para trás. Tem pouco tempo que aprendi. Falei com o rapaz que estava com medo de operar: vamos tentar? Ele veio da comunidade do Cafarnaum. Fomos lá e fizemos. Se você sentir diferença você me fala porque daí eu continuo.

- Porque essa árvore fiqueira?

- Eu ouvi falar, mas eu não sei.

- Eu vou dizer o motivo desta pergunta. Eu ouvi um relato que tinha uma benzedeira que ela benzia debaixo da gameleira. Ela é para muitos povos sagrada. É o caso dos Puris e também dos africanos que vieram escravizados para o Brasil.- disse-lhe.

- Essa gameleira é a figueira. – Sr. Toninho repetiu e sorriu.

- O Senhor acha que a sua cunhada aprendeu isso como?

- Ela benze muito. Parou um pouco porque estava doente. Tem gente que benze com certas coisas que eu creio que não seja o caso dela.

- O Senhor conheceu benzedores negros nas comunidades rurais?

- O Carlo Aniceto de São Francisco do Glória foi um grande benzedor. Muitas pessoas iam benzer na casa dele. Tinha a D. Orondina que me

benzeu. A gente precisa do outro. Eu tenho muita fé com Deus. Se pedir coisas de advinho não tenho condições de dizer.

- Como é dor de cabeça do sol? – perguntei.

- Doi muito de sair água nas vistas. Quando eu estava trabalhando e ela vinha eu punha folha de mamona ou três folhas de café em cruz na testa debaixo do boné. As folhas secavam. Precisa de benzeção. A noite você pode molhar uma toalha e põe na testa. O calor seca a toalha. É o calor do sol. Eles falam que não pode beber e comer de frente para o sol. Eu fui na D. Orondina para me benzer. Eu não lembro como ela me rezou.

- Tem benzedor que benze mais no sussuro. – Enfatizou Sr. Toninho.

- Eu não benzo em voz alta, só no sussuro porque tem uns que vão ali até por abuso.

Uma outra netinha chegou:

- Vovô, vovô eu voltei!

Ao olhar percebi que a mãe da menina foi minha aluna. Nos cumprimentamos.

- Então você lecionou ali na escola.

- Muitos anos!

- Eu deixo ela me benzer. – E acrescentou:

- Essa pequena me benze. Tem dia que ela mesma fala. Ela diz vou benzer o Senhor Vovô. – disse o avô com alegria na germinação.

- Ela pede para eu ficar ali na porta onde eu benzo as pessoas. Ela tem dois anos.

Ela sorri para o avô. Que diz: - Eu vou te benzer e depois você me benze.

O avô primeiro benze a criança de frente e depois de costas.

Balbucia palavras.

Faz o sinal da cruz.

- Vovô!

Ele o abraça e a pega no colo.

Estava benzida a pequena neta.



Intergeracional – Acervo pessoal

Depois a neta começa a benzer o vovô. Ele de frente para ela. Ela faz o sinal da cruz no peito.

- Agola...

- Benze direito. – Disse o avô benzedor.

Ela puxa a gola da camisa e vira o avô no portão.

Ela faz um sinal nas costas. Vai ao final da coluna e parece desenhar algo. Um desenho benzeção nas costas do avô. Estava benzido o vovô benzedor por sua neta.



Ato puro de amorosidade ancestral interespacial. – Acervo pessoal

- O Senhor benze com brasa? Como é?

- É a reza que você tem por divução. Eu benzo vento virado, quebrante e outras coisas também na brasa. Eu digo: eu te benzo pelas três pessoas da Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Pega um copo d'água. Quando as brasas afunda tudo é porque está ruim. Rezo a pessoa: Volta no outro dia. São três dias. Quando a pessoa está meio dividido a brasa para no meio do copo. Ela não sobe nem desce.

- São quantas brasas?

- São nove brasas.

- Se uma descer já está com vento virado ou quebrante. Espinhela caída eu gosto de benzer no portão.

- O que é o quebrante?

- Quebrante é o mau olhado. A pessoa olha a criança e não abençoa.

- Não bendize.

- A minha nora benze também. É a Rosilaine.

- Ela aprendeu com o Senhor?

- Não, ela aprendeu com a mãe dela a D. Chica daqui de Alvorada.

- A Rosilaine benze na Residência.

- Eu estava indo para Ponte Alta e conversando sobre a pesquisa e meu ex-aluno era o motorista me mostrou a casa dela. Ela pede para o Senhor ensinar alguma benzeção?

- Ela não pergunta.

- Assim como sua avó percebeu no Senhor o dom da benzeção em sua família você sente o dom em alguém? – perguntei.

- Só tem um aqui que benze. O meu filho Carlos que benze cobreiro. Ele tem quarenta e dois anos.

- O Senhor acha que a palavra tem o poder de curar ou adoecer uma pessoa?

- Se você diz: “benza Deus”, você abençoa. Se disser: “ cruz credo” é algo que faz mal.

- O Senhor já viu benzeções para pássaros ou outros animais?

- É tudo a mesma coisa! Quebrante.

- Aquele passarinho ali.

- Ele está cantando desde quando eu cheguei. Benzo Deus! – disse-lhe.

- Aquele é o trinca-ferro. Teve dia que ele estava quase morrendo de mau olhado. O passarinho não tem malícia para nada. Bicho nenhum faz mal para ninguém. Uma vez eu estava capinando na roça com meus meninos tudo pequeno e eu gosto de andar correto com meu serviço. Um senhor me ofereceu mil e setecentos pés de café para eu cuidar. Eu encontrei com três pessoas que queriam aquele "corte de café”. Elas estavam na beirada de uma casa me olhando de beirada de esquina. Era um serviço para eu capinar em três dias. Eu cheguei no serviço e nada. Eu revirava para lá e para cá e nada. Eu estava no mesmo lugar. Nove horas e eu não tinha feito nada. Andei meia carreira de café. Joquei a enxada nas costas e falei com minha esposa a respeito. Eu disse para ela que meu corpo estava estranho e que eu precisava de uma benzeção. Procurei uma benzedeira do São Bento. Era a D. Omerita.

- Como era? – perguntei.

- Era uma senhora negra. – ele continuou:

- Vim cá para fazer uma benzeção D. Omerita.

Ela disse: - Senta aí! Pegou o copo d'água e a colher. Nem foi colher foi um garfo. Ela foi colocando as brasas na água: - Você está com mau olhado. Te olharam com olhos ruins.

- Era um casal e sua filha. O patrão não deu para eles que trabalhavam na fazenda. Deu para mim. Ela me disse: - Você vai ficar três dias dentro de casa, não vai para lado nenhum. Quando você chegar lá pegue do outro lado da carreira de café. Terminei todo o serviço em dois dias. Serviço tem de pegar de um lado e de outro. Nunca do mesmo lado. Esquerda para direita. Direita para esquerda. Eu falo para meus meninos pegarem sempre de um lado e do outro. Tem que inverter.

- Sobre as benzeções com faca o Senhor já viu?

- Eles usam inclusive para dor de dente. Eles passam a faca entre todos os dedos dos pés. Eu vi uma vez na comunidade de Patí em São Francisco do Glória. Ele não tinha uma faca e eu tinha uma na cintura.

- Tem faca aí não? – perguntou o homem para Sr. Toninho

- Tem não. – respondeu.

Ele revirou e achou um arame. Ele começou a balbuciar palavras. Eu cruzei meus braços e minhas pernas. Ele me disse: - Você tem um companheiro com você não tem?

- Por quê?

- Eu não consigo benzer!

- E seu companheiro?

- Ele pelejou e eu não descruzei o corpo. Numa outra situação me pediram para levar uma foto de meu irmão na divisa com o Espírito Santo em Dores do Rio Preto para ele benzer e se livrar do alcoolismo. Tinha uns trinta carros no terreiro dele. Confusões de terra e vários outros problemas. Na casa dele tinha dezessete pessoas da família. Muitas pessoas entravam com garrafa de bebida. Eu era o último quase na boca da noite. Quando chegou uma pessoa e perguntou:

- Quem quer falar com Sr. Zé?

- Eu quero – respondi. Era um quartinho pequeno de frente para a sala. Os litros que entraram estavam todos vazios.

Ao que ele disse ao entrar: - Você quer falar com Sr. Zé. Trouxe uma foto que está no seu bolso. Chama Zé também e é seu irmão. Não precisa trazer a foto dele não. Ele está aqui já. Pegou e virou um espelho: olha ele aqui!

- Rapaz, era meu irmão no espelho!

Disse para o Sr. Zé: - Agradecido. - Queria ir embora.

Ele me disse: - Você tem coragem de dar meia folha santa para tirar a cachaça dele?

- O que é meia folha santa? – perguntei.

- São quinhentos reais.

- Dei o dinheiro. Ele começou a falar e fazer coisas as quais eu não entendia. Ele falava uma pelegagem que eu não entendia. Ele estava incorporado. Ele subiu no telhado da casa com a cadeira de madeira na bunda dele. Ele foi dando uns gritos e subindo. Eu cruzei meus pés e meus braços e ele desceu. Gritou saravá e jogou o ombro no meu ombro. Tornou a subir lá em cima. Eu não desencruzei. Ele passou uma simpatia para eu fazer para o meu irmão. É com o leite da porca preta. Eu fiz: misturava o leite com cachaça. Ele bebeu e passou três anos e seis meses sem beber. Ele não sabia que misturado na cachaça tinha o leite. Ele depois voltou a beber. Tem a simpatia da pena de urubu torrada e põe na bebida. Tem outra: vai ao pé de côco da bahia e fura. Pega o nome da pessoa escrito, coloca dentro do côco e enterra no pé de côco.

- Em relação às plantas. Quais o Senhor usa?

- São muitas. Tem erva para tudo! Para bronquite, inclusive para crianças, são três sexta-feiras nas luas minguantes. Se for na sexta-feira santa seria melhor. Minguante tem o ano inteiro. É uma simpatia que sempre dá certo: eu coloco uma alfavaca ou poejo, um expectorante, mas eu trago as formigas. Essa é uma formiga cabeçuda. Eu faço com ela. Tem outras, mas é mais difícil achar. Eu vou na sexta-feira à noite na lua minguante em jejum, de madrugada, sem comer, sem beber, sem lavar a cara e onde tiver um formigueiro espero o dia clarear. A primeira que sair você pega e coloca dentro de um vidrinho. A segunda e a terceira também. São três formigas que precisam estar vivas. Eu coloco no fogo e elas torram. Eu soco, coloco água, ponho um pouquinho de doce e coloco um raminho de alfavaca ou poejo para não diferençar a formiga. A pessoa não pode saber o que é. A pessoa toma tudo porque vai pouco. Depois uma garrafinha de 250 ml e pode tomar tudo. Na terceira a pessoa toma três vezes, pela manhã, à tarde e

à noite. Joga o resto na água rio abaixo, pode ser correguinho. Tenho feito e dado certo.

- Simpatias? – perguntei.

- A D. Maria me ensinou a fazer uma simpatia para bronquite no mamão macho que é de corda. Na sexta-feira risca ele e enche uma colher com o leite. Mistura ao leite de qualquer criação. A criança tem que ficar sete anos sem comer o fruto daquele mamoeiro ou outro mamão de corda.

- Tem alguma erva que o Senhor gosta de benzer?

- Eu benzo com a mão mesmo. Eu uso as ervas para bronquite, reumatismo, para os rins, hepatite e várias outras doenças.

- Então o senhor é raizeiro...

- Por exemplo: eu uso guiné para cortar cobreiro. Vem gente de longe para se livrar de cobreiro. Cortar é diferente de beber. Veio uma mulher com a cacunda toda tomada. Teve uma do Rio de Janeiro com o pé tudo roxo. Cortei com assapeixe e depois na guiné. O pé estava melando aquele aguaceiro. Vai no médico, mas não resolve.

Após iniciar no doutorado procurei informações a respeito de um benzedor muito querido da comunidade de Conceição. Muitas pessoas de Carangola e região procuravam o Sr. Antônio Grossi para se benzer. Sr. Toninho procurou o xará dele por duas vezes:

- Eu estava sentindo dor de cabeça e outra vez aproveitei que algumas pessoas estavam indo e eu fui também. Eu não aprendi porque ele benze em meia língua defrente ao sol. Entrega um pouco de sal e pede para por debaixo do travesseiro fazendo uma cruz.

O sogro de Sr. Toninho estava com muito soluço após um "derrame". Soluçava dia e noite sem parar. Sua esposa e sogra foram até lá para serem benzidas porque o benzido era cadeirante:

- Ele sarou. – relataram.

Fiquei a pensar como as comunidades e seus benzedores trazem consigo as vivências interespaciais de maneira tão forte e latente. Fiquei a esperar durante um bom período a recuperação de Sr. Antônio Grossi para esta tese-benzeção. Ora tinha informações de pessoas da Conceição, ora da cidade de Carangola, onde chegou a residir. Fiquei aguardando a recuperação para tentar uma aproximação que não foi possível devido seu falecimento.

Durante conversa com Sr. Toninho de Alvorada ele me disse algo que aqui deixo registrado por ser precioso:

- Ninguém dá conta de tudo, nem a ciência. – E mais: - A benzeção quando feita não se deve agradecer. Diga Deus te ajude



Casa de Sr. Antônio Grossi na Comunidade de Conceição. Na roça uma janela fica aberta quando a família se muda.

Fotos de Mitsi Pinheiro de Lacerda.

A horta e a espacialização do viver de Sr. Toninho Benzedor:

- Chupando mexerica e conversando –



Afragaia

- Pego a afragaia, cana do reno (a raiz dela). Cavuco no chão e ranco três pedaços. Uns nove pé de picão com raiz e tudo. Raiz de sapé a gente junta um palmo de mão e conzinha tudo junto. Faz dois litros. Acabando faz de novo. Usei durante a COVID. Não separamos garfo, nem prato, nem cômodo.



Alecrim, Basto e Grajurú

Alecrim:

- Eu pus no vinagre para eu usar. É bom para acalmar.

- Você pode beber o alecrim mas não pode cozinhar. Deve ferver a água, colocar o galinho no copo e põe a água fervida e abafa.

- Todo remédio que é fervido ele morre. Se cozinhar ele morre.

Basto:

- É para estômago e pulmão. Bato no liquidificador com água. Ultimamente estou pegando e comendo aqui mesmo.

Grarujú:

- Essa planta eu ganhei em Tombos-MG. Éla é boa para infecções. Tudo é quanto infecção no corpo da gente. Ponho a água para frever. Tiro nove foinha dele num copo grande, coloco a água quente, abafo e deixo esfriar.



Camomila

- Camomila eu coloco no álcool junto com folha de melão do mato. Deixo alguns dias. Bebi na época da pandemia. Meu menino deu corona duas vezes. Tratei dele aqui em casa. Dava dez gotas três vezes ao dia. Ele reclamava do gosto e eu dizia: rapaz é esse que sara.

- A camomila em chá abaixa a febre



Transagem, vique e arruda

- Transagem: É antibiótico. Limpa o pulmão. – primeiro plano à direita.
- Vique. Ótimo para gripe. Ele natural.- segunda foto.
- Arruda: bom para as vistas.



Primeiro frasco:

Álcool, camomila e folha de melão: corta febre. Eu ponho puro na boca. Para meu menino dava com um pouco de água.

Segundo frasco:

Alecrim e vinagre: - Eu tinha um calor na sola do pé. Minha cunhada passou para esposa, mas fez mal para ela. Decidi beber. Provei uma colherzinha, dez gotas. Rapidamente mexeu com o corpo todim. Senti uma dor fininha, mas eu ia capinar virei para o lado de lá e entrei capinando. Estiquei meu corpo. Miorô. Voltei à noite e tomei mais uma dose. No outro dia mais umas gotinhas. Acabou com tudo. Minhas veias estavam altas. Acabou o calor do corpo.

Terceiro frasco:

- O escorpião me mordeu no dedo. Doeu uns oito dias. Tem que benzer rápido. Eu benzi e usei essa medicação. Eu coloco o escopião vivo no álcool. Ele solta o veneno dele e morre.



Piraguaia, Pau Sabão e Osso de Capirava

Fomos para uma casa abandonada perto da casa de Sr. Toninho. Casa do falecido avô de Patrícia. Lá ele guarda muitas coisas.

- Piraguaia: é um cipó. Arrumo no meio do mato. Bom mesmo é arrancar a raiz de dentro do chão. Corto um pedaço e cozinho. Ponho um doce e explico para a pessoa como beber.

- Pau sabão é bom para coceira.

- Osso de capivara: bom para reumatismo. Coloca coquinho do brejo bota no casal de velho.

- Casal de velho é o quê? – perguntei.

- É um vinho.

- Queima o osso da capivara, rapa no vinho e coloca a raiz.

Despedir de Sr. Toninho:

Ouvir Sr. Toninho é como deixar o ar adentrar os pulmões na inspiração e devolver para o cosmos na expiração aquilo que em nós adentrou. Alguns meses depois de nossa conversa o telefone tocou. Não acreditei na notícia. Ele havia falecido. Era um homem forte, corado, de boa saúde. Decidimos deixar tudo e ir ao velório e enterro. Algumas pessoas parece que em alguns minutos ou horas tem a proporção de toda uma vida.

Chegamos pela manhã e quando descemos do ônibus olhei para a fonte na Praça Nascimento Leal. Fomos até a capela na lateral da Igreja de São Sebastião. Participamos das orações do terço dos homens do qual ele fazia parte. Encontrei muitas pessoas conhecidas, inclusive a benzedeira, mãe e avó de minhas alunas que mora ali por perto. Conversei longamente com seu filho. Ele me pediu um pequeno relato da vida de seu pai. Disse que assim que a tese fosse disponibilizada encaminharia uma cópia para eles. Fui enfático ao afirmar que muitas vezes algumas pessoas tem seus nomes em praças, escolas e são consideradas importantes. Disse que Alvorada naquele momento perdia um de seus mais ilustres filhos que talvez não teria um nomem de rua, mas tocou e benzeu muitas pessoas. Um benzedor não morre nunca. Encaminhei algumas fotos e a gravação de sua neta o benzendo. Creio que foi um alento.

Durante o período que o corpo de Sr. Toninho ficou na capela velório era perceptível a fenotipia Puki no local. Seja nos familiares que eram maioria ou das pessoas amigas. Depois da Missa de Corpo Presente fomos em direção ao cemitério local. Decidi passar por um outro caminho por estar o sol muito quente e Gal, minha filha, estava incomodada. Paramos um pouco perto de uma árvore, na rua do campo, onde morava Sr. Toninho. As folhas caiam. Pegamos alguma e brincamos um pouco com Gal. Seguimos caminho estreito e chegamos na porta do cemitério. Adentrei o local e fiz a minha despedida. Não entrei de costas como de costume por ter muita gente olhando, toquei o chão e fiz o sinal da cruz. Saí de costas como de costume, tocando o chão e fazendo sinal da cruz novamente. Sentei-me numa lateral esperando Sr. Ademar que lá estava se despedindo do amigo. Foi quando uma pessoa que trabalhava no plano de assistência funerária da região me perguntou se eu estava pesquisando o Sr. Toninho. Expliquei um pouco. Olhei para a fonte sem água novamente. Olhei para o coreto: qual criança daquela comunidade nunca brincou naquele coreto? Quantas delas não foram benzidas por ele? Sim, essas pessoas também são um patrimônio. Muitas vezes não re(conhecido).

Como a academia está longe das pessoas do povo!



Gal e o Chafariz – Acervo pessoal

Creio que a esposa do Sr. Toninho não conseguiu chegar até o cemitério. Fiquei a pensar na horta do benzedor como uma intespacialização da amorosidade de suas vivências. É um lugar sagrado que vai tomando as dimensões de sua cosmovisão andarilha. Cada planta tem uma história e

juntando tudo é a coexistência da amorosidade. É a fé de que as mãos benzem a terra em cada muda. A muda vira ramo para tomar e benzer. As raízes de uma planta vão ao infinito. Não seria diferente nas topovivências de Sr. Toninho. Como me disse Jader numa mensagem via whatsapp no dia 05 de março de 2024 após comunicar sua passagem: “Quando nosso velhos vão embora, tantas coisas vão com eles”.

Cada pessoa naquela despedida para mim era uma muda, um ramo da vida do Sr. Toninho.



O coreto e as benzeções: patrimônios

- Acervo pessoal -

Galeria Andarilha XVI

“Ervas São Plantas que Curam”: Andarilhando com os Pés Descalços de Chico Puri.

Nascemos e vivemos de e com muita gente.

Jader Janer

Olhando as publicações no “Carangola Antigamente” vi a seguinte publicação referente ao dia 24 de maio de 2017:

- Alguém possui fotos, arquivos, documentos sobre os índios puris? Estou fazendo um trabalho universitário sobre e ajudaria. – Na postagem a seguinte imagem de uma A iconografia de Maurício Rugendas:



- Abri os comentários. Um deles me chamou atenção era de Adriana Carvalho: - Que pena! Eu sou bisneta do Chico Vitorino que foi um puri curandeiro, morava no Triângulo. Os antigos o conheciam. Pena não termos o registro. Boa sorte!

Ela vive na França há muitos anos. Fiz imediatamente contato, mas não obtive uma resposta imediata.

Quem seria esse senhor? O que seria possível registrar nesta geração?

Primeiramente uma consideração importante: a palavra indío reforça estereótipos, que retratam os povos indígenas como selvagens, atrasados e preguiçosos. Já a palavra indígena traz a dimensão "natural do lugar em que vive" e a multiplicidade de povos indígenas e suas culturas. Trazer isto para a escrita é fundamental. O povo Puki, assim como os conhecimentos ancestrais emergiram de maneira intensa durante a pesquisa.

Creio que esta tese-benzeção com os pés descalços andarilhando com a Topogênese e as vivências espaciais através da Teoria de Vigotski e Lopes é um compromisso intergeracional muito importante no atual momento da História da espécie humana no planeta. A filogênese sapiens em seus caminhos entrecruzados com a sociogênese e ontogênese não pode desconsiderar a Topogênese do que emerge no encontro dos sujeitos. Isto é um alerta também para a academia: não dá mais para falar de tantas coisas, ou de pesquisas engessadas que não tenham abertura para ouvir e dialogar com o que as pessoas estão a nos dizer em suas epistemologias outras. Seria como virar as costas para dimensões de tudo aquilo que talvez não teremos mais a chance de aprender.

Falo de um mundo que caminha com a inteligência artificial mas, assim como eu, não sabe que um raizeiro benzedor saia na madrugada para buscar as ervas e raízes não pelo fato somente de ser noite ou se tratar de algo de cunho religioso: é o momento da potência do encontro da erva com o orvalho que vem das nuvens e dos ventos num diálogo potente da raiz com a terra... É quando as folhas e flores, com todo esplendor de cores, respiram intensamente e se dá a vida em plenitude.

É a cosmovisão da Topogênese da vida na vida.

Para onde esses serem humanos iam e ainda vão não é para des(bravar) nada! Desbravar é palavra colonial, escrita no sangue da imposição e violência eurocêntrica derrubando e destruindo tudo: dos donos legítimos destas terras a todos os seres da matas, da fauna e flora.

Quvi minha vida inteira: “isso é mato bravo”. Da mata que falo nada ali é bravo, nem mesmo o ser humano. O benzedor com suas mãos sagradas colhem na noite, em meio ao equilíbrio sagrado da natureza no mundo, o que é vital para cuidar das pessoas tão necessário e natural quanto o sol que benze o dia e na intensidade de sua despedida a lua abençoa a noite. A noite e o dia são sagrados: não há dicotomia.

Tocar para cuidar.

As ervas falam de Vigotski e Bakhtin: as linguagens e o cuidar singularizam a nossa espécie. É importante repetir isso várias vezes como três vezes numa benzeção para o benzido ou as palavras ditas várias vezes pelo benzedor durante sua vida.

Na cosmovisão ancestral nada e ninguém é superior ao outro. O entrar na mata não é lugar de medo. Medo é porque nos afastamos da natureza, dominando e destruindo – e vamos pagar o preço pela arrogância antropocena e antropocêntrica.

Ali é o lugar de cura. Tudo ali é comunhão. A casa do benzedor tem muito da mata, a mata tem muito da casa do benzedor. Haverá tempo para se entender o óbvio?

Muita coisa mudou na vida das pessoas, na minha vida não seria diferente. Enquanto escrevo estas palavras ouço da casa de meu vizinho a música “Casinha Branca” que me traz à memória minha vida em Piabetá, onde o compositor escreveu a música: “ Eu queria ter na vida simplesmente, um lugar de mato verde, pra plantar e pra colher. Ter uma casinha de varanda, um quintal e uma janela para ver o sol nascer!” (Canção de Gilson Vieira). De lá para cá: quanta tela, poucos quintais! Que quintais nossas crianças tem frequentado?

Pé no chão como de Chico Puri é “pisar no sujo...” Que mundo esse que criamos? Se criamos pode-se recriar.

Na tradição judaico-cristã esse paradigma tem origem na chamada criação. Sacralizaramm o céu e na terra ficou o impuro. O desequilíbrio entre o homem e o(s) Deus(es) é nomeado de pecado e a ambição para dominar e subjugar através dos séculos passa a ser chamado de capital, de capitalismo, da esquizofrenia do antropocentrismo.

Essas reflexões tiveram início de pensamentos que envolvem a inserção das telas atuais para o cotidiano da humanidade. O problema não é o artefato, sempre os criamos, mas a serviço de quem ele está? Sempre inventamos tecnologias novas, mas diante do delicado momento

planetário como será a vida e as vivências de nossa espécie que numa situação limite já devastou um quarto do planeta? Não podemos demonizá-la como foi feito com os saberes ancestrais, mas é preciso desobediência contra-hegemônica e decolonial para entender que sem os quatro elementos, sem folha e água, sucumbiremos. Estamos diante de um grande compromisso geracional: teríamos uma segunda chance? Não há "tecnologia" mais avançada que um ser humano que entende que é na madrugada no meio da mata, no orvalho, a potência de uma erva que cura!

A Topovivência tem o educar e cuidar como contribuição fundamental para este diálogo. Por isso, nosso compromisso ético, numa pesquisa pós-humanista, num dialogismo de respeito entre a nossa espécie e tudo o que habita o planeta.

A casa de um benzedor tem uma práxis educativa global: ao abrir as portas de suas casas estão as microrrevoluções cotidianas. Elas se dão em cada ato e prática de bendizer, entender o humano e cuidar do planeta. A prática benzedeira traz consigo uma postura de amorosidade revolucionária: não se benze por dinheiro. Para o benezedor e benzedeira o capitalismo fica lá na rua. Para tal ofício a pessoa tem que saber cuidar, respeitando a tudo e a todos. Não vi durante toda a pesquisa nenhuma benzedor desfazer ou desmerecer nenhum outro saber.

Há esperança.

Com os pés descalços recordo que quando estive na comunidade de Alvorada dialoguei com uma velha benzedeira que me recebeu em sua varanda, de frente para as suas galinhas soltas para o quintal de frente para sua casa entre as guinés e espadas de São Jorge. Perguntei sobre a possibilidade de contribuição para esta tese-benzeção. É uma descendente de Puki. Como fui professor de suas filhas e netas pensei que não haveria uma recusa. Conversamos sobre muitas coisas e a resposta não vinha. Vi seu fogão à lenha e a raridade cada vez maior dele nas comunidades. Olhei para a velha senhora com os braços cruzados e agasalhada. Vi umas galinhas brigando e disse:

- Essa é a galinha que eles chamam de índia?

Ao que me respondeu: - São elas mesmas!

Eu vendo a confusão disse: - Mas elas brigam muito!

- São encreiqueiras igual a gente mesmo!

Disse que precisava ir. Não toquei no assunto e não tive resposta.

Uma moça chegou com seu carro e houve um diálogo. A família desta benzedeira tem fortes fenótipos pukis.

Retornei num outro dia e perguntei para ela sobre a questão da importância dela na pesquisa, ao que me disse bem matuta e mineiramente:

- É melhor não mexer com isso não bobo! Eu precisava de uma autorização e não tive. Qualquer coisa te digo.

- Eu entendo. Caso haja alguma mudança a senhora me fala. Fui embora. Depois quando encontrei Sr. Toninho e seus saberes entendi que realmente a fonte de Alvorada é exatamente assim. É uma fonte de palavras que minam nas casas dos benzedores, muitas vezes na palavra aberta e leve de Sr Toninho, outras vezes envolta no silêncio ou da desconfiança do Mineiro da Zona da Mata.

Essa fonte sempre me intrigou desde os tempos que lecionei na escola como Professor de História, um ano como contratado e mais de dez anos como efetivo. Procurei informações com as pessoas do lugar, mas até mesmo o registro dela na Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Carangola é bastante vago. A última informação que tive é que antes da década de sessenta ela lá estava. Trago este assunto para dialogarmos pois acompanhei até a comunidade uma mestranda do Curso de Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL.

Apresentando a praça dialoguei com a pesquisadora a questão de uma praça ter dois delimitadores paisagísticos: a fonte e o coreto. Depois fomos visitar algumas pessoas da comunidade com conhecimento sobre a questão arqueológica dos povos nativos do local: os Tupinambás, em suas levas migratórias e últimos estudos desenvolvidos pela Universidade Federal de Juiz de Fora –UFJF, e os Pukis, nomeado pelo colonizador como Puri.

O coreto tem toda a sua historicidade registrada e contada pelas pessoas, já o chafariz pouco se sabe. O que é patrimônio de um povo? Não somente na questão arquitetônica. As benzeções fazem parte do patrimônio de nosso povo, de nossa gente. Ao ler a dissertação a autora diz:

> D. Maria Sampaio, de 91 anos contou à equipe que aprendeu a benzer ainda nova com uma amiga da sua família. Depois de um tempo, veio a ser a parteira local tendo feito, ela mesma, o parto dos seus treze filhos. No que diz respeito à presença indígena na região, mencionou os Puris que, segundo ela, "tinham sangue quente e eram pessoas muito boas". Quando morava na comunidade de Borboleta, sua família recebia visitas dos Puris, estavam sempre por lá comendo bolos e outras coisas. Eles davam auxílio a seu pai na lavoura. Sempre eram educados, muito limpos e gostavam de cachaça. No fim da colheita, costumavam fazer festas para agradecer. Eram sempre animadas, com muita bebida e toda comunidade era convidada. (ROCHA, 2017, p. 107).

Na página 25 da referida dissertação sou apresentado com o pseudônimo de Alexandre. Entretanto, há um erro da autora: nunca morei em Alvorada. O que me chamou atenção durante a leitura foi a seguinte citação:

> O Sr. Louzada, chefe de terreiro (...). A conversa perpassou por diversos assuntos. A partir do interesse da equipe sobre o contexto de ocupação do município, ele comentou também sobre a presença indígena, especificamente em um local conhecido como "Serra dos Puris" ou "Mata dos Puri". Ele disse que ficava próximo a sua casa, mas nos relatórios não encontrei qualquer especificação do lugar. (ROCHA, 2017, p. 104)

Quando li as expressões "Serra dos Puris" ou "Mata dos Puris" ditas pelo querido amigo Louzada, um grande líder comunitário do bairro Triângulo, lugar onde morei e trabalhei durante muitos anos no Hospital Evangélico, fiquei a pensar: onde seria esta mata? Seria a Mata que os moradores do bairro Panorama me disseram existir no local: verdadeiras matas, com árvores grandes no íníco do século passado que deram lugar ao plantio de café?

Quando associei a publicação na rede social, o comentário da neta de Sr. Chico Puri e posteriormente a existência da Mata dos Puris decidi ir ao local e conversar com os moradores. Parei no famoso Banco dos Malandros perto da Matriz de Nossa Senhora Aparecida - que se parece com um ponto de espera de ônibus, mas não é, porque a única linha de ônibus é o "circular" que não passa por lá – onde tantas vezes ficava sentado conversando com as pessoas, defrente para a rua dos Operários, descansando com meu filho depois de caminhar e empurrar seu carro de bebê para depois terminar a caminhada e chegar em casa. Aliás, a igreja católica ao adquirir o terreno onde na esquina está o velho e saudoso banco,deixou o espaço perto de uma encruzilhada para a perpetuação da memória, num ato de respeito com a população do bairro e da cidade. Aquele espaço de vivências onde de tudo emerge foi respeitado em sua historicidade.



Banco dos Malandros – Acervo Pessoal

Nada consegui em termos de informações sobre a Mata dos Puris. Decidi andar pelas ruas do bairro para ver se encontrava com meus amigos do lugar. Encontrei duas professoras que me falaram da influência Puki, mas nada assertivo sobre a questão da mata. Foi quando decidi ir a uma padaria do bairro onde sempre comprava duas iguarias da cidade de Carangola: o pão borboleta e de sal criados, por seu Onofre em sua padaria no bairro Coroado, mas é feito e vendido por toda cidade.

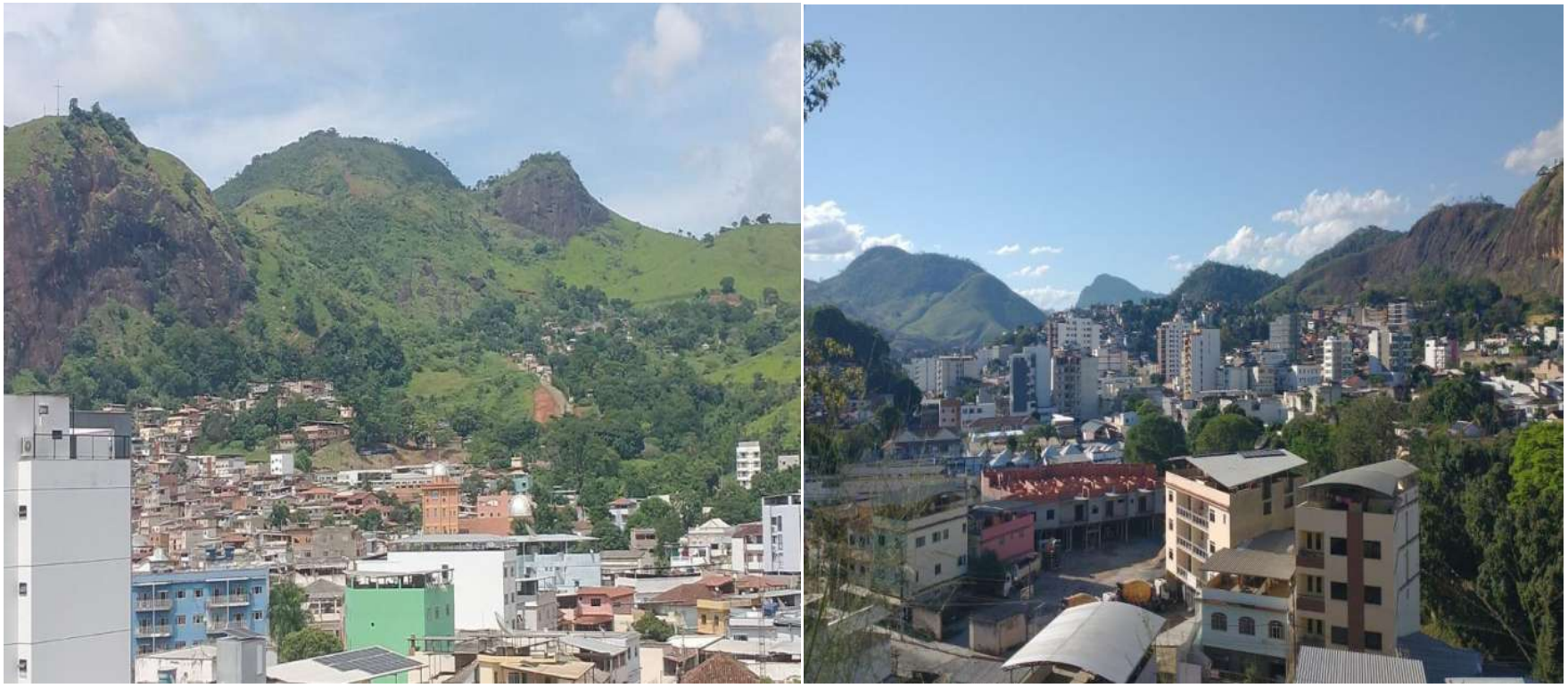
Expliquei sobre a pesquisa e os fatos acima relatados envolvendo a filha do Sr. Chico Puri e a "Mata dos Puris". Sobre a família do Sr. Chico não soube informar. No que tange a Mata dos Puris ele me disse de maneira bem discreta a localização:

- O que hoje as pessoas chamam de Morro da Torre de TV, onde há muitos anos colocaram o sinal da TV aberta para a cidade, indo em direção às outras torres e a área de Proteção Ambiental, além das antenas de rádio e celular, indo em direção à Faria Lemos e a Serra das Velhas tudo aquilo era Mata.

- Ninguém nunca me contou a respeito deste assunto.

- É preciso cautela ao falar desses assuntos. Durante muitos anos a mata vinha até o local onde foi construída a nova igreja de Nossa Senhora Aparecida que se tornou Matriz e a da Praça Coronel Maximiano deixou de ser uma matriz e tornou-se Santuário. Ali ficava uma imensa propriedade que pertencia à família Tomé. Por ser bisavô desta moça, isto já faz gerações, onde hoje está se construindo um grande loteamento, tudo aquilo ali era a "Mata dos Puris". - Ele me pediu que fosse discreto e não citasse seu nome. Disse que faria uma nota de campo e expliquei a estrutura de tal registro.

Depois deste momento, eis o desafio: a família do Chico Puri viveria por ali no Triângulo? Vale salientar que o Triângulo é um bairro que tem sua origem próximo a atual rodoviária da cidade que outrora fora a segunda estação de trem local: um prédio de estilo inglês da Leopoldina Raiway. Carangola possui 33.011 habitantes (censo IBGE 2020) e o bairro do Triãngulo teria uma população maior que a maioria das cidades e até mesmo da maioria dos municípios circunvizinhos do município que outrora eram distritos de Carangola. É um bairro com vida própria e com grande autonomia.



Subindo o morro da Comunidade onde morava Sr. Chico contemplando o Cruzeiro e parte da cidade de Carangola.

- Acervo pessoal -

Peguei minha bicicleta e contornei o local que outrora ficava “o triângulo” onde o trem fazia manobra de retorno para retornar ao Rio de Janeiro, desde quando o final da linha férrea era na cidade. Decidi ir até o escadão que dá acesso através da rua Machado de Assis para a parte alta do bairro. Passei pelo “palácio dos artistas” e fui em direção ao famoso campo do Carrapatinho. È bastante íngreme.

Vi dois senhores olhando para mim da parte alta do campo de futebol, debaixo da sombra de duas frondosas árvores, num dia de sol intensamente quente. Parei e olhei para a esquina. Para onde ir? Decidi bater palmas em uma casa que estava com as janelas abertas e um som de televisão. Uma senhora veio me atender. Ao vê-la percebi as características tão comuns no local de descendentes dos Pukis, ao mesmo tempo que a maioria se desconhece em termos de ancestralidade. Ela desconfiada apareceu na janela, mas parecia não querer abrir o portão. Distante falei da pesquisa.

A pesquisa abriu a porta e o portão. Expliquei na calçada se ela poderia ajudar com alguma informação. Percebi que usava roupas parecidas com da minha mãe e avó. Falei de minha avó, Maria do Tapete que freqüentou muitos anos a Assembleia de Deus do bairro. Ela me disse:

- Sabia que você não me era estranho. Conheci seu pai, sua mãe e sua avó. Éramos irmãos de igreja. Talvez você consiga informações com os descendentes da família Tomé.

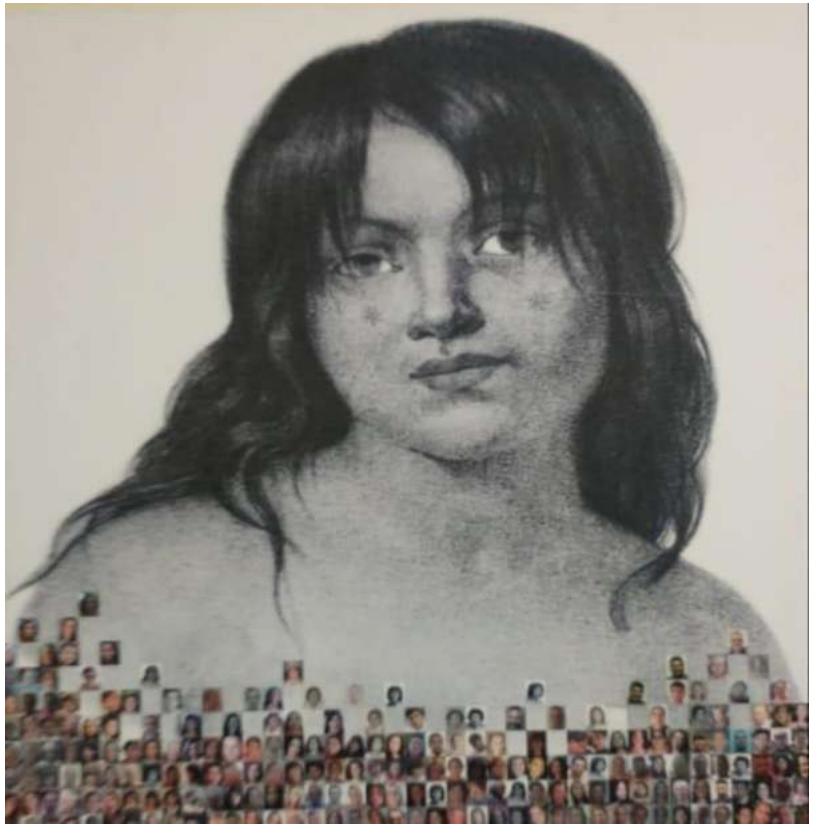
Cumprimentei a senhora e fiquei a pensar: nas dimensões do tempo e do espaço geográfico. Voltei para a esquina. Ninguém na rua. Subi uma pequena perambeira para falar com os dois senhores na sombra das árvores. Recolhi algumas belezuras que caíram da árvore, muito usadas em artesanatos.



Foi quando um deles me mostrou onde tinha mais... Estavam com o hálito etílico. Perguntaram de onde eu era. Falei das minhas origens, mas disse que morei ali perto aos pés do morro no Cruzeiro no Panorama de Baixo. Estávamos tão perto do Cruzeiro que decidi fotografá-lo. Contei sobre a mata dos puris e que estava a procura dos descendentes do Sr. Chico Puri. Eles não sabiam de quem se tratava. Quando estava desistindo e já estava na encruzilhada para descer o morro, um dos senhores lá em cima gritou: - Pergunta para ele a ó! Era um moço numa moto. Falei do benzedor. Ele me disse para procurar o Sr. Jésus. Eu achei que estava em meio a gente desconhecida: ledo engano! Fui vizinho da última filha de Sr. Chico Vitorino no Escadão Santo Onofre, trabalhei no hospital Casa de Caridade com vários descendentes dele.

Depois de alguns dias recebi mensagem de sua bisneta, Adriana Vitorino, que pediu desculpas pela demora. Disse-me para procurar por seu pai, o Vantuiu, um grande especialista em radiografias que tantas vezes levei os pacientes para ele realizar o exame. Tornamo-nos grandes amigos. Creio que em Carangola e região é preciso um estudo mais apurado e todo um processo educativo voltado para a questão Puki. Eles

estavam e estão em todos os lugares, mas o processo de genocídio foi de tamanha violência que no máximo, muitas pessoas tão somente falam: “dizem que minha avó foi pega à laço”.



Memorial Municipal de Muriaé – MG.

Cheguei na casa indicada e bati palmas. Fui atendido por um senhor de um pouco mais de um metro e meio, com fenótipo Puki. Seria ele?

- Pode falar... – disse-me.

- Estou fazendo uma pesquisa e me indicaram esta casa como de um descendente do Sr. Chico Puri.

- Sou eu mesmo – respondeu-me.

Conversamos um pouco e eu do lado de fora. Queria marcar um dia para conversarmos com calma. Foi quando me disse:

- Pode entrar...

Cumprimentei as pessoas na sala. Havia um bebê chorando. Parecia ser de cólica.

Expliquei como era o processo de pesquisa e perguntei: - Onde o senhor nasceu?

Eu nasci numa casa onde tinham uns casarões velhos entre o atual Chevrand e Santo Onofre perto do atual Marinho. Minha mãe, Maria de Lurdes. Eles falam que meu pai, Manuel Vitorino era Puri e minha mãe negra com Puri também.

- Dizem que eu pareço muito com meu avô. Não tem foto dele. Ele não gostava de foto.

- Ele ajudava as pessoas, era curandeiro. Era funcionário público da prefeitura de Carangola. Varreu rua até aposentar. Benzia, fazia garrafadas com ervas e raízes. Eu estava sempre por perto dele. Meu avô teve quatorze filhos. Foi o único na família dele que virou benzedor.

- Onde ele conseguia as ervas e raízes?

- Tudo aqui em volta, ao redor daqui era tudo mata. Ele tinha a época, a lua para ir buscar.

- Normalmente as pessoas sentavam ali para ele benzer, apontou para um local na sala atual da casa como se estivesse na casa de Chico Puri. Sr. Jésus mora numa casa onde era a casa antiga de Sr. Chico Puri. Ele rezava a pessoa e falava do quê ela estava precisando. Geralmente entregava para a pessoa uma garrafada e orientava como tomar. A pessoa ia embora e quando voltava dizia que estava bom. Era a fé. Ele morreu com mais de cem anos e ajudando as pessoas. Ele era de 1880... Foi quase na época da abolição.

Eu lembro que eu estava casado e meus filhos às vezes ficava chorando e ele dizia:

- Sua criança ficou chorando à noite. Estava passando mal. Estou precisando rezar ele porque não está bem. – Ele terminava a reza a criança começava a dormir.

- O Senhor levava lá, no caso aqui onde era a antiga casa dele?

- Ele chegava lá em casa e já ia rezando. A oração dele era feita com um terço na mão. Quando eu era criança ele fazia as mesmas coisas.Eu morava no Bairro Santa Emília eu fugia lá de casa, a gente era muitos irmãos e eu vinha pra cá, para a casa deles, porque comida de avó é muito bom. Quando eu chegava minha avó falava:

- Chegou o aguado! – Ao que ríamos bastante.

Perguntei: - Será que o Senhor aguou na infância?

- Era a dificuldade da vida mesmo. Meu pai trabalhava na prefeitura e teve uma época que atrasava muito o pagamento. O salário era pequeno.

- Era muita gente que procurava ele?

- Demais! Isso aqui vivia cheio. Todo dia!

- Como ele fazia para trabalhar e atender todo mundo?

- Ele trabalhava de madrugada. A varreção de rua era de madrugada para chegar seis, sete da manhã e ficar tudo limpo. Na época não tinha caminhão para limpeza. Era tudo na carroça. Os carroceiros vinham pegando os montinhos deixados na rua pelo varredor. Meu pai era gari carroceiro. Trabalhou quarenta anos nesse serviço.

- Eu tenho um amigo descendente de italiano que só me chama de “Puri”... Eu comentei com minha neta que tenho curiosidade de saber de onde surgiu “ os Vitorino”. Eu trabalhei na faxina do Banco do Brasil e chegou uma funcionária e disse: - Seu pai era um homem importante na vida? – ao que respondi:

- Meu pai era gari.

- Eu vi lá no Rio de Janeiro uma rua que tem o nome de seu pai: Manoel Vitorino. Lá na Bahia também tem uma cidade que chama Manoel Vitorino...

Continuei conversando com Sr. Jésus: - Não seria o nome de batismo de puri escravizado ou da união de uma Puri com um homem branco? Eu creio que é preciso pesquisar essa questão na nossa região. Foi um grau de violência muito grande onde o nome de origem indígena foi trocado. Há pouco tempo uma pessoa revelou que era neto de uma Puri. Ela era linda e o avô dele por ciúmes matou a esposa e despois suicidou arrependido. O pai dele tinha em torno de sete ou oito anos e moravam lá na Fazenda Santa Terezinha no Furriel. A nossa história foi aos poucos invisibilizada Sr. Jésus. No livro do Professor Rogério Carelli daqui de Carangola fala que onde é o atual bairro do Coroado tinham muitos indígenas Coroados, mas veio a gripe espanhola e devido a imunidade foram dizimados. Até o nome do povo Puri foi mudado, na verdade é povo Puki. Quem deu o nome Puri foi o colonizador, o homem branco. No bairro atualmente tem muitos descendentes indígenas.

- Minha família morou muito ali no Coroado. Ali não tinha casa nenhuma, era campo. Eram três olarias. Oitenta por cento dos oleiros eram da família Vitorino. Tinha um tanque de madeira com as engrenagens onde era jogado o barro e o cavalo ficava girando para misturar, aquela argila, no picadeiro e depois ser picado os tijolos e as telhas. Eram três famílias com propriedades: Sr. Nolasco, Sr. Emistero Ribeiro e Sr. Nascimento Louro. A família Louro também tinha um alambique onde mora o Dr. Mota. Eu lembro de ir lá na década de cinquenta ainda pequeno.

- Então, essa informação do Carelli é relativa: pode ter morrido muitos na gripe espanhola, mas não acabou com a população indígena totalmente, tanto sobreviveram que era a mão-de-obra principal na fabricação de tijolos e telhas da cidade nas décadas posteirores a vinte conforme a explicação do Senhor. Quando foram construir o conjunto habitacional no bairro Coroado disseram que o nome do bairro não era devido o povo indígena e sim devido a novela Irmãos Coragem, em 1970, onde a cidade onde se dava a trama era a fictícia Coroado. Creio que o loteamento até pode ter alguma conecção com a novela, mas o local e sua relação é com o povo indígena Coroado e Puki.

- Nossa família se olhar a cara de um e olhar a cara do outro é a mesma coisa. Tudo igual! Um caso interessante era que meus avós não gostavam de ser fotografados. Eu lembro que tinha uma fotografia de minha avó Angelina.Um dia meu tio pegou aquelas máquinas antigas de

fotografar da Kodak e foi fotografar nossa mãe. Ela estava sentava no quintal num tronco de madeira no chão aí ele tirou um retrato dela meio de lado, meio de costas. Ela correu atrás dele, que era o caçula, para bater.

- Talvez o fato de não ter foto não seja ausência. É o contrário do que eu pensava: é presença. – disse.

- Meu pai não usava calçado. Andava com a calça arregaçada até o meio da canela e trabalhava o dia inteiro colhendo o lixo com o pé no chão. E quando os mais velhos casavam ele calçava um kichute, ás vezes a gente jogava bola com ele, tipo uma chuteira. Ele podia estar de terno para o casamento depois que terminava a celebração ele na porta da igreja já punha o sapato debaixo do braço e ia para casa. Ia embora de terno e pé no chão como ele gostava de andar.

- Interessante Sr. Jésus. Até então, as informações que guardei em mente era que os escravizados negros não tinham sapato por falta de recursos. Muitos usavam um pé e outra pessoa outro pé do sapato ficando um pé descalço. A maioria andava descalça mesmo. A questão do Sr. Jésus traz algo ancestral de seu povo.

- Ele sabia caçar na mata e pescava também. De primeiro o rio aqui tinha muito peixe. Ele fazia uma armadilha para peixe chamada "jiqui", parece um pouco com um balaio, tem uma boca com entrada, o peixe entra para alimentar e não consiguia voltar porque tinham umas ferpas. Punha uma comida lá dentro, dois ou três dias voltava lá e voltava para casa com os peixes. Caçar a gente caçava todo domingo. Ele gostava muito de caça e tinha muita mata ao redor da cidade. Eu cacei muito onde é o atual Coroado. Bicho de pena inhambú, juriti, trocal... Usava espingarda de carregar pela boca.



Sr. Jésus: a memória e a foto de seus pais

- Acervo pessoal -

O celular tocou. Como em vários lugares que fui as casas tem pássaros engaiolados cantando eu perguntei:

- Que pássaro é esse? Onde ele está?

- É um canário da terra. Está no meu celular. Era o som de chamada do aparelho dele – rimos bastante.

- O Senhor falou de acompanhar seu avó pelas matas...

- Ele conhecia conhecia as ervas até pelo cheiro. Algumas eu me recordo: cipó milome, salsaparrilha, carqueija, muitas outras eu não lembro porque faz muitos anos.

- Era um homem de grande conhecimento. – disse.

- A gente subia a mata e voltávamos com sacos cheios de folhas e raiz. Ele tinha um quartinho onde ele fazia as benzeções, guardava e preparava as garrafadas. A quantidade de pessoas que vinham em busca das garrafadas era enorme. E as pessoas relatavam a cura.

Quando pensei que o diálogo estava terminando e estava me despedindo, pois havia uma criança pequena na casa e creio que o choro prolongado parecia de cólicas. eis que surge um pouco mais da história de vida do Sr. Jésus Vitorino:

- Eu trabalhei em grupo muitos anos.

- Em escola? – Em Minas temos o hábito de chamar escola de grupo.

- Em clube social. No Carangola Tênis Clube. Trabalhei lá vinte anos. Eu tomava conta da piscina.

- Quem contratou o Senhor?

- Foi o Jonas Marques presidente do clube.

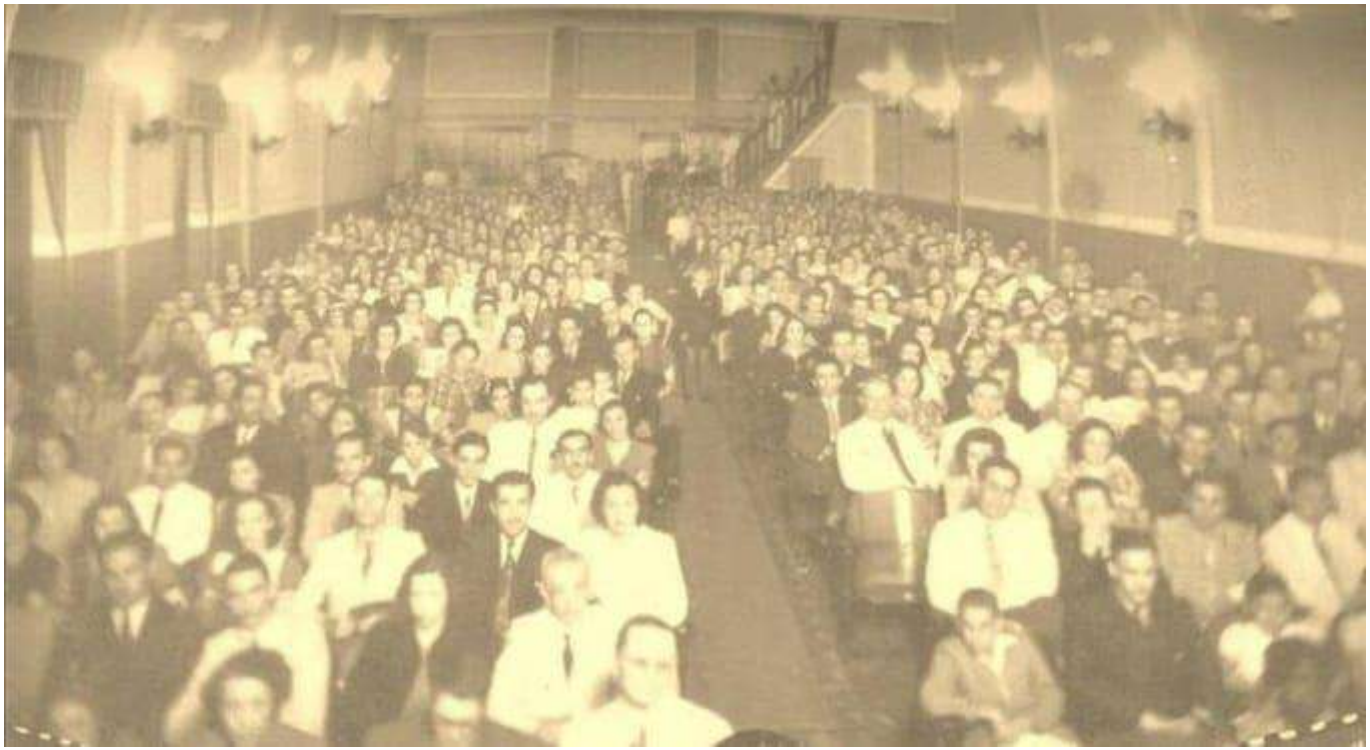
Ali foi seu primeiro emprego?

- Meu primeiro emprego foi na Prefeitura. Eu era jardineiro do jardim da Matriz na Praça Coronel Maximiano de 1960 a 1966.



Foto da Praça Coronel Maximiano. Fonte: Arquivo Público Municipal Carangolense

De primeiro tinha uma árvores que era modelada em volta. Era eu e mais quatro jardineiros. Tinha o meu cumpadre que tomava conta do serviço. Durante o dia eu trabalhava na Prefeitura e à noite eu era projetor de cinema. Trabalhava no Cine Brasil e Cine Poeira indo da rodoviária para a praça antes da ponte na rua Padre Cândido onde atualmente é o supermercado Miranda. Vinham aqueles rolões de filmes. Cada filme vinha dez a doze rolos daqueles. Então eu começava com um rolo numa máquina punha ali e começava a projetar, rodando, quando estava acabando aquele rolo emitia um sinal, o outro colega já estava na outra máquina com outro rolo e assim passava o filme.



Cine Brasil – Carangola-MG. Fonte: Arquivo Público Municipal Carangolense

- O Cine Brasil e o Poeira cabiam quantas pessoas?

- O Poeira era menor. Ali era do “povo pé no chão”, popular. E o nome não era Cine Poeira. Isso foi um apelido. O nome era Cine Popular. Tinha cadeiras simples, mas não era estofadas. Tinha uma escada para subir lá para cima que era tipo uma arquibancada. Muita gente gostava de ver lá de cima. E o Cine Brasil já era mais moderno. Mais... Classe A, né?

- E lotava?

- Lotava. Tinha dia que eram quatro sessões. Ele era na rua principal, na Pedro de Oliveira, onde hoje é a Comercial Ana Paula. Aquilo tudo era cinema. Dava uma fila que ia até onde é a rua Antônio Themudo perto do Hotel Central. Trabalhei muitos anos. Quem me convidou para trabalhar lá foi meu tio, irmão de meu pai, o Juveral que era porteiro no cinema. Do Cine Poeira eu fui para o Cine Brasil. Os cinemas eram muito famosos porque não tinha a televisão. Nos domingos tinha a matinê para as crianças. Começava uma hora da tarde. Depois eu fui trabalhar no Carangola Tênis Clube e eu era também jardineiro. Fui garçom por quarenta anos no clube também.



Carangola Tênis Clube. Fonte: Arquivo Público Municipal

- O senhor então era um pouco de tudo...

- Sim, mas no Tênis minha função principal era tomar conta da piscina. Eu era muito querido da presidência do clube. Bebia o dia inteiro. Você sabe que Puri gosta de uma cachacinha... Aqueles sócios me chamavam: - Jésus vem tomar uma aqui! Entrava na água com eles. Só não aprendi a nadar de braçada, mas mergulho bem. Qualquer coisa eu mergulhava, pegava a pessoa e atravessava a piscina. Tomava conta da piscina das crianças e adultos.

- A maioria das pessoas que frequentavam o clube eram brancos. E os negros?

- Tinha sim, só não era a maioria. Era gente da sociedade. Jonas Marques falava que era um clube classe A. Então, para você entrar era preciso apresentar uma proposta, ser apresentado por dois sócios-proprietários e eles iriam analisar sua vida. Se era boa gente, comportado... Na época tinha Sr. Carmindo Silva, que era preto, avô do Carmindo, otorrino. Tinha o Guilherme Simplício que tinha um bar onde não entrava de qualquer jeito. O bar ficava na rua Pedro de Oliveira. Só ia gente da sociedade.

- Tinha mais algum negro que o Senhor lembre?

Ficou em silêncio, depois disse: - Não.

- O que houve com a questão do Cantor Agnaldo Timóteo?

- Não houve nada. Ele entrou lá e saiu tranquilo. Isso foi conversa fiada.

- Mas ele se apresentou no Clube?

- Não. Quando ele veio em Carangola ele cantou na praça da matriz. Dizem que houve um problema foi com o irmão dele. Mas não por ser preto.

- O irmão dele é de Carangola?

- Não. Eles são de Caratinga. No clube você tinha que se apresentar socialmente bem. O sujeito chega com uma calça jeans, bermuda no

joelho: a roupa era social.

- E os bailes, como eram?

- Quando fundou na década de cinquenta e durante muito tempo as moças tinham que estar com roupa de baile, os homens com smoke. Foi passando o tempo e as coisas foram modernizando e mudando.

Enquanto conversávamos um sobrinho disse para a esposa de Sr. Jésus que me conhecia do Escadão Santo Onofre através da Tia Terezinha:

- Eu morei muitos anos lá. A D. Tereza foi minha vizinha. Ela tem um fenótipo Puri muito forte. A D. Hilda, mãe de Sr. Jalmir, esposo de D. Tereza é uma Puri...

- Ela parece mais Puri do que eu. Ela está com quase oitenta anos e não parece. – disse Sr. Jésus.

- Estive lá fazendo pesquisa com a D. Lica e vi a D. Hilda. Ela estava mexendo com terra, me mostrou as plantas da casa, do quintal e me ajudou a tirar uma foto do morro, do bairro da Caixa D'Água de seu quarto.

- É tudo família.

- O Senhor tem uma história muito bonita. Através do Senhor eu estou conhecendo o Sr. Chico.

Comentei com Sr. Jésus sobre a publicação da Adriana, sobre o Sr. Chico Puri. Ela é filha do Wantuil e sobrinha da Wanda. Trabalhei com os dois durante o tempo que cuidei das pessoas na enfermagem.

Nos despedimos e ele foi comigo até o lado de fora na rua de frente para um barranco:

- A gente arrancava o barro deste barranco. Amassava no pé onde hoje é a rua. O Tuíca, filho do Sr. Chico era oleiro. Faziam os tijolos, esperavam secar e depois a gente punha na caieira, que é uma armação para queimar o tijolo. Assim foi feita a casa do Sr. Chico Puri. As telhas eram de barro compradas na olaria do Coroado. Primeiro foi feito a casa para meu avô Chico e depois para meu pai, Sr. Manoel.

Olhou para a casa atual, para os lados, para a Mata dos Puris e me disse:

- Como dizia meu avô: ervas são plantas que curam.

- Foram elas que me trouxeram até aqui – disse-lhe.

Carelli traz em seus registros que a presença dos grupos Coroado e Puri no município de Carangola foi bastante intensa até meados do século XX. Revela que os "Puri-arrepiados" se concentravam mais no atuais municípios de Araponga e Fervedouro onde atualmente a Universidade Federal de Viçosa tem realizado um trabalho de levantamento das famílias e tradições pukis, nomeado de "Insurgência Puri", inclusive o Parque Estadual do Brigadeiro passa por uma proposta no legislativo mineiro de ser renomeado como Parque Estadual Puri. O Historiador Rogério Carelli explica que havia uma diferença entre os dois grupos – os Puri de Carangola possuíam uma baixa estatura, sendo "mansos e pacíficos", já os Puri-Arrepiados, eram violentos e agressivos (Carelli, 2008, p. 49).

Segundo o autor, em Carangola, os puris-coroados teriam sido praticamente dizimados com a Influenza Espanhola e que no bairro Coroado eles teriam praticamente desaparecido das fazendas lá existentes. Revela também que na cidade devido o intenso contato urbano a gripe se espalhou intensamente, eqnaunto na zona rural, local de grande presença Puki atualmente, o número de vítimas foi menor. Entretanto, em todos os casos, a baixa imunidade é apontada como causa do grande número de mortos dos descendentes dos povos originais que viviam na região (Carelli, 2008).

A presente pesquisa envolta em tese-benzeção traz outras possibilidades e questionamentos. É o que vimos através do relato do Sr. Jésus Vitorino que em meados da década de 40 informa que a maioria dos trabalhadores da olaria eram Pukis, isto na década de quarenta.

Creio que esse tipo de pesquisa só é possível tendo em conta a topovivência (Lopes, 2021,2024), ou seja, o que emerge no espaço, na relação sujeito sujeito, onde os caminhos são andarilhados e entrecruzados como revelados pelos benzedores em seus saberes e suas historicidades. É uma pesquisa andarilha com os pés descalços. Numa conversa com a Professora de História aposentada Hilda Louro comentei que os tios de Sr. Jésus trabalhavam na Olaria de seu falecido pai no atual bairro do Coroado. Disse que em seu relato quando se olhava para um era a mesma coisa de olhar para todos porque a maioria era puri....

- Além de tudo 'olhar para um era a mesma coisa de estar olhando para todos" eles ficavam tão sujos de barro porque olaria é para

transformar o barro bruto em barro mais aperfeiçoado para colocar nas formas e virar tijolo. Tijolo vermelho. Era feito assim: era distribuído no terreiro aquela quantidade imensa de formas e tinha que misturar o barro. Dava impressão que era uma moenda, tipo a cana-de-açúcar que vai colocando e fazendo aquele caldo.

Continuou a explicar:

- Eles retiravam o barro, a região era propícia, por ter uma argila própria. Depois, com o tempo, esgotou o barro bom e começaram a retirar na beirada do córrego do coroado o que já não estava funcionando porque a terra estava estragando o barro. No local onde inicialmente cavavam para retirar o barro bruto era o local propício. Era um trabalho duro, depois continuava lá na moenda, na olaria. Essa estrutura era tocada por um burro. Ficava um menino tocando o burro para não parar a moenda e o barro virava um mingau grosso. O animal conforme se movimentava remexia o barro. Depois, os trabalhadores pegavam aquele barro pronto e punham nas formas e ficava por um certo tempo no forno. Depois vendia. A gente veio para o local onde era nossa propriedade e papai trabalhou muito na fabricação de tijolos. Depois as pessoas não davam valor. Ele transportava os tijolos na carroça. Os animais sofriam muito com aquele peso.

Maria Bethânia disse certa vez que “no Brasil se tem muita antena, mas é pouca gente antenada”...

Toda vez que olho para essa região da cidade me doi o genocídio do povo puri com seus modos de viver!



No canto superior direito parte do era a Mata dos Puris e as “antenas” – Acervo pessoal

De fato a região onde era a Mata dos Puris era enorme e perpassava inclusive por muitas comunidades tanto em direção à Serra das Velhas, quanto Cafarnaum e adjacências. O atual Morro da Torre de TV, atualmente sem mata, fica próximo tanto do bairro do Triângulo quanto da Área de Preservação Permanente – APP, onde ficam algumas antenas de rádio e de operadoras de celular. Fiquei a pensar em tudo aquilo, no que aquela paisagem tinha para me ensinar em termos local e global.

Meses depois encontrei na primavera depois numa loja da cidade com a neta caçula de Sr. Chico. Conversamos alegremente depois de tantos anos sem nos vermos. Falei que havia conversado com seu irmão, Jésus, sobre o seu avô. Ela ficou muito feliz. Disse-me que ele era uma pessoa muito boa. Que quando ele estava preparando as garrafadas pedia um pouco de vinho e ele dava brincando com ela carinhosamente. Comentei sobre a ausência de fotografia. Ela disse que de fato ele não agradava de foto. Mas ela tinha uma e que Jésus possivelmente não sabia dela. Dei meu número de whatsApp. Ela me encaminhou a foto. Pedi o nome dos netos de Chico Vitorino com sua esposa, Angelina do Nascimento: José Vitorino conhecido como Jésus; Maria do Carmo conhecida como Nuna; Maria Terezinha; Jorge Luiz – Fiu; Rubens Vitorino; Jair Marcos Vitorino; Custódio Vitorino; Pedro Paulo; Dirceu; Mauro Lúcio; Maria Lúcia; Almir Vitorino.

Fiquei intrigado com a paisagem ao fundo. Perguntei se a foto foi tirada em Carangola, pois desconhecia o local:

- Foi tirada em Aparecida do Norte. – disse-me sua neta caçula.

- Penso que talves seja este o motivo da exceção para o registro do momento com os sapatos nos pés.



Francisco Vitorino nascido em 27/11/1946

Passei pela “ Ponte Quebrada” que dá acesso ao bairro do Triângulo, do Sr. Chico Puri, e observei a erva vassoura de benzer e varrer florescendo. Eu me lembro quando criança pequena que estava com muita febre. Morava ainda na casa onde nasci que era um terreiro de umbanda. Não sei dimensionar através de palavras aquilo que ocorreu em meio ao delírio de febre. Lembro-me que entrei na flor da vassoura. Eu andava dentro dela e sentia sua superfície. Via minha mãe varrer a casa e o quintal com aquela planta segurada por uma lata pequena de massa de tomate. Como me disse um benzedor: - É preciso varrer algumas coisas de nossas vidas! As dimensões do que varre, flore e cura.



É nas frestas... – Acervo pessoal

GALERIA ANDARILHA XVII

As Benzeções de Sebastião Mulher na Rua do Quiabo no Santo Onofre

Torno-me aberto como esses terrenos, que por serem baldios,
recebem as variadas diferenças de viver...
Jader Janer

Durante uma obra em nossa casa o pedreiro que me conhece desde pequeno conhecido como Marimbondo, seu nome é Carlos, e seu auxiliar John Wesleu deram suas contribuições na escrita da tese-benzeção:

- O que você lembra do Sebastião Mulher Marimbondo?

- Eu o conheci desde pequeno até ele morrer. Toda época de Quaresma a gente não saia na rua no Morro do Santo Onofre porque falavam que o tambor pegando fogo, a mula sem cabeça desciam lá da parte alta do bairro, onde é a igrejinha, a Igreja Católica de Santo Onofre.

Jhon Wesley: - Descia também da Serra das Velhas.

- Quem mais viu lá do morro? – perguntei.

- Sr. Daniel da Maria Nossa, Lorival Preto, Mingau... Eles viram o tambor pegando fogo descendo da igrejinha. Da Serra das Velhas eu não sabia!

- Tinha muito trabalho de Umbanda na Serra das Velhas?

- Tinha muito despacho, lá no alto, numa encruzilhada. Tinha uma capela que acabou. Eram três velhas. Aí elas desciam, pegavam lenha pra poder vender na cidade. Ah, elas pegavam lenho. Aí ficou Serra das Velhas. E elas eram o que, negras? Eram descendentes de negros. O pessoal que subia ali para lá no alto fazer despacho. O fim do ribeirão que desaguava no Santo Onofre no rio Carangola. – esclareceu Jhon Wesley sendo sucedido pela fala de Marimbondo:

- Quando eu era menino, subia muito lá na cachoeira. Eu e meus colegas, nós olhávamos lá que muita gente fazia despacho. Na cachoeira subindo para a Serra das Velhas. Naquela água que desce ali, que sai lá no Santo Onofre. Às vezes a gente chegava lá em cima, onde tivesse água, chegava e fazia despacho na cachoeira. Era tanta gente que a gente esperar terminar para depois fazer o nosso.

Quando eles falaram do Córrego das Velhas veio uma série de coisas em minha mente, imagens do que eu não vi, mas aparecem como fotografias do imaginário do que vou contar. Conta-se que nas proximidades da foz do córrego com o rio Carangola uma escavadeira passou no pé do morro, entre o que é hoje o pé do escadão e o local que depois seria construído o antigo posto São Judas Tadeu revirando inúmeros artefatos de cerâmica que segundo as pessoas do lugar eram dos índios Puris. Chamaram o Historiador Rogério Carelli e ele deu seu parecer confirmando que era de fato de origem Puri. Lembro-me em suas aulas durante a graduação em História que era um costume deles ocupar as áreas próximas a foz de córregos nos rios, talvez por uma questão de navegação. Foi quando retornei "plenamente" para o diálogo:

John Wesley, você foi criado no Candomblé, assim como o Marimbondo?

- A família da minha mãe era da macumba. Era a mãe do meu pai.

Novamente fui tomado por lembranças:

- A sua avó era aquela senhora que fazia doce de pé de moleque? – Ele sorriu confirmando.

- Rapaz, eu sabia mais ou menos o horário que ele ficava pronto. Juntava as moedas e ia para lá. Muitas vezes sua avó com um paninho na cabeça no fogão à lenha sorria como você sorriu e pedia para eu esperar que já estava esfriando.

- Ali tem muita história Josias. Muitas pessoas marcaram a comunidade é o caso do Sebastião Mulher – disse o jovem Jhon

- Onde era a casa dele? – perguntei.

- Ele morava ali na rua do Quiabo depois do chafariz do Santo Onofre. A gente nem passava por ali. Passava pelo outro lado por causa dele. – disse Marimbondo.

- Por quê?

- Por causa dele. Tinha medo? Tinha medo.

- O que que eles falavam dele para você, quando era a criança? - indaguei.

- Que ele gostava de pegar as crianças para fazer despacho. Eu pensava: se ele me pegar eu vou virar despacho quando ele for fazer a oferenda dele lá. Toda sexta-feira ele só usava roupa preta. Andava mais vestido de mulher, mas tinha vez que mudava e vestia de homem, sempre com o chapéuzinho e o guarda-chuvas preto.

- O que ele fazia que marcou a comunidade?

- Ele benzia.

Prosseguiu Marimbondo em suas memórias sendo ouvido curiosamente por Jhon e eu:

- Desde bem pequenininho minha mãe me levava para ser benzido por ele. Eu tive espinhela caída. Sentia muita dor. Era dor o tempo todo!

- Qual o nome de sua mãe?

- Dona Maria. Maria.

- Maria de quê?- perguntei - Da Meninada! – disse-me. Maria da Meninada? – indaguei.

- É. Nós éramos muitos filhos e éramos benzidos por ele assim como todo mundo do Santo Onofre.

- Aí ela levou você lá?

- Levou. Quando eu tive espinhela caída eu estava com uns nove anos e estava com muito medo. Ele recebeu a gente. Estava vestido como

homem, de calça, sempre usando um chapeuzinho. Mas tinha dia que ele se vestia como mulher. Andava muito com guarda-chuva. Era um homem negro como eu. Entramos dentro da casa dele. Ele tinha um quarto separado só para fazer as benzeções.

- O que que tinha no quarto?

- Cabeça de boi na parede e muitos Santos Católicos. Quando ele fechou a porta tinha muitas ferraduras.

- Na parede tinha ferradura também?

- Não, na porta. Depois que ele fechou a porta minha mãe conversou com ele. E ele me pegou e ficou me olhando, me examinando, enquanto fumava um charuto e baforava em cima de mim. Ficou fumando um charuto e baforando. Fez o sinal da cruz em vários lugares. Ele benzia da região dos mamilos, abaixo do pescoço, descia até o lugar da espinhela caída com um galho de vassoura preta. Eu queria sair de lá correndo, só isso... Minha mãe agradeceu e fomos para casa. Logo depois eu melhorei. Ele era visto na comunidade como macumbeiro. De dia ele benzia muito principalmente crianças.

Por mais Sebastião Mulher na dureza e poesia da vida!

A Vida Entre as Benzeções de Lucimar

Estudar a vida na vida.

Jader Janer

Creio que conheço a Lucimar há muitos anos, desde quando trabalhava na quitanda no início da rua principal da cidade, a Pedro de Oliveira, na década de noventa quando ainda adolescente. Depois raramente a encontrava até me mudar para o bairro Eldorado. Seu neto é muito amigo de meu filho de doze anos. Filho de um colega de infância. Passamos sempre perto da casa da mãe e do filho. Um dia quando estava voltando repleto de indagações e palavras benzidas de Ponte Alta paramos para conversar em frente a sua casa. Estávamos a falar sobre a vida e disse que estava retornando de um dia de pesquisa de campo. Ela me disse que era do Taquaruçu A comunidade onde nasceu Lucimar é a mesma de meus avós e pais. Certo dia chegando em Ponte Alta conversei com alguns trabalhadores sobre o Taquaraçu. Um grupo disse que já não achava mais daquele tipo de bambu. Mais adiante encontrei outro trabalhador e conversamos. Disse que tinha visto dele há muito tempo e quando voltou não tinha mais nenhuma moita dele:

- Você acha muito dos outros bambus, como bambu amarelo e o bambuí. Taquaruçu desapareceu.

Depois de muito tempo o pai de Patrícia, Sr. Ademar, me explicou que raramente se encontra o bambu taquaraçu:

- Ele não é uma espécie exótica. Ele depende da mata para sobreviver. Se acabar com a mata ele morre.

Dali começamos a falar de nossos parentes que pelo que ela me contou conviveram com meus pais e avós.

Contei essa vivência para Lucimar. Eu estava muito remexido com a questão da vassoura preta na pesquisa. Como algo aparentemente tão simples traz consigo toga a dimensão difusa e complexa ancestral. A questão do entrecruzamento de saberes que estavam emergindo nas vivências através dos diálogos com as pessoas do lugar através da benzeções. Ao mesmo tempo que em vários momentos ficava a pensar nos cinco elementos presentes nas benzeções, mas o elemento terra eu ficava a pensar em várias possibilidades, mas nenhuma foi tão acertiva quanto a que o benzedor a ensinou. Quando toquei na palavra benzeção ela começou a falar das vivências dela e da família em relação aos saberes e culturas do Taquaruçu e de Ponte Alta.

Lucimar é uma senhora branca, de cabelos pretos, muito educada e franca. O posicionamento dela diante do que viveu transborda fé.

Eu estava retornando de um dia complexo: passei pelo Pré-Escolar Nossa Senhora Aparecida, pela E. E. Pedro de Oliveira e subi a Rua de Cima para encontrar com Sr. Quirino que não estava em casa. Decidi ir ao cemitério para ver se encontrava algum benzedor comentado pelas educadoras do Pré-escolar. Encontrei a placa do túmulo de Sr. Alziro, ex-esposo de minha falecida avó e o imponente túmulo erguido pelo seu filho no lugar. Retornando para a escola encontrei com D. Erilda. Ela conhecia os familiares de minha avó e também do meu avô que só conhecia pelo nome e histórias de minha mãe. Disse-me que a filha caçula de Sr. Alziro cuidou dele até morrer. Ela simplesmente morava muito próximo de minha casa. Nas pequenas cidades há um processo intenso de êxodo rural, mas sem rupturas tão abruptas com as pessoas do lugar como foi o caso dos meus pais e avós paternos.

A vassoura preta, o elemento terra... Tudo estava interligado. O fato de ver as práticas das benzeções e não ver o elemento terra sendo usado de maneira “direta”, via ocular, trouxe-me um enraizamento que não é das ervas. As ervas dialogam diretamente com a terra. Não há dissociação, há interligação entre os elementos que nos compõe. Ela trouxe através da vassoura preta, das práticas de um benzedor a ligação perfeita da terra

por onde engatinhamos e depois nos equilibramos. Quando caímos é ela que nos acolhe antes mesmo dos braços daqueles que nos ama e cuida. É ela que nos abraça no cemitério, não em lágrimas, porque nos conhece e sabe perfeitamente de onde viemos. A terra enquanto elemento que assim como o ar, onde está o céu ou a água e o fogo nos religa a tudo que faz parte do planeta. É através desses saberes ancestrais, tão fundamentais num momento tão delicado na História do Planeta Terra que aprendi de maneira tão simples que algo que não conseguia entender estava conectado. A falta de conexão era minha.

Lucimar após falar das benzeções falou de coisas que envolvem a alimentação. Algo a se pensar.

É nesse andarilhar da Topogênese, do que emerge nesse espaço através das vivências que escrevo estas palavras (Lopes, 2021,2024). Não minhas, mas fruto de pessoas que entendem que uma erva, como a vassoura preta, não é maior que a outra pois nascem da terra. Uma benzeção, sempre envolve os quatro elementos da natureza, do sagrado celeste e da terra. Não há dicotomia.

O fogo pode ser da brasa do fogão à lenha, mas pode ser do coração que se encontra com outro coração, corazonando numa lógica outra de (re)interpretação e (res)signifiação proposta por Patrício Guerrero Arias, numa postura decolonizadora e uma pesquisa junto com o outro (Guerrero, 2010) onde o aspergir, as palavras, os balbucios, o toque das mãos de pessoas que cuidam das pessoas e através das benzeções retomam os sentidos da vida de sua gente. Corazonar é a topovivência destes estudos em topogênese. Realmente um benzedor nunca morre porque sua relação com a terra é tão íntima que se não voltar em palavras volta em forma de ervas.

Foi o que senti em Lucimar em seu relato: Nasci na comunidade do Taquaraçu. Tem várias comunidades também por ali por perto como Teixeiras e encostado tem os Lima. Decidimos fazer um mapa desenhado por ela para eu entender melhor a localização geográfica do lugar. Fica próximo entre Ponte Alta e a cidade de Divino. Fica entre Ponte Alta e a cidade de Divino. De Ponte Alta dá para ir a pé nos Teixeiras. Teixeiras fica no meio.



A saudação ao Sagrado Cruzeiro

feita em prece pelo Benzedor Cipó Caboclo

Eu ia estudar em Ponte Alta. Fiz os primeiros anos na fazenda do Dário Vicente. A família deles são meus parentes. O seu avô Alziro, que depois de viúvo casou com sua avó, era nosso parente. Ele morava na subida para o Taquaraçu, depois que se passa de Ponte Alta. Nasci numa casa de estuque. Passava barro branco e o piso era de esterco liso. Tudo muito simples, mas era uma casa bonita por ser bem cuidada. O banheiro era do lado de fora, não tinha vaso. Era um buraco para a gente fazer as necessidades. Tinha um pé de mexerica na porta da cozinha e ali nascia uma mina com uma água branquinha. Tinha muita mina e ali lavávamos as roupas e louças. O lampião era a querosene ou muitas vezes colocávamos um paninho e fazíamos uma lamparina.

Comíamos muito inhame, mandioca, milho cozido, milho maduro socado para fazer canjiquinha. Era uma canjica feita com alho e sal somente. Quando estudei no Dário Vicente eles faziam um mingau de aveia e comíamos bem. Eu creio que aquela escola ficava na propriedade deles. Estudei lá até o quarto ano. Minhas professoras foram: Eni Vicente e Irana Vicente, que são filhas do Dário Vicente. Outra professora foi a Margarida Gurgel Silva, que morava em Ponte Alta o marido dela tinha um cartório. Elas tinham uma boa condição. As professoras cettas eram as filhas do Dário Vicente. Fiquei muito no caroço de feijão. Eu chorava e elas diziam: - Pode chorár... Depois eu fui fazer o MOBRAL no Taquaraçu. Eu tenho o diploma de quarto ano do MOBRAL nas Escolas Combinadas em Ponte Alta de Minas. A escola do Taquaraçu era um braço de Ponte Alta. Estudava à noite. Eu tomava banho na bacia e ia estudar. Só tinha um vestido e um par de sapatos. Eu vinha descalça até na Serra do Dário Vicente depois colocávamos os sapatos quando estávamos entrando em Ponte Alta para irmos para as festas de lá. As festas eram na Igreja Católica, mas eu ia também nas festas da Casa de Oração na década de sessenta. Eu era muito bem recebida. Tinha um cachorro quente gigante.e tinha suco. Mas sou Católica. Minha amiga me chamou para ir um dia na Casa de Oração. Chegando lá teve a ceia e fiquei de olho no pastor na hora da Santa Ceia. Fiquei de olho nele comendo o pão. Eu fiquei com vontade de comer. Eu levantei e pedi um pedaço de pão e um pouco do vinho. Todo mundo olhou para minha cara. Eu tinha dez anos. Ele me disse: - Pode vir aqui minha filha. – Levantei do banco com meu vestido de chita. Ele me deu o pão e o vinho, mas não era suco de uva. Eu disse: - Mas não é vinho não? – Ao que ele explicou que era suco. A igreja estava cheia.

Já na festa da Igreja de Nossa Senhora Aparecida era linda a queima de fogos. Ponte Alta ficava lotada. Tinha leilão. A procissão saia de

um lado, dava a volta pelo vilarejo e subia de volta para a igreja.

A vida na escola não era fácil: mandavam a gente estudar tabuada. Elas perguntavam tudo separado. Era muito ditado, contas de diminuir ,com dois números. Tinham livros que vinham do governo. Uns livros grandes com diversas matérias, com muitas coisas. Não me indentificava com os livros. Tinha pavor da Matemática, mas faço conta até de cabeça. Depois, vim morar aqui em Carangola, fiz a Educação de Jovens e Adultos - EJA. Pedi para meus pais me liberarem para vir morar em Carangola. Eu chegava muito cansada na escola porque eu trabalhava o dia inteiro. Pedia para os colegas e professores me ajudarem nos dias de prova. Os professores ajudavam muito porque ouviam e reconheciam nossas histórias de vida. Minhas amigas me chamaram para fazer faculdade em Carangola, mas nenhuma deu conta naquela época.

Eu morava em Ponte Alta e lá fazia aquelas cadeiras para as crianças sentarem. Lá amarravam com um pano as crianças para as mães trabalharem.

Eu comecei a pedir as coisas e não comer. Assim eles me contam porque eu tinha dois anos.

Minha mãe colocava as coisas para eu comer e eu não comia e eu pedia:

- Me dá, me dá!.

Fui emagrecendo, emagrecendo.

Um dia meu pai disse: - Minha filha está ficando muito magra. Está estranha.

Foi quando passou um Senhor negro, amigo de meu pai e disse:

- A sua filha está aguada Antônio.

Ao que ele respondeu: - Tá não!

E disse novamente: - Está sim!

Ele veio olhou em minha pele e viu que eu estava com borbulhinhas de água, que dá muitas vezes em criança aguada e disse:

- O aguamento dela está passado. Ela vai morrer se não cuidar dela.

Meu pai contou que eu estava tão fraca que nem o olho eu fechava. Ao que o benzedor disse:

- Vou te ensinar uma simpatia e você não pode ensinar para ninguém: pegue um franguinho pretinha, via matar e depenar. Não jogue nem as penas fora. Frite os pedaços para ela. Niguém mais pode comer, só ela! Se ela comer está bem.

Eles prepararam o franguinho. Eu comi somente alguns pedacinhos devido a fraqueza.

- Depois você vai pegar tudo que era dele, das penas ao cocô e colocar numa sacola, amarrar e jogar água abaixo. – Explicou o benzedor que seguiu explicando:

- Quando você soltar a sacola na água e for levando a sacolinha você vai dizer três vezes: quando essa sacola eu soltar essa água vai levar o aguamento da minha filha.

Eu fui melhorando.

Ele um dia voltou e disse para meu pai: - Ela já está comendo Antônio Galdino?

– Está começando a comer. – respondeu seu pai.

Explicou o senhor dos cuidados: - Agora você vai pegar leite de égua e vai dar para ela três vezes ao dia.

Meu pai me disse que ele retornou e disse: - Peque uma ferradura de cavalo de sete furos, lava bem lavada e ferve no leite da égua e dê para ela.

Eu fui melhorando e voltei a comer.

Eu creio que atualmente tem criança que manda nos pais. Mas no meu caso eu ficava amarrada ali na cadeira, não era por covardia, era porque precisavam trabalhar, fazer comida para os trabalhadores da roça que não eram poucos.

A minha mãe, meu pai, meus irmão trabalhavam. Eu não tive atenção, carinho. Diz meu pai que quando eu saía dali eu ficava toda alegre. Eu me sentia presa.

Foi daí que veio o aguamento. Eu creio que o benzedor abriu o olho de meu pai. Ele iria me perder. O benzedor orientou meu pai e ele fez

tudo com muita fé. Ele tinha tanta fé em Nossa Senhora que ele via luzinhas pelos cantos. Só que a gente não via e ele via dentro de casa. – Olha lá a luzinha lá ó! Ele me contou que depois de tudo aquilo eu pedi para me tirar daquela cadeira. Saía meio bamba de fraqueza. Minha mãe disse que eu era muito levada também e ela tinha medo de eu cair. Mas toda criança cai.

Esse benzedor benzia com tudo: galho de assapeixe bem novinho, mas não podia jogar fora. Benzia na frente e nas costas. Outro ramo que ele usava era o que as crianças brincam muito com a flor dele dizendo "bem me quer, mal me quer" até a última folha da flor para saber se a pessoa que a gente queria namorar gostava ou não da gente, que é o bem-me-quer. Benzia inclusive com vassoura preta. Mas ele dizia que poderia ser qualquer ramo porque vem da terra! – O importante era a fé.

Minha avó, Galdina Teodoro da silva, benzia usava brasas do fogão e colocava no copo de água para saber se a pessoa estava com espinhela caída. Ela dizia assim quando eu estava maior, com uns nove ou dez anos: - Senta aqui Luciene perto do fogão à lenha. Eu estou achando que você está estranha. Nessa época eu já não estava em Ponte Alta. Estava no Taquaruçu. Ela me chamou e rezou com a mão em cima do local da enfermidade, não conseguia entender as palavras porque eram balbuciadas, mantinha a mão em cima da espinhela caída (região do externo) e pegava um copo com água e recolhia uma brasa com um garfo e a quebrava e jogava no copo d'água, dava aquele som do contato do fogo com a água e as brasas afundavam. Eram nove brasas. Ela me disse: - Afundaram todas! Você está com a espinhela caída. Ela ia tocando o local, fazendo o sinal da cruz nos quatro sentidos e benzendo em balbucios. Pedia para tomar três golinhos e depois aquela água era jogada na água corrente de mina com brasa e tudo.

Quando ele ou minha avó me benziam vinha um calor muito forte. Mal olhado principalmente. Tem pessoas que tem olhar carregado. Eu já vi ramos secarem de não voltar mais. Eu não tive contato com esse senhor. Minha avo era carinhosa. Ela morreu queimada. Na roça as pessoas colocavam um toquinho de madeira e ficavam perto do fogão de lenha para esquentar principalmente á noite ou quando o dia está amanhecendo quando a temperatura cai muito.

Eu estava brincando perto do pé de mexerica quando eu ouvi um grito. Corremos. Ela estava enrolada num cobertor. O fogo estava pegando

nela. Quem morava perto veio. Tentaram acudir. Mas ela foi queimando viva. Queimou tanto que soltou gordura. Ela morreu.

Eu amava ir na casa dela. Era muito carinhosa.

Eu lembro de benzeção com machado para cortar o medo no Taquaraçu. Era um senhor . Era para crianças com medo de andar. Colocava a criança de pé. Batia entre os pés da criança. Elas não tinham medo. Ele dizia: - Cada batida que eu dou... Ao que a mãe, pai ou alguém respondia: - Corta o medo!

Tinha uma que pegava uma faca e pegava um ramo de mamona para cortar o medo de andar. Conforme cortava falava: - Cada corte que eu dou, falava o nome da criança, e completava: vai dar um passo a mais. E ia repetindo o corte e as palavras.

Tinha muito benzedor e as pessoas procuravam muito.

Um dia meu pai disse para meu irmão: - Vai lá comprar uma rapadura para fazer café. – Ele ia na venda da fazenda do Dário Vicente que vendia para os inquilinos. Ele foi e estávamos esperando a sua volta. Ele sumiu. – Onde está esse menino? Ele voltou com um pedacinho de rapadura. Comeu quase tudo! Meu pai disse: - Você comeu a rapadura Zé? Entao, você vai comer o resto. – Ele pegou e foi enfiando o resto que ele não tinha comido tudo na boca dele.

Tenho horror de abobrinha batida. Tinha que comer todo dia. Eu pegava muito inhame no brejo para almoço a pedido de minha mãe. Muitas vezes não tomávamos café. Era somente almoço. Comi muito broto de samambaia. Adoro taioba. A gente não passava fome, mas era isso que tínhamos para comer.

Comia muita fruta. Cozinhava inhame roxo para café. Abóbora de porco era para eles e para o nosso café. Abóbora, chuchu e outras coisas era para o porco. Demorava para engordar um porco. A carne era muito mais saborosa do que a de hoje. Frango só comíamos no final de ano. Meu pai vendia tudo. Só deixava a que iria ser frita no final de ano. Ovo a gente comia muito. Eram as galinhas poedeiras. Leite a gente pegava na teta da vaca.



A Sagrada Cruz presente de

Maria Isabel Dornelas,

95 anos, descendente de Pukis.

Nascida na comunidade de Barroso .

Aprendeu a enfeitar a cruz com a mãe dela.

Galeria Andarilha XIX

Por Mais Galerias da Topovivência com seus Intermezzos: Sem Ponto Final

Localizemos as relações que fazem do humano, o humano.
É nesse intermezzo que temos as vivências
Jader janer

Lucimar orienta os pais de seu neto a buscar por uma benzeção para aguamento. A avó Lucimar traz consigo a vida que viveu com a avó benzedeira, da chama do fogão à lenha que dialogou tão intimamente durante o cotidiano de sua vida e também na morte de sua ancestral. A menina amarrada na cadeira com pano e topoadultocentrismo. É quando a criança água, os pais aguam, os irmãos aguam e a vida água. E o aguamento percorre a pele que reveste o ser sinalizando que não há limites entre o que somos e o que nos circunda, seja em nossa casa, seja no planeta. E todo esse aguamento é levado pelas águas. Água que tudo leva através da fé na amorosidade de palavras que foram renegadas:" me dá, me dá..." que não era de fome, era de afeto, amor.

Tal fato traz para a tese-benzeção a importância da amorosidade espacial (Lopes, 2021, 2024). Um ser humano definha sem o cuidado e as múltiplas possibilidades de amor, na interelação espacial. O engatinhar, o levantar-se para dar os primeiros passos envolve o cair, o tatear, ouvir, balbuciar e começar a falar no espaço das vivências. Amarrar tudo isso é represar o que somos ou podemos ser.

A vida adoece e amarrados morremos mesmo que aparentemente estejamos com vida. E a Lucimar segue sua vida vestida de chita a pedir pão e vinho na Santa Ceia e o "Pastor" da igreja de origem inglesa a acolhe, sem deixá-la presa ao banco da igreja:

- Chegando lá teve a ceia e fiquei de olho no pastor na hora da Santa Ceia. Fiquei de olho nele comendo o pão. Eu fiquei com vontade de comer. Eu levantei e pedi um pedaço de pão e um pouco do vinho. Todo mundo olhou para minha cara. Eu tinha dez anos.

O que formalmente é proibido na maioria das igrejas. A fala de Lucimar revela naquela topovivência palavras e ações que benzem a vida retirando tudo o que nos amarra.

Quando o benzedor passa pela rua e vê a Lucimar aguada após ficar amarrada numa cadeira ele não se basta em si mesmo, nem o pai dela, nem ela. Ninguém basta em si mesmo! A nossa fragilidade em termos de ontogênese rompe-se naquele momento em Lucimar e naquela família através da Topogênese do Cuidado quando emergem as vivências, as topovivências. É um processo contínuo: do nascimento de cada ser humano, nas vivências e transmissões intergeracionais. Quantas vezes fomos ou somos amarrados? Mas quantas vezes nos debruçamos, seguramos e abraçamos os bebês, as crianças pequenas como parte, e é, de nós mesmos? Naquele encontro emergiu o novo. A criança que precisava engatinhar, andar, tocar o chão, andarilhar estava definhadamente amarrada. Na impossibilidade de emergir em vivência, no novo, tão importante para o ser humano e principalmente durante o período da infância, ela se torna água parada, doente. E como resolver tal situação segundo os benzedores? Nas águas que correm livremente. Somos seres marcados topogeneticamente pelo [con]viver e [co]existir (Lopes, 2021,2024). O aguamento de Lucimar e as palavras do velho ancião exemplificam nossas precariedades e potências.

Nas topovivências da Galeria VIII – O Pão e o Queijo da Vida, Gal, Patrícia e eu estávamos no corredor da igreja. O Padre entrou pela porta central acompanhado dos coroinhas com as velas e turíbulos. Patricia é Católica. Eu estava em pé. A pequena subiu no meu colo. Gal estava a olhar atentamente todo aquele momento simbólico que possui uma formalidade. Foi quando o Padre ao passar parou e colocou a mão sobre sua cabeça e os dois olhando olhos nos olhos sem estranhamento. Naquela relação inter-espacial, emergiu a amorosidade que pode ser lida de várias maneiras, até mesmo por uma pessoa de outra fé ou ateu.

Hoje, vinte e um de outubro de dois mil e vinte e quatro durante o almoço conversávamos sobre os aguamentos da vida. Comentamos sobre pessoas queridas aguadas. Falei do meu aguamento que creio foi oriundo da morte do cavalo Gigante vítima do vírus da raiva e da importância do

ouvir ancestral presente nos Pretos e Pretas Velhas, nos Pajés, Benzedeiras e Benzedeiros que durante séculos ouviram as angústias de um país historicamente aguado, silenciado e sofrido nas desigualdades de seu povo com espinhela caída. Das águas paradas de meu pai e minha mãe e como esses aguamentos vão respingando pela vida em falas e topovivências que precisam ser levadas por águas em fluxo de vida. Comentei sobre uma parente que muito me ajudou em Ponte Alta na tese-benzeção, da sua vida aguada de sofrimento e silenciamentos. Foi quando ela me contou, e fiz esta nota de campo, que foi procurar um benzedor que a acompanhava desde pequena. Chegou num dado momento que após uma benzeção o benzedor lhe disse:

- Filha, você é batizada?

- Não.

- Você precisa se batizar.

- Por quê? – perguntou a jovem ao benzedor.

- Para sua vida seguir... Está tudo parado.

- Em qual igreja? – Perguntou a jovem.

- A que você quiser.

- E o que você fez? – Perguntei.

- Eu me batizei. – Respondeu.

- Em qual igreja?

- Na Casa de Oração.

- Você melhorou?

- Sim. Nunca mais senti o que sentia e a vida andou.

Numa relação toposcrônica, emergindo lugar e espaço, crônica no sentido da vida na vida, Patrícia disse:

- Precisamos batizar a Gal!

- Pode batizar. Existem vários batismos. Você se lembra naquele dia na igreja quando o Padre parou no lugar onde estávamos e pôs a mão sobre a cabeça da Gal e seguiu para o altar? Para mim ali se deu o batismo e benzimento.

- Eu senti algo muito forte naquele momento. – disse Patrícia.

Todo ato que emerge em cuidado amplia os horizontes da Topogênese assim como dialoga de várias maneiras com as gêneses humanas. Quando se emerge uma topovivência aguada, precarizada, amplia-se o fosso de uma espécie que filogenéticamente, em seus primórdios, é marcada pela cooperação, para sobrevivência e bem estar comum de todos. Não há como escapar da precariedade ontogenética de um bebê, mas a cada ato de cuidado com uma vida há um fluxo humano de uma Topogênese dos Cuidados que emergem consequentemente ampliando a potência do ser, da sociedade que o acolhe e é acolhida, assim como altera a historicidade da espécie e do planeta.

Quando o líder espiritual permite que a Lucimar tão jovem se aproxime e experimente o suco que ela pensava ser vinho, talvez numa ressignificação do seu aguamento, ele transgride uma série de preceitos, não somente religiosos, e não volta com ela para o banco amarrando-a. E lá, no templo, se dá o dialogismo na topovivência de algo que está vivo nela, mesmo curada de um aguamento crônico na infância. Diante do avanço fundamentalista, inclusive no meio evangélico, o que essas topovivências estão a ensinar? Quais as dimensões de um planeta aguado?

Penso que a topogênese dos cuidados é a potência do emergir em vivências no espaço e tempo diante de nossas fragilidades ontogenéticas. Ao precisar do outro enquanto espécie estamos também diante de relações de potência na topogênese e ontogênese: diálogo íntimo e infinito. O intermezo da relações humanas que estão a ocorrer no planeta, o ensinar e educar como faces dos cuidados, renovam dialeticamente a relação ontogênese e topogênese reverberando nas outras gêneses, sociogênese e filogênese, da Teoria Histórico-Cultural de Vigotski. A topogênese do cuidado está amalgamado à antogênese e vice-versa.

As benzedeiras trazem consigo em sua historicidade a função de parteiras. A maiêutica socrática do parir envolve também um pós-parto. O pós-humanismo é um parto complexo, porém necessário. A intimidade da ontogênese e topogênese ocorreram na espécie humana em seu processo

de andarilhamento pelo planeta e estão a ocorrer o tempo todo. Quem foi o primeiro ser humano, ou agrupamento que refletiu eticamente sobre o cuidado há milhares de anos? Após todo este processo de ocupação planetária e do espaço é uma utopia a alteridade?

A topogênese dos cuidados – e isto inclui as dimensões das outras gêneses - de um homo sapiens que precisa repensar sua relação consigo mesmo, com as outras espécies e com o planeta - é um desafio planetário tamanho que a filogênese humana redimensiona o tempo geológico na crise do antropoceno. Se há fragilidade que nos amarra como a Lucimar enquanto espécie, há potências como as vivências difusas aqui apresentadas pelo benzedor e líder espiritual, que aqui nos traz as dimensões da topogênese do cuidado.

Fiquei a me indagar, nos primeiros contatos com Lucimar se somos um povo aguado. Estou a pensar e dialogar através da linguagem com você. Somos uma espécie topogeneticamente aguada? Até onde iremos com tais amarras que provocam aguamentos? O diálogo com Lucimar e Lopes (2021, 2024) nos convida a refletir profundamente sobre que planeta temos e queremos. É possível um novo homem, num novo planeta? Como dito nesta tese-benzeção: as benzedeiras e benzedores em suas práxis nos provam que sim.

Uma pesquisa envolta em benzeções traz a perspectiva de novas dimensões sobre o ser humano e suas relações envolvendo a vida enquanto milagre da vivência, nas dimensões do sagrado no espaço geográfico: “A vivência é um milagre, pois no seu processo algo se transforam em outra coisa. [...] Vivência dá luz ao sentido. Criação de sentidos é uma prática espiritual. Vivência é um meio de espiritualidade da vida. [...] A vida como exigência do sentido e da beleza à existência “ (Jerebtsov, 2014, p. 26).

A Geografia da infância e dos cuidados é de suma importância para a sociedade atual. O cuidar e educar são grandes avanços da educação infantil que ainda é vista por muitos como algo menor. Não se trata somente da infância, mas dela no humano e do fazer-se enquanto espécie. Nesta tese-benzeção ficou latente as memórias dos benzedores e os cuidados. Creio que a relação benzedor, benzedeira com as crianças é algo a ser lapidado através da Topogênese dos Cuidados:

> O cuidar (que é sempre educar e, claro, seu universo) tem uma liação com os bebês e com as crianças que é marcada pela interespacialidade. Essa relação deve ter mais força que qualquer política social e institucional. Apesar de reconhecer a fundamental importâncias desses documentos, gostaría de relembrar que essa é uma condição anterior à existência dos papéis, pois está na base da relação antropológica que forja a humanidade em seus planos genéticos e filogenéticos. (Lopes, 2021, p. 132).



Saudação ao sagrado que brota em ramos

O estar no chão dos espaços onde a topogênese se dá é com os pés descalços. Como dito, na relação onde não há hierarquização de saberes. É uma relação de alteridade: [...] Por isso, a opção a que referencio é o que temos nomeado de “pesquisar com...”, pois ela remete ao argumento anterior de que a vida só pode ser compreendida em sua interrelação. Lopes, 2021, p. 118). É portanto, pautada na vivência, como encontro entre o plano pessoal e social (Lopes, 2021, p. 119).

As vivências na topogênese dos cuidados, nas topovivências é marcada por uma postura ética onde tudo está a emergir na vida e que a pesquisa, assim como o chamado mundo acadêmico, não pode, ou não poderia, estar apartada da vida ou amarrada na cadeira:

> A vivência, como encontro entre o plano pessoal e social, pode levar a muitas possibilidades e, como já apontamos, está sempre marcada pela produção do novo. Por isso, Vigostki (2006) irá se dedicar a falar em neoformações como as bases do desenvolvimento. Essas formações novas que emrgem dos encontros da vida devem (nem sempre o fazem) permitir os movimentos que transformam o humano em busca de caminhos, em tese, mais saudáveis, que não levem ao adoecimento e à subjugação do viver. (Lopes, 2021, 2024)

No galeriar da tese-benzeção fiquei a refletir sobre a questão dos métodos em pesquisa. Reafirmo que nosso compromisso é com a vida na vida (Lopes, 2021,2024). Assim, as possibilidades são múltiplas levando-se em consideração os embasamentoss pós-humanista, na pós-pesquisa qualitativa e no cotejar. Lembro-me da apresentação de um trabalho num evento do Mackenzie quando o mediador perguntou-me sobre a topogênese como método. Comentei que seria algo a pensar por se tratar de tudo aquilo que emerge nas topovivências e por ter essa abertura principalmente pós-humanista. Isto ficou mais claro no encontro com Lucimar e tudo que ela e os outros sujeitos desta escrita continuam a dilogar na minha cabeça: a topogênese tal qual apresentada neste trabalho é uma forma de entender o ser humano, portanto, se assim entender, pode ser um método para além do conceito. Creio que seja uma tese-benzeção envolta na topogênese dos cuidados.

Foi através das vivências no GRUPEGI, assim como o contato com vários estudiosos de Vigotski via diálogo e leituras, muitos são amigos de Jader, que entendi que o Círculo Vigotskiano está mais vivo do que nunca. E este círculo é infinito, pois traz em seu cerne o dialogismo em Bakhtin e seu círculo. Esses círculos da topogênese dos cuidados envolve a leitura da folha, das ervas e raízes. De uma humanidade e do ser humano que se perdeu em seu andarilhar...

Muitas vezes tentei anotar nas folhas de papel meu analfabetismo das enunciações das benzeções. Eles falam de outras folhas as quais a maioria eu desconheço. Os doutores nesta escrita escrevem na vida em folhas que curam a alma, anunciam palavras que benzem e trazem para a vida as possibilidades em ramos. Como disse Maristela Barenco na qualificação de doutorado:

- A benzeção tem início, meio e nunca tem fim...

Uma vez interligadas, ditas ou balbuciadas as palavras, do benzedor, do benzido e benzíveis como no caso da benzeção da fita de D. Maria vão pelas linhas das folhas, das mãos e da vida em sua plenitude. A folha é outra, a linha é outra, são ramos: é o que percebi no Cipó Caboclo. Se há linha nas folhas, há nos dedos, nas impressões digitais. A língua tem linhas, a vida tem linhas para escrever o cuidado ensinado de um para o outro, entrecruzamento ancestral, mestiço, de um Brasil que precisa se ler na palavra das folhas dessa gente. A mão numa folha estão os quatro elementos da natureza.

As benzeções em seus signos, enunciações e ética trazem consigo um olhar cuidadoso do ser humano. Assim como as matas, que eram tão abundantes na Zona da Mata Mineira, as águas que cada vez vão escasseando, a fauna e flora dizimada pelo capital. São essas pessoas que ainda resistem diante do poder da moeda, da opressão fundamentalista, e de uma tradição judaico-cristã que configurou num homem que em Adão e Eva deveria dominar o planeta. Gênesis é a gênese da destruição. O apocalípse a confirmação e conformação de uma tradição predadora e pseudo redentora. Os evangelhos, para mim, só fazem sentido na partilha do cuidado. E isso se estende a qualquer cosmovisão aguada.

O botão da camisa que tentei achar de Gênesis ao Apocalípse durante toda minha vida, como dito no Tomo I, foi me apresentado pelo benzedor de Lucimar em sua infância e pelo líder espiritual da Casa de Oração, que não possui pastor, em sua juventude.

É da terra, do chão, no ouvir, dialogar nas dimensões da Topogênese dos Cuidados de Jader, Sr. Quirino, Sr. Wanto, D. Chica, D. Maria, D. Lica, Sr. Toninho, Sr. Chico Vitorino ou Chico Puri, do Griô e tantos outros, que vem a lucidez que tanto nos falta e pode nos custar muito caro enquanto espécie. Há cura. Os benzedores e as ervas, assim como tudo que eles representam, estão a falar intimamente com muitas pessoas.

São formas de escrita e escuta do planeta. Quem não leu, não ouviu e não sentiu é porque se afastou da água, das folhas, das raízes e de um diálogo de milhares de anos. Um diálogo e escuta sensível do universo cotidiano das benzedeiras e benzedores que ensinam saberes outros do cuidar nos retirando dos aguamento das inter-relações enquanto espécie e planeta.

Nesta perspectiva, emergiram outras topovivências andarilhas nas galerias da topogênese. Fui para a Colômbia realizar estágio doutoral na Universidad Sur-colombiana – USCo. As galerias colombianas é um pouco de uma infinitude dos conhecimentos ancestrais. A América Latina

tem muito a dialogar. Somos povos irmãos que tem muito a dialogar. Foi o que aprendi apresentando uma "ponência" num evento na USCo com uma professora de Bogotá que no diálogo entre todos disse: - Achamos que o Brasil está longe, muito distante. Não está. Está logo ali na fronteira com o departamento do Amazonas. O que nos separa é a língua? Também não porque uma política pública envolvendo a educação nos nossos países mudaria essa realidade como em várias partes do planeta. Temos muito em comum!

Andarilhamos sem ponto final num diálogo epistêmico do cuidar e ensinar intergeracional. O que é um andarilho nesta tese-benzeção?

Andarilhos podem virar árvore?
Bernardo virou árvore várias vezes.
Ele tinha dor de pássaro.
Solidão de árvore seca.
Tristeza de árvore sem pássaro.
Bernardo passou de árvore a pássaro,
de pássaro a rio,
de rio a sol,
de sol a gente.
Vagou muitos anos sem identidades.
Aliás andarilho não tem identidade,
pode de repente adquirir gosto de flor.
Andarilho é plural sempre.

(In: Cult 20 anos: melhores entrevistas, Manoel de Barros, 2017 – Original em prosa)

Por que nos tornamos analfabetos das folhas, da natureza e de tudo que elas representam para a humanidade e planeta?



Poderia fazer uma descomparação entre a linguagem do poeta – a aventura errática – e o andar num dum andarilho?

"O andarilho é um ser desajustado no mundo, por isso provoca estranheza por onde vai, e o poeta (falo de mim), eu não gosto das normas do idioma, eu procuro fazer distúrbios de idioma. Nós somos insatisfeitos com as normas: ele com as normas da sociedade e eu com as normas da linguagem (desfazer o normal é uma poética)".

Manoel de Barros

Galerias Andarilhas: Topogênese do Cuidar e Ensinar Intergeracional na Colômbia

"Todos os andarilhos tem pátria. Todas as pátrias.
E todas as pátrias são os caminhos que não têm fim".
Manoel de Barros



Colômbia - América do Sul

Disponível em https://pt.wikipedia.org Acesso em 11/07/2025



Mapa com os departamentos da Colômbia.

Em vermelho o Departamento de Huila com capital em Neiva (idem)



Num dado momento na Sagrada Cascada Gotas de Navidad em Vereda Puerto Quinchana ouvi de Jhon Palechor:

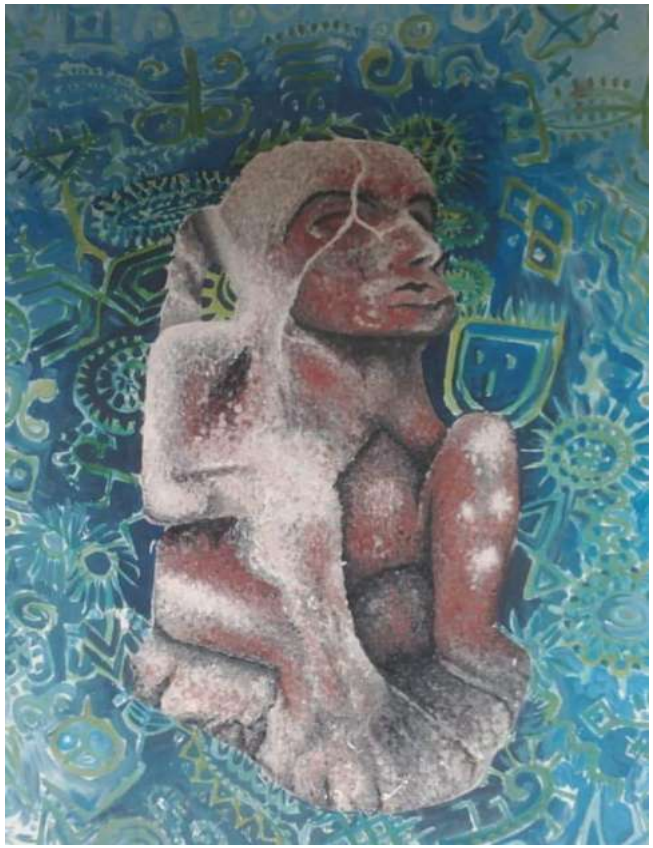
“ - E vão sair gotas e mais gotas e vocês vão olhar todas as cores.

Depois fechem os olhos, abram os ouvidos e se conectem com elas.

Imagine o mais bonito e deixem aqui...”

Eu deixei em gotas um coração agradecido e todas essas lembranças da Colômbia”.

- Diário de campo em Vereda Puerto Quinchana, San Agustín, Huila, Colômbia -



Os murais colombianos e as singularidades de Gaitana e Quinchana

Acervo pessoal

Um Cemitério Maternidade e a Escola: “Jugar” é benzeção.

O que é um andarilho?
É um mensageiro que me entrega, de graça, o jeito de ser livre moda ave”.

Manoel de Barros

O universo do sagrado durante o estágio doutoral no departamento, o que chamamos no Brasil de estado, de Huila através da Universidade Surcolombiana – USCo via Ministério da Educação do Brasil foram momentos de grande importância para a tese-benzeção. Como dito, as galerias da topogênese, assim como as benzeções são entrecruzadas, repletas de idas e vindas, não é linear.

Depois de participar do II Colóquio Internacional de Educación e Interculturalidad – Saberes y Prácticas Bioculturales Diversas em Bogotá em setembro de 2024 despedi de Jader e dos amigos do Grupo de Pesquisa e Estudos em Geografia da Infância - GRUPEGI. Eles retornaram para o Brasil naquele mesmo dia. Fui para Neiva em Huila com meu orientador na Colômbia, Prof. Dr. Mathusalam Pantevis Suarez. No Brasil ele é chamado de Math, com som de “i” ao final. Fez mestrado no México, doutorado e pós-doutorado no Brasil e fala português. Aos poucos, convivendo com os alunos da universidade o Math se transformou em Mathu. Fiquei hospedado em sua casa e de seu esposo Carlos até que fui acolhido por amigos deles, a família Martínez onde aluguei um apartamento no bairro de Santa Bárbara que ficava próximo da USCo.

Fui calorosamente recebido pelo Departamento de Psicopedagogia e estava sempre no gabinete de Mathu, assistia e participava de suas aulas e frequentemente circulava pela Ágora e corredores em diálogo com os alunos. A USCo é um lugar muito acolhedor, assim como a cidade. Um dos meus lugares preferidos era ficar no "Café y Letras" em meio aos alunos, iguanas e árvores. Neiva é extremamente quente e lá me refrescava com limonada e desgustava as saborosas empanadas colombianas.

Numa das várias atividades que participei foi o "extra muros". Algo que desconheço aqui no Brasil na configuração da Colômbia. Na USCo os alunos além do estágio nas escolas possuem atividades que envolvem o dialogar diretamente com a comunidade. O Departamento de Psicopedagogia luta por recursos para efetivação das atividades como direito dos alunos e há um impasse devido dotação e alocação de recursos. Percebi que alunos e professores, principalmente Mathu, a disposição de diálogo e busca pelos direitos inclusive em reuniões diretamente com a reitoria da universidade. Essa especificidade colombiana é um traço importante na relação educação e sociedade. Disse numa reunião que deveria ser uma política pública nacional com uma lei específica tamanha a grandiosidade da proposta. Acompanhei o Professor Dr. Mathusalan Pantevis Suarez e posteriormente, em outras datas, o Professor Me. Diego Fernando Pérez Trujillo em contatos com as comunidades, chamadas de Veredas, nos municípios de Palestina, San Agustin passando por Isnos y Pitalito onde topovivenciamos momentos muito intensos.

Saimos de Neiva de ônibus e fomos para o município da Palestina. No meio do caminho uma parada para tomar um "tinto" e degust ar os deliciosos biscoitos colombianos. Os alunos felizes! Fomos para a pousada local deixar nossas malas para pernoitar. Logo depois fomos a um restaurante familiar com comida farta, saborosa e com um preço bastante acessível o que é muito comum no país. Estava muito frio. Palestina está a 1672 metros de altitude enquanto Neiva a 442. O departamento é o maior produtor de café do país sendo a Colômbia o terceiro maior exportador do planeta, depois de Brasil e Vietnã.

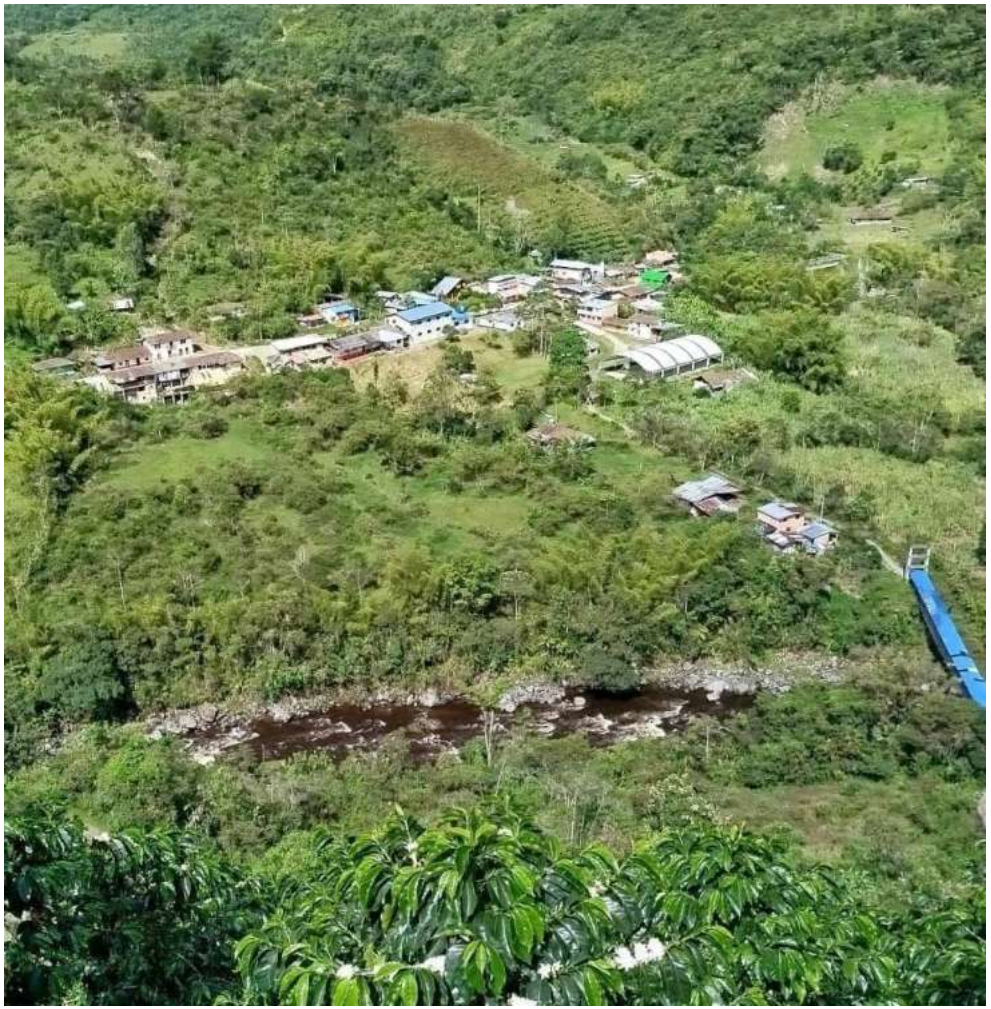
A Palestina é um município que tem no café seu principal meio de cultivo entre outras plantações que chamamos aqui no Brasil de agricultura familiar. Na praça central da pequena cidade estava a chiva nos esperando. É um veículo muito comum no país. Quando vi pela primeira vez numa praça central em Neiva, nos Comuneros, eu fiquei com vontade de conhecer as comunidades e as pessoas junto com o povo. Eu não sabia do que estava reservado no futuro. É usada para transporte de pessoas, mercadorias e turismo. Ela chega em lugares muito íngremes e de difícil acesso. Os estudantes entraram e começou a tocar música e nos fomos pelas lindas montanhas.

Na Colômbia as pessoas são muito envolvidas com música e gostam muito de bailar. Com o percurso os alunos iam escolhendo suas músicas preferidas e cantavam intensamente juntos quando anoiteceu as luzes iluminaram a chiva e ninguém reclamou do frio: todos desfrutavam os momentos.Tinha até música brasileira atual. No percurso as paisagens deslumbrantes das comunidades rurais, o frio, as plantações, os bosques e florestas e o majestoso rio Magdalena que serpenteia pelo caminho. É encantador!

Chegamos na Vereda de Quinchana en el macizo colombiano, no município de San Agustin, fomos recebidos por um guardião da natureza e dos saberes ancestrais da comunidade. Ele nos conduziu até sua residência e depois passamos pela colorida e bela vereda. Os murais colombianos nos levam a dimensões do infinito da beleza e das possibilidades de criação artística. Realmente, mesmo com todos os problemas que temos na Latino América, a Colômbia de fato “es la tierra de la belleza.” Atravessamos uma ponte pênsil e era impossível não parar para admirar e fotografar a beleza do rio e a natureza.



A Chiva em Vereda Quinchana – Acervo pessoal



A Vereda Quinchana e o Rio Magdalena – Acervo pessoal

O rio Magdalena é o principal rio da Colômbia, nasce no sul em Huila e percorre o país no sentido sul/norte, com seus 1528 quilômetros, desaguando em Barranquilla no Mar do Caribe. Estávamos a menos de 40 quilômetros da nascente do rio na bifurcação das Cordilheiras Central e Oriental dos Andes. Segundo informações colhidas no Departamento de Psicopedagogia o rio tem o nome ancestral de Yuma "o gigante". Importante destacar a importância do grupo de pesquisas epistêmicas e ancestrais na USCo Yumatambo.

No andarilhar pelo montanhoso caminho pude conhecer melhor os alunos e a cultura local. Algumas alunas não conseguiram continuar a caminhada e foram liberadas a retornar para Vereda Quinchana. Pelo caminho as belezas do lugar. Chegando no Cemeterio La Maternidad Vereda Gaitana o guia e educador ambiental Jhon Palecha nos informou que ali era um lugar sagrado e precisávamos retirar as botas e sapatos.



Pés descalços – Acervo pessoal

Adentramos ao espaço sagrado e ficamos a admirar aquele espaço arqueológico com tumbas e a deusa da Maternidade. Aprendemos sobre os rituais e cosmovisões de um lugar de vida que transborda ancestralidade e saberes epistêmicos como a sabedoria das parteiras, o respeito a vida e a natureza, principalmente a infância. A morte ali tem outras dimensões para além do que culturalmente foi nos ensinado. Fomos convidados a sentar na verdejante grama e o guia se posicionou para falar. Ele estava à direita de Mambero, a deusa. Decidi deitar meu corpo cansado, fechar os olhos e ouvir a fala tão importante. Foi quando adormeci num sono intenso. Eu estava em um lugar em outro plano dos sentidos, numa câmara onde não estava só. Era um lugar de paz e pensei que havia partido. Quando despertei uma aluna me disse: - Você dormiu!. Respondi que estava um pouco cansado. Depois da fala do guia me aproximei do local onde havia uma pequena elevação e pedi desculpas por ter cochilado naquele momento. Ele me disse que não havia problema e que me viu quando adormeci: - Aqui ocorrem muitas coisas. Vi o exato momento quando você se foi. Embaixo onde você estava tem um túmulo subterrâneo. Se quiser você pode vir aqui e ficar em minha casa. Muitas pessoas de várias partes do mundo tem vindo e subimos à noite. São vários relatos. Muitas pessoas escutam crianças brincando aqui. Aqui há muitas mulheres e crianças que brincam e cuidam.

Quando estive no local numa segunda vez ocorreu a mesma situação.

Contou que a deusa precisou ser restaurada devido vandalismo e que quem descobriu que ali era um cemitério e maternidade foi uma equipe de arqueólogos na década de quarenta do século passado depois que a primeira professora do território, Inês Ortiz, percebeu as singularidades do local e no contato da comunidade com aquele espaço geográfico em suas relações interespaciais. Foram descobertas vinte e três catatumbas e três estátuas.

No município de Sant Agustin, famoso por seu patrimômio arqueológico tombado pela UNESCO com um parque com uma imensa quantidade de esculturas monolíticas que remetem ao período pré-colombiano. Segundo o guia são mais de quinhentas estátuas e túmulos, representando tanto seres míticos, quanto animais e figuras humanas.



A singularidade de um cemitério maternidade ancestral – acervo pessoal

Seguimos caminho pelas trilhas e chegamos num lugar sagrado ancestral que as águas vinham do alto dialogando com o sol e desciam por um paredão natural repleto de musgos. As águas formavam gotículas de inúmeras cores. Depois que contemplei absorto decidi usar o celular para gravar e filmar. Percebi que o aparelho não captava aquelas dimensões. Pensei que meu celular por ser antigo era impotente para tal. Perguntei discretamente para alguns alunos: - No nosso também não é possível. - Enquanto o guia falava num tom de voz que trazia uma paz, assim como os sons nas águas cristalinas, o vento nas folhas em meio a um ar puro. Nossa fala era baixa de reverência a natureza aos seres espirituais que ali estavam conosco. Ali éramos todos um.

São outras conexões!



A Sagrada Cascada Gotas de Navidad – Acervo pessoal

Voltamos pela trilha e na volta passamos pela pequena escola que fica ao lado do sítio arqueológico. Os alunos na atividade “extra muros” sob orientação do Professor Dr. Mathusalam Pantevis Suarez realizaram uma atividade envolvendo as vivências espaciais das crianças. Eram alunos em sua maioria descendentes dos povos originários que habitaram o local. Uma turma com poucos alunos, cada um numa série, o que não é um problema para a professora nesta comunidade e em outras onde visitamos. Participei da atividade e perguntei para Mathu:

- Será que dá tempo de conversar com as crianças? Ele me disse: - Creio que sim. Mas o tempo é curto.

Eu decidi me apresentar. Quando perceberam minha forma de falar e que eu era do Brasil eles ficaram muito curiosos. Falaram de futebol e que gostaram da forma que eu falava: “era diferente”. Dialogamos um pouco e fiz uma pergunta: - Do que vocês mais gostam de brincar na escola e também depois da aula?



A singularidade de uma escola – Acervo pessoal

- Juego, jugar! - Responderam

- Cual? – pregunté.

- “ A la escondite” - ou seja, de pique esconde no cemitério maternidade!



“O lugar também fala...” – Acervo pessoal



O cuidado ancestral, a Deusa da Maternidade – Acervo pessoal

Eu fiquei mais uma vez um pouco fora de mim. Era final de aula e a professora precisava ir embora. Olhei para a escola e para a entrada do sítio arqueológico ao lado. Em espanhol o verbo jugar é brincar. No Brasil, em português, usamos a palavra brincar geralmente no sentido diferente de jogar.

Descemos em direção a Vereda e quando olhei para trás ela estava vindo. Descemos conversando. Como senti muito cansaço pelo percurso, talvez intensificado pela altitude, perguntei como ela fazia para subir nos dias de chuva em meio ao barro escorregadio. Ela disse: - Normalmente. Vou todos os dias. Revelou que Gaitana é a terra dos avós, bisavós e tataravós das crianças e foram eles cultivando as terras que fizeram aos poucos as descobertas da "maternidad". Disse-me sobre o orgulho de trabalhar na comunidade e da importância do contato entre as famílias. Falei sobre a questão das turmas multisseriadas no município de Carangola, Minas Gerais, Brasil e o fechamento de várias escolas.

Perguntei sobre o desafio de trabalhar com uma turma multisseriada e me esclareceu que se assim não fosse muitas crianças não poderiam estudar e que para ela não há problemas porque está acostumada. Falei da importância da valorização do Professor Alfabetizador e da importância das escolas nas pequenas comunidades. Contei que onde moro muitas comunidades perderam suas escolas o que é lamentável mesmo sendo transferidos com direito à transporte escolar gratuito diário garantido aos alunos no Brasil. Falamos da beleza do lugar e da singularidade ao que ela me disse: - Este lugar por si ensina! Desci pensando sobre estas possibilidades: da pessoa lugar, do lugar pessoa, um diálogo importante interespacial que não pode ser menorizado ou ignorado. São espaços onde emerge o corazonar nas topovivências "a partir de las sabidurías ancestrales siempre se supo que nuestra humanidad no reside sólo en la razón, sino que el ser humano, desde lo más ancestral del tiempo, tejió la vida desde el corazón, desde la afectividad, desde los universos de sentido que hacen posiles las emociones". (Guerrero, 2010, p. 89).

O guia se aproximou de nós. Perguntei sobre as possibilidades de novas descobertas arqueológicas no local. Ele me informou que naquela semana descobriram um novo achado arqueológico e que possivelmente não chegaram à metade do que pode ser descoberto em San Agustín. Alguns alunos da Educação Física me chamaram para caminharmos juntos com o guia numa outra data até a nascente do Rio Magdalena numa trilha bem conhecido em meio às matas por Jhon Palechor.



“Por onde andei... “– Acervo pessoal

Percebi que o guia é um educador ambiental com ancestralidade indígena e com uma formidável capacidade de entender o que emerge nas relações interespaciais. Para além do turismo é perceptivel durante todo o andarilhar que a educação ambiental na comunidade é uma forma de proteção da natureza e reconhecimento do território de forma pós-humanística envolvendo a conservação e sustentabilidade. Para além disto: um alerta para o planeta! Há a dimensão de legado para as futuras gerações no contato intergeracional: a importância de conectarmos com a biodiversidade que envolve o ser humano em múltiplas dimensões. Não há natureza e ser humano: somos um só. É preciso uma postura de respeito e cuidado com o território: “- Há aqui uma energia neste lugar onde crianças e mulheres estão com seus corpos no solo sagrado” – disse-me. E acrescentou: - As pessoas que vem nos visitar é importante que elas sintam essas conexões, o que vivemos aqui. É um ensinamento como legado para que ao saírem de nosso território transmitam aos seus familiares, aos seus amigos que estiveram num lugar de paz e tranquilidade. É preciso

fazer o que é certo cuidando e preservando.Não é algo só para o nosso lugar, é para o mundo inteiro...

Retornamos à Vila Quinchana e fizemos nossa refeição e depois fomos tomar banho no rio Magdalena.

Conversei com uma aluna do povo Nasca de um território próximo ao rio Negro em Íquira localizado em Huila enquando caminhávamos para a cachoeira. Segundo a jovem estudante indígena, que fala espanhol e a língua de seu povo, quando mocinha depois das cinco horas da tarde, quando o sol se põe não podem segundo os mais velhos adentrarem nas águas. É proibido. Um dia saiu mais cedo da aula quando cursava o sétimo e junto com um grupo de estudantes decidiram adentrar na água numa região próxima de uma nascente e já eram cinco horas. Para tal teriam que fazer uma oferenda a Deusa de Las Aguas. Não fizeram e adentraram. "- Quando se está menstruada não se pode adentrar na água: é um desrespeito terrível". No dia seguinte, o corpo estava tomado por uma enfermidade cutânea que voltada sempre no mesmo horário: às cinco. Quando era por volta das seis até umas sete e meia desaparecia. Segundo ela era uma coceira insuportável. A mãe a levou numa farmácia e passava creme, mas não melhorava. Os pais insistiram indagando se ela tinha adentrado na água sem a permissão. O pai a chamou em particular e perguntou. A jovem confirmou e ele a levou de moto até o que eles chamam de "médico tradicional", que é o que entende das ervas, das plantas, da natureza e do mundo espiritual. Ele a examinou e disse que o duende estava brincando naquele local e sabia que ela estava por lá sem a devida permissão e menstruada.

" - Eu não devia ter entrado"- disse-me a estudante.

- O "médico tradicional" enviou umas sementes e tabaco. Era para meu pai mastigar o tabaco com as sementes na mão aspergindo em todo meu corpo. Eu dormi sem me banhar depois do ritual e me cobrí com um lençol branco. No outro dia estava curada. Hoje eu vejo que minha avó, pais e os mais velhos da comunidade tinham me avisado, mas eu era muito nova e estava um pouco afastada do mundo espiritual. Hoje dou valor a tudo isto, minha avó inclusive é parteira e conhece as plantas. Ela sabe qual erva usar dependendo do mal. Fui criada com pessoas com grande conhecimento.

Perguntei: - Hoje você está fazendo uma faculdade. Você está na academia e tem conhecimentos ancestrais. Como se dá isto para você

sendo que nem todos tem a mesma oportunidade?

- Eu estou cursando Ciências Sociais. Minha família sempre me disse que eu precisava estudar. Tenho que terminar a universidade e continuar estudando. Em meu território há uma palavra que é "retornar". Quando eu nasci me cortaram o umbigo. Essa parte cortada é guardada com ervas durante um tempo. O meu cordão umbilical foi guardado na terra do meu território. Você nasce, sai de seu território, aprende, pode sair do país, mas sempre tem que voltar lá. Sempre se volta ao território. Quando nós nos graduamos de 11º...

O que é 11º ? – perguntei.

- É encerrar os estudos na escola. - Entendi. – Disse-lhe. De fato, na Colômbia, "graduar de onze" refere-se à conclusão do décimo primeiro ano do ensino médio, que é o último ano do Ensino Secundário e equivale ao último ano do Ensino Médio no Brasil. Após a conclusão do 11º ano, o estudante recebe o diploma de "bachillerato" que é o diploma do ensino médio colombiano.

- Então, quando graduamos de 11, nos dizem para estudarmos na cidade e nos preparar, mas é preciso voltar ao território para ajudar sua terra, seu lugar. No território necessitam de profissionais de várias áreas, inclusive é para estudar e se possível ser professor. Quando formar voltar para o colégio onde estudamos. Saímos com esta ideologia. E nos dizem mais: saia, prepare-se na universidade, mas não confie no homem branco. Não confie em tudo que vão lhe dizer. Não são todas as coisas que são para ser feitas como eles dizem porque eles vem de uma realidade diferente. Quero terminar os estudos e voltar. Vou ser professora no meu território Nasca.

A conversa acima foi em meio à descida para a beirada da cachoeira do rio Magdalena em Vereda Quinchana. Eu não havia levado roupa de banho porque estava frio. A água gelada. Adentramos e tremiamos de frio mas não queríamos de lá sair. Brincávamos. Como foi bom me banhar no rio Magdalena. A primeira vez foi no município de Natagaima, no departamento de Tolima, depois por duas vezes com os alunos de Mathu e quando retornei à Vereda com o Professor Diego Fernando Pérez Trujillo**.** Fiquei encantado com a educação dos alunos. Fui acolhido com carinho por todos por onde passei e sem etarismo.



Visitando novamente Vereda Quinchana e o Cemitério Maternidade Vereda Gaitana com Prof. Diego Trujillo,
primeiro à esquerda em pé, e o educador ambiental ancestral Jhon Palechor,
primeiro assentado à esquerda, e os alunos da Universidad Surcolombiana - USCo

Em pensar que aquele território foi tomado pelas guerrilhas na Colômbia durante décadas e atualmente é um lugar de paz e retomada dos diálogos entre os irmãos colombianos. Ali, naquele lugar que se abre para a Amazônia, que dialoga com os ventos e areias do Saara através dos ventos alísios "que fortalecem as montanhas" como aprendi. As topovivências de um lugar ancestral onde não percebi estranhamento com as possibilidades de aprendizagem dos conhecimentos ancestraise sim muito respeito e amorosidade interespacial por todos.

Tantos momentos inesquecíveis um deles envolve o brincar. Brincávamos, "jugar" em espanhol tal como as crianças encarnadas e desencarnadas onde há pouco tempo estávamos em diálogo. Em meio ao rio fiquei a pensar que brincar também é uma benzeção. Há pessoas lugares que nos bendizem nas dimensões da topogênese e do corazonar: pensando e agindo com o coração:

> Ha sido la fuerza insurgente de la ternura, de la esperanza, de los sueños y de la alegría de mujeres, hombres, ancianos, jóvenes y niños – no como recursos retóricos, ni re-teóricos, sino como fuerzas insurgentes insustituibles para transformar todas las dimensiones de la vida, que han sido tejidas desde sus propios territorios del vivir – la que ha permitido que esos pueblos subalternados por el poder, a pesar de estar acorralados la muerte, no sólo recuperem la palabra y puedan hablar por si mismos, sino que sobre todo, luchen, bailen, sonrían y canten; que enccuentrem desde la profundidad de sus dolores formas para seguir amando, para seguir soñando y creyendo, para burlar la muerte, y para continuar tejiendo la sagrada trama de la vida. (GUERRERO, 2010, p. 93)



Bendizendo e benzendo “jugando”– Acervo pessoal



O fogo ancestral – Acervo pessoal



"Territorio Wakakallu" – Acervo pessoal



Deslumbramento – Acervo pessoal

O Abuelo Fuego

Moram peixes e borboletas nos bolso do andarilho?
(...) Eu contei dez gias no bolso de Mário.
Imagino que mosca, borboleta, sabiá, peixes.
Mas só vi as gias no bolso de Mário.
Manoel de Barros

A chiva parou... Vi a maloca ancestral em sua exuberância do lado de fora da escola. Havíamos chegado no Instituto Yachav Wasi Runa Kanakuna no Território Wakakallu**.** Antes de entrarmos o "rector", diretor da escola, e "mayor espiritual", responsável pela comunidade, nos esperava com roupa branca e um colete colorido feito no território. Em suas mãos um instrumento sagrado que remete a um chocalho com umas ervas. Estava com um charuto e as pessoas passavam uma por uma. Ele com as ervas e chocalho fazia um movimento circular pela cabeça e pelo restante do corpo enquanto baforava tabaco. Após isto, os alunos foram entrando por uma porta. Até que chegou minha vez e de Mathu. Entramos e descemos os degraus.

Adentramos assim como os raios do sol as dimensões daquele espaço sagrado naquela manhã. Descemos os degraus que nos colocava num nível abaixo do solo ao redor. Fomos sentando em um semicírculo onde ao centro estava o fogo sagrado. Sentei numa cadeira de frente para o fogo

e para a porta de entrada. Atrás da cadeira onde sentei estava uma outra porta. A fumaça vinha em minha direção. Em em meio ao silêncio meu olhar era para o fogo. Todos adentraram e o rector e mayor espiritual se pôs a falar das cosmovisões daquela arquitetura, do território e do mundo. A porta de entrada estar voltada para o sol nascente e a saída voltada para o sol poente. Não se pode inverter o entrar e sair humano da maloca. Em instantes lembrei-me da benzeção do Vasquinho em Carangola, Minas Gerais, Brasil, que tinha como refência o sol poente e a recomendação de que ao voltar evitasse passar por onde havia passado na ida.



O nascer entrecruzando-se com o "abuelo fuego" ao centro e dialogando com a porta do pôr do sol.

Passou entre nós e em nossas mãos pôs um líquido ancestral preparado por ele. Primeiro a fricção das mãos e o inalar. Foi um ato que inebriou minha alma. Depois, passei em minha testa e com movimento das mãos passei pelos meus minha cabeça, braços, peito, costas, abdomem e pernas e com as mãos em concha encaminhei tudo para a porta do sol poente . Senti a liberdade de fazer o que sentia.

No centro da maloca há quatro pilares. Ao centro desses pilares de madeira o fogo alimentado pela lenha cercado por pedras com um vaso de cerâmica pequeno próximo. Sentei num local e observei a arquitetura sofisticadíssima e as palavras que estavam emergindo nas topovivências.

A Topogênese é como aquela maloca. Ela vai pelo mundo dialogando com as dimensões da nossa espécie com outras espécies, do mundo que nos é pré-dado na sociogênese e os desdobramentos destas com a ontogênese humana. Vários seres naquele local em desdobramentos andarilhos e galeriantes de conexões do conviver, coexistir respeitosamente com tudo que existe no planeta numa postura de amorosidade espacial. (Lopes, 2021; 2024).

O fogo é vivo. Quando nos sentamos ele se abaixou na região central dos quatro pilares pegou um delicado vaso de cerâmica colocando nele uma chama viva e um pouco das cinzas: parecia um parto, quando o bebê sai do útero da mulher para a vida. Em movimentos circulares como o da maloca a sagrada fumaça passou por cada pessoa assentada numa espécie de turíbulo.

Silêncio.

Creio que os quatro pilares representam as dimensões dos quatro elementos da natureza: a água, o fogo, o ar e a terra. Acima dos pilares quadro madeiras unificam os pilares que se desbrobam em dimensões espaciais que me remeteram a uma “rosa-dos-ventos” numa arquitetura espiritual que vai em direção a todos os lugares através de sua energia e representação da circularidade.

Silêncio.

Colocou folhas de coca no fogo para agradecer tudo que foi feito pelos ancestrais, pelos abuelos. O chão de pedra, as estruturas com feixes de madeira que parte para cima até a parte mais alta da maloca coberta de palha. Há um vaso na parte mais alta da maloca virado de boca para baixo que significa o agradecimento a Pachamama do lado externo. Tudo para ela vem e tudo para ela volta. Pachamama conosco. O mayor

espiritual comentou sobre a posição da maloca que envolve, por exemplo, um direcionamento para o que comumente nomeiam como deserto de Tatacoa. Ele disse que lá não é um deserto: é um local com vida e ritmos diferenciados da natureza e do sagrado.

Num dado momento parou de falar.

Silêncio.

Ao que perguntou:

- Estão vendo este fogo? Ele é sagrado. É a presença de nossos ancestrais por isso não deixamos apagar. Eles estão aqui conosco. É o abuelo fuego.

O sacerdote pegou mais algumas folhas de coca e cuidadosamente ofertou ao fogo e elas se encontraram assim como com suas palavras naquele instante. Elas viraram fogo e se fizeram fumaça...

- Ofertamos ao fogo folhas. As folhas são a própria vida. Plantamos e colhemos essas folhas para este fim. São folhas de coca usadas por nossos ancestrais muito antes do homem branco aqui chegar. Toda vida aqui e dos que já se foram tem seu fogo e é preciso cuidar dele, assim como cuidar do fogo ancestral. A fumaça continuava em minha direção enquanto ouvíamos as palavras e meus olhos seguiam a olhar o abuelo fuego.

Uma voz firme, pausada, de equilíbrio: - Buscar os diferentes talentos que os jovens possuem, as raízes culturais, o respeito pela mãe terra, cuidando do território e do entorno. É um pensamento crítico que envolve o projeto educativo comunitário que está no caminho da palavra porque a palavra flui e tem suas dinâmicas e dimensões na relação de um com o outro. É uma forma de entender, de poder dialogar.



O fogo que ilumina a vida – Acervo pessoal

- Quando a colonização chegou com todo seu sistema acabou com muitas culturas, e muitas culturas estão sobrevivendo até esse espaço de tempo atual. Existe uma dívida muito grande com esses povos até mesmo na mudança de nomes: por exemplo, San Agustín sempre se chamou assim? Eu digo para as pessoas que vou em "Guacacayo". A igreja tem forte influência ao colocar no nome de um local ancestral o nome de Sant Agustín porque tudo isso vem de acordo com a tradição bíblica. O nome dado ao continente americano não é o de nossos ancestrais: é "Abiayala". O princípio do reconhecimento dos povos está com Pachamama e tudo isso é necessário na educação para irmos nos libertando desta colonização. E cremos, que não somente nos toca libertarmos como povos originários, povos ancestrais, mas toda uma sociedade que vive esses nexos socioculturais para poder construir uma nova cidadania com as transformações pedagógicas. Para que isto ocorra somos todos convidados.

Assim, para gestar o projeto educativo, temos o que chamamos aqui de "Projeto Educativo Comunitário". E são esses caminhos que orientam a escola. Toda turma tem a conotação do nosso patrimônio cultural e nossas cosmovisões. O caminho do conhecimento que nós, em meio à chamada modernidade, podemos fazer diretamente a ruptura desses paradigmas que temos ainda da colônia (ou da colonização). São questões necessárias e temos muitas tarefas para todos. Anteriormente não havia permissão para ingressarmos a esses entornos de poder, de energia ancestral. Havia uma discussão e agora podemos ingressar com nossos ancestrais, nossos abuelos. Esse é um sentido de conexão, de diálogo, de palavrear com os abuelos e isto envolve os alunos no sentido pedagógico e o poder político organizativo. Vão perguntar: vocês tem como pilares medicinais o tabaco e a coca, certo? Perguntavam antigamente a relação com outras medicinas como o "Yagé", por exemplo. A medicina ancestral tem relação tanto com o biológico quanto com o clínico. Porque os abuelos puderam ter essa relação direta com a Pachamama? Então, o Yagé é uma planta poderosa para nós e é necessário conhecer esses caminhos. Aqui no território está a Yaguaça. Por isso, se integra totalmente o caminho da vida, da harmonia, da reciprocidade em todos os sentidos. E essa colonização deixou o "ilhamento", a separação e nós temos que superar. Não deve haver discriminação da sociedade com os animais ou com os entornos porque é a mesma Pachamama. Manter esta estrutura é o desequilíbrio. Hoje estamos passando por uma crise climática que nenhuma geração viu. É preciso rever essas questões, voltar à vida onde há destruição. É um grande desafio.

Ele pediu para oferecermos folhas de coca ao fogo e fomos convidados a conhecer a escola. Não queria dar as costas para o abuelo fogo. Fui até ele ofereci as folhas e fiz um movimento de reverência tocando o solo e "mirando" as brasas. Subi os degraus da porta do sol nascente segurando num corremão de madeira. Ao que um aluno da USCo perguntou:

- Por qué haces esto?

- Es una costumbre y práctica de la gente negra del candomblé y la umbanda en Brasil. Lo aprendí de ellos.

Ao responder a pergunta porque estava fazendo a saída do local que havia nos recebido de costas como o costume negro de candomblé e umbanda que havia aprendido com eles fomos conhecer a escola conversando sobre Colômbia e Brasil. A minha fenotipia destoava dos outros. Estávamos numa comunidade onde os alunos eram descendentes diretos dos indígenas do local. Os alunos da USCo, em sua maioria, eram descendentes de indígenas e brancos.

Fomos percorrer os espaços da comunidade e conhecer os alunos, professores e outros trabalhadores. Fomos nos encontrar com as crianças.

Uma Professora vem de outro departamento para lecionar Artes. Ela comentou sobre a dificuldade de transporte e o pouco investimento na educação rural ao mesmo tempo que expressou que ali tudo "é tudo muito livre". A professora é artista plástica. Estudou pedagogia aos dezenove anos na Escola Normal em Villavicencio no departamento de Meta, no sopé da Cordilheira Oriental. As crianças estavam fazendo uma atividade de artes que envolvia as tradições do território e dos povos ancestrais.

A sala de aula como maloca, taba do mundo: tudo aberto. Sem portas, sem janelas...



Interespacialidades da América Latina – Acervo pessoal

O que emerge?



Uma sala maloca – Acervo pessoal



“Saca una foto de mí y de mi dibujo” Acervo pessoal

Conversei com uma criança que me disse ser de “Arauca”. Segundo ela é um lugar muito bonito com muita árvore, muitos pássaro, muita natureza...

Decidi me esforçar e escrever o diálogo em espanhol da melhor maneira possível porque a transcrição em português não me agradou. Em

espanhol escuto a voz dela como se fosse hoje.

Como es “Arauca”?

- Es muy bonito, tiene muchos árboles, y hay mucha naturaleza. Hay muchos pajaros, aves, ositos muy bonitos. - ela se referia ao urso-andino que é a única espécie de urso nativa da América do Sul que até então era por mim desconhecido. - Hay muchas frutas...

- ¿Le gusta las frutas?

- ¡Me encanta!

- ¡Yo también! ¿Y los pájaros? ¿Cual pájaro te gusta escuchar?

- Me gusta más el Guacharaca.

- ¿Como se llama?

- Gua-cha-ra-ca…

- Es hermoso?

- Muy hermoso. Es un pájaro grande y canta cuando va a venir la lluvia. Para él le gusta la lluvia. Entonces, cuando canta sabes que va a llover...

- ¿Cuales colores del pájaro?

- Café.

- ¿Hay otro color en pájaro?

- No, solo ese color es el que más me gusta.



- Guacharaca Colombiana –

Disponível em: https://images.app.goo.gl/J7ZY4Lw8QjBF7

Acesso em 10/07/2025

- ¿Vamos al huerto? – Estava sendo convidado. Outras crianças se juntaram e fomos conversando até chegar na cerca. Eu não sabia como passar e eles me ajudaram. Era bem próximo das “salas malocas”.

- ¿O que le gusta comer?

- A mí las frutas.

- ¿Cual comida su mamá hace y le gusta comer?

- Sopa con huevos, frijol, fideos y papas.

- ¿Cuando estás enferma quién cuida de ti?

- Mi mamá. Ella hace remedios. Me baña com hierbas para quitar la fiebre.

Foi então que disse uma série de ervas que eu não entendia em espanhol.

- Conoces las hierbas?

- Si, nosotros tenemos algo ancestral para eso, tenemos una huertita, las hierbas...

- ¿Y sus abuelos?

- Ellos cogen café. Mi abuelo es muy especial para mí. Él dice que yo soy su “hija” preferida. Es muy especial para mí. Él me llama a coger café. Él me cuenta que estudió aquí también y le encanta ir al parque arqueológico. Tiene 79 anõs.

A pequena me perguntou se eu conhecia o parque arqueológico e me explicou o caminho e mesmo sem entender ouvi a interespacialização que estava emergindo ali na conversa:

- Hay muchas estatuas. Vá a mirar todo y és muy bonito, hay muchos árboles, pájaros...



Conversa entre canteiros – Acervo pessoal

- ¿Sabes la lengua de tus ancestrales?

- Un poquito. La lengua quéchua es de nuestros ancestrales.

Lembrei da aluna da USCo e a luta nos territórios envolvendo a língua dos povos ancestrais.

Ela me falou alguns dias da semana em quéchua. Enquanto falava e eu tentava repetir.



O espaço escolar e a língua quéchua: chacanakuna –
escalera em espanhol.
- Acervo pessoal -

- Lunes és “aguaque”, martes “guanga”, miércoles no sé, no mi recuerdo, jueves és “kulka” y viernes és “punchakuwmi”… Mi papá quiere que aprenda muchos idiomas como quéchua, inglês... Yo quiero aprender.

- ¿Y en días de fiesta para tu pueblo cómo és?

- Se reúnen, cantan, bailan. Hay muchas danzas a cá. “Chirimía” de nuestros antepassados. Hay también cumbia. Bailo también!

A escola tem um projeto político e uma arquitetura que dialoga intimamente com a cultura ancestral local. São múltiplas paisagens. A maloca e a escola dialogam sem dicotomia. O vaso na parte mais alta externa da maloca virado de boca para baixo que significa o agradecimento a Pachamama. Tudo para ela vem e tudo para ela volta.



Pachamama: “Tudo para ela vem e tudo para ela volta”

- Acervo pessoal –

Era hora de partir com vontade de ficar mais. Despedir depois de tudo e tanto não é fácil. Passamos por um caminho repleto de árvores, pássaros e águas caminhando. Quanta formosura pelo caminho! Chegamos num local onde a chiva nos aguardava.



Caminhos – Acervo pessoal

Fomos em conhecer um museu comunitário pré-hispânico onde foram descobertas trinta tumbas em 1992. Depois da visita Mathu nos levou até uma escola na pequena vereda onde pudemos dialogar com os alunos. Muitos alunos não conheciam San Agustín e a oportunidade de estar nesses ambientes como práxis pedagógica através do "extra-muros" demonstra a busca por uma educação para além dos muros da universidade.



Alunos da USCo no museu comunitário pré-hispânico

As dimensões dos alunos enquanto acadêmicos e a alegria de estarem juntos percorrendo aqueles caminhos depois de tantas lutas

envolvendo desafios de financiamento dentro da universidade. A postura dos professores do Departamento de Psicopedagogia em momentos tensos foram aulas de cidadania para mim e para os alunos que não recuaram diante de qualquer argumento que não fosse da viabilização das atividades.



Tumba do museu arqueológico – San Agustín

Muitos alunos da USCo em Huila são de outros departamentos como Nariño Cauca, Caquetá, Putumayo, Tolima e outros. Durante o período de estudos saem de diversos municípios mais distantes de Huila e de outros departamentos para poder estudar na cidade de Neiva. As política

públicas envolvendo a camada popular na Colômbia e o acesso à universidade é algo muito recente no país. Conversando com os estudantes e com a população percebi na maioria dos colombianos um desejo profundo de uma nova nação amparada na justiça social, diminuição da justiça social e política de paz diante de décadas de guerrilhas e derramamento de sangue.



Estrecho de Magdalena – Alunos da USCo e o Cão Pescador

A compostura dos alunos na Maloca na comunidade Yanacona en la Instituición Etnoeducativa Yachay Wasi Runa Yanakuna foi a mesma em toda e todas as outras viagens: o respeito e a não demonização das memórias e presenças ancestrais. Como aprendi com aqueles queridos

jovens! Em muitos lugares que visitei há uma disputa pelo território do sagrado ancestral com as dimensões cristãs eurocêntricas.



Signos do sagrado no que já era e é sagrado – Acervo pessoal

Fizemos uma passagem por Isnos, município de Huila visitamos a Institución Educativa Mondeyal onde há o primário e secundário. Os alunos da USCo promoveram momentos de interação com os alunos na quadra através de brincadeiras.



Impossível não se apaixonar pela Colômbia e seu povo – Acervo pessoal

Caminhando com Mathu, Diego e os alunos eu percebi importância da educação rural em nossos países. Os alunos estavam em vários espaços da escola interagindo com as dimensões dos filhos dos trabalhadores do campo, da camada popular que no cotidiano fazem o máximo possível pela educação e escolarização dos filhos.

A maior parte do meu tempo como professor foi trabalhando com alunos do campo e em pequenas cidades da região onde moro no Brasil. Eu estava numa região de produção majoritariamente cafeeira, assim como nas comunidades onde trabalho. Fiquei a pensar na riqueza de nossos solos e ao mesmo tempo nos impactos nos dois países das monoculturas.



Alongamento dos alunos da escola antes da atividade física com os alunos da USCo – Acervo pessoal

Na apresentação dos Programas e cursos da USCo para os estudantes da comunidade num dado momento tanto os alunos do estabelecimento quanto da universidade pediram para que eu me apresentasse. Depois que me apresentei eles disseram descontraidamente:

- Fale em português!

Logo depois eu perguntei: - Entenderam?

- Es muy diferente!

Esta afirmação me chamou atenção. Durante os seis meses na Colômbia percebi em muitas pessoas um carinho pela língua portuguesa e pelo Brasil. Entretanto, os brasileiros majoritariamente confundem espanhol com portunhol. Na Colômbia a maioria das pessoas falam abertamente da dificuldade de entender a língua.

No meio desta questão tão importante uma aluna do curso de Ciências Sociais foi convidada para falar a língua de seu povo. Era falava uma língua linda: o Nasa. O povo Nasa ou Paéz é um dos maiores grupos indígenas do país, concentrando-se principalmente no departamento de Cauca.

Na Colômbia além do espanhol se fala mais de sessenta e cinco línguas de origem dos povos ancestrais e duas línguas crioulas. Há todo um processo de luta e resistência como me disse Carmenza na praça central de Natagaima, no departamento de Tolima:

- Aqui nesta praça muitas pessoas foram queimadas vivas por manterem nossa cultura ancestral. O castigo para quem se comunicassem sem usar o espanhol era arrancar a língua...

São tantas coisas registradas e aprendidas que não estarão aqui registradas. São desdobramentos de reflexões intensos. O ato de comer na Colômbia é algo fenomenal. No início, quando cheguei em Bogotá e depois em Neiva estranhei um pouco, depois eu estava comendo como um colombiano. Os sabores da Colômbia são incríveis!

Depois das atividades através da contribuição financeira de todos nós e em parceria com a escola fomos almoçar. Esses sabores, afetos, cheiros vem sempre à memória. Alimentar é algo sagrado! Gracias Pachamama!

Talvez isto seja o que chamamos em português do Brasil de “saudade”.



Saudade... – Acervo pessoal

O tempo começou a fechar. A chiva foi subindo, subindo e subindo. Quando percebi estávamos em Isnos. Tirolesas e o mega trenó. Tenho fobia de altura. Fico arrepiado só de relembrar. Disse que estava feliz contemplando e vivendo todos aqueles momentos.

- Vamos Josias!

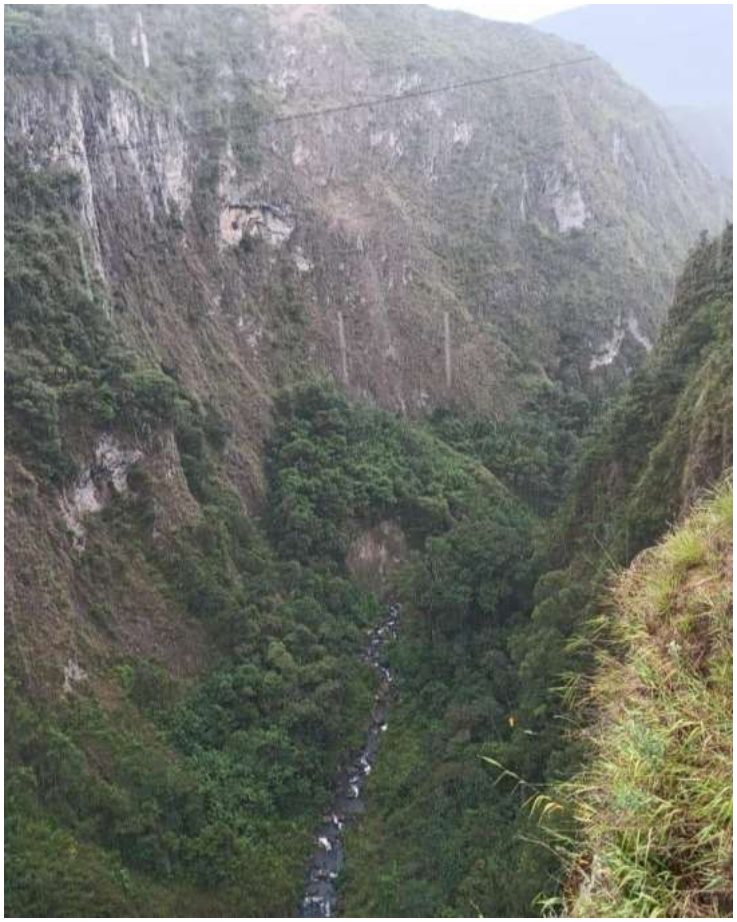
- Tengo miedo! – E todos rimos.

Depois veio a chuva. Ficamos a conversar e ver o transbordar da beleza!



Uma “mirada” pelo percurso da tirolesa e do trenó – Acervo pessoal

Fiquei olhando a paisagem da foto abaixo e pensando nas minhas idas e vindas para a USCo e por Neiva: a presença do rio Magdalena já com suas águas com uma coloração amarelada. As dimensões das paisagens por onde passamos. Do ser humano como paisagem (Lopes, 2021; 2024)



Rio Magdalena em Isnos – Acervo Pessoal

Em meio à chuva adentramos novamente na Chiva. Ela não tem janelas fechadas e portas mas não entra chuva. Fomos descendo e vendo as paisagens com música.

Ao chegar na pousada os alunos estavam fazendo seus relatórios. Alguns estavam nos quartos coletivos outros nas varandas.

Estava recordando as topovivências de tantos momentos. Foi quando saí para conversar com os alunos e vimos um pássaro. Lembrei da menina do Território Wakakallu Seria o pássaro da criança de Arauca?



Belezura – Acervo pessoal

No entardecer fui lanchar em San Agustín. Fui passeando pelo centro vendo as lindas calças coloridas tradicionais do local. Os casarões coloridos e os murais. Os murais de San Agustín dialogam intimamente com as cores das casas. São verdadeiros espaços de artes espalhados pelos espaços a dialogar com a população.



Mural em San Agustín – Acervo pessoal

A profusão de cores são vistas também na maioria dos casarões. Em Vereda Quinchana perguntei de onde vinham os artistas que faziam os murais. Segundo informações eram de San Agustín. O mesmo se vê nos detalhes, nas cores dos casarões antigos, que trazem o colorir como uma

estética que alegra a vida.



Dimensões estéticas de um lugar que enuncia ancestralidade e arte – Acervo pessoal

O comércio em San Agustín, como em toda cidade turística, tem um forte movimento. Fiquei encantado com os brinquedos de Cauca que encontrei por lá e decidi comprar um pião e uma centopéia deslumbrante de presente para Josias Filho e Gal no natal que estava se aproximando. Vi uma sandália de couro que é realmente fruto de trabalho de mãos que sabem fazer um trabalho que aos poucos está desaparecendo e não estava com dinheiro suficiente para a compra. Quando retornei na segunda vez ela estava lá. Era a última. O artesão havia feito quatro antes de falecer. Pelo caminho se encontra pessoas de várias partes do país e também do exterior.



As relações interespaciais num lugar ancestral – Acervo pessoal

Antes de mais um turno de atividades fomos almoçar no Mercado Municipal da cidade. Momento em que Mathu e eu pudemos conversar

bastante. Ele me perguntou o que eu estava achando e eu respondi: maravilhoso! Geralmente não fotografo comida, mas realmente a gastronomia colombiana é uma paixão de um capítulo, livro ou livros. O suco é feito com o que chamamos no Brasil de canjicão no Brasil, muito comum em algumas partes do país nas festas juninas. Mathu me explicou que é um suco feito do caldo do milho. O milho podem fazer vários preparos inclusive a famosa arepa que são bolos de milho feitos com farinha pré-cozida em forma circular plana, tipo uma paqueca porém mais grossa. Ela pode ser cozida na grela, frita ou assada. As arepas podem acompanhar outros pratos como bandeja paisa ou tamales.



A refeição na Colômbia geralmente é acompanhada por um caldo. – Acervo pessoal

O dia foi se despedindo. Enquanto os alunos da USCo organizavam seus relatórios voltei para a cidade para conhecer melhor o lugar. A porta da igreja me chamou atenção. Ela é suntuosa e tive a sensação de que aquela porta se fechava. Lembrava a passagem bíblica da "porta estreita". Aquilo me remeteu as dimensões da maloca e da sala de aula maloca: nossas tradições ancestrais são decoloniais e contra-hegemônicas.



“Uma igreja e uma porta...” – Acervo pessoal



Fachada da Matriz de San Agustín – Acervo pessoal

Percebi que a cidade estava muito movimentada depois do entardecer. Era minha primeira vez por lá. Era o Halloween Colombiano. dia 31 de outubro celebra-se o “halloween colombiano e no dia dois de novembro o dia de finados. As ruas centrais de San Agustín estavam repletas de gente fantasiada bailando os ritmos tão populares entre o povo. Percebi num primeiro momento uma influência, inclusive no nome, dos Estados Unidos, mas creio que há muito da festa do dia dos mortos do México. Mas toda aquela festa era colombiana... Os colombianos possuem uma forte cultura ancestral presente. Inclusive a relação com a morte é culturalmente bem diferente do que eu havia vivenciado até então. A festa pelas ruas de San Agustín me lembravam um carnaval com decoração e personagens assustadores de todas as idades inclusive bebês. Pelo comércio local as pessoas recebem doces entre danças e muita alegria!

Encontrei Mathu na praça central da cidade. Voltamos conversando pelas ruas da cidade até uma estrada escura na pousada. Ríamos e contávamos casos... Era preciso dormir. No outro dia retornaríamos à Neiva.



Mural de escola – Bandeira da Colômbia – Acervo pessoal.

Retornei com meu Orientador de Estágio Doutoral, Prof. Dr. Mathusalan Pantevis Suarez, e outras turmas da USCo para atividades do extra muros.

Saindo da Palestina num determinado momento nós tivemos que trocar de caminho devido um buraco na estrada rural que impossibilitou a passagem do veículo. Trocamos de caminho e seguimos estrada até um ponto que estava em processo de recomposição da estrada. Descemos da chiva e fomos caminhando. Depois de um percurso a pé um carro parou para nos levar. Nos juntamos pelos espaços possíveis e muitos alunos foram em cima e dependurados. Nenhuma reclamação! Seguimos alegres.



"Alunos e professores põe as suas botas" – Acervo pessoal

Fomos recebidos na Instituición Educativa Palestina La Guajira. Nos apresentamos para o rector, para os professores e para os alunos. Depois os alunos foram conversar com os alunos que formaram grupos juntamente com os acadêmicos. A proposta envolvia o escutar as crianças em suas topovivencias e interespacialidades. Depois, numa folha de papel pardo e em equipe fazem uma mapa da comunidade.



A espacialização do viver – Acervo pessoal



Vivências Espaciais com a comunidade – Acervo pessoal.



Geografia da Infância – Acervo pessoal

Ao final da apresentação dos alunos fizemos um lanche e fomos conhecer a comunidade cartografada pelas crianças. Fomos recebidos por seus familiares. Num dado momento nos encontramos com o pai de uma aluna e conhecemos seu espaço cotidiano de trabalho numa “finca”, uma propriedade rural.

Senti nesses momentos a importância do Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância – GRUPEGI. Grupo ao qual Mathu e eu pertencemos. As pesquisas do grupo envolvendo a Teoria Histórico-cultural envolvendo o conceito de vivência em Vigostski e as pesquisas de Lopes envolvendo a Topogênese e um intenso diálogo que envolve as topovivências, ou seja, as vivências interespaciais na relação inter-espacial no conviver e co-existir, da autoria estética das infâncias.

Participar de um conjunto de atividades que envolve o Professor Dr. Mathusalam Pantevis Suarez com alunos num espaço geográfico por mim desconhecido trouxe para a tese-benzeção a perspectiva da amorosidade espacial num diálogo Latino Americano onde as crianças em seu protagonismo e lugar epistêmico falam de suas vivências.

Os alunos da USCo durante todos os momentos estabelecem uma postura dialógica freireana. O extra muros enquanto proposta é um desemparedamento das práticas acadêmicas, visto que dialoga com a camada popular. Algo que me chamou atenção é que a presença dos alunos não trouxe as dimensões: eles detém o saber acadêmico dito superior e nós nada sabemos. O que presenciei foi a relação sujeito com sujeito.



As crianças e o Professor Dr. Mathusalam Pantevis Suarez: enunciações – Acervo Pessoal



Infâncias que emergem em suas topovivência na Latino América - Acervo pessoal

O contato com a Intituición Educativa Palestina Sede Sinai e toda a Uma equipe de alunos ficou responsável pelos mapas vivenciais. Uma outra equipe de alunos e eu fomos conhecer a comunidade. É, como dito anteriormente, uma comunidade cafeeira, agropastoril, com base também na agricultura familiar.

Ouvi coisas muito importante que até então não entendia e demorei para entender. Uma senhora depois das atividades com os alunos da USCo aceitou dialogar comigo sobre a tese-benzeção. Ela disse que seu marido conhecia a "medicina tradicional". Ela pelo que dizia demonstrava o conhecimento do marido com as ervas, chás e o universo do sagrado ancestral. Entretanto essa medicina tradicional é a ancestral. Não tem o mesmo sentido daqui do Brasil. Depois de um tempo, com seu neto no colo, afirmou que precisou aprender a dirigir moto depois de mais velha, após a morte do marido, para poder ir na cidade e ir a outros lugares. Nas regiões visitadas a moto é fundamental.

No caminho de volta para a escola com o grupo viemos conversando sobre o conceito de amorosidade espacial em Lopes. Eles ficaram interessados no conceito e eu disse que além do conceito ali estávamos na práxis.

As crianças e alunos estavam brincando de futebol na quadra. Eu estava bastante cansado devido a caminhada íngreme. Uma criança me perguntou se eu sabia "bailar' e "jugar fútbol". Ao que disse que não... Eles ficaram decepcionados comigo. Mas brincar futebol é outra história e brinquei um pouco com eles.

Em muitos lugares que passamos quer seja pela chiva ou caminhando ali na comunidade percebi as casas simples de trabalhadores do campo feitas de massapé. Aquilo recordou minha infância. Entretanto, numa das casas que visitei a casa tinha parte de alvenaria e parte em massapé. Como precisava usar o banheiro pedi permissão para adentrar na casa da senhora. A sensação térmica era outra. Do lado de fora havia uma estética simples e bonita dos dois elementos acima referidos.

Uma aluna da USCo me disse: - Josias queremos uma foto com você para nosso relatório. Sua participação nas informações e contato com um país tão querido vai ser inesquecível. – Fiquei muito feliz porque essa enunciação mostra a potência do Programa Doutorado Sanduíche – PDS e a potência das pesquisas que realizamos no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora –MG e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia da Infância - GRUPEGI.



A escola e a capela da comunidade Sinai – Palestina – Acervo pessoal

Ao lado da escola há uma capela e na lateral entre a escola e a igreja um mural com o Chaves, personagem mexicano, tão querido em vários países. Segundo informações a escola existia antes da capela e diferentemente dos espaços públicos no Brasil, ali, naquela comunidade não havia nenhum problema nesta relação.



Por um conhecimento não apartado do cotidiano do povo – Acervo pessoal.



A escola e a capela da comunidade – Acervo pessoal



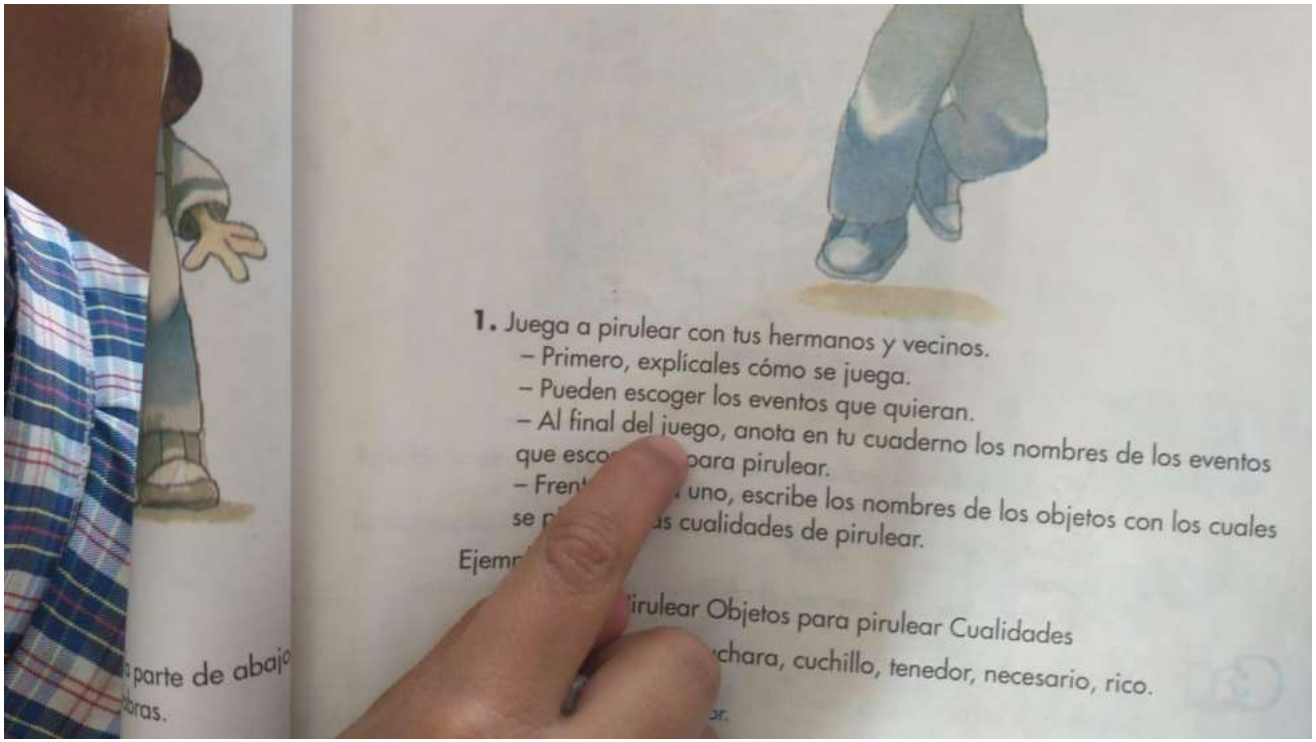
“A vida na vida”: o educar e ensinar – Acervo pessoal

Na Intituición Educativa Palestina Sede Sinai os pais de alunos estavam raspando as paredes da escola para pintar. Eu conversei com os pais. Durante nossa conversa percebi que muitos não tiveram a oportunidade de dar prosseguimento aos estudos e o desejo dos filhos fazerem o "bachillerato" e ingressarem na universidade. A presença dos alunos na comunidade foi muito importante ao sinalizar novas possibilidades nas políticas públicas na educação colombiana e o campo das possibilidades.



A parceria pais e escola – Acervo pessoal

Depois de um diálogo gravado com do rector, diretor, da escola percebi algumas cartilhas na prateleira da sala da diretoria. Eu pedi para olhar e ele disse para ficar à vontade. Disse que me interessava para aprimorar no espanhol. Peguei algumas que infelizmente ficaram no apartamento alugado em Neiva devido as malas excederem o peso permitido pela empresa de aviação. Como fiquei com os alunos fazendo um "recorido", uma rota pela comunidade e com o diretor muitos alunos não tinham me visto foi quando ouviram-me falar com alguém e...



A Cartilha: "Cómo es jugar en portugués? – Acervo pessoal

Iniciamos um diálogo em espanhol. Depois, os alunos me pediram para falar em português. E a olhar na cartilha palavras em espanhol e como se falava em português. Eu creio que pelo nível de curiosidade e participação aprendemos muito.



Diálogos com Pachamama



Chegando em La Esperanza – Acervo pessoal

Galeria Andarilha XXIII

Um Espaço Sagrado – La Esperanza: “Somos Memória Viva!”

“Andarilhos procuram a liberdade.”
Manoel de Barros

Na primavera de 2024 retornei com outro grupo de alunos do Professor Me. Diego Fernando Pérez Trujillo do Departamento de Psicopedagogia para mais uma atividade do extra muros da USCo. O tempo estava frio e chuvoso. Chegamos de van na Palestina e fomos de chiva para a região de El Tambor . Paramos perto de uma escola que estava fechada e passando por uma obra. Em frente uma casa simples com uma senhora que veio ao nosso encontro com um semblante de paz, sorriso no rosto e na alma: seu nome Nery Chimonga Coy. Mulher que semeia a memória e cultiva a paz.

Adentrei ao espaço com muitas cores, cartazes e palavras como “verdad”, “reparación”, “conciliación”, “paz”... Estavámos num memorial, num templo sagrado de um povo onde a riqueza é a memória e as topovivências nas relações interespaciais. Nery transformou um espaço de mais de 18 hectares numa Zona de Biodiversidade e Memorial La Esperanza. O local se tornou uma referência nacional e internacional dos direitos humanos, política ambiental, luta por justiça restaurativa, busca pela paz e não repetição de violências como ocorridas pelo país. O que ocorreu com seu pai e tantas outras pessoas devido às guerrilhas em seu país não a desmotivou: da ira de uma infância marcada pela morte do pai, dos castigos na escola e crescendo junto às injustiças daquele espaço geográfico houve um processo de indignação e perdão. Ela emerge na potência

de uma mulher educadora, campesina, ambientalista e defensora dos Direitos Humanos.

Em meio aos pássaros que voavam livremente pelo lugar, ao frio aconchegante, cães e gatos e um agradecimento a Pachamama ao centro que nos abraçava com a natureza ao redor fizemos um círculo onde ela iniciou a fala de sua vida e de um período complexo da História da Colômbia:

- Sou líder campesina, educadora, defensora dos diretos humanos. Sou a quinta de oito irmãos. Filha de Tulio Enrique Chimonja, desaparecido em três de setembro de 1983 em uma vereda que se chama El Tabor, que está justamente aqui atrás. Ele foi nossa primeira vítima. O segundo ocorreu em onze de outubro de 1985 quando eu tinha somente cinco anos. Aos três anos e meio eu fiquei sem o meu papai e houve o primeiro massacre da União Patriótica - UP: um genocídio político sem precedentes. Quatro líderes políticos foram mortos nesta data ente eles meu tio Jaime Loaiza Gómez, que era o líder social da União Patriótica.

Terminando 85, antes de começar 86, nos retiram do território. Então, antes de entrar na escola eu já havia participado de minha primeira marcha, e fizemos em Neiva a reclamar os nossos direitos porque nos obrigaram a sair do território. Foi terrível. Depois, nos anos 90, eu estava no pré-escolar, já estava com sete anos. Eu queria estudar.

Encontrei-me na igreja com uma professora e lhe disse que precisava falar com ela. Eu disse para ela que precisava pedir perdão porque durante muitos anos eu sentia muita ira e eu não queria mais sentir isso na minha vida. Sentia ira da violência ocorrida na luta armada e da professora porque nos castigava. Eu pedi perdão para ela e creio que ela não nasceu para ser professora.

Depois eu tive outras professoras na minha vida e foram maravilhosas e digo: vale a pena! Foi um contexto complexo na escola e na vida porque eu não entendia por qual motivo desapareceu meu papai. Minha mamãe teve que assumir e ocupar o lugar de meu papai para ir buscar sustento.





Tulio era um camponês que trabalhava como arrieiro, admirava a natureza em sua biodiversidade e era encantado com comida saudável e farta. Ele gostava de caminhar por rios e montanhas, apreciando a beleza e riqueza da sua terra. Desapareceu de maneira forçada por homens armados.

- Acervo Pessoal -

- Em 2017 fui convidada para ir a Chocó, um departamento na costa do Oceano Pacífico que também faz parte da fronteira entre Colômbia e Panamá, para levar uma canção nossa. Eu fui com dois sobrinhos pequenos que sabiam cantar muito bem. Chegamos em duas comunidades em Chocó e percebemos a participação negra na vida da comunidade. Ficamos lá por um mês. Em Chocó há uma riqueza enorme de biodiversidade e em conhecimento ancestral, porém nos territórios tem muita pobreza. Os pequenos queriam estudar, mas não havia quem lhes ensinasse. Eu me interessei em ser professora. Até então eu desejava cursar medicina. Então eu entro para estudar na Universidade de Cauca. Eram muitos concorrente e poucas vagas: eram 900 candidatos para 89 vagas na licenciatura.

- O que falar quando pedirem para eu me apresentar?

Eu me apresentei e disse meu nome e que eu era de Palestina, último município do departamento de Huila. Disse que era campesina e professora comunitária. Ouvi uma pessoa dizendo que uma campesina não teria chances.

E perguntei para ele: defina o que é uma campesina?

Ao que respondeu: - É uma pessoa que fala mal e que se deixa persuadir.

- Não é isto! E te digo mais: aqui há uma campesina em paz. – e me sentei.

- Eu creio que o fato de dizer que eu era campesina foi que me permitiu entrar na licenciatura comunitária. Um dos fundamentos da educação é não negar de onde somos. Eu tive que trabalhar para me sustentar durante os estudos. Quando você é defensora da vida, não permite que nenhuma pessoa seja maltratada. Temos inúmeros problemas de acesso à saúde e educação. Entretanto, foi o fato de ser educadora e líder campesina que me permitiu ir para outras partes do mundo como no ano passado em Costa Rica numa capacitação para Direitos Humanos. Conheci a Corte Interamericana de Direitos Humanos sediada em San José. Ser educador abarca tudo: o social, o ambiental, as leis, a medicina...

- Esse espaço como memorial teve início em três de setembro de 2008 para os vinte e cinco anos de desaparecimento de meu papai. Este espaço humanitário tem 18,2 hectares.



O espaço sagrado da memória – Acervo pessoal

Antes de Nery e todos nós fazermos o círculo para apresentação e diálogo eu percorri cada foto naquele espaço...



"Reparación" – Acervo pessoal

Fiquei perplexo com as inúmeras crianças e adolescentes assassinados durante o conflito armado na Colômbia.



“Dolor”- Acervo pessoal

- Então, a lei 1448/11, lei das vítimas diz que todas as vítimas são reconhecidas a partir de primeiro de janeiro de 1985... Meu pai desapareceu em três de setembro de 1983: a lei não é aplicada no caso dele. Assim como meu papai há várias outras pessoas na mesma situação.



Calor de irmãos – Acervo pessoal

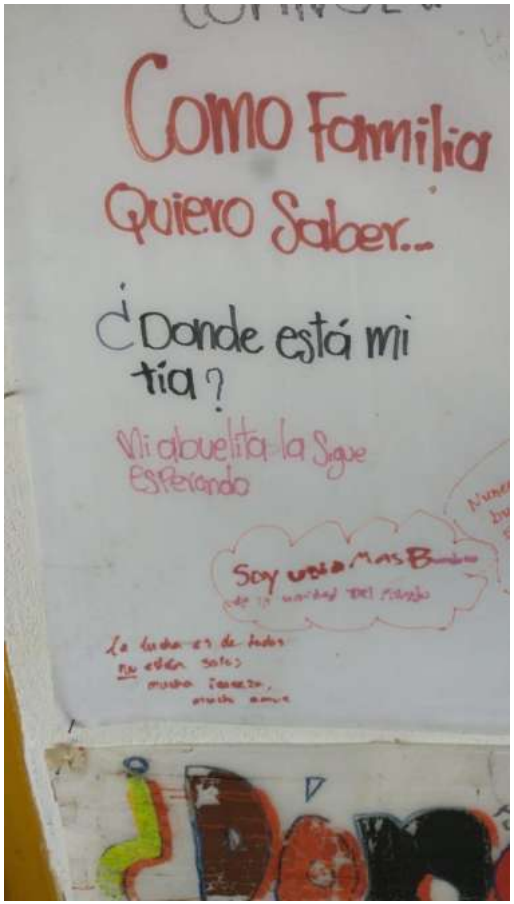


A busca por um período de paz e justiça na Colômbia – Acervo pessoal

- No relatório entregue à Comissão da Verdade da Colômbia há aqui 40 pessoas desaparecidas, um universo de 40 pessoas assassinadas. Eu tenho lido que alguns dizem e questionam o uso da expressão “assassinado e desaparecido”. E perguntam por quê? Então, significa que assassinou e desapareceu seu corpo. Já não sabemos onde está. Inclusive estamos esperando de junho para dezembro, ou princípios de janeiro o início da exumação dos pontos prováveis. Então, para nós que amamos nossos entes queridos, é um grande avanço: essas 105 pessoas assassinadas e desaparecidas em um universo político nós temos quase 525 pessoas buscando pessoas assassinadas. Somos 8 irmãos, 8 sobrinhos e minha mãe. Minha mãe é sobrevivente da União Patriota - UP.



- A Lei 1448/11 da Colômbia além de ser uma lei para as vítimas do conflito armado no país ela estabelece a Restituição de terras podendo inclusive ser uma restituição integral, indenizações, medidas de satisfação e garantias de não repetição.



"Dónde estón?" – Acervo pessoal

- Esse espaço humanitário é justamente porque como família a lei não reconhece como vítimas. Por isso decidimos fazer este memorial para nosso papai e começamos com as comunidades de lutadores desde o município de Pitalito até Palestina e depois pelo país. Os primeiros encontros foram feitos na escola.

- Muitas pessoas defensoras dos direitos humanos estiveram aqui e vieram para se juntar, para somar-se a esta causa. Nós, como irmãos e irmãs, dizemos que não tem que se fazer memória só por nosso papai. Tem que se fazer memória para todas as pessoas que faltam no território. Temos que indagar: o que aconteceu?



"Recordar e no olvidar" – Acervo pessoal

- E, há justamente, três anos e meio, pela primeira vez veio ao território a Comissão para a Paz. Dos 37 municípios de Huila sabe qual município que o estado foi acionado devido a violência? A Palestina. O restante não faz nada! Meu irmão Henrique recebeu uma honraria devido

este trabalho juntamente com as Madres de Mayo da Argentina. É um trabalho que tem sido reconhecido exatamente por mostrar o que ocorreu e tem ocorrido na Palestina. Meu irmão sempre me diz que o caminho é fazer o movimento e ir com a institucionalidade. Então, aqui veio a Comissão da Verdade denominada oficialmente como "Comissão para o Esclarecimento da verdade, Coexistência e Não Repetição" quando foi estabelecida como parte do acordo de paz entre o governo colombiano e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia - FARC em 2016. O objetivo principal é investigar os graves abusos de direitos humanos e as violações do direito internacional humanitário cometidos durante o conflito armado colombiano, buscando esclarecer a verdade, promover a justiça e garantir a não repetição destes eventos.

Quando veio o alto comissariado houve uma certa pressão em que se vem alguém muito importante. Eu digo: - Não, os importantes somos nós. Se não existíssemos não existiria as outras leis. Ninguém existiria... Isso é fazer memória. Contar o que realmente sucedeu no território dos anos 80 até 2001. Como tal, digamos, houve muita violência. Então, se olharem a última fotografia a última pessoa que desapareceu foi em 2016: é preciso um outro processo...

Cada um no círculo se apresentou e ali eu falei um pouco da violência da ditadura militar no Brasil e o processo intenso de empobrecimento da camada popular. Falei onde nasci e que quando criança vi muitos adolescentes e jovens irem para o mundo do crime e morrerem. A Colômbia não teve ditadura, mas não teve democracia plena. Citei o processo atual de avanço nas políticas públicas no Brasil e da importância de estar ali representando o Grupo de Pesquisa e Estudos em Geografia da Infância – GRUPEGI, a Rede Primeira Infância em Museus – Rede PIMu, o Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora PPGE/UFJF e o Programa Doutorado Sanduíche – PDS do Ministério da Educação do Brasil através das políticas públicas de cotas para negros.

Comentei que duas semanas depois de chegar em Neiva, no dia 24 de setembro de 2024, participei da solenidade na USCo transmitida para todo país de reconhecimento da prisão de Tarcísio Medina Charry nas dependências da USCo por agentes da polícia quando ele tinha vinte anos no dia 19 de fevereiro de 1988 (nota de campo).

Ele era estudante de Linguística e Literatura e na universidade ingressou na UP. Encontraram em sua bolsa periódicos da União Patriótica e até o presente momento não se sabe onde está o seu corpo. A presença das irmãs de Tarcísio vestidas de branco na solenidade, com uma das irmãs assentada à mesa com a reitora da universidade, os juízes togados e a polícia militar.

Penso que este momento representa um período de justiça e esperança diante de décadas de luta por reconhecimento das barbaridades cometidas. Durante vários momentos vi a emoção tomar conta de todos: eram lágrimas e gritos dos militantes da União Patriótica e de pessoas como uma Professora do Departamento de Psicopedagogia que foi da turma de Tarcísio.

É uma luta incansável por justiça dos cidadãos desaparecidos e assassinados no país. Estima-se que 5733 membros da UP foram assassinados. Segundo levantamentos morreram mais de 260 000 pessoas neste período turbulento de conflito armado da História Colombiana. Deste montante cerca de 80% foram civis e 30% decorrido das guerrilhas (fonte: Wikipédia).

A mãe, Marleny Charry morreu vítima de covid 19 sem saber do paradeiro do filho.

O pai não pode estar na cerimônia devido a idade e estado de saúde, todavia enviou uma mensagem para todos da importância daquele momento.

A irmã de Tarcísio, Paola Medina Charry, Coordenadora da Coorporación Reiniciar, recebeu o diploma de Bacharel em Literatura outorgado a seu irmão assassinado que amava os livros e principalmente a literatura de Gabriel Garcia Marques.

A família foi perseguida e estigmatizada por instituições do estado. Quando lutavam por justiça por Tarcísio Medina a resposta vinha em cartas acusando-os de guerrilheiros. Durante a cerimônia a polícia militar pediu perdão pelo crime cometido.

“Nada justifica el daño causado, el cual há generado perdida de infinitas oportunidades, que hubiesen derivado de la persistência y enstusiasmo de um joven que dedicaba sus esfuerzos a proyectarse profesionalmente para servir a la sociedad de manera altruista”. Palavras do Comandante da Polícia de Huila Coronel Carlos Eduardo Télles (nota de campo 24/09/2024).



Pedido de perdão pela política. À direita: juízes togados e a imagem de Tarcísio. – Acervo pessoal



Paola Medina com sua irmã – Acervo pessoal



"Dolor" – Acervo pessoal



Mural em homenagem ao Tarcísio nas dependências da USCo.

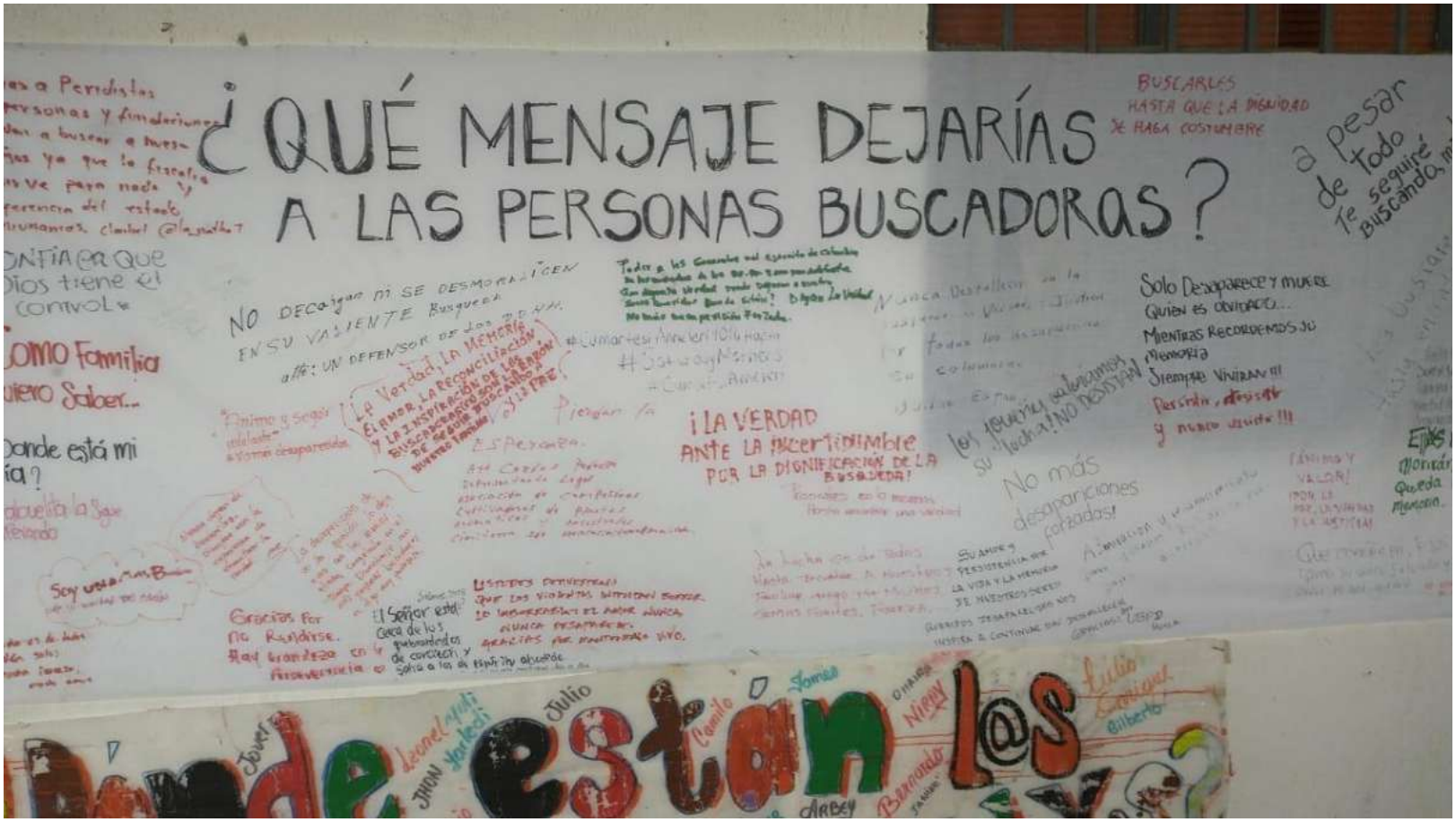
Solenidade pós outorga e pedido de perdão – Acervo pessoal



“Topovivências de nosotros” – Acervo pessoal



À direita Nery, de boné, dialogando conosco – Acervo pessoal



"Donde están los desaparecidos?" – Acervo pessoal



“A escola como espaço de diálogos” – Acervo pessoal

Antes de caminharmos pelo território perguntei par Nery como se relacionam as crianças da escola com a casa de memória La Esperanza? Ela respondeu: - É através das sombras das árvores ou fazendo alguns germinadores para plantar árvores. Durante estes momentos fazemos “conversatórios”. Eles são bem pequenos e pintamos o território dando ênfase a como cuidar da fauna e da flora. A “Escuela de Montañitas” tem uma proposta de educação popular: não se precisa de uma escola e quatro paredes para passar o conhecimento e como levar a memória dos que

não estão porque a cada dia buscamos os desaparecidos do território.



Caminhando e dialogando... – Acervo pessoal

Algumas alunas e alunos da USCo juntamente com Nery prepararam um almoço delicioso. Ela ofertou muitos abacates para a refeição. Depois do almoço todos ajudaram na limpeza e organização do espaço. Os estudantes estavam preparando seus relatórios de atividades do extra muros.



Diálogos entre alunos da USCo – Acervo pessoal

Depois nos organizamos para escrever frases para deixar no memorial um painel. Cada aluno escreveu uma frase. Eu fiquei impactado com tudo que ouvimos e topovivenciamos. Escrevi em português num papel e entreguei a seguinte frase: Somos Memória Viva. Ali não era somente um espaço de pessoas que morreram em vão. Eles seguem conosco através de pessoas como Nery. Deixamos a mensagem para quem por ali passasse e para os "buscadores" de seus entes queridos desaparecidos e assassinados. Gravamos aquele momento em vídeo dizendo a frase a plenos pulmões.

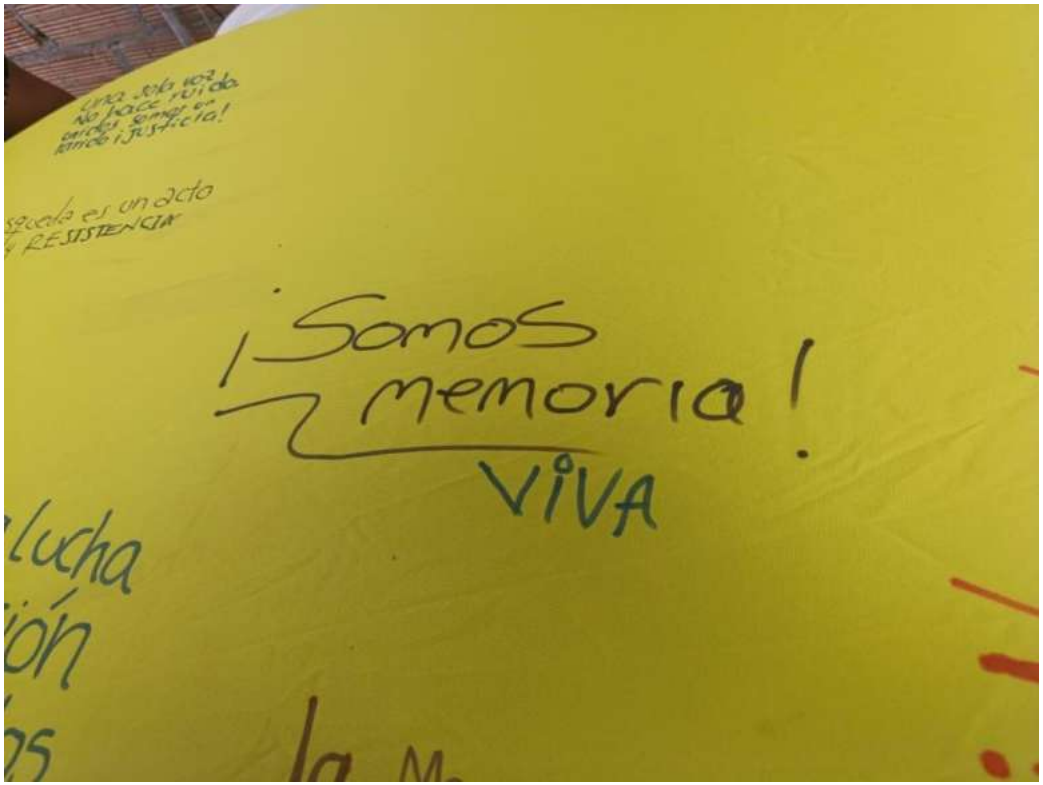


Somos memória viva! – Acervo pessoal

La Esperanza demonstra uma Colômbia que luta por justiça história. Palestina assim como inúmeros outros lugares do país trazem consigo as marcas das lutas armadas. Fiquei muito impactado com a fala de Nery e ao mesmo tempo incrédulo com tantas mortes, principalmente de crianças. Aquilo tudo me remeteu ao que escrevi no Tomo I desta tese-benzeção no que tange à violência e mortes de tantas pessoas na comunidade em que nasci. Entretanto, a dor não é sinônimo de imobilização, ali a dor é redimensionada em luta e "sabedoria de afetos" desabrochando em diálogos epistêmicos a esperança de um país que tenta se reencontrar com seu povo em sua História:

> Em esos escenarios donde se debe tejer la vida enfrentando a la muerte, como uma dura realidad cotidiana, los marcos teóricos, metodológicos y las epistemologías poco ayudan, pues siempre, en investigaciones sobre realidades marcadas por el dolor, el terror y la muerte, encontraremos "indecibles" (Castillejo, 2000), que los epistemes no pueden explicar. La objetividad científica y la fría distancia que debemos tener frente a nuestros "objetos de estudio", que enseñan los manuales de metodología, involucra la negacíón de nuestra subjetividad, a fin de que nos volvamos cómplices del poder y su violencia. Esos indecibles, marcados por el dolor, la violencia y la muerte, de los que siempre ha estado alejada la academia, no podrían ser comprendido desde la frialdad de los epistemes, sino sólo desde el calor de la sabiduría de los afectos. (Guerrero, 2010, p. 92)

Os diálogos epistêmicos intergeracionais num espaço de memória através das atividades do "extra muros" me chamaram atenção pela alteridade. Ali, as pessoas que estavam em fotos passaram a ter vida novamente em nós. Essas dimensões da memória viva que redimensiona a morte e a dor. Não é possível voltar e mudar os rumos do que houve, mas nenhuma vida é em vão. La Esperanza está geograficamente em frente a uma escola. Um espaço de educação não-formal a lutar por novos horizontes de compartilhamento da vida em topovivências.



Eu estava do lado de fora admirando La Esperanza e vi umas frutas que pensei que fossem morangos silvestres. Depois descobri que eram framboesas. A doçura e o sabor específico me fez comer algumas e chamei alguns alunos da Universidade para experimentar. Uma aluna disse que era da propriedade . Tomei um susto e pedi desculpas para a aluna.



A doçura das framboesas – Acervo pessoal

Quando fui me despedir de Nery com a chiva já se posicionando para voltarmos para San Agustín. Comentei sobre o fato e pedi desculpas perto do Prof. Diego. Ela sorriu e disse: - As framboesas quanto mais se colhe mais dão. É assim com Pachamama! – Ao nos despedir decidimos tirar uma foto com todos os alunos. Eu fiquei próximo dela e de Diego. Não encontrei a foto nos meus arquivos. Então, esta galeria é um

agradecimento a todos da Colômbia que me acolheram e em especial à Nery Chimonga Coy.



Florescer em Esperança – Acervo pessoal



Verdad – Acervo Pessoal

Três Contos Ancestrais para Abraçar o Mundo

"Tenho o pivilégio de não saber quase tudo. E isso explica o resto..."

Manoel de Barros

Durante os seis meses que permaneci na Colômbia foram muitos os encontros com as comunidades e diálogos com pessoas de várias partes do país e do exterior. Selecionei dois relatos envolvendo o cuidar e ensinar intergeracional para a tese-benzeção:

Etnia o pueblo: Guyabal

Municipio y Departamento: Florencia – Caqueta

La Mujer Embarazada y los Espirítus

Cuando una mujer esta embarazada (grávida) debe rendirle un ritual a sus antepasados o acentros, para que su su bebé nazca bien y que lo protejan de los espíritus, ella debe mantenerse a leja de rituales que tenga que intervenir con la sanación, espiritual y mental de cualquier persona, hasta que su bebe nazca, al no ser asi su bebé podría llenarse de esa energia y tener complicaciones.

Quando uma mulher está grávida ela deve realizar um ritual aos seus ancestrais ou acentros, para que seu bebê nasça bem e que eles o protejam dos espíritos, ela deve ficar longe de rituais que tenham que intervir com cura, espiritual e mental de qualquer pessoa, até que seu bebê nasça, caso contrário seu bebê poderá ficar cheio dessa energia e ter complicações.

Nombre comunidad: Rdo Juan Tama.
Municipio y departamento: La Plata – Huila

Gusanito Verde

Habia una vez, en un resguardo que vivía una familia conformado por la mama llamada Flor y su papa llamado Juan la cual ellos tenían una hija llamado Francisca, la familia tenia un lote de puro maíz y la hija Francisca siempre se iba para el maizal y llegaba tarde con puras pepitas de maíz, la mama no entendía ello donde se metia ya que no le ayudaba en la casa y se iba todo el dia, asi que la mama un dia decidió seguirla y se dio cuenta que cuando llego al maizal se convirtió en un gusanito verde y se quedo convertida en el gusanito verde que los podemos encontrar en el maíz.

Era uma vez, numa reserva, uma família formada por uma mãe chamada Flor e seu pai chamado Juan que tinha uma filha chamada Francisca, a família tinha um roçado de milho puro e a filha Francisca sempre saía para o milharal. Um dia ela chegou atrasada só com grãos de milho nas mãos. A mãe não entendeu o que estava acontecendo pois não a ajudava nas tarefas de casa e ela ficava fora o dia todo. Então, um dia a mãe resolveu segui-la e ela percebeu que quando chegou ao milharal ela virou uma minhoca verde. A filha ficou transformada na minhoca verde que a gente encontra no milho.

Nombre Comunidad: Los Algarrobos

Etnia o pueblo: Pueblo Wayio

Municipio Y Departamento: La Guajira - Manaure

La Historia de Por qué las Mujeres en Mi Comunidad Tejen

Resulta que antes cuando “Mulu’rue” formó a los primeros Wajio los enseño como vivir en armonía y bajo sus costumbres. También los educo para que pudieran sobrevivir al desierto de la Guajira y de allí adquirieron su conexión con la tierra, el agua y los animales. Pasado el tiempo cuando ya lograron avances esos primeras apriendieran a guiarse por las estrellas a la lance de salir a pescar. Una vez salieron muy alejados (distante) de su hogar y enconharar (encontrar) a una mujer en una isla tejiendo por lo que decidieron ayudarla y darle un resguardo. La mujer cuando llegó le empezó a enseñar a las jovencitas a tejer y tejer: por culpa de su arrogancia un dia amaneció cano como una araña condenada a tejer por toda la vida.

De ahí nace la costumbre que nuestras mujeres sepan (sabem) tejer y hacer chincorros (redes no Brasil). Práctica que se hereda de generación en generación.

“Mulu’rue” nos dejó su tejido para llevarlo a todos los rincones de nuestros territorios.

Galeria Andarilha XXV

“Semillas Ancestrales” – Germinações Andarilhas da Topogênese do Ensinar e Cuidar Intergeracional

“Ele era um andarilho.
Ele tinha um olhar cheio de sol
de árvores de aves.
Ao passar pela Aldeia
Ele sempre me pareceu a liberdade em trapos.
O silêncio honrava a sua vida”.

Manoel de Barros

A primeira vez que fui em Natagaima, no departamento de Tolima, foi no início de outubro, num dia ensolarado da primavera. Fui acompanhado por Mathu, Carlos e Julio Jaime, Professor no Mestrado e Coordenador da ASPU – Asociación Sindical de Profesores Universitarios. No caminho me mostraram o sagrado “Cerro de Pacandé” e contaram sobre a cultura ancestral local. Conforme seguíamos viagem eles disse: - Há aqui inúmeros territórios indígenas.

Quando chegamos encontramos com os alunos do mestrado da USCo. Pude conhecer o Projeto Semillas e outros projetos que envolvem os conhecimentos ancestrais e uma Colômbia livre dos agrotóxicos e dos transgênicos. Ao chegar à sede do projeto uma faixa com os dizeres: “Todos e todas pelo direito ao alimento sadio e de viver em nossos territórios dignamente decidindo sobre nossos territórios”. Ao lado, escrito à giz: “Grande doação de presentes . Faça uma criança feliz.”



A sede do projeto de frente à praça principal – Acervo pessoal

Durante o período que caminhei pelas ruas e pela praça ficava a observar as inúmeras motos e as pessoas: majoritariamente descendentes diretos dos povos ancestrais. A fenotipia ancestral indígena predominante. Como em quase todas as cidades um espaço para fotos escrito “Yo Amo Natagaima”.



Natagaima, Tolima, Colômbia – Acervo pessoal

Na foto anterior observe o monumento branco. Nele estão os seguintes dizeres: “El libertador Simon Bolívar paso por Natagaima en las siguientes fechas (datas): 15 de noviembre de 1891; 21 de febrero de 1826. Num outro ponto da praça uma homenagem à dança folclórica do San Juanero tolimense. Mais quem passou por ali inúmeras outras vezes? De quem seria aquele espaço que se tornou uma praça pública?



“Homenaje al contrabandista – danza oficial” – Acervo pessoal

No outro ponto da praça pessoas vendiam comidas típicas colombianas. Sempre há tempo para uma “limonada” com bastante gelo e uma empanada ou arepa con chorizo... Um lugar de tantas belezas, conhecimentos e sabores!



Os casarões e a igreja local na “Plaza de la Constitución” – Acervo pessoal

Tivemos uma manhã de diálogos com o Senhor Orlando Pamo que nos explicou a importância das semillas, mais especificamente as "semillas criollas" ligadas aos saberes ancestrais locais do povo Pijao. Vimos também um documentário sobre o projeto. Há na comunidade um resgate das sementes ancestrais e uma troca entre os territórios. Este processo envolve a identidade cultural e implica no uso e transformação dos recursos naturais e na conservação do meio ambiente através do respeito à biodiversidade. As sementes possuem uma tolerância às pragas e outras enfermidades, sendo um bem coletivo e não privatizável com baixa dependência tecnológica e econômica que se obtém através do reconhecimento dos saberes e fazeres das mulheres. São alimentos com qualidade com uso racional da água e outros recursos naturais.

Com estas atividades nos territórios retomando ás sementes nativas e as práticas de cultivo ancestral haverá uma revolução local e planetária com redução da fome, redução do aquecimento global, agro-ecossistemas resistentes e diversificados, redução da desertificação, economia de água, aumento das redes de economia solidária, sociedades mais estruturadas, inclusiva e participativa, reconhecimento e valorização do papel das mulheres e dos líderes anciãos sobre a biodiversidade e preservação das espécies que fazem parte do patrimônio dos povos.

Percebi com o passar do tempo que a proposta colombiana estava atraindo pessoas de várias partes do planeta, inclusive brasileiros. O que eles estão fazendo é um processo intenso de diálogo com a natureza e com atitudes frente as desigualdades sociais. O lema é que no sul de Tolima eles constroem a paz desde a semente livre e o alimento próprio e ancestral. Para eles "o primeiro território em conflito é um estômago com fome". Eles possuem projetos que envolvem todos os tipos de cultivo: desde o café orgânico às propriedades medicinais de diversos produtos naturais como a aloe vera ou como chamam por lá de "sábila" comumente chamada no Brasil de babosa. Um intercâmbio de saberes, resgate das sementes nativas e das culturas ancestrais.

Juntamente com outras instituições o Grupo Semillas promoveu no local o Fórum pela Água com o tema: "Pela água, a vida e o território". Estão no processo de defesa da água e contra o extrativismo mineral. São economias solidárias através de "Associaciones de Productores Rurales". É um conjunto de propostas decoloniais, contra-hegemônicas que envolve os saberes ancestrais e a figura da mulher. Um aspecto que me chamou atenção é o respeito aos "ancianos". Por onde passei percebe-se o respeito por aqueles que trazem consigo o tempo e a sabedoria. Em muitas fincas,

propriedades rurais, são as mulheres que cuidam de suas famílias. Seus maridos se foram com os inúmeros desdobramentos de perseguições e mortes. O domínio e posse das terras é insaciável pelas elites colombianas. Ao povo que em sua maioria são descendentes dos povos ancestrais, em seus resguardos, cabildos e territórios a luta por um país mais justo, com comida saudável na mesa, distribuição de renda e paz. Explicaram-me que resguardo é um território ancestral indígena com demarcação da área é uma propriedade coletiva e amparada em lei, já o cabildo não passou por todo esse processo legal e possui sua organização social e política indígena. Um cabildo pode vir a se tornar um resguardo. Aquele local tem uma forte influência ancestral que ecooa. Entretanto, há também entraves principalmente da figura do patriarcado no reconhecimento das mulheres com seus saberes das florestas, do cultivo e dos espíritos ancestrais. Mas elas se juntam e não estão sozinhas. Pachamama é mulher e vida através da semillas. Dela vem a vida!



Vida – Acervo pessoal



Inteconexões – Acervo do Grupo Semillas





A riqueza de um espaço do povo – Acervo pessoal

Os alunos do “pós-grado” se apresentaram e fizeram perguntas. Fui apresentado à Carmenza. Ela e seu papai Sr. Orlando Pamo, assim como outras pessoas são fundamentais naquela comunidade. A presença de Mathu que alinhava suas pesquisas ao retorno constante para a comunidade com um saber “orgânico” de quem se soma aos ideais e lutas do povo. Neste processo o pesquisador é sujeito que dialoga com outros sujeitos e isto me toca. Agradeço pela amorosidade interespacial entre nossos países e os momentos tão importante que emergiram nesta tese-benzeção. Depois todos saímos e fomos até um restaurante familiar para almoçar. Comida saborosa sem agrotóxicos. No caminho vimos uma senhora vendendo “maracás”. Decidi levar um para dar de presente para meus filhos. Vi um pé de totuma que no Brasil chamamos de cuia. Na Colômbia a totuma é usada para alimentações coletivas de pratos ancestrais e também para a bebida da “chicha” em rituais sagrados.



“Totuma y totumo” – Acervo pessoal

Vi antes de entrar no ônibus do “pós-grado” um senhor com uma camisa onde estava escrito: “Colombia sin trangénicos” – Colômbia sem trangênicos. Fomos conhecer o Mercado Municipal de Natagaima. Percebi por todos os lugares onde transitei a importância do rio Magdalena. Da área próxima de sua nascente em Vereda Guinchana passando pelo departamento de Huila e chegando em Tolima tem-se a dimensão do que representa para o país. Se a colonização usou o rio do litoral para adentrar ao interior e neste sentido explorar as riquezas colombianas o desafio atual é na revitalização e conservação. O consumo de “pescado”, o uso do rio para transporte e lazer me chamou atenção. O povo às margens do Magdalena é íntimo. Gente das águas doces.

Tivemos um momento para conhecer o mercado. Estava conversando com os alunos e com os professores. O professor Julio Jaime pediu para uma aluna me acompanhar. Gostei muito das frutas do mercado.





Cotidiano do povo de Natagaima – Acervo pessoal





“Embarcações” – Acervo pessoal





O rio Magdalena, as matas, a cordilheira e sua gente – Acervo pessoal

Pachamama

Esther Scliar - Motivo Inca



Lembrei de uma canção que tanto cantei no coral da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Estado de Minas Gerais FAFILE – UEMG antes da estadualização. Pensei que tinha perdido minha pasta com as canções. Estava guardada. As topovivências na Colômbia me permitiram uma intimidade com Pachamama.

O rio Magdalena é usado como meio de transporte, para namorar, brincar. As famílias estavam reunidas num local com embarcações. Estava muito quente. Decidi entrar para refrescar. É preciso cuidado porque mesmo em tempos de estiagem as águas são fortes e podem carregar as pessoas. Fiquei muito tempo desfrutando daqueles momentos. Aquele rio dialoga com sua gente. A foto me recordou uma outra retirada na minha adolescência no rio Carangola que desapareceu com alguns parentes para a escrita do Tomo I desta tese.



Toposcronos – foto de Valentina Sandoval Ortiz

Em dezembro de dois mil e vinte e quatro estive pela última vez em Natagaima. Eu não pegava ônibus no bairro onde residia porque segundo informações era perigoso. Eu ia ao "terminal" em Neiva e passava pelo bairro onde estava residindo. Quando cheguei liguei para Carmenza. Ela estava me esperando no Grupo Semillas perto da praça principal. Esperei um tempo. Era um final de tarde. Como seu papai, Sr. Orlando Pamo estava ocupado ela veio de moto e me disse: - Vamos! Havíamos combinado conhecer o cotidiano das pessoas da comunidade, a busca por uma sociedade autossustentável e as conexões ancestrais.

Carmenza foi uma das pessoas mais singulares que conheci na Colômbia: um misto de ternura, competência, compaixão e respeito. Fomos por um caminho bastante difícil para andar de moto com muitas pedras, inúmeras áreas propensas à derrapagem e íngreme. Passamos pela finca de Sr. Orlando e disse: - Esta noche dormirás en esta casa que és de mi papá. Fiquei impressionado com a beleza das duas árvores no portão de entrada da propriedade. Ela perguntou sobre a pesquisa e se interessou pela história do Povo Puri. Perguntou-me onde eles viviam. Sairam do litoral para o interior fugindo do homem branco. Expliquei que a violência colonial foi tamanha que atualmente onde moro a maioria das pessoas se olham no espelho e no máximo dizem: - Mi abuela se quedo atrapada em la soga (Minha avó foi pega à laço).

Ela me perguntou sobre os conhecimentos ancestrais. Expliquei os conhecimentos entrecruzados dos portugueses com os povos indígenas e negros na região. Falei da presença das ervas, sementes, do sol, da água, da brasa e outros elementos presentes nas benzeções. Ela se interessou quando falei da importância da mulher benzedeira e mesmo quando um homem se torna benzedor há nos relatos, nas memórias, a figura da mulher, do feminino que cuida. E fomos seguindo caminho agora com o farol aceso. Percorremos uma boa distância e chegamos numa finca simples e acolhedora.

Fui apresentado para a "Mayor Espiritual" e sua família. Ela mostrou feliz para Carmenza sua nova cozinha em fase de acabamento. Era uma grande varanda com telhas que formavam um espaço aberto em diálogo com as plantas e árvores. Conversamos um pouco sobre o Brasil, onde estava hospedado e perguntou sobre o que eu estava achando da Colômbia. Uma conversa feliz numa noite quente. Tomamos um delicioso

café colombiano. Durante nossa conversa a criança brincava com os gatos da casa. Disse ter visto uma lagartixa e foi procurar onde ela estava. Uma criança agradável que mora em Bogotá e estava de férias na casa de sua avó. Num dado momento elas estavam conversando sobre a questão da mulher e os desafios diante do patriarcado. Ela como mulher e "mayor espiritual" tinha também sua luta. Disse que durante o parto do neto na capital o genro havia ligado para ela e informado que a criança não havia encaixado e que seria necessário fazer uma cesareana. Ela que também é parteira pegou um instrumento de sopro conforme aprendeu com os ancestrais e começou a tocar para que a criança ficasse na posição de parto. E assim ele nasceu. Na Colômbia as parteiras tradicionais são muito respeitadas e cuidam das mulheres antes, durante e depois do parto.

Em meio à conversa ela perguntou se poderíamos nos sentar ao redor do fogo. Disse que sim e comentei que a lua estava linda e cheia. A lua estava tão cheia que transbordava. O marido juntou um pouco mais de madeira num determinado ponto do quintal por onde entramos onde as flores de diversas cores formaram com outras plantas um corredor natural. Não havia pressa com o fogo. Não havia pressa com nada. Ele juntou um pouco de uma fibra vegetal e alinhou com a madeira. Com uma vela acendeu a fibra que começou a acender o fogo... Fomos buscar cadeiras para nos assentarmos. A criança e os gatos conosco. Eu havia lido um artigo de meu Orientador na Colômbia a respeito do Abuelo Fuego e tínhamos visitado em San Agustín uma comunidade ancestral. Todas aquelas informações me remeteram de certa maneira às benzedeiras e seus fogões à lenha na Zona da Mata Mineira que benzem e alimentam as pessoas com as brasas: são mulheres que cuidam das pessoas através da alimentação e das conexões espirituais. Sabia que não era somente um fogo: era muito mais! Entretanto, o fogo demorou um tempo para atear-se. Eu fiquei olhando em silêncio porque de certa maneira ali seria um encontro ancestral. Começou a espalhar lentamente. Quando eu disse uma palavra para a "mayor espiritual" olhando-o inflamou-se como o som de uma palavra em resposta. Alumiou a todos assim junto com a lua.

Eu fechei os olhos.

Foi nesse instante que Perla com um tom de voz sereno alastrou-se assim como o fogo a contar sobre aquele lugar. A vida sofrida na infância. Seu pai era um homem rude e desprovido de carinho para com os filhos. Num dado momento a história dela e daquele lugar se entrecruza naquele momento em que estávamos vivendo. Ela agradeceu pelo ar, pelas águas, pelas flores, árvores e por tudo que Pachamama lhes oferece...

Falou sobre a importância da felicidade que não está no dinheiro. Da importância do perdão. Explicou que perdoar não é esquecer, mas regressar e entender que aquilo foi um momento da vida. Ela e sua família foram expulsos daquele lugar sagrado durante o período de conflito armado. Foi um período de privação de tudo porque eram camponeses e viviam daquilo que plantavam. A árvore que estava com seus galhos sobre nós tinha mais de cem anos. Disse que sente um profundo amor por ela.

Perla aproximou sua cadeira da minha. Ela me disse bem baixo sussurando: - Você tem algo para me contar. Não lhe falta nada, tem saúde... Sua chama é boa e intensa, uma luz que ao incandear, cadenar em espanhol, é tão radiante que incomodou muitas pessoas ao seu redor sem você perceber. Foi sempre assim desde pequeno. Vejo uma dor aqui e colocou a mão no meu coração. Eu disse que sim.

- Quítate la camisa. – Abri os olhos, retirei a camisa e novamente os cerrei. Ali tudo era paz!

Ouvi um som de alguém acendendo algo. Próximo de mim escutava o som da sua boca e percebi o cheiro agradável do tabaco ancestral. Foi baforando em várias partes do meu corpo ao mesmo tempo que usava um instrumento com sementes que tilintavam. Ela pediu para o garotinho buscar algo e o pequeno não encontrou. Pediu para Carmenza ajudá-lo. Ela aspergiu um líquido na região do coração, no abdomem e depois nas costas em alguns pontos perto da nuca, abaixo dela e nos ombros. Por fim ela aspergiu na região da testa na cabeça.

Sentou-se ao meu lado segurou em minhas mãos e disse: - Você veio de um lugar onde nunca imaginaríamos nos encontrar. Você veio e eu estava aqui. Era preciso. O que tanto te machucou? Você tem uma pergunta...

Eu ouvi o estralecer do fogo em meio ao silêncio.

- ¿Por qué mi mamá fue tan mala conmigo? – A voz era de uma criança.

- Algumas coisas não tem volta, mas é preciso seguir em frente. Quando te vi percebi essa dor: eu só precisava confirmar. A minha foi com meu pai, a sua com sua mãe. Caminhe como tem caminhado e cumpra sua missão.

- Abre los ojos y dame um abrazo.

Depois ela mostrou para Carmenza o abrir do charuto. Ela disse mostrando direcionado para a jovem:

- Mira cómo se abrió Carmenzita! – A jovem viu e abriu um sorriso.

- ¡Algunos se cierran, otros se abren. Este se abrió por completo!

Sabia da liderança de Carmenza na comunidade e como ela é dedicada a todas as propostas que envolvem o território e resguardo. Ali eu percebi que ela será uma "mayor espiritual", mas nada disse além destas palavras aqui escritas.

Eu estava diante de duas sábias líderes.

- Colóquelo cerca de un árbol o cerca del água.

Foi quando as duas dialogaram e Perla pediu para Carmenza tirar a camisa e também a bendizeu.

- Mira cómo se quedó Carmenzita desta vez. Una gran lucha y ganarás.

Não havia entre todos nós nenhum estranhamento.

Voltamos para o espaço aberto com a luz das lâmpadas.

Estava olhando para o fogo quando o marido de Perla pegou um pouco de água e delicadamente o apagou .

Perguntaram quando eu regressaria ao Brasil e quando retornaria em Natagaima". -Espero retornar em breve". Disse que minha família estava na Colômbia e estavam gostando muito do país. "- Trabalhei num hospital durante muitos anos e boa parte deste tempo em centro cirúrgico. Expliquei para ela que tem um aparelho chamado cautério que como fogo corta e cauteriza coagulando sangramentos. Gracias a ti y Abuelo Fuego". Ela ouvi, sorriu e nos despedimos com um abraço.

Carmenza e eu precisávamos ir embora. Ela iria passar na casa de seu pai e depois retornar para sua casa em Natagaima.

Passamos pelo caminho onde as flores formavam um corredor. Cada cor era percebida pela luz da lua. Saí andarilho nas refrações da vida.

Fomos conversando sobre os desafios das mulheres no mundo atual principalmente como líderes. Dos problemas envolvendo a democracia colombiana e brasileira. Falei de problemas da região onde resido que assim como na Colômbia são forças ainda vivas que se espalha por nossos países. Devido à inclinação do relevo e das condições da estrada com muitos buracos, pedras, perguntei se sempre passava por ali. Ela me disse

que sim. Foi quando passamos por uma casa onde fazem uma bebida ancestral feita de milho chamada “chicha” que foi demonizada e criminalizada num ato de desrespeito a toda ancestralidade tão latente na Colômbia.

Ela me explicou sobre a importância da comunidade se reunir em torno do abuelo fuego. E me revelou a presença viva de Mohan que é muito mais do que um dos principais pontos turísticos de Neiva ou do que falam dele como uma presença travessa. “– Ele é presença viva para nós em todos os momentos”.

- No te bañes hoy. Sólo lávate os pies. Puedes bañarte manãna.

- No lo sabia. Me alegro de que me lo dijeras.

Eu estava ciente de que não poderia tomar banho devido a cerimônia ancestral. Só no dia seguinte.

Um tempo depois chegamos à casa do seu pai, Sr. Orlando Parmo. Cumprimentei a todos os presentes. Entre a varanda da casa ficavam as portas dos outros cômodos. Havia uma grande quantidade de flores nas mesas da varanda da casa onde fomos recebidos. Pensei que a esposa de Orlando fizesse arranjos de flores. Carmenza cumprimentou a senhora por seu aniversário. As flores eram presentes de aniversário. Eu também a cumprimentei e pensei que eles trabalhassem com arranjos de flores para vender. Foi um momento de muito sorriso e descontração. Carmenza se foi e pedi para ter cuidado. Ela desceria junto com uma família de convidados que estavam de carro. Ela iria atrás de moto.

Ele me perguntou como estava Perla e a família. Eu disse que estava bem e que foi muito bom conhecê-los. A esposa tinha ido para a cozinha que era um cômodo separado dos outros. Perguntaram se eu aceitaria um “caldo de frijoles” que foi servido no jantar. A refeição principal havia acabado e eu disse que no Brasil aquele caldo de feijão já era uma refeição. Estava delicioso e numa quantidade generosa típica da Colômbia. Depois eu degustei meu primeiro pedaço de bolo de aniversário (pastel). Era de chocolate, mas com um sabor e textura bem específicos. Estava tudo delicioso

Conversamos um pouco e percebi que já era um pouco tarde. Disse que não tomaria banho ao que ele me orientou que não é recomendável. Eu tinha o cheiro daquela terra. Dormi em paz.

Quando acordei vi pela janela que já havia um movimento na finca. Tomei banho e fui conversar com Sr. Orlando que estava cuidando das galinhas. Eram muitas e robustas. Muitos ovos. Ele além de alimentar a família comercializa produtos da propriedade que além de saudável tem um preço melhor. Era um tipo diferente de galinhas que eu tinha visto até então no Brasil. Ele as alimenta com milho sem agrotóxico e transgênico: só semillas criollas. Estavam soltas para ciscar. Foi assim que iniciamos nosso diálogo: entre as galinhas. Ele comentou sobre a cadeia alimentar humana e como os sistemas de produção prendem a galinha para que ponha ovos, com alimentos repletos de químicas que intoxicam o ser humano. Quando percebi a quantidade de esterco ele me disse que aquilo é o ouro. Ali está a principal fonte de material orgânico para a horta e outras plantas. Enquanto ele dava mais milho para as galinhas fui olhar o chiqueiro muito bem dividido, arejado e limpo. Vi uma lona inflada e não entendi...

Perguntei pelas duas árvores próximas ao portão: como são lindas! Parece que protegem aquele lugar. Pelo que entendi se chamam “ceibas”.

“- Carmenza te mostrou a casa de “chicha”?”

- Sim, mas era uma industrializada. Eu experimentei num mercado em Bogotá assim que cheguei na Colômbia. Muito gostosa. Eu creio que no Brasil ela teria outro nome. Na minha região desapareceu... O nome é cauim. Também usada para os rituais sagrados.

- Interessante. Aqui passamos por uma história muito agressiva em relação à “chicha”. Ela é fundamental para nosso povo e nossas relações principalmente com nossos ancestrais.

Foi quando ele me revelou que era um dos guardiões das semillas. São pessoas da comunidade, principalmente anciãos que conservam as espécies nativas e trocam entre um território e outro. Eles devem ter cuidado porque é um processo de troca que envolve a vida da comunidade.

Comentei com ele como na Colômbia se come menos sal e açúcar que no Brasil. E que fiquei impressionado como a panela (rapadura em português) é muito utilizada e sem excessos. Segundo relatos na região da Zona da Mata brasileira, meus pais foram criados com alimentos naturais e não existia açúcar. Era rapadura. Ele gostou da palavra e pediu para eu repetir. Atualmente, as pessoas estão usando o que chamamos de açúcar mascavo... “A base da alimentação era a “yuca” que no Brasil varia de nome conforme a região: mandioca em minha região atual, aipim onde nasci

e no nordeste brasileiro é “macacheira”. Ele achou interessante como se faz uma farofa básica e que tinha ouvido falar que no departamento de Amazonas na fronteira com o Brasil ouviu falar da “harina de yuca” farinha de mandioca. Disse para ele que ainda na minha geração a base da alimentação era o “angu”, palavra africana ou “polenta” que é feito de farinha de “maiz” (milho). Na Colômbia, há uma variedade de pratos onde estão presentes estes alimentos e são consumidos “in natura”.

Enquanto conversávamos a esposa fazia o café da manhã e o cheiro anunciava que teríamos um “desayuno” maravilhoso.

- Tudo que vem da mãe terra, da Pachamama, é precioso. O homem que não sabe usar.

- Essa variedade de milho que vi na sede do projeto de onde vem?

- Vem de vários lugares. Muitas espécies praticamente haviam desaparecido. É um processo de retomada de nossos territórios... Neste caminhar a importância das tradições ancestrais.

Perguntou sobre minha pesquisa no Brasil e na Colômbia. Comentei sobre a importância do cuidar e ensinar intergeracional e dos conhecimentos ancestrais. A pesquisa numa pequena comunidade foi me levando a outras e cheguei aqui.

Ele me contou que Perla é “mayor espiritual” da comunidade e ele também. Todos estão unidos por uma comunidade sadia. Falei sobre uma propaganda da Bayer em Carangola, Minas Gerais, atacando as práticas ancestrais das benzedeiras. Ficou interessado e me perguntou o que era benzer. Expliquei sobre as casas de benzeções e a importância das benzedeiras e benzedores que mesclam tradição católica, com africana e indígena. Comentei sobre as benzeções de cobreiro, quebranto, mau olhado, espinhela caída e a variedade de tipos de benzeções e simpatias. Falei dos caboclos, pretos velhos, pretas velhas que trazem consigo uma grande influência no benzer porque faz parte da história local e creio que do país. Falamos da importância da palavra e do escutar.

- Há um projeto internacional de intoxicação humana. A Bayer, por exemplo, intoxica a alimentação e depois vende remédio através da medicina. Ela ganha dos dois lados. E isso é pouco falado. Temos outro grande problema: os transgênicos. É preciso lutar contra todo esse processo de adoecimento humano e resguardar nossa saúde, do território e do planeta. Voltar para terra requer retornar para o universo sagrado dela.

- Achei muito interessante uma visita que fiz com os alunos da USCo numa comunidade onde uma senhora usou a expressão “médico tradicional”. Eu fiquei sem entender. Depois de um tempo compreendi que essa expressão é invertida da que temos no Brasil. Aqui na Colômbia o médico assim como a medicina tradicional é a ancestral e percebo o respeito das pessoas. E a desintoxicação dos solos e das águas? – perguntei devido a palestra que ele deu no Grupo Semillas.

- Não podemos perder nossas tradições, nossos saberes e contatos com o sagrado. É todo um processo. Há formas de se recuperar o solo: pode ser com um retorno mais rápido, mas uma das formas é deixar o solo descansar sem cultivo e sem contaminação. A própria natureza limpa.

- Você viu o chiqueiro? – Respondi afirmativamente.

- Vamos lá para eu te mostrar uma coisa.

Quando fomos ver o chiqueiro passamos pela porta de acesso ao cômodo onde está a cozinha. Dei bom dia e vi um cano de gás. Pensei que fosse abastecido com gás de cilindro.

- O gás natural aqui na Colômbia é bem mais barato que no Brasil. Dependemos do gás de outros países como a Bolívia.

- Aqui na finca é produzido por nós. – Foi quando ele me mostrou o sistema de captação do esterco de porco e produção de gás chegando até na lona que eu havia observado anteriormente.

- Esse gás da lona vai para a cozinha. Queremos nos tornar futuramente totalmente autossustentáveis.

- Os porcos passam por um processo de vermifugação natural e usamos o adubo para fertilização do solo.

- Disse que nunca tinha visto algo parecido por onde andei na minha região no Brasil.

- Estamos também com um projeto de produção de energia que está bem desenvolvido também...

Sentamos na varanda e falamos da questão do agronegócio no Brasil. Do poder político que possuem. Fiz um paralelo com a importância do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MTST como o maior produtor de arroz orgânico da América Latina e também de inúmeros outros produtos. Disse que a perseguição é imensa e inclusive o parlamento brasileiro através da oposição fez uma Comissão Parlamentar de Inquérito -

CPI e passaram vergonha com os dados e transparência do movimento. Falamos da questão dos latifúndios e da história da desigualdade da distribuição de terras em nossos países e da previsão no Brasil de que a posse da terra é relativa e depende inclusive de ser produtiva. Essa é uma das pautas principais da reforma agrária e criminalização do movimento. Comentei sobre a solidariedade do MTST na tragédia das inundações do Rio Grande do Sul e da presença deles no apoio da luta dos professores no estado de Minas Gerais. Relembrei que visitei um acampamento e quando eles ocuparam a praça da Assembleia Legislativa em Minas Gerais.

- Já comi muitas comida doada por eles quando estava em Belo Horizonte no movimento sindical dos trabalhadores em educação. - disse-lhe explicando o que seria quentinha no Brasil.

- Temos lutas muito parecidas. Recebemos muitas pessoas de outros países. Estive no Brasil e conheço o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra...

Foi quando sua esposa se aproximou e ouvia atentamente nossas conversas. Em algumas pessoas os ouvidos e os olhos são bocas que falam pouco.

- No Brasil, trabalhador de minifúndio acha que é do agronegócio... Ele não se reconhece com o que chamamos de Agricultura familiar. Ela está presente inclusive na merenda escolar brasileira que avançou muito como política pública e as escolas precisam comprar no mínimo trinta por cento do pequeno produtor rural.

- Muitas coisas no Brasil vocês estão bastante avançados... Tivemos que começar do zero. No mês passado recebi um pesquisador mexicano que ficou aqui em casa mais de uma semana pesquisando o que estamos propondo e realizando.

- Poderíamos estar melhor, mas infelizmente depois do golpe dado em Dilma Roussef em 2016 tivemos um grande recuo nas conquistas sociais. Lula significa hoje uma retomada pela justiça social no país. A elite brasileira o odeia e faz muitas pessoas pensarem como eles. Parece que Gustavo Petro e Lula têm grandes desafios principalmente quando se fala do parlamento e de quem sempre comandou o país...

- Aqui tem sido uma luta constante contra as forças opressoras que não querem a distribuição de renda e justiça social no país. Esta finca é

de minha esposa. Durante o período de conflito armado eles perderam tudo. Tiveram que deixar esta casa. Quando fomos organizar estava tudo praticamente destruído. Tivemos que começar do zero.

O telefone tocou enquanto tomávamos café. O papai de Carmenza me levou de moto até a cidade de Natagaima onde Carmenza me esperava.



Palma Alta – Natagaima – Tolima – Colômbia – Acervo pessoal

Fui convidado para visitar a escola de Palma Alta no último dia de atividades do ano. Pegamos um táxi coletivo. Quando chegamos numa área externa, onde o veículo nos deixou, percebi que o local estava lotado. Uma paisagem linda num lugar que parece um mirante com uma

paisagem deslumbrante em contato com o Cerro Pacandé. Há uma santa católica colocada no local de frente para o cerro. Adentramos ao espaço escolar.

As crianças estavam fazendo apresentações. Percebi que era uma encenação e coreografia envolvendo a ancestralidade local. Havia na figura de uma das criança o "mayor espiritual" e os elementos sagrados. Carmenza e eu assentamos no chão porque estava lotado o espaço e fazia muito calor. Quem conduzia o evento ao microfone era um senhor com uma roupa de segurança com algemas, cacetete e revólver. Ele era muito simpático e extrovertido. Como ele havia mais dois.

Eles interagiam com as crianças, com a comunidade. Bailavam e brincavam. Ali era o dia das crianças receberem um presente devido participação e boa educação na escola durante o ano.

Uma criança da apresentação se aproximou e disse-lhe: - Quando estava chegando vi sua apresentação. Estava lindo. O Cerro Pacandé é muito lindo. Vocês fizeram uma dança que num momento parecia um movimento de uma cobra?

- Sí. La serpiente que protege a todos em el resguardo! – Em meio ao som do microfone saiu para brincar com outras crianças.

O cerimonial seguiu e estava ao microfone o "mayor espiritual". Fomos convidados a fazer um círculo sempre com um homem e depois uma mulher em sequencia até completá-lo. O tabaco ancestral e as baforadas. Ao centro o abuelo fuego. Num dado momento da cerimônia foi oferecido folhas de coca moídas. Como não sabia como seria usada perguntei para Carmenza. Ela me mostrou em qual parte da boca colocar e não era para engolir. Era para deixar agir.

Teve um momento em que as pessoas estavam bailando. Era um dia de grande alegria. Carmenza me convidou para conhecer melhor o lugar. Enquanto caminhávamos falamos da realidade da questão do transporte escolar para as comunidades rurais e como funciona a merenda escolar na Colômbia e na comunidade. Quando expliquei a importância dessas políticas pública que avançaram e se consolidaram mesmo com as dimensões continentais e diferenças regionais no Brasil ela ficou admirada.

Comentei sobre a pesquisa e a possibilidade de uma devolutiva para a escola e resguardo com histórias em quadrinhos.

Assim como seu pai ela se interessou e falamos da importância da palavra no “bendecir” e o sagrado na ancestralidade feminina: das benzeções, nos conhecimentos e cuidados das parteiras com as crianças e bebês antes e depois do parto. Saberes que se diluíram ou ficaram invisibilizados presentes nas benzeções de origem católica, mas com elementos dos caboclos, pretos velhos e pretas velhas.

Paramos num local abaixo de uma árvore para refrescar enquanto conversávamos. Lá estava o professor que organizou a coreografia e outros colegas do projeto na comunidade.

Depois de um tempo de conversa com algumas pessoas do grupo disse para Carmenza que precisava comprar uma água que na Colômbia geralmente são vendidas em saquinhos e não em garrafas de plástico. Enquanto aguardava ser atendido vi que estavam vendendo totumas para ajudar a comunidade. Eram vários símbolos ancestrais desenhados. Foi quando perguntei quem era o artista daquelas belezuras. Chamaram-no e conheci o autor que era simplesmente o rector, o diretor, da escola.

Disse para ele sobre a comunidade de onde vieram meus pais e avós e que estava a pesquisar o cuidar e educar das crianças. Comprei uma para dar de presente para Carmenza. Fiquei com muita vontade de comprar várias para fazer uma exposição na comunidade de Ponte Alta, no Brasil e também em outros lugares juntamente com uma esteira artesanal que comprei dos povos da região de Cauca.

Ela ficou na sala do apartamento onde fiquei durante seis meses e minha família três meses. Eles voltaram no final de janeiro devido as aulas escolares. Ao retornar ao Brasil tive que pagar de Neiva até Bogotá um valor mais elevado que a havia comprado. No aeroporto em Bogotá quando me disseram o valor para levar a esteira eu disse para a atendente: - Você agradou? É uma esteira ancestral. Fique para você ou dê de presente para alguém que você gosta. – Ela ficou emocionada e depois de várias conversas entre ela e uma amiga colocaram uma etiqueta e me disseram: - É sua! – Indicaram-me um local do aeroporto para despachar a esteira até o aeroporto do Rio de Janeiro.

Foi olhando as totumas que vi uma com um colibri...

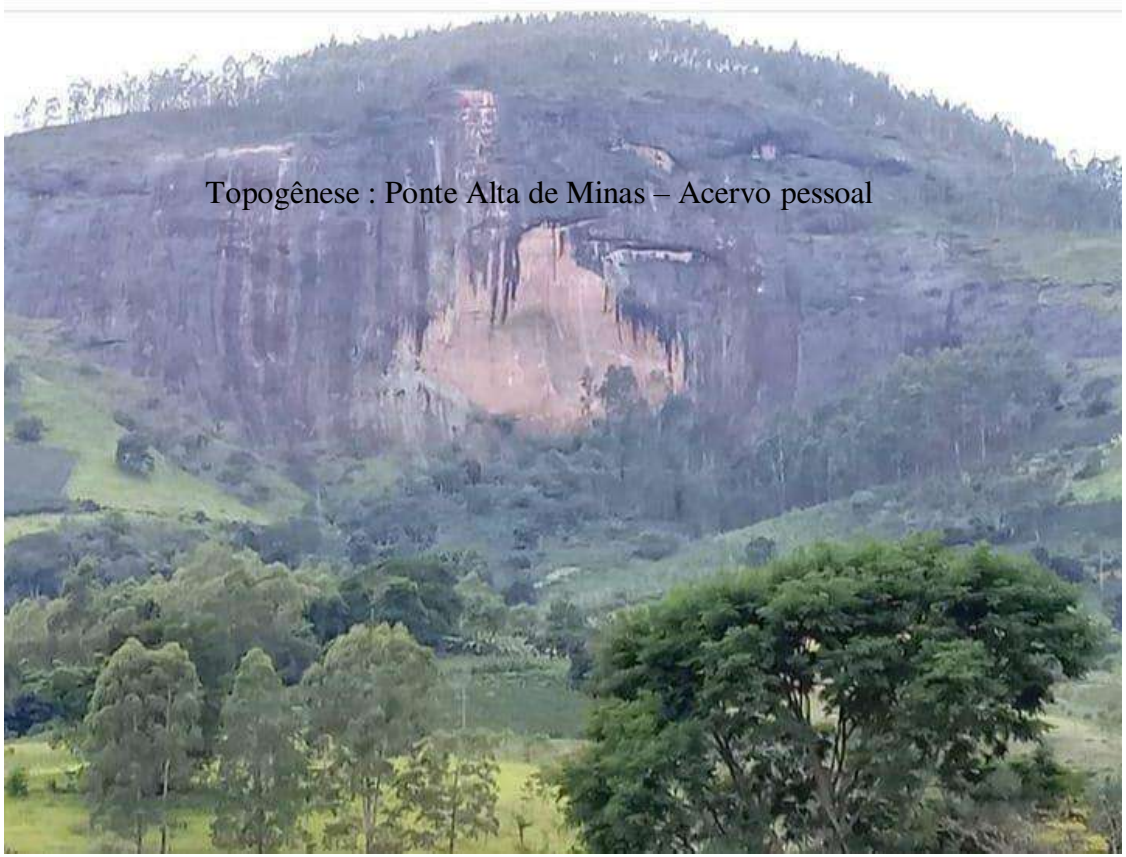


O colibri na totuma – Acervo pessoal

Lembrei da beleza da Montanha Beija-flor e fui olhar o Cerro Pacandé e por lá fiquei admiriando tamanha beleza...

Eu estava diante da primeira geração após o acordo de paz na Colômbia. Foi quando passou carregada por alguns homens uma “lechona” - um prato tradicional colombiano que é uma leitoa assada e recheada com arroz, carne e muitas coisas deliciosas. Aquela era enorme! As crianças

pararam para ver a lechona que seria servida ao final do evento. Uma pesquisa que caminhou intimamente com as topovivências, com o corazonar (Guerrero, 2007). Tudo que emergiu é fruto do andarilhar e galeriar nas topovivências, da topogênese em Lopes (2021; 2024).



Topogênese do Ensinar e Cuidar: vivências interespaciais – Acervo pessoal



A vista da escola para o Cerro Pacandé – Acervo pessoal

Considerações



Num dado momento na Sagrada Cascada Gotas de Navidad em Vereda Puerto Quinchana ouvi de Jhon Palechor:

"- E vão sair gotas e mais gotas e vocês vão olhar todas as cores.

Depois fechem os olhos, abram os ouvidos e se conectem com elas. Imagine o mais bonito e deixem aqui..

Deixar em gotas a escrita de uma tese-benzeção...

"Eu não caminho para o fim, eu caminho para as origens.

A minha direção é a pessoa do vento."

Manoel de Barros

Sem ponto fina

Referências



BARROS, Manoel de. BREGANTINI, Daysi; ANDARDE, Welington (ORGs), Cult 20 anos: melhores entrevistas p.183 - 187. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BARROS, Manoel de. O Andarilho. O Livro das Ignorâças. São Paulo: Leya, 2013.

BAKHTIN,M./VOLOCHINOV. V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos. Pedro & João Editores, 2012.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e Estética.** A teoria do Romance, São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, M. **Para uma Filosofia do Ato Responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

BASTOS, R. L. et al. **Arqueologia e Patrimônio da Zona da Mata Mineira: Carangola/** Organização de Ana Paula de Paula loures de Oliveira. Juiz de Fora: MAEA-UFJF, 2008.

BOFF, L. **Saber cuidar:** ética do humano, compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CARELLI, Rogério. **Efemérides Carangolenses**. Viçosa. Editora Folha de Viçosa, 2002.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Artes do fazer. Petrópolis: vozes, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GUERRERO, Arias Patrício. **Corazonar el sentido de las epistemologias dominantes desde las sabidurias insurgentes**. Calle14: revista de investigación en el campo del arte, vol. 4, núm. 5, julio-diciembre, 2010, pp. 80-94 Universidad Distrital Francisco José de Caldas Bogotá, Colombia.

GUERRERO, Arias Patrício. **Corazonar: Una Antropología Comprometida con la Vida**: miradas otras desde Abya-Yala para la decolonización del poder,del saber y del ser. Quito: UASB,Abya-Yala, 2007.

JEREBTSOV, S. N. Gomel – a Cidade de LS. Vigotski. **Pesquisas científicas Contemporâneas, sobre instrução no âmbito da Teoria Histórico-Cultural de L.S. Vigotski**. VERESK – Cadernos Acadêmicos Internacionais. Estudos sobre a perspectiva histórico-cultural de Vigotski. Brasília: UniCEUB, 2014.

Jornal Gazeta de Carangola. Arquivo Público Municipal Carangolense. Carangola-MG, 19/01/1919 – anúncio da Bayer.

Jornal Gazeta de Carangola. Arquivo Público Municipal Carangolense. Carangola – MG, 20/03/1975 – afrescos da Matriz de Santa luzia Francisco Úbeda Márin.

Jornal Tribuna de Petrópolis. Petrópolis-RJ, 17/11/2002 – Toponímias puris-coroados.

LE GRANGE, L. Leading article: What is (post) qualitative research? South African Journal of Higher Education, 32(5). https://hdl.handle.net/10520/EJC-117d32a51d

LOPES, J. J. M **Terreno Baldio**. Um livro sobre balbuciar e criançar os espaços para desacostumar Geografias. Por uma Teoria sobre a Espacialização da Vida. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021

LOPES, J. J. M. **Atrás da Porta**: Vivências espaciais esquecidas pelas geografias dos adultos para [con]viver e [co]existir com as geografias das infâncias de bebês e crianças. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

LOPES, J. J. M. **Geografia da Infância, justiça existencial e amorosidade espacial**. Revista de Educação Pública, v. 31, p. 1-13, jan/dez. 2022. Disponível em: https://doi.org/10.29286tepv3jan/dez.12405 Acesso em 05/08/2024.

LOPES J.J.M & PAULA, S. R.V de. (2023) Pesquisas pós-qualitativas e estudos das infâncias.Linhas Críticas, 29, e50615. Disponível em: https://doi.org/1026512/lc29202350615 Acesso em: 05/08/2024.

MASSAGÃO, MARCELO. Nós que aqui estamos por vós esperamos: Riofilme; Filmark, 1999.

MASSEY, D. B.. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Bertrand, Brasil, 2013.

MERCADANTE, Paulo. **Crônica de uma comunidade cafeeira** - Carangola: o vale e o rio. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990.

MURRIS, K. The Posthuman Child: iii. Em D. Kennedy, & B. Bahler (Ed.). Philosophy of childhood today: exploring the boundaries (pp. 185-197). Lexington Books, 2016.

PORTELLI, Alessandro. **O que Faz a História Oral Diferente**. 1997 Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph:article/view/11233/8240 Acesso em: 05/08/2024.

ROCHA, Thaíse Sá Freire. **"Aquilo que é tirado da terra, às vezes pode matar"**: as relações estabelecidas entre arqueologia e a comunidade de Carangola, Minas Gerais. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas – RS, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). Conhecimento prudente para uma vida decente. 'Um discurso sobre as ciências' revisitado. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. in: MENESES, Maria Paula (Orgs). **Epistemologias do Sul**. Série Conhecimento e Instituições. Coimbra, Edições Almedina SA, 2009.

VERESK – Cadernos Acadêmicos Internacionais. Estudos sobre a perspectiva histórico-cultural de Vigotski – Brasília: UniCEUB, 2014.

VIGOTSKI, L.S. Quarta aula: a questão do meio na Pedologia. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 21, nº 4, p. 681-701, 2010.

VIGOTSKI, L.S. **Obras escogidas**. Tomo IV. Madrid: Visor y A. Machado Libros, 2006. p. 337-380.

VIGOTSKI, L. S. **Sete Aulas de Pedologia**. Rio de Janeiro: E-papers, 2018.

VIGOTSKI, L.S; LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.